

ISABEL STILWELL LEONOR TELES

A RAINHA QUE
DESAFIOU UM
REINO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ISABEL STILWELL LEONOR TELES

A RAINHA QUE
DESAFIOU UM
REINO

 Planeta

ISABEL STILWELL LEONOR TELES

A RAINHA QUE
DESAFIOU UM
REINO



 Planeta

ISABEL STILWELL
LEONOR
TELES

A RAINHA QUE DESAFIOU UM REINO

Para o Luciano, que me deu a segurança de voar,
sabendo que nunca me perde de vista...

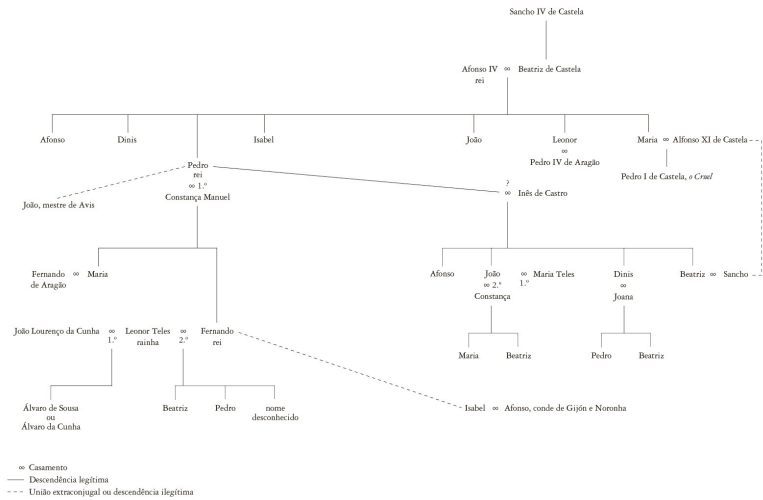
Foi mulher muito inteira, de coração cavalheiro.
Desde que ela reinou, aprenderam as mulheres a ter
novos jeitos com os seus maridos.

FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*

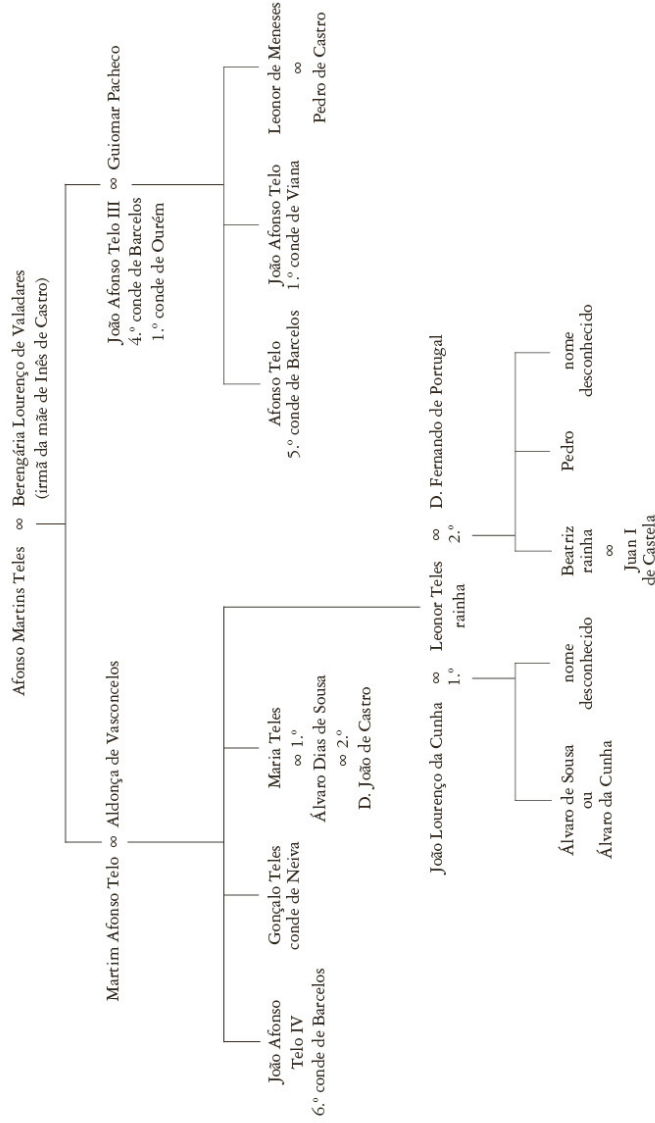
Não nos julguem, vocês que se gabam de serem
puros.
Ninguém vos condenará pelos pecados dos outros.

HAFIZ (século XIV)

Família real: de D. Afonso IV a D. Fernando



Árvore genealógica de Leonor Teles



Três de rubi,
três de diamante
e um, o maior de todos, de esmeralda.

Leonor Teles tomou as mãos de Fernando pedindo-lhe que as abrisse e as pousasse sobre o seu regaço, debruçando-se para beijar suavemente a face suave do rubi, passando os lábios pelas arestas do diamante, abrindo-os sensualmente sobre a superfície lisa da esmeralda, de um verde que lhe lembrava os bosques da sua infância, os rios que corriam em cascata sob as pontes de granito, onde dançavam os duendes e as bruxas.

Os sete anéis do sultão com a força da coragem, da lealdade e do amor, que Aisha vira revoltarem-se contra D. Afonso IV, naquele dia de janeiro em que assassinara a nora.

Sete anéis que a protegeriam quando fossem seus, pensou Leonor, e indiferente aos olhares invejosos, ao escândalo que provocava na corte, esboçou um sorriso.

Não, não teria o mesmo destino de Inês de Castro.

I PARTE

(1354-1356)

O SEGREDO NUM NOME

Nenhuma ave de rapina conhece aquele trilho secreto,
Nenhum falcão o viu.
Nenhum animal majestoso o pisou,
E o leão não ronda por ali.
[...]
Onde estará a sabedoria?

Livro de Job 28:7-12

Évora, fevereiro de 1354

– Larga-me – protestou Leonor Teles, quando a irmã mais velha a procurou arrancar da balaustrada no topo das escadas, de onde espiava a conversa entre a mãe e a tia Guiomar Pacheco. E, como não a deixava, mordeu-lhe a mão, obrigando-a a soltá-la.

– És uma idiota. Só te estava a impedir de cair – protestou Maria, olhando incrédula para a marca que a irmã lhe tinha deixado na mão.

Leonor corou, envergonhada, mas, em lugar de pedir desculpa – como lhe custava pedir desculpa! –, limitou-se a encolher os ombros e a reftar:

– Se não me agarrasses, não te mordia e, de qualquer maneira, és uma fiteira. Nem sequer te posso ter magoado muito – disse, abrindo um sorriso encantador que deixava ver o espaço que os dentes definitivos ainda não tinham preenchido totalmente.

Maria tinha 12 anos, era quatro anos mais velha do que ela, que faria oito anos, já em abril, e metera na cabeça que lhe competia educá-la, já que a mãe parecia constantemente distraída, e o pai, o pai, não o viam há muito tempo, desde que Martim Telo se tornara mordomo-mor da rainha D. Maria de Castela, filha de D. Afonso IV, e andava envolvido nos sarilhos que por lá havia.

Leonor sentou-se de braços cruzados sobre o peito, no primeiro degrau das escadas:

– Só queria saber quando é que o pai chegava – confessou.

– E descobriste? – perguntou ansiosamente Maria.

Leonor abanou a cabeça, com desalento:

– Só falam de Inês de Castro!

Maria lamentou ter interrompido a coscuvilhice da irmã, porque estava desejosa de saber tudo acerca da prima direita do pai, amante do senhor D. Pedro e que era o assunto das maiores intrigas da corte. Havia quem dissesse que estaria no casamento da infanta D. Leonor com um infante de Aragão, mas muitos não acreditavam que se atrevesse a trazer à boda da irmã a barregã que o pai tanto odiava.

Maria insistiu:

– Leonor, explica-me. Inês de Castro está em Évora?

A irmã assentiu com um gesto da cabeça:

– Chegou! E a mãe diz que agora Inês é mulher legítima do infante.

Maria Teles levantou o sobrolho, incrédula:

– Casaram, mesmo de verdade? A tia Guiomar confirmou?

Leonor negou com um gesto da cabeça:

– A tia Guiomar não acredita, diz que o infante não se atreveria a tanto.

– Mas, se Inês está cá, vai à festa – concluiu Maria.

Leonor impacientou-se:

– Não é o que estou a dizer, desde o princípio?

Maria encolheu os ombros:

– Não te lembras dela, mas...

Leonor enfurecia-se quando a irmã a tratava como uma criança de colo:

– E porque é que não me hei de lembrar, se ainda a vimos no Natal? Inês é tão bonita que não se esquece. – E apoiando o queixo numa mão, o cotovelo sobre o joelho, exclamou, num tom dramático: – As mulheres na nossa família são todas lindas, descendentes de uma ninfa, por isso, descansa, Maria, também vais ser muito bonita. Assim como eu, quando estes malditos dentes crescerem!

A irmã deu uma gargalhada, e apressadamente tapou a boca com a mão, procurando engolir o som que as podia denunciar, mas a música e os cantos que chegavam da rua abafaram-no. A festa tinha começado.



Sento Leonor ao meu lado durante a cerimónia, uma mão firme sobre o joelho para que não se atreva a levantar-se e a meter-se em bicos de pés perturbando toda a gente, para observar Inês de Castro, por entre os convidados. De fazer, afinal, o que fazemos todos, na expectativa de que o infante D. Pedro se atreva a dar-lhe o braço, na expectativa da reação do rei, na curiosidade de perceber se a rainha D. Beatriz lhe dirige a palavra ou simplesmente a ignora.

Está cada vez mais bonita e o peito farto de quem foi mãe há pouco mais de um mês só a torna ainda mais atraente, o colo de garça realçado por joias reais que ostenta com segurança, sabendo de antemão que muitos de nós já as vimos no pescoço da Rainha Santa, de quem o neto as herdou.

Inês vem agora nesta direção, e não vou a tempo de impedir Leonor de se pôr de pé. Discretamente, deixo a mão correr para o ombro da minha filha, beliscando-o, num aviso para que não fale demais. Da boca de Leonor podem sair as maiores galanterias, como se tivesse o dobro da idade que tem, ou as mais incómodas verdades, ditas com uma candura que desarma qualquer um. Os irmãos acusam-me de não a saber domar, e não se enganam, porque a verdade é que ando com a cabeça e o coração demasiado ocupados com outras coisas... com assuntos que me doem e magoam, mas que não me resta outro remédio senão suportar.

Se pudesse, não tinha vindo. Se pudesse, não trazia comigo os meus filhos, nem me preparava para viajar com eles para Castela, se fosse escolha minha...

Inês de Castro interrompe-me os pensamentos e cumprimenta-me com afabilidade, afabilidade que retribuo. A sua mãe é Aldonça de Valadares, irmã da minha sogra. Também ela foi barregã, e pagou um preço alto por ter confiado num outro Pedro, Pedro de Castro, senhor da Galiza, que nunca casou com ela. Estará Inês disposta a pagá-lo também?

A Castro inclina-se para afagar os cabelos de Leonor, ruivos como os dela, e diz-lhe, divertida:

– Também te acusam de seres impulsiva, de agires sem pensar?

Não fui a tempo de calar Leonor.

– A mim chamam-me bruxa... quando vou ao tanque com as criadas. Em Trás-os-Montes, de onde venho, dizem-me que nas sextas-feiras, 13, se montar uma vassoura consigo voar. Mas ainda não experimentei...

Inês ajoelhou-se, para a encarar de frente, levantando entre os dedos uma das madeixas da minha filha, que à luz se tornou ainda mais incandescente, e numa voz firme encorajou-a:

– Não acredites, Leonor Teles. Falam assim porque te invejam.

Leonor virou-se primeiro para mim triunfante, como se finalmente alguém a compreendesse, e depois de novo para Inês, anunciando:

– De mim, não têm grande coisa a invejar, mas de si têm tudo.

E, puxando-a para junto de si, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Tenha cuidado, muito cuidado. Porque o rei tem a barba ainda mais ruiva do que os nossos cabelos.

Juro que Inês empalideceu.

Levantou-se apressadamente e despediu-se de nós, enquanto torci a orelha da minha filha e a levei de arrasto até à antecâmara, onde a entreguei à ama. Que me sirva de lição, Leonor Teles é nova e desbocada demais para vir a cerimónias como estas.



Tento não olhar na direção da rainha D. Maria, porque se olhar para Maria de Castela não posso deixar de ver Martim, o meu marido, a rodopiar à sua volta, embevecido, recebendo dela um toque fugidio na mão, um cálice de vinho para que o prove, depois de ela já lhe ter posto os lábios.

Aos 40 anos é viúva de um casamento em que só conheceu desprezo e desamor, traída por Leonor de Guzmán, que foi mais rainha do que ela, mas que ela não teve pejo de mandar matar, mal Alfonso XI fechou os olhos em Algeciras. E, agora, é o próprio filho, Pedro de Castela, que lhe vira as costas, e ela, formosa, caprichosa e determinada, faz-lhe frente e conspira contra ele. E contra mim – há sempre uma boa alma que se encarrega de nos vir dizer quando o nosso homem dorme com outra, e então quando se deita com uma rainha, a notícia alastra como fogo numa seara. Como sanguessugas, mordem-nos e deliciam-se com o sangue que sai dos cortes abertos.

Não lhes darei essa satisfação. Por isso, não vejo, não oiço, não sei. Mas não é da minha reação que Martim tem medo, mas sim da do rei de Portugal. Como reagirá D. Afonso, que acaba de legislar ferozmente contra o adultério, quando descobrir que a sua própria filha tem um amante? Que, para complicar as coisas, é tio de Inês de Castro, com quem o seu filho, herdeiro do trono de Portugal, está amancebado? Se já vê um inimigo em cada sombra, o que fará quando constatar que os Castro e os Teles apertam o cerco de influência em redor da coroa? Deixando em risco o seu adorado neto Fernando...

É para salvar as aparências, só por isso, que Martim insiste em levar-nos com ele para a corte de D. Maria, em Castela. Dentro de dias, desmontadas as tendas, os palanques e as mesas corridas, arrumadas as bandeiras e os enfeites, fechados nas arcas os vestidos e as joias, seguiremos para Toro na comitiva da rainha viúva. Os meus filhos João e Gonçalo estão eufóricos de alegria, Maria sonha com danças e cavaleiros andantes, e Leonor, Leonor com a sua ânsia de viver, vai tirar partido de tudo e de todos.

Não resisto, apesar de todas as juras, a voltar-me em direção de Martim, e vejo que fala com o infante D. Pedro e com um grupo de castelhanos, entre os quais reconheço João Afonso, senhor de Albuquerque, em casa de quem Inês de Castro foi criada, o artífice da sua vinda para Portugal, o homem que fez dela espia, amante e não desistirá enquanto não a alçar ao trono. O estratega que colocou Martim na alcova de D. Maria e que agora orquestra seguramente uma nova conspiração. Estarei atenta.

Nisa, abril de 1354

Leonor sentou-se na cama acordada por gritos estridentes – primeiro estremunhada e confusa, logo depois curiosa, saltou para o chão, decidida a descobrir o que se passava, embora conhecesse mal esta casa onde repousavam a caminho da fronteira com Castela.

Era a voz de D. Maria, mas também a do infante D. Pedro, procurando sossegar a irmã, mas em vão. Leonor atreveu-se a avançar até à câmara da rainha, escondendo-se entre as pregas do grosso cortinado.

A rainha gritava agora contra Inês de Castro, também presente na sala, acusando os Castro de estarem envolvidos numa conspiração para usurpar a coroa de Portugal e de Castela. A pobre Inês escutava-a, tão estupefacta como ela perante as notícias acabadas de chegar.

D. Maria apontava-lhe o dedo e acusava-a:

– Como é que a tua irmã Juana de Castro se atreveu a casar com o meu filho, a intitular-se rainha, quando o rei já é casado? Como se não bastasse o absurdo de ter aprisionado a mulher legítima, agora casa com outra? Os franceses vão garantir a excomunhão de Castela, a excomunhão do meu filho e do bispo de Salamanca que se atreveu a abençoá-los na catedral de Cuéllar. E, perante isto, os teus irmãos Castro regozijam, e a tua irmã assina-se rainha de Castela!

Leonor não conseguia deixar de pensar que também invejaria a irmã por ter chegado a rainha antes dela. Sobressaltada com o seu próprio pensamento, encostou-se ainda mais à parede, como se se quisesse fundir com ela. Não podia perder nem um instante desta discussão, mas o entusiasmo desvaneceu-se quando, junto de si, tão próximo que sentia a sua respiração, escutou o infante D. Pedro dizer a um criado:

– Chama D. Martim. Que venha com urgência.

Pelos vistos não era necessário que o chamassem, porque os irmãos Teles viram o pai assomar à porta, alto, o cabelo louro encaracolado revoltado, a barba a contornar-lhe os lábios carnudos.

Leonor podia ter apenas oito anos, mas não precisava de mais para entender a forma como D. Maria estendeu as mãos em direcção ao seu mordomo-mor e ele a tomou nos braços, afagando-lhe os cabelos, sossegando-a com uma ladainha de palavras ternas.

Inês e Pedro já não estavam no quarto, sumidos como génios para

dentro de uma lamparina, e os criados tinham desaparecido com eles, deixando a rainha e o amante, sentados na beira da cama, beijando-se.

Leonor sabia que tinha de sair dali e, no entanto, permanecia com os olhos azuis bem abertos, sem se permitir sequer pestanejar, num espanto e numa curiosidade sem fim.

Sentiu a mão do irmão arrancá-la dali para fora e, ameaçador, fê-la prometer que não contava nada.

– Não contes aos manos, não contes à mãe.

Leonor encarou-o de frente:

– A mãe já sabe.

Gonçalo protestou:

– Não digas isso.

Mas Leonor encolheu os ombros:

– A mãe sabe tudo, Gonçalo.

E enquanto se esgueirava de regresso ao quarto, tentando arrumar dentro de si tudo a que assistira, pensou que faria como a mãe, fingiria que não tinha visto ou ouvido nada, agiria como se nada fosse. Uma arte que, suspeitava, lhe seria útil no futuro.



Não sei o que me acordou primeiro, se os gritos descontrolados da rainha ou se a agitação com que Martim puxou os lençóis para trás e saiu da cama que partilhávamos pela primeira vez há tantos meses. Fingi dormir, cerrando com força os olhos, procurando que a minha respiração não denunciasse que estava bem acordada. Mas escusava de me ter preocupado porque o meu marido nem olhou para mim. Ela chamava-o e ele ia sem hesitar.

Não sei quanto tempo fiquei imóvel, como se uma parte de mim quisesse acreditar que regressaria num instante, voltando a abraçar-me, como me abraçava dantes – antes dela! –, mas quem sem cerimónias se enfiou na minha cama foi Leonor.

– Filha, a zaragata acordou-te? – perguntei-lhe, aconchegando-a a mim, consolando-me nela. – Estás gelada, onde andaste? – insisti, talvez desejosa de que me desse notícias do que sucedera para que D. Maria necessitasse do seu mordomo a estas horas da noite.

– Está noite de lua cheia – informou-me Leonor, apontando para a luz que entrava pelas frinças das portadas. E puxando sobre as nossas cabeças a coberta espessa, como se estivéssemos numa tenda, disse-me baixinho: – Mãe, a luz da Lua enlouquece as pessoas. Lembra-se como nestas noites a minha ama tapava as janelas com mantas para nos guardar dela?

As histórias de Leonor eram sempre fascinantes, não se calava, e geralmente cheias de verdades, por isso deixei-a continuar:

– Está tudo doido, tudo doido em Nisa e em Castela. O rei Pedro de Castela casou com Juana de Castro. A mãe já a viu? É tão bonita como Inês?

Interrompi-a, áspera:

– Leonor, também andaste à lua?

A minha filha sentou-se de frente para mim, os olhos como os de um gato brilhavam de excitação:

– Não, senhora, minha mãe, andei sempre pela sombra. Mas responda-me. Já viu a rainha Juana? Sim, porque agora é rainha, foi assim que se assinou na carta que mandou à sogra.

Repreendi-a:

– Se o teu confessor te ouvisse, Leonor! Como pode o rei D. Pedro de Castela ter casado se já é casado com a rainha Blanche de Bourbon?

– O pior é que também é amante de María de Padilla, e gostam muito um do outro – explica-me a minha filha, como se me quisesse abrir os olhos.

Sinto-me enfiada numa camisa de onze varas: como lhe explico que estes adultérios, estas infidelidades, são contra as leis de Deus, se o seu próprio pai os comete? Aqui. Sob os nossos olhos.

– Não são assuntos para a tua idade – digo-lhe.

– Mas acabei de fazer oito anos e preciso de saber...

Senti-lhe um ligeiro tremor na voz, muito ligeiro, porque, por baixo destas certezas, tudo isto a perturba.

– Tudo o que precisas de saber, Leonor Teles, é que o rei de Castela é casado com uma francesa e que quem quer que se tenha envolvido neste casamento fantoche vai ser excomungado pelo santo padre.

Penso para mim que a ambição dos Castro é desmedida. Mas não resisti à curiosidade, já que Leonor parecia tão bem informada.

– A senhora D. Maria gritava contra quem? – perguntei.

Percebi que cometera um erro, insuflando a vaidade da minha filha. Não se fez rogada:

– Contra Inês, acusando-a de já saber o que se passava e de estar a planear passar a coroa de Portugal ao seu filho mais velho, João. – E depois, sentindo-se muito importante, informou-me: – É porque antes da notícia de D. Juana de Castro chegou outra... Um mensageiro de D. Afonso IV veio avisar o infante D. Pedro de que não se deve meter na conspiração do senhor de Albuquerque.

Temí uma acusação de espionagem ou traição. Mandeí-a calar:

– Já chega, Leonor. Volta para a tua cama – ordenei, empurrando-a para fora da minha, e ela desapareceu, serpenteando pelo lado mais escuro da minha câmara, fugindo à luz da Lua.

Fiquei deitada, contemplando os tijolos da abóbada do teto deste quarto desconhecido. Afonso IV descobrira com toda a certeza que João Afonso, senhor de Albuquerque, se propunha entregar ao infante a coroa de Castela. D. Pedro tinha 35 anos e, cansado de esperar pelo trono de Portugal que o pai tardava em deixar-lhe, era uma presa fácil de quem lhe vendesse a esperança de uma coroa antecipada.

O dia já clareia quando oiço os passos de Martim, que, por fim, regressa, o cabelo desalinhado, e sorri-me, sedutor como sempre. Estremeço quando se deita ao meu lado, fazendo baixar o colchão sob o seu peso, e me beija com os lábios ainda quentes de a beijarem a ela. Mas não lhes fujo.



Maria e Leonor ajudam-me nos últimos preparativos para esta saída apressada de Nisa, com destino a Castelo Branco, porque a rainha D. Maria não quer ficar nem mais uma noite sob o mesmo teto que Inês de Castro. Está nervosa, teme que o filho a pense aliada de João Afonso, o senhor de Albuquerque, receia que pense que se aliou ao irmão para lhe roubar o trono, e sabe do que ele é capaz se meter na cabeça que o trai.

A minha filha mais velha estende-me uma camisa meticulosamente dobrada, e faço-lhe uma festa. É tão suave esta minha Maria, o cabelo castanho com madeixas louras enrolado num carrapito, o rosto oval e perfeito, o temperamento doce e fácil, mas percebo que, à medida que Leonor cresce, crescem também os ciúmes que sente de toda a atenção que a irmã mais nova é capaz de atrair sobre si mesma. Terá de se conformar porque suspeito que Leonor com a idade só vai requintar esta arte.

Agora Maria pergunta-me porque chamam Pedro Gil ao rei D. Pedro de Castela, e reparo que Leonor para de brincar com as pedras de aljôfar e escuta atentamente a resposta que me vejo obrigada a dar:

– É um rumor antigo e mal-intencionado, que terá partido seguramente dos partidários de D. Leonor de Guzmán, mãe de Enrique de Trastámara.

Engano-me se julgo que a conversa vai ficar por aqui:

– Um rumor que diz o quê? – querem saber as duas.

Não vale a pena evitar a verdade:

– O pai de D. Pedro não frequentava muito a casa da rainha D. Maria e, quando engravidou, as más-línguas diziam que a criança só podia ser filha de um judeu, de nome Pedro Gil. Um disparate maldoso, nada mais do que isso.

A minha filha mais velha ficou calada, mas a mais nova resumiu em duas palavras a situação:

– E, não sendo filho de rei, não devia ser rei.

Maria, vendo que a irmã se aventurava por aqueles caminhos, sem ser repreendida, atreveu-se:

– Não admira que o rumor agrade ao Trastámara. É o filho mais velho de Alfonso XI e de D. Leonor de Guzmán, deve querer convencer-nos a todos de que, se o meio-irmão é um bastardo e ele é filho de rei, então é a ele que a coroa pertence.

Zango-me:

– Dizes bem, um filho bastardo.

– Mas se Pedro Gil nem filho de rei é – insiste Leonor.

Mando-as calar, cheia de pena de não as poder criar, pelo menos mais uns anos, no recato do nosso paço, onde por esta altura os campos se cobrem de flores e se ouvem os rouxinóis às primeiras horas da manhã – por aqui, tudo o que vejo são aves de rapina!

Como as posso proteger do que se passa debaixo dos olhos de todos, com cada vez mais descaramento? Martim atravessa as vilas com a montada da rainha à rédea, trocando com ela galanteios e risinhos, dizendo adeus a todas as cautelas. E as pessoas perguntam-se quem é, porque lhe cabe esta honra, e não demoram muito a perceber que há entre eles sentimentos que não deviam existir. E até o povo fica a saber dos amores em que ele e a rainha andam, talvez seja aquilo que o meu marido deseja. Que percebam que é o escolhido, que tem poder. É de família. Os Teles gostam de voar em redor do Sol, inebriados pelo seu calor. Que Deus Nosso Senhor me perdoe, mas que vontade sinto de que, tal como Ícaro, também as asas do meu marido derretam e se estatele no chão.



A guerra está aí. Pedro de Castela abandonou Juana de Castro, grávida, regressando a María de Padilla. Fernán de Castro, mortalmente ofendido pela desonra da irmã, refugiou-se em Monção, declarando não servir mais o rei de Castela, oferecendo agora os seus préstimos a Inês de Castro e ao seu cunhado, o infante D. Pedro. O senhor de Albuquerque e Enrique de Trastámara saltam à oportunidade desta ofensiva conjunta contra o rei de Castela, e o resultado é que o reino está a ferro e fogo.

Pousávamos em Castelo Branco quando D. Maria recebeu estas notícias, e ordenou imediatamente que levantássemos arraial e avançássemos a toda a brida para Toro, vila alcandorada nas margens do Douro, defendida por uma das muralhas mais inexpugnáveis de Castela, onde acredita que estaremos seguros. Onde nos fomos meter, penso, enquanto volto a fechar as arcas.

Toro, agosto de 1354

Martim olhou embevecido para a filha mais nova, que rodopiava sobre si mesma, as tranças rodopiando consigo, os olhos fechados, como se a música a tivesse tomado por completo. Vestida numa camisa de seda colorida, lançou os chapins para longe dos pés e, descalça, bateu palmas, uma e outra vez, como as ciganas que vira bailar nas festas do casamento da neta de Afonso IV.

No reencontro com a família, de todos os quatro filhos, Leonor era a que mais o surpreendera, como uma borboleta saída de um casulo em que nem tínhamos reparado. Estava mais alta e mais bonita, mas era o seu olhar acutilante que quase o assustava. Dava por si a evitá-lo, de dia para dia mais acusador, à medida que – estava certo – tomava consciência dos seus amores com a rainha. Como lhe podia explicar a importância destes jogos de influência?

O senhor de Albuquerque entregara-lhe o lugar de camareiro-mor de D. Maria, com a mesma frieza estratégica com que colocara María de Padilla no caminho do jovem rei de Castela. Mas agora a criatura virara-se contra o criador, e o senhor de Albuquerque e o rei estavam de candeias às avessas, o que significava que também ele passara certamente a ser encarado como inimigo. A partir de agora, cada passo teria de ser dado com toda a cautela, sob risco da própria vida.

Indiferente aos dilemas do pai, Leonor continuava a dançar.

Sentiu o braço da rainha descaradamente no seu:

– Martim, esta tua filha lembra-me tanto Inês de Castro com a mesma idade, mas com muito mais descaramento. Foi uma das minhas donzelas e levei-a comigo para Portugal, onde, mal chegámos a Juromenha, conquistou o meu irmão Pedro. É aquele pescoço longo, aquela altivez de quem sabe que tem um lugar cativo no mundo, e não tem medo de nada, nem de ninguém.

Leonor pressentiu que falavam dela e inclinou-se numa vénia à rainha. D. Maria fez-lhe sinal de que se aproximasse, mas quando a rainha viúva tirou do pulso uma pulseira e lha ofereceu, dizendo-lhe que era um prémio do entretenimento que lhe proporcionara, Leonor não a tomou. Era uma deslealdade à mãe, aceitá-la de uma mulher que tanto a fazia sofrer, queria lá saber se ofendia a rainha. Decidida, recusou-a sem uma palavra, provocando um burburinho na sala e um

franzir do sobrolho de Martim Telo, que, no entanto, não se atreveu a repreendê-la, receando chamar ainda mais a atenção sobre o gesto da filha.

A rainha, rápida, voltou a enfiar o aro de ouro pelas mãos esguias, imperturbável:

– Fica guardada, para te voltar a dar um dia...

Leonor assentiu, com um agradecimento suave, que dizia o contrário do que sentia. E, aceitando a mão do pai, sentou-se num banco, deixando que Martim se ajoelhasse para lhe colocar de novo os chapins nos pés, fazendo orelhas moucas à repreensão pela recusa da joia que a rainha lhe tentara oferecer. O pai que rezasse pelos seus pecados, que ela se encarregaria dos seus, respondeu insolente, e Martim ficou sem palavras.



Acomodo-me a esta nova vida, fugindo dos serões e das tardes de bordados, dos risinhos e dos olhares de comisseração das damas da rainha, procurando concentrar-me na educação das minhas filhas, feliz porque Leonor herdou de mim o gosto pelos livros e pelas letras. Não quero que um dia tenha de delegar a terceiros as suas cartas e bilhetes, obrigada a partilhar amores e temores com terceiros, mesmo que da maior confiança, sujeitando-se a que nalgum desentendimento usem o que sabem contra ela. Orgulho-me da sua caligrafia já tão perfeita. Mas, agora que os irmãos estão entregues a Martim e que o acompanham nas caçadas, Leonor não descansará enquanto não cavalgar com eles e for dona de um falcão. E alguém, mais dia, menos dia, não resistirá a oferecer-lho, porque são raras as pessoas que não encanta. Quando a repreendo por voltar da cozinha com uma taça de ameixas doces ou de uma ida à costureira com um pedaço de seda que sobrou de um vestido da rainha, lança os braços em redor do meu pescoço e dá uma das suas gargalhadas, rematando com um «Senhora, minha mãe, não me está sempre a dizer que é pecado não usarmos os nossos talentos?». Finjo não lhe achar graça, e procuro vincar as linhas do meu sobrolho numa expressão zangada, mas sabe que me agarro a ela como a uma tábua de salvação, procurando que me contagie com a felicidade que tanto me falta. Há dias em que a noite desce sobre mim, e os diabos assombram de tal forma o meu sono que calcorreio o quarto de trás para diante, tal o medo de voltar a adormecer...

Em Trás-os-Montes, em minha casa, suporrei a ausência de Martim sem grande dificuldade, e mesmo quando suspeitei que, como todos os homens, ou quase todos, se consolava com outra mulher, não me afetou grande coisa. Mas aqui, aqui sou obrigada a vê-los juntos, a sorrir como se não entendesse o que se passa, sinto-me desprotegida e só, como se me obrigassem a entrar despida numa sala cheia de gente que aponta a minha barriga flácida, os meus seios descaídos, e troça porque não fui capaz de prender o meu marido, o pai dos meus filhos, e é ela – uma rainha – que o tem cativo. Porque Martim está cativo. E a rainha... talvez seja a primeira vez que ama e imagine que eu e os meus filhos somos o biombo que esconde a verdade de Pedro de Castela e de Afonso IV de Portugal.

Ingenuidade.

Quem me dera odiá-los, mas só os invejo.

Leonor põe-me a mão no ombro, sobressaltando-me.

– Está triste, minha mãe?

Forço um sorriso:

– Estava a pensar que, um dia, vais ser uma noiva linda.

Leonor riu, contente:

– Vou casar com um rei. Se me merecer. Foi o que o pai me disse hoje. Mas por agora o que quero é um falcão.

Um véu de angústia deve ter descido sobre o meu rosto porque Leonor reagiu:

– Mãe, é a guerra que a aflige? O João e o Gonçalo não param de falar nela. Dizem que se aproxima.

Em que estado estou, para que falar de guerra me seja mais fácil do que falar de amor.

– Porque havia de vir para cá, Leonor? Sossega, e diz aos teus irmãos que se deem por contentes com justas e torneios, porque a guerra a sério não é uma brincadeira.

Leonor não acredita. Devia ter escolhido como patrona da minha filha a Virgem das Orelhas, porque não há nada que lhe escape.

D. Pedro de Castela mandou passar a rainha Blanche de Bourbon da prisão de Arévalo para a do alcácer de Toledo, apesar dos protestos da rainha D. Maria, mas o filho decididamente já não a escuta.

Os de Toledo apelaram a João Afonso e, claro, ao Trastámara, exigindo que convencessem o rei a partilhar casa e cama com a legítima esposa e a enviar para o convento María de Padilla, que aos 17 anos acaba de dar à luz uma segunda filha, retirando privilégios aos seus conselheiros mais próximos, mas há sonhos mais realizáveis do que este. Ficou tudo na mesma, e o Trastámara, o senhor de Albuquerque e Fernán de Castro passaram à ação, tomando Medina del Campo, procurando deixar claro ao rei que, se não for a bem, há de ser a mal.

Tudo isto enfureceu D. Maria, que, em lugar de se manter fora destes jogos, não resiste a imiscuir-se. A formosa filha favorita de Afonso IV herdou infelizmente do pai o pavio curto.

A rainha não apazigua, provoca, depois retrai-se assustada, avança de novo, mas a meio caminho arrepende-se, para logo tentar uma outra estratégia, uma nova intriga, numa insaciável ambição, como se procurasse o poder que até agora sempre lhe fugiu. Revê-se no sofrimento da nora marginalizada pela Padilla, como ela o foi pela Guzmán, que presidia à corte no alcácer de Sevilha, abençoada com filho após filho, recompensada com vilas e joias, e o amor do rei, até à hora da morte, Alfonso XI morreu nos braços da amante e não nos seus.

E Martim, nos braços de qual de nós as duas morrerá?

Pego na mão de Leonor e, procurando afastar a minha melancolia, proponho:

– E se fôssemos rezar ao Mosteiro de Sancti Spiritus?

Sei que não são as orações que garantem o assentimento imediato da minha filha, mas a esperança de pedir emprestado mais um livro da biblioteca das dominicanas.

Toro, 29 de setembro de 1354

– Envenenado? Que dizes, Martim. João Afonso morto – exclamou a rainha D. Maria, as mãos subindo num protesto, para caírem desamparadas no colo.

Uma das damas trouxe-lhe um copo de vinho, temendo que desmaiasse. Bastava olhar em redor para perceber a consternação que a notícia provocara em todos. Era impossível imaginar o senhor de Albuquerque morto. Era o ministro todo-poderoso, invencível em qualquer batalha, fosse em campo aberto ou na corte, a peça mais ágil do tabuleiro que surgia sempre na casa que tornava possível o xeque-mate. O braço-direito de D. Maria, desde que se tornara rainha de Castela.

– Morto – repetia a rainha, desconsolada. – Envenenado, têm a certeza?

Martim tinha a certeza. João Afonso adoeceu no arraial de Medina del Campo e fora tratado por um físico italiano, um tal mestre Paulo, subornado pelo rei de Castela com dinheiro e terras, em troca de que administrasse uma peçonha ao seu pior inimigo. Diziam que lhe tinha administrado sobre a forma de um xarope, que num primeiro momento dera a impressão de trazer melhoras, mas logo depois agravara a saúde do senhor de Albuquerque, até que lhe roubara a vida. A prova da culpa estava à vista, porque fugira na véspera da morte, quando já estava seguro do resultado.

A rainha aproximou-se da janela, olhando o horizonte, como se esperasse ver dali o arraial de Medina del Campo, e, de costas para todos, quis confirmar:

– Não acredito que tenha sido o meu filho.

Martim aproximou-se mais e disse baixo:

– Diz-se que foi o senhor D. Pedro.

D. Maria não se virou:

– Que mais sabes?

– Que quando D. João Afonso percebeu que o tinham apanhado, e que não iria sobreviver, chamou Enrique de Trastámara e fê-lo jurar que não o sepultariam até que o senhor D. Pedro fosse vencido.

O suspiro da rainha ouviu-se na sala. João Afonso nomeara o inimigo, e mesmo depois de morto seria o seu espectro a comandar as

tropas contra o rei de Castela.

– Depositaram o corpo num ataúde e entraram em Medina com o caixão nos ombros dos seus homens, e aí esperam resposta de D. Pedro às suas exigências. Dizem que lhe beijarão as mãos em obediência se voltar ao bom caminho.

A rainha virou-se, olhando agora de frente todos os presentes:

– O que estão a fazer aí, especados? Toquem os sinos e mande-se rezar missa pela alma do senhor de Albuquerque.

Damas e cavaleiros correram aos seus aposentos: era preciso vestir luto.



Escrevo à Teresa Sanches, senhora de Albuquerque, expressando-lhe a minha consternação pela morte do seu único filho, e dou graças a Deus que ainda lhe reste Inês, que ama como a uma filha e lhe trará consolo.

Envio o mensageiro para Vila do Conde porque sei que procurou refúgio e consolo no mosteiro que fundou com o marido, Afonso Sanches, o filho favorito do rei D. Dinis que a vingança de um meio-irmão matou, Caim e Abel, desde sempre o ciúme a ceifar vidas.

O que sentirá ao saber que os homens de João Afonso cumprem o seu último desejo e atravessam Castela com o ataúde do seu filho em ombros, seguindo para onde quer que D. Pedro esteja, porque o senhor de Albuquerque, mesmo depois de morto, não descansa enquanto não confrontar o rei. E o seu bando segue-o, mantendo-se unido por ele, mas até quando?

Digo-lhe que talvez seja mais seguro chamar Inês de Castro e as crianças para junto de si, porque corre perigo agora que o seu maior protetor morreu. Cometo a inconfidência de lhe contar que a minha cunhada Guiomar me avisou de que Diogo Lopes Pacheco intriga contra «a galega», como lhe chama, junto de D. Afonso IV. Guiomar garante-me que o meio-irmão tem muito a perder se Pedro e Inês forem reis de Portugal, e os Castro os seus principais conselheiros, e Teresa Sanches conhece-o bem e sabe que é um homem que não gosta de perder, nem a feijões. Queira Deus que Zulema, a *Moura*, esteja atenta e escrutine os céus. Viu nascer Inês, fará tudo para a proteger.

Toro, novembro de 1354

– O rei D. Pedro de Castela vem aí! Venham, venham ver.

João e Gonçalo entraram na câmara das irmãs, ofegantes, mas desejosos de serem os primeiros a trazer-lhes a novidade.

Leonor e Maria vestiram-se à pressa e saíram com eles, esgueirando-se por entre as pernas dos soldados que guardavam a torre e subindo o mais alto que conseguiam.

– Vêm prender a rainha D. Maria? – perguntou Maria Teles, nervosa.

João fez um esgar de desprezo:

– Desta vez não se atreverá. Está tudo preparado...

E apontou para o grupo que se reunira no terreiro do paço, convocado secretamente pela rainha D. Maria com toda a urgência, mal tivera a confirmação de que o filho aceitara o convite para vir a Toro. Lá estava a rainha, rodeada pelas mulheres mais importantes do reino e, claro, por Enrique de Trastámara, Fadrique e Telo, filhos da Guzmán, Fernán de Castro e o mordomo de João Afonso, pensou Leonor, com um arrepio. Que surpresa esperava o rei.

Gonçalo, de olhos brilhantes, contou-lhes baixinho que a convocatória da rainha D. Maria tinha sido entregue a D. Pedro a meio da noite, na pequena vila onde pernoitava com María de Padilla. Mas só a enviara depois de saber que os seus aliados vinham a caminho, respondendo ao seu apelo de que a viessem proteger antes que o filho entendesse a cilada que montava. Desta vez seria ela a prendê-lo a ele, segura de que, se tivesse finalmente a oportunidade de conversar sozinha com ele, conseguiria que visse a razão e deixasse o mau caminho.

– O pai não acreditava que o rei respondesse ao chamamento, mas aqui está. E reparem quem monta ao seu lado – concluiu.

As raparigas não faziam ideia de quem era, mas João orgulhosamente nomeou-os:

– O tesoureiro judeu, que está pelos ingleses, e o irmão da Padilla. Estes não escapam...

Leonor observou o irmão mais velho com atenção, antes de dizer:

– São corajosos. Só por isso ninguém lhes devia fazer mal.

João riu dela, trocista:

– Ninguém os mandou meterem-se na boca do lobo.

O tom «sabe tudo» do irmão mais velho irritava Leonor, que reagiu, zangada:

– Mandou a lealdade ao rei – respondeu.

– Ou talvez o medo de que, sem um judeu e um Padilla, o rei os traísse a todos, retirando os cargos e os privilégios que abusivamente lhes deu. Onde já se viu um rei rodear-se desta gente, desprezando os grandes senhores que serviram já os seus antepassados?

Tocavam as charamelas e os atabales, e os pesados portões travejados a ferro da vila de Toro abriam-se para que o rei entrasse, mesmo abaixo de onde os filhos de Martim e Aldonça espreitavam.

– Vai agora cumprimentar a mãe, venham, quero ver a cara dele quando perceber quem o espera – comandou João, e os quatro desceram agilmente, precipitando-se para o paço onde se alojava D. Maria.

Uma mão firme segurou Leonor pelo capuz da capa:

– E onde julgam que vão? – A voz era a de Aldonça.

Maria parou ao lado da irmã, que ainda esperneou para se soltar:

– Mãe, mãe, quero ir ver o rei.

Mas Aldonça não a largou e, inclinando-se para que os seus olhos estivessem à altura das filhas, ordenou:

– Não vos quero na rua. São dias perigosos estes...

– São dias de festa, minha mãe. Vi montar as mesas para o banquete, os músicos ensaiam desde ontem, e até vi preparar foguetes para lançar à noite. Não podemos ficar fechadas em casa.

– Não vêm armados, minha mãe – ajudou Maria, que também não queria perder a festa.

– Diz antes que não trazem as armas à vista, minha tonta – interrompeu Leonor.

Mas Aldonça não se comoveu. O rei não demoraria muito tempo a perceber que era prisioneiro da mãe e destes senhores. Prisioneiro de Martim Telo, o homem que desonrava a rainha e a influenciava no calor da alcova, um primo de Inês de Castro, favorável à conspiração que pretendia colocar Pedro de Portugal no trono de Castela.

– Vamos para casa – reafirmou, e sem largar a capa de Leonor levou-a consigo.



É a primeira vez que vejo Pedro de Castela, e que jovem me parece, o cabelo liso e claro preso por uma fita de couro, como um gaiato, os olhos claros que se movem de um lado para o outro, interessados e curiosos. Não lhe pressenti sombra de medo, apesar de estar consciente da cilada em que se meteu, e quando o cumprimento fala-me com afabilidade. Fica encantado com a beleza das minhas filhas, e Maria e Leonor fazem-lhe uma vénia ensaiada com cuidado, e é mais um que pergunta a Leonor se gosta de ter o cabelo da cor do fogo, e é mais um a quem Leonor responde, trocista, que é feiticeira, oferecendo-se para lhe ler a palma da mão.

Felizmente o rei achou graça e, voltando de novo a atenção para mim, disse-me que esperava que um dia a sua filha Beatriz e a recém-nascida Constança fossem tão belas como as minhas.

Como parecem incapazes de fazer mal a uma mosca estes homens quando despem a armadura e se transformam em cavaleiros andantes, recitando cantigas de amor ao som do alaúde, trocando galanteios com as damas que – também elas – parecem anjos, incapazes de matar com as suas línguas viperinas.

Quem entrasse nesta sala pela primeira vez seria incapaz de imaginar o que aqui realmente se passa. Um filho é prisioneiro da sua própria mãe, que o recebeu com um beijo de Judas, e garantiu-lhe que todos aqueles senhores e cavaleiros estavam ali apenas na ânsia de o servir, pela ânsia de estarem ao seu serviço. Prometeu desculpá-lo dos erros passados, atribuíveis à sua pouca idade e ao engenho malévolo das más companhias, e mandou levar para as masmorras do castelo o judeu e o tio de María de Padilla.

É prisioneiro, mas finge que não é, e enquanto se prepara para retaliar cobre de cargos e títulos os seus inimigos, que até mandaram buscar à força os selos do rei a Zamora, para que autentique todas estas nomeações e doações, enquanto D. Maria e o meu marido sorriem um para o outro, cúmplices, congratulando-se pelo magnífico resultado do plano que congeminaram juntos na alcova.

Lá em baixo, na igreja do mosteiro, repousa o ataúde de João Afonso, o pano de ouro que o cobre incandescente à luz das velas que ardem noite e dia, guardado pelos seus cavaleiros. Oiço o meu marido levantar o copo e pedir um brinde pelo senhor de Albuquerque, assegurando que vitorioso já pode descer à terra.

Idiotas. João Afonso nunca se deixaria enganar desta forma. Como eu não deixo. Por instantes, D. Pedro fixa-me e entende que não sou como os outros e que sei que prepara o próximo ato. Pede-me uma dança e entre dois passos diz-me.

– Senhora, é pressentimento meu ou é capaz de adivinhar o futuro?

Limito-me a sorrir de volta.

Toro, final de novembro de 1354

Leonor espreitou o pai que no terreiro dos falcões treinava um peregrino – uma fêmea, a avaliar pelo tamanho, porque as fêmeas das aves de rapina são sempre maiores. Fascinava-a o treino dos falcões, mas os irmãos diziam que era nova de mais para aprender. E, além disso, troçavam, nunca teria pulsos suficientemente fortes para sustentar um gerifalte, o falcão que só os reis estavam autorizados a possuir. Era isso o que lhe diziam.

A mais nova dos Teles sentou-se num degrau, escondida pela parede do muro de forma a passar despercebida, mas a ave virava a cabeça nervosamente para a esquerda e para a direita, pressentindo-a. Martim Telo cobriu a cabeça do peregrino com o caparão e chamou a filha:

– Ela sabe que estás aí, não vale a pena esconderes-te. – E fez-lhe sinal para que se aproximasse, dizendo-lhe: – Para que se sinta segura perto de ti, tens de sentir o que ela sente, pensar como ela pensa. Só assim podes antecipar as suas reações e controlar o receio que naturalmente sente de ti.

– Medo de mim? Eu é que tenho medo desse bico curvo, dessas garras. Ainda confunde a minha mão com um bocado de vianda.

Martim riu:

– Pode acontecer, mas a probabilidade diminui se trouxeres carne de pombo no boral – disse, apontando para o saco que trazia a tiracolo. – Mas repara, chega-te mais perto: vêς como prende as garras na minha luva? Quase que as sinto na minha pele. Mas é preciso saber distinguir os sinais, tanto pode estar apenas nervosa como excitada com a perspectiva de caçar, ficando quase paralisada, e mesmo que a solte não levanta logo voo. O falcoeiro aprende a acalmar a sua ave e só depois lhe solta os pioses, que são estas correias fininhas de cabedal.

Leonor indignou-se:

– Eu sei o que são pioses. E avessadas e fiadores e róis e todas essas coisas.

Martim deu uma gargalhada:

– Bem diz a tua mãe que és parecida comigo! Altiva e refilona.

Leonor cruzou os braços sobre o peito:

– Sabe lá o senhor, nunca está connosco!

Martim sorriu-lhe:

– E como posso compensar-te pela minha ausência?

A filha saltou à oportunidade:

– Oferecendo-me esse peregrino. Deixando que seja eu a treiná-lo.

O pai avançou para a alcândora, transferindo a ave para o poiso fixo, enquanto comentava, trocista:

– Pela forma como te lanças sobre uma pobre presa, vais compreender bem o que se passa na cabeça de uma rapina.

– Dá-me essa ou prefere oferecer-me um treçó? – continuou Leonor, fazendo uso do termo da falcoaria para designar um macho, por norma um terço do tamanho das fêmeas.

Martim pôs-lhe as mãos nos ombros:

– Não há luvas para o tamanho da tua mão!

E preparava-se para dar o assunto por encerrado, mas Leonor replicou com uma frieza desconcertante na voz:

– Ainda não há luvas do meu tamanho. Mas, se essa é a única condição, então essa ave já é minha.

Pai e filha ouviram um riso divertido e voltando-se deram de caras com D. Pedro de Castela. Leonor dobrou o joelho, numa vénia, era a primeira vez que o cumprimentava, e o rei sorriu-lhe, ignorando ostensivamente Martim Telo:

– Senhora D. Leonor, filha de Aldonça de Vasconcelos, a dama com quem dancei, a única mulher virtuosa desta corte e que ainda por cima consegue prever o futuro. Herdaste dela a perspicácia ou só o ruivo-fogo do cabelo?

Leonor olhou-o perplexa, de que falava o rei?

– A minha mãe leu-lhe a sina? – perguntou, içando as sobranceiras num gesto de surpresa.

O rei deu uma gargalhada, que visivelmente incomodou Martim Telo:

– Muito mais poderoso do que isso, Leonor. A tua mãe adivinhou-me os pensamentos.

E, olhando com desprezo para Martim Telo, acrescentou:

– Ninguém a engana, e quem a enganar paga. A partir de ontem, passou a estar sob a minha proteção. E tu, como és tão ruiva como ela, também. E, para selar a nossa amizade, quem te vai dar um falcão sou eu!

O rosto de Leonor iluminou-se, não queria acreditar. Pouco lhe importava os disparates que o rei dizia, obviamente destinados mais ao seu pai do que a ela, desde que lhe realizasse aquele desejo.

– Senhor D. Pedro, está a falar a sério?

– Vem comigo e vais ver que sou um homem de palavra. Podes escolher um dos mais jovens e tens de pensar num nome para lhe dar. Mas não mo digas, só o dono e a ave devem conhecê-lo.

Martim Telo ficou parado no centro do terreiro – o rei acabava de lhe declarar guerra aberta, tomando o partido de Aldonça de Vasconcelos contra a mãe e o amante. Que futuro lhe adivinhara Aldonça? Teria de lho perguntar, pensou, subitamente assustado.



Recebo resposta de Teresa Sanches, que me conta que Zulema, ao pressentir a morte iminente de João Afonso, ainda tentou fazer chegar a Medina del Campo um antídoto poderoso, mas nem ela, que voa como o vento, foi tão rápida como a ação da peçonha. Leio a carta às minhas filhas, que não perdem palavra.

– O que sabemos sobre venenos e antídotos? – perguntou-me Leonor, e respondo-lhe que nada, ou quase nada, confiando-nos às mulheres que desde tempos imemoriais conhecem os segredos das plantas.

– Às bruxas? – quer saber Leonor, e curiosa pergunta-me: – Zulema é uma bruxa? E aquela aia ou criada que estava com Inês de Castro em Évora, a do turbante branco, é uma bruxa?

Mando-a calar.

– Falas demais de feiticeiras e bruxas, Leonor, e um dia podem levar-te a sério...

– E de quem herdei a cor do cabelo? Mãe, nunca lhe chamaram estes nomes a si, porque se atrevem sempre a fazê-lo a mim? – quis saber.

Respondo-lhe apontando para o lenço que me tapa o cabelo:

– Porque o escondo – digo rindo.

Leonor ri também, mas repete a pergunta:

– Zulema é uma bruxa?

Respondo-lhe com um brilho nos olhos:

– Recordo-me bem da única vez que visitei o castelo de Albuquerque com o meu pai, e Zulema me deixou entrar na sua câmara, e me encantei com os frascos e as plantas penduradas no teto, um perfume delicioso a inebriar-me os sentidos, a pilha de livros antigos a atrair-me como um íman. Zulema vem de uma família de Maiorca, a sua avó era astróloga, o seu pai traduzia livros sábios na escola de Toledo, e durante a grande peste foi a primeira a dizer-nos para taparmos o nariz e a boca para não apanharmos o grande mal. Teresa Sanches respeita-a muito, e enviou uma das discípulas de Zulema, a moura Aisha, para junto da sua filha adotiva, Inês de Castro. Foi ela que viste.

Leonor estava agora de pé, entusiasmada:

– Vou aprender como elas. Porque, mãe, o nosso pai corre o risco de ser envenenado, não corre?

Eu fiquei sem palavras, Maria repreendeu-a imediatamente, mas Leonor não fez caso de nenhuma de nós as duas. É claro que o pai corria risco.

– E a rainha D. Maria também – acrescentou –, mas não sei se a salvarei a ela.

Disse-o de uma maneira tão lúcida, tão fria, que me parece que não brincava. Este lado implacável da minha filha mais nova, por vezes, assusta-me, não quero que se torne numa daquelas pessoas que não olha a meios para atingir os fins, mas sei que não nascemos assim, é o sofrimento que nos torna assim. Serei capaz de proteger Leonor desse sofrimento? Sinto-me frágil, e reconheço que não se engana: a vida de Martim corre todos os dias risco.

Mosteiro de La Santa Espina, 2 de dezembro de 1354

O dia estava gelado, mas Leonor não queria saber. Montada numa mula, percorríamos caminhos do vale que levavam ao mosteiro, escondido entre o arvoredor, e parava aqui e ali para apanhar bugalhos de um carvalho, observar as gotas de água como estalactites nas folhas pontiagudas e cintilantes do azevinho, ou, com a ponta da chibata, provocar uma aranha que reinava numa teia de fios iluminada pela luz que conseguia vencer a densa copa das árvores, mas, acima de tudo, a atenção estava no peregrino que trazia no pulso. *Noctua*, pusera-lhe o nome de *Noctua*, o nome do mocho da deusa Atena, pequeno, mas poderoso, dono de uma força mágica, capaz de descobrir as verdades mais escondidas. Sabia que os irmãos iam troçar da escolha, acusá-la de não saber distinguir um mocho de um peregrino, mas queria lá saber. O nome aparecera-lhe em sonhos, mas a maior prova de que era o certo fora-lhe dado pela ave, que ao escutá-lo se virara para ela, olhando-a fixamente, sem medo. Passou um dedo pelas penas suaves da jovem ave, que estremeceu de satisfação. Que sorte tivera em que a tivessem deixado trazê-lo.

Reparou que a mãe lhe fazia sinal para que não se deixasse ficar para trás, não era seguro. Esporeou a mula, reaproximando-se do cortejo fúnebre que acompanhava o corpo de João Afonso até ao Mosteiro de La Santa Espina, onde seria finalmente sepultado. Era uma viagem só de mulheres, a viúva Isabel de Meneses, acompanhada pelas duas rainhas, D. Maria de Castela e D. Leonor de Aragão, e por D. Juana Manuel, mulher de Enrique de Trastámara, com todo um séquito de damas e aias que iam para onde fossem as suas senhoras. A ela bastava-lhe um falcão, pensou com um sorriso de felicidade.



Escrevo a Teresa Sanches. Digo-lhe que o seu filho por fim descansa em paz, neste mosteiro em Castromonte, fundado por uma rainha e que guarda a relíquia de um espinho da coroa de Jesus Cristo, lugar de peregrinação. Sei que a iludo quando alimento a esperança de que um dia possa aqui vir rezar, porque sei que já não terá a força para empreender a viagem, mas asseguro-a de que se decidir fazê-lo a acompanharei.

Depois visto um manto quente e saio em busca da minha filha Leonor, que sei perfeitamente onde a vou encontrar. Desde que recebeu *Noctua* – o nome que não podemos pronunciar –, passa horas a treiná-lo, decidida a impressionar os homens desta família. Já leu todos os tratados de falcoaria que encontrou, e é popular entre os falcões, que lhe ensinam

de bom grado os seus truques. Como em tudo o que se mete, também neste caso não duvido que se torne exímia.

Mas, para minha surpresa, *Noctua* está no poiso, e é um dos rapazes que varre o átrio da torre da igreja que aponta na direção do horto, onde a descubro com as mãos entre as plantas, a arrancar folhas sob as instruções de um velho frade.

Acena-me quando me vê aproximar e diz-me:

– Estou a explicar ao irmão que preciso urgentemente de saber tudo sobre antídotos. E venenos – acrescentou com um franzir de sobrolho enigmático.

E, sem qualquer reserva, conta ao frade que, se o senhor de Albuquerque que aqui sepultámos ontem estivesse mais bem rodeado, talvez o tivessem conseguido salvar.

Não sai dali até que o pobre homem lhe dá uma receita, de que não entendi tudo, mas sei que falou de avelã miúda, bagas de louro, de genciana e de arruda, e de banhos ao terceiro dia, colocando sempre o dedo sobre a ferida – se a houver – para purgar o veneno.

Já vínhamos a meio caminho de volta quando Leonor regressou até ele, para lhe perguntar se havia forma de prevenir o envenenamento. Voltou para mim, satisfeita:

– Pronto, já sei. Vou dizer ao pai que coma sempre nozes e avelãs com arruda e sal antes de cear ou jantar.

Benzemo-nos quando passámos frente à porta fechada da igreja onde João Afonso repousa, e sei que Leonor acredita, com a ingenuidade mágica das crianças, que um dia terá a oportunidade de impedir que outro homem, tão poderoso como este, seja vítima da peçonha, a forma mais cobarde de roubar uma vida. Olho-a com orgulho, confio nela.

Toro, 20 de dezembro de 1354

Aldonça acordou sobressaltada com o som do correr das cortinas de dossel. Era Martim.

– O rei de Castela não regressou da caça – disse-lhe o marido.

Aldonça deixou-se ficar deitada, tateando os bordados do lençol, procurando disfarçar a alegria com este *volte-face* que humilhava o marido e a amante.

– Queres dizer, o rei fugiu – corrigi.

Martim, contrariado, concordou:

– Saiu de madrugada...

Aldonça olhou em direção à janela, sorrindo:

– Numa manhã de neblina cerrada.

Ainda agora, não se via um palmo à frente do nariz.

Martim encolheu os ombros:

– Já o fez tantas vezes... e voltou sempre. Parecia contente...

O íçar incrédulo das sobranceiras de Aldonça irritou-o.

– De que me acusas? Não o podíamos propriamente agrilhoar a um banco – suspirou, sentando-se na cama, passando nervosamente a mão primeiro pelos cabelos, depois pela barba, um tique que a mulher conhecia bem.

Acintosa, com um desprezo bem patente na voz, troçou:

– Estás com medo da vingança?

Martim humildemente assentiu. Ambos sabiam que, a estas horas, D. Pedro de Castela estaria de novo com María de Padilla, restituindo todos os cargos aos seus parentes. Diria, e com razão, que fora coagido e dentro de meses a Padilla estaria de novo grávida, e desta vez talvez fosse um varão...

Aldonça fechou os olhos por instantes e teve a certeza:

– Martim, a rainha francesa corre perigo. A tentação de se ver definitivamente livre dela é enorme e D. Pedro não lhe resistirá.

Martim voltou a pôr-se de pé, brincando com a cortina, procurando serenar.

– Se isso acontecer, os franceses entrarão por Castela adentro.

– E D. Pedro terá a desculpa perfeita para chamar os ingleses – contrapôs imediatamente Aldonça. – Mas, Martim, agora o que importa é salvar a pobre Blanche, porque não faltarão físicos como

aquele que envenenou João Afonso. Corre por todo o reino que o italiano é agora senhor de terras em Sevilha e ficou rico graças a uma bolsa de maravedis. É um incentivo a que outros tentem igual sorte.

O marido desviou a conversa:

– Estou seguro de que o rei manterá os privilégios que concedeu a Fernán de Castro, porque não lhe interessa reabrir essa guerra e ter um inimigo como ele de novo na Galiza.

– Não sei. Esqueces-te de que Fernán é casado com uma irmã de Enrique de Trastámara? O que a impedirá de passar os segredos aos irmãos? Os Guzmán servem, antes de mais, os Guzmán.

Martim concordou:

– É verdade. Passará segredos aos Guzmán e à cunhada, Inês de Castro. O rei de Portugal já puxou novamente as orelhas a D. Pedro, proibindo-o de se meter nos assuntos de outros reinos, mas duvido que o escute...

Aldonça sentiu os punhos cerrarem-se em redor do pano do lençol e com contida irritação quis saber:

– E o que aconselha Afonso IV à sua querida filha?

Antes que Martim tivesse tempo de responder – presumindo que tinha resposta, pensou Aldonça –, Leonor entrou de rompante no quarto, e pelo rubor da sua cara trazia notícias escaldantes, mas estacou ao ver o pai junto da mãe, mordendo o lábio. Aldonça pressentiu que a filha lutava contra as lágrimas, os olhos brilhantes, mas talvez se enganasse, porque Leonor pôs as mãos na cintura e desabafou, zangada:

– O rei fugiu e levou com ele todos os falcões.

Aldonça teve vontade de rir com a expressão estupefacta de Martim e, fingindo achar perfeitamente natural que a falta das aves fosse mais grave do que o desaparecimento do rei, provocou:

– Até o teu peregrino?

Leonor abriu as mãos num gesto de incredulidade, insolente mesmo:

– Acha!? O meu ficou, evidentemente.

Como se fosse possível que D. Pedro de Castela se atrevesse a tanto.

Mas detestava-o na mesma. Fingira-se seu amigo durante este tempo, oferecera-lhe uma luva de falcoaria que mandara fazer ao seu tamanho, dera-lhe um bernal de couro e, mais importante ainda, uma fita para o cabelo igual à dele. E agora desaparecia sem sequer dizer um adeus? Fora uma idiota em confiar.

D. Pedro avisara-a: «Nunca vais domar a tua ave. Não é um cão. Ela usa-te para atingir os seus fins e tu a ela. Enquanto tiverem o mesmo objetivo, apanhar uma presa, trabalham os dois como um só, mas, quando deixar de ser assim, ela volta a ser a ave selvagem que nunca deixou de ser.»

Devia tê-lo escutado. Não se esqueceria da lição.

Martim anunciou que tinha de ir falar com a rainha, e Leonor fez-lhe uma vénia encantadora, mas Aldonça percebeu a raiva naqueles olhos azuis, no crisar das mãos. Leonor amava e odiava com uma intensidade desconcertante, mas simultaneamente aperfeiçoava a dissimulação. O que sentia agora pelo pai? Suspeitava que nada daquilo que o seu sorriso encantador transmitia. Martim beijou a filha na testa, encantado. Enganado.



Escrevo de novo a Teresa Sanches. Que vontade tenho de lhe pedir que peça a Zulema que me diga o que os astros me reservam. Mas não o faço. Não quero ouvir o que me tem para dizer.

Vejo crescer o risco em que nos encontramos – não tenho qualquer dúvida de que o rei de Castela se vingará da mãe e dos seus conselheiros mais próximos pela humilhação que o fizeram sofrer. Por enquanto mantemo-nos em Toro, mas é fácil perceber o nervosismo da rainha, a forma como procura agradar à mulher de Enrique de Trastámara, como apapara Fadrigue e Telo Guzmán, e tudo faz para manter a rainha Leonor de Aragão do seu lado, mas cada uma destas criaturas serve apenas os seus próprios interesses. Quando D. Maria deixar de lhes ser útil, entregá-la-ão aos lobos sem pensar duas vezes.

Mas, de tão enlevados que estão um pelo outro, nem Martim nem ela conseguem ver o que aí vem. E não sou eu que os vou avisar.

Preocupam-me, isso sim, os meus filhos, e pondero pedir à minha cunhada Guiomar que os acolha em sua casa, longe daqui. Mas as notícias de Portugal também não são animadoras. A suspeita da minha cunhada confirma-se e Diogo Lopes Pacheco e outros validos de D. Afonso IV temem a influência dos cavaleiros galegos e castelhanos, a que se juntam fidalgos portugueses que pretendem acautelar já o seu lugar junto do futuro rei, porque o velho não pode durar para sempre, e preparam-se para reagir enquanto é tempo.

Guiomar assegura-me que o irmão sabe que nada deixa D. Afonso mais descontrolado do que imaginar que o seu neto Fernando pode ser envenenado para garantir o trono aos filhos de Inês. Para ser sincera, compreendo-o, e não me parece uma possibilidade assim tão remota.

Imagino a aflição de Teresa Sanches, e volto a pegar na pena para acabar a missiva que comecei. Sei que, depois da nossa troca de cartas, Inês esteve em Vila do Conde, espero que a tenha impedido de regressar ao paço de Coimbra, onde o povo murmura contra ela, acusando-a de ofender a Rainha Santa, a que tantos recorrem na esperança de um milagre. Toda a cautela é pouca.

Toro, 9 de janeiro de 1355

Noctua voou diretamente para Leonor, que, orgulhosa, lhe fez uma festa, repetindo baixinho o seu nome.

Gonçalo soltou uma exclamação de admiração, e o mestre falcoeiro fez-lhe um gesto de assentimento, levando a que Leonor corasse de satisfação. Era a primeira vez que deixava o peregrino voar sem o fiador, e sentira o coração saltar-lhe no peito, tal o medo de que, livre, voasse para nunca mais voltar.

– Recompensa-o. E agora é preciso recomençar – disse-lhe o mestre.

Sabia que escusava de insistir, porque Leonor era a criança mais obsessiva que já conhecera. Todos os dias, à mesma hora, lá estava sentada à porta da falcoaria, aguardando a sua chegada. Sabia aplicar a teoria à prática, usando o medo e a recompensa com uma consistência tal que a ave confiava. Confiava e obedecia ao seu comando, ao «reclamo» que executava na perfeição – quantas horas a vira ensaiá-lo, sozinha, caminhando pelo adarve do castelo tão absorta no que fazia que nem reparava nos soldados armados até aos dentes que defendiam as muralhas desta vila que em breve cairia nas mãos do rei que aqui fora humilhado.

O falcoeiro voltou a atenção de novo para a pequenina Teles, no rosto virado para o céu a sombra das asas abertas da jovem ave que a sobrevoava, mas o repentino barulho do galope de cavalos perturbou o peregrino. O falcoeiro fez-lhe sinal para que recolhesse imediatamente a ave, e Leonor chamou-a, vendo com imensa alegria que regressava à luva – recompensou-a e tapou-lhe a cabeça com o caparão, levando-a para o banco.

Os irmãos desceram do muro da cavalaria onde a observavam, correndo em direção ao alcácer, e Leonor seguiu-os. Não lhe passara despercebido que os cavaleiros eram portugueses e traziam com eles uma moura.

Entraram discretamente na sala onde a rainha recebia os recém-chegados, Martim Telo e dois outros conselheiros de D. Maria ao seu lado. Era Aisha, mas Aisha, a sombra discreta, quase invisível, da prima Inês, estava de joelhos no chão, o rosto tapado pelas mãos, e soluçava, chorava como Leonor nunca vira ninguém chorar, como se os céus e a terra desabassem numa torrente de água.

– Mataram Inês de Castro – murmurou o irmão, lívido.

Leonor repetiu, incrédula, e, deixando-se escorregar pela parede, sentou-se no chão, procurando que o frio da pedra a acalmasse.

– O rei de Portugal matou Inês de Castro – repetiu, aterrorizada.

A voz da rainha sobrepôs-se à deles:

– E onde estava o senhor meu irmão? – perguntava a Aisha, que puxara o lenço para esconder a cara. Da moura, Leonor só conseguia ver as pálpebras cerradas e perceber o sacudir indiferente dos ombros. Onde estava D. Pedro? Na caça, a cavalgar os campos, queria lá saber, o que lhe importava é que não estivesse no paço de Santa Clara, disposto a enfrentar o pai para salvar a vida da mulher, sentenciada pelo sogro, agarrada por três cavaleiros que, sem dó nem piedade, tinham permitido que a lâmina do algoz cortasse o pescoço de cisne da bela Inês, lhe decepasse a cabeça, que rolara pelas lajes de um lugar pisado pela Rainha Santa.

Leonor mordeu o lábio, até sentir o sabor do sangue, mas não desviou a atenção de Aisha, vendo a mão da mãe a pousar sobre o ombro da moura, ajudando-a a levantar-se. Aldonça de Vasconcelos, com autorização da rainha, levava-a dali.

Gonçalo fez o mesmo com a irmã:

– Vamos embora daqui – sussurrou.

Leonor procurou o pai, mas só lhe viu as costas, os cabelos presos num rabo de cavalo que caía sobre a camisa de camurça. Consolava a rainha, o braço atrevidamente sobre os seus ombros, ali, perante todos, como se já não houvesse nada a esconder.

Sibilinamente murmurou para si mesma:

– Será o próximo!

O irmão tapou-lhe a boca com violência.

– Idiota! As coisas que tu dizes!

E, pegando-lhe no braço, cravou-lhe as unhas na carne como se fossem garras de uma rapina, mas Leonor não soltou um queixume.



Estou desconcertada, caminho de um lado para o outro do terraço, como um animal enjaulado. Inês de Castro, a doce Inês, está morta, revejo na cabeça os últimos momentos em que estivemos juntas, a pequenina Beatriz nos seus braços, o rosto iluminado pelo entusiasmo que a conspiração pela coroa de Castela lhe provocava, tão certa de que o pior já tinha passado e a celebração de Bragança, o casamento com Pedro, punha um ponto final ao seu receio de que o infante mudasse de ideias e se matrimoniasse com outra, como diziam ser o plano do rei.

Onde estaria agora a pequenina Beatriz, privada do colo da mãe e da proteção de Aisha, que o próprio D. Pedro enviava à irmã com as novas do sucedido, pedindo-lhe que a guardasse da ira dos que lhe chamavam bruxa e a acusavam de fabricar poções de amor que mantinham o herdeiro do trono cativo da Castro. Dos Castro.

Diogo Lopes Pacheco estivera lá. Era um dos assassinos, um dos homens que em Montemor-o-Velho, na véspera do fatídico 7 de janeiro, convenceram o rei a assinar a sentença de morte da mãe de três dos seus netos. O que diria de tudo isto a sua cunhada Guiomar? De que lado

estaria agora, por D. Afonso IV ou por D. Pedro, porque agora era tempo de tomar partidos, a guerra entre pai e filho era inevitável, os Castro encarregar-se-iam de vingar a irmã.

Suspeito que, por agora, o meu cunhado ficará pelo rei, é tão ambicioso como o meu marido, sangue do mesmo sangue, como aranhas tecendo as suas teias. Mas saberá lançar a escada ao infante, já com olhos no futuro...

Aconchego as minhas filhas, rezo com elas pela alma de Inês, beijo as lágrimas de Maria e o sobrolho franzido e preocupado de Leonor, que se recusa a sossegar e me craveja de perguntas. Quer perceber o que levou o rei a esta crueldade, quer desesperadamente encontrar razões para o que aconteceu e, na aflição, opta – também ela – pelo caminho mais fácil.

– A culpa é de Inês de Castro – diz, gelando-me a alma.

– Como podes dizer uma coisa dessas – repreendo-a.

Lança para trás os cobertores e senta-se de novo na cama, apesar dos protestos da irmã de que tem frio.

– Porque... porque não obrigou D. Pedro a casar com ela na Sé de Lisboa. Como fez D. Constança, a primeira mulher do infante. Se o tivesse feito, o rei não se atreveria a matá-la, por medo de ser excomungado.

Digo-lhe que nada é tão simples como ela quer fazer parecer, mas Leonor não cede. Teima. Diz que nunca se vai deixar enganar.

Obrigo-a a deitar-se de novo, pressiono-a contra o colchão de penas, que se moldam ao corpo leve de uma menina que em breve fará nove anos e é tão bela ou mais do que a prima que jaz morta nos claustros do Convento de Santa Clara.

– Leonor, agora já chega – digo, mas Aisha surge atrás de mim e pede-me que a deixe ficar ali, junto das minhas filhas, e aceno um sim.

Quando deixo o quarto, ouço o seu canto dorido. Roubaram-lhe tudo.



Não tenho sono. Martim diz-me que Fernán e Álvaro de Castro já entraram em Portugal, ao encontro do infante D. Pedro, que declarou guerra ao pai, e o bando queima e destrói as terras e as casas dos que se mantêm leais a Afonso IV. As terras de Diogo Lopes Pacheco são já campos de cinzas. Conta-me que Pedro está louco de dor, que bate com a cabeça contra as paredes, procurando calar a voz de Inês que chama o seu nome, e maldiz-se a si mesmo por não ter escutado os avisos que lhe chegaram. Nunca acreditou, quem é que acredita que um avô mate a mãe dos netos, que um pai nos despreze a tal ponto que destrua a nossa felicidade?

E sinto-me a mais vil das criaturas porque não acredito no amor de Pedro, cá dentro desconfio que o infante pensa mais nele próprio do que em Inês.

– Fará em breve as pazes, basta que o pai o deixe governar como há muito deseja – digo de chofre, só percebendo o impacto das minhas palavras quando vejo o rubor subir ao rosto do meu marido. Ele ainda acredita no amor, eu já não.

Não fui sempre assim, ele sabe-o bem, e cabe-lhe a ele a responsabilidade pela minha descrença.

Sinto um súbito prazer no desconforto que lhe causei e, como um predador que se excita com o sabor a sangue da vítima, continuo:

– Poder, é só poder e ambição que os move, ao infante Pedro, aos Castro, a Diogo Pacheco, a todos!

Não disse «A ti». Não o acusei, antes fosse só ambição o que o unia à rainha, mas apontei-lhe a porta, e ele saiu por ela, sem protesto.

Sento-me e escrevo a Teresa Sanches, sei que sabe tão bem como eu que Inês só morreu porque o senhor de Albuquerque já cá não estava para a proteger. Diogo Lopes Pacheco nunca se teria atrevido a tanto enquanto o senhor de Albuquerque estivesse vivo.

Digo-lhe que Aisha chegou e ficará connosco até que seja seguro regressar. Cuidará dos meus filhos, agora que a pequenina Beatriz de Castro ficou a cargo da avó Beatriz, e os dois rapazes entregues a homens de confiança do infante. Quem está deliciada é Leonor, desde que descobriu as arcas da moura onde escondidos por baixo de mantas e envolvidos em palha estão os potes e os vidros onde guarda xaropes e elixires, metodicamente preparados com a sabedoria dos seus antepassados. Imagino já o ciúme do boticário da rainha.

Toro, fevereiro de 1355

Aisha sentou-se em silêncio de pernas cruzadas junto ao fogo, hipnotizada pelas labaredas, e Leonor observou-a fascinada:

– Não pestanejas, Aisha – disse-lhe, surpreendida.

A moura parecia não a ouvir, e Aldonça fez um gesto à filha para que a deixasse em paz, mas Leonor não se moveu. Aprendera a ficar muito quieta junto de *Noctua*, controlando o batimento do coração e a respiração para que se habituasse à sua presença. Estar ali junto de Aisha parecia-lhe a mesma coisa. Mas não foi capaz de ficar calada por muito tempo.

– Aisha, o que vê? – perguntou suavemente, na esperança de poder partilhar da visão. E, desta vez, a moura respondeu-lhe.

– Vejo sete anéis, menina. Sete anéis que refulgem e encandeiam.

– Nos dedos de quem?

– Nos dedos do homem mais amaldiçoado da Terra – reagiu Aisha, e a sua voz cortava como uma faca.

Só podia estar a falar de D. Afonso IV, intuiu Leonor.

Aisha assentiu com um gesto brusco da cabeça.

– Tinha os sete anéis quando matou Inês?

Aisha inspirou fundo, como se, por uma vez, também ela sentisse necessidade de falar.

– Naquela manhã, a senhora D. Inês pediu-me que fosse com ela dar um passeio até à fonte da água que corre no paço. Fazíamos-lo muitas vezes, seguindo o curso daquele rio cristalino, até ao lugar onde brota de entre as rochas. Estava tão bonita naquele dia a minha senhora, o cabelo solto, como o senhor D. Pedro gostava que usasse, e percebi que se tinham amado, porque há uma luz no rosto de uma mulher amada que não engana. Preparávamo-nos para sair quando...

Leonor estava cativa daquela entoação pousada de Aisha, e Aldonça escutava-a tão cativa como a filha.

– Quando ouvimos o relinchar de cavalos, a senhora precipitou-se alegremente para a porta, para se despedir do senhor D. Pedro, que saía para a caça. Fez-me sinal de que pegasse na pequenina Beatriz ao colo e, quando atravessámos a soleira da porta, tinha consigo os dois filhos, um de cada lado.

O senhor D. Pedro mostrou-lhes o gerifalte, agitando-o para que

abrisse e fechasse as asas, e D. Dinis escondeu-se atrás das saias da mãe e D. João não se atreveu a avançar até ao cavalo do pai, mas D. Beatriz estendeu os braços na direção da ave, sem receio de nada. O senhor infante fez-me sinal de que me aproximasse com ela e, quando chegámos junto da sua montada, debruçou-se e beijou os cabelos da filha, que estendeu a mão para fazer uma festa no pescoço do cavalo.

D. Inês ficou à porta a vê-lo afastar-se.

– Vamos ao passeio – disse, voltando para dentro para procurar uma capa mais quente, porque a manhã estava muito fria, e mandou-me agasalhar os meninos para o passeio. Foi então que voltámos a escutar cascos na calçada.

– D. Pedro voltava atrás? – perguntou Leonor.

Aisha negou, com um aceno triste da cabeça:

– Foi o que a senhora D. Inês pensou, mas eu senti logo um aperto no peito e dei um grito. Corri para procurar impedir que saísse. Quantas vezes Zulema me avisara de que Algol, o diabo, poderia vir por ela...

Leonor estava agora sentada sobre as pernas, as mãos estendidas em direção a Aisha, desejando com todas as forças que, por algum milagre, o fim da história fosse diferente daquele que conhecia.

Aisha olhou de novo o fogo. Também ela rebobinava o passado, vezes sem conta, procurando alterar-lhe o final.

– Dizem que há uma magia que permite voltar atrás no tempo e escolher um outro caminho, uma outra porta, mas não o conheço. Não me resta mais do que conformar-me a este que se desenrolou à minha frente e não consegui impedir.

Aldonça atreveu-se a perguntar:

– Como reagiu D. Inês quando em lugar de D. Pedro viu o rei?

A moura abanou a cabeça, desesperada:

– Percebeu logo ao que vinham. Não, não terá acreditado que a queriam matar, isso nunca, mas entendeu que não vinham por bem. Que a queriam assustar, intimidar, levá-la a deixar o infante e a fugir, talvez, nada mais. Até que leram a sentença. Não ouvi o que diziam, mas percebi o choque que lhe provocou, e caiu de joelhos e juntou as mãos, implorando misericórdia.

– E não foste ter com ela, Aisha, não foste ter com ela – exclamou Leonor, chegando-se à mãe, que a envolveu com um braço.

Aisha chorava:

– Pousei D. Beatriz, fiz sinal a uma criada para que guardasse os meninos, e avancei, avancei quando aqueles brutos, aquele maldito Lopes Pacheco, e dois outros desmontavam para a agarrar, para a vergar. Voltei-me para o rei, só ele podia travar aquele crime, e com todas as forças desejei que um raio o fulminasse, e foi então que vi um

clarão explodir dos seus anéis e D. Afonso largou as rédeas como se lhe queimassem as mãos. Como se aquelas pedras se recusassem a servir o mal, se revoltassem contra quem se deixava cegar pela raiva. Mas já era tarde demais, nem os anéis do sultão a conseguiram salvar. Quando voltei a procurar D. Inês, já a sua cabeça rolava pelo chão. E foi então que ouvimos um uivo, um uivo sobrenatural, o uivo de Zulema, que percebia que não chegaria a tempo de a salvar. Algol vencera-nos.

Leonor escondeu a cara no colo da mãe.

– Que Nosso Senhor lhes perdoe – disse Aldonça.

Aisha protestou:

– Senhora, não peça perdão para quem não o merece. Senhora, peça antes vingança.

Leonor rebentava de curiosidade:

– Aisha, como são os anéis?

A moura repetiu, como um mantra:

– Três de rubi, três de diamante e um de esmeralda.

– Já os tinhas visto? – perguntou a mais nova dos Teles, sentando-se sobre os calcanhares.

Vira-os pela primeira vez quando D. Afonso IV os trouxera como troféus da batalha do Salado, para nunca mais os tirar dos dedos, mas fora Zulema a contar-lhe a sua história:

– A filha de um grande sultão e um soldado tomaram-se de amores, mas, ao saber que pretendiam fugir juntos, o pai da princesa decidiu mandá-lo matar. Desesperada, foi pedir ajuda a uma mulher sábia, que lhe entregou sete anéis...

Leonor acrescentou, impulsiva:

– Três de rubi, três de diamante e um de esmeralda.

Aisha continuou:

– A cada uma das pedras concedeu uma força diferente: ao rubi deu o poder da coragem; ao diamante, o da verdade; e à esmeralda, o do amor. E avisou-a de que, se caíssem nas mãos erradas, o feitiço se viraria contra o feiticeiro. Disse-lhe mais: não podiam ser nem vendidos, nem roubados, apenas oferecidos em sinal de amor. E recusou a bolsa de moedas de ouro com que a princesa lhe quis pagar os seus serviços.

Sete vezes atentou o sultão contra a vida do bom guerreiro e sete vezes foi vencido. Derrotado, entregou o sultanato ao genro e fugiu para o deserto. Foi um sultão justo e corajoso, como foi o seu filho, e o filho do seu filho, e os anéis protegeram-nos sempre, até ao dia em que...

Leonor agitou-se, tinha a certeza de que o seu pressentimento estava certo:

– Até ao dia em que foram arrancados dos dedos no chão de um

campo de batalha. Aisha, se os sete anéis tivessem pertencido a Inês, ninguém lhe poderia ter feito mal!

A moura acenou em acordo. Se os anéis fossem de Inês, Inês estaria viva.



Já não suporto estar fechada entre muralhas, sinto a falta dos bosques de carvalhos e oliveiras de Trás-os-Montes, dos riachos que por esta altura se transformaram em rios, de me debruçar sobre o muro de uma ponte para ver do que é capaz a força daquela água; tenho saudades do perfume das flores que irrompem por entre a erva verde. Detesto estas ruas imundas e o ruído incessante das carroças e dos pregões, das vozes esganiçadas das mulheres que regateiam preços, das zaragatas dos bêbados. Mas, mais do que tudo, corrói-me este ciúme, esta raiva surda que esconde.

Não sei o que detesto mais, se a indiferença com que a rainha D. Maria me olha, como se não existisse, ou se a comisseração das suas damas, prontas a ferir-me com o relato de mais um episódio amoroso, dito em voz suficientemente alta para que as minhas filhas o escutem. Como Leonor as despreza, e não o esconde.

Mas de que adianta voltar a casa, se o infante D. Pedro anda por lá com os Castro, que entraram pelo Norte, tomando vilas e queimando colheitas, mas sem a força suficiente para vencer os nobres mais poderosos, que se mantêm leais a Afonso IV, preferindo um assassino a um infante gago, impetuoso e imaturo. Martim diz-me que o infante está decidido a tomar o Porto, esquecido do baluarte da Ordem do Hospital em Leça do Balio – o prior Álvaro Gonçalves Pereira não deixará cair a cidade, muito menos quando tem com ele o mestre da Ordem de Cristo. Não restará ao infante outra alternativa que não a de negociar a paz, na qual se empenha a rainha Beatriz, a única que tem sobre o filho um enorme ascendente.

Leonor traz-me uma pena de *Noctua*, uma pena longa de uma das asas, e entrega-ma:

– Mãe, quero que lhe ponha um bico e a use para escrever cartas. Vai garantir-lhe tudo o que desejar, transformando cada uma das palavras que escreve em realidade.

Agradeço e beijo-lhe a testa. Quem me dera que assim fosse.

Toro, 3 de agosto de 1355

Aldonça quebrou o selo da senhora de Albuquerque e fez um gesto discreto para que Aisha se aproximasse: as notícias de Teresa Sanches eram esperadas ansiosamente por quem queria ver a morte de Inês vingada. Leonor pousou o bordado, seguindo-a, sentando-se numa das almofadas mais próximas da mãe.

– O rei de Portugal e o infante D. Pedro assinaram um tratado de paz, depois de muita mediação de D. Beatriz, ansiosa por terminar esta guerra entre pai e filho.

Leonor reparou como Aisha cruzava discretamente dois dedos da mão direita e dois dedos da mão esquerda, teria de lhe perguntar que feitiço era aquele, podia ser útil para se desfazer de algum inimigo no futuro, pensou. Mas a mãe não vira nada, ou fingia não ver:

– D. Pedro assinou o acordo em Canaveses, D. Beatriz tem estado no Porto e o rei em Guimarães, protegendo os territórios mais atingidos pela fúria do filho. O pobre bispo de Braga e o prior do Hospital andaram a calcorrear léguas de trás para a frente, até conseguirem um acordo que também promete um perdão geral a todos os que alinharam com o infante contra o rei.

Aisha interrompeu:

– Seis meses de escaramuças... e os algozes de D. Inês pagam o crime?

Aisha recordava-lhes o rosto, conhecia-os bem: Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e o odioso Diogo Lopes Pacheco.

– D. Pedro prometeu perdoar-lhes – respondeu Aldonça. Não esperava outra coisa.

– Perdoar-lhes? Como pode absolver Lopes Pacheco, que tudo fez para tornar a vida de D. Inês num inferno, que a espiou e perseguiu, mesmo quando se fingia seu amigo. Que só descansou quando viu que lhe cortaram a cabeça – lamentou-se Aisha.

– Talvez – começou Aldonça, mas a moura interrompeu-a:

– Tem medo do pai. Ainda agora. Teme que o mate também e entregue a coroa ao neto, como tanto deseja.

Aisha estava transtornada:

– Senhora D. Aldonça, o senhor D. Pedro, amaldiçoado seja tanto o pai como o filho, trocou a morte de D. Inês por poder? O poder que

sempre quis, enquanto a minha pobre senhora jaz sob a terra, como se não passasse de uma barregã!

Aisha estava coberta de razão, o infante recebia do pai o governo da justiça do reino, que o rei lhe cedia talvez mais corroído pelo remorso do que pelo medo. Afonso IV não tinha medo de nada!

Leonor reparou que agora Aisha sobrepunha uma mão à outra, num movimento rápido, disfarçado pelos panos largos da sua túnica, sem que, no entanto, a expressão do seu rosto se alterasse. Admirável, pensou, ninguém saberia o que lhe ia no pensamento e menos ainda no coração. Mas, desta vez, Aisha disse-lhe:

– Não tenho os poderes e a sabedoria de Zulema, mas sei condenar um homem quando o merece. E vejo mais do que um...

E, sacudindo a cabeça, fazendo tilintar os grandes brincos que trazia nas orelhas, fechou os olhos, e nem a insistência de Leonor ou os pedidos de Aldonça foram capazes de extorquir dela uma palavra mais que fosse sobre o assunto.



Procuo o sossego de uma igreja, onde ninguém se atreve a perturbar-me, aproveitando o facto de os meus filhos estarem entretidos com os preparativos para o Carnaval, que em Toro é uma das grandes festas do ano, em que se escondem todos os espíritos maléficos e se fecham os olhos aos ritos pagãos.

Penso nos filhos de Inês de Castro, e na semente de discórdia que vão representar, como antes deles representaram os bastardos do rei D. Dinis, ciclo que D. Afonso IV e D. Beatriz tinham sido capazes de quebrar. O rei pode ter muitos defeitos, mas não se lhe conhecem filhos ilegítimos.

A pequenina Beatriz recebe agora o tratamento de infanta de Portugal, e a avó enche-a de mimos e atenções, é a única mulher da próxima geração e talvez por isso permaneça intocável.

Já João de Castro – sim, porque é o nome da mãe que o marca – recebeu, do insensato pai, títulos, terras e dinheiro que o tornam, apenas com a idade da minha Leonor, num dos nobres mais ricos do reino, quase tão rico como o seu meio-irmão Fernando, a quem se deve subjuagar. E a que patronos o entregou o pai: o prior do Hospital e o tio Álvaro de Castro são padrinhos poderosos. Dinis recebeu menos do que o irmão, numa clara distinção do futuro que o infante D. Pedro imagina para um e para outro. E o que sentirá o herdeiro do trono perante tudo isto? Fernando fará dez anos em outubro, e há dez anos que é ignorado pelo pai, que desonrou a sua mãe – sim, Abel e Caim, queira Deus que a história não se repita.

Toro, 15 de agosto de 1355

Leonor não queria acreditar naquilo que João e Gonçalo lhe propunham. Mas, na realidade, queria. Queria muito. Mas desconfiava. Os irmãos nunca a levavam com eles nas suas escapadelas, porque é que de repente a vinham desafiar para caçar umas criaturas chamadas alfabardas.

– Alfabardas? Parecem-se com que animal?

João insistiu:

– Alfabardas é como lhes chamam em Trás-os-Montes, aqui não sei.

– Mas são da família dos ursos? Dos lobos?

Gonçalo fez com as mãos um desenho no ar:

– São criaturas mágicas. Se esperarmos muito quietos à beira do Douro com um saco de serapilheira aberto e lá dentro pusermos um colar de pérolas, são atraídas pelo brilho das pedras e entram... E zás, fechamos o saco e apanhamo-las.

– Mas, se são mágicas, não caem nessas esparrelas – protestou Leonor.

João usou o seu tom mais convincente, usando da lisonja, que surtia efeito na sua irmã mais nova:

– São poucos os que conseguem, mas tenho a certeza de que és capaz de atrair uma... a não ser que tenhas medo.

Leonor negou com a cabeça:

– Medo não tenho, mas frio, isso sim.

– Frio em agosto?

– Frio num dia de chuva – protestou, mas animando-se perguntou:

– Gonçalo, também achas que sou capaz?

O irmão do meio assegurou-a de que sim.

– Mas tens de recitar: «Biobardo, vem-te ó fardo, q'eu fantasma por ti aguardo.»

Leonor estava já convencida:

– E depois guardo-a numa jaula? Posso pedir-lhe favores?

Leonor sabia exatamente o que iria pedir. Que se fossem embora dali, que voltassem a casa, e o pai com eles.

Gonçalo chegou o dedo aos lábios:

– Não podes dizer a ninguém que vamos. Nem à Aisha.



Aisha entregou-me uma Leonor ensopada até aos ossos, com uma frase curta e seca:

– Senhora, mande que lhe deem um banho quente, com alecrim e alfavema, para afugentar o frio e o medo. E aos seus filhos mais velhos recomendo que os açoite, enquanto vai a tempo.

Leonor tiritava de frio e aceitou sem protesto que lhe despisse as roupas, enquanto as criadas traziam água quente da cozinha para encher uma tina. Aflita, confirmei que as roupas estavam intactas e que não tinha mais ferimentos, para além das palmas das mãos e dos joelhos esfolados.

– Onde andaste a meio da noite? – perguntei. – A tua irmã foi contigo? – insisti. Mas a chegada de Maria de camisa de noite e estremunhada confirmou-me que a tinham, como sempre, excluído da aventura, fosse ela qual fosse.

Com uma toalha sequei vigorosamente a minha filha mais nova, que continuava sem soltar um pio. Mas quando, por fim, a sentei ao meu lado, foram as vozes alteradas nas ruas, o correr de botas nas escadas e o som dos sinos que falaram por ela.

Insisti:

– Leonor, o que é que aconteceu?

E Leonor contou-me. Os irmãos tinham-na levado até à ponte, e da ponte romana desceram até à beira-rio, onde a deixaram junto das águas com um saco aberto, enquanto supostamente iam fazer a batida entre as ervas para que uma alfabarda fosse atraída para a armadilha. E depois tinham-na deixado ali, a estremecer a cada ruído, julgando ouvir patas, a habituar os olhos ao breu da noite, imaginando ver brilhar olhos de faunos e outras criaturas, procurando identificar os latidos e o coaxar das rãs, sobressaltando-se quando uma delas saltava para a água, provocando um redemoinho na superfície.

E fora então que os vira, na outra margem.

– Aos teus irmãos? – perguntei.

Leonor abanou que não com a cabeça.

– Um bando de homens do rei.

– Do rei, de qual rei? – perguntei, julgando que delirava.

– Do senhor D. Pedro de Castela, minha mãe.

Entrelaçando os dedos, num gesto de aflição, acrescentou:

– E então do nosso lado da ponte saíram os nossos. Guardas, não sei, tinham-nos visto da torre e desceram para os emboscar. Atravessaram a ponte e instantes depois ouvi o metal de espadas contra espadas e os gritos e o galope dos cavalos. E foi então que Aisha me salvou...

– Aisha, o que fazia Aisha lá? E os teus irmãos?

– Aisha soube, Aisha sabe estas coisas, mãe. O João e o Gonçalo estavam ao seu lado, a tremer como varas verdes – acrescentou, agora já mais ela, mais segura de si, preparando-se já para tirar os dividendos deste pesadelo.

Benzi-me. Obriguei-a a ajoelhar-se junto da imagem da Virgem e a rezar uma ave-maria após outra.

– E agora ficas de joelhos até eu voltar – disse-lhe.

E Leonor, de mãos unidas, ficou, enquanto deitei uma capa sobre os ombros e desci à sala iluminada por tochas, onde encontrei Martim e os cavaleiros reunidos. Um deles sangrava de um braço, mas jurava que valera a pena porque matara um dos melhores amigos do rei.

– Vinham pelos presos.

Nunca mais ninguém se recordara dos aliados do rei que continuavam a apodrecer nas masmorras do castelo.

A rainha D. Maria mal se via, rodeada que estava pelos seus homens. Aldonça aproximou-se de Juana Manuel, que Enrique de Trastámara deixara em Toro como garantia da sua intenção de regressar o mais rapidamente possível com reforços.

– O que se passa? – perguntei.

– Aldonça, a rainha está aterrorizada, o filho vem por ela!

– Então que solte depressa os prisioneiros – murmurei, com impaciência.

Juana Manuel concordou:

– Hoje mesmo o fará, mas o senhor D. Pedro de Castela vem por nós todos, Aldonça. Queixou-se publicamente em Burgos de que a rainha o manteve cativo, quer fazê-la vir à sua obediência, vai fechá-la num castelo, como faz com Blanche de Bourbon, que continua a resistir em Toledo.

– E agora está aqui às portas de Toro. Não temos soldados que cheguem, onde está o teu marido? Precisamos de Enrique e de Fadrique, e de Telo, e de todos os cavaleiros que estão cansados das loucuras de D. Pedro de Castela – reagi, pela primeira vez, sem pinga de pena do rei. Como se tornara tão cruel?

Juana Manuel garantiu-me que a rainha já lhes enviara um apelo urgente, pedindo-lhes que lhe acudam e que venham com todos os homens que conseguirem.

Lembrei-me de que deixara a minha pobre Leonor ajoelhada, depois de uma noite de terror, julguei que já se tivesse escapado para a cama, mas a minha filha estava onde a deixara, as mãos unidas, rezando mais uma ave-maria.

Toro, 24 de novembro de 1355

Leonor viu o estandarte do rei D. Pedro do cimo do campanário do mosteiro, a que subira com *Noctua* no punho, para dali o pôr a voar. Na outra margem do rio, a uma velocidade estonteante, surgiam tendas e mais tendas, que pareciam levantar-se sozinhas. Sempre era verdade, o rei de Castela cercava o castelo de Toro, procurando levar a mãe a abrir-lhe as portas da cidade, a que acabara de chegar Enrique de Trastámara com mais de mil e duzentos homens, seguindo-se-lhe o gémeo, Fadrique, também com um exército.

O rei não lhes perdoava, e eles não perdoavam ao rei, desta vez aconteceriam mais do que escaramuças nas margens do Douro, afligiuse. Assobiou para que a sua ave voltasse à luva, e cobriu-lhe a cabeça com o caparão bordado a ouro que Juana Manuel lhe oferecera, e murmurou baixinho:

– *Noctua*, quando já não houver um saco de farinha dentro das muralhas e estivermos a morrer à fome, vais ter de ir caçar para mim... ratos e ratazanas, que é demasiado perigoso desceres ao rio, ainda te acertam com uma seta envenenada.



A voz aguda da rainha D. Maria suplantava a de Enrique de Trastámara e chegava ao horto do mosteiro, onde Leonor e a irmã colhiam ervas medicinais, sob a supervisão de um irmão boticário que ou era surdo ou fingia ser, porque não parecia dar pela gritaria.

– A rainha está furiosa porque Enrique de Trastámara vai partir, levando com ele os homens que trouxe – disse Maria.

– E deixa-nos à nossa sorte – indignou-se Leonor.

– Deixa-nos a mulher como garantia de que regressa em breve e diz que vai ao encontro de Fernán de Castro para lhe pedir ajuda a libertar-nos deste cerco.

Leonor franziu o sobrolho, cínica.

– Foge enquanto pode, mana.

Nos últimos meses de idas e vindas dos grandes senhores, Leonor tinha consolidado a sua convicção de que nenhum destes homens era de fiar. Nem os que estavam dentro das muralhas, nem os que

aguardavam do lado de fora uma oportunidade para os matarem a todos, ou pelo menos os que sobrassem das doenças provocadas pela água contaminada ou pela peste, que já levava a isolar um dos bairros de Toro. E, sinceramente, agora a única coisa que lhe interessava era tratar a mãe, que desde há uns dias ardia em febre.

Dirigindo-se ao boticário, pediu:

– Irmão, diga-me de novo o nome desta folha e para que serve.

E após aquela tirou do cesto outra, e mais outra, e mais outra, escutando com toda a atenção o que o frade lhe dizia. Para as venenosas tinha as explicações de Aisha, que lhe mostrava como as podia picar, pisar e misturar de forma a obter poções mortais, mascarando-lhes o sabor para que quem as ingerisse misturadas com os alimentos não desse por elas.

Mas a irmã mais velha voltou à carga:

– Talvez o Trastámara não seja o cobarde que julgas. O pai diz que talvez o rei levante o arraial e lhe vá no encalço, e nesse caso conseguiríamos vencer os que ficam. Para o rei de Castela é mais importante apanhar o Trastámara do que ajustar contas com a própria mãe.

– Sei lá eu quem é que D. Pedro odeia mais. Aisha diz que, quando um filho se sente traído por uma mãe, torna-se numa criatura feroz, capaz de tudo. Diz que fica cego à razão e que acredita que só terá paz se conseguir calar aquela voz que o acusa constantemente dentro da cabeça, que o humilha.

Foi a vez de Maria Teles a olhar do alto dos seus mais quatro anos, ridicularizando-a:

– Limitas-te a repetir o que ouves, és uma criança, o que percebes do que se passa na cabeça de um homem, de um rei?

Leonor corou e sentiu crescer dentro de si uma fúria incontável. Era nestas alturas que a mãe lhe dizia para rezar pedindo serenidade, mas qual oração, tudo o que lhe apetecia era esmurrar aquela cara perfeita da sua irmã perfeita:

– Cala-te já ou ponho-te na comida uma peçonha pior do que aquela que matou o senhor de Albuquerque.

Afinal, o frade não era surdo. Sem cerimónias, pegou num braço da mais nova dos Teles e levou-a para um canto do jardim:

– Quem se descontrola assim não merece estas folhas – disse, e arrancou-lhe o cesto das mãos, deixando-as marcadas pelo vime de tal forma se recusava a largar a asa.

Leonor procurou conter as lágrimas e, com a voz trémula, implorou:

– Frei Jorge, tenho de curar a minha mãe, não percebe? Não percebe? – repetia.

Mas o frade não cedeu.



Tremo como varas verdes, como se estivesse ao frio e à neve, em lugar de nesta cama, coberta de almofadas e botijas, e dói-me o corpo todo, do dedo mindinho do pé às pálpebras, que nem sou capaz de abrir sem um gemido. Aisha dá-me a beber julepos e xaropes, e por momentos a cabeça deixa de latejar, os dentes de bater, e torno a ser capaz de articular uma frase com princípio, meio e fim.

– Será a pestilência? – pergunto, aflita, temendo por mim e pelos meus filhos, mas tanto a mouro como o físico da rainha sossegam-me. Não encontram bulbões nas axilas e o azul da morte não me tomou, não há razão para alarme, nem para me isolarem, dizem-me, mas peço-lhes a maior cautela. «Por hoje, mantenham as crianças longe», digo, mas não estendo a proibição ao meu marido, imaginando que, ao saber-me doente, se apresse a visitar-me, mas é uma ideia tão delirante como aquelas que a febre me provoca. Mando perguntar se Martim não vem.

Está demasiado ocupado a conversar com o legado papal que veio ao arraial frente a Toro em busca do rei, com a missão de o convencer a soltar e assumir a rainha Blanche de Bourbon e de o ameaçar com nova excomunhão se não cumprir com o que jurou no altar, mas mais valia ter vindo batizar a terceira filha de María de Padilla, que nasceu há dias e que para alívio de todos – e desilusão dos pais – ainda não foi um varão. Deram-lhe o nome de Isabel.

Como é que é possível que, face às evidências, persistam em impor a D. Pedro um casamento que, claramente, recusou? Até a mim já me falta a paciência, mas também é certo que pouco me importa que os franceses entrem por aí aliados ao Trastámara, a pretexto de salvarem D. Blanche de uma tal humilhação – a guerra entre os franceses e os ingleses estende-se para sul, e tudo o que querem, uns e outros, é garantir que Castela, Aragão e Portugal estejam por eles.

Uma das minhas aias traz-me um bilhete do meu marido.

Martim desculpa a sua ausência com a necessidade de sossegar D. Maria – que deslante! Imagino como lhe assentariam bem os panos de dó, como lhe conviria a minha morte. O que o impediria, então, de se casar com ela? Nada.

Mas porque me torturo quando tudo o que me importa é sobreviver, não por ele, nem por ela, mas pelos meus filhos, ainda tão pequenos.

Obrigo Aisha a prometer-me que não os deixará, que guardará Maria da sua excessiva candura, que impedirá Leonor de ser a maior inimiga de si própria.

Aisha junta as palmas das mãos e leva as pontas dos dedos aos lábios, selando o seu assentimento. Descansa-me saber que ficará com elas, que ficará com Leonor, vejo bem como é a sua favorita, talvez porque lhe lembre Inês de Castro, com o mesmo insaciável desejo de aventura, de decidir o seu próprio destino. «Que o de Leonor não seja o de Inês», imploro-lhe, e ela, solenemente, garante-me que não será.

Toro, dezembro de 1355

– Mãe, mãezinha, os homens do senhor D. Pedro estão cada vez mais próximos das muralhas – disse Leonor, correndo da janela para a beira da cama da mãe, já recostada sobre as almofadas, um pouco de cor no rosto ainda demasiado pálido...

Aldonça estendeu-lhe a mão, apertando-a na sua, imaginando que a filha estava assustada, e Leonor tremia, mas tremia de excitação, de antecipação...

Nas últimas semanas, os soldados do rei de Castela apertaram o cerco, lá em baixo, a ponte sobre o Douro estava de tal forma aparelhada de engenhos de guerra que mais parecia a torre de um castelo.

– E o teu pai voltou a sair? – perguntou Aldonça, e a filha acenou um sim.

Martim Telo e o seu grupo de cavaleiros faziam constantes incursões no arraial inimigo, mas as baixas tornavam-se maiores de dia para dia. Os mortos ficavam no campo, à espera de que durante a noite fosse possível resgatá-los, os feridos, quando tinham sorte, eram atirados para a garupa de um cavalo, trazido à rédea pelo caminho das Hortas, que conduzia à única porta que ainda estava sob o controlo dos aliados da rainha.

– Mãe, temos cada vez menos soldados na ronda. Porque é que a senhora D. Maria não se entrega, podendo o pai e todos nós voltar para Portugal – sugeriu Maria.

Leonor olhou-a com desprezo:

– Entregar-se? O rei, se a apanha, prende-a nas masmorras.

Maria procurou ridicularizá-la:

– Nas masmorras?! Mantém-na vigiada, como fez em Tordesilhas.

Leonor não gostava de ser contrariada:

– Envenena-a! Como vai fazer à rainha Blanche e a todos os que lhe saíam ao caminho.

Aldonça mandou-a calar, mas Leonor estava inflamada com as suas certezas:

– Degola-a, como aconteceu a Inês de Castro.

A irmã escondeu a cara nas mãos, em lágrimas, e assustada com o impacto das suas palavras, aflita com a aflição que via na cara da mãe,

sentindo-se tão egoísta e miserável por a ter preocupado, como se não bastasse a fraqueza que lhe deixara a doença, reagiu como reagia sempre que não sabia como desfazer o mal feito: atacou.

– Pieguinhas.

E, vermelha, virou costas e saiu dos aposentos, batendo com a porta, como se fosse ela a ofendida, e cega pelas lágrimas que finalmente lhe enchiam os olhos foi de encontro ao pai, sem o ver.

Martim, a espada ainda a pender-lhe do cinto, segurou-a:

– Onde é que vais com essa fúria toda, menina Leonor?

E, baixando-se para a encarar, maravilhou-se pela milionésima vez com a sua beleza:

Leonor, num impulso, passou-lhe os braços em redor do pescoço, e escondeu a cara no seu ombro, dando um suspiro de alívio. Pelo menos desta vez o pai regressara vivo. Por toda a cidade repicavam os sinos – havia muitos que não tinham tido a mesma sorte.



As notícias do infindável cerco de Toro já chegaram a Portugal, e as da minha doença também. Guiomar aconselha-me a voltar para casa ou, se estiver fraca de mais para fazer a viagem, que lhe envie os meus filhos – garante-me que em Santarém estarão seguros e que cuidará deles como dos seus, que têm a idade dos primos. Mas, mesmo que conseguisse separar-me deles, como sairiam em segurança daqui, sabendo, como toda a gente sabe, que são filhos do amante da rainha, talvez o motivo mais forte para que D. Pedro não desista desta conquista?

Bebo mais um gole do xarope que Aisha me trouxe, agradecendo a doçura do mel que juntou para disfarçar o amargo da raiz de mandrágora, na esperança de me aliviar as dores, mas no meu íntimo sei que já nada me salvará. Já vi demasiada gente morrer deste mal para acreditar que terei a fortuna de lhe escapar, por muito que o meu confessor me acuse de falta de fé e as minhas damas me encham o quarto de imagens de santos e relíquias de mártires.

Tenho um novo ataque de tosse, e o lenço com que tapo a boca tinge-se de sangue, que me deixa um sabor metálico, enquanto escondo o pano apressadamente, com receio de que Maria ou Leonor o vejam. Se ao menos este maldito cerco terminasse.

Toro, 16 de janeiro de 1356

Os portões abriram de par em par, algum traidor de dentro levantara os ferrolhos, soltando as traves de ferro que bloqueavam os portões, escancarando-os para que, finalmente, o senhor D. Pedro tomasse a cidade. Leonor saía da falcoaria quando o viu, a fita de couro a prender-lhe os cabelos, como sempre, os cabelos louros até aos ombros, balouçando ao ritmo do passo da montada, trocando palavras com os cavaleiros que o rodeavam, protegendo-o de algum ataque imprevisto.

Os músicos do rei tocavam trompetas e charamelas em ruas onde o povo se ajoelhava e aclamava D. Pedro de Castela, enviando procuradores para lhe pedirem perdão, deitando as culpas para a rainha, sua mãe, e para aqueles senhores que estavam com ela e os haviam obrigado a resistir.

D. Pedro sorria-lhes, do cimo do cavalo branco, afável, ordenando aos criados que distribuíssem sacas de cereais e barris de vinho para tirar a barriga de miséria dos infelizes que não tinham culpa de nada.

Leonor pousou a ave na alcândora e correu para dentro da torre, subindo os degraus dois a dois, amaldiçoando a saia demasiado comprida em que por mais de uma vez tropeçou, chamando pelo pai. O rei vinha por ele. Vinha por eles.

Chegava tarde. A senhora D. Maria e D. Juana Manuel, na companhia dos poucos cavaleiros que lhes restavam, escutavam já o mensageiro de D. Pedro. O rei pedia à senhora sua mãe que o viesse receber fora das pesadas portas do alcácer onde se tinha refugiado.

Leonor observou a lividez da rainha, o tremor das mãos da mulher de Enrique de Trastámara e o medo no rosto dos cavaleiros. O medo no rosto do pai.

Sem que trocassem mais do que um olhar, como se este ato estivesse já mil vezes ensaiado, a rainha deu um passo em frente e numa voz firme – como Leonor a admirou! – declarou ao criado do seu filho que para cumprir exigia garantias. Disse-lhe que transmitisse ao rei que não saía do alcácer sem a promessa de que não exerceria represálias, nem nela, nem naqueles que se lhe mantinham fiéis, procurando guardá-la de todos os perigos. Podia, porventura, o filho querer mal a quem amparava a mãe?

Leonor não ficou para ouvir a resposta, esgueirando-se para a câmara onde estava a sua mãe. Precisavam de fugir dali o mais depressa que conseguissem.



– Aisha – gritou Aldonça, com uma força que não sabia que tinha. – Aisha, leva-as daqui e esconde-as.

Com gestos rápidos e sem dizer uma palavra, a moura cobriu os cabelos ruivos de Leonor com um lenço, passando-o de seguida sobre a cara afogueada, deixando-lhe só uma frincha para os olhos, fazendo depois o mesmo a Maria. Em seguida fez sinal a duas criadas para que a ajudassem a tirar Aldonça da cama, passando-lhe pela cabeça uma túnica moura até aos pés, perante o espanto das crianças, que, no entanto, não deram um pio.

Indicando a tapeçaria que cobria a parede da câmara, puxou-a para um lado, deixando que a pequena comitiva passasse, descendo umas escadas exteriores que conduziam à rua e, já na rua, mandou-as apressar o passo em direção à mouraria.

– Aisha, vamos em direção à praça onde está o rei e a sua turba, onde está o povo na rua – protestou Leonor.

Aisha parecia não a ter ouvido, porque continuavam em frente, fazendo-lhes sinal de que se misturassem com a multidão, abrindo caminho em direção à muralha.

– Não parem, não parem – ordenou, ao ver que as duas crianças estacavam, hipnotizadas pela figura do rei, de olhos postos na porta da alcáçova, a última que ainda lhe faltava franquear.

Mas, subitamente, Leonor parou e Maria chocou contra ela, dando um grito, que levou Aisha e Aldonça a paralisar, olhando em redor, assustadas.

– Ali, ali – disse Maria, num sussurro, mas já Leonor a deixara para trás, disparando a correr entre a multidão, direta à ponte levadiça onde acabava de surgir a rainha D. Maria, ladeada de D. Juana Manuel. Atrás delas, vinha um grupo de cavaleiros, que conhecia tão bem. O mais alto, o mais bonito de todos, era o seu pai.

Sem espada à cintura.

Sem armadura ou colete.

Maria, ofegante, por fim alcançou a irmã e, debruçando-se sobre o seu ombro, constatou numa voz trémula:

– Abriram a porta! O rei deve ter garantido que não tocara na rainha nem nos fidalgos que lhe resistiram.

Leonor sacudiu a cabeça, incrédula.

– Ingênuos – exclamou. – Quem podia confiar num homem que mudava constantemente de ideias, que se transformara num tirano

cruel?

Ao ver a mãe aproximar-se, D. Pedro desmontou e avançou a pé em direção à rainha, os braços estendidos, prontos para um abraço, e a rainha deixou-se abraçar. Leonor estava já tão próxima que lhe conseguia perceber a tensão nas linhas marcadas do rosto. Fingindo não reparar na aflição da mãe, o rei dirigiu-se a Juana Manuel, que fletiu o joelho, numa vénia, distraíndo por instantes Leonor, até que um grito na multidão a levou a voltar a procurar o pai. Antevendo o que ia acontecer, atirou-se para a frente, as mãos abertas, gritando o seu nome, mas era tarde demais: os escudeiros do rei já avançavam sobre os cavaleiros e sacando de punhais esfaqueavam-nos cruelmente, um a um. Ali à vista de todos.

A rainha voltou-se, tapando o rosto com as mãos em terror, implorando sem cessar ao filho que parasse a carnificina, mas D. Pedro não disse uma palavra, não fez um gesto, limitando-se a prender-lhe o braço com uma mão firme. D. Maria soltou-se energeticamente das garras do filho, do monstro que gerara dentro de si, e avançou em direção a Martim Telo, ao amor da sua vida, mas o sangue jorrava das feridas abertas pelo punhal dos traidores e o corpo do mordomo-mor da rainha caía, vencido.

Leonor viu D. Maria desfalecer, caindo ao chão como morta, viu o gesto do rei ordenando que a levantassem, viu o sorriso de escárnio no seu rosto. Mordendo os lábios, forçou os olhos a manterem-se abertos. De punhos cerrados, jurou que D. Pedro um dia engoliria a crueldade, a aleivosia.

De novo de pé, como alguém que acorda de um pesadelo para logo mergulhar nele de novo, a rainha amaldiçoou o filho. O rei. Acusava-o de a ter desonrado, de ser um diabo mentiroso, e gritava estas palavras enquanto as mãos se emaranhavam nos cabelos, procurando arrancá-los.

– Mais queria estar morta – exclamava, enquanto os escudeiros de D. Pedro levavam a afronta mais longe, desnudando os corpos dos cavaleiros, retirando-lhes todas as insígnias, todas as joias.

Leonor correu para o corpo do pai, por entre as pernas dos guardas que cercavam as vítimas assassinadas, mas uma mão forte levantou-a no ar, indiferente aos pontapés e mordidelas que desferia a torto e a direito procurando soltar-se, e arrastou-a dali para fora.



O último olhar foi para ela, o último olhar foi dela, repito, e repito, e repito, e torno a repetir esta ladainha a que não consigo pôr um ponto final. Quando o punhal trespassou o coração do meu marido, era em direção à rainha que ele caminhava, era a senhora D. Maria que queria proteger, pensava nela, antes mesmo de si próprio.

Antes de nós.

De mim.

Dos nossos filhos.

E era esse amor altruísta, essa paixão, que o rei D. Pedro não suportava, roído de ciúmes doentios por ver a mãe amar um outro que não ele. Todos os cavaleiros que hoje mandou matar à traição não foram mais do que pretexto para esconder que apenas queria ver um de entre eles cortado em pedaços: Martim Telo, o amante, que se atrevera a partilhar a alcova da rainha.

Pobre D. Maria, caiu por terra como uma boneca desconjuntada. Corajosa D. Maria, na raiva com que amaldiçoou o rei. Gritou que preferia a morte, e o grito sincero veio-lhe do fundo do coração.

Não consigo odiá-los, nem tão-pouco calar esta mágoa de que o seu último olhar tenha sido para ela.



Desperto, neste quarto humilde de paredes caiadas de branco, para o qual Aisha me trouxe até que seja seguro voltar ao alcácer, e sinto sobre mim os olhos de Leonor, e arde neles uma tristeza tão funda que fecho os meus, incapaz de a suportar. Estendo-lhe a mão, que segura na dela, e faço-a prometer, de novo, que nunca será «a outra». Que nunca será nem Inês de Castro, nem María de Padilla, nem... Maria de Castela.

Baixa a cabeça e, com aquela crueldade que esconde a explosão de emoções que não sabe controlar dentro de si, responde, fria:

– Nem como a senhora, minha mãe!

E abraça-me num pranto sem fim.

II PARTE (1356-1367)

CRESCER ENTRE SOMBRAS

Não soltes o falcão até veres a lebre.

Provérbio chinês

Toro a Santarém, maio de 1356

Leonor segurava com ambos os braços a caixa coberta por um pano negro, procurando evitar que a trepidação da carroça perturbasse ainda mais o seu falcão, o olhar perdido nos campos que ladeavam a estrada que os levaria de regresso a Portugal – sepultado o pai, sepultada a mãe, que não resistira à doença, ao desgosto... Aisha não lhe soubera dizer.

Tinham sido sepultados juntos, bem feita, bem feita para D. Maria, porque, no dia do Juízo Final, Martim Telo erguer-se-ia dos mortos junto de Aldonça de Vasconcelos e não dela. Fora tal e qual o que dissera a todos os que a quiseram ouvir.

Mas agora viajavam os quatro com a rainha, que agia como se os tivesse herdado do amante morto. Reunira-os há dois dias para lhes dizer que o rei de Castela a autorizava a «ir morrer a Portugal». Leonor lembrava-se de que fora esta a expressão que utilizara, e que os levaria com ela, que os amava como filhos, que por vontade sua ficariam a seu cargo. Fora então que perdera a cabeça, dizendo-lhe na cara que, se fosse obrigada a viver com ela, fugiria. Gonçalo mandara-a imediatamente calar-se, e ela calara-se. A rainha não dissera nada.

Leonor puxou o pano e espreitou *Noctua*, que parecia adormecido – esperava que gostasse de Santarém, para onde iam. A tia Guiomar Pacheco teria seguramente muitos falcões e falcoeiros, ao menos isso. O irmão do pai não era nada parecido com ele, e Aisha, a princípio, torcera o nariz à ideia de ficarem a viver com o braço-direito do homem que mandara matar Inês de Castro, a irmã – meia-irmã, mas pronto! – de Diogo Lopes Pacheco, que urdira o infeliz desfecho.

Encolhera os ombros e nem se deu ao trabalho de insistir. As hesitações de Aisha não dariam em nada, porque jurara a Aldonça de Vasconcelos que cuidaria dos seus filhos, que cuidaria dela, e Aisha nunca voltava com a palavra atrás.

A senhora D. Maria tossiu, e Leonor virou sobre ela a atenção. Não podia dar-se ao luxo de usar panos de dó, porque o luto de um cavaleiro não o justificaria e uma mulher não pode chorar um amante sem se denunciar, muito menos quando espera que o pai acredite que para ela Martim Telo não passava de um bom vassalo e tudo o resto era má-língua. Invejou-lhe a capa com gola de arminho e

avaliou as joias que a prendiam sobre o peito, mesmo abatida e derrotada era linda.

Quando pararam para descansar, Leonor procurou Gonçalo e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Mano, alguém devia avisar a senhora D. Maria de que corre perigo. A estrela do diabo ainda não se apagou...

O irmão abriu-lhe os olhos, procurando calá-la, mas Leonor insistiu:

– Aisha não se engana.

Gonçalo impacientou-se, murmurando de volta:

– O que estás a dizer é que o rei de Portugal pode fazer mal à sua filha adorada?

Leonor abriu as mãos, como se não acreditasse que fossem precisas explicações, o que só irritou o irmão.

– Acaba de vez com essas conversas de bruxas e estrelas diabólicas ou tenho de te afastar de Aisha.

A ameaça assustou-a, mas apenas por uns instantes. O irmão não tinha poder para a separar de Aisha, ninguém tinha, e quando a pobre rainha aparecesse morta dar-lhe-ia razão. E ela ganharia a sua consideração e nunca mais a trataria como uma criatura sem nada na cabeça.

– Aisha diz que os assassinos de Inês são homens mortos. Quando o senhor D. Pedro for rei, esfola-os vivos.

Gonçalo encolheu os ombros:

– Para a tua Aisha estamos todos mortos – troçou. – Não sabe que D. Pedro jurou sobre os Evangelhos, em Canaveses, que perdoava a todos os envolvidos na morte de Inês de Castro.

Leonor não se conteve:

– Também D. Pedro de Castela disse à rainha D. Maria que podia sair sem perigo do alcácer de Toledo e que não faria mal aos seus cavaleiros, e onde estão agora? Mortos. Onde está o nosso pai? Morto!

Gonçalo concordou com um aceno da cabeça. Decididamente as promessas e os juramentos valiam pouco. Fez uma festa no braço da irmã:

– Talvez D. Pedro de Portugal apanhe os outros dois, mas será mais difícil chegar a Diogo Lopes Pacheco. Consegue tornar-se invisível e desaparecer sem deixar rasto. Tem olhos e ouvidos em todo o lado e age sempre por antecipação.

Mas Leonor confiava nos poderes de Aisha. Aisha saberia onde encontrá-lo.

Quando chegaram ao Sabugal, onde pernoitariam, D. Maria chamou Leonor, que avançou, solícita. A rainha caminhou ao seu lado, por entre as amendoeiras em flor, enquanto lhe contava:

– A última vez que estive aqui foi nas vésperas do meu casamento com o rei Alfonso XI de Castela, o pai do homem que matou o teu pai.

Leonor olhou em redor, na esperança de que Maria ou um dos irmãos viesse em seu socorro. O que dera à rainha para fazer dela confidente?

D. Maria não parecia reparar no nervosismo da criança, e continuava:

– Vieram comigo os meus pais e o meu irmão Pedro, e até a minha avó, a rainha D. Isabel de Aragão, que me criara. Era muito parecida contigo: bonita, muito bonita, e como tu, alegre e sedutora, com aquela segurança que têm as pessoas a quem nunca passou pela cabeça que os outros não as adorem e as sirvam até ao limite das suas possibilidades. Mas ela era santa e tu não...

Leonor indignou-se, não era uma mimada, como a rainha insinuava. Disse-lho alto, mas a rainha nem parecia ouvi-la. Falava sozinha, só podia ser isso, pensou.

– Sentia-me tão feliz, mas rapidamente percebi que o meu noivo tinha a cabeça noutro lado. Cumpria uma obrigação, mas o coração não estava lá. Mal sabia, então, que já se apaixonara por uma jovem viúva da Andaluzia.

Leonor não se conteve:

– D. Leonor de Guzmán?

Desta vez a rainha reagiu. Sim, Leonor de Guzmán, a causadora de toda a sua desgraça.

– Fomos para Ciudad Rodrigo e adoeci de desilusão. A minha mãe ficou uma semana comigo, a pretexto da doença, procurando dizer-me que o afeto cresceria entre nós com o tempo, mas como pode crescer o amor se o outro nos evita, se nunca estamos juntos? Se nos humilha e faz da amante rainha, ignorando-nos?

Leonor corou e secretamente pensou que talvez fosse verdade o rumor de que Pedro de Castela era Pedro Gil, filho de um judeu...

A rainha repreendeu-a:

– Vejo pela tua expressão o que te vai na cabeça. Rumores. Leonor, os rumores são a forma como os traidores matam as mulheres, cobrindo-as de imerecida vergonha, conscientes de que dependemos do bom nome para legitimar a nossa descendência. Quando te entregares à má-língua, recorda-te de que as palavras são como as penas, espalham-se facilmente com o vento, chegam onde nunca imaginaste e, depois, por muito que desejes retirar o que disseste, nunca serás capaz de reparar o dano que causaste.

Leonor olhou-a pela primeira vez com admiração. Não se esqueceria do conselho, prometeu, enquanto a rainha suspirava:

– Fui infeliz, Leonor, muito infeliz, eternamente amarga e revoltada. Tive a ilusão de que conseguira esconder essa mágoa do meu filho, o senhor D. Pedro, mas enganei-me. E ele, no dia em que matou Martim Telo, o único homem que amei, mostrou-me que o contaguei com o

meu ódio. E tu e os teus irmãos foram as maiores vítimas. Desculpa-me, Leonor Teles – disse, e tirou da pequena bolsa à cintura a pulseira que esta recusara naquele dia em que dançara como uma cigana, ao som das palmas das damas e dos fidalgos, no dia em que dançara para o pai.

Leonor observou o aro de ouro que brilhava na palma da mão da rainha, tentada a aceitar, mas não lhe tocou.

– Não posso aceitar, senhora D. Maria – disse. E, voltando-lhe as costas, correu em busca dos irmãos, os punhos cerrados contra as maçãs do rosto, impedindo-se de chorar.



– Senhora D. Guiomar, já passaram Coimbra – diz-me o escudeiro que enviei ao encontro da caravana da rainha D. Maria, para que me avise com tempo da sua chegada. Vem entregar-me os meus sobrinhos, pobres infelizes, testemunhas de um crime tão horrendo, órfãos de pai e mãe com semanas de distância. Que venham, que venham o mais depressa que for possível, quero-os longe desse lugar amaldiçoado.

Olho-me ao espelho, enquanto uma das minhas damas me penteia e outra me maquilha. Não sou bonita, os meus olhos pequenos contrastam com o nariz demasiado longo, mas sou alta e elegante, e depressa percebi que a beleza do que vestimos e a riqueza das joias que usamos mascaram facilmente as imperfeições da natureza. Descobri, também, que são as mais espertas e cultas as que perduram na alcova de um homem.

Aprendi-o na melhor escola do reino, a corte de Álvaro Gonçalves Pereira, prior da Ordem do Hospital, por onde passaram as muitas mulheres que o encantaram e a quem, sem remorsos, fez filhos que hoje o servem com devoção. Devoção idêntica à minha, que o amo como a um pai. Devo-lhe, aliás, o meu casamento com João Afonso Telo, quase dez anos mais velho do que eu, e que até hoje – tantos anos depois – continua a ser um casamento feliz. Tive mais sorte do que Aldonça de Vasconcelos, pelo menos a partir do momento em que o meu cunhado Martim passou a servir a rainha viúva de Castela.

Perfumam-me e calçam-me os sapatos azuis e dourados de que gosto tanto, e mando chamar os meus três filhos, Afonso, João e Leonor, para que venham acolher os primos. As camas já estão feitas, juntei as três raparigas numa cama e os rapazes dois a dois. Conhecem-se bem e os laços da infância apertam-se com facilidade. A vida nesta nossa corte de Santarém tornará mais fácil esquecerem tudo o que passaram.

Aldonça escreveu-me poucos dias antes de morrer, e a caligrafia trémula denunciava como entrava já na agonia final. Depois da carnificina provocada por D. Pedro de Castela, Aisha manteve-os escondidos em casa de um amigo, o baíro mouro de Toro, temendo que o rei viesse pelos seus filhos, tomando-os como reféns. O rei parece não entender que, por cada um que mata com tamanha malvadez, nascem dez novos conspiradores, sedentos de sangue.

Desdubro a carta e releio de novo o pedido da minha cunhada:

«Guiomar, cunhada minha, arrependo-me de não ter tido a coragem de te enviar mais cedo os meus queridos filhos, expondo-os a tantos perigos, mas não conseguia suportar aquilo que sabes que tenho suportado nos últimos anos sem a sua proximidade e companhia.

Martim foi apunhalado à traição, morreu pela mulher que amou e serviu, que não fui eu. Engulo a minha humilhação, e penso agora, por fim, só em João, Gonçalo, Maria e Leonor, que em breve ficarão também sem mãe, porque já não me restam muitos dias.

Peço-te de todo o coração que os acolhas como filhos teus, e os ames e protejas, e que o meu cunhado proteja e aumente tudo o que herdaram, garantindo-lhes o futuro que merecem.

Para as minhas filhas peço-te que encontres maridos que as engrandeçam e amem, um desejo tão difícil de cumprir como ambicionar que lhes entregues a lua, mas que te peço na mesma, porque conheço a tua inteligência e determinação.

A minha história teria um final diferente se tivesse sido mais como tu, que nunca te submeteste a ninguém, não abrindo mão do poder que uma mulher pode ambicionar se não

desistir de governar o que é seu.

Vais gostar de Leonor, tão parecida contigo, não deixes que me esqueça e, por favor, querida Guiomar, protege-a de si mesma. Diz o que pensa, faz o que quer, o que, como sabes por experiência própria, é uma faca de dois gumes. E, por favor, modera a ambição que os Teles de Meneses trazem dentro de si, não a quero para os meus filhos – o preço a pagar é demasiado alto.»

Oiço já as trompetas e as exclamações dos arautos – estão aí. Saio para os receber neste dia em que o vale de Santarém se ilumina de otimismo. Cumprirei com tudo o que me pediu Aldonça, que descanse em paz.

Santarém, dezembro de 1356

Leonor desenhou um círculo no chão do terreiro com a biqueira da bota cardada que a tia Guiomar a deixava usar quando andava lá fora com os irmãos e os primos ou a treinar o falcão nos campos que rodeavam o paço, no termo da vila de Santarém. Preso a uma estaca enfiada na terra, estava um galo branco, a crista vermelho-vivo, o bico amarelo, e um ar tão desconcertado como o de Gonçalo, que se aproximou para tentar perceber que teatro era aquele. Especadas, sem saberem bem o que fazer, estavam Maria e Leonor Meneses, como que hipnotizadas.

– Enlouqueceste, Leonor Teles – perguntou-lhe, mas a irmã sorriu-lhe de volta, divertida, um sorriso de novo aberto, pensou com alívio. E, só por a ver sorrir assim, dispôs-se a entrar no jogo, obedecendo às suas ordens.

– Mano, faz-te útil, abre um outro círculo ao meio, para pormos o galo, e divide-o em vinte e quatro fatias iguais, tantas quanto as letras do alfabeto.

João e os dois primos pousaram as espadas e reuniram-se-lhes também.

– Vocês aí, ponham um grão em cada uma... e quando o galo o comer repõem-no imediatamente, porque em cada palavra podem estar repetidas várias letras...

– Maria, tu escreves no chão as letras que forem saindo, para ver que palavra formam.

Leonor puxou para trás a trança ruiva, as sardas bem visíveis nas suas faces coradas pelo calor.

– E a mim cabe-me fazer a pergunta – declarou, triunfante.

Guiomar observou-a, cheia de vontade de rir: Leonor Teles era a mais nova deste bando, mas aquela que metia todos os outros na ordem. Incluindo a senhora da casa, pensou, divertida. Aliviada. Chegara a Santarém tão calada, tão zangada, que temera que a violência de tudo a que assistira, o peso da orfandade, lhe tivesse roubado aquela alegria, aquele destemor, que desde pequenina a distinguira. Mas, aos poucos, Leonor voltava a si, empenhando-se nas lições, espantando os mestres com a sua inteligência rápida, o seu interesse pela política, a avidez com que devorava os livros a que

conseguia deitar mão, por muito que o confessor a admoestasse e a tentasse confinar aos livros de orações.

A luz do Sol incidia sobre os cabelos da sobrinha, incendiando-os, iluminando as suas feições perfeitas – era mais bonita do que a sua própria filha com o mesmo nome e aos nove anos, acabados de fazer, estava na cara que seria ainda mais bela do que Inês de Castro, mas não se assemelhava nem a uma nem a outra em temperamento. Leonor Teles conseguia ser fria e implacável, magoando antes de correr o risco de ser magoada, usando as palavras como setas que acertavam sempre no alvo. Aldonça bem lhe pedira que a protegesse dela própria, mas era difícil vencer a sua desconfiança, e sem que conseguisse dar esse passo não teria a possibilidade de a moldar.

Aproximou-se para tentar escutar a conversa entres eles, fingindo estar apenas a apanhar flores para a jarra da capela. Nem a viam, de tão empenhados em seguir as instruções de Leonor Teles, procurando colocar o galo no centro, sem levarem uma bicada.

– Mas então qual é a pergunta? – perguntou um dos mais velhos.

Leonor levantou a voz e disse:

– Quem será o primeiro a morrer, D. Afonso IV ou a rainha D. Maria?

Os irmãos e os primos entreolharam-se, e Guiomar, horrorizada, gritou-lhe que parasse imediatamente com a brincadeira. Mas o galo já estava no posto e antes que João o conseguisse apanhar avançou diretamente para a letra M.

Leonor fingiu que a repreensão não a perturbava, exclamando triunfantemente:

– O galo é um bom adivinho, não o metam na panela.



Olho com orgulho a pilha de documentos assinados que tenho sobre a minha mesa e faço mentalmente a conta ao total de rendas que receberei este mês. Tive sorte, João Afonso só viu vantagens numa mulher que lê, escreve e tira prazer de administrar e aumentar a riqueza do seu património e confia-me tudo. Desde a grande pestilência que matou a eito, os campos ficaram ao abandono, os mercados sem vendedores nem nada para vender, mas os *scriptoria* do rei e dos grandes senhores também se viram esvaziados de gente com estudos. Pela primeira vez, os fidalgos começaram a escolher mulheres cujas mães tinham tido a inteligência de as mandar educar. Eu sou uma delas.

Oíço a voz do meu marido, acabado de chegar de Lisboa, e antes mesmo que se sente à mesa posta na minha câmara, conto-lhe de supetão o disparate de Leonor e o galo. Ouve-me com atenção e, quando termino, pergunta, sem esconder o espanto:

– Tem poderes?

Faço uma expressão de genuína surpresa:

– Poderes? Estás-me a perguntar por Leonor ou pelo galo?

O meu marido parece abatido, atribuo-o à morte do irmão, mas João Afonso insiste:

– Que conversas pode a criança ter escutado?

E, vendo a minha perplexidade, justifica:

– O ambiente na corte em Lisboa está de cortar à faca. O rei está velho e cansado, e desiludido com os filhos. Com a filha e o filho. D. Pedro está cada vez mais louco, dança pela

noite fora nas ruas, com o povo, bebe demais e deita-se com mulheres que não são da sua condição, e depois de umas horas de sono, de cabelo desalinhado e a roupa engelhada, senta-se a administrar justiça. Recebe quem lhe dá na real gana, sem deixar que os queixosos sejam triados, e não deixa escapar ninguém sem pagar os seus crimes, mesmo quando são fidalgos a comê-los.

Imagino o descontentamento entre os grandes senhores de Portugal, habituados a gerir dentro de portas – e a seu favor – todos os protestos dos seus vassalos.

– Apela ao rei que controle o filho, e ele já não o faz? Temem o dia em que fechar os olhos de vez...

O meu marido assegura-me de que é exatamente isso.

– E que tem D. Maria a ver com tudo isto?

– A morte da rainha de Castela profetizada pelo galo, pelo galo de Leonor – comecei a dizer, calando-me imediatamente, envergonhada. Que disparate, agora também confiava naquela brincadeira?

– Os abutres que estão por Pedro de Castela receiam que a rainha viúva convença o pai a permitir que o seu irmão retome a luta pela coroa. Tirá-la definitivamente ao filho e à Padilla será, segundo dizem, o seu maior desejo.

– E é por isso que procuram voltar o pai contra a filha!

– Temo que o consigam, porque contam ao rei os mais sórdidos detalhes da relação de Martim com D. Maria, dizem-lhe que toda a Castela troca da mãe do rei, que põem em causa a sua virtude.

– Matou Inês de Castro por menos.

– Matou Inês de Castro por menos – concordou.

Quando João regressa aos seus aposentos, chamo Aisha e pergunto-lhe se está disposta a ir a Évora levar um recado...

Espero que o meu gesto recolha dividendos, penso sempre primeiro com a cabeça e só depois com o coração.

A moura acena que sim e parte sem demora.

Santarém, janeiro de 1357

Noctua abriu as asas e com um impulso partiu da luva de Leonor, subindo alto, tão alto que Leonor fechou um olho, alternando depois com o outro, na tentativa de conseguir que o ponto no céu se tornasse mais nítido. A ave procurava uma presa, sobrevoando os campos alagados pelas águas do Tejo, que não paravam de subir, galgando as margens e trazendo vida aos campos já semeados.

Noctua mergulhava agora a pique, as asas longas e pontiagudas coladas ao corpo como uma seta a uma velocidade estonteante, atacando pelas costas um pato que voava sem adivinhar que, dentro de instantes, estaria irremediavelmente preso nas garras do predador. Zás, Leonor jurava que conseguira ouvir a pancada do embate, e ali estava *Noctua* descendo em círculos – já em terra, o peregrino usaria o bico para a estocada final.

Leonor estremeceu.

A rainha D. Maria estava morta.

Aisha regressara ontem, recusando-se a revelar-lhes onde andara, mas ouvira-a confessar à tia Guiomar que nem a sua vigilância nem as suas ervas a tinham conseguido salvar. A rainha morrera envenenada, não podia ser de outra maneira.

Leonor caminhou em direção ao lugar onde *Noctua* a esperava, o som doce das cascavéis presas às patas a denunciá-lo. Sacou da faca de caça do cinto e, sem hesitar, cortou a «cortesia», o pedaço da presa com que se premiava a ave, guardando o pato no saco. Quem teria encomendado e pago ao algoz da pobre D. Maria?

O que sucedia no dia do Juízo Final a um homem que amara duas mulheres em simultâneo? E a cada uma delas?

Não, a questão não se punha, só a sua mãe entraria no Paraíso, decidiu. Chamou *Noctua* de volta à luva, o som gutural que ensaiara tantas vezes em Toro, quando todos eles ainda estavam vivos! Atou cuidadosamente os pioses, prendendo a ave, temendo que mesmo depois destes anos batesse asas e fugisse – já perdera demais.



Sei que os meus sobrinhos ficaram abalados com a morte da rainha D. Maria, mas não sou a favor de dourar os factos. Digo-lhes abertamente que tudo indica que foi assassinada por

D. Afonso IV, sim, o seu próprio pai.

É preciso que se preparem para o mundo, sobretudo as raparigas, que terão sempre de se valer a si próprias. Aprendi-o com a minha mãe, uma mulher tão forte e segura de si, orgulhosa do sangue real que lhe corria nas veias, mas que sabia que o seu futuro dependia das alianças que conseguisse estabelecer; aprendi-o com a sua irmã, a minha tia Teresa Sanches, senhora de Albuquerque, mãe de João Afonso, *o do Ataúde*, que comandou exércitos até depois de morto; e aprendi com Zulema, a magnífica Zulema, aquela que melhor sabia usar a razão. Troço de mim mesma, porque desde criança que acreditei que a moura era imortal – mas até ela saiu derrotada da última cavalgada em defesa de Inês de Castro, porque o amor deixa-nos sempre perigosamente vulneráveis. Mas o seu uivo de raiva ressoa ainda dentro do infante D. Pedro, como um dedo acusador. E D. Pedro levará o resto da vida que lhe sobra a expiar a cobardia. Temo que, cego pelo remorso, vá longe demais.

Santarém, maio/junho de 1357

Gonçalo pousou repentinamente a peça no tabuleiro de xadrez e chamou a atenção de Leonor, que jogava com ele, para o vulto de capa negra e capuz puxado sobre o rosto que descavalgava e entrava sorrateiramente por uma das portas laterais do paço. Os cavaleiros que o acompanhavam permaneceram na sombra, como se estivessem preparados para rapidamente seguir viagem. Os alforjes pendurados nas selas pareciam muito cheios, sinal de que partiam para longe.

- Quem é? – perguntou Leonor.
- Diogo Lopes Pacheco, conheci-lhe a montada e o pano de armas.
- Porque aparece em casa da irmã como um ladrão? – Leonor falava baixo, procurando não atrair a atenção do grupo que conversava num outro canto da sala.

Gonçalo voltou a pegar na torre e fingindo jogar fê-la avançar duas casas, enquanto dizia, num sussurro:

- Só pode significar que o rei morreu ou está prestes a morrer.

Há dias que se falava na doença de Afonso IV, e Aisha apontara-lhes Algol, regozijando com a luz mais esbatida da estrela do diabo.

Leonor não conseguiu esconder a excitação de quem, subitamente, teve um eureka.

- Foge, irmão. D. Diogo foge pela vida. D. Pedro já é rei, sabe que vem aí a vingança.

Gonçalo pôs discretamente o dedo sobre os lábios.

- Tens razão. Não se fia nos juramentos de D. Pedro, nem no de Canaveses, nem naquele que o pai lhe pediu que repetisse, já às portas da morte.

- O novo rei vai perseguir os assassinos de Inês – disse Leonor, entusiasmada.

Mas Gonçalo não estava tão certo:

- Ainda não. A senhora D. Beatriz não o permitirá, e o rei venera a mãe...

- Quem não parece acreditar nisso é D. Diogo! Repara, já se vai, nem passa cá a noite – disse a mais nova dos Teles, o ruído dos cascos de cavalo a afastarem-se a confirmarem que não se enganara.

Momentos depois, os criados acorreram a cobrir a pedra de armas da família com um pano negro, e Guiomar entrou na sala para lhes

dar a notícia.

– Não visto panos de dó – resmungou Leonor. – Não visto, porque não tenho pena nenhuma que o rei tenha morrido.

E, antes que a tia pudesse zangar-se, acrescentou:

– Além do mais, são sempre ásperos e feios, e odeio roupas feias.

Guiomar, implacável, ridicularizou-a:

– Não passas de uma criança, Leonor, ninguém espera que uses luto.

Leonor corou de fúria.

Não era verdade, vestira burel quando a mãe morrera.

Não voltaria a usá-lo por mais ninguém.



Tento ficar o mais quieta possível enquanto as costureiras me tiram as medidas para os novos vestidos – a minha sobrinha Leonor tem razão, o burel pica, e é preciso encontrar alternativas mais confortáveis, mas que mantenham a aparência de panos de dó, sem que o sejam de facto. Aos 40 anos, e apesar de já ter suportado três gravidezes, não me tornei gorda, nem perdi as formas. Chegaram uns tecidos de Inglaterra, a preço de ouro, a que não resisto, foi um ano bom de cereais e azeite, posso dar-me ao luxo de comprar o que quiser.

Reparo que Leonor está no quarto ao lado, sentada junto à janela, imersa em mais um romance de cavalaria, tão concentrada que nem a algazarra das outras raparigas a perturba. Depois da cena que me fez, proibi-a de visitar o seu adorado falcão, e estranhamente acatou o castigo sem protesto. O que nela é coisa rara, embora saiba que as suas ameaças e chantagens têm pouco ou nenhum efeito sobre mim.

Quando me respondeu de forma tão pouco educada, quando os fui mandar vestir panos de dó, recordei-lhe, mais uma vez, que não se morde a mão de quem nos dá de comer. No mesmo instante, e sem pestanejar, retorquiu que riqueza não lhe faltava, nem faltaria, e que, tal como eu, casaria com um homem poderoso e rico. Sabe, deve-o ter ouvido a Aldonça, que o meu casamento com João Afonso foi muito acima do que poderia esperar, apesar de quem era a minha mãe, e de o meu pai ser o valido de Afonso IV.

O tom era tão arrogante, e eu estava tão nervosa com a visita secreta do meu irmão Diogo, que a esbofetei. E pu-la de castigo.

Volto a atenção para as costureiras, e discuto com elas padrões e texturas, e escolho para o decote uma das muitas fitas de seda que me propõem, mas é no novo rei que penso. O senhor D. Pedro dá mostras crescentes de agitação e nem o meu marido – que vai crescendo em influência – é capaz de adivinhar o que fará no momento seguinte. O povo aplaude-o porque castiga os ricos, mas a crueldade dos seus atos deve pouco ao bom senso – mandou capar um escudeiro porque dormia com a mulher de um cavaleiro e chicoteou o bispo do Porto por incumprimento dos votos de castidade, e tê-lo-ia morto se um dos seus homens não lhe lembrasse o perigo de excomunhão. Ao que parece, alterado, argumentava que o papa não o podia repreender por o enviar para a outra vida, já com parte dos pecados paga. Se não fosse tão assustador, até me daria vontade de rir.

Percebo que o meu irmão, conhecendo-o como conhece, se tenha posto a milhas da corte. Aliás, as suspeitas de Diogo confirmaram-se imediatamente depois. D. Pedro confiscou-lhe as casas em Santarém e em Lisboa, e muitos outros dos seus bens, que vai entregar a Álvaro Pérez de Castro. D. Afonso IV vai dar voltas na campa. Por enquanto não foi emitida ordem de prisão contra o meu irmão, nem acredito que aconteça enquanto a rainha D. Beatriz for viva, mas é sensato que Diogo se mantenha nas nossas terras de Ferreira de Aves, de onde poderá partir para Castela ao menor sinal de perigo. Tem 50 anos, é bem mais velho do que eu, mas possui a determinação e a agilidade do nosso pai, e não duvido de que saberá colocar-se ao serviço do vencedor da guerra civil de Castela – farejá-lo-á a léguas, seja ele Pedro, o Cruel, ou Enrique de Trastámara.

Enquanto isto, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves já há muito que se passaram ao reino vizinho, menos fiados do que Diogo. E com menores possibilidades de se defender como ele – o meu irmão rodeia-se de um séquito de escudeiros, que o seguem para todo o lado.

Quem me implora que não entre em contacto com ele, nem lhe conte nada, nem o avise de coisa nenhuma, é o meu marido – João é agora mordomo-mor do rei, os Teles e os Castro estão agora do lado certo da história, e o senhor D. Pedro não deixará de nos recompensar. Somos a família de Inês, não permitiremos que o esqueça.

Volto a observar Leonor e, descendo do banco em que fiz a prova, vou até à porta do quarto, levanto-lhe o castigo e mando-a ir ter com *Noctua*, com o conselho de que se torne na melhor falcoeira do reino – que mais importante arte pode cultivar uma donzela de uma corte apaixonada pela caça, digo-lhe, com disfarçada ternura.

Leonor pausa o livro e precipita-se para a porta. Depois regressa e lança os braços em redor da minha cintura, encostando-se ao meu avental, para logo desaparecer.

Lisboa, 10 de setembro de 1357

A meio da noite, o som de trompas encheu o paço real, e o quarto iluminou-se, como se mil tochas se tivessem repentinamente acendido. A voz de D. Pedro escutava-se acima de todas as outras, mandando acordar quem ainda estava deitado, exclamando que não tinha sono e quando o rei não tem sono ninguém pode dormir.

Como se alguém conseguisse dormir com esta barulheira, pensou Leonor, abanando o corpo meio adormecido da irmã Maria, vendo levantarem-se as outras donzelas que dormiam com elas nesta câmara onde tinham chegado apenas ontem para assistir às festas que o rei dava em honra do tio João, a quem dera o mais cobiçado de todos os títulos, o de conde de Barcelos.

– Acorda, mana! Vamos espreitar...

Maria puxou o lençol, tapando-se com ele até aos olhos:

– És louca, Leonor – disse, mas a chegada dos irmãos e dos primos resolveu o dilema.

Enfiando os vestidos por cima das camisas de noite, acorreram às escadas, vendo D. Pedro descê-las, bailando em cada degrau.

A gargalhada de Leonor ressoou por entre a música e o rei virou-se na sua direção, como um perdigueiro que deteta o cheiro de alguém que conhece, e o seu olhar pousou no rosto da menina de dez anos, abrindo um sorriso de ternura que se transformou num esgar de dor.

– Inês – disse alto, e pondo as mãos na cabeça rodopiou sobre si mesmo.

– Inês – murmurou Leonor, perplexa, e os irmãos mais velhos apertaram-se à sua frente, empurrando-a para trás e procurando escondê-la do rei ensandecido.

Foi então que Leonor os viu. Ao infante D. Fernando e a D. Beatriz de Castro, ele quase o dobro da altura da meia-irmã, ambos paralisados na ombreira de uma porta, que se fechou rapidamente por alguém que pretendia evitar que vissem o pai assim.

D. Pedro desceu os degraus que restavam e saiu para a noite.

Os Teles correram para uma janela, de onde viam o ruidoso cortejo fazer-se às ruas, onde as pessoas assomavam às janelas, homens e até mulheres e crianças saíam a juntar-se-lhe. E batiam palmas e cantavam de alegria.

– O povo não o acha louco? – perguntou Leonor, e Gonçalo tapou-lhe a boca, como já era hábito. Mas ela conseguiu morder-lhe os dedos, levando-o a libertá-la. – Estou a perguntar-te, Gonçalo, não te parece ensandecido? Porque me chamou Inês?

Os irmãos mais velhos encolheram os ombros:

– Porque já bebeu demais.

Mas Leonor sabia que não era verdade. E fascinava-a e enchia-a de orgulho que até o senhor D. Pedro visse nela Inês de Castro.

Aisha ordenou-lhe que voltasse para a cama, e Leonor obedeceu-lhe, os pés descalços enregelados, porque à noite já estava frio.

– Aisha, Inês de Castro gostava de Lisboa? Estiveste cá com a minha prima? – perguntou.

– Não. E quanto mais depressa daqui sairmos, melhor – concluiu.

A terra tinha tremido há bem pouco tempo, a sujidade das ruas repugnava-a, e não duvidava de que eram os bárbaros hábitos de higiene desta gente que chamavam a doença. Queria Leonor fora dali. Longe deste senhor D. Pedro que chorava muito, mas nada fazia para reabilitar a mulher que tanto dizia ter amado.

Perante o rumor de que o novo rei tivera, em abril passado, um filho de uma galega, Aisha saíra à mouraria para o confirmar, mas escusava de ter ido tão longe porque depressa entendera que aqui, na corte, estavam fartos de o saber. D. Pedro mandara batizá-lo com o nome João, outro João, e entregara a criança a um dos seus nobres para que a criasse.

Leonor não interrompeu o silêncio de Aisha, conhecia-a bem demais para se atrever a tanto, e sossegada acabou por adormecer.



Vimos a Lisboa para receber uma grande honra. João é mordomo-mor do rei e D. Pedro destinou-lhe o único condado do reino, o que é justo, porque já pertenceu por várias vezes aos Teles de Meneses. Subimos ainda mais alto, e os nossos três filhos e quatro sobrinhos ascendem connosco, e percebo pela forma como todos me recebem e acolhem que se tornaram os partidos mais interessantes do reino. Não faltarão candidatos, mas serei eu e João Afonso, 4.º conde de Barcelos, a dar as cartas.

A senhora D. Beatriz convidou-me para ir à missa com as suas damas e depois quebrámos juntas o jejum. Foi muito franca comigo, deixando-me perceber como, apesar do cansaço, não se atreve a pedir a Deus que a leve para junto do marido e da sogra, a Rainha Santa, porque teme o que possa acontecer ao infante D. Fernando, herdeiro do trono, se não o proteger. Fala dele como uma mãe, porque mãe é o que foi desde a primeira hora, por morte da princesa D. Constança Manuel, amou-o e educou-o à sua beira, mas fala também como rainha de Portugal, que receia a divisão no reino que D. Pedro pode desencadear mal ela parta deste mundo. Sabe que o seu sobrinho Pedro de Castela matou o meu cunhado Martim, mas explica-me com convicção que temos de pôr os nossos ódios pessoais de lado e impedir que Enrique de Trastámara usurpe o trono ao legítimo rei, porque são precedentes que não se podem abrir. Sei que fala do risco de que aconteça o mesmo em Portugal quando os seus netos João e Dinis de Castro – e agora o recém-nascido João, de Teresa Lourenço – disputarem o trono a Fernando. Pede-me que esteja sempre ao lado do seu neto, pede-me que mantenha sempre o conde leal à linha legítima...

Tem junto de si a pequenina Beatriz de Castro e observo-a com curiosidade: o cabelo

alourado e ondulado herdou-o do pai, mas a pele branca e o pescoço esguio são os da mãe, e espanto-me ao encontrar na expressão do seu rosto o mesmo desafio insolente da minha sobrinha Leonor. Que duas, que o destino não as cruze, penso.

D. Beatriz passa a mão suavemente pela bochecha rosada da única neta e beija-lhe o cabelo.

– São meus netos – confessa, como se me devesse uma desculpa, e confia-me que fará um testamento em breve, em que os incluirá a todos, exceto o da galega, que visivelmente prefere ignorar.

Aguça-me a curiosidade, será que finalmente lhes dará o tratamento de infantes, mas não pergunto mais. Um dos meus segredos é essa aparente falta de curiosidade, esse disfarçado interesse, que tem o condão de levar a que as pessoas à minha volta confiem e me contem os seus segredos.

Não é um exercício difícil, convenhamos, porque sei sempre que o meu marido me contará os mais ínfimos detalhes escondidos, que recolherá a informação que lhe pedir. Ninguém cresce ao cuidado do prior do Hospital sem aprender a navegar nos bastidores do poder.

Faço uma pequena vénia à pequenina Castro e lembro-lhe que sou quase sua tia, entregando-lhe uma magnífica cruz de ouro que foi, em tempos, da minha sogra, mãe da sua mãe – semeio para um dia colher. D. Pedro não voltará a casar, e será esta criança a nossa próxima «rainha», e será do seu favor que muito dependerá.

Regresso aos meus aposentos, atravessando o terreiro, de onde se veem os barcos já enfeitados para amanhã, e o som de martelos e serras sobe do terreiro do Rossio, junto da Igreja de São Domingos – o conde não cabe em si de contente, diz-me que é a maior festa que já se viu, e não me parece que exagere.

Lisboa, 11 de setembro de 1357

– Porque é que há tantos soldados? – perguntou Leonor, pálida, ao perceber que o terreiro do castelo estava apinhado de homens. Pôs a mão no peito, sentindo o coração acelerar, as pernas querendo dar de si.

Só os irmãos perceberam o susto, porque também o sentiam – a memória de Toro estava bem viva, os escudeiros de um outro Pedro que tinham avançado sobre o seu pai desarmado, apunhalando-o. Maria deu a mão à irmã, que por uma vez não a recusou, mas os primos sossegaram-nos.

– Ouvi o meu pai dizer que são cinco mil homens para cinco mil círios, que vão ladear o percurso daqui até à Igreja de São Domingos, onde o conde de Barcelos e outros nobres vão velar até de manhã, altura em que o rei os armará cavaleiros.

– Cinco mil círios – espantou-se Leonor, mais tranquila.

– O rei mandou derreter seiscentas arrobas de cera – comentou outro, enquanto desciam todos juntos ao Rossio para ver armar as tendas, o cheiro a pão acabado de cozer e fogueiras onde assavam vacas inteiras.

Gonçalo assobiou:

– Acham que nos deixam beber vinho daquelas pipas? – perguntou, apontando para as centenas de barris colocados em diferentes pontos do largo.

– Desde que não nos obriguem a ouvir outra vez as grandes trompas de prata de que o senhor D. Pedro tanto gosta – queixou-se Leonor, mas não conseguiu acabar a frase porque ficou hipnotizada por uma cigana de cabelos escuros e sedosos como a noite que, pressentindo o interesse da donzela, se aproximou imediatamente, com um raminho de rosmaninho na mão que, por muito que Leonor recusasse, insistia em colocar-lhe entre as mãos.

– Dona, para afastar o mal de inveja. Há quem lhe queira muito mal, quem urda uma teia contra si, dona, e essa pessoa não está longe – ia dizendo a cigana, e, por muito que protestassem, as Teles não se conseguiam afastar dela.

– Quem será? – perguntava Maria, mas Leonor protestava:

– Não vês que diz o mesmo a todas, não há ninguém que não queira

saber o nome dos inimigos.

Mas enquanto falava baixava os braços. A cigana, que a observava atentamente, sabendo bem como era curiosa a alma humana, apressou-se a prender-lhe a mão direita na sua, uma por baixo, a outra sobrepondo-se aos dedos esguios da fidalga, deixando a palma branca bem à vista.

Leonor estava rendida, e a irmã e a prima debruçavam-se sobre ela, como se também elas conseguissem adivinhar o futuro naquelas linhas.

– Vai chegar muito longe e ser muito amada, vencendo os invejosos. E serão muitos. Mas não todos, não os vencerá a todos – disse, alternando o olhar entre a mão e os olhos da dama, perscrutando, lendo todos os sinais em simultâneo.

– Vejo-lhe uma vida longa, muito longa.

Leonor, nervosa, procurou brincar:

– Vou infernizar a vida à minha irmã?

Maria Teles deu uma gargalhada:

– Para saber isso não precisamos de ciganas...

Mas o rosto da cigana fechou-se, subitamente. Fechou a mão de Leonor com força e afastou-se, como se estivesse genuinamente assustada.

As raparigas entreolharam-se.

– É um truque, quer que vás atrás dela, para saber mais. Vais ver que, quando nos pusermos a andar, virá a correr para lhe darmos uma moeda – disse Leonor, começando a andar na direção oposta. Mas nem sinal da mulher, que desaparecera por entre as ruelas labirínticas que as levavam de volta ao castelo.

Quando Leonor contou a Aisha, oferecendo-lhe a mão na esperança de que a moura a sossegasse, recebeu apenas em troca um raspanete.

– Só os loucos querem conhecer o futuro.

– Mas, Aisha, o que te custa olhar... tentar perceber o que a cigana viu que tanto a pareceu assustar. Para que possa prevenir, evitar...

Aisha abandonou a cabeça, incrédula:

– Prevenir, evitar? Pense, senhora D. Leonor, que é para isso que tem cabeça. Decida-se. Ou acredita ou não acredita. Se acredita, sabe que nada pode fazer para mudar o destino, se não acredita, não perca mais tempo com isso e vá preparar-se para a festa de hoje à noite.

– E tu, acreditas? – perguntou, sabendo que Aisha não lhe daria resposta.

Sendo assim, pensou, o melhor mesmo é ir-me vestir.



O conde não cabe em si de contente – o rei ou ama ou odeia, e felizmente neste momento ama-o e quer demonstrar à cidade de Lisboa e ao reino que é nele que deposita a sua máxima

confiança. Além do mais, comento com Leonor, todos os pretextos são bons para três dias de festa e excessos, que encham a barriga dos mais pobres e a bolsa dos mercadores e artífices.

Tudo foi feito como manda a tradição. O meu marido está longe de ter o físico de um jovem cavaleiro e, rindo, digo-lhe que era mais do que certo que falharia se o obrigassem a provar que de armadura vestida era capaz de nadar, de saltar em comprimento e altura e até de dançar elegantemente. Ri-se comigo. Nada tem o poder de estragar a felicidade que sente.

Compenetrado, toma o banho ritual, lavando-se de todos os pecados, que confessa logo depois, vestindo depois uma túnica branca e um manto encarnado.

Conta-nos que a igreja estava mergulhada numa quase completa escuridão, iluminada apenas pela lamparina do sacrário. Sozinho, no mais absoluto silêncio, pousou sobre o altar a espada e o elmo e ajoelhou-se em oração, pedindo a Deus que lhe desse a graça de usar as suas armas apenas ao serviço da Igreja e do rei e na defesa dos mais fracos e das mulheres.

E assim, em jejum, lutando contra as dores dos joelhos e o sono, passou a noite, até que, aos primeiros raios de luz, tocaram os sinos e a corte desceu para assistir à cerimónia.

O bispo abençoou as armas, e em seguida o conde vestiu a armadura e ajoelhou-se frente ao rei, que solenemente lhe bateu três vezes com a espada no ombro direito, dando-lhe depois a mão para que se soerguesse, enquanto outros dois cavaleiros lhe colocavam as esporas.

Depois saiu de São Domingos, triunfantemente ao lado do rei, e começou a festa, o repicar de sinos, o ribombar de tambores, o canto das ciganas, e a licença régia para que se expiassem no excesso todos os medos.

Leonor Teles passa por mim, como uma estrela-cadente, brilhante e rápida, tão animada como as donzelas da sua idade que vivem a primeira grande festa, autorizadas a dançar em público como ciganas. Estão eufóricas, e nada as cansa, mas eu, eu só conto os dias que faltam para partir para Barcelos. Condessa Guíomar, repito, vaidosa, para mim mesma.

Barcelos, 27 de outubro de 1359

Leonor encostou-se ao varandim de madeira do alpendre do paço de Barcelos, maravilhada. A luz outonal iluminava a capela, onde, na margem sul do rio Cávado, voluntários lavavam os pés dos peregrinos que rumavam a Santiago de Compostela, tal como Nosso Senhor Jesus Cristo lavara os pés dos discípulos. Agora que tinha 13 anos, já a deixavam ajudar, e mal tivesse acabado as lições e pesado e dado de comer a *Noctua* seria a sua vez. De avental sobre o vestido, ajoelhar-se-ia para cumprir o seu dever, deliciando-se com as histórias dos peregrinos, chegados de todos os lados do reino. Alguns eram maçadores, a outros faltavam os dentes, e mal entendia o que diziam, e para ser franca preferia os homens novos aos velhos e os mais ricos aos mais pobres, como comentava com a irmã e a prima, entre gargalhadas. Que a condessa Guiomar, como agora todos lhe chamavam, não a ouvisse.

Estava tanto calor, será que ia trovejar, pensou Leonor olhando o horizonte, mas a nuvem que viu era de pó, levantado por um grupo de cavaleiros que galopavam com estandartes de luto. Era preciso avisar a condessa.

– Estandartes do rei... ou da nossa Casa? – perguntou Guiomar, aflita, e juntas subiram apressadamente à torre, de onde viam melhor.

– Do rei – sossegou-a Leonor. Com o conde em Santarém, na corte, tudo poderia ter acontecido sem que se soubesse aqui em Barcelos.

– Morreu a rainha D. Beatriz, só pode ser isso – murmurou Guiomar.

Os cavaleiros atravessavam agora a ponte e os peregrinos abriam alas para os deixarem passar. Estes não eram penitentes em busca de perdão, mas antes pecadores, de espada à cinta.

Leonor desceu as escadas, um passo atrás da tia, na esperança de que, não a vendo, a deixasse segui-la sem protestos. Queria saber tudo, não dizia a mãe que lhe devia ter escolhido por patrona a Virgem das Orelhas?



Os sinos de todas as igrejas de Barcelos tocavam a finados. Um toque, uma pausa, um toque, nova pausa, a morte era a de uma

mulher. De alguém importante, pela maneira como repicavam.

As pessoas saíam em alvoroço à rua, perguntavam quem seria, talvez a senhora de Barcelos, a nova condessa? Mas havia sempre alguém mais informado, que contava, e as igrejas iam-se enchendo de gente, dos que aqui viviam e daqueles que estavam de passagem, para rezar pela alma da rainha D. Beatriz, que morrera em Lisboa a 25 de outubro.



Mando acender as lareiras, e os criados olham-me atônitos, porque o dia esteve muito quente. Pouco me importa. Faz noite cada vez mais cedo, e o crepitar do fogo torna mais confortável esta casa de granito, que por muitos tapetes com que cubra o chão e as paredes continua sempre fria. Que ilusão é imaginarmos que nos podemos preparar para a morte de alguém querido, por muito que estivéssemos perfeitamente conscientes de que estava para chegar. É sempre um choque, um murro no estômago, e sinto que é um sinal do fim de um tempo. Nasci e cresci com D. Beatriz no trono, vai fazer-me falta. Vai fazer-nos falta.

Peço que armem a mesa perto do fogo e ordeno que as crianças se sentem nela comigo. Observo-os e troço de mim mesma: não há crianças à vista. O meu primogénito Afonso está prestes a casar, e só aqui veio por um acaso, e o João filho e o João sobrinho vão partir com ele para a corte. Gonçalo ainda ficará connosco por mais uns meses, aos 16 anos é enérgico e corajoso, prevejo-lhe grandes feitos, se não deixar que a sua natureza bondosa seja dominada por uma mulher dominadora... e a minha atenção volta-se para a irmã – Leonor Teles consegue dar-lhe a volta em três tempos. Mas, também, é a admiração dele que busca, antes da de qualquer outra pessoa.

As três raparigas conversam animadamente, Maria Teles tem 17 anos, é mais tímida e calada do que qualquer uma das duas Leonores, que falam pelos cotovelos. Mas, mesmo aos olhos de uma mãe, a minha sobrinha é a mais bonita e inteligente que aqui está. E sabe-o bem!

Volto a atenção para Afonso, que comenta que já chegaram a Barcelos notícias sobre o testamento de D. Beatriz. Sei bem do que fala, porque o meu marido me mandou uma cópia do documento, que está em seu poder desde que D. Beatriz o assinou há mais de um ano, uma versão atualizada de um outro mais antigo em que deixava de fora os filhos de Inês, como me confidenciou quando estivemos juntas em Lisboa. A pequena Beatriz de Castro foi a mais favorecida dos Castro, sinal da ligação forte que criou com a neta, e, pelos vistos, cumpriu a exclusão do bastardo mais novo – nem o coração grande da rainha foi capaz de perdoar ao filho que acrescentasse mais um rival aos três que já existiam.

– Dizem que a rainha deixou mais ao infante D. Fernando do que ao próprio rei, com receio de que D. Pedro dividisse o que recebesse também com os Castro, prejudicando o único herdeiro legítimo – acrescenta o meu mais velho, e não posso estar mais de acordo.

D. Pedro viaja pelo reino na companhia dos filhos de Inês, doa-lhes terras e rendas, num favoritismo descarado que não poderá deixar de contaminar as relações futuras de João e Dinis com o meio-irmão. E consta que planeia ir mais longe...

Reparo que Leonor me faz uma pergunta, e pedi-lhe para a repetir, porque o barulho das taças e dos pratos me tinha impedido de a ouvir. Podia tê-la adivinhado. Queria saber que joias recebera Beatriz de Castro.

– Vai receber uma coroa? – queria saber, e Maria e a minha filha inclinaram-se na minha direção, ávidas pela resposta.

De coroas não sabia nada, mas descrevi-lhe a grinalda de ouro com rosetas esmaltadas em safiras e aljófar que tantas vezes admirara nos cabelos ondulados da rainha e que era certo que deixara à neta.

E depois não resisti em apelar à ambição que cresce em todas as Teles, por muito que a minha cunhada Aldonça me tenha pedido tão encarecidamente que não a fomentasse. Mas não resisto.

– A rainha deixou um tesouro àquela que for mulher do infante D. Fernando – disse, com um sorriso de desafio.

O rosto de cada uma delas ilumina-se, dificilmente contendo a curiosidade, mas quando lhes digo o que é desanimam-se, como previa.

– Uma arca de âmbar negro – lamentou a minha filha.

E eu troço:

– Muito valiosa, minha tonta. A rainha disse que era a arca com todas as coisas que lá estivessem dentro no momento da sua morte.

Vejo Leonor Teles fechar os olhos azuis com força, como se procurasse adivinhar as preciosidades escondidas. Apostava que tentaria que Aisha as adivinhasse por ela.

Mandei-os a todos deitar. E aos criados levantar a mesa e fechar a cozinha – deitando água nas lareiras porque me aterroriza a ideia de um incêndio.

Preciso que toda a gente adormeça para que o meu mensageiro possa partir sem que ninguém dê por ele.



Às vezes não sei se faço bem em proteger o meu meio-irmão, não confio nele nem um bocadinho, e há alturas em que suspeito que me vou arrepender de o ter salvado das garras de D. Pedro, mas o meu pai nunca me perdoaria se não o tivesse mandado avisar de que os homens do rei iam a caminho de Ferreira de Aves para o prender, informação que secretamente o meu marido me enviou.

O meu mensageiro regressa com a notícia de que Diogo conseguiu iludir os captores, saindo para a caça muito cedo, antes de os homens do rei chegarem. Julgavam que o apanhavam à volta, e impediram que fosse quem fosse saísse dali para o avisar, mal sabendo que avisado já estava.

Consta agora que trocou de vestes com um pobre mendigo, a quem tinha feito sempre muita caridade, e conseguiu escapar a pé e sem levar nenhum dos seus cavaleiros com ele. Aliás, não lhes disse uma palavra, e os que caçavam com ele só descobriram que era procurado quando regressaram à vila.

Terá de ir para Aragão, porque em Castela não ficaria seguro, porque o rei já pediu ao sobrinho que mande capturar Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, para ali fugidos, dando-lhe em troca nobres castelhanos que se acolheram a Portugal, por terem lutado pelo Trastâmara. Pobres coitados, julgavam estar por aqui seguros, caçavam com o rei D. Pedro e acreditavam ter a sua proteção, mas foram ingênuos. Com a morte de D. Beatriz, o diabo que há em Pedro está livre.

Pela janela, vejo Aisha caminhando nos campos, colhendo plantas que só podem ser apanhadas numa noite de lua cheia como esta. Também ela sabe, ou pressente, que finalmente o rei se sente livre para fazer justiça à sua amada.

Barcelos, novembro de 1359

Se tinham todos medo do temporal que aí vinha, então iria sozinha, porque *Noctua* não podia ficar nem mais um dia sem voar, anunciou Leonor, ainda com a esperança de que algum dos irmãos ou dos primos se sentisse picado, mas nenhum deles se moveu da mesa onde animadamente jogavam.

Vestindo uma capa quente, colocou o bernal a tiracolo, calçou a luva de pele e, cobrindo a cabeça com um gorro de pelo de urso, desceu as escadas de granito, atravessando o pátio que a separava da falcoaria. Estranhou não ver ninguém, pelos vistos até os monteiros do conde de Barcelos achavam que estava um tempo demasiado inclemente para sair à rua.

Mal se aproximou da alcândora onde pousava a sua ave, *Noctua* virou a cabeça na sua direção. Quando Leonor lhe falou, abriu e fechou as asas, antecipando que ia voar.

– Não somos como aqueles medricas todos, pois não?

E, soltando a avessada, recebeu *Noctua*. Estivera cá ontem a pesá-lo – era preciso mantê-lo sempre com fome suficiente para se dar ao (muito) trabalho que dava caçar. O peregrino subia para a balança sem medo, e ela estava perita em, quase à primeira, acertar nos pesos a colocar no outro prato da balança.

– Vamos lá embora – disse-lhe.

Quando saiu do edifício, levantara-se um vento frio, mas nem ela nem a ave se deixaram dissuadir. Subiu o caminho que levava ao seu bosque preferido, um bosque de carvalhos e castanheiros, que lhe lembrava tanto aquele onde brincava com a sua mãe perto de casa em Vila Real, pensou com saudade.

Distraiu-se conversando com *Noctua*.

– Fazes justiça ao teu nome, és corajoso e sábio, e pouco me importa que os manos trocem por te ter dado o nome do mocho da deusa Atena.

O peregrino parecia responder-lhe, apertando um pouco mais as suas garras amarelo-vivo sobre a luva de couro, movendo a cabeça a cada ruído, a cada galho que os pés dela pisavam.

De repente, Leonor estacou:

– Olha, olha, *Noctua*. Vês como as gotas geladas pendem das folhas,

como se fossem cair, mas não caem, *Noctua*, porque estão geladas, como diamantes num colar?

Rindo de si mesma, repreendeu-se.

– Desculpa, não vêes nada com esse maldito caparão. Vou tirar-to e deixar-te voar aqui nesta clareira – disse, mas, mal *Noctua* se sentiu solto, saiu do seu braço, desaparecendo por entre as copas das árvores, e por muito que o chamasse não o via. Aflita, procurou sossegar o coração que batia como um tambor nos ouvidos, procurando o som das cascavéis, mas nem sombra dos guizos. Só o vento a assobiar.

De repente, pensou vê-lo, num tronco alto, e começou a correr na sua direção, pegando na saia com a mão para não tropeçar. As árvores vergavam com a força das rajadas, algumas quase até ao chão como se fossem contorcionistas do circo que, ainda este verão, vira em casa dos tios. Um tronco caiu à sua frente, e Leonor caiu, ofegante, a chuva agora a bater-lhe com força na cara.

E foi então que viu Amduscias, o demónio, só podia ser o demónio que a ama lhe descrevera tantas vezes em criança: igual a um homem, só que com garras no lugar dos dedos dos pés, na testa um corno como o de um unicórnio, mas preto, de um negro-breu. Ali estava ele, com uma trompa nas mãos, que tocava para que as trinta legiões de demónios que o serviam ouvissem a sua voz – as árvores dobravam-se em terror à sua passagem, as bagas caíam dos arbustos e as flores murchavam de susto. Agora percebia a fuga de *Noctua*. O falcão pressentira a presença do diabo e voara para longe. Sem a levar com ele.

Os ruídos multiplicavam-se à sua volta, como se fossem instrumentos musicais, mas agudos e desafinados, e Leonor tapou as orelhas com as mãos, a aspereza do couro da luva a raspar-lhe a pele do rosto, fazendo-a calar um gemido de dor. Se ficasse quieta e calada, talvez nem Amduscias nem os seus servos dessem por ela e passassem sem lhe fazer mal. E, aos poucos, o demónio afastou-se, o tanger tornou-se praticamente inaudível, as árvores ergueram-se de novo e *Noctua* voltou à sua luva, os olhos negros cintilantes, nervosos, como se lhe quisesse pedir desculpa por a ter deixado sozinha.

Leonor sentou-se, sacudiu a capa, e tentou repreendê-lo, mas a voz não lhe saía. Tossiu e engoliu a própria saliva, pondo depois a língua de fora para beber água da chuva que ainda caía. Então sim, zangou-se com a ave, como uma mãe que reencontra um filho que se perdeu dela.

– Vamos para casa e hoje não te dou nem mais uma vianda. Nem amanhã...

Quando Aisha a viu chegar molhada até aos ossos, enfiou-a numa tina de água cinzenta, e, apesar de estar a tiritar de frio, Leonor hesitou:

- O que puseste nesta água?
 - Cinzas de alecrim, para a libertar dos espíritos malignos.
- Leonor olhou-a, espantada:
- Como sabes que o vi?
 - Porque trazia o rosto dele espelhado no seu.

Leonor mergulhou mais fundo na tina, deixando que as cinzas a cobrissem e a água tépida lhe escondesse as lágrimas.

Nem a Aisha teria contado o encontro com Amduscias, o duque dos demónios, por medo que lhe chamassem criança, por receio de que pensassem que era um deles... um demónio de cabelo ruivo, quantas vezes ouvira as gentes de Trás-os-Montes a apontá-la quando ia à missa com a mãe.

- Aisha, achas que foi ela que me protegeu?

Aisha abriu-lhe a toalha, acolhendo-a, esfregando-a com força como se quisesse que o poder do alecrim lhe entrasse por todos os poros. Poucos eram os que viam Amduscias e sobreviviam. Penteou o cabelo de Leonor com um pente de osso de dentes apertados, procurando garantir que nem uma partícula diabólica se escondera entre aquelas madeixas de fogo. Não mentira quando garantira a Aldonça de Vasconcelos que Leonor Teles não era Inês de Castro, mas escondera-lhe tudo o resto...



Leonor estava hoje invulgarmente silenciosa, percebi que se assustou durante um dos seus passeios com *Noctua*, mas não me quis dizer mais. Convidei-a a comer da minha mesa, mas nem o leite-creme queimado, como tanto gosta, pareceu animá-la. Ajustei-me ao seu silêncio, porque estou tão melancólica como ela, sentindo ainda muito a morte da rainha D. Beatriz, mais ainda porque não estive nas cerimónias fúnebres, que servem mais do que tudo para consolar os vivos. Está sepultada na Sé de Lisboa, junto do homem que amou toda a vida e que lhe foi sempre fiel. Seria prémio suficiente para lhe perdoar a morte da rainha Maria, a morte de Inês?

Não sei. Há tanto da alma humana que não conheço, mas do que agora tenho a certeza é que, pese embora a neve e o frio, o vento e a chuva, devia ter ido prestar-lhe uma última homenagem. Por vezes, não são os arrependimentos grandes aqueles que mais nos remoem.

Santarém, 3 de fevereiro de 1360

O conde de Barcelos olhou a sobrinha montada num lazão, um falcão-peregrino no pulso, como se a visse pela primeira vez – aos quase 14 anos, Leonor Teles dera um salto em altura e o corpo tomava formas bem visíveis e atraentes, embora a cara ainda fosse de menina, de bochechas rosadas, o nariz perfeito e os olhos enormes, de um azul misterioso. Os cabelos ruivos, que herdara da mãe, estavam presos numa trança larga, e notava-se que sabia exatamente onde colocar os ganchos e as fitas para a tornar mais sedutora. Percebia nos olhares de soslaio dos seus escudeiros mais jovens como exercia sobre eles um enorme fascínio, talvez imaginassem como seria vê-la soltar as madeixas onduladas, deixando-as cair sobre os ombros nus.

Mas quem levasse aquele corpo também teria de aguentar as máquinas daquela cabeça, que fervilhava de ideias, e a inteligência que revelava a cada resposta que dava, indiferente às consequências. Do engenho com que era capaz de levar quem a rodeava a fazer-lhe as vontades.

O conde riu-se, pondo o pé no estribo e alçando-se para a sela. Fizeram bem em deixá-la juntar-se ao grupo que saía para caçar, era tempo de a mostrar, de subir a sua cotação no mercado matrimonial. Guiomar sentiria a falta desta sobrinha que era mais parecida com ela do que a própria filha, mas também respiraria de alívio – Leonor era perita em armar discussões entre as damas e donzelas, por muito que fosse repreendida.

Casá-la-ia bem, como o irmão teria desejado. Martim era mais velho do que ele, mas sempre fora impulsivo e incapaz de ouvir um conselho, bem o avisara de que a ligação com a rainha viúva tinha uma elevada probabilidade de correr mal, mas não o escutara. Apaixonara-se por ela, essa tentação dos fracos, que não entendem como a paixão tolda a lucidez obrigatória em homens que respondem pelo destino dos demais. Se Martim não tivesse morrido, se tivesse aceitado ficar junto do infante D. Pedro em lugar de partir com a família às costas para Toro, levando pela rédea a rainha D. Maria, pondo-se nas bocas do mundo, teria sido ele a conquistar o lugar de mordomo-mor de D. Pedro. Teria sido ele o novo conde de Barcelos.

Porque se diminuía? Encolheu os ombros, talvez todos os irmãos

mais novos de homens grandes o fizessem instintivamente.

Mas Martim estava morto e cuidaria dos interesses dos seus filhos como se fossem seus. O rei e a corte tinham acabado de chegar a Santarém – diria a Guiomar que procurasse os melhores partidos para Maria Teles, primeiro, e depois para as duas Leonores.

Sorriu para a sobrinha e fez-lhe sinal de que o acompanhasse:

– Vamos lá ver como é que caça esse teu peregrino castelhano.

Como falcoeiro aficionado que era, o conde não lhe perguntou o nome da ave, sabia que há segredos que não se partilham, mas Leonor, apertando as rédeas nas mãos, esperou que não quisesse saber quem lho oferecera. Fazia tudo para esquecer que recebera *Noctua* das mãos do assassino do pai.



Tudo mudava quando D. Pedro e a corte chegavam à cidade, até para a mais humilde vendedora de hortaliças, que, de repente, não tinha mãos a medir. Moviam-se como uma alcateia, sem repararem sequer no rasto que a sua passagem deixava, pensou com desprezo Aisha. Os mais ricos ocupavam os paços construídos na órbita da nova alcáçova real, os mais pobres – dos ricos – expulsavam de casa os que lhes estavam mesmo abaixo na escala social, tomando-as por residência, e estes faziam o mesmo com os mais desfavorecidos do que eles. As igrejas enchiam-se de damas devotas, que acendiam velas a santos de que nunca ouviram falar, enquanto os homens saíam a caçar ou lutavam uns contra os outros em justas, que os preparavam para a guerra.

Era assim desde que Aisha entrara ao serviço de Inês de Castro, e continuara depois, como se a sua morte não tivesse sido mais do que um pequeno interregno. Mas este ano era diferente, compreendera-o mal ouvira a notícia de que Pero Coelho e Álvaro Gonçalves estavam aqui no paço, atados de mãos e pés, arrastados desde Castela como animais para o matadouro. Nos últimos anos teria havido algum momento em que não vivessem em terror da própria sombra?

Esperava que não.

Talvez, por instantes, apagassem da memória aquela manhã em que tinham vindo por Inês, mal o ladrar dos cães se afastou, dando sinal de que o infante estava já demasiado longe para vir em socorro da sua amada. Talvez, talvez, de vez em quando, esperassem que D. Pedro se esquecesse, se apaixonasse por outra ou, num acesso de rigor moral, se mantivesse fiel ao juramento de Canaveses e ao que tinha feito ao pai no leito de morte. Será que tinham confiado que os cães de fila do rei de Castela não lhes descobririam o rasto? Se sim, eram tolos, para além de carnicheiros.

A moura pensava nisto tudo, sentada imóvel sob um grande teixo do jardim, o turbante de cores vivas como a copa de uma árvore onde pousavam pássaros mágicos.

– Aisha, o rei vai cortar-lhes a cabeça, como cortaram a D. Inês? – perguntou Leonor, que se aproximara em silêncio, os escarpins leves no tojo molhado. Aisha, sem se mover, falou, como se falasse consigo mesma:

– Mandou que lhes arrancassem o coração, ainda vivos. Como lho arrancaram a ele.

Leonor empalideceu, as mãos fechando-se em punhos cerrados.

– Então já está tudo acabado?

– Só agora começou – respondeu a moura, e Leonor observou-a, espantada: como era possível que permanecesse tanto tempo tão imóvel como uma estátua.

Chegou-se a ela, num misto de angústia e antecipação.

– Ainda não apanharam Diogo Lopes Pacheco. Foge-lhes sempre. Ouvi o conde dizer que o senhor D. Pedro ficou furioso, mas que tão ou mais zangado está D. Pedro de Castela, porque Lopes Pacheco fugiu para França e vai servir o Trastámara.

E, mais baixo, confirmou:

– Estou por Enrique de Trastámara.

Aisha levantou-se, e Leonor percebeu-lhe entre os dedos uma ágata redonda, a lava aprisionada de vulcão de fogo, que ainda estava longe de extinto. Ainda faltava Diogo Lopes Pacheco para que o ciclo se fechasse.



Pretexto uma dor de cabeça para não ser obrigada a sentar-me a costurar com as minhas damas, sabendo que hoje a conversa será sobre a forma bárbara como D. Pedro supliciou os dois homens que acusa de terem sido responsáveis pela morte de Inês de Castro. O meu marido voltou do paço, tão pálido como nunca o vi, e hoje à noite não consegui dormir. Contam que os mandou esquarterar ainda vivos e que se sentou a ver matá-los enquanto almoçava, contemplando o espetáculo, mas quero acreditar que exageram, que não pode ter sido assim, porque uma coisa é justiça, outra é uma crueldade, tão contra todos os mandamentos de Deus Nosso Senhor.

Temo que não descanse até capturar Diogo. Se eu não o tivesse mandado avisar, teria o rei coragem de lhe arrancar o coração como fez aos outros, esquecendo que o meu irmão o alertou vezes sem conta para o perigo que Inês corria, de como era insensato deixar-se rodear e dominar pelos Castro? Temo que sim.

Quando a notícia da barbaridade cometida em Santarém chegar aos ouvidos do meu irmão, saberá que terá de ficar escondido em França, talvez até fugir para Inglaterra, desconfiando de tudo e de todos, porque o rei ofereceu um prémio a quem o capturar. Quere-o vivo. Porque sabê-lo morto, pelos vistos, não chega.

Assusta-me. Receio que tenha enlouquecido. Não consigo antecipar o seu próximo passo, agora que as duas mulheres da sua vida já não são deste mundo. Sem a companhia serena e fiel de Inês, sem a ternura firme de D. Beatriz, o rei perde-se.

Peço ao boticário uma poção que induza o sono. Preciso de dormir.

Santarém, maio de 1360

Maria e as duas Leonores rodearam Aisha, apertando o círculo até que a moura se sentou no chão, fingindo render-se.

– O que querem de mim? – perguntou, sabendo de antemão ao que vinham. Também ela já ouvira a notícia de que o rei convocara os fidalgos para irem a Cantanhede ouvi-lo jurar que tinha casado com Inês – só agora, cinco anos depois! Naquele dia, em Bragança, bem pressentira que D. Pedro pretendia agradar a Deus e ao diabo, sossegando a inquietação de D. Inês, mas simultaneamente fugindo a uma cerimónia pública que o compromettesse perante o rei.

– Aisha, estavas lá quando casaram? – perguntou Leonor.

– Aisha, como era o vestido de D. Inês? – quis saber Maria.

– Aisha, vais a Cantanhede testemunhar que o rei não mente quando diz que casou?

A moura sorriu-lhes, aquele sorriso trocista que lhe era tão peculiar.

– E se também eu disser que não me lembro?

– Lembras-te sempre de tudo, de tudo, Aisha. Não podes ter esquecido esse dia, mesmo que toda a gente na Terra inteira o tivesse esquecido – protestou Leonor.

Aisha concordou. Não esquecera.

– Foi no dia 1 de janeiro no castelo de Bragança. Era uma manhã gelada, em que todos tiritávamos de frio, exceto a senhora D. Inês, tão contente que estava. As costureiras que trabalharam noite e dia para que o vestido estivesse pronto a tempo já nem conseguiam mexer os dedos, e já nem o dedal os salvava dos bicos das agulhas que entravam e saíam da seda sem parar. Mas fui eu que lhe cosi a bainha. Disse-me, naquela voz meiga: «Aisha, faz o que te pedi», e sentei-me no chão, como estou agora, e escondi-lhe, na dobra do vestido, talismãs e medalhas, folhas de alecrim e de alfazema, e outras plantas mágicas destinadas a torná-la na mais feliz e abençoada das noivas. E depois cortei a linha com os dentes, é preciso cortar o fio com os dentes para que a magia resulte.

«Quando terminei, rodopiou sobre si mesma, e as costureiras choravam de alegria, e diziam que haviam de contar às filhas, e as filhas contariam às suas filhas, que saíra das suas mãos o vestido com que casara a mais bela das rainhas. E foi então que a mais velha

de entre elas tirou de uma arca uma coroa de rosas, rosas em janeiro, entrelaçadas com aljôfar, a coroa mais bonita que jamais vi, e disse-lhe que a tinha feito para ela, com rosas como as que a Rainha Santa trazia no regaço. Os olhos da senhora D. Inês brilhavam de felicidade, porque nunca conhecera rainha tão boa como a avó do senhor D. Pedro, e agradeceu-lhe, dizendo que era magnífica. A mulher pediu a honra de lha colocar sobre os cabelos, quase tão ruivos como os seus, menina Leonor Teles, e a minha senhora baixou-se para a deixar ajustá-la, beijando-a na cara. Depois vieram chamá-la, e ela deu-me a mão e queria que assistisse ao momento em que o prior de Atouguia, um homem bom que já lhe batizara os filhos, abençoasse a sua união, mas o escudeiro do infante não me deixou entrar.

– Portanto, não os viste casar – constatou Leonor Teles, indo direta ao assunto.

Maria e a prima Leonor protestaram:

– Cala-te, que interessa isso, deixa Aisha contar-nos o resto. Aisha, conta-nos como iam vestidas as damas e os cavaleiros. E que joias usavam?

Leonor Teles inspirou fundo, mas a resposta da moura era exatamente a que esperava:

– Estavam os noivos e um padre, quem mais importava – respondeu Aisha.

Leonor Teles levantou os braços, num gesto de despeito.

– Como é possível que Inês de Castro não percebesse que a cerimónia não passava de um teatro.

– É preciso cuidado quando repetimos o que ouvimos, sem saber nada daquilo de que falamos – ripostou Aisha, cortante.

Leonor corou. Era verdade. Repetia o que ouvira à tia Guiomar, quando conversava com o avô Vasconcelos. Procurou defender-se, atacando, como era seu costume:

– A senhora D. Inês foi ingénua. Para ser considerado válido, o casamento de um infante real tem de ser autorizado pelo rei, acontecer numa igreja paroquial, na presença do prior, e contar com testemunhas.

Também ouvira tudo isto ao avô, mas que mal fazia repetir conhecimento inteligente que se adquiria de uma fonte segura – não era isso que lhe dizia o mestre em todas as lições, quando lhe punha à frente mais um livro?

Aisha pôs-se de pé, sacudindo a túnica com irritação:

– Menina, já tem 14 anos, pense pela sua cabeça. E pelo seu coração. Deixe lá o que escuta por detrás das portas. Um casamento é válido quando duas pessoas se juram amar e pedem a bênção do Senhor do Universo.

Leonor corou de novo e, sentindo-se acoissada, bateu com o pé no

chão, como uma criança birrenta, e abrindo os braços num gesto de incredulidade insistiu:

– Aisha, Inês de Castro era uma mulher inteligente, não pode ter deixado de perceber que estava a ser enganada. Se não naquele momento, em que nem os irmãos compareceram, logo depois quando D. Pedro não apareceu ao seu lado, nem lhe deu o braço, no casamento em Évora. Tu estavas lá, tu viste, como apareceu sozinha...

Aisha suspirou:

– A minha senhora sabia que era mulher casada, e sabíamos-lo nós que os víamos fazer vida de casados todos os dias e todas as noites durante anos... Sabia-o perfeitamente D. Afonso quando a mandou matar!

Maria procurou deitar água na fervura:

– Não te enerves, o senhor D. Pedro vai repor a verdade. E os filhos da nossa prima Inês vão ser reconhecidos como legítimos e terão direito a todas as honras devidas aos infantes.

Mas Leonor não se conseguia dar por vencida, muito menos quando sentia que a razão estava do seu lado. O que lhe custava fingir que acreditava, o que lhe custava evitar magoar a sua adorada Aisha: nada. E, no entanto, tudo. Porque era mentira.



Preparo as arcas para partir, escolhendo cuidadosamente os meus melhores vestidos, as mais preciosas das minhas joias – quando João Mendes de Vasconcelos se propôs levar com ele as netas a Cantanhede, tomei consciência de que ali se vai passar bem mais do que a assinatura de uma declaração do rei. D. Pedro traçou uma estratégia e vai levá-la até ao fim, como se tivesse escrito uma peça de teatro e agora se limitasse a levá-la à cena. O irmão de Inês, Álvaro Pérez de Castro, estará na primeira fila, assim como todos os que acompanharam D. Pedro na revolta contra o pai, mas também aqueles que estão cravados de dúvidas e consideram que o grande objetivo de toda esta encenação é apenas a legitimação dos pequenos João e Dinís, colocando-os na corrida à sucessão. Mas, por muito grande que seja a vontade do rei, a legitimação deste casamento, destes filhos, terá ainda de passar pelo crivo papal, e os partidários do infante D. Fernando não se deixarão dormir na forma. A esta hora, os seus embaixadores já estarão em Roma.

Um perigo... e uma oportunidade, se jogarmos com cautela.

Mandei ajustar um dos meus vestidos para que sirva à minha sobrinha Maria Teles, acredito que a sua beleza desperte o interesse do infante, ainda entre aspas, D. João, o mais velho dos Castro. O conde de Barcelos fará o resto...

Igreja de Cantanhede, 12 de junho de 1360

D. Pedro colocou a mão sobre a capa de couro embutido a ouro dos Sagrados Evangelhos e jurou ter casado com Inês de Castro e que, portanto, os seus filhos João, Dinis e Beatriz eram filhos legítimos. Falava perante uma congregação de bispos, sacerdotes, cavaleiros e escudeiros, e gente de todas as profissões que se apinhava até à porta da igreja e mais além, mas a atenção de Leonor estava apenas numa cara: a do jovem D. Fernando, de 15 anos, quase 16, o cabelo louro, liso e brilhante como o de uma menina, cortado a direito à altura dos ombros, o gibão verde, apertado à cintura com um cinto de pedras preciosas, as pernas longas numas calças justas que deixavam perceber os músculos das pernas de um cavaleiro.

Leonor reparou melhor. Os lábios perfeitos estavam pressionados um contra o outro com força, o que os deixava ainda mais rosados, e as mãos entrelaçadas, pousadas sobre o colo, visivelmente tensas. Percebia-se que procurava esconder o desconforto – a raiva? – que esta cerimónia lhe causava. Leonor procurou colocar-se no lugar dele, o que sentiria se fosse com ela? Desconfiaria de tanto esquecimento, de certezinha absoluta, e perguntar-se-ia porque é que o rei vinha alegar agora um compromisso, calado durante todo este tempo, calado quando poderia ter salvado Inês. Pensando bem, lembrava-se da conversa entre a mãe e a tia Guiomar, escutada às escondidas em Évora – já então a tia Guiomar tinha posto dúvidas de que tivesse sido um casamento a sério e não apenas uma troca de palavras.

Ela, é claro, que tomava o partido da prima Inês, porque havia de mentir, mas, lá está, se fosse Fernando preferia duvidar, como fizera Guiomar Pacheco.

Voltou a olhar para Fernando. Sim, provavelmente envergonhava-se do rei. Se fosse seu pai, ela envergonhar-se-ia de o ver fazer esta figura ridícula frente aos vassalos – não se lembrava nem do ano, nem do mês, nem tão-pouco do dia? Que talvez tivesse sido em Bragança, mas talvez não. Que o filho do rei Afonso IV, o neto de D. Dinis, se comportava como um vilão analfabeto, considerando suficiente a presença de um criado, e de D. Gil Cabral, agora deão da Sé da Guarda, que certamente percebera o que tinha a ganhar em patrocinar os amores do infante e da concubina, talvez até recebendo, em

contrapartida, alvíssaras do senhor de Albuquerque, não seria nem o primeiro, nem o último.

Leonor olhava D. Fernando tão intensamente que Fernando o pressentiu, voltando-se por um mero instante para a observar. Maria deu uma cotovelada à irmã:

– O infante olhou para ti.

Leonor negou com um gesto da cabeça, ligeiramente irritada. Basicamente, Fernando ignorara-a, como quem enxota uma mosca a quem se adivinhou o zumbido. Maria riu baixinho:

– És tão vaidosa.

Leonor tomou o comentário como um elogio. Maria pôs-lhe a mão no braço e murmurou-lhe ao ouvido:

– Repara em João de Castro, na adoração com que olha para o pai, que contraste.

Leonor observou os dois filhos mais velhos de Inês de Castro.

– É mais divertido e bem-disposto do que D. Fernando – reconheceu –, mas o infante tem falcões muito mais bonitos e bem treinados – acrescentou. E isso contava muito.

Maria fez um gesto de impaciência:

– Quero lá saber dos falcões. Dança maravilhosamente e rio-me das suas constantes graças e ditos. Recita poemas, que faz no momento, e...

– Estás apaixonada – diagnosticou Leonor, olhando-a com curiosidade, com a mesma curiosidade com que em tempos, parecia há uma eternidade, «apanhara» o pai e a rainha D. Maria nos aposentos de Toro. A paixão era uma coisa perigosa, teria de o lembrar à irmã mais velha.

A tia Guiomar fez-lhes sinal para que se calassem, e as irmãs baixaram os olhos, juntando-se à oração que todos rezavam. Todos... menos Fernando.



Consigno finalmente ficar sozinha com o meu marido, roubando-o ao rei e às intrigas da corte por um serão. Também eu tenho informação preciosa para lhe dar: o aio e os conselheiros do infante D. Fernando não só não acreditam numa palavra do que ficou escrito naquela declaração – janeiro, quem casaria em janeiro, no tempo em que a Igreja o desaconselha? –, como se preparam para disputar a dispensa papal que D. Pedro obteve para um primeiro matrimónio que não se concretizou e que insiste que era válida para todos os seus casamentos posteriores. Vão fazer de tudo para que Roma não aceite este *volte-face*, abrindo os olhos ao papa para o que realmente se passa em Portugal: um rei que procura legitimar bastardos, com quem tem uma ligação muito mais forte do que aquela que alguma vez teve ou terá com o sucessor legítimo. O papa entenderá o risco em que um sim a este pedido colocaria o jovem D. Fernando.

Explico ao mordomo-mor do rei que o infante está revoltado. Até a nossa sobrinha Leonor o pressentiu, confidenciando-me que o ouviu recusar-se a sair para a caça com os meios-irmãos, embora continue próximo de Beatriz de Castro, como se essa estivesse livre do anátema.

– É uma rapariga, não lhe fará nunca sombra – recorda o meu marido, e tem razão.

Hesito se lhe devo repetir o que me dizem, línguas viperinas, e depois desabafo:

– A não ser que os Castro imaginem que...

O conde não me deixa continuar:

– São ignóbeis essas vozes.

São de facto. E, no entanto... amores entre meios-irmãos não são impossíveis.

O meu marido muda de assunto. Parte amanhã para Coimbra, onde a declaração será reconfirmada por ele próprio, por Estêvão Lobato e pelo próprio D. Gil, e assistirá às inúmeras doações de terras, vilas e rendas que D. Pedro fará aos seus filhos Castro. Como ficaria contente a minha tia Teresa Sanches por saber que, finalmente, se fará justiça aos seus «netos», libertando Inês do rótulo de barregã.

– Este assunto está encerrado? – pergunto.

O conde beija-me, procurando calar-me, mas afasto-o. Antes de lhe dar o prémio que pretende, terá de me contar o que me esconde.

Suspira, impaciente, deixando-se cair na almofada:

– Encerrado? Ainda a procissão vai no adro, sabes como é D. Pedro quando se lhe mete uma ideia na cabeça. Mandou esculpir um grandioso túmulo para D. Inês, coberto por um jacente com a imagem de Inês de Castro, coroada. Uma rainha póstuma.

Soergo-me sobre um braço, espantada:

– Em Santa Clara? Junto da Rainha Santa?

O meu marido suspira:

– Não se atreveu a tanto. Escolheu Alcobaça, o seu mosteiro.

– Onde lhe ensinaram a superar a gaguez em menino, com a linguagem dos silêncios – recordo.

João concorda, mas desta vez cala-me, não me deixando esquivar-me aos seus lábios, à sua língua, às suas mãos. As outras perguntas terão de ficar para amanhã.

Barcelos, Hospital dos Peregrinos, março de 1361

Leonor ajudou a freira a ajustar uma ligadura no pé de um peregrino que vinha de Elvas, enquanto conversava alegremente com o homem, animando-o a continuar.

– Mais de meio caminho já está. E uma peregrinação feita no inverno deve tirar mais pecados, não é, irmã?

A freira sorriu:

– Com o frio que tem feito, julgo que Deus Nosso Senhor será da mesma opinião que a senhora D. Leonor...

O homem resmungou um protesto:

– E quem lhe diz que vou a Santiago pagar pecados? Se fossem dessa monta, estava a pagá-los na prisão.

A resposta do peregrino divertiu Aisha, mas quando a moura se aproximou com emplastros de ervas, para colocar nas feridas dos tornozelos que não saravam com o roçar do couro dos botins, o homem protestou:

– Não a quero ao pé de mim, senhora. Ainda agora nas Cortes de Évora o senhor D. Pedro ordenou que as mouras não andassem no meio dos cristãos, tentando-os.

E, olhando descaradamente para Aisha, abriu as mãos num lamento:

– Olhem-me para a beleza desses olhos negros como azeitonas? Como lhe pode um homem resistir.

A freira repreendeu-o, que, assim, nem chagas nos pés nem as léguas percorridas chegariam para lhe salvar a alma, mas o peregrino continuou, perante a indiferença de Aisha e o esgar trocista de Leonor:

– Veja lá se, em lugar destes pachos, prefere urtigas – comentou Leonor.

O homem não tirava os olhos de Aisha:

– Anda vestida de linhos, a moura? Pois olhe, senhora, que o rei não venha a Barcelos ver coisa como esta, porque fez uma lei para que cada um se vista conforme a sua condição. Os mouros da vila de Moura vieram pedir-lhe para que não os obrigue a ir para a lavoura de aljubas e albornozes, porque as mangas são tão largas que os impedem de trabalhar.

Leonor riu abertamente:

– O melhor era não falar do que não sabe, senhor. A mulher a que

se dirige dessa forma serviu a senhora D. Inês de Castro em casa do senhor D. Pedro.

O peregrino observou-a com mais atenção:

– A que agora querem coroar rainha depois de morta? Pois, dizem que era muito bonita, mas mais bela do que esta moura não era, com toda...

Não terminou a frase porque deu um grito de dor.

Aisha propositadamente espetara o dedo na ferida, sem mudar de expressão.

Quanto a Leonor, comentou com uma gargalhada:

– Adivinhei a sua promessa! Caminha para que o santo lhe encontre quem o ature! Mas, sabe, há milagres que mesmo São Tiago não consegue atender.

O homem corou, zangado, e Leonor deu o braço a Aisha, seguindo para outro recém-chegado, mas a moura tremia. De fúria.

– São todos iguais. Quando estão a morrer, chamam por nós. Pelos mouros e pelos judeus, que estudaram o poder das ervas, das pedras e dos metais, de como impedir a pestilência de lhes matar as famílias, mas, quando a doença se afasta, voltam a tratar-nos como se fôssemos gado, marcando-nos com estrelas ao peito ou chapéus ridículos, obrigando-nos a viver só aqui ou só ali, em bairros fechados a sete chaves durante a noite, como se fôssemos ladrões...

– São piores com os judeus, porque os judeus crucificaram Nosso Senhor Jesus Cristo – afirmou Leonor.

Aisha olhou-a, incrédula:

– Senhora! Dos judeus não gostam por inveja. Porque são ricos e lhes emprestam dinheiro que depois não sabem como pagar. Dá-lhes muito mais jeito pôr o credor na prisão ou matá-lo.

E protestou entredentes:

– A quem andam a comprar os panos para irem a Alcobaça, fingir que choram a minha senhora?

Leonor nem a ouvia. À menção da «festa» que se aproximava, animou-se, batendo palmas:

– Quero tanto ir! Achas que a minha tia já me vai deixar pintar os olhos com *kohl*?

Aisha olhou-a zangada, não se dignando a responder-lhe – não conhecia ninguém que pudesse ser simultaneamente tão inteligente e tão vaidosa, tão corajosa e tão calculista, ao ponto de, por vezes, não ter a certeza se a amava ou odiava.

Leonor Teles leu-lhe os pensamentos e sentiu um nó na garganta. Não suportava desiludir Aisha, e inclinando-se na sua direção preparava-se para lhe pedir desculpa, mas limitou-se a passar-lhe a mão pelo braço num afago.



Recebo uma carta secreta do meu irmão Diogo, a quem já chegaram notícias da declaração de Cantanhede e da trasladação do corpo de Inês para Alcobaça. Confirmam que faz bem em continuar invisível, longe de Castela, onde o nascimento de um filho varão a Pedro de Castela e a María de Padilla foi um *volte-face* para os que apoiam o partido de Blanche de Bourbon. O rei mudou a infeliz para Medina Sidonia, isolando-a num território onde os franceses não conseguem chegar. Diz-me que é uma questão de tempo até que a mande matar, tanto mais que, talvez inspirado em Pedro de Portugal e Inês, também o rei de Castela venha a alegar que casou em segredo com a mãe dos seus filhos.

Diogo Pacheco garante-me que os dois Pedros, tio e sobrinho, sofrem da mesma crueldade, que lhes está seguramente no sangue, e pede-me que tenha cuidado. Quanto a ele, vai manter-se em Avinhão, até que seja hora de agir.

Coimbra a Alcobaça, 31 de março de 1361

D. Fernando, João de Castro, Dinis de Castro, Beatriz de Castro. Leonor observou-os cuidadosamente, um por um, rodeando D. Pedro à frente do cortejo fúnebre, a barba do rei cada vez mais longa e mais branca, os cabelos ondulados, pelos quais passava constantemente a mão num tique nervoso, deixando-os revoltos. O tio, o conde de Barcelos, e Álvaro e Fernán de Castro, os cunhados, caminhavam próximos, chegando-se de vez em quando ao ouvido do rei para murmurar qualquer coisa.

Entre prantos, suspiros e desmaios de horror, tinham assistido à exumação do corpo de D. Inês, solenemente levantado da sepultura no Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, colocado num caixão coberto pelos mais preciosos panos e posto numas andas que seis cavaleiros levavam em ombros – revezados por outros seis, de tantas em tantas léguas.

A tia Guiomar não deixou que se aproximassem o suficiente para verem a exumação, temendo que se impressionassem. Leonor protestara, argumentando que não era necessário ser físico ou cangalheiro para saber que seis anos depois de morta só lá estariam os ossos, uma caveira decapitada, e os ossos não a impressionariam, porque os via espalhados pelos campos, rapados pelos abutres, ou quando deixava que *Noctua* tomasse posse da presa. O seu irmão João tapara-lhe a boca com a mão, e mesmo Gonçalo, sempre tão protetor, zangara-se com ela – se não aprendesse a conter a língua, não encontraria marido e esquecesse, também, a possibilidade de ser algum dia dama na corte. Leonor ficara indiferente às ameaças, não pretendia casar, anunciou, e quanto a ser donzela, é verdade que gostava de dançar e de bater palmas como fazia em Toro, dos vestidos e sobretudo das joias, mas a costura aborrecia-a de morte, preferindo mil vezes os cães, os cavalos e a caça.

Mas um olhar, aquele olhar em particular da tia Guiomar, calou-a.

Fosse como fosse, era difícil conversar enquanto caminhavam, e caminhavam todos, porque ninguém fora dispensado desta peregrinação de desagravo àquela que hoje seria rainha se o sogro não lhe tivesse mandado cortar a cabeça.

De ambos os lados do caminho, homens de libré com as armas de

Portugal seguravam círios acesos, numa cobra de luz que acompanhava ininterrupta o caminho de Coimbra a Alcobaça, num espetáculo magnífico, pensado ao detalhe e que maravilhava o povo que saía à rua para ver aqueles senhores passar. Alguns choravam copiosamente, como se tivessem conhecido Inês, como se a tivessem amado, quando, na realidade, as mulheres sempre se tinham posto do lado de D. Constança Manuel, repudiando a barregã do infante. Mas tudo se esquecia, a memória era curta, muito curta, pensou Leonor. Já ninguém falava do seu pai, assassinado, da sua mãe, morta... até ela já sentia dificuldade em recordar os seus rostos... não, não era verdade, nunca esqueceria o momento em que Martim Telo caíra por terra ou em que Aldonça de Vasconcelos lhe pedira que não fosse como Inês de Castro, que agora sepultavam. De novo.

Leonor encantou-se com o pôr do Sol, tão vermelho no horizonte que tingia de rosa as nuvens brancas deste final de março ameno, prometendo um amanhã de céu azul, e à medida que a luz escurecia deixou-se enfeitiçar pelas centenas de velas que se iam acendendo, a chama balouçando fantasmagoricamente. Em breve teriam de parar para dormir umas horas, e haveria missa e orações de encomendação da alma da prima Inês – da rainha Inês –, porque mesmo a este passo intenso era impossível percorrer as 17 léguas entre Coimbra e Alcobaça em menos de três dias. Nem mesmo as suas botas de caça aguentariam tanto, quanto mais os chapins das senhoras da corte, já cobertos de pó e lama.

Subitamente pressentiu alguém e ali estava ao seu lado Aisha. Era espantoso como se movia invisível tanto no paço como numa multidão, embora as suas túnicas fossem as mais garridas, mesmo num dia como este em que a cor desaparecera das vestes de todos. Estava ali, a mais doída de todos eles.



Caminho em silêncio, ladeada pelo meu marido e pelos meus filhos, passos atrás do rei e dos infantes, e que Deus me perdoe, mas não é por Inês que rezo, mas por cada um de nós que aqui estamos. Diogo escreve-me que estão muito preocupados porque a pestilência regressou e dizima muitos em Avinhão, e os físicos recusam-se a visitar as casas dos que padecem do mal, optando-se por fechar partes da cidade, temendo que o mal se espalhe. Como se alguém o pudesse parar. A Portugal, suspeito que já chegou, e precisamente a Coimbra, onde nos reunimos para iniciar este cortejo fúnebre – os meus cobradores informam-me que há vítimas no bairro dos estudantes, demasiados «casos esporádicos» no mesmo lugar, a verdade é que se recusam a lá voltar.

– Para onde é que o rei convocou as próximas Cortes? – pergunto ao conde, que estranha a pergunta.

– Para Elvas – diz-me.

Confirmo a minha suspeita de que o rei já sabe o que aí vem e escolhe a vila que resistiu até mais tarde à grande pestilência, e faço planos para regressar a Barcelos o mais depressa possível.

Alcobaça, 2 de abril de 1361

Leonor sentiu que lhe faltava o ar: ali estava Inês, Inês tal e qual a recordava, alta e esguia, uma mão enluvada segurava o longo colar que sempre lhe conhecera – que sempre lhe invejara – e a outra prendia a elegante luva de pele, deixando ver o seu vestido de botõezinhos, de muitos botõezinhos em forma de pequenos nós, que iam do decote até aos pés. Os olhos bem abertos, a boca num meio-sorriso, o cabelo louro penteado ao meio, encimado pela coroa magnífica, igual à da rainha D. Beatriz.

Era Inês, Inês rainha, e parecia tão viva que certamente acordaria a qualquer instante, para estender a mão despida a cada um dos cavaleiros que aqui estavam, para que a beijassem e lhe jurassem serviço e obediência para todo o sempre.

Aisha, escondida na sombra das colunas que mais pareciam árvores a que não era possível ver as copas, de tão altas que eram, chorava. Como chorara naquele dia em que chegara a Toro.

Fechou e abriu os olhos com força, como quem procura acordar de um sonho, e, inspirando fundo, esgueirou-se por entre os hábitos brancos dos monges em direção à arca tumular esculpida como um livro de iluminuras, mergulhando na história que contava – ali estava, no frontal, Inês, rainha subindo aos céus, enquanto os seus assassinos desciam, escorraçados, ao mais profundo dos infernos.

Voltou a atenção para o rei D. Pedro, a expressão do rosto derrotada, destruída, sugada de vida, e sentiu por ele uma enorme simpatia. Fossem quais fossem as falhas e os pecados cometidos, redimia-se.

A igreja enchia-se de gente, os sermões laudatórios multiplicavam-se frente à imagem esculpida em pedra da rainha morta, e com os olhos fingidamente marejados de lágrimas uivavam como vulgares carpideiras, esperando que o rei os ouvisse, que o rei tomasse nota de como lamentavam o cruel homicídio. Mas Leonor, Leonor só conseguia alegrar-se: aqui Inês estava segura, enquanto esperava por Pedro, e ressuscitariam lado a lado, sem que homem algum pudesse impedi-los de se amarem. O seu amor vencera.

Tinha de o dizer a Aisha.

Beatriz de Castro saiu da igreja, franzindo o sobrolho e fechando os

olhos claros como os da sua mãe à luz forte da manhã, mantendo a solenidade em todos os gestos até estarem a uns metros de distância da multidão, e aí deitou a cabeça para trás e disse uma piada, e todas as donzelas que a rodeavam riram com gosto.

– O que é que ela disse? – perguntou Leonor baixinho a Maria, e Maria Teles mandou-a calar com um gesto de desprezo.

– És nova de mais para entender – disse, deixando a irmã mais nova para trás e aproximando-se de Beatriz, trocando comentários à esquerda e à direita, conversando com esta e aquela num esforço de intimidade.

Mas Leonor não a largou.

– Nova de mais, eu? Beatriz é mais nova do que eu um bom par de anos. Vá lá, Maria, diz-me, o que é que a Castro disse de tão divertido? – insistiu.

Maria zangou-se, e era tão raro zangar-se que, por um instante, Leonor pensou em desistir de obter uma resposta, mas... voltou a perguntar.

A irmã inspirou fundo e, puxando-a para um canto, admitiu:

– Também não sei, idiota. Mas Beatriz é a mulher mais poderosa que aqui está...

– A seguir à tia Guiomar – interrompeu Leonor.

– A seguir à tia Guiomar – confirmou Maria.

– Continua – disse Leonor.

– Preciso de continuar? É simples. Toda a gente ri quando ela ri, toda a gente odeia o que ela odeia, toda a gente adora quando ela adora. Vestem-se como ela e falam como ela, e matam se for preciso para serem aceites na sua Casa. O rei deu-lhe o Paço de A-par-de São Martinho, onde vive, e todos os dias o infante D. Fernando visita-a e passa lá o serão, e dançam, e cantam, e os músicos tocam até de madrugada...

Leonor nunca ouvira a irmã falar tanto, nem com tamanho entusiasmo. Parecia-lhe absurdo, Beatriz de Castro ainda era pouco mais do que uma criança. Levantou os olhos para o grupo de damas e cavaleiros que subiam a uma das salas do paço adjacente ao mosteiro, e pensou que a entendia – era certamente mais divertido fazer parte deste grupo de gente do que passar os invernos em Barcelos, entre lições e orações. Sobretudo para Maria, que não tinha *Noctua* nem o seu gosto pelos livros.

– Talvez o tio te deixe ir para a corte. Se o conde de Barcelos quiser que a sobrinha e a filha sirvam a «rainha», como lhe chamas, nem ela o podia recusar.

Maria pareceu animada:

– Dizem que Beatriz de Castro é casamenteira...

«E quem é que a senhora D. Maria Teles escolhia para marido?»,

ouviram as irmãs, sobressaltando-se. João de Castro deu uma gargalhada e, estendendo a mão a cada uma delas, fê-las dançar, admirando-as. Maria estava corada até às orelhas, retraindo-se de imediato, mas Leonor deixou a sua mão permanecer na de João por mais uns instantes.

Sentia imensa curiosidade pelo filho mais velho de Inês de Castro, de quem Aisha tanto falava. Teria memórias do momento em que a mãe fora assassinada à sua frente como ela tinha do seu pai?

Para horror de Maria, perguntou-lho diretamente, e a expressão de João de Castro endureceu, transfigurando-se.

– Quando à luz do dia me tento recordar do que vi, parece que tudo se apagou da minha memória, mas, à noite, as imagens regressam, e vejo-a, tão magnífica como na escultura do jacente, estendendo-me os braços para que me escondesse neles, chamando-me com um sorriso. E como lembro daquele colar a balouçar-lhe ao pescoço, mas no sonho quando a abraço está fria, tão fria como aquela pedra que hoje foi colocada sobre a arca dos seus restos mortais.

Leonor e Maria escutavam-no sem se atreverem sequer a respirar, tal o receio de interromper a confidência, de estragar a intimidade que parecia agora uni-los como um círculo de fogo. Foi o próprio João que, subitamente, encolheu os ombros, sacudindo o transe:

– As perguntas que a senhora D. Leonor faz! Pronto, já passou. Estou disponível para vos acompanhar até à ceia, porque há dias que não como uma refeição quente e daqui já cheiro a carne assada no espeto.

E, dando o braço a Maria e a Leonor, pediu-lhes para acompanharem os seus passos de dança, rindo de novo...



Que confusão de sentimentos me causou esta interminável cerimónia, em que o belo e o macabro se confundiam de forma assustadora, e no final destes dias esgotantes só espero que o rei tenha conseguido apaziguar a consciência. Mas esta espécie de justiça póstuma pode sossegar a alma, mas abre uma brecha política que nos vai dar ainda muitas dores de cabeça. Sinto-me mal por pensar com tanta frieza, num dia emotivo como este, mas as coisas são o que são, e bastava observar a cara do infante D. Fernando, e dos que estão com ele, para ficar claro que se formam no reino dois bandos, que se vão digladiar com quantas forças conseguirem.

Digo-o, mais uma vez, ao meu marido. É preciso que chame a atenção do rei para a necessidade de dignificar o túmulo da pobre infanta D. Constança Manuel – mãe do futuro rei de Portugal –, que está esquecido no Mosteiro de São Domingos de Santarém, degradando-se a olhos vistos. Mas o conde finge que não me escuta. Ninguém quer lembrar a D. Pedro que, antes de Inês de Castro, foi casado com a filha do poderoso D. Juan Manuel e que o seu filho D. Fernando – se esta confusão em Castela continuar – terá boas e fortes razões para pretender o trono.

Mas deixo de me preocupar com o futuro para me preocupar com o presente quando Leonor entra no meu quarto de punhos cerrados e uma expressão trovejante.

– Chamaram-me bruxa – dispara, furiosa.

– Quem?

– As amigas de Beatriz de Castro. Vou pintar o cabelo ou usar uma coifa tão apertada que não se veja a cor – diz-me.

Esforço-me para não me rir.

– Inveja, Leonor. Tens de aprender a lidar com a inveja.

Põe as mãos na cabeça e abre os dedos como um pente, desfazendo a trança, lançando ganchos e atilhos pelo chão do meu quarto.

– Invejam o quê? Beatriz de Castro é linda e Maria é muito mais bonita do que eu.

E, irritada, conclui:

– Aisha diz que a beleza só traz sarilhos. Que o diga Inês.

Pergunto-lhe porque a insultaram. Tenho curiosidade. Diz-me que não sabe, talvez porque João de Castro falou com ela muito tempo ou porque D. Fernando lhe perguntou se era verdade que tinha um falcão.

Parecem-me razões mais do que suficientes para acordar o ciúme em todas elas.

Beijo-lhe o magnífico cabelo que despreza e mando-a pedir a Aisha para o esfregar com o óleo vermelho das flores e das folhas de *Hypericum perforatum*, que o povo chama de erva-de-são-joão. Ainda há umas semanas, Aisha estava a triturar-las, cobrindo-as com azeite, tapando depois a poção com uma musselina, para que os bichos não caíssem lá dentro. Dias depois vi frascos de vidro expostos ao sol no parapeito de uma janela, para que libertassem o seu poder. Estonteantemente bela como era, Leonor precisava de ser protegida, agora e sempre, do mau-olhado.

Barcelos, verão de 1361

Leonor inclinou-se sobre o mapa que o mestre abrira na mesa grande do *scriptorium*, ouvindo com atenção as suas explicações. Segundo as informações chegadas a Barcelos, a guerra civil em Castela não conhecia tréguas, estendendo-se à Galiza, a Navarra e a Aragão.

Tinha acontecido. Aos 22 anos, a rainha Blanche de Bourbon tinha sido assassinada no lugar de Medina Sidonia, a mando do rei D. Pedro, o de Castela, que evidentemente já se encarregara de matar D. Fadrique e D. Telo, os irmãos de Enrique de Trastámara. A rainha de França, irmã gêmea de Blanche, não perdoava ao cunhado nem a vida nem a morte que se atrevera a dar-lhe e agora oferecia todo o apoio dos seus exércitos ao Trastámara, na condição de que tomasse de uma vez por todas o trono. A tia Guiomar contara-lhe que Diogo Lopes Pacheco estava com Enrique em Avinhão e que se preparavam para uma invasão, enquanto o rei Pedro de Castela pedia socorro aos ingleses, que secundavam a sua causa, ou não fosse ela contra os seus arqui-inimigos franceses.

Leonor marcou todos estes lugares na carta, com pequenas bandeiras surripiadas ao *scriptorium* do conde de Barcelos, e procurava agora prever o passo seguinte:

– Mestre, e que posição tomará Portugal?

O professor estava certo de que o rei faria tudo para assegurar a neutralidade portuguesa – a peste dizimava gente de norte a sul, primeiro era a febre, depois os nódulos do tamanho de ovos que surgiam debaixo dos braços, no pescoço, as pontas dos dedos azuis, e o contágio inevitável de toda a família, numa cadeia de morte que só o confinamento das casas, das vilas, das cidades conseguia (temporariamente) estancar. Da doença vinha a falta de braços para trabalhar, e da falta de braços a terra sem frutos e a fome, criando um descontentamento generalizado. As queixas nas últimas Cortes em Leiria tinham sido violentas, acusando D. Pedro de andar mais preocupado a construir túmulos funerários e a fazer trasladações do que a garantir que os seus súbditos tivessem alguma coisa para pôr no prato.

Sim, o mestre tinha a certeza:

– Portugal vai procurar ficar de fora, dando uma no cravo e outra

na ferradura, porque, por esta altura, o senhor D. Pedro já percebeu as vantagens de seguir a linha política do senhor seu pai.

– Se os ingleses o permitirem – comentou Leonor, movendo no Atlântico pequenas miniaturas de barcos, os barcos dos mercadores que abasteciam Portugal e a quem compravam o vinho e a lã dos rebanhos, que só eles sabiam transformar em tecidos.

– Muito bem visto, senhora D. Leonor – disse o professor, encorajador. Considerava-a a mais brilhante aluna que alguma vez tivera, mais inteligente e rápida do que os primos e irmãos e, seguramente, mais esperta do que as outras duas raparigas da família. Mas talvez não tanto como a condessa Guiomar, ou ainda não tanto, corrigiu-se, porque afinal Leonor tinha apenas 15 anos e muito para aprender.

Os sinos tocaram de novo – tocavam todo o dia, enquanto os canalheiros não tinham mãos a medir com o novo surto de peste.



Deus não dorme. Os franceses e os ingleses também não. Pedro de Castela matou Blanche de Bourbon, imaginando que assim resolvia a contenda com o papa e abria caminho à aceitação plena de María de Padilla como rainha, e Deus levou-lhe a amada, vítima da peste que dizima em todos os reinos. O seu filho Alfonso sobreviveu, e dizem-me que o rei o guarda no alcácer de Sevilha, numa das alas mudéjares que mandou reconstruir, guardado noite e dia, temendo os franceses, temendo os tentáculos de Enrique de Trastámara. Entregou o cuidado do infante, como insiste que lhe chamem, a uma moura, confiando que a sua arte chegue para impedir a pestilência de lhe chegar. Mas, quando conto a Aisha, Aisha acena a cabeça – o príncipezinho em breve estará junto da mãe, garante-me. Reparo que Leonor nos escuta, e a sua expressão é dura, não vê razão para que Pedro de Castela seja poupado a que sofrimento for. Não esquece.

Barcelos, junho de 1364

– Escusas de queimar o teu cardo, porque já sabes a resposta – disse Leonor a Maria, enquanto chamuscava a flor roxa do seu nas chamas da grande fogueira de São João que ardia no adro da igreja.

Mas Maria imitou o gesto da irmã, dizendo alto: «Em louvor de São João, para ver se Álvaro de Sousa me quer bem ou não.»

– Só vais saber a resposta amanhã. Se voltar a dar flor, é porque te quer, senão... – disse Leonor.

– Senão, casa na mesma! – interrompeu-a uma voz de homem, e ambas se voltaram para reconhecer Gonçalo Teles, acabado de chegar a Barcelos para a festa de casamento da irmã. Leonor lançou-lhe os braços em redor do pescoço, enquanto Maria perguntava, ansiosa:

– Álvaro veio contigo?

O irmão fez uma careta:

– O noivo foi primeiro cumprimentar a tia Guiomar, como cumpre, e logo que consiga escapar vem ter connosco.

Álvaro de Sousa era filho de Violante Lopes Pacheco, irmã de Diogo Lopes Pacheco, ambos meios-irmãos de Guiomar, mas a verdadeira nobreza recebia-a do lado paterno, o pai era neto de D. Afonso III. O casamento seria dentro de dois dias, Barcelos inteira preparava-se para a festa da sobrinha dos condes. Mas Leonor ainda não estava conformada:

– É um velho – disse.

Gonçalo riu:

– Trinta e picos anos, mas ganha-me em qualquer justa. E velhos é que se querem, manas, porque já são senhores de alguma coisa, não é como o pelintra aqui do vosso irmão que tem de andar a pedir ao tio para trocar de cavalo.

Leonor manteve-se na dela:

– Velho na mesma. O rei D. Fernando é novo e rico, assim como o infante D. João de Castro, esse quase mais rico do que o rei, não é, Maria?

Maria Teles corou:

– As coisas que tu dizes, Leonor. Não sabes mesmo estar calada.

Gonçalo olhou a irmã mais velha com curiosidade. Com que então,

apaixonada por João de Castro, agora percebia porque a reservada Maria encontrava sempre maneira de se aproximar dele – ou ele dela – nas missas, nos serões. Azar, mas agora não havia nada a fazer, e aprenderia a amar o marido, que outro remédio tinha. E Álvaro era boa pessoa, seria facilmente amável. Atalhou o assunto:

– Leonor, trata é de pensar em ti, porque és a próxima. A nossa prima Leonor já está prometida ao filho de Álgar Pérez de Castro.

A irmã fez o som gutural com que chamava *Noctua*, que levou os irmãos a taparem os ouvidos, e depois declarou:

– Lá está, um marido Castro, um sogro Castro. E logo o único de que D. Fernando gosta, gosta tanto que até lhe entregou o património de Diogo Lopes Pacheco, fora rendas disto e daquilo. Mas, é claro, essa foi a escolha do conde de Barcelos para a filha, nós só somos sobrinhas.

Gonçalo repreendeu-a.

– Que disparate, Leonor, quando falas nesse tom pareces a tia Guiomar nos dias maus. Talvez não te lembres bem dela, mas a nossa mãe ensinou-nos a ser gratos...

Leonor, magoada com a insinuação de que poderia ter esquecido, retorquiu furiosa:

– Com a mãe aprendemos a aceitar de braços cruzados o que a vida nos dá, mesmo que seja um marido que nos trai todos os dias. Coisa que, tens razão, Gonçalo, a tua irmã Leonor nunca aceitará.

Instantaneamente arrependida da dor que provocara aos irmãos, pontapeou uma pedra, como se fosse um gaiato de rua, afastando-se deles. Encostando-se ao muro de onde via o rio, levantou os olhos ao céu e, procurando a estrela da manhã, a estrela da sua mãe, pediu-lhe perdão. Só a ela.



– Maria, acorda, é hoje – disse Leonor, sacudindo suavemente a irmã, que dormia ao seu lado. – Acorda, Maria – insistiu, balouçando sobre a cara ensonada da noiva um cardo florido.

Maria sentou-se na cama, incrédula.

– Floresceu?

Leonor acenou que sim, com entusiasmo, pousando-o na almofada branca que fazia ressaltar o azul-lilás da alcachofra-de-são-joão que ressuscitava em força.

– O Álvaro quer-te e vão ser muito felizes. O cardo não mente – disse, batendo palmas de contentamento ao ver como o raio da flor tinha mudado o humor da irmã. Por momentos, pelo menos.

Aisha, encostada à ombreira do quarto, acenou a cabeça sem saber se devia rir ou chorar. Tinha visto Leonor a trocar os vasos dos cardos,

a inscrever a inicial de Maria no seu e o dela no de Maria. Era Leonor que ia ser feliz no amor. Um dia.



Que maravilhosos tangedores são estes galegos que contratei para a boda de Maria, o paço enche-se de música e de alegria, é a primeira vez que recebemos com esta pompa. Não poupamos em nada, e os convidados deliciam-se com o melhor banquete que alguma vez lhes foi oferecido, aqui ou em Castela. As vacas e os cabritos assam nos espetos no terreiro, à vista de todos, e daqui do topo da mesa que mandei armar no salão vejo como novos e velhos riem e conversam, as canecas sempre cheias do melhor vinho, os pratos constantemente cheios pelos criados, fardados com a nossa libré.

Vieram a Barcelos todos os grandes senhores, exceto o rei e o infante D. Fernando, e não insisti porque quero guardar essa honra para a minha filha Leonor Meneses, mas está cá João de Castro. Reparo que Maria solta o braço de Vasco, e vira-se discretamente, não resistindo a observá-lo de soslaio, confirmando que continua perdidamente apaixonada por ele. Por muito que Leonor a tenha procurado enganar com um cardo que refloresceu, segundo me contou Aisha. Sinto pena que o conde não tenha acatado a minha sugestão de abordar o rei nesse sentido, mas o meu marido teve medo que o atrevimento lhe saísse caro, porque suspeita que D. Pedro ainda não perdeu a esperança de ver João e não Fernando a suceder-lhe no trono. E, se João for um dia rei, convém que esteja livre para desposar com uma infanta de Castela ou Aragão.

Mas, pensando melhor, para nós, para Maria Teles, poderia revelar-se uma jogada demasiado arriscada. Quanto mais o rei se enfurece por não conseguir convencer o papa a decidir a favor da legitimidade do casamento com Inês e dos filhos Castro, mais zangado fica o infante D. Fernando. Por muito bom feitio que tenha, será quase impossível que, após a morte do pai, não os venha a afastar do seu círculo mais próximo, tratando de retomar a fabulosa riqueza que o rei lhes deu.

O que aconteceu no reino vizinho não ajuda a acalmar os medos. Como previ, um ano após a morte de María de Padilla, e depois do desgosto de ter perdido Alfonso – Aisha tinha razão, estava marcado! –, Pedro de Castela foi às Cortes também ele confessar um casamento secreto, pedindo que as filhas fossem consideradas legítimas sucessoras para que a dinastia não acabasse ali. No contexto da guerra com o Trastámara, os procuradores viram vantagens na pretensão, e o arcebispo de Toledo reconheceu a união, permitindo inclusivamente que o corpo de María de Padilla fosse trasladado para a capela real na catedral de Sevilha.

Mas a roda da fortuna não para, e quem sabe o que reserva a Maria Teles. Levanto-me para lhe ir compor o diadema que herdou da mãe, e ela mostra-me a mão aberta, para que admire a aliança de brilhantes que brilha no anelar. Não resisto a beijá-la na testa, desejando-lhe todas as felicidades do mundo, e sinto-a estremecer, recordando a mãe, imaginando que é Aldonça de Vasconcelos e não Guiomar Pacheco que ali está.

A sogra de Maria, a minha meia-irmã Violante Pacheco, chama-me ao terraço, e acedo porque sei que me quer falar do nosso irmão Diogo – perguntar-me se recebi notícias de França. Digo-lhe que não. Que D. Pedro de Castela assinou uma aliança com os ingleses e que o nosso irmão, mais tarde ou mais cedo, avançará com os franceses.

Violante, pelo contrário, está cheia de novidades, recém-chegadas da corte, e delicia-se por mas dar em primeira mão.

– Qual queres saber primeiro? – pergunta, para logo avançar com a mais suculenta. O jovem D. Fernando, bonito e adorador de mulheres, acaba de ser pai.

Confesso que me apanhou de surpresa.

– Quem é a mãe? – pergunto, mas aparentemente é uma mulher de quem nunca ouvi falar.

– Pelo menos talvez chegue para acabar com o rumor de que é demasiado chegado a Beatriz – sussurra Violante, recordando-me porque é que nunca gostei dela. É viscosa e tem o mesmo gosto de Diogo pela justiça de corredor, aquela com que os mais cobardes ajustam contas, sem o destemor que não consigo deixar de admirar nele.

Peço-lhe que passe à segunda novidade, procurando encerrar aquele capítulo, e não se faz rogada.

– O rei deu o mestrado de Avis ao seu bastardo de Teresa Lourenço.

Iço o sobrolho, perplexa, porque é que o meu marido não me contou?

– João, é João, não é? Mas não pode ter mais de cinco anos...

Violante adora o facto de se ter antecipado ao conde e confirma:

– Cinco anos, só tem cinco anos. É um disparate, mais um para dividir o bolo. Mais um para disputar o trono. Será que também pensa legitimá-lo?

Quer que lhe dê informações para a troca, mas não tenho nada para lhe oferecer, desculpe-me com a loucura que foi este último mês de preparativos para o casamento, e regressamos à sala, onde os copos se levantam à saúde dos noivos. Que Vasco a faça feliz, é tudo o que desejo.

Barcelos, junho de 1364

Leonor puxou a irmã, que fingia resistir, até ao jardim do paço.

– Tens de me contar tudo, tens de me contar como foi... – dizia, e a irmã ria, jurando que não lhe contaria nada.

– Custou-te? Vi a criada a mostrar o lençol manchado à nossa tia, por isso não vale a pena dizeres que não aconteceu nada, que só dormiram.

Maria sentou-se no banco de pedra encrustado no muro, e balouçou-se de trás para a frente, gozando este momento em que tinha direito à atenção plena da irmã mais nova, brincando com a trança que lhe caía sobre um ombro.

– Uma mulher casada não discute a sua noite de núpcias com ninguém.

Leonor interrompeu:

– Exceto com a irmã.

E, sedutora como sabia ser, acrescentou:

– Vá lá, Maria, sabes que o tio João me vai casar a seguir e já não tenho mãe para me preparar para estas coisas...

Maria sorriu-lhe:

– És uma chantagista que sabe quando pode puxar ao sentimento. Mas a ti digo-te como foi, mas jura-me, jura-me que não repetes a ninguém.

Leonor benzeu-se apressadamente.

– Pela minha alma. Mas agora conta. Depois do banho de alfazema e rosmaninho, que eu preparei com Aisha, de te vestirem a camisa bordada mais bonita que já vi e de a tia e as tuas damas te levarem ao quarto, o que aconteceu a seguir? O que fez Álvaro?

Maria baixou os olhos, com alguma tristeza.

– Estava tão bebido que nem apreciou a camisa de noite, nem o perfume. Caiu na cama e ressonou como um porco.

Leonor abriu a boca, horrorizada. Nos romances que lia, nenhum cavaleiro se comportaria assim, mas também nenhum era um velho, como aos seus olhos era Álvaro de Sousa.

– Selvagem! Não te leu um poema?

Dera ao cunhado uma das cantigas do livro de Alfonso X, *o Sábio*, de que Maria mais gostava, para que Álvaro a aprendesse de cor e

a recitasse quando estivesse pela primeira vez sozinho com a noiva, e o idiota nada?

A irmã reagiu à menção do poema com uma gargalhada:

– Poema? Duvido que conseguisse articular o nome próprio se lho tivesse perguntado.

– E tu o que fizeste, abanaste-o, acordaste-o? Podias ter vindo embora. Podias ter voltado para a minha cama, e ele acordava sozinho e aprendia a lição. Juro-te que será o que farei se o homem com quem casar me tratar assim.

Maria não duvidava por um momento.

– Pois, mas às vezes compensa não ser tão impulsiva como tu – disse, com um sorriso de triunfo.

Leonor entusiasmou-se de novo:

– Sempre o acordaste?

– Não o acordei. Quando acordou já mais sóbrio, deu um salto surpreendido, como se não soubesse quem eu era, mas depois...

– Depois?

– Soltei o cabelo.

O longo cabelo de Maria era irresistível, de um castanho-dourado, suave e delicado, certamente que Álvaro pensara que via uma ninfa a sair de um lago, imaginou Leonor.

– E depois beijou-me na boca longamente e desapertou os atilhos da minha camisa, um por um, enquanto me beijava ardentemente a pele, e sentia o corpo dele contra o meu, cada vez mais descontrolado. E depois aconteceu.

Leonor cruzou os braços, desiludida:

– Não acredito que te vais ficar por aqui. Quero é saber o «depois».

– E insistiu: – Dizem que dói muito, que pelo menos as primeiras vezes dói muito...

Maria corou:

– Tudo depende se o corpo da mulher está ou não preparado para receber... Se estiver a gostar, é mais fácil. – E atalhou rapidamente: – As pomadas de Aisha ajudaram...

Leonor inspirou fundo:

– Li uns livros proibidos, estão numa arca escondida do conde. São compêndios médicos árabes, antigos, traduzidos para latim em Toledo, já no tempo da Rainha Santa, e têm desenhos.

Maria olhava-a, incrédula, e Leonor continuou:

– Percebi que há posições que dão mais prazer às mulheres. Se a mulher não tiver prazer não engravida. A semente feminina só se solta se ela tiver dois orgasmos, um externo e outro lá dentro. Se quiseres mostro-tos.

A irmã troçou:

– Prefiro aprender com o meu marido. Os livros ficam para quem

não tem homem...

Leonor sentou-se no banco em frente ao de Maria e pousou a cabeça nos braços, assentes no muro baixo:

– Tens tanta sorte, quem me dera ir contigo para Lisboa, para a corte de D. Beatriz de Castro. Sem ti, Barcelos vai ser insuportável.

– Vais-me visitar. E arranjo-te um marido – disse a irmã, fazendo-lhe uma festa.

Leonor assentiu, e animou-se a si própria:

– O meu latim ainda não está perfeito. Pensando melhor, prefiro as caçadas com *Noctua* e os meus livros à parvoíce das conversas das donas e donzelas da presunçosa D. Beatriz.

E, pondo-se de pé, Maria ficou a admirá-la a bailar sozinha, enquanto cantava a última cantiga do livro de Alfonso X, *o Sábio*, o seu favorito.

Levantou-se e, dando-lhe a mão, dançou e cantou com ela:

«*Santa Maria,
Estrela do dia,
Mostra-nos o caminho
Para Deus e nos guia.*»

Barcelos, abril de 1365

Leonor tomou o sobrinho no colo, levantando-o para que uma Maria exausta visse de novo o rosto rosado do seu recém-nascido.

– Bom resultado deu a tua noite de núpcias – comentou, bem-disposta.

– E não precisei dos livros proibidos – respondeu a irmã.

– Sempre lhe vais chamar Lopo? – perguntou.

Maria virou a cara na direção oposta, evitando a irmã:

– Era o nome que Álvaro queria para ele se fosse varão...

A notícia da morte do marido numa estúpida escaramuça em Castela chegara há menos de uma semana e fora certamente a causa deste parto prematuro. Com pouco mais de vinte anos, Maria era viúva e mãe.

– Ficaria orgulhoso por lhe teres dado um varão – assegurou-a. E, pousando o bebé no berço, tapou-o cuidadosamente e, balouçando-o, disse-lhe: – Lopo de Sousa, o tio Gonçalo Teles vai ensinar-te tudo o que precisas de saber, e eu, Leonor Teles, tua madrinha, vou proteger-te sempre.

– Madrinha? – perguntou a irmã, divertida.

– Evidentemente – confirmou Leonor, com uma gargalhada – ou estás a ver aqui alguém melhor para desempenhar esse papel?

Maria observou a irmã com atenção. Aos 19 anos, acabados de fazer, era deslumbrante, a mãe ficaria muito orgulhosa dela. Generosa, disse-lho, e Leonor agradeceu com uma vénia trocista.

– Linda, mas solteira, enquanto tu, Maria, já foste amada.

E, ajoelhando-se ao lado da cama da irmã, pôs-lhe as mãos no rosto:

– É cedo para te falar nisto, mas confia, vais ser ainda mais amada...

Ja acrescentar «e desta vez por um homem mais novo, que não cai morto ao virar da esquina», mas conteve-se.



Vejo as minhas sobrinhas debruçadas sobre o berço do pequenino Lopo, vestidas de panos de dó, mas tão felizes. É este o milagre que uma nova vida consegue operar, porque como é que nos podemos entregar ao luto se temos um bebé para quem somos o centro do mundo. A morte do infeliz Álvaro não partiu o coração a Maria, não tinha sobre ela esse poder. É a vantagem dos casamentos arranjados por terceiros, penso, cínica.

Mas talvez o desgosto se revele uma oportunidade. Maria Teles é nova e bonita, e a partir

de agora uma viúva rica, que pode viver do usufruto da fortuna que o seu filho herda. Tem tudo para ter casa na corte de Beatriz de Castro, a única corte que conta, e quem sabe o que pode acontecer a seguir...

Barcelos, maio de 1366

Leonor viu ao longe uma nuvem de pó levantar-se no caminho e logo depois o galope de cavalos. Chamou *Noctua*, temendo que se assustasse com o grupo de homens que se aproximava, mas o peregrino estava demasiado ocupado a perseguir um pombo para lhe obedecer. Chamou mais alto, puxando o som do fundo da garganta, mas com o coração em sobressalto viu a ave afastar-se, um ponto negro no horizonte: seria desta que desapareceria para nunca mais voltar? Por muitos anos que passassem, a cada voo ainda temia perdê-lo – porque não preferiria um rochedo solitário, uma escarpa, a companhia de outra ave de rapina, uma vida diferente? Se era tudo o que também ela ambicionava. Estava farta de Barcelos, a cada carta que a irmã lhe mandava da corte, com a descrição das caçadas, dos bailes e de tanta coisa que a fazia corar, mais impaciente ficava com esta rotina enfadonha de missas e procissões, de bordados e visitas a conventos. Valia-lhe o *scriptorium*, os livros e *Noctua*.

Que não voltava.

Esquecida do grupo de cavaleiros, começou a correr, rastejando para passar sob uma cerca, puxando o vestido com força para o saltar de umas silvas, em que se arranhou, procurando o ponto mais aberto da clareira onde *Noctua* a pudesse ver, para abrir os braços como um cristo na cruz e chama-lo de novo.

Mas *Noctua* continuava invisível, indiferente aos seus apelos.

Leonor deixou-se cair na erva verde, escondendo a cara com as mãos, zangada. Maldito *Noctua*, porque raio dera o nome de um mocho a um falcão, acreditando que o nome bastaria para o insuflar de sabedoria. Deveria ter desconfiado do rei que lhe dera um tal conselho e que se revelara o pior dos traidores.

Afastou as mãos e, mantendo-se deitada, fixou o céu de um azul estridente que feria os olhos e vociferou:

– Estúpida criatura!

– Dizem que os falcões são muito parecidos com os donos.

Levantou-se de um salto. A voz trocista era do conde de Barcelos, e o grupo de cavaleiros que o acompanhavam riu da sua graça. Olhou-os com despeito, eram vassalos do conde, rir-se-iam quer tivesse realmente piada ou não, e depois cumprimentou o tio, passando as

mãos sobre o vestido numa tentativa infrutífera de o «engomar».

– Alguma ideia, meu tio?

– Nenhuma, mas talvez aqui o senhor D. João Lourenço da Cunha se lembre de algum truque para consolar uma donzela em aflição.

Leonor levantou os olhos azuis para João Lourenço, desconfiada. Porque é que aquele velho – ainda mais velho do que o seu defunto cunhado Álvaro de Sousa e bem menos bonito do que ele – havia de saber como trazer de volta o seu peregrino?

Mas João Lourenço passou a perna por cima da sela e saltou agilmente – para a idade, pensou Leonor – para o chão, perguntando-lhe:

– Posso saber que nome lhe deu?

– *Noctua*.

E, não vendo na expressão do homem qualquer sinal de entender a importância do que acabara de lhe dizer, acrescentou:

– *Noctua*, como o mocho de Atena.

Mas Atena também não parecia significar nada para a criatura, pensou Leonor, com desprezo.

– Senhora, e como é que o reclamo...

Leonor chamou o mais alto que conseguiu, olhando de novo para norte, na esperança de reconhecer as asas abertas da sua ave, mas nada.

João Lourenço repetiu o chamamento, mas com uma força de pulmões espantosa, fazendo-o ressoar pelo vale, enquanto fazia subir no ar um rol espantosamente perfeito – uma peça de couro em forma de ferradura, com um par de asas falsas que volteavam no ar, tendo preso um pedaço de carne para atrair a ave.

Aliviada, enervada, contente, zangada, Leonor finalmente reconheceu *Noctua*, que voava na sua direção.

João Lourenço puxou a correia, recolhendo o rol, passando o pedaço de vianda a Leonor, para que recompensasse a ave que lhe pousava na luva, como se nada fosse.

– Interesseiro – resmungou Leonor Teles entredentes, e o conde deu uma gargalhada divertida.

– Interesseiros somos todos um bocadinho, não é, senhor D. João Lourenço?

Leonor estava demasiado ocupada a colocar o caparão na cabeça da ave para reparar como aqueles homens sorriam uns para os outros como se partilhassem um segredo.

– Sobrinha, dá-me a mão e sobe – disse o tio, e Leonor com um salto ágil subiu para a garupa do cavalo do conde de Barcelos, com *Noctua* no braço, procurando não devolver o olhar com que se sentia observada por esta gente. Apostava que lhes metia medo uma mulher que andava sozinha pelos montes, com uma ave na luva, mas se algum

deles tivesse o condão de a tirar daqui, de a levar para a corte, não se faria rogada.

As mesas estavam armadas no salão grande, constatou Leonor ao entrar em casa, com ordens de se vestir para a ceia, que o conde e os amigos vinham esfomeados. Pelos vistos, a condessa Guiomar recebera aviso da chegada do marido, porque os mantéis eram de festa e os pratos e as bacias de prata tinham saído das arcas.

Aisha esperava-a com um banho quente.

– Sou a única que não sabia desta festa? – perguntou Leonor, enquanto se tentava libertar dos espinhos e das ervas que se tinham agarrado à túnica e ao cabelo. – Tive de correr atrás de *Noctua* – justificou-se, enquanto deixava escorregar o vestido e entrava na tina, com um suspiro de satisfação.

– Não voltou? – perguntou a moura, enquanto espremia um limão sobre os cabelos emaranhados.

Leonor deixou-se escorregar mais fundo, mas ao contacto do braço arranhado com a água protestou:

– Esta porcaria arde! Deixei-me prender numas silvas, devia estrangular o raio do peregrino, que, ainda por cima, me fez parecer uma principiante, aos olhos do conde e dos cavaleiros.

Aisha pegou no braço magoado, avaliando a profundidade dos golpes, retirando com os dentes alguns dos picos que ainda lá estavam:

– Não me parece que ele se tenha importado.

Leonor sentou-se mais direita na banheira, espantada:

– Ele quem?

– Aquele cujo rol trouxe *Noctua* de volta.

– Como é que sabes?

– Vi-vos do alto da torre – disse Aisha.

Leonor reagiu com entusiasmo:

– Daqui? Impossível. Impossível que me tivesses reconhecido a esta distância. Usaste magia?

Aisha riu, misteriosa como sempre:

– Quantas raparigas vestidas com brocados andam pelos campos com uma ave no braço? – quis saber.

Mas Leonor não se deixou enganar:

– *Noctua* estava contigo? Voou para ti? Foste tu que o mandaste de volta? – E, empalidecendo, perguntou, num fio de voz: – O que significa isso, Aisha? O que me estás a querer dizer? E porque falas dele? Do amigo do conde, que tem idade para ser meu pai?

Aisha passou-lhe a mão pelos cabelos, as madeixas suavemente entre os dedos, como fazia a sua mãe, em Toro, quando ainda era ela que a penteava.

– Porque faz perguntas para as quais sabe a resposta...

Leonor cerrou os olhos com força, as pestanas escuras contra a pele rosada, perfeita.

– João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, vassalo do senhor D. João de Castro.

Há semanas tinha ouvido o seu nome da boca da tia Guiomar, e escutara os segredinhos das damas da condessa, que talvez até tivessem olhado na sua direção, não podia ter a certeza, voltara a atenção de novo para a carta que escrevia.

– Aisha, o que vês nos céus, diz-me.

Aisha protestou:

– Não sou Zulema.

– Mas estavas no alto da torre. Como ela fazia. Contaste-me que Zulema via Algol e a estrela de Inês... Não consegues ver a minha?

Aisha retirou do cesto uma toalha de linho.

– Grande poder teria eu de ter para conseguir ver estrelas em pleno dia...

Leonor franziu o nariz, sem se querer dar por vencida:

– Não sei se vês o futuro nas estrelas, na água dos poços ou nas pedras do caminho, mas não estavas ali por acaso. E *Noctua* não te procurou por acaso.

– E aquele homem não estava ali por acaso – suspirou Aisha.

Leonor cerrou os punhos, como quem ganha uma corrida:

– Finalmente, desata-se a língua...

Aisha abraçou-a com um pano branco:

– O que tenho são bons ouvidos. O conde volta contente porque o rei lhe deu mais terras e mais riqueza. E trouxe com ele um homem poderoso...

Aisha continuou:

– Um homem que há muito tempo se sente atraído por si. E *Noctua* respondeu ao seu chamamento...

– Era um teste? Simulaste uma prova?

E, sem esperar pela resposta, levantou os braços ao ar, num desespero:

– É velho, velho demais, e é um mero vassalo. Não frequenta a corte, nunca frequentou, nem frequentará. Vai fechar-me em Pombeiro.

Depois inspirou fundo:

– Mas é melhor do que envelhecer aqui de tédio! Olha, Aisha, talvez morra depressa como o meu cunhado e me deixe a fortuna toda.

Depois estacou, o pano a deixar-lhe ver o ombro nu, o colo de garça, as formas perfeitas do peito.

Aisha inspirou fundo: nunca imaginara que pudesse haver uma mulher mais bonita do que Inês e, no entanto, não conhecia flor mais bonita do que Leonor.

Mas Leonor não era Inês. Leonor abraçaria as oportunidades independentemente das consequências, como uma trepadeira capaz de chegar alto, atraída pela luz. Leonor seria sempre como *Noctua*: irresistivelmente bonita, planando sobre todos, as penas de seda iluminadas pelo sol, chegando-se-lhe destemidamente, mas sem nunca cometer a insensatez de se aproximar demais. Capaz de pousar numa luva com a leveza de um passarinho ou de descer em voo picado sobre uma presa desprevenida, tomando-a sem dó nem piedade.

Não precisava de olhar as constelações para saber que o senhor de Pombeiro não a merecia.

Leonor voltou atrás:

– Aisha, vais comigo?

Sabia que sim.



Valha-me Santo Acácio, só com a ajuda de um santo consigo vencer o temperamento obstinado de Leonor! Quer e não quer. É um anjo até meio da manhã e um diabo da parte da tarde, sempre com resposta pronta. Foi exatamente porque a conheço que pedi ao meu marido para lhe apresentar o casamento com João Lourenço como um facto consumado, trazendo-o até cá em pessoa, embora confesse que tive algum medo de que lhe virasse as costas, sem mais uma palavra. Ainda protestou que, além da diferença de idades, merecia melhor, mas lembrei-lhe que a mãe de João Lourenço da Cunha era neta de D. Afonso III, o que faz dele parente do infante D. Fernando. Consoltei-a. Disse-lhe que terá certamente oportunidade de caçar com o rei, de visitar Maria e de conhecer a corte de Beatriz de Castro. Percebo que qualquer dessas três coisas a atraí, mas continua a queixar-se:

– Tia, João Lourenço nem sabe quem é Atena, muito menos *Noctua*, não passa de um analfabeto.

Provavelmente tem razão. Às vezes penso se foi boa ideia deixar que Leonor estudasse tanto, aprendesse tanto, ao ponto de hoje escrever em português e em latim, prestando-me muitos serviços no *scriptorium*. Noutros tempos seria impensável que uma mulher se empregasse na contabilidade e na escrita, mas depois de a grande pestilência ter dizimado tanta e tanta gente, em grandes casas como as nossas, foi preciso recorrer às filhas, que tiveram a oportunidade de provar que davam bem conta do recado. Que o diga eu, que tive a sorte de ter uma mãe que não acreditava em deixar assuntos tão sérios, como os dos negócios, nas mãos de quem nos possa enganar. Por isso, feitas as contas, ainda bem que a minha sobrinha se vale por si, bom serviço lhe fará agora que vai para longe de mim. Eu é que lhe vou sentir a falta.

Ponho as costureiras a fazer-lhe vestidos, para juntar aos lençóis e toalhas que já fazem parte do seu enxoval e enchem as arcas que seguirão daqui para a Beira. Será senhora de um solar, que comandará como entender, o novo marido vive sozinho há muitos anos, aceitará com agrado ter uma mulher a cuidar dele e da casa.

Desatei a rir com a sua expressão trocista. Por ela levava apenas três arcas, bem grandes: uma de vestidos dos melhores panos, outra de joias e a terceira, a maior de todas, de livros. Deixo que leve os nossos porque desconfio que não os encontrará no sítio para onde vai.



Finjo escolher a melhor maçã no cabaz que me enviaram das minhas propriedades em Ferreira de Aves e quando os meus dedos sentem a textura do pergaminho encontro forma de o esconder na manga, sem que as minhas damas reparem no gesto. É sempre de forma dissimulada que me chegam as cartas de Diogo, porque sei que mesmo aqui haverá quem faça chegar aos ouvidos do senhor D. Pedro que os irmãos Lopes Pacheco se correspondem.

Abro a carta quando estou finalmente sozinha e não quero acreditar no que leio: Enrique fez-se coroar rei de Castela, nas Huelgas, o mesmo convento em Burgos onde foi coroado o rei seu pai. Diogo esteve ao seu lado, recebeu dele honras e distinções, e garante-me que Castela inteira está pelo usurpador. Os exércitos franceses avançam agora para sul sob o comando do Trastámara e assegura-me que o reinado de D. Pedro, o *Cruel*, chegou ao fim.

Não tenho tanta certeza, porque os ingleses estão pelo rei legítimo e não o deixarão cair, sob risco de perderem para os galeses o mercado nos portos castelhanos do Atlântico.

Mando que chamem o conde. Que satisfação me vai dar entregar-lhe uma notícia como esta em primeira mão.

Santarém, outubro de 1366

O conde entrou nos aposentos da mulher, visivelmente maldisposto, e com um gesto assertivo da mão ordenou que todas as damas e donzelas desaparecessem dali. O que tinha a dizer destinava-se apenas aos ouvidos de Guiomar. Leonor fingiu procurar o carrinho de linhas, que na verdade nunca tivera, tal a ânsia de ouvir tudo, e, vendo-a demorar-se, o tio fez-lhe inesperadamente sinal de que se sentasse. Pensando melhor, mais valia que soubesse por ele que o assassino do seu pai estava a poucas léguas de Santarém.

– O rei de Castela em Portugal – repetiu a sobrinha, empalidecendo. Guiomar adiantou-se:

– Enrique de Trastámara ganhou terreno e D. Pedro foi obrigado a fugir de Sevilha, embarcando para Portugal com as duas filhas que lhe sobram, D. Constança e D. Isabel. Vem pedir auxílio ao tio na guerra contra o usurpador.

– E pretende casar D. Constança com D. Fernando e D. Isabel com D. João de Castro. Mas não vai acontecer – acrescentou o conde.

Exasperado acrescentou:

– O rei de Portugal recusa-se a receber o sobrinho, e até consultou o infante pela primeira vez, e D. Fernando está com o pai. Não se querem meter na guerra do reino vizinho, dando um pretexto para que qualquer um deles entre por aqui adentro, incendiando o pouco que nos resta, depois de tantos anos de doença e de fome.

Voltando-se para Guiomar, as palmas das mãos abertas revelando o seu descontentamento, protestou:

– Tudo muito certo, tudo muito lógico, mas como é que vou levar um recado como este? Dizer ao rei que, agora que precisa de socorro, o tio nem se digna a escutar as suas razões.

Guiomar sorriu, um sorriso cínico:

– Que está em maré de azar, já o senhor D. Pedro de Castela percebeu: a galé em que carregou todo o tesouro real foi capturada e entregue ao Trastámara. O rei está genuinamente de mãos a abanar...

Leonor indignou-se:

– E ao meu tio parece-lhe difícil dar más notícias ao homem que matou o seu único irmão? Ao homem que matou o nosso pai?

O conde acenou com um gesto de desconforto, como se o passado

lhe pesasse sobre os ombros, mas estivesse habituado a varrê-lo para debaixo do tapete, para que não o impedisse de tratar do presente e prevenir o futuro. Mas Leonor não tencionava dar-lhe descanso.

– Lembra-se, pelo menos, dos cabelos ondulados e fortes de Martim Telo? Pois foram-lhe arrancados pelo assassino, que o agarrou por eles, enquanto o esfaqueava no coração. Ninguém mo contou, tio. Vi-o com os meus próprios olhos.

E, à medida que as memórias regressavam, o sangue acorria-lhe ao rosto, que se cobria de fúria. Cruzando os braços, acrescentou:

– Casar uma das suas filhas bastardas, para mim continuam a ser bastardas, com o próximo rei de Portugal só o cobriria de vergonha. Para além de o obrigar a entrar na guerra, pois como podia recusar-se a valer ao sogro?

O conde de Barcelos rebateu o argumento da sobrinha:

– É verdade, mas a recompensa que oferece é grande: promete-lhe a coroa de Castela. A de Castela e a de Portugal unidas numa só.

Leonor franziu o nariz, num gesto tão característico que ainda a tornava mais fascinante:

– Como prometeram ao senhor D. Pedro e a Inês de Castro quando estávamos em Nisa, lembra-se, tia? D. Pedro acabou por aprender a lição, perdeu a mulher que amava e entendeu que não tinha força para manter o trono de Castela contra Enrique de Trastámara. E agora não quer comprar uma guerra que está destinado a perder porque... Conte-lhe, tia – disse, virando-se para Guiomar –, conte-lhe o que lhe diz o seu irmão Diogo: o «usurpador» aliado aos franceses é invencível.

E abriu as mãos, mostrando-as vazias:

– A esta mesma hora, a nova «rainha», D. Juana Manuel, está certamente enfeitada com as joias de María de Padilla, com as joias de Luísa de Guzmán, o tesouro real que o almirante castelhano capturou quando D. Pedro procurava fugir com ele.

O conde olhou a sobrinha surpreendido. Guiomar não se cansava de lhe dizer que Leonor era superiormente inteligente e informada, mas a verdade é que até agora reparara mais na sua arrogância, e até no seu humor sarcástico, do que no seu raciocínio esclarecido.

Desafiou-a:

– E então o que é que a senhora D. Leonor recomendava?

Leonor ignorou a ironia:

– Faria exatamente como sugere o rei de Portugal: tirava-o imediatamente de Portugal. E mandava que seguissem com ele todos os seus apoiantes que têm buscado guarida na nossa corte. Não o apoiam os ingleses? Que case a filha com o Príncipe Negro.

– Já é casado – resmungou o conde, avançando na sua direção, pousando-lhe uma mão em cada ombro: – Leonor Teles, vou nomear-

te para o conselho do rei – disse com convicção, e Leonor corou de orgulho. Teve a certeza de que, a partir de agora, o tio contaria com ela.

Despediu-se com uma vénia, mas ainda o ouviu dizer a Guiomar, quase como se a culpasse:

– Esta é mal empregada em João Lourenço da Cunha.

Sentiu borboletas na barriga. Será que reconsideraria? Será que a deixaria ficar em Santarém, ou enviá-la-ia para Lisboa, onde agora Maria era servida por damas e donzelas, rodeada de servas? E aí sim, poderia escolher o marido que mais lhe convinha. Nessa noite não conseguiu adormecer.



Quase senti ciúmes. Minto: senti ciúmes de Leonor, e muitos, da admiração que Leonor suscitou no meu marido, pela forma como o levou a parar e a escutá-la, a seguir os seus raciocínios, coisa que raramente faz quando é uma mulher a falar. Estou habituada a que esse privilégio me seja exclusivo, desde que, tal como a minha sobrinha, um dia lhe fiz frente, e foi por isso mesmo que o conquistei. Conquistou-o agora ela?

Não me resta qualquer dúvida de que Leonor ainda o ouviu comentar que era boa demais para o senhor de Pombeiro, percebi-o pela forma como endireitou os ombros e levantou a cabeça. Repreendi-o por lhe insuflar a vaidade e semear a insatisfação, mas reconheço que o fiz movida muito mais por essa inveja latente de uma mulher envelhecida que se sente ultrapassada pela beleza e juventude de uma mulher mais nova, mesmo quando é sua filha. Ou quase.

Mas o conde não só desvalorizou as minhas críticas – deixando-me com aquele amargo de boca que nos toma quando nos sentimos mesquinhas –, como voltou a insistir que talvez ainda fosse a tempo de quebrar o contrato com o senhor de Pombeiro e ambicionar mais alto. Talvez, porque não, Leonor e João de Castro? O par que negámos a Maria Teles, que o ama e que agora, viúva e rica, tem a oportunidade de conquistar?

Confesso que perdi a cabeça. Ameacei-o. Fui sonsa e encostei-o à parede: pretendia desonrar a sobrinha, dando a entender que não agradara a João Lourenço da Cunha, ou pretendia criar um inimigo para a vida, como se não bastassem os que já odiavam o valido do rei?

Fez-me sinal de que sossegasse. Num tom paternalista, mandou-me falar mais baixo, o que me pôe logo fora de mim, mas acabou por se dar por vencido. Por agora, porque na primeira oportunidade não se esquecerá do que viu em Leonor e de como a pode usar para atingir os seus intentos, esteja ela num solar perdido na Beira ou num vale em Trás-os-Montes. E eu, tingida pela humilhação, pela primeira vez desde que Aldonça de Vascelos me confiou a sua filha, senti um enorme desejo de a ver pelas costas. Casaria, e casaria mesmo, com João Lourenço da Cunha, e quanto mais depressa melhor.



Vou com o conde beijar a mão ao rei de Castela, nas casas onde ficou alojado a umas léguas de Santarém. O rei de Portugal, não cedendo sequer a um encontro, mandou dizer com todo o descaramento que os assuntos do reino não lhe deixavam tempo para mais nada e saiu para a caça, consciente de que os espiões na sua corte não demoraram duas horas a fazer chegar a notícia ao sobrinho.

D. Pedro tem pouco mais de trinta anos, e aos olhos de uma mulher de sessenta como eu parece ainda muito jovem, o cabelo preso por uma fita de couro trabalhado, fazendo a vez de uma coroa, tal como Leonor me descreveu, uns olhos verde-vivo, que não param sossegados. Observando-o sentado num trono improvisado numa sala demasiado modesta, é difícil imaginá-lo a criatura fria e cruel que mata a oito sem remorsos ou estados de alma. Mas os

cadáveres que deixa pelo caminho são prova de que o meu irmão Diogo não mente, assim como o número crescente de nobres que trocam o seu bando pelo do Trastámara.

Sentadas em almofadas, à sua direita e à sua esquerda, estão as suas filhas, cuja beleza faz justiça tanto ao pai, filho da formosíssima rainha Maria, como a María de Padilla, que nunca conheci, mas que me foi sempre descrita como uma mulher de enorme beleza e encanto. Constanza, a herdeira, tem 12 anos, e Isabel é apenas um ano mais nova, e recordo que veio ao mundo durante o trágico cerco de Toro que resultou na morte do meu cunhado.

O conde apresenta ao rei em fuga o plano que engendrou, vendendo-o como uma ideia generosa do rei de Portugal: que ele próprio, acompanhado de Álvaro Pérez de Castro, o escoltará até Lamego, onde Pedro Fernán de Castro, senhor da Galiza e seu indefetível vassalo, o acompanhará até ao castelo de Monterrei, onde um emissário do rei Edward de Inglaterra estará à sua espera para discutir os próximos passos.

Quando D. Pedro se levanta, tomo consciência de como é alto e está em forma. Numa voz forte, garante-nos que a ofensa do rei de Portugal será vingada, e percebo que não é uma ameaça vã, mas é para mim a sua última palavra:

– Senhora D. Guiomar Lopes Pacheco – diz, despiando-me propositadamente do meu título de condessa de Barcelos –, pode avisar o seu irmão de que não descansarei até que a sua cabeça esteja num espeto, os olhos comidos pelos corvos, o corpo decepado em muitos bocados. Não para satisfação do rei de Portugal, que depois desta afronta não me merece mais do que desprezo, mas para vingar a senhora D. Inês de Castro, minha aia, amiga e confidente, a quem devo tanto.

Baixei os olhos, impedindo-o de ler neles a avalanche de sentimentos que me provocava o envolvimento do meu irmão na morte de Inês. Mas, por muitos pecados que Diogo viesse a ter de pagar, derrotar este homem não seria um deles.

Barcelos, dezembro de 1366

Leonor abriu os braços em cruz para que as costureiras lhe apertassem os cordões de ouro que fechavam as mangas de seda branca do seu vestido de noiva, levantando simultaneamente um pé para que a sua irmã Maria lhe calçasse um dos chapins de cetim azul bordado a fio de prata, levantando depois o outro, repetindo a operação:

– A culpa é toda tua – disse.

Maria Teles virou-se para a encarar, sorrindo:

– Já estou tão habituada que nem pergunto o que fiz agora para te ofender, minha querida mana.

Leonor deixou os lábios esboçarem um sorriso:

– A culpa é tua por me ver obrigada a casar em dezembro!

Maria sacudiu a cabeça, fingindo-se chocada:

– Ai, Virgem Santíssima, Leonor, tenho culpa que o meu marido tenha morrido, e que os costumes mandem que não se faça festa por um ano e meio?!

Leonor riu, troçando de si mesma:

– Evidentemente que tens culpa, não estás sempre a dizer que encontro maneira de arranjar bodes expiatórios? Tiveste um casamento de verão, uma festa de rainha; foste a noiva mais bonita que já vi, festejada com pétalas de todas as flores do campo, e eu? Tenho de me contentar com os convidados que se atreveram à chuva e ao granizo do caminho e a uma coroa de folhas murchas, caídas das árvores...

E dando uma gargalhada acrescentou:

– Aisha, não tens bagas do azevinho do jardim? Se o meu marido me incomodar, posso dar-lhas para o adormecer.

As donzelas à sua volta riam com ela. Ninguém duvidava de que a mais nova dos Teles sabia perfeitamente que era mais bonita do que a irmã, mais bonita do que a prima com o mesmo nome, mais bonita do que qualquer uma delas.

Maria pegou na escova e começou a pentear-lhe o cabelo e, aproximando a boca do ouvido da irmã, disse-lhe baixo:

– Mana, faz como eu... engravida, dá-lhe um herdeiro. Depois desandas de lá e vens ter comigo à corte.

– Velho como é, espero que me deixe viúva depressa, como aconteceu contigo – disse com todo o descaramento, sem tirar os olhos do magnífico espelho de moldura embutida que uma criada segurava à sua frente. Maria deu-lhe um beijo nos cabelos.

Leonor inspirou fundo, faria o que a irmã lhe sugeria. João Lourenço da Cunha estava longe de ser o cavaleiro com que sonhara, enquanto devorava livros que lhe permitiam imaginar-se Guinevere. Não, decididamente, não era Lancelot, nem sequer bonito e elegante como o seu irmão Gonçalo ou os primos Telo. Muito menos como... e o nome veio-lhe à mente, com uma comoção que a surpreendeu... como D. Fernando.

Mas de que lhe valia pensar nisso, ninguém lhe dera escolha, ninguém nunca lha daria. Mordeu o lábio com força.

– Irmã, deixa-me a trança fácil de soltar. E, quanto a este vestido, mais valia ir nua, porque ninguém o vai ver debaixo do manto de pelo que vou ser obrigada a usar com este frio... – Porque não a tinham deixado casar em Santarém, como pedira?

Encarando as donzelas, ameaçou:

– Livrem-se, livrem-se de se divertirem na corte de D. Beatriz sem mim – exclamou, e as amigas guincharam, fingindo-se chocadas.

Sonsas, pensou Leonor. Na corte de Beatriz de Castro, ninguém se escandalizava por tão pouco.



Leonor tinha a certeza de que toda a gente naquela pequena capela do paço conseguia ouvir-lhe os dentes a bater de frio. E, a avaliar pelo nariz de João Lourenço da Cunha, também o seu devia estar encarnado como o de um bêbado acabado de sair da taberna, pensou, sem conseguir impedir os cantos dos lábios de se torcerem num sorriso. O padre, à sua frente, estava protegido seguramente por panos quentes escondidos por baixo da dalmática ou então era a graça de Deus que lhe permitia seguir com a liturgia como se nada fosse.

Diria ao conde que devia mandar abrir uma lareira na capela, pensou, distraída, virando-se para olhar os tios, bem agasalhados nos seus mantos de urso. Diziam-lhe que na Beira, nos arredores de Pombeiro, havia ursos, talvez um dia caçasse algum e *Noctua* se pudesse banquetear com os seus restos.

Sobressaltou-se quando ouviu o seu nome, como era possível que não estivesse atenta na cerimónia do seu próprio casamento.

– Leonor Teles, promete...

Prometeu.

«Até que a morte nos separe», repetiu, subitamente assustada. O que estava a dizer? Até ao fim da vida com João Lourenço da Cunha, num

paço perdido? Esfregou uma mão contra a outra, procurando aquecê-las, tentando adiar o momento em que, como um pombo, ia ser anelada. Marcada. Cativa.

João Lourenço, desajeitadamente, fez correr no seu longo anelar uma banda de ouro.

Leonor olhou a mão, estranhando-a.

Uma argola, nem um único diamante, constatou, enfiando apressadamente a mão na luva quente, fora de vista.

João Lourenço beijou-a nos lábios, amaciados pela pasta de ervas saída das mãos de Aisha. Sentia nele a ânsia de a tomar. Ao menos isso, pensou, como que retomando a sua habitual ironia – o que faria se lhe tivesse calhado em sorte um eunuco, então é que nunca mais iria para Lisboa.

Voltou a atenção para a Virgem do Leite colocada num nicho da capela-mor – desde que a Rainha Santa a tinha mandado pôr às noivas que casavam na igreja do Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, que todas as famílias nobres a imitavam. Pediu-lhe que a ajudasse, que a ajudasse a sentir e a dar prazer.

«Duas vezes. É preciso que uma mulher sinta prazer duas vezes para que a semente se liberte e cresça», lera no livro escondido na arca do conde, e Aisha confirmara.

Sentiu que alguém lhe colocava um manto quente sobre os ombros e a aconchegava nele – o perfume era o da tia Guiomar, nem precisava de se voltar para ter a certeza, e agradeceu-lhe num murmúrio.

Aos poucos foi deixando de bater os dentes, mas a sensação de irreabilidade não a deixou, como se estivesse de novo perdida naquele bosque em Barcelos onde Amduscias lhe aparecera, vergando as árvores, murchando as flores, ao som insuportável de uma trompa. Subitamente, todas as trinta legiões de diabos pareciam estar à solta.

Mas ninguém parecia reparar como estava assustada. Nem João Lourenço da Cunha quando a possuiu, tingindo o lençol com o sangue da sua virtude.



– Aisha vai comigo.

A voz firme de Leonor ouvia-se muito para lá da porta fechada dos seus aposentos. Nem a madeira de carvalho nem os grandes blocos de granito das paredes impediam que todos os habitantes daquele paço ouvissem a primeira discussão do novo casal. João Lourenço da Cunha não cedeu.

– Uma moura que se veste como uma dama em Pombeiro?! Leonor, cresce! Tens 19 anos, és uma mulher casada, não precisas de uma ama de leite.

No quarto ao lado, Guiomar fez sinal ao marido. O senhor de Pombeiro esquecia-se de com quem casara e em casa de quem estava.

O conde inspirou fundo:

– A culpa é tua que a mimaste. A culpa é tua que nunca a separaste de Aisha, desde que chegaram de Toro.

– A culpa é do idiota do meu sobrinho, e pelos vistos tua também, que não entendem quem é Aisha. Tenho de te lembrar que é discípula de Zulema, a escolha de Teresa Sanches para proteger Inês de Castro?

– Guiomar, os tempos não estão para feiticeiras, muito menos mouras. Em Lisboa, são muitos, protegem-se uns aos outros, mas num lugar pequeno, no meio do nada...

A mulher fulminou-o com o olhar:

– E quanto tempo pensas que Leonor aguentará num lugar pequeno, no meio do nada? Não estavas, ainda há dias, a pensar como a tua sobrinha te poderia ser útil na corte... Aisha é a melhor proteção que Leonor pode ter quando der à luz.

O conde concordou, conformado.

João Lourenço da Cunha queria partir logo no dia a seguir ao Natal, aproveitando os dias sem chuva que se adivinhavam. As arcas do enxoval tinham seguido, assim como alguns dos criados que Guiomar Lopes Pacheco lhe cedera, e o senhor de Pombeiro dera ordens de que aquecessem a casa e enchessem a despensa, porque era finalmente um homem casado e levava consigo a senhora D. Leonor, a mais bonita mulher do reino, cobiçada por todos. Que prestassem atenção, porque o vassalo de João de Castro não só arrebatara o melhor prémio como era agora parente chegado do todo-poderoso João Afonso Telo, e tudo isso insuflava-o de vaidade. «Como se já não fosse suficientemente gordo», murmurou Leonor Teles ao ouvido de Guiomar, quando a envolveu num abraço de despedida.



Despeço-me de Leonor com o coração pesado. Para quase todas as mulheres, a noite de núpcias é uma noite pesada, dura, subitamente obrigadas a entregar o corpo que as mandaram guardar virgem, sem um protesto. Com recato, dizem-lhes, enchendo-lhes a cabeça com a noção de que o prazer é pecado, o delas, evidentemente, porque lhes cabe garantir o deles. Tive esperança de que com Leonor fosse diferente, a irmã e a prima explicaram-lhe o que a esperava, e não há livro que não tenha lido, mesmo os mais proibidos escondidos na arca do conde, para o qual há muitos anos descobriu a chave do cadeado, mas quando a vi no dia seguinte percebi que houve qualquer coisa que se quebrou dentro dela. Uma confiança na vida e nos outros que mantinha apesar de tudo por quanto passou, o dom da alegria, o dom mais precioso que Deus Nosso Senhor reserva para os seus mais queridos. Talvez exagere, e o que veja nos seus olhos não seja mais do que o reflexo da minha própria tristeza por me ver separada dela. Levou Aisha, como queria, e *Noctua*, e é isso que importa.

Poucos dias depois de Leonor partir, chegou a notícia de que D. Pedro está muito doente, de cama na vila de Estremoz. O conde quer partir imediatamente. A pressa é grande porque o mal do rei é um mal sem esperança. O caminho é longo, suficientemente longo para que pense na melhor maneira de o levar a perdoar o meu irmão Diogo e a restituir-lhe o que o nosso pai

lhe deixou.

Pombeiro, 18 de janeiro de 1367

– Vai habituar-se, senhora – disse-lhe uma das suas novas damas, umas moçoilas do campo das melhores famílias das redondezas que o marido esperava que lhe fizessem companhia, mas que só tinham o condão de a irritar.

– Não vou – respondeu Leonor, fazendo sinal à criada que a calçasse para a caça.

A rapariga apontou para os botins, maravilhada:

– Veja como o senhor D. João Lourenço a ama, senhora! Ofereceu-lhe esses botins de pele de corsa, nunca vi tão bonitos.

Leonor esticou as pernas, observando os pés calçados, e reagiu:

– São lindos! Valha-nos o amor à caça.

Só Mía Peres percebeu a ironia, as outras eram umas campónias a que só faltava o bigode. Quando um dia fosse para Lisboa, só a levaria a ela.

Estava com mau feitio. E devia ser verdade, porque era Aisha que lho dizia, e Aisha não mentia. «Como queres que esteja quando fui condenada à infelicidade», respondia-lhe, e animava-se porque, nesses momentos, via nos olhos da moura a promessa de outra coisa.

João Lourenço entrou pelos seus aposentos naquele momento, sem bater.

Repreendeu-o, disse-lhe como a irritava que se pensasse dono de tudo, a começar por ela, mas o marido abraçou-a com brusquidão, beijando-a nos lábios, indiferente aos seus protestos:

– Guarde a fúria para o porco-bravo. Assim caça melhor.

Detestava-o, e naqueles momentos em que parecia tão selvagem como os animais que perseguiam pelos campos detestava-o ainda mais. E ainda só tinham passado pouco mais de quinze dias desde que aqui fora exilada com esta criatura, que depressa deixara cair a fachada do (pouco) cavaleiro que era, mas que ainda se esforçara por demonstrar aos seus tios. Servia-se do que lhe apetecia sem pensar duas vezes, fosse uma perna de frango, uma laranja da árvore ou o corpo da mulher, sem por favores nem obrigados, como se tudo lhe fosse devido. Quando se sentava com ela à lareira e a via com um livro na mão, rabujava como um velho cura, e se tentava conversar com ele sobre as forças que moviam a Terra ou os planetas, bocejava,

adormecendo sem cerimónias. E era mais a sua ignorância do que a falta de modos cortesãos que a exasperava. Não se queixara disto mesmo à tia Guiomar, implorando que não a desterrasse? Respondera-lhe, respondiam-lhe todos, que a amava. Mas para que queria ela que a amassem assim? Diziam-lhe que era cedo, que precisava de aprender a gostar, como se fosse coisa que os mestres e os confesores pudessem ensinar. Prendeu a trança grossa com dois gestos delicados e seguros e percebeu que lá estava ele a olhá-la com o que parecia adoração. Pelo menos não o podia acusar de ter mau gosto, disse para si mesma, procurando aliviar o desespero. Enquanto conseguisse rir, sobreviveria a estas areias movediças, que temia que a engolissem.

Trocista, provocou-o:

– Se me contraria, quem lhe garante que não o trespasso com a minha lança, senhor.

Mas João Lourenço não se deixava provocar, até isso a enfurecia. Dando-lhe o braço, respondeu-lhe com um verso, um trocadilho, em que se confessava já trespassado.

– Nada disso rima – disse-lhe.

– Queria antes ter por marido um desses trovadores efeminados da corte, já sei. Mas fui o que lhe calhou em sorte, e pelo menos tenho dinheiro para lhe comprar umas botas de veado ao judeu castelhano, dê-se por satisfeita.

Mas Leonor não dava.

Exceto quando galopava por entre as árvores, a luz a vencer o nevoeiro, deixando perceber aos poucos os contornos dos enormes carvalhos, dos magníficos sobreiros, como guerreiros que esperam imóveis o momento de se lançarem em batalha, a neblina a subir em direção ao céu, dissipando-se nas alturas. O barulho da água a correr com força, saltando nas pedras, forçando o caminho à esquerda e à direita, até se juntar ao rio, que se escutava muito antes de se ver, cada vez mais próximo, por cima do *cloc cloc* dos cascos dos cavalos, que batiam contra a terra húmida, que cheirava a ressurreição. Com *Noctua* na luva, sentia-se capaz de tudo.

Mas por pouco tempo...

Cada vez por menos tempo.

Sentia a falta da inteligência rápida de Guiomar Pacheco, da agitação (comparado com isto!) do paço de Barcelos ou do de Santarém, do cheiro a tinta do *scriptorium*, dezenas de penas a correrem em simultâneo sobre os pergaminhos, ofícios e faturas, doações e escrituras, cartas e reclamações, que chegavam e partiam como o sangue que corria no corpo, mantendo-o vivo, alimentando o poder dos Teles, fazendo chegar a sua influência a todos os cantos do reino e mais além. Sentia saudades da coscuvilhice a sério, que a esta hora estariam a bordar à lareira, dos jogos de xadrez com os irmãos e

os primos e dos cavaleiros e escudeiros que davam a vida para se sentarem à sua frente. Até das missas intermináveis sentia falta, porque ao menos as da corte eram cantadas pelos melhores músicos...

Pensava nisto tudo quando viu o estandarte negro.

Foi a primeira a vê-lo, mas João Lourenço da Cunha descobriu-o logo a seguir.

E todos os que iam naquela montaria estacaram, em silêncio.

– O rei está morto – disse o senhor de Pombeiro.

– Viva o rei – acrescentou Leonor.



Espero por D. Fernando, que deve estar a chegar a qualquer momento, quero ser a primeira a beijar-lhe a mão. Mandámos-lhe a notícia da morte do pai, aos 47 anos, mais novo do que eu, e acorre a Estremoz o mais depressa que lhe é possível, para acompanhar o corpo do pai até Alcobaça, onde já o espera Inês.

D. Pedro jaz em câmara-ardente no quarto onde morreu a sua adorada avó, a rainha que foi santa, e o choro daqueles que o velam é sincero. Imprevisível, impulsivo, cobarde e cruel, mas também justo, alegre e generoso, o rei foi anjo e diabo. E muito amado. Vão chorá-lo aqueles que o tiveram por rei dez anos, sete meses e dez dias, mais o povo do que o seu filho primogénito, que nunca lhe perdoou que votasse a sua mãe ao esquecimento, que amasse outra, mais do que a amara a ela. Não lhe perdoa o pai que não foi, por o ter sido para os outros. Trará consigo Beatriz, a única dos irmãos Castro a que faz exceção?

Mandei preparar-lhe uma cama e aquecê-la com botijas, que o frio de janeiro entra por todas as frechas. E chego-me mais ao fogo, triunfante.

Cumpri a missão que aqui me trouxe e conto com a gratidão do meu irmão quando a boa-nova lhe chegar. Aproveitando-me da agonia do rei, consegui convencê-lo a retirar o mandado de captura sobre Diogo Lopes Pacheco e que decretasse que lhe fossem devolvidos todos os bens, assegurando-o de que sem rancores passados partiria mais leve deste mundo.

– Inês não gostava dele – hesitou, e temi que voltasse atrás na decisão, mas o rosto já se iluminava da alegria antecipada do reencontro com a sua amada, mas depois assinou o documento.

E assim esqueceu Diogo. E as intrigas e a ambição desmedida de Diogo. E imaginou-o bondoso, à sua imagem e semelhança. E imaginou-me a mim à imagem e semelhança da minha prima Inês.

D. Pedro é agora morto, e D. Diogo Lopes Pacheco um homem livre.

III Parte (1369-1371)

A FERIDA CURA-SE, A MÁ FAMA MATA

Libertemos os nossos falcões dourados
para que possam encontrar-se no céu,
onde o meu espírito e o teu pertencem,
seduzindo-nos um ao outro como dois
jovens apaixonados.

Hafiz (século XIV)

Beira, março de 1369

Nossa Senhora do Bom Parto, rogai por mim

Nossa Senhora do Bom Parto, rogai por mim

Nossa Senhora do Bom Parto, rogai por mim

Leonor gemia a oração entre contrações, as mãos agarradas à cadeira de parto, os olhos cerrados com força, tão escuro dentro de si como neste quarto em que as portadas da janela tinham sido cerradas e cobertas com panos, porque a luz poderia ferir os olhos da criatura que sairia de dentro de si.

– Abram as janelas, por amor de Deus, abram as janelas, que não respiro – ordenou, a voz momentaneamente forte.

A parteira ignorou-a, mas Leonor puxou-a, zangada:

– Não ouviste o que disse? Aisha, onde está Aisha?

Mas Aisha não estava.

– Mia, onde foi agora que mais preciso dela?

A dama passou-lhe um pano húmido pela testa, procurando escolher as palavras com cuidado:

– O senhor de Pombeiro não quer que uma moura assista ao parto do filho.

Leonor abriu os olhos, primeiro incrédula, depois furiosa, tão fora de si que até as dores lhe pareceram mais suportáveis.

– Idiota. Idiota e cobarde – vociferou.

Cobarde porque João Lourenço da Cunha não se atrevera a dizer-lhe tal barbaridade na cara, quando estava em estado de lhe responder.

Idiota porque a sabedoria de Aisha, da «bruxa», como estes ignorantes a chamavam, seria capaz de salvar o tão desejado herdeiro, que tanto tempo levara a conceber e que agora se recusava a nascer. Não assistira Aisha aos quatro partos de Inês de Castro?

A comadre benzeu-se. Leonor podia ser a esposa do grande senhor da terra, sobrinha dos condes de Barcelos, parente de reis, mas desde que aqui chegara que as gentes falavam. Lia livros, discutia a opinião do marido, falando mais alto do que ele, e era vista a passear pela floresta com aquela mulher de turbante branco em noites de lua cheia, como duas bruxas, colhendo ervas e uivando como lobos.

Baixou os olhos rapidamente, evitando aquelas pedras azuis que fiscavam como os olhos de um gato assanhado, com que enfeitçava

os cavaleiros que frequentavam a casa do marido, levando até os homens da aldeia, os maridos das outras, a fazerem de tudo para se cruzarem com ela nos caminhos.

Leonor rezava de novo, em agonia. E, desta vez, foi Mia que insistiu, tratando a mulher pelo nome:

– Cremilde, e se a criatura morre, o que dirá o senhor?

A comadre, de mãos ensanguentadas, abanou a cabeça, aflita:

– Virgem Santíssima.

Deixar morrer o primeiro filho de D. João Lourenço da Cunha não era coisa boa, disso estava certa. E se D. Leonor se esvaísse em sangue, e se ia com o bebé?

Que viesse Aisha. Na verdade, porque havia de desconfiar de quem, tal como ela, dedicava a vida a valer às mulheres que, ricas ou pobres, enfrentavam por igual o perigo desta prova, em que as trevas se batiam contra a luz? Além do mais, se corresse mal, seria ela o bode expiatório.

Fez um gesto de assentimento, e Mia abriu uma pequena porta encoberta por uma manta, deixando Aisha entrar. Que ninguém dissesse uma palavra ao senhor, pediu, e todas juraram silêncio.

Aisha nem as via. Tirou o lenço que trazia ao pescoço e prendeu-o, como se fosse uma corda, ao espaldar da cadeira e numa voz serena, mas firme, ordenou à sua senhora que se pusesse de pé, segurando-se ao pano com ambas as mãos, fletindo os joelhos, e que puxasse com toda a força a cada contração. Depois passou-lhe sem cerimónia os braços abaixo do peito, empurrando a barriga para baixo, enquanto murmurava palavras ininteligíveis. Sentada num banquinho, a comadre agiu com perícia, introduzindo as mãos até conseguir fletir a cabeça do bebé, rodando-o e fazendo-o deslizar, puxando-o suavemente pelos ombros, até o erguer à sua frente, o cordão a palpar de sangue e de vida.

Eufórica, exclamou:

– Senhora, é um rapaz.

Leonor ouviu o choro do filho, ao longe, muito ao longe. Agora que cumprira o seu dever, o marido não a podia impedir de partir para a corte.



Santarém agita-se com a chegada do rei, que passa cada vez mais tempo neste lugar onde a mãe se encontra sepultada, e nunca as casas e os terrenos estiveram tão caros, porque os fidalgos querem estar onde está D. Fernando, nem que para isso tenham de virar os bolsos do avesso. Tantas vezes para que não caia de lá nem um maravedi, porque, como cedo percebi, esta segunda vaga de pestilência tem sido quase tão cruel como a primeira, com o seu rol de desgraças associadas: falta o pão, o sal, o peixe, e o que se encontra é a um preço exorbitante. Os mendigos multiplicam-se de mão estendida, e acorrem, também eles, às vilas por onde passa a corte, na esperança de apanhar as migalhas das suas mesas.

Percorro o caminho entre o nosso paço e o paço real, contornando os andaimes e os montes

de entulho que se encontram a cada esquina nas obras de reabilitação de edifícios que, de modestos casebres, se transformam em casas senhoriais. E não é só aqui que os mestres encontram trabalho, porque D. Fernando corre atrás de um bom dia de caça, como se fosse o sagrado Graal, e ora fica em Salvaterra de Magos, ora em Alpiarça. O que não lhe faltam são lugares ribeirinhos onde estanciar quando as lezírias se enchem de garças e de outros pássaros, e nas grandes valas inundadas se escuta o coaxar das rãs que atraem os patos.

Entro precisamente na rua onde, porta sim, porta sim, mora agora um monteiro ou um falcão, e espreito os pátios onde sem surpresa vejo os falcões, os açores e as águias pousados nas alcândoras, e arrepio-me um pouco, confesso, com os pombais onde se cria o alimento destas aves de rapina. Como Leonor gostaria de aqui estar com *Noctua* – ainda me rio quando penso que só ela daria o nome de um mocho a um peregrino, indiferente ao ridículo a que se prestava.

Já escrevi a João Lourenço da Cunha pedindo-lhe que a mande ter connosco – agora que cumpriu a sua parte e foi mãe de um varão, espero que não se atreva a continuar a mantê-la prisioneira. Sei que o termo parece excessivo, mas, quase três anos depois de terem casado em Barcelos, não é excessivo apelidá-lo de carcereiro. De carcereiro burro, que Deus me perdoe, porque que outra coisa se pode dizer de um homem que não entende que a filha de Martim Teló, a sobrinha dos condes de Barcelos, não foi criada para viver entre as escarpas de uma serra, arredada de tudo.

Aisha diz-me que João Lourenço da Cunha a ama perdidamente, e se consome de ciúmes, que vive por antecipação, como um avarento que guarda um diamante numa arca fechada, temendo que os outros lhe vejam o brilho e o cobicem. Até da amizade da moura tem inveja, e atreveu-se a impedir que estivesse com Leonor no momento do parto, ordem a que felizmente Mía Peres desobedeceu ao ver que mãe e filho corriam perigo. Leonor não lhe perdoará.

Tive esperanças de que o instinto maternal a tomasse de assalto, surpreendendo-a com uma paixão avassaladora como acontece com muitas mulheres, como aconteceu com Inês de Castro, mas, de novo, Aisha desfez-me as ilusões. Diz-me, em poucas palavras, que Leonor não quer nada que a ligue a João Lourenço, que a prenda ao marido.

É tão típico de Leonor que me rio sozinha, relembrando as inúmeras vezes que em criança, cansada das exigências da irmã e da prima quando lhe cobiçavam uma boneca ou um colar, lhos entregava bruscamente, com um «Só para não me moeres o juízo, toma lá, é teu!». Oxalá a ama do pobre bebé seja mulher de qualidade e cuide dele como uma mãe. A mãe que aparentemente Leonor nunca será.

Paro no lugar onde Afonso, o meu filho mais velho, pretende mandar construir uma igreja e um convento em homenagem a Santa Maria da Graça, que entregará aos Agostinhos – a ordem da casa real –, mas por enquanto os planos estão apenas no papel, e temo que assim continuem enquanto a guerra civil em Castela não se resolver. Há quase dois anos, quando D. Pedro de Castela, aliado ao Príncipe Negro, venceu o Trastámara na batalha de Nájera, entre Burgos e Vitória, houve quem julgasse que o rei conseguiria finalmente retomar o reino.

Diogo Pacheco, que graças à minha intervenção regressou a Portugal para retomar o que lhe pertencia, garantiu-me que se tratava apenas de um revés, porque Enrique tem por si a nobreza e as ordens militares, além do apoio secreto dos aragoneses. Além disso, Pedro de Castela não cumpriu com o prometido aos ingleses, retendo as terras e os pagamentos que lhes eram devidos, quebrando-se a aliança.

Quando, há dias, o meu irmão se veio despedir de mim, anunciando-me que ia visitar o quartel-general do Trastámara em Ciudad Rodrigo, percebi imediatamente que Enrique dará em breve batalha ao odiado meio-irmão, distraído a cercar Toledo.

Por cá, o conde aconselha o jovem Fernando a não se aliar a nenhum deles, mantendo-se assim equidistante de franceses e ingleses, como fez o seu pai e, antes dele, o avô. Mas é evidente que não lhe dá ouvidos e se prepara para alguma coisa, porque nunca se construíram tantos barcos nas tercenas reais, e contrata compulsivamente remadores e besteiros, que integra não só na armada do reino como os põe a serviço próprio, investindo nos portos atlânticos, onde acredita que está o futuro dos negócios. O conde diz-me que nunca tivemos espalhados por esse mundo fora tantos embaixadores e espões, com ordens de lhe trazerem ao conhecimento todos os inventos que se criam, toda a informação política que lhe permita agir por antecipação. Admiro-lhe a inteligência e essa ousadia, e invisto onde o vejo investir, adoto tal como ele as ideias que os estrangeiros que acolhe na corte nos trazem.

Abrem-se também novas possibilidades para os meus filhos e sobrinhos – e os exilados de

Castela que aqui procuram refúgio –, não só porque garante a sua lealdade e esforço de preparação para a guerra com doações generosas, como porque contratou arqueiros ingleses para os formar na arte que garantiu a vitória em Nájera. Não falam de outra coisa senão dos ingleses que, apeados e munidos apenas dos seus arcos longos, fizeram chover setas mortíferas sobre os franceses, que, nessa altura, ainda não os sabiam manejar.

Por isso, só me resta rezar a Nossa Senhora da Graça para que nos mantenha de fora destes barulhos. Junto-lhe mais uma oração, do fundo do coração: que me traga de volta Leonor.

Beira, abril de 1369

Leonor sentou-se à janela e, pousando o rosto nas mãos, admirou as montanhas altas e negras que se erguiam no horizonte, atrás das quais o Sol se preparava para desaparecer, contagiando o céu com um tom laranja que prometia que o dia de amanhã seria tão bonito como o de hoje. Ouviu os badalos das ovelhas que o pastor recolhia ao redil, e o homem ao vê-la inclinou a cabeça num gesto de cortesia, chamando depois com um forte assobio o enorme cão, que, disparando na direção em que o dono apontava, trouxe de volta as tresmalhadas.

Tudo tão bonito. Tudo tão enfadonho! Pelo menos por comparação com as histórias que a sua irmã Maria lhe contava, em cartas que optara agora por enviar cifradas, não fossem intercetadas por algum dos apaniguados de Beatriz de Castro, sim, porque continuava a recusar-se a chamar-lhe Beatriz de Portugal. Decididamente, a «rainha» não gostaria de ver por escrito a insinuação de que na sua corte já todas estavam minguidas na sua virgindade, roubada pelos jovens fidalgos que frequentavam os serões no Paço de São Martinho. Roubadas por quem seguia o exemplo do próprio rei. Mas o rumor mais mortal era aquele que reafirmava, porque a história era cíclica, que os meios-irmãos se amavam mais do que deviam, e Leonor que interpretasse a informação como quisesse, porque ela não se atrevia a dizer mais. E, na verdade, Leonor queria lá saber, por ela que cada um dormisse com quem quisesse...

Respondera a Maria pedindo-lhe que não deixasse de escrever, porque as suas cartas eram a única coisa que a impediam de morrer de aborrecimento, confinada como estava aos seus aposentos por quarenta dias. Resguardo até que a declarariam «limpa», numa missa em que exorcizavam a Eva que havia em cada mulher, incitando-a a seguir o exemplo da Virgem Maria. Limpa para poder acolher o marido novamente na cama, para que a engravidasse mais uma vez, porque ter filhos era a única missão destinada a uma cristã, criada para povoar o mundo de mais fiéis.

Enquanto isso, nem sequer podia voar *Noctua*, que certamente já se afeiçoara ao falcoeiro do senhor de Pombeiro, esquecendo-a, o que a incomodava bem mais do que saber que João Lourenço da Cunha andava por aí a gerar bastardos para assegurar a futura mão de obra

nas suas terras, repondo a que fora dizimada pela nova pestilência.

Queimara a última carta, mas a próxima – a próxima – seria de alforria para mostrar a quem a quisesse ver, um convite formal para que descesse a Lisboa, pondo fim a este desterro a que fora votada, e então provaria ao conde de Barcelos que não se enganara quando lhe garantira que lhe podia ser útil.

Mais animada, inspirou o ar frio da serra e deliciou-se com o perfume do jasmim que trepava pelo corrimão de madeira, e quando a ama Elvira surgiu com o pequenino Álvaro, chamou-a, para que a deixasse beijá-lo, mas não fez qualquer menção de lhe pegar, recusara-se a fazê-lo desde o dia em que nascera. Temia sentir-lhe o cheiro, afagar-lhe a penugem clara que crescia sobre aquela cabeça tão redondinha e calva, sabia bem como estas criaturas enfeitiçavam as mulheres, agrilhoando-as para sempre. Não ficaria cativa.

Voltou-se na direção dos passos que subiam rapidamente os degraus, vindos do jardim.

Bastou um olhar pela janela para perceber a agitação de João Lourenço da Cunha:

– O rei de Castela foi assassinado pelo Trastámara – anunciou o marido, do lado de fora.

Derrotado nos campos de Montiel, D. Pedro fora depois atraído a uma armadilha do meio-irmão, que lhe ferira a cara, cortando-lhe depois a cabeça. Enrique de Trastámara pusera-lhe termo à vida com as suas próprias mãos.

Leonor debruçou-se um pouco mais, o marido, chocado, viu-a sorrir.

– Quem com ferros mata com ferros morre.

Finalmente fizera-se justiça e o assassino do seu pai, o assassino da sua mãe, recebera o fim que merecia.



No preciso momento em que uma carta de Diogo me anuncia, triunfante, que D. Pedro está morto, Fernán Ruiz de Castro está preso e Enrique II é o indisputado rei de Castela e Leão, o conde confidencia-me que o senhor D. Fernando se prepara para declarar guerra ao usurpador, reivindicando o trono. É bisneto de D. Sancho, neto de D. Beatriz de Castela, sua filha, e o avô materno era D. Juan Manuel, também ele descendente de reis, mas a mim este plano recorda-me, mais uma vez, a viagem em que o seu pai era aliciado pelo senhor de Albuquerque a aventura semelhante.

Mas, reconheço, os tempos são outros, e há uma ordem divina a repor.

Os apoiantes do defunto Pedro de Castela, os que chegaram agora e os que já cá estavam, asseguram ao rei de Portugal que Zamora, Ciudad Rodrigo, Alcântara e quase todas as vilas da Galiza já se deram por ele, mas o que move D. Fernando é, acima de tudo, o repúdio da usurpação do trono por um bastardo assassino. Tem consciência de como o precedente é perigoso, rodeado como está pelos filhos de Inês de Castro, cuja ambição será capaz de manipular homens inteligentes como o meu irmão.

– Temos guerra – constato com um suspiro de desespero.

A guerra trará consigo um rasto de destruição quando os exércitos do Trastámara entrarem por Portugal adentro, roubando gado e queimando colheitas, as poucas colheitas boas nesta sequência de anos tão maus, espalhando o terror. Roubando homens, para nunca mais os

devolver.

Estremeço:

– Para onde vão os nossos filhos e sobrinhos? O marido de Leonor?

O conde já tem a resposta, o plano vai mais adiantado do que me quis fazer acreditar.

– Para os lugares fronteiros, seguindo instruções de Álvaro Gonçalves Pereira.

Aceno um acordo, fui criada em casa do prior do Hospital, confio que sabe melhor do que ninguém o que fazer.

– E tu, para onde vais? – interrogo.

O conde diz-me que foi nomeado embaixador, com a missão de negociar uma aliança com o rei de Granada e com o rei de Aragão, estando o rei disposto a selá-la casando com a infanta D. Leonor, que terá 10 ou 11 anos. Para já não fará sombra a Beatriz de Castro.

– E D. Fernando fica no Paço de São Martinho?

– D. Fernando vai comandar um exército para tomar posse da Galiza e envia armada para cercar Sevilha.

Depois ameaça-me:

– Nem uma palavra disto a Diogo.

Nem me digno a responder-lhe. Nesta causa, pelo menos por agora, não vejo qualquer vantagem em jogar em dois tabuleiros.

Beira, julho e agosto de 1369

Leonor correu para os braços de Gonçalo, enterrando-se contra o seu peito, sem o querer largar. O irmão riu-se, afastando-a de si para lhe ver a cara, entre exclamações irónicas:

– Voltei da Galiza são e salvo só para ser sufocado pela minha própria irmã – disse-lhe, beliscando-lhe as bochechas. – Estás uma verdadeira moçoila do campo – acrescentou, sabendo que a irritava.

Leonor deitou a língua de fora, como fazia em criança:

– Sabes que é tudo o que não quero ouvir. E agora esta maldita guerra impede-me de visitar a corte. É impossível viajar, as portas das vilas estão fechadas, as gentes nervosas e armadas até aos dentes, e olha, olha ali aquela clareira. Abatem-se as árvores mais altas para que, quando os castelhanos aqui chegarem, não tenham madeira para construir escadas para saltar as muralhas. – Com amargura, acrescentou: – Além do mais, o meu querido marido encontrou em tudo isto uma ótima desculpa para não me permitir sair daqui.

Gonçalo certificou-se de que o cunhado estava do outro lado da sala e perguntou:

– Trata-te bem?

Leonor encolheu os ombros, com aparente indiferença:

– Melhor do que eu o trato a ele.

Indicando-lhe um banco, pediu que se sentasse ao seu lado e lhe explicasse tudo:

– Sei que o rei seguiu por terra com Álvaro Pérez de Castro e muitos de vocês. Sei que tomaram a Corunha...

Gonçalo entusiasmou-se:

– Depois de Lugo e Tui, que nos receberam em festa, seguimos para a Corunha, que é estratégica não só para o Trastámara como para os franceses, e a porta de entrada para o apoio da Inglaterra, quando o conseguirmos. Ainda vínhamos longe quando saiu a receber-nos um sujeito chamado João Fernandes, escolhido pelos pescadores e mercadores da cidade para entregar a cidade ao rei de Portugal. É um pequeno fidalgo, que já não é novo, originário de Andeiro, um lugar ali próximo, mas digo-te, Leonor, vai longe, porque é espertíssimo, rápido, sedutor mesmo. E começou bem: fez rir o rei e elogiou-o sem o saber, ou talvez o soubesse e desempenhou só brilhantemente o papel.

E pondo um braço em redor dos ombros da irmã, como se as saudades estranhamente tivessem crescido agora que a voltara a ver, continuou:

– Perguntou alto qual de nós era o rei e D. Fernando esporeou o cavalo e deu-se a conhecer.

Leonor torceu o nariz, incrédula, e Gonçalo sorriu com ternura:

– Já não me lembrava desse teu gesto, que fazes desde menina... quantas vezes a mãe te repreendia.

– Porque não era digno de uma donzela – sorriu Leonor. – Faço-o quando desconfio da sinceridade do que me dizem, mas tenho de aprender a dissimular se quero sobreviver na corte.

– Mas desconfias de quê?

– Desse de Andeiro. Qualquer pessoa que olhe para D. Fernando não tem qualquer dúvida de que é ele o rei, nunca vi ninguém mais bonito. Distingue-se de todos os outros.

Foi a vez de o irmão a observar de soslaio, porque era raro ouvir a irmã fazer um elogio daqueles sem ponta de ironia. Leonor corou.

– Não o vejo há três anos. Se calhar, está gordo e anafado de tanta ceia no Paço de São Martinho. Provavelmente, é só essa a caça que ainda faz...

Gonçalo sorriu:

– Garanto-te que continua igual, e não há perigo de engordar, não para um instante, move-se de paço em paço, de norte a sul do reino. Embarcou da Corunha...

Leonor endireitou-se, interrompendo-o surpreendida.

– Embarcou? Fugiu quando ouviu dizer que D. Enrique vinha por ele?

O irmão pareceu incomodado, procurando de novo João Lourenço da Cunha para se certificar de que não os escutava.

– Deixou um adiantado na Corunha e uma hoste para o defender, mas sim, há quem o acuse de ter fugido, mana, mas não foi nada disso. Não tinha com ele exército que lhe permitisse enfrentar o Trastámara. De que nos adiantava que arriscasse a vida agora? Não é casado, não tem sucessor. Se morresse – e Gonçalo e Leonor benzeram-se –, se caísse em batalha, a coroa ia direitinha para D. Enrique, que ficaria senhor não só de Castela como também de Portugal.

Ambos pensaram em D. João de Castro, porque, apesar de o papa ainda não ter reconhecido a legitimidade do casamento de Pedro e Inês, e portanto dos infantes, poderia mudar de ideias se em Portugal não existisse outro sucessor. Mas calaram-se. Soava a traição.

Leonor tinha mais perguntas:

– Gonçalo, se D. Enrique cerca Zamora e afronta já Fernán Ruiz de Castro, mais cedo do que imaginamos entrará pelo reino. Os primos

vão defender Barcelos? E quem nos vai valer a nós, e à gente do Minho, de Trás-os-Montes, da Beira?

Gonçalo tirou da bolsa uma moeda, que brilhava de tão novinha em folha que era, atirando-a ao ar e apanhando-a nas costas da mão. Leonor tirou-lha, abrindo a boca de espanto:

– D. Fernando cunhou moeda como rei de Castela!

E depois abanou a cabeça, preocupada:

– Só torna a minha questão mais pertinente. Se está determinado a vencer, já cá devíamos ter um exército e só te vejo a ti.

Gonçalo concordou:

– É por isso que aqui estou. Vamos ver de que é que eu e o teu marido somos capazes.

Leonor juntou as mãos, como que em oração.

– Se fosse a ti, preferia confiar em Aisha – disparou, ácida.

– Assim já te reconheço – sorriu-lhe Gonçalo.



Enrique de Trastámara nos primeiros dias de agosto passou a vau o rio Minho e avança para Braga. Os meus filhos mais velhos já partiram para Barcelos, porque temo que a procure tomar, pelo simbolismo que teria. D. Fernando ameaça com pena de morte aqueles que o traírem, entregando castelos ou vilas, mas as «companhias» francesas, que acompanham aquele que se diz rei de Castela, têm tal fama de crueldade que é preciso ter muita coragem para lhe fazer frente.

O rei mandou partir a armada, a maior que Portugal já viu, em que vinte e oito das galés são suas, trinta naus pertencem ao reino, e ainda há quatro a soldo, com ordem de que bloqueiem o Guadalquivir em Sanlúcar de Barrameda, cercando assim Sevilha. As gentes de Lisboa descem à beira-Tejo maravilhadas com o espetáculo das embarcações engalanadas, o ribombar dos tambores e o toque das trompetas de guerra a entusiasmarem os que lá vão embarcados. E aqueles que os veem partir, procurando secar as lágrimas das famílias que ficam em terra. Comanda-os o Micer Lançarote Pessanha, filho e neto dos nossos maiores almirantes, num posto que passa de geração em geração, ao ponto de já ninguém se lembrar que são ou eram genoveses. Que Deus os guarde a todos, porque já vivi o suficiente para saber que na guerra o dia da partida é bem mais alegre do que o da chegada.

Beira, final de agosto e setembro de 1369

*«Santa Maria,
Estrela do dia,
Mostra-nos o caminho
Para Deus e nos guia.»*

Leonor entoava a sua canção favorita, descendo com Mia Peres e duas outras damas pelo caminho que levava ao rio, neste dia tão quente de agosto, quando uma delas apontou a nuvem de poeira que se levantava do outro lado da ponte.

– O estandarte do rei – exclamou Leonor, fazendo palas com as mãos para tentar ver melhor. Não se enganava. Só podia ser D. Fernando. Deu ordem a uma das servas que corresse a casa a avisar o senhor e dando meia-volta acelerou o passo: nada estava pronto para receber o rei, como era possível que aparecesse sem aviso?

Enquanto caminhava, o calor a afogou-lhe o rosto, passava as mãos pelos cabelos, procurando ajeitá-los, e amaldiçoava-se por ter sido preguiçosa hoje de manhã, escolhendo um vestido já coçado e desbotado porque, pensou com uma sombra de remorso, para João Lourenço bastava.

Verificou com alívio que o seu irmão Gonçalo vinha ao seu encontro, dando-lhe o braço para a ajudar a subir a última leira de terra neste corta-mato que com a agitação tomara.

– Sabias que o rei andava perto? – perguntou, ofegante.

– Não andava... vem a cavalgar a toda a brida desde que lhe chegou a notícia.

– A notícia?

– Enrique de Trastámara exhibe Fernán de Castro em todos os lugares por onde passa...

Leonor estacou, escandalizada:

– O senhor mais poderoso da Galiza exposto como um urso de circo?

– E surte efeito. Já tomou Braga sem dificuldade. O rei ficou fora de si quando soube que os nossos se renderam sem disparar uma seta.

Leonor subiu os degraus, tinha de trocar de roupa, tinha de...

– Gonçalo, parece-te que posso assistir...

João Lourenço, no cimo da escada, respondeu por ele:

– O rei não quer ninguém presente.

Leonor franziu o sobrolho, irritada, passando por ele como se não o visse.

O marido segurou-a pelo braço, parecendo mudar de ideias. Porque não havia de mostrá-la a D. Fernando, a senhora de Pombeiro, mais bonita do que Inês de Castro e seguramente do que a sua filha Beatriz, que, segundo constava, encantava D. Fernando?

– Vá mudar de roupa – ordenou-lhe, e Leonor, soltando-se, desapareceu atrás de uma cortina.

Foi a vez de Gonçalo franzir o sobrolho. Em má hora tinham entregado a mais bonita e mais inteligente dos Teles a esta criatura – contaria à tia Guiomar tudo o que vira e ela encontraria a melhor forma de reagir.

A primeira coisa em que Leonor reparou quando entrou na sala onde o rei e um punhado de cavaleiros se reuniam foi no arco mais longo que alguma vez tinha visto, mais alto do que D. Fernando, que o segurava. Encantada pela beleza da madeira, Leonor Teles avançou para ele, deixando o dedo escorregar pela superfície polida, exclamando:

– É teixo. Feito de uma peça inteira, a madeira da casca aguenta a tensão da corda, e esta mais clarinha, a do coração da árvore, suporta a compressão! Brilhante.

O rei escutou-a, enfeitiçado. Lembrava-se de Leonor ainda criança, de a ver em Alcobaça e depois em Santarém, mas porque permanecia a irmã de Maria Teles aqui escondida nesta caverna perdida? Porque não estava na sua corte a mulher mais bonita que alguma vez tinha visto?

Subitamente consciente de todos os olhos postos nela, Leonor sentiu um frenesim de alegria, como se pela primeira vez há muito, muito tempo fosse um prazer encher o peito de ar e respirar.

Fez uma vénia ao rei, sem o menor indício de embaraço ou timidez:

– É seguramente um dos *longbows* com que os ingleses venceram Nájera – afirmou, espantando-o ainda mais. Enchendo de orgulho Gonçalo e de ciúmes o seu marido.

Álvar Pérez de Castro foi o primeiro a avançar para lhe beijar a mão e depois a acolher num abraço apertado. Sempre tivera uma predileção por ela, desde que ainda tão criança acompanhara a rainha D. Maria e o seu pai quase até Toro.

– Vejo que o frio da serra fez desabrochar esta Flor de Altura.

Fernando voltou a olhá-la com admiração e, voltando-se para João Lourenço da Cunha, convidou:

– Quero-vos na corte sem demora.

Leonor sentiu raiva quando escutou a resposta do marido, que se inclinava subservientemente:

– A viagem já estava prevista. Leonor irá visitar a irmã muito em breve. Não é assim? – disse, pousando a mão no braço da mulher.

Fernando, observador treinado de aves e de mulheres, reparou como ficara subitamente tenso o corpo de formas perfeitas de Leonor. Aquele não era um casamento feliz, registou. E pressentindo que o seu vassalo voltaria com a palavra atrás, por medo de perder Leonor, que era, visivelmente, uma presa magnífica demais para tal caçador, reformulou o convite na forma de uma ordem.

Leonor lançou-lhe um olhar de gratidão e, invadida por um súbito fresim, deixou sorrateiramente a sala, procurando Elvira. Na mão da ama do filho colocou uma pequena bolsa de moedas de prata, fechando-lhe os dedos sobre ela.

– Não o deixes sair do quarto – pediu. – E se algum dos criados do rei já o tiver visto e te perguntar de quem é a criança responde-lhe que é tua.

Elvira baixou a cabeça em sinal de assentimento – nem sequer era mentira, aquele menino pertencia-lhe desde que lhe fora posto ao peito.

– Álvaro de Sousa – sugeriu.

– Álvaro de Sousa – repetiu, satisfeita, Leonor.

– Qual é o plano? – perguntou mais tarde Leonor a Gonçalo, deitando-se aos pés da sua cama, como quando era pequena. E, fazendo uma cruz sobre os lábios, jurou guardar segredo.

Gonçalo sentou-se, segurando as pernas com os braços.

– Libertar Fernán de Castro.

– O rei irá convosco?

– Não pode ser ninguém conhecido. Será preciso corromper gente de dentro, para que o avisem e esteja preparado para fugir durante uma distração que vamos provocar. Depois dois dos seus vassalos levá-lo-ão para um lugar seguro.

– Muito seguro, tem de ser mesmo muito seguro, porque o Trastámara não levará a bem que lhe comam as papas na cabeça. E, nestes tempos de fome e miséria, por duas moedas haverá sempre quem o denuncie.

– Tens alguma ideia?

Leonor entusiasmou-se:

– Gonçalo, lembras-te quando antes, antes de tudo, antes de irmos com o pai para Castela, o avô Vasconcelos nos ter levado a um mosteiro escondido num vale, quase inacessível?

– O Mosteiro de Santa Maria das Júnias – exclamou Gonçalo. – Escondido em terras do Barroso.

Leonor lembrava-se de tudo, com aquela nitidez com que as crianças se recordam das primeiras vezes:

– Lá no fundo, fundo de um vale. No regresso, o avô trouxe-me às

cavalitas, porque nem os cavalos desciam aquele caminho. Lembro-me de atravessar uma ponte sobre um riacho e de haver um pequeno moinho de água. Gonçalo, lembras-te de como naquele dia o terreiro estava coberto de florezinhas violeta, tantas, tantas, que a certa altura até me fartei de as apanhar.

Gonçalo já enfiava a túnica pela cabeça e os botins nos pés. Ainda ia a tempo de sugerir o lugar secreto a Álvaro Pérez de Castro – era preciso que levassem um hábito dos monges brancos, o disfarce perfeito.

– E sapatos em condições, para que vá pelos caminhos menos viajados – insistiu Leonor, estendendo-se em cima da cama que o irmão deixara vazia, suspirando de felicidade. «Flor de Altura», sorriu, gostava do nome. João Lourenço não se atreveria a desobedecer ao rei, abriam-lhe a porta da jaula também a ela.



Recebo a visita do meu sobrinho Gonçalo, o que me enche de contentamento. Prefiro-o de longe ao seu irmão João, muito mais fanfarrão e sem um quarto do sentido de humor. Vem agitado, com tanto para contar que não sabe por onde começar. Insisto que me fale primeiro de Leonor, que me diga como encontrou a irmã, e para meu espanto sorri-me.

– O rei mandou-a apresentar-se na corte. Tomou-se de amor por ela, minha tia, os olhos azuis da minha irmã têm esse condão sobre os homens. Até sobre aqueles que detesta, como o próprio marido, que a perdeu já para sempre.

Obrigo-o a contar-me tudo, a voltar atrás e a detalhar cada um dos momentos, ao ponto de Gonçalo já não saber o que mais dizer.

– Durante o caminho de regresso, o senhor D. Fernando não falou de mais ninguém. Percebeu que o marido vai oferecer resistência, tirou-lhe rapidamente a pinta, e foi por isso que me pediu que viesse ter consigo, senhora condessa Guiomar, porque tem consciência de que João Lourenço da Cunha encontrará todos os pretextos para a impedir que saia da Beira.

Franzo o sobrolho, preocupada.

– O rei sabe que Leonor é mãe?

A expressão de Gonçalo é de ironia:

– Leonor é mãe? Só lá vi o filho de uma criada...

Abro os olhos num gesto de incredulidade, mas não o desminto. Tenho de pensar em tudo isto, falar com o conde, deslindar ainda muitos nós, até apanhar o fio à meada.

Faço-lhe sinal de que passe ao outro assunto que me traz, e Gonçalo lança-se no relato entusiasta do estratagema usado para libertar Fernán de Castro.

– Resultou – diz-me, triunfante –, mas o senhor da Galiza ficou gravemente ferido na fuga e levará algum tempo a curar-se.

Não me revela onde está escondido, mas terá de ser num convento ou mosteiro onde os boticários o possam tratar em segredo, mas não me preocupo porque Álvaro Pérez de Castro sabe o que faz.

Interessa-me mais a fúria que provocou ao Trastámara. É um golpe pesado para Enrique, que ficou não só sem o seu melhor troféu, como em breve terá de contar com o regresso do seu ainda mais feroz inimigo. A retaliação foi tal que durante seis dias pilharam Braga, sem poupar sequer a sé, para desespero do arcebispo, e em breve do papa, quando souber o que sucedeu. Avançou depois sobre Guimarães, assediando-a, mas sem que lhe abrissem as portas. O rei partiu em socorro da vila, atravessando o Douro através de barcas atadas umas às outras para arramare uma ponte, mas subitamente chegou a notícia de que o usurpador mandava levantar arraial e marchou a toda a brida para a fronteira. Foram salvos pela tomada de Algeciras pelo rei de Granada, que aproveitou a aliança com D. Fernando para reconquistar a praça que controla o estreito, e o Trastámara não pode dar-se ao luxo de ter Sevilha cercada pelos portugueses e Algeciras nas mãos dos mouros.

Combate difícil será aquele que o rei de Portugal terá em breve de vencer nas cortes convocadas para Coimbra. Acusam a nobreza de ver a guerra como um desporto para alternar com a caça, pouco se importando com os que ficam sem nada. Ao ver os nossos campos de novo por cultivar, sentindo a dificuldade de encontrar quem ferre os cavalos ou semeie uma horta, dou-lhes toda a razão.



O pai de Leonor Teles era primo direito de Inês de Castro, e a tragédia da sua morte vai estar sempre presente na vida da nova rainha, condicionando o seu reinado ao lado de D. Fernando. Os filhos de Inês de Castro transformar-se-ão nos seus maiores inimigos, e Diogo Lopes Pacheco, um dos responsáveis pela morte de Inês, será acusado de envenenar o rei.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Os conflitos entre D. Maria de Portugal, rainha de Castela, e o seu filho, D. Pedro I de Castela, vão levar ao assassinio do pai de Leonor Teles, Martim Telo, morto em Toro. Martim Telo era amante da rainha viúva. Na sequência do homicídio, D. Maria exigirá regressar a Portugal, provavelmente trazendo consigo os filhos de Telo, que tinham ficado também órfãos de mãe.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Leonor Teles

Leonor Teles descendia dos senhores de Meneses, cujo brasão de armas era puro ouro, simbolizando a sua grandeza. Leonor teve uma educação exigente e para alguns historiadores é a primeira rainha que domina a escrita e assina pelo próprio punho.

© BNP

© DP



D. Fernando uniu as suas armas às da família de Leonor, colocando o seu brasão comum em muitas das obras pelas quais foi responsável, nomeadamente na Muralha Fernandina de Lisboa e aqui no coro alto do Mosteiro de São Francisco, em Santarém, escolhido para panteão da sua família – em concorrência com o do pai e de Inês de Castro, em Alcobaça.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



O pintor Roque Gameiro desenhou Guiomar Pacheco a partir do baixo-relevo da lápide da sua sepultura na Igreja da Graça, em Santarém. Além de tia de Leonor Teles, a condessa Guiomar, como era conhecida, terá sido quem criou os sobrinhos depois da morte dos pais. É meia-irmã de Diogo Lopes Pacheco, um dos responsáveis pela morte de Inês de Castro.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt

CONDESSA DE OUREM
(Cópia da sua estatua tumular existente em Santarém)



Tio de Leonor Teles, 4.º conde de Barcelos e 1.º conde de Ourém, mordomo-mor do rei D. Fernando, é uma peça-chave no xadrez deste reinado. Roque Gameiro também o desenhou a partir do túmulo em Santarém, onde está sepultado ao lado da sua mulher, Guiomar Lopes Pacheco.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Segundo Fernão Lopes, era o rei mais bonito e o mais rico que tinha existido até então, ao ponto de se reconhecer logo a sua majestade, mesmo que anónimo entre um grupo de homens bem-parecidos. Leonor Teles concordaria com o cronista, pelo menos neste ponto. Foi o primeiro rei a cortar o cabelo curto, de franja rente à testa, e a rapar a barba, à moda dos ingleses.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Desde os livros da escola que aprendemos que o conde de Andeiro era o «mau da fita», mas a história contemporânea dá-nos uma versão mais imparcial deste galego que ascendeu a conde de Ourém e foi «primeiro-ministro» de D. Fernando, no final do seu reinado. Apunhalado e morto pelo mestre de Avis, em Lisboa, foi acusado de ser amante da rainha e de ter tingido a honra do rei (já morto).

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Beatriz de Castro era filha de Inês de Castro, e depois da morte da sua mãe foi acolhida e criada pela avó, a rainha com o mesmo nome. A sua corte no Paço de A-par-de São Martinho era, segundo Fernão Lopes, um antro de pecado, insinuando inclusivamente uma relação incestuosa com o meio-irmão, o rei D. Fernando. A verdade é que vai tornar-se inimiga visceral de Leonor Teles e conspirar contra os reis a partir de Castela, onde casou com o irmão mais novo do rei.

© AKG Images/Fotobanco.pt



O bárbaro assassinio de Maria Teles, pelo infante D. João de Castro, filho de Inês de Castro, que mata a mulher em Coimbra, cidade onde a sua própria mãe foi decapitada, é um daqueles episódios de horror da História. Fernão Lopes deita as culpas para a rainha Leonor Teles, mas...

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Pedro I de Castela é filho de D. Maria de Portugal, rainha de Castela, e de Afonso XI. As suas decisões políticas e o repúdio da rainha Blanche de Bourbon levam o reino a uma longa guerra civil. Manda matar o pai de Leonor Teles e morre assassinado por Enrique de Trastámara, o seu meio-irmão, que lhe fica com a coroa.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt

Viagem da Beira para Lisboa, fevereiro de 1370

Leonor não olhou para trás uma única vez. Mesmo sabendo que Elvira, com o seu filho ao colo, continuaria a acenar até perder de vista a sofisticada carroça coberta em que seguia com Aisha e Mia Peres, a única que permitira que a acompanhasse.

Leonor não olhou pela janela, mesmo sabendo que João Lourenço da Cunha cavalgava ao seu lado, debruçando-se uma e outra vez na esperança de atrair a sua atenção.

Desconfiava que nem sequer respirara até deixar de ouvir o resfolgar da montada, até sentir que os balanços se tornavam mais suaves, sinal de que já viajavam na estrada principal, menos enlameada e cheia de buracos.

Na bolsa à cintura tinha a carta de alforria, a ordem expressa dos condes de Barcelos para que se apresentasse em Lisboa, resultado do apelo do irmão. Da ordem do rei? Talvez já se tivesse esquecido dela.

Perante a carta da condessa Guiomar, João Lourenço da Cunha não tivera outra hipótese senão ceder, mas até ao fim vivera aterrorizada com a possibilidade de que mudasse de ideia. Fizera os preparativos com o máximo de discrição: tirara das arcas os vestidos quando ele estivera fora de casa, comprara clandestinamente tecidos aos cardadores da Covilhã e pagara a preço de ouro as sedas e as fitas, com a condição de que as mandassem entregar escondidas em cestos de fruta. Outro tanto entregara às costureiras mais modestas das redondezas, a quem fazia chegar os tecidos, as suas medidas e desenhos dos modelos que agora se usavam na corte, seguindo as descrições de Maria. As golas e os toucados bordara-os ela mesma e as suas damas. Mas quando o marido as via numa roda, rindo enquanto pregavam grãos de aljófar e pérolas, irritava-se, percorrendo sobre os maus costumes da corte, frequentada por cavaleiros efeminados, mais preocupados em aprender passos de uma nova dança francesa do que em tirar proveito da terra e cuidar dos seus vassalos, como Deus pedia. E os favoritos do rei eram exatamente esses negociantes e mercadores, premiados com terras e lugares, sem se saber como nem porquê. D. Fernando acabara de doar a Charneca, perto de Lisboa, a esse tal João Fernandes de Andeiro, um homem da Corunha que não devia ter onde cair morto.

– De que servem ao rei e ao povo esses novos senhores, que não conseguem arregimentar um homem que seja para lutar pelo reino?

Vendo que lhe roubara a alegria, avançava depois para ela e em frente de toda a gente, e apesar dos seus protestos, beijava-a longamente na boca ou recitava-lhe trovas de amor.

– Não aguenta o ciúme – justificava Mia. Mas com o ciúme a toldá-lo desta forma, o seu desprezo por ele só aumentava, e, reconhecia, quanto mais o desprezava, mais zangado ele ficava.

Sentira medo. E ela nunca tinha medo, porque, depois de Toro, que coisa mais terrível lhe podia acontecer? Mas, nas últimas noites, sim. Gelara quando ele a fizera engolir o orgulho, possuindo-a à força uma e outra vez, incansável, enquanto lhe jurava que a havia de deixar prenha, porque só assim podia garantir que um filho que nascesse depois da partida seria seu.

Instintivamente pôs a mão no ventre e olhou para Aisha, como se esperasse que a moura a sossegasse. Mas Aisha não o fez.

Mia tirou do cesto empadas e distribuiu-as:

– Feitas com a melhor caça de *Noctua* – disse, procurando animá-la.

Ontem saíra a caçar com o seu peregrino, quase como numa despedida.

– É o único de que vou ter saudades.

Mia riu:

– O senhor de Pombeiro ficou com a ave de rapina como refém. Sabe que, enquanto tiver *Noctua*, a sua senhora volta. Mas o rei vai dar-lhe uma prima, vai ver, senhora D. Leonor. Ou, quem sabe, um dos gerifaltes que lhe trazem de fora.

– Os gerifaltes são para os reis – reagiu Leonor. Mas, secretamente, secretamente, imaginou que, talvez um dia, D. Fernando lhe oferecesse um. Também não o queria, nunca trairia *Noctua*, garantiu a si mesma.

Mia brincou com o colar, garantindo:

– Eu cá preferia as joias. Dizem que é o rei mais rico que alguma vez houve e que guarda tudo numa torre da alcáçova.

– Essas vai oferecê-las a outra Leonor. Apesar da guerra, preparou sete galés para a viagem a Aragão, e a galé em que retornará a noiva é magnífica. Os remos estão pintados de cores garridas e lá dentro as divisões são grandes e engalanadas com tapeçarias e couros trabalhados. Servem-na mais de quarenta homens, com vestes de acordo com o seu estatuto e função.

A tia Guiomar escrevera-lhe que seguia também uma coroa de ouro, decorada com grossos grãos de aljófar, pedras preciosas. Era a coroa que D. Beatriz destinara à mulher do seu neto, rainha de Portugal, e de que ouvira falar naquela noite em Barcelos, em que irmãos e primos se sentavam à mesma mesa. E o cofre de âmbar, teria ido

também? Maria saberia dar-lhe resposta a todas as suas perguntas e, subitamente, teve consciência clara de que, muito mais do que rever a irmã, sonhava com um novo encontro com D. Fernando.

Mia pareceu adivinhar-lhe os sentimentos, porque perguntou a Aisha:

– Aisha, é verdade que conseguimos enfeitiçar alguém passando uma agulha com um fio de seda pelos olhos de uma cobra e depois pela roupa dessa pessoa? Sem ela saber, claro.

Leonor esperou pela resposta, interessada, embora não soubesse bem como teria acesso nem à cobra nem à túnica do rei, mas a moura riu, divertida.

– Experimentem e logo descubrem. Se não morrerem envenenadas antes, claro!

E voltou a rir.



O rei casou por palavras de futuro com a infanta Leonor de Aragão, e com os documentos assinados o meu marido partiu para Barcelona com o porão cheio de ouro, com o qual espera conseguir contratar mercenários para a guerra contra Castela. Se tudo correr bem, voltará com a noiva, e teremos então a verdadeira festa de casamento, o primeiro deste reinado.

Dizem-me que Beatriz de Castro finge-se indiferente, troça que tratará a criança aragonesa como se fosse sua filha, mas que na realidade está perplexa e confusa, pobre criatura.

Preparo-me para partir e não consigo pensar em mais nada senão no meu reencontro com Leonor. Como reagirá a «rainha» à presença da mulher mais bela do reino, que ainda por cima, segundo me contou Gonçalo, encantou o rei ao ponto de nos ter pressionado a mandá-la ir para a corte com a maior urgência possível. Quero ver com os meus próprios olhos.

Lisboa, Paço de A-par-de São Martinho, 23 de fevereiro de 1370

A força do vento era tal que a coberta da carroça não conseguia defender os seus ocupantes da intensidade da chuva. Chegavam finalmente a Lisboa, mas num dia de uma assustadora tempestade. Já por duas vezes o cocheiro mudara o trajeto porque encontrara ramos e entulho a impedir o caminho, e até tinham visto voar telhas dos telhados e desmoronar chaminés.

– Veja, senhora, como está o Tejo – disse Mia, e Leonor e Aisha espantaram-se com as vagas que batiam contra o muro do terreiro, e como os barcos, maiores e mais pequenos, tanto fazia, pareciam cascas de noz engolidas pela ondulação. Os sinos das igrejas e capelas tocavam incessantemente, chamando homens que corajosamente se metiam em botes para tentar salvar as tripulações das naus, que haviam lançado foguetes pedindo socorro.

– Foi o senhor de Pombeiro a encomendar este temporal – disse Leonor, sorrindo, embora Aisha bem lhe visse apertado na mão um amuleto de proteção que recebera da mãe em criança.

Mas não, nem telhados voadores, nem raios, nem trovões conseguiam afogar a excitação de Leonor.

– É ali, já é ali o Paço de A-par-de São Martinho.

Aisha e Mia olharam para o edifício, que parecia balouçar instavelmente numa ravina, quase como um farol para os navegadores que subiam a este ponto, onde o rio parecia transformar-se de novo no mar.

As rodas da carroça escorregavam na calçada íngreme, recusando-se a subir, e o cocheiro fez sinal a um grupo de miúdos maltrapilhos acolhidos sob um telheiro, acenando-lhes com uma moeda a troco de ajuda. Atropelando-se uns aos outros, pouco se importando de enfiar os pés descalços nas poças fundas, acorreram como se lhes estivessem a oferecer o paraíso.

Uma coisa era ouvir falar da fome e da miséria em Lisboa, outra era vê-la ao vivo – na Beira, em Barcelos ou mesmo em Santarém, havia sempre uma couve na horta, laranjas e maçãs nas árvores, um coelho que caía na armadilha disfarçada entre as ramagens num bosque.

A carroça avançava de novo, e os miúdos corriam ao lado,

estendendo a mão em direção à janela, esperando comover estas fidalgas a quem, visivelmente, não faltava nada. Mia não resistiu a entregar-lhes o cesto de comida que trazia no colo, e num instante apanharam-no no ar, sentando-se na berma molhada a lutar pelo conteúdo, farejados por cães escanzelados, dos quais, para dizer a verdade, pensou Leonor, mal se distinguiram.

Quando uns metros mais à frente os guardas abriram os portões do paço, fechando-os atrás delas, as três sentiram um enorme alívio.

Um criado correu a abrir-lhes a porta e outro a colocar um banco para que descessem para uma passadeira elevada que impedia os vestidos de se sujaem no lamaçal que cobria o chão.

Rindo, Leonor tapou o cabelo com o capucho da capa, e a correr entrou pela porta aberta, seguida de Mia, espantando-se com a música, os pífaros, a harpa e os címbalos a abafarem o uivar do vento lá fora. Entrou na sala e estacou de boca aberta: vinte mulheres, mais de vinte, dançavam numa roda, no meio da qual estava Beatriz de Castro. Rodopiavam sobre si mesmas, davam as mãos e apertavam o círculo, alargavam-no de novo, movendo-se com a sensualidade de ciganas em dia de festa.

E foi então que Leonor o viu, no meio de um grupo de homens, D. Fernando estava sentado numa almofada, batendo palmas e cantarolando ao ritmo da música, os olhos postos em Beatriz de Castro... e em Maria Teles.

Leonor inspirou fundo: que bonita era a irmã, que não via há tanto tempo, não admira que deslumbrasse o rei. Seria verdade o rumor que corria de que D. Fernando a procurava seduzir? Maria não dissera nada nas cartas, mas a irmã tinha mais facilidade em falar dos outros do que dela própria. Reparou, com aquelas impressões instantâneas a que não damos sequer nome, que Maria parecia retribuir o sorriso de D. Fernando, mas talvez fosse só um namoro cortesão, de que sabia tão pouco.

Subitamente sentiu-se uma prima vinda da província, mal vestida, enopada e despenteada, deslocada.

Fez apressadamente sinal a Mia para que recuasse, estavam tão entretidos uns com os outros que seguramente nem tinham reparado na sua chegada, mas antes de conseguir dar um passo atrás ouviu a voz de D. Fernando:

– Senhora D. Leonor Teles, sempre veio!

E Leonor atravessou a sala e, inclinando-se numa vénia, escutou a sua gargalhada contagiante:

– A obediência é uma virtude – disse, descaradamente beijando-a na face, e aproveitando para lhe sussurrar ao ouvido: – O que ganha um cavaleiro que salva uma princesa de um ogre?

Leonor corou, o coração a bater-lhe descompassadamente, mas sem

perder a graça retorquiu:

– Senhor, para ser salva, uma dama tem de estar em apuros. E em apuros, felizmente, nunca estive.

A expressão de Fernando era de simpatia, de uma simpatia generosa, pensou Leonor, vendo-o erguer o copo que segurava na mão.

– Peço-lhe desculpa. Quando estou no Paço de São Martinho, a companhia destas donzelas e, claro, o sumo das uvas fazem-me esquecer as mais elementares boas maneiras.

E foi então que Leonor os viu. Os anéis de Afonso IV nos dedos do rei. Confirmou: três de rubi, três de diamante e um, o maior, de esmeralda. Entusiasmada, procurou o olhar de Aisha, mas só encontrou o de Maria Teles, que se aproximava, cumprimentando-a timidamente, como se toda esta cena a deixasse nervosa, envergonhada. Ciumenta, pensou Mia.

Maria sussurrou ao ouvido de Leonor:

– Não ignores a Beatriz. A casa é dela.

Pondo-lhe uma mão nas costas, empurrou-a em direção à anfitriã, que a envolveu num abraço aparentemente caloroso.

– Leonor Teles, chegas com os raios e os coriscos! Só pode ser sinal de que vieste arrasas Lisboa – disse-lhe, e toda a gente riu em unísono. Como se estivessem ensaiados ou temessem desagradar-lhe, registou Leonor, com desprezo.

Inclinou a cabeça, num gesto de fingida deferência. Sabia-o desde há muito, confirmava-o agora, a filha de Inês de Castro reinava em vida, ao contrário da sua mãe. Gostara muito de Inês, era só uma criança, mas gostara dela, muito. Contudo, desta Beatriz, não. Reconhecia-se na sua ambição, entendia o seu medo – como se liberta uma criança do pesadelo de ver a mãe degolada? –, mas havia nela uma hipocrisia e uma dissimulação de que acreditava não comungar. Ou, talvez, se enganasse, porque todos temos mais facilidade em ver o argueiro nos olhos dos outros e ignorar a trave que nos cega...

Já João de Castro, que aí vinha para a cumprimentar, era irresistível, pensou com um sorriso largo, deixando que o meio-irmão do rei lhe beijasse demoradamente a mão.

– Trouxe *Noctua* consigo? Há muita caça nos arredores – disse-lhe, espantando-a por se recordar do nome do seu falcão.

Riu, mais descontraída:

– Infelizmente não, mas estou certa de que fará o favor de me deixar caçar com um dos seus.

Maria interrompeu-os, agitada, insistindo que a viagem certamente cansara a irmã, e olhou-a de tal forma que Leonor voltou a tomar consciência dos cabelos desalinhadíssimos, do vestido que enlameava o tapete que cobria o chão.

– Senhora, a sua irmã não tolerará que lhe tire de uma vez os dois

homens da sua vida – murmurou Mia, provocando o riso a Leonor, enquanto trepavam por escadas e escadinhas, com a impressão de que sozinhas nunca encontrariam o caminho neste labirinto de câmaras que abriam umas para as outras, conduzindo-as ao coração do paço, o quarto de Beatriz de Castro.

Maria Teles, orgulhosa, mostrou-lhes também os seus aposentos – tinha o estatuto de «moradora» na corte da meia-irmã do rei, e os rendimentos do filho ainda menor e o poder do conde de Barcelos valiam-lhe um luxo que a distinguia das outras damas. Todas elas escolhidas a dedo pela Castro, deliciada com a concorrência desenfreada das famílias para ali colocarem as suas filhas.

– Aqui ninguém fica se «ela» a toma de ponta – avisou Maria. E o acolhimento que D. Fernando e D. João tinham dedicado à Teles recém-chegada não lhe garantiria seguramente o amor de Beatriz. Esperava não apanhar por tabela.

Lisboa, Paço de A-par-de São Martinho, 26 de fevereiro de 1370

Fernando deu o braço a Leonor para que passasse por cima das longas vigas de madeira, fazendo o mesmo a Mia, impedindo-as de tropeçar, enquanto lhes apontava, com entusiasmo, a carcaça de uma galé em construção. Primeiro calaram-se os serrotes e aos poucos desapareceu o burburinho de vozes, à medida que se espalhou a notícia de que o rei em pessoa acabara de chegar. E vinha acompanhado.

Num caldeirão enorme fervia peixe, negro em ebulição, enchendo o ar com um cheiro pestilento.

– Foi daqui que saiu a embarcação que trará a infanta de Barcelona e que o meu tio elogiou tanto? – perguntou Leonor, procurando perceber como reagia quando falava da sua futura mulher.

Fernando não pareceu nada incomodado com a referência à infanta, era ainda uma criança, demasiado nova para ser empecilho aos seus amores, e entusiasmou-se muito mais a explicar-lhe os detalhes técnicos de como dividira o porão da nau, de forma a criar espaços mais confortáveis para longas viagens. Estava particularmente orgulhoso da decoração da proa, feita com as presas de um enorme javali que ele próprio caçara em Sintra.

Depois, indiferente aos espectadores, tapou-lhe os olhos com as mãos, colando-se a ela sem qualquer embaraço, e conduziu-a em direção ao cais, onde a galé real os esperava. Leonor rezava para que aquele momento nunca acabasse, sentia a sua pele contra a dela, inspirava o seu perfume, que se misturava com o seu, num aroma afrodisíaco que a fazia desejar ardentemente uma oportunidade de o beijar.

Fernando riu, sentindo o frenesim que a possuía, deixando cair as mãos sobre os ombros da Teles, atravessando o palanque que propositadamente fazia balançar com os pés, enquanto troçava:

– Senhora D. Leonor, não caia à água, que está demasiado frio para a ir salvar.

Leonor soltou-se, corada, e, afastando-se dele, deu a mão a Mia, que caminhava uns passos atrás, sem saber bem como devia reagir. Mais serena, respondeu-lhe com o seu humor habitual:

– Senhor, é a segunda vez em poucos dias que se oferece para salvar uma mulher que sabe bem tomar conta de si mesma.

Fernando abriu as mãos num gesto dramático:

– Desculpe, é a minha ânsia de me tornar útil. Indispensável, de preferência. Porque, se não lhe servir para nada, ignora-me, como faz com os outros.

Leonor sentou-se na galé, espreguiçando-se ao sol, mantendo os olhos nos olhos do rei, provocando-o descaradamente – era mais forte do que ela:

– Porque não deixa que seja eu a salvá-lo a si, Majestade?

Fernando deu uma gargalhada, sentando-se ao seu lado:

– Ora aí está um plano bem melhor do que mergulhar nas águas geladas do Tejo.



Maria Teles não lhe mentira, pensou Leonor. As festas neste paço nunca mais acabavam, colando-se a passeios e caçadas numa atividade frenética, num contraste gritante com a monotonia da sua vida na Beira. Vestia-se e despia-se vinte vezes por dia, cada ocasião tinha um traje apropriado, não se podia montar com a roupa com que se ia à igreja rezar, era impossível usar o mesmo vestido para passear nos jardins ou atender ao momento alto do dia, os serões na sala principal. Aisha torcia o nariz ao que por aqui se passava – demasiadas donzelas e poucas mulheres casadas. Faltava aqui uma rainha-mãe que pusesse ordem nestes costumes, mas Inês de Castro estava sepultada em Alcobaça e Guiomar Lopes Pacheco, como todas as outras senhoras da sua idade, não era convidada para visitar o Paço de São Martinho. E ainda bem, pensou Leonor, demasiado feliz para desejar que tudo isto acabasse.

Encostada à janela da câmara de Beatriz, ouviu o seu nome.

– Preciso de quatro damas, Leonor, Beatriz, Maria e Mía – disse Fernando, fazendo-lhes sinal de que avançassem na sua direção.

O rei escolhia-as às quatro para encenarem a nova dança, ao som de uma música nova que mandara compor.

Sobre a cama estavam estendidas quatro túnicas, e a cada cor correspondia uma estação do ano, disse-lhes Fernando.

Para horror de Maria Teles, Leonor precipitou-se sobre a verde, com uma exclamação de contentamento:

– Eu sou a primavera.

E, com toda a naturalidade, virou-se para Beatriz de Castro, como se não estivesse no seu paço, no seu quarto, sugerindo:

– Se fosse a si, escolhia o azul. É o verão, não é, senhor D. Fernando?

A cara de Beatriz era um tal misto de choque e de raiva que Mia teve de disfarçar o riso, debruçando-se e fingindo apanhar um gancho do chão. Fernando conhecia bem demais a meia-irmã para não perceber o impacto que o gesto de Leonor tivera sobre ela, mas aquela rivalidade entre as suas favoritas dava-lhe especial prazer. Entrou no jogo, espicaçando-a:

– Concorde que o verão é a tua estação, Beatriz, o tempo dos piqueniques...

Beatriz, ácida, interrompeu-o, descarada:

– Discordo. Ficava melhor o azul à única mulher casada das quatro que aqui estão, afinal a flor já despontou e abriu...

Maria Teles procurou deitar água na fervura:

– Mia, escolhe tu o outono, que, como viúva que sou, fico com o inverno.

Leonor estendeu a túnica verde em direção a Beatriz:

– Não me importo de trocar... até porque o verde também é a cor da inveja. E, senhora, fica-lhe de facto bem com o verde dos seus olhos, e o azul com o dos meus.

O rei deu uma gargalhada:

– Senhoras, guardem alguma dessa força para a dança. Que, muito a propósito, é uma variante da dança das espadas.

O coreógrafo estava tão divertido como o rei, maravilhado pela Teles mais nova, que não se assemelhava nada à irmã mais velha, calada e circunspecta. Não o espantava que o rei estivesse encantado por ela.

O mestre deu um passo em frente, pousando no chão quatro facas em forma de cruz, pedindo aos músicos que comesçassem a tocar.

– Em fila, dois passos para a frente, uma roda, dois passos para a frente e chegam-se as quatro donzelas ao meio. Dobram os joelhos e colhem, ao mesmo tempo, cada uma a faca cujo cabo está na sua direção, e o outono e o inverno, frente a frente, digladiam-se uma vez. Depois, voltam-se para a estação do seu lado direito e lutam com ela, e assim sucessivamente.

E, demonstrando, acrescentou-lhe mais uns passos:

– Agora ao centro, fingindo espetar a lâmina na oponente, soltando um grito agudo...

Concentradas, as quatro seguiram as instruções, e a câmara inundou-se de música e do som de metal contra metal. Nenhuma delas queria falhar aos olhos do rei.

João de Castro entrou naquele momento e de mãos à cintura apreciou o espetáculo:

– Mestre, sugiro que, depois desta, o rei e uma dama à sua escolha dancem a das espadas, que é muito mais difícil.

– E quem dança comigo? – perguntou D. Fernando.

Leonor esticou o braço para o punho da espada que João de Castro tinha à cintura, pedindo-lha, e, com ela na mão, respondeu ao rei:

– Espadas é comigo, senhor!

Nessa noite, Fernando e Leonor dançaram como se estivessem sozinhos na sala.

– Posso dizer adeus à minha espada – murmurou João de Castro ao ouvido de Maria Teles, mordendo-lhe a orelha, atrevidamente. Maria inclinou-se para protestar, deixando que os seus lábios tocassem os do homem que amava desde sempre, deixando-se contagiar pela ousadia de Leonor. Se perdera definitivamente Fernando, não podia deixar fugir o irmão.

Lisboa, março de 1370

– Aisha, já sabias?

– Sabia o quê, senhora? – perguntou Aisha, sem deixar de pisar as preciosas especiarias chegadas de Veneza, que comprara a preço de ouro na mouraria.

– Que D. Fernando herdou os anéis, que usava os anéis, os sete anéis...

Aisha acenou que sim, com um gesto curto da cabeça.

– E isto que se passa comigo? Sabias que me ia enamorar desta forma pelo rei? Foi por isso que me repreendeste quando dei a mão a ler à cigana, há tantos anos aqui em Lisboa? – insistiu Leonor, dançando sozinha.

– Quem dança com a sombra fica solteiro – resmungou Aisha.

Leonor sentou-se, ofegante.

– Não sejas rabugenta, conta-me. Entraste ao serviço de D. Inês pouco depois de ela ter chegado a Portugal. Foi neste estado de desvario que ficou quando conheceu o infante D. Pedro?

Leonor viu que os lábios de Aisha esboçavam um sorriso nostálgico. Lembrava-se bem. Fora exatamente nessa altura que, por sugestão de Zulema, a senhora de Albuquerque a enviara a toda a brida para Elvas, onde a rainha D. Beatriz e os filhos aguardavam notícias da batalha do Salado. Levava ordens de que protegesse Inês de Castro. As cartas apaixonadas de D. Inês tinham deixado a senhora D. Teresa Sanches em alerta, mas muito antes disso já Zulema entendera o que estava a acontecer. Tivera medo de não estar preparada, por muito que procurasse aprender tudo o que podia com ela, mas nunca a superaria. O seu dom era o das ervas e das criaturas da floresta – dos truques de Amduscias e dos espíritos do fogo, da terra, da água e do ar. Dos génios do bem e do mal.

– Aisha, onde estás com a cabeça? Perguntei-te: Inês estava tão enamorada como eu?

Aisha inspirou fundo, deliciando-se com o cheiro do açafrão e da canela pisados:

– A senhora D. Inês de Castro não era casada – respondeu, lacónica.

Leonor cerrou por momentos os lábios, irritada.

– Mas D. Pedro era.

Aisha, pacientemente, recordou-lhe:

– Não está D. Fernando prometido... não foi o senhor conde de Barcelos buscar a infanta a Aragão?

Leonor abriu as mãos num gesto de impotência.

– Escusas de me falar assim. Não preciso dos teus conselhos, nunca serei barregã de ninguém! – E, com um suspiro, acrescentou: – Prometi-o à minha mãe. Mas, mesmo que quisesse, João Lourenço da Cunha viria por mim! Mas enquanto não vem, enquanto a infanta não chega, ninguém me pode roubar esta felicidade.

O barulho de passos silenciou-a. Pisadas tão suaves só podiam ser dos sapatos de feltro de um dos criados da câmara do rei. Com um convite.

– Quer que vá com ele visitar a falcoaria. Sabes que tem mais de trezentos falcões? Pede-me que leve apenas Mia comigo...

– Vem buscá-la a São Martinho? – perguntou Aisha, preocupada.

Leonor, que abria a arca para escolher um vestido, resmungou:

– Tens medo de que a tua querida Beatriz de Castro nos veja sair juntos? E depois? Alguma vantagem há de haver em ser uma mulher casada. Desde que acompanhadas por outra mulher, podemos sair com um homem.

Aisha, voltando-se para Leonor, avisou-a:

– Senhora, a ferida cura-se, a má fama mata!

Lisboa, Paço de A-par-de São Martinho, abril de 1370

Aisha segurou os cabelos de Leonor com ambas as mãos, impedindo-os de cair para a bacia para onde a sua pobre senhora vomitava violentamente. Quando abrandou, Leonor deixou-se cair sobre a cama, exausta, chupando a casca de limão que a moura lhe oferecera.

– Porque é que não me disseste? – perguntou.

Aisha chegou-lhe agora aos lábios uma púcara com uma infusão quente de gengibre, recomendando-lhe que bebesse apenas um pequeno gole de cada vez.

– Porque é que não me avisaste? – repetiu Leonor.

Aisha levantou as sobrancelhas num gesto de incredulidade:

– Precisava que lhe dissesse, que a avisasse do quê? Se quando partimos já sabia?

Leonor virou-se de barriga para baixo na cama, agarrando-se às almofadas, num choro convulsivo, que nem as penas conseguiam abafar.

– Maldito, maldito homem – repetia, uma e outra vez, a voz rouca.

Aisha saiu suavemente do quarto, fechando a porta e fazendo sinal a Mia de que não entrasse. Esta guerra teria de a vencer Leonor sozinha.



Só hoje cheguei a Lisboa, e mandei Leonor vir ter comigo, num reencontro que me comoveu, maravilhei-me com a mulher em que se tornou. O cabelo mantém a cor do cobre areado, as proporções do rosto são perfeitas, o nariz nem curto, nem longo demais, e a boca desenhada por um anjo, um sorriso misterioso, sempre pronto. E os olhos, aqueles olhos azuis da cor do céu desta cidade, que destaca com *kohl*, como só uma mão bem treinada é capaz.

E há nela a magia de uma mulher apaixonada, registo. Uma alegria, uma ousadia que temi que tivesse perdido no cativeiro da Beira, a que inadvertidamente a condenámos.

Bastava olhá-la para perceber que planeou cada momento desta estada. Admirei o corte do vestido, o cinto de pedras preciosas e o manto fechado no peito por um firmal de ouro trabalhado, que lhe deve ter custado uma fortuna, porque nem eu lho dei, nem o herdou da mãe, mas que, no entanto, não me era completamente estranho.

Sorriu divertida quando lhe perguntei se era um presente de João Lourenço da Cunha, e com aquela forma que só ela tem de contar histórias disse-me:

– De certa forma, sim.

Percebeu a minha curiosidade e, sentada aos meus pés, respondeu com uma sinceridade que não lhe vai render grande popularidade nesta corte:

– João Lourenço da Cunha acabou por obedecer ao seu pedido, tia, que, por sua vez, obedeceu ao do rei, por isso, sim, é como se fosse um presente do meu marido.

Abriu os olhos, estupefacta. Seria possível o que me estava a dizer nas entrelinhas? Leonor sorriu:

– Tia, lembra-se daquele dia em Barcelos em que nos disse o que continha o testamento da rainha D. Beatriz? O rei levou-me à torre...

– Do tesouro? – perguntei-lhe, incrédula.

Encolheu os ombros como se me estivesse a relatar o acontecimento mais banal.

– Queria a minha ajuda para escolher uma joia para oferecer a D. Leonor de Aragão quando chegasse... O que fizemos. Depois disse-me que não podia deixar sair dali a outra Leonor sem nada pelo qual o pudesse recordar.

Leonor abriu o firmal e, soltando-o, pousou-o na minha mão. Era de ouro trabalhado com a imagem de um falcão.

– E usou-o para me prender a capa, dizendo que preferia falcões a pombas.

O rosto iluminou-se com uma felicidade que me preocupou. O jogo do amor na corte pode levar uma mulher longe, mas é preciso arte e engenho para que não acabe mal. Não acabe mal para ela, sempre para ela, enfiada num convento, apedrejada em público, obrigada a esconder uma gravidez, enjeitando uma criança...

– Cuidado, Leonor.

– Nunca fui tão feliz em toda a minha vida, tia Guiomar. Quando estou com Fernando, com o senhor D. Fernando – corrigiu-se –, não preciso de comer, nem de dormir, e só tenho vontade de que toda a gente à minha volta seja tão feliz como eu. Tudo me deslumbra. Tudo me faz rir.

Pondo-se de joelhos sobre a almofada, pousou os braços no meu colo, sem conter o entusiasmo:

– Sabe que os seus versos favoritos são também os meus? E que escuta as minhas opiniões, sobre a guerra, sobre o Trastámara, sobre o cerco de Sevilha, que aliás está a correr mal, sobre a aliança com Aragão. Sempre com atenção e respeito. E considera-as, em lugar de me responder que uma mulher não sabe nada destes negócios.

Teria continuado a falar-me das qualidades do rei se não lhe tivesse posto um ponto final.

– Leonor, és casada. Tens um filho.

Vi-lhe subitamente uma expressão de revolta, como se o dia se tivesse transformado repentinamente numa noite escura, e a mão involuntariamente fugiu-lhe para o ventre.

– Eu sei. Acredite que sei. João Lourenço já mandou exigir que volte depressa, lamenta-se que me demoro por aqui demais. Mas fez pior, muito pior. Como o detesto – rugiu.

Depois disso não consegui arrancar-lhe nem mais uma palavra. Estará grávida? Do marido, que a armadilhou para que não tivesse outro remédio senão regressar à Beira?

Não sei o que fazer, preciso do conselho do meu marido, mas suspeito que só verá vantagens na proximidade de Leonor com o rei.

Beira, julho de 1370

Leonor entrou na falcoaria, aproximando-se de *Noctua*, que balouçava na alcândora, batendo as asas, numa agitação de felicidade.

– És a única criatura nesta terra com quem me apetece estar – disse-lhe, enquanto desatava as correias e deixava a ave saltar-lhe para a luva. – Gostas de mim por interesse, mas é também por interesse que gosto de ti. Ouves-me sem julgamento e permites-me subir aos céus contigo – disse, apontando para o bernal cheio de viandas, a correia a tiracolo, fazendo o contorno da barriga já de cinco meses.

Partira da corte mal os vômitos se tinham tornado mais intensos e impossíveis de disfarçar. Não podia deixar que Fernando soubesse que esperava uma criança do marido, nem podia permitir que se espalhasse na corte a ideia de que engravidara do rei, a cereja no topo do bolo para Beatriz de Castro e todos aqueles que não queriam a sobrinha do já todo-poderoso conde de Barcelos na alcova real. Era o que faltava que fizessem dela uma adúltera, uma adúltera-barregã, como se fosse uma dessas mulheres da vida dos prostíbulos de Lisboa.

Despedira-se dele com um beijo longo. Consolara-se com a ideia de que, se Fernando a amasse verdadeiramente, as saudades só poderiam contribuir para tornar mais intensos os seus sentimentos. Valorizá-la-ia mais se a visse como presa difícil de caçar, mais difícil do que todas as outras, que a um estalar de dedos lhe caíam no colo. E, se a esquecesse, melhor que fosse agora do que mais tarde...

Sentiu as garras de *Noctua* apertarem-lhe o braço sob a luva – não conseguia mentir a um falcão, mais depressa se enganava a si mesma. E é claro que era mentira. É claro que deitara foguetes de alegria quando o conde de Barcelos regressara de Barcelona sem a noiva – e com todas as joias que não lhe entregara quando o rei de Aragão se recusara a deixar a filha partir antes que chegasse a dispensa papal. Era evidente que sentia o estômago revolver-se de ciúmes quando imaginava o rei a escolher uma outra dama para a dança das espadas, para lhe beijar os cabelos, atrevendo-se a aproximar os seus lábios da sua boca, próximos, de fugida, ou a morder-lhe a orelha, como lhe fizera a ela, fingindo brincar; quando o imaginava a subir com outra ao terraço de São Martinho, a pretexto de ver a Lua, despidendo-lhe a luva, segurando-lhe a mão, como fizera com a dela, prometendo-lhe

tanto, prometendo-lhe tudo...

Noctua estava impaciente por voar, zangado com a falta de atenção que recebia, como se Leonor se esquecesse de cumprir a sua parte do contrato – dobrando-se, picou-a com o seu bico curvo, só um aviso, mas o suficiente para a levar a dar um salto, alerta.

– Desculpa, desculpa, *Noctua* – disse, desfazendo os pioses e sentindo a força do impulso da ave a levantar voo. E, ao vê-lo subir ao céu, deliciou-se com a sua velocidade e perícia, e vendo-o descer a pique sobre um pombo esqueceu tudo. Fernando, a gravidez, o medo do que estava para vir.

Correu para o lugar onde *Noctua* aterrava com a presa, esfacelando-a, e abrindo rapidamente o saco de couro tirou de lá o prêmio, para que deixasse o pombo intacto, para uma canja que a libertasse deste mal-estar.

Sentou-se no tronco de uma árvore caída e fechou os olhos. Como desejava que a criatura que tinha dentro de si se esfumasse, desaparecesse, a deixasse, pensou, assustando-se a si mesma com a veemência do seu desejo.

Não conseguia apagar da memória o sorriso triunfante do marido quando percebera que a sua artimanha funcionara e ela esperava um filho dele; a insuportável satisfação com que via crescer-lhe o ventre, por muito que usasse vestidos largos e não respondesse às perguntas que lhe punha sobre quando nasceria. Sentia vontade de o esfaquear quando se vangloriava de a ter cativa, e só dava graças porque prenha como estava não a podia obrigar a deitar-se com ele – não seria capaz, amando Fernando como amava.

Por isso procurava distância. Via-o na missa e nas procissões, mas as refeições tomava-as nos seus aposentos, onde os livros se empilhavam em cima da arca, onde escrevia longas cartas a Fernando que acabavam queimadas na lareira. Não se atrevia a mandá-las entregar, contentando-se com as que recebia de Maria e da tia Guiomar, com referências constantes a que o rei implorava que voltasse, queixando-se da demora, dizendo-se impaciente, desesperado...

Quando ainda não tinham saído de Lisboa, pedira a Aisha que lhe desse ervas para terminar a gravidez. Porque havia de pôr no mundo mais uma criança indesejada? Que se não as quisesse administrar ela, a levasse à mouraria ou à judiaria, ou onde estivesse uma dessas mulheres que ajudavam aquelas que não podiam, não queriam, dar à luz um filho. Se ainda não o sentia mexer, não era pecado, repetia.

– Aisha, dá-me arruda, a da florzinha amarela, ensinaste-me a abrir a cápsula seca, que pode desmanchar gravidezes. Aisha, porque não açafraão, daquela forma em que o sabes preparar?

Mas a moura fingia que não a ouvia. E Leonor sabia porquê: o ventre de algumas mulheres explodia, rompendo-se em hemorragias

sem fim, esvaindo-se em sangue, elas e a criatura.

Agora conformara-se. Daria esta criança a Elisa, tal como já lhe entregara Álvaro, que via ao longe a correr atrás das galinhas, rindo, o cabelo ruivo denunciando o que queria esconder. Mas ali ninguém se atrevia a dar com a língua nos dentes – temiam que incorrer no desagrado da estranha senhora de Pombeiro e da bruxa de pele tisonada e turbante branco que a seguia tivesse consequências. Diziam que, quando saíam a passear pela floresta, Amduscias vinha ter com elas, e havia quem jurasse ter ouvido soar a sua trompa e que as legiões de diabos respondiam ao chamamento. Até a comadre, que assistira ao parto, fazia o sinal da cruz na boca, recusando-se a dizer uma palavra do que ali vira. Também pouco lhes importava, desde que o senhor D. João Lourenço da Cunha lhes pagasse a jorna e não os metesse a servir nesta guerra com os castelhanos, que pouco lhes importava quem era o rei de Portugal ou de Castela, desde que não lhes queimassem os celeiros e houvesse pão na mesa.



Leonor entrançava o cabelo de Mia com um fio de pérolas, entre risos e conversas, quando João Lourenço da Cunha entrou nos aposentos da mulher, decidido, anunciando que hoje não podia haver desculpas, ceariam no salão juntos, porque estava a chegar o conde de Barcelos.

Leonor levantou-se de um salto, pondo a mão no ombro de Mia para se equilibrar da súbita tontura, o coração a querer saltar-lhe do peito. Só podia ser Fernando que mandava por ele.

– Disse-lhe o que o traz até cá? – perguntou, procurando que a voz não denunciasse a sua excitação.

– A guerra, seguramente. Depois das feridas tratadas e do afastamento do Trastámara para Algeciras, Fernán de Castro voltou à guerra ao lado de Álvaro Pérez de Castro, retomando castelos e vilas, protegendo os que se dão pelo senhor D. Fernando. Mas o negócio com Aragão não correu como se esperava. O conde foi obrigado a deixar lá o ouro como garantia...

– Mas as joias para a infanta voltaram – completou Leonor, arrependendo-se imediatamente por ter falado demais.

João Lourenço da Cunha fez um sinal de que pouco lhe importavam os arranjos de casamento do rei. A infanta viria mais cedo ou mais tarde, o que interessava é que as companhias de militares contratados não apareciam em Portugal, e o exército do Trastámara, por seu lado, crescia de dia para dia com o apoio dos franceses e de outros mercenários.

– O conde sabe que a guerra chegará a estes lugares e vem pedir-me

que levante gente nos meus domínios.

Leonor trocou um olhar trocista com Mia que enfureceu o marido:

– Nem tudo é sobre si, minha cara esposa.



Finalmente o conde de Barcelos conseguiu apanhar Leonor a sós. Chocado, apontou o dedo ao vestido largo.

– E eu que te julguei inteligente, mas afinal deixas-te apanhar tão facilmente como as outras – disse.

Magoada e furiosa, a sobrinha respondeu-lhe no mesmo tom.

– Também esperava mais de si, mas apostou demasiado baixo. Casar-me com um provinciano foi um erro que o meu pai nunca teria cometido.

Atirava a matar: sabia o quanto João Afonso se sentira diminuído pela inteligência do irmão mais velho, mas o conde pareceu tão aliviado por perceber que o bebé que carregava não era um bastardo do rei que se limitou a sorrir.

– Tens toda a razão. Pela forma insistente como o senhor D. Fernando me pediu que te levasse de volta à corte, pensei... mas agora percebo que na minha ausência fizeste um bom trabalho. O rei está louco por ti, mas...

Leonor franziu o sobrolho:

– Nem uma palavra sobre isto!

O conde concordou com um gesto.

– Nem uma palavra sobre isso. Mas posso dizer que regressas? Logo que possível? – acrescentou.

– Regresso! Se há alguma coisa de que tenho a certeza, é a de que regresso. Em breve, antes do Natal. Tio, diga-lhe que estarei com ele antes do Natal.

Os olhos do conde brilharam. Temera que Fernando não lhe perdoasse quando regressara sem a rainha, as cabinas cobertas com os melhores tapetes vazias, os colares e os diademas nas caixas, mas o rei levantara os olhos ao céu, de profundo alívio. Era outro Fernando aquele que encontrara, um homem apaixonado, pronto a tudo para rever aquela que o enfeitiçara. Quando Guiomar lhe dissera que a ninfa era nada mais nada menos do que a sua sobrinha, exultara. Deus mostrava-lhe um novo caminho: no cenário de guerra entre a França e a Inglaterra, que melhor solução do que um casamento que não incompatibilizasse o rei português com nenhuma das grandes potências, que não obrigasse Portugal a uma aliança quer com Castela quer com Aragão?

«Leonor, rainha!», repetira Guiomar, antes que ele se atrevesse a dizer tanto. Leonor, descendente de reis, uma Teles no trono.

Inclinou-se para beijar a sobrinha na testa e sussurrar-lhe ao ouvido:
– Tens toda a razão, apostei baixo de mais, mas prometo-te remediar o erro.

Os olhos de Leonor cantavam.

João Lourenço da Cunha viu-lhe o brilho e percebeu que a perdera para sempre.

Beira, setembro de 1370

Leonor sentiu um jato de água quente escorrer-lhe pelas pernas abaixo e uma dor forte, aguda, na parte de trás das costas, que lhe provocou um uivo de dor. Gritou por Aisha, que empurrou Mia em direção à porta, dizendo-lhe que corresse a pedir água fervida na cozinha e mandasse alguém pela comadre da aldeia.

Com gestos rápidos, espalhou toalhas na cama, onde obrigou Leonor a deitar-se, na esperança de atrasar o nascimento, que chegava um mês antes do tempo. Leonor agarrava uma cruz com as duas mãos, pedindo perdão a Deus Nosso Senhor e à Virgem Maria.

– O diabo, Aisha, vendi-lhe a alma...

Aisha tapou-lhe o nariz e a boca com a mão perfumada de alecrim e rosmarinho.

– Senhora, guarde para si esses pensamentos. Aqui até as paredes têm ouvidos. E sossegue. Feche os olhos e sossegue.

Leonor estendeu a mão, procurando a dela, apertando-a contra si:

– Não me deixes, Aisha. Não lhe desejei mal, só não o quis...

Aisha fez-lhe de novo sinal de que se calasse, ao ver a parteira entrar com Mia. Estendeu à mulher a bacia com desinfetante, e a mulher lavou nela as mãos sem hesitações, rendida há muito à sua sabedoria. Aceitou o pequeno banco que uma criada lhe chegava, puxando-o até ao fundo da cama, e pedindo à senhora de Pombeiro que se sentasse na beirinha, encontrou por entre os panos do vestido o caminho para o seu corpo.

– Rebentaram as águas, já de nada vale procurar que a criatura não venha – confirmou com Aisha. – E tu encontra-me rapidamente uma caixa de madeira de dois palmos por dois – disse a uma das servas, enquanto a outra encomendava tijolos, que se deviam aquecer nas brasas do fogão da cozinha.

– E a senhora – disse, voltando-se para Mia – mande acender a lareira, porque precisamos de mais calor.

Voltando de novo a atenção para Leonor, exclamou:

– O primeiro não queria nascer, este vem com toda a pressa. – E tirando as mãos de debaixo dos panos, trouxe com ela uma criaturinha minúscula e silenciosa. Entregou-a a Aisha, que a deitou sobre uma toalha de linho embebida em sal e rosmarinho,

friccionando vigorosamente o bebé.

– É uma menina – informou a comadre, mas Leonor estava imóvel, de olhos fechados, como morta. A mulher, bondosamente, libertou-a dos tecidos ensanguentados, procurando animá-la:

– É muito pequenina, senhora, veio cedo demais, mas vamos guardá-la nesta caixa colocada sobre tijolos quentes, que já assim se salvaram muitos...

Leonor sabia que a enganava. Aquela caixa ia ser o caixão da sua filha, sabia-o. E desejara-o. E mesmo agora, mesmo agora, desejava-o.

«Sou um monstro», murmurou baixinho, as lágrimas correndo-lhe pela cara.

Nunca a viu. Não a quis ver. Nem disse alto o seu nome, mas dentro de si chamou-lhe Aldonça e encomendou-a ao cuidado da sua mãe.

– Não ponham nome na pedra, nem me digam onde a vão sepultar – implorou.



Leonor perdeu a filha, que nasceu cedo demais, antes assim. Ninguém soube da gravidez, e o luto guarda-o para ela. João Lourenço da Cunha quer retê-la, mas a firmeza do conde fê-lo mudar de ideias – entendeu que de nada lhe valia atrair sobre si o escândalo e que contra o poder do mordomo-mor do rei mais vale fingir que acata as suas instruções de bom grado. Finge que acredita que a mulher vai aliviar a tristeza na companhia da irmã e que a mudança de ares lhe fará bem ao ânimo, mas suspeito que a má-língua da corte não lhe deixa ilusões. São muitos os homens que subiram na vida quando a esposa se tornou na favorita de um rei, e como prémio talvez se veja livre da vassalagem a João de Castro e obtenha mais terras e privilégios, talvez até um título, como aqueles que Enrique de Trastámara agora distribui generosamente em Castela, na ânsia de se rodear de uma nova nobreza, dependente e, por isso mesmo, eternamente fiel. Tanto quanto as palavras «eternamente» e «fidelidade» se conjugam.

Mas Leonor não será barregã do rei, isso garanto-o eu. Não será uma nova Inês de Castro, como não me canso de repetir ao meu marido, nem a minha cunhada Aldonça mo perdoaria. Sonho mais alto, e sei que, por muito apaixonada que esteja, é a primeira paixão que lhe conheço. A minha sobrinha tem a fibra para não deixar que o desejo lhe tolde a razão. Verá mais longe, ambicionará mais. A família fará o resto, e por mim o primeiro passo será retirar Beatriz de Castro da corte, casando-a bem longe daqui.

Santarém, outono de 1370

Despedira-se de João Lourenço da Cunha procurando evitar o beijo que lhe queria dar, depois, sem ajuda, pusera o pé no estribo, subindo para a sela, calçara a luva e recebera *Noctua* do falcoeiro – desta vez iria a cavalo, não queria consigo nem cocheiros, nem escudeiros, nem criadas, nem servas, apenas Aisha e Mia, como sempre.

A tia Guiomar encarregar-se-ia de lhe encontrar serviços que não conhecessem o seu passado, que não fossem dali nem das redondezas.



Leonor estava impaciente. Farta de esperar. Metera na cabeça, vaidade sua, que, ao saber da sua iminente chegada a Santarém, D. Fernando já lá estaria à sua espera, mas não estava. Quem se julgava, mais importante do que um javali ou até, quem sabe, de um veado? Estava à vista que não.

Percorreu a rua que Fernando transformara, como prometido, na rua dos mais de cem falcoeiros, espreitando pelas portas, cumprimentando os homens, ouvindo o latir dos cães frustrados por não estarem numa batida. Frustrados como ela.

Não estava ali por acaso. Procurava no sítio mais provável um indício de que o rei vinha a caminho, seriam os primeiros a saber, antes mesmo do conde, que não escondia o desespero que lhe causavam os desaparecimentos inesperados de Fernando, por vezes aos dez dias de cada vez. Deixou-se ficar a admirar um dos gerifaltes recém-chegados, certa de que onde havia gerifaltes haveria notícias do monarca, mas falava-se de tudo menos do rei.

Desistiu, irritada consigo mesma. Parecia uma donzela patética, como troçaria dela Fernando e os seus amigos se pela boca de Beatriz de Castro ou qualquer outra lhe chegasse notícia de que andara a calcorrear Santarém à procura dele. Atravessou a praça, indiferente à chuvinha que começara a cair, e foi direta à coudelaria real, onde deixara *Noctua*. Mandou que lhe aparelhassem um cavalo, não o branco do costume, nem tão-pouco o lazão, mas o ginete negro, que ouvira dizer que toda a gente tinha medo de montar. Um dos moços de estrebaria ainda a tentou dissuadir, mas ignorou-o com um gesto

displícite. Calçou a luva, recordando a sua primeira luva de caça, que o rei D. Pedro de Castela mandara fazer ao tamanho da sua pequena mão, prendeu o falcão com gestos experientes e decididos e com a que estava livre subiu à sela, com agilidade.

Percebeu o murmúrio de admiração entre os estribeiros e, ajustando a longa capa encarnada que cobria a garupa do cavalo, soltou o cabelo, como se estivesse sozinha e ninguém a visse ou pudesse ver. Passou a porta da cavalaria, mantendo as mãos encostadas ao pescoço do cavalo, para que sentisse que não estava para brincadeiras, e serpenteou as vielas até à Porta de Alfange, descendo para o rio. *Noctua* pressentiu o humor tempestuoso da sua senhora e manteve-se calmo até que, nas margens do Tejo, Leonor o libertou dos pioses, deixando-o voar. Não foi longe, deixando-se ficar à vista, como se compreendesse que este não era um dia como os outros, e Leonor, esporeando o cavalo a que nem sequer conhecia o nome, passou a um trote, seguindo o caminho de areia paralelo ao rio.

Foi então que o viu. Vinha ao seu encontro, sem a companhia da guarda dos ginetes, sem um falcoeiro ou um monteiro, sozinho. Mordeu o lábio com força, esforçando-se por esconder a alegria, a excitação, a antecipação deste reencontro, e quando Fernando se aproximou tanto que bastava esticar o braço para lhe tocar, limitou-se a inclinar a cabeça.

Fernando saltou, aterrando com os dois pés junto da cabeça do cavalo, que, agitado, se empinou, relinchando, mas o rei já o tinha pelas rédeas, apertando-lhe o freio.

– Assustada?

– Nada – respondeu, mentindo. E, aceitando a sua ajuda, desmontou também, caindo-lhe nos braços, sem cerimónias nem amuos. Agora que finalmente estavam juntos, não podia perder tempo, desperdiçar um instante. Era por ele que arriscava tudo, teria de valer o preço que sabia que teria de pagar.

Fernando afastou-a, admirando-a:

– Tive medo que a ninfa com que sonhei todos estes meses não existisse, mas agora confirmo que a minha imaginação ficou muito aquém da realidade. Bem-vinda, Leonor Teles.

Leonor deixou que a beijasse, devagarinho primeiro, depois sufregamente, pedindo-lhe que jurasse que não voltaria a partir, a ir embora. E tirando do dedo o mais pequeno dos três anéis de rubi, a pedra de um encarnado-ameixa, o aro largo, de homem, rodou-o pelo polegar de Leonor, até o ver encaixar como se tivesse sido feito para a sua mão. Para aquele dedo.

– Ousadia – sorriu Leonor.

– A pedra da paixão – respondeu Fernando.

Leonor escondeu a euforia, brincando:

– Haverá quem me queira decepar a mão.

Fernando abraçou-a de novo.

– Quem é que se atreveria? E não por receio da minha reação, mas da tua, Leonor. As garras de *Noctua* não se comparam com as tuas... é por isso que quero que estejas sempre do meu lado.

Leonor encostou-lhe a cabeça ao peito, com uma certeza absoluta: tinha finalmente encontrado o lugar que tanto procurara. Estava em casa.



Leonor veio mostrar-me o anel que o rei lhe ofereceu. O primeiro dos sete que acredita que o rei lhe entregará à medida que o seu amor crescer, na ânsia de a proteger e de lhe dar a força de que vai precisar para o que a espera.

Repete-me mil vezes que lhe vão ser oferecidos por amor, não serão comprados, nem roubados, e que por isso lhe darão as virtudes da coragem, da verdade e da sedução com que foram criados para a filha do sultão e o seu amante guerreiro. Desde que nunca deixe que a raiva a cegue, que a inveja a domine, o reino será seu.

Histórias de Aisha, e antes dela de Zulema, reconheço-as bem.

Leonor segura-o à luz, e insiste:

– Repare na pedra, tia. Nem demasiado clara, nem demasiado escura, como os verdadeiros rubis devem ser.

Conhece-os a todos de cor. Ao outro de rubi, maior do que este, encastrado num gradeamento de ouro, sólido e belo, esse ficará para mais tarde. Talvez lhe peça primeiro o mais pequeno, redondo, ladeado por duas cabeças de leão. E o de esmeralda, o mais bonito de todos, sólido, sem rebiques, o anel do amor, da sedução.

Pondero mandá-la calar e fazê-la descer à terra, mas resisto.

Leonor faz o seu caminho, e não sou eu que lhe vou pôr entraves. Quero vê-la vencer. Quero vê-la rainha, por mérito próprio. Por mérito de D. Fernando, que tem a coragem de escolher quem quer amar. Que o poder destas pedras mágicas se unam, para os fazer felizes.

Santarém, início de fevereiro de 1371

O conde mandou-a chamar, e Leonor veio ao seu encontro, num misto de receio e de antecipação, descobrindo com surpresa que a tia Guiomar e Maria Teles também estavam na sala, a sua irmã acabada de chegar, certamente, porque se aquecia junto da lareira como se o frio do caminho ainda não a tivesse deixado. Leonor brincou:

– Porque se reúne o conselho?

– Para te dar instruções específicas de como agir – disse-lhe o tio, e o sorriso mascarava a vontade de ferro que a sobrinha tão bem conhecia.

– Não correu bem da última vez... – provocou Leonor, mas o conde ignorou a ironia e continuou:

– O rei está ensandecido por ti e isso é uma coisa boa.

– E eu por ele – reagiu a sobrinha.

O tio ignorou-a de novo, como se a constatação fosse absolutamente irrelevante para o caso.

– Mas não está seguramente nos seus planos casar contigo.

Leonor empalideceu, mas ripostou irritada:

– Quem lhe garantiu uma coisa dessas?

O conde observou-a, com cinismo, apontando para o anel de rubi no dedo da sobrinha:

– Parabéns, deu-te um dos seus sete preciosos anéis, mas não uma aliança. Essa, se agires de forma tão impulsiva como é teu costume, vai dá-la a outra Leonor.

Desta vez, Guiomar e Maria pareceram tão surpreendidas como ela, e o conde esperou uns instantes, antes de continuar:

– Desta vez, trata-se de Leonor de Castela.

E, a meia-voz, acrescentou:

– Nem sei como vou dar a notícia ao rei de Aragão, que, seguramente, depois do repúdio da filha, não nos devolverá o ouro que lá deixámos.

Leonor Teles sentou-se, calada, mas Guiomar queria saber:

– Finalmente a paz com o Trastámara?

– Os embaixadores, o teu irmão Diogo Pacheco entre eles, estão para chegar a qualquer momento. Depois da derrota de Fernán de Castro em Lugo e com a impossibilidade de manter o bloqueio

de Guadalquivir, porque os nossos soldados morrem como tordos, vítimas das doenças por falta de alimentos frescos, parece inevitável um tratado de paz, selado com o casamento do rei de Portugal com a filha do Trastámara. Antes que o novo rei de Castela entre mais uma vez pelo reino adentro, semeando mais miséria do que aquela em que o povo já vive neste momento.

Estranhando o silêncio da sobrinha mais nova:

– Leonor Teles, tão calada? Nem te reconheço. Esta é uma batalha longa e ou estás preparada para ela ou não estás...

Leonor fez-lhe sinal de que o escutava.

– Já dormiste com o rei?

– Evidentemente que não! Como o senhor bem sabe, sou virgem.

O conde bateu palmas, divertido. Maria abriu os olhos estupefacta, e Guiomar deu uma gargalhada que aliviou o ambiente, mas o rosto de Leonor Teles mantinha-se imperturbável.

– Melhor assim. Então escuta com atenção: as mulheres da nossa família prezam a honra e só concedem os seus favores depois do matrimónio.

Maria Teles não aguentou calada:

– Mas a minha irmã já é casada, ainda ontem recebeu mensagem do marido para que regresse a Pombeiro. – E, ofegante, acrescentou: – Tia Guiomar, o rei de Portugal não pode casar com uma mulher casada. Fará dela uma adúltera.

Antes que Leonor pudesse responder, reagiu o conde:

– Maria, antes de chegarmos a esse rio, temos que atravessar outros, e tu vais ser o barqueiro.

E deu ordens:

– Leonor Teles, a partir de hoje não saís do teu quarto, não respondes a uma mensagem do rei, não te aproximas de uma janela onde te possam ver. O que vais mandar dizer, tanto a João Lourenço da Cunha, como ao senhor D. Fernando, é que estás doente. Não podes viajar, não podes caçar. Ponto final. Guiomar, encarregas-te de tirar da cabeça do senhor de Pombeiro qualquer ideia de vir à corte resgatar a esposa, e tu, Maria, preparas o que vais dizer ao rei, que, evidentemente, te virá procurar para saber de Leonor.

Maria corou. Detestava que se lhe referissem como se estivessem a falar de uma aia da menina Leonor e, muito sinceramente, sentia-se intimamente traída. É verdade que tinha sentimentos por João de Castro, mas sentira-se muito lisonjeada pela atenção que o rei lhe concedia, pela forma como lhe pegava na mão e a deixava ficar na sua, pelo beijo que lhe dera, uma vez, de fugida. Poderia ter sido ela a escolhida se Leonor não tivesse aparecido em Lisboa, roubando-lhe as atenções, como fazia desde criança? Fosse como fosse, era tarde demais. Leonor tinha-o cativado, como nunca o vira cativo. Além

disso, era uma perda de tempo afrontar o tio. Inclinou a cabeça e esperou pelas próximas instruções:

– Quando D. Fernando insistir em vê-la, perguntas-lhe quais são as suas intenções em relação à tua irmã. Vais dizer-lhe que Leonor nunca consumou o casamento com João Lourenço da Cunha.

Maria abriu a boca, estarecida, e Leonor protestou:

– Escusa de levar a história tão longe. O senhor D. Fernando sabe que dormi com João Lourenço, porque a isso fui obrigada. Mas a virgindade, a verdadeira, só se perde quando nos entregamos a alguém que amamos. E nunca amei o meu marido.

Maria voltou-se para ela, abrindo as mãos num gesto de desespero, como se alguém aceitasse esta explicação, e Leonor protestou:

– Nenhum de vocês percebe que o rei está apaixonado e que por isso, tal como eu, não respira, não vive, sem mim. Não precisam de o chantagear. Fernando quer casar comigo. Quer que eu seja rainha de Portugal.

O conde ficou primeiro perplexo, depois entusiasmado. Bateu palmas:

– Leonor Teles, enfeitiçaste-o mesmo!

Guiomar repreendeu-o:

– Não repitas nunca essa palavra. Feitiços, feiticeiras, bruxas! Cabelos ruivos, um falcão no pulso, uma mulher que sabe ler e escrever... Estão reunidos todos os ingredientes, não faltará quem a acuse de ter embruxado o rei.

O conde estava de novo mais sóbrio:

– Leonor Teles, vais fazer o que te ordenei. E tu também, Maria.

Leonor sorriu-lhe:

– A sua tarefa é mais complicada do que a nossa: assinar um tratado com Castela, sabendo de antemão que, mais uma vez, também não será essa a Leonor escolhida.

Leonor Teles rainha. O conde de Barcelos encolheu os ombros:

– Já que terei a fama, porque vão acusar-me de ter congeminado todo este plano para colocar uma sobrinha no trono, pelo menos que tenha também o proveito. Faz a tua parte, terceira Leonor, que eu farei a minha.



Fernán de Castro, que se exilou em Portugal depois da grande derrota contra o Trastámara, visita-nos agora constantemente, apelando ao conde de Barcelos que não deixe prosseguir as negociações com os embaixadores do usurpador.

O senhor da Galiza está fora de si, e compreendo-o, porque, afinal, tem sido ele, sempre ele, a empunhar a espada na frente da batalha, a arriscar a vida, a sofrer o cativoiro, sem por um momento trair a lealdade que o unia a D. Pedro de Castela, e que transferiu para a causa de D. Fernando, lutando por ele, na ânsia de lhe entregar a coroa. Capaz de tudo, menos de ver um bastardo que assassinou o próprio irmão sentado no trono.

Apesar da minha presença, protesta contra a influência crescente de Diogo Lopes Pacheco,

acusando-o de subverter a consciência do rei de Portugal, de hábil e oportunista, apostar nos seus sobrinhos Castro, apadrinhando sobretudo Dinis, o mais frágil dos filhos da sua irmã Inês, indiferente ao facto de ter contribuído para lhe matar a mãe.

Com a voz embargada de ira, chega à acusação que aguardo desde o momento em que hoje o vi aqui chegar: insinua que estamos implicados na «distração» do rei, que só pensa em Leonor Teles. É tal o seu desejo de a possuir, que agora até a pretensão a Castela lhe parece irrelevante, pondo-a à frente dos assuntos de Estado.

Observo-o com propositada frieza. Arrepende-se de não ser tão inteligente quanto nós? Não foi ele conivente com o concubinato de Inês, não a colocaram na alcova do infante D. Pedro para os servir? Não apadrinharam o amor que nasceu daquele golpe estratégico, aproveitando-se da influência da irmã até ao fim? Só que os Castro tinham sido incapazes de levar D. Pedro a fazer dela sua mulher legítima, de forma a protegê-la da má-língua, da difamação, da morte, e os Teles não cometeriam o mesmo erro – é dessa «falha» que os acusa?

Opto por sair da sala, dizendo-lhe que tenho mais o que fazer, e, propositadamente, deixo a porta aberta para a câmara, onde, entre as mais caras sedas do mundo, as costureiras fabricam vestidos dignos de uma rainha. Ele que tire as conclusões que quiser.

Lisboa, final de fevereiro de 1371

Maria desceu as escadas para o horto e fez o caminho entre as árvores de fruto, arrancando uma laranja e deixando-a rolar entre as mãos, pensativa. Ouviu-lhe os passos, mas não levantou os olhos, como se a laranja fosse uma esfera armilar e se esforçasse por compreender os mistérios que continha.

Sentiu a mão do rei no ombro e deu um salto, fingindo-se sobressaltada, mas o rei estava demasiado ansioso por uma resposta para perder tempo com jogos cortesãos, de que tanto gostava. Antes de Leonor.

Maria engoliu em seco e dispôs-se a cumprir o seu papel.

– Senhor, a minha irmã arruma as arcas para partir logo que a saúde lho permita.

O rei, agitado, protestou:

– Recusam o meu físico, recusam o meu boticário, e agora não me deixam falar-lhe, para que me diga na cara que não me ama e que quer partir.

Maria estava preparada, treinara com Leonor todos os possíveis diálogos, ensaiara o que surtiria mais efeito, escolhendo cuidadosamente as palavras para que o conseguisse colocar entre a espada e a parede.

Era agora o tempo de reagir indignada:

– Quer fazer de Leonor Teles sua barregã?

E depois a matar:

– Como o senhor D. Pedro fez da nossa prima Inês de Castro?

No alvo. Furioso, Fernando reagiu:

– Quantas vezes tenho de dizer que não sou o meu pai!

Maria lançou a laranja para longe, fingindo um despeito que não sentia:

– Pretende também fazer dela rainha depois de morta?

O cabelo do rei parecia mudar de cor, o louro escurecia quando o sangue tingia o seu couro cabeludo:

– Caso com ela, caso já hoje – garantiu.

E, quase gago, acrescentou:

– Não sou filho dessa! A minha mãe é a senhora D. Constança Manuel. E o meu verdadeiro pai é D. Afonso IV.

Mais calmo, mostrou-lhe a mão em que faltava um anel, pedindo-lhe:

– Maria, sabes perfeitamente onde está o rubi que aqui falta e como Leonor o aceitou com tanta alegria. Dei-lhe o primeiro, mas entregar-lhe-ei todos, porque sei que aquilo que lhe peço é muito. Maria, diz-lhe que não fuja.

Maria Teles virou-se e continuou a andar, como se uma borboleta a tivesse distraído. Porque fazia parte do plano, sim, mas também porque teve medo que os seus olhos revelassem a inveja que sentia – nunca ninguém a amara assim, será que alguma vez o fariam?

Voltou ao argumento preparado:

– Casa, senhor D. Fernando, casa como, se a minha irmã já é casada?

O rei acompanhou-lhe os passos e, ultrapassando-a, voltou-se, tomando-lhe as mãos:

– Maria, por favor, diz-lhe que não vá.

E com veemência acrescentou:

– Diz-lhe que só dormirei com ela depois de casarmos. Diz-lhe que sei como desfazer o casamento com o senhor de Pombeiro, o casamento que nunca o foi.

Maria sentia um peso no peito, o coração batia com tanta força que acreditava que Fernando o escutaria. Não confiou na voz, ia sair-lhe trémula, de emoção, de ciúme, de vitória, tanta coisa numa só.

Fez uma vénia ao rei, e Fernando seguiu-a, subindo os degraus dois a dois, mas foi Beatriz de Castro que lhe saiu ao caminho e, avançando para o meio-irmão, pôs-lhe as mãos nos ombros e, em bicos de pés, beijou-lhe a boca.

Fernando riu, e beijou-a de volta. Já a achara a mulher mais bonita à face da Terra.

Antes de Leonor.



O conde voltou da alcáçova com um sorriso de orelha a orelha. Pergunto-lhe se saiu já de lá com ele estampado no rosto, e dá uma gargalhada, jurando que só o abriu para mim na segurança dos meus aposentos.

– Maria merece um prémio, fez um trabalho excelente – disse-me, enquanto descalçava os sapatos e se livrava do tabardo, chegando-se em mangas de camisa ao calor da lareira.

Conta-me que o efeito do encontro entre a sobrinha mais velha e o rei foi imediato. D. Fernando regressou ao paço e ordenou-lhe que convocasse os melhores juristas, para que tratassem de dissolver o casamento de Leonor e João Lourenço. Para ontem.

Fiz-me de gravemente ofendida. Perguntei-lhe com que cara ia assinar o tratado de paz a Alcoutim, sabendo de antemão que não o cumpriria, já depois de ter sido o embaixador do acordo falhado com o rei de Aragão, que acabara no repúdio da infanta?

O conde diz-me que o rei protestou energicamente, e os seus argumentos surpreenderam-no, como agora me surpreendem a mim. Fernando não pensa só com o coração, ao contrário do que supúnhamos, e o seu raciocínio tem lógica. Provavelmente, além do encontro com Maria Teles, teve outro, ainda mais importante, com os enviados de John of Gaunt, duque de

Lancaster, que lhe recordaram que os ingleses reagirão em protesto com uma aliança com Castela, com uma rainha castelhana em Portugal. Lembraram-lhe que não podia tingir a sua dinastia com sangue bastardo. Fizeram-lhe ver que a guerra, a maior das guerras, é entre a França e a Inglaterra e que, se a França está aliada com Castela, só sobreviverá unindo-se a ele.

Entusiasmo-me ao escutar o meu marido.

– Casar com uma portuguesa permite-lhe manter essa neutralidade, tem toda a razão. É essa a lógica do rei.

O meu marido não sabe se nasceu primeiro o ovo ou a galinha. Fernando está cativo de Leonor Teles, disso não tem dúvidas, mas procura justificar o desejo de casar com ela com argumentos mais fortes do que os do amor.

Preocupada, avisei-o:

– As gentes deste reino querem paz, e os mesteiros de Lisboa, cheios de si e desejosos de continuar a enriquecer, não são cordeirinhos mansos. Agitam-se, reivindicam, não é de agora. Revoltam-se, e uma Teles rainha será só mais um pretexto para tentarem extorquir do rei privilégios que não têm.

Aponto-lhe o rio, onde se podem contar mais de cinquenta navios:

– A gente desta cidade não é a do Minho ou de Trás-os-Montes, lidam com os estrangeiros, tratam com o mundo inteiro, compram e vendem, não querem guerra com Castela, nem agitação nenhuma que estrague os negócios. Têm consciência de que o povo pouco percebe das vontades dos ingleses e dos franceses. O argumento que os agitadores, a favor e contra o Trastámara, porque os há aqui dos dois bandos, usarão contra D. Fernando é que o rei está disposto a crucificá-los a todos por um capricho de amor. Mais um. E podes ter a certeza de que o diabolizarão de novo com aquele rumor de que amava mais do que devia a própria irmã. É dos livros. Para quem os leu – acrescento.

Mas não me fico por aqui e, inebriada pela minha própria oratória, continuo:

– O rei cunha nova moeda, que já não compra nada, e o que dizem é que o faz para alimentar os seus negócios particulares com essa artimanha. E, João, não julgues que te pouparão: revoltar-se-ão contra ti, contra nós, acusando-nos de termos criado uma rainha, para que ela depois nos recompense com títulos, terras, riquezas. Esquecidos de que já os temos e que os recebemos por mérito próprio. Que o teu posto é mérito teu, que os lugares e as terras doados aos nossos filhos e sobrinhos o foram antes de Leonor Teles ser rainha de Portugal.

O meu marido pede-me que me cale. É cedo demais para tanta certeza.

Tem razão.

Volto atrás e quero saber o que disseram os juristas, mas somos interrompidos. Leonor abre a porta da minha câmara e, com a licença do meu marido, permito-lhe que entre. Quer saber o mesmo que eu. O sorriso volta à cara do conde de Barcelos, e Leonor brilha de satisfação quando o tio lhe diz que seguiu para Roma um pedido de nulidade do casamento, justificado pelo facto de os senhores de Pombeiro serem primos entre si e nunca se ter pedido uma bula de dispensa.

– Não foi pedida? – pergunto, ingénua. Claro que foi, mas desaparecerá de todos os arquivos num abrir e fechar de olhos, e João Lourenço da Cunha nunca se atreverá a usá-la para confrontar a vontade do rei. Esperemos.

O meu marido deixa-se ficar, já depois da partida da nossa sobrinha.

E é ele que me abraça quando acordo com um pesadelo.

– Voltar-se-ão para João de Castro – anuncio-lhe com a certeza que nos dão alguns sonhos.

O conde beija-me. Também ele já pensou nessa possibilidade e, afinal, Maria Teles merece ser recompensada, diz-me, e o timbre da sua voz denuncia que, enquanto tudo isto acontece, arquiteta já um plano alternativo para o caso de este falhar.

Encosto a cabeça ao seu ombro e deixo que o sono me volte a vencer.



O conde voltou de Alcoutim, onde assinou um tratado de paz com Enrique de Trastámara, em que pela primeira vez o rei de Portugal reconhece a nova dinastia. É uma grande vitória para o Trastámara, que sabe que agora será mais fácil conseguir o reconhecimento dos outros reinos e mesmo do santo padre.

Confessa-me que cada vez lhe custa mais a dissimulação que D. Fernando constantemente lhe exige, em consequência deste seu temperamento inconstante e destas decisões tão loucas e livres, como a de repudiar infantas e casar com a mulher por quem se apaixonou, como aconteceu com Leonor. Ainda se ressentido da carta que recebeu do rei de Aragão, que não se conforma. Ficou com a filha e o ouro consola-o. Mas já me custa mais a acreditar que os castelhanos que estiveram em Alcoutim não tivessem já ouvido falar de Leonor Teles e da paixão do rei. O meu marido encolhe os ombros:

– Talvez soubessem, mas daí a imaginarem que teríamos o desprazer de nos sentarmos a negociar com eles um casamento que nunca viria a acontecer, estou certo de que não. Passámos dias a enumerar as vilas e os castelos que a noiva deve entregar a Portugal, e ainda são muitas, fizemos listas dos reféns que cada um dos lados deve entregar. Foi um trabalho imenso, e que já levou o rei a convocar Cortes para Toro para certificar tudo isto... E, Guiomar, não é só o deitar todo este trabalho para o lixo que me preocupa, aflige-me é como é que o Trastámara vai reagir. Dentro de meses podemos estar de novo em guerra com Castela. Mas eu prevejo outra. A que acontecerá em Portugal quando se perceber que se deitaram pela janela todas essas vantagens económicas, esses castelos e fortalezas, essas rendas, em troca de uma união com Leonor Teles.

– Virão contra nós – digo-lhe, mais uma vez.

– Virão contra ela – conclui ele.

Lisboa, Paço de A-par-de São Martinho, abril de 1371

– Deixa-me ir – insistiu Leonor, troçando dos cuidados de Aisha, mas a moura protestou:

– Senhora, um encontro à noite num terraço do paço é uma loucura. As paredes têm ouvidos e há olhos atentos em cada esquina. Por quantas enxergas de palha terá de saltar, onde damas e cavaleiros, aias e escudeiros se deitam e fingem que dormem, mas vigiam e recolhem informação.

Leonor roubou-lhe um lenço da arca, cobrindo o rosto com ele.

– E assim, reconheces-me?

Aisha faz um gesto de desespero, já viu Inês arriscar tanto... e perder.

Leonor fez-lhe uma festa:

– Aisha, o rei vai pedir-me em casamento. Prometeu-o a Maria. Prometeu-o ao conde de Barcelos, não voltará com a palavra atrás. Não me vê há mais de um mês. Não o vejo há mais de um mês e morro de saudades.

– Se a quer pedir em casamento, porque não o faz em público? – provocou Aisha.

Leonor corou, zangada:

– Porque não pode. Ainda. Mas o conde diz-me que a dissolução do meu casamento está a ser tratada. É a sério, Aisha. Fernando não é Pedro.

A moura sacudiu a cabeça, preocupada. Leonor não era Inês, mas partilhavam o mesmo otimismo, a mesma entrega.

– Se não consigo vencer a sua teimosia e falta de cuidado, pelo menos deixe-me aspergi-la...

Leonor, só com os olhos visíveis, levantou as mãos em sinal de protesto:

– Não, nem penses nisso. Depois convenço-me de que me beijou só porque foi compelido pelo teu encantamento. Vou assim e será o que Deus quiser.

E, voltando atrás, beijou a moura de fugida e, pondo um dedo sobre os lábios tapados pelo linho do tecido, saiu em silêncio.

Cuidadosamente passou por cima dos cortesãos adormecidos, evitou

as câmaras mais iluminadas e as escadas guardadas, escondeu-se por momentos enquanto um dos empregados da cozinha atravessava um dos pátios com um alguidar de restos para os porcos, e até se desviou do caminho de duas galinhas fugidas da capoeira, que piaram assustadas. Já conhecia como as palmas das mãos estes labirintos que no primeiro dia de chegada lhe tinham parecido impossíveis de deslindar. Não se podia esquecer de parecer ofegante, de tossir de vez em quando, afinal era suposto ter estado doente semanas a fio, sem condições para sair do quarto, ao ponto de ter de enviar a irmã ao seu encontro em vez de ir ela.

O que sentiria quando o voltasse a ver?

Estava ali. Fernando estava ali, inclinado sobre o murete, absorto a ver o rio, iluminado pela Lua, contando certamente quantos barcos ali estavam ancorados, fazendo contas ao carregamento que traziam e ao que levavam, a cabeça a fervilhar de novas ideias.

Aproximou-se sem ruído e pôs-lhe a mão no ombro, sem aviso.

– Sou eu – disse, numa voz tranquila, aquela que usava com *Noctua* quando lhe desapertava os pioses, pronta para o deixar voar.

Fernando virou-se devagarinho, confirmando que era Leonor, Leonor Teles, a mulher que preferia às filhas de reis, por quem estava disposto a tudo.

Lentamente libertou-a do lenço, soltando-lhe os cabelos, beijando-a nos lábios, primeiro suavemente, depois com toda a paixão guardada e aumentada por esta espera. Não o desiludiam.

Leonor sentiu o corpo dele excitado junto do seu, o desejo a tornar impossível impedi-lo de a tocar, de lhe soltar os laços e as fitas, e de sentir a suavidade da pele do seu peito.

Ofegante, empurrou-o, mais por ela do que por ele, disse-lhe, sorrindo.

– Não posso, não podemos.

– Já te dei a minha palavra de que caso – disse Fernando, procurando puxá-la de novo para junto de si. Leonor deu uma gargalhada:

– Mas não houve casamento, senhor.

– Casamos amanhã! Na minha câmara.

– A furto? – perguntou Leonor, desconfiada.

– Um casamento privado, com as testemunhas que quiseses. Confias? – perguntou-lhe o rei, fazendo menção de lhe dar um dos seus anéis, mas Leonor recusou-o. Só o aceitaria à vista de todos, oferecido livremente por amor, num compromisso livremente assumido, e não aqui, na escuridão da noite, clandestinamente.

Suavizando a recusa, justificou-se:

– Aisha diz que não podemos aceitar um anel sem verificar se tem uma inscrição por dentro, porque pode ser uma maldição.

E, fingindo trocar, acrescentou:

– E podes escolher já o terceiro. Quero um casamento público.

– E vais tê-lo. Farei de ti rainha de Portugal.



Leonor entrou na Igreja de São Martinho atrasada e estremunhada. Desde criança que arranjava todas as desculpas para faltar às laudes, ainda se lembrava de protestar com a mãe, dizendo-lhe que era impossível que alguém quisesse levantar-se tão cedo para louvar um dia que ainda mal começara e que tinha todas as probabilidades de correr mal. Mas hoje, hoje ainda lhe custara mais interromper os sonhos com Fernando, depois de tudo o que tinha acontecido ontem à noite.

Beatriz e o seu séquito já estavam sentados, e a irmã do rei fez-lhe sinal, indicando-lhe o lugar ao lado do seu.

Maria Teles sussurrou à irmã:

– Tira esse anel, Leonor, ela vai reconhecê-lo. – Mas Leonor, em lugar de o fazer, abriu a mão esquerda, admirando-a sem vergonha, nua de outros adereços que não o rubi no polegar.

Escondeu a satisfação com o sobressalto que causara a Beatriz e às damas, que, tal como a Castro, sabem bem a quem pertencia, e para que tivessem tempo de tirar qualquer dúvida que restasse uniu as mãos em oração, encostando-as à cara, enquanto murmurava uma piedosa ave-maria, os olhos postos na imagem de Nossa Senhora.

Maria Teles, ao seu lado, deu-lhe uma cotovelada:

– Não precisas de mais lenha para te queimares – murmurou baixinho, mas a euforia de Leonor dava-lhe a ilusão de que podia fazer tudo o que lhe apetecesse, provocar quem lhe apetecesse. Sorriu a Beatriz, sua futura cunhada, e Beatriz correspondeu com um sorriso tão seráfico quanto o dela.



Maria Teles entrou de rompante na câmara da irmã, interrompendo o jogo de xadrez.

– Morte à rainha – disse, pegando no bispo negro de Mia e fazendo-o avançar sete casas.

Leonor ia protestar, quando viu a genuína preocupação no rosto da irmã.

– Conta-me tudo – disse.

Maria manteve-se de pé, passeando de um lado para o outro do quarto, nervosa:

– A tua brincadeira teve consequências.

– A do anel de rubi? Mas já o tenho há meses – protestou Leonor.

– Mas não o usavas em público – respondeu Maria.

Era verdade, mas a partir do momento em que o rei marcara o casamento não via razões para o esconder. E como lhe soubera bem provocar a Castro.

Fez sinal a Maria para que continuasse:

– Logo após a missa, Beatriz mandou chamar o embaixador castelhano e o seu irmão João de Castro e disse a ambos que não vai haver casamento nenhum com Leonor de Castela. Que o rei está subjugado. Por uma bruxa. Que Leonor Teles passou uma agulha com fio de retrós pelos olhos de uma cobra e depois pela roupa do senhor D. Fernando, obrigando-o a gostar dela.

– Ignorante – protestou Leonor. – Era o exato feitiço a que Mía se tinha referido quando vinham a caminho de Lisboa. – Mas a sua voz não estava tão segura como era habitual.

– Que importa isso, mana? Limitou-se a confirmar o que o homem está farto de saber, se anda nesta corte há mais de dois dias: que à terceira, Leonor, é de vez.

Desde pequena que Leonor tinha sempre a resposta pronta, mas um dia a esperteza sair-lhe-ia cara, pensou Maria Teles.

– Se fosse a ti, não estava tão certa! O embaixador respondeu que não acreditava, que não podia crer que o rei de Portugal agisse como uma criança, disposto a comprar uma nova guerra, por causa de uma mulher!

Leonor encarou-a, friamente, profetizando:

– A guerra com Castela recomeçará de novo, mas não por minha causa. O Trastámara tem mais onde casar a filha, é a menor das suas preocupações. Muito mais grave é o que vem de Inglaterra. Portugal fica mais protegido casando com uma Teles do que com uma Trastámara, e o rei sabe-o. Pensa com a cabeça, acredita. E, quanto a Beatriz, brinca com o fogo. Num estalar de dedos, mando apressar-lhe um casamento que a leve para bem longe daqui, e outro para João de Castro. Há muitas donzelas castelhanas à procura de marido.

Maria sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Num estalar de dedos, Leonor conseguia transmutar-se numa criatura cruel, e quanto mais poder tivesse, mais insuportável ficaria. Viera avisá-la, e ela, desagradada com a notícia, disparava contra o mensageiro, sem dó nem piedade. Chegara e vencera e, agora que tomava posse de Fernando – e da coroa –, o que lhe queria dizer é que, se lhe apetecesse, quando fosse rainha de Portugal desfazia-se de João de Castro, casando-o com outra que não ela.

Leonor percebeu que tinha exagerado e levantou-se e abraçou a irmã:

– Desculpa, Maria, já sabes que quando estou aflita digo coisas que

não penso nem sinto. Porque não há de a irmã da rainha casar com o irmão do rei? – acrescentou, e dando a mão à irmã rodopiou com ela, como numa dança.



Falei de negócios com João Fernandes de Andeiro, porque me fez uma proposta de exportação de vinhos extremamente interessante, e depois de duas horas de conversa compreendi como conquistou o rei e se tornou presença constante na corte. É um homem maduro, bonito, de cabelo negro e ondulado, com sentido de humor, somando uma ensaiada arte da sedução a uma inteligência acutilante, mas aquilo que mais atrai D. Fernando é de certeza o fascínio que comungam pelas possibilidades de comércio nos portos atlânticos. Tanto um como o outro não perdem uma oportunidade de fazer dinheiro.

Andeiro, ao contrário de Fernán de Castro, que se fechou no castelo de Ourém, recusando-se a cumprir a ordem de expulsão dos pedristas de Portugal, decorrente da assinatura do Tratado de Alcoutim, prepara-se para transformar este exílio forçado numa oportunidade. Não mo disse diretamente, mas percebi-o nas entrelinhas, que foi promovido a emissário secreto do rei de Portugal ao duque de Lancaster, com a missão de o sondar para a possibilidade de uma aliança contra o Trastámara. John of Gaunt, viúvo de Blanche, vai casar com a infanta D. Constanza, a legítima sucessora de Pedro de Castela e María de Padilla, e assumir o seu direito ao trono. E se ambiciona a coroa vai precisar do apoio do rei de Portugal, aquele que João Fernandes lhe irá discretamente oferecer.

Mas, já que o galego embarca para Inglaterra, pelo menos embarca com o porão cheio de tonéis, que lhe garantirão recursos para viver melhor no desterro. Negócios e diplomacia abertamente unidos – o conde de Barcelos franze o sobrolho, mas a mim parece-me a combinação perfeita. E, para dizer a verdade, admiro estes aventureiros.

Lisboa, início de julho de 1371

Leonor alçou uma perna e depois outra para dentro da banheira, olhando para o seu próprio corpo como se temesse encontrar nele os sinais de que já fora mãe, mas na pele do seu ventre não se via uma estria – mostrá-lo-ia a quem insinuasse o contrário, pensou com satisfação.

– É hoje – disse-lhe Maria Teles, para acrescentar, nervosa: – Leonor, eu sei que o papel já chegou, mas achas que é suficiente? Não será melhor esperares por um casamento público?

– Não é um «papel», Maria, é uma declaração de nulidade com o selo do santo padre. Roma afirma que nunca fui casada com João Lourenço da Cunha, nunca fui senhora de Pombeiro. Mais, digo-te e repito a quem me quiser ouvir: sou virgem.

A irmã concordou com um gesto da cabeça, mas insistiu, pedindo apoio a Aisha.

– Aisha, diz-lhe, diz-lhe como Inês ficou desesperada porque o casamento secreto não lhe serviu de nada. Lembra-te, quando fomos ao casamento da irmã de D. Fernando a Évora, como D. Pedro a ignorou, como se não lhe fosse nada...

Aisha continuou a esfregar Leonor, em silêncio, mas Leonor não se calou:

– Estou farta dessas comparações. Não sou Inês de Castro. E Fernando não é D. Pedro. Ama-me e recusou o casamento com Leonor de Castela por minha causa. – Convicta, garantiu: – O casamento público chegará. Agora só desejo uma bênção para me deitar com ele, amo-o, quero pertencer-lhe. E já me teria entregado se não fossem as ameaças do nosso tio e os vossos avisos agoirentos.

E, abrindo a mão onde brilhavam dois dos sete anéis, celebrou:

– Hoje mesmo entrega-me o terceiro! E até Beatriz de Castro lá estará para o testemunhar.

Voltando-se para Aisha, implorou:

– Sossega-as, sossega-me. Não há nenhuma estrela do diabo no meu caminho, pois não?

A moura sorriu-lhe, meigamente:

– Quando os sete anéis estiverem nos seus dedos, senhora minha, ninguém lhe poderá fazer mal.



Quando Fernando lhe viera contar que ia casar em privado com Leonor Teles, já imediatamente, amanhã, e que lhe pedia para ser testemunha da união, Beatriz de Castro percebera que a batalha contra Leonor Teles estava perdida e que a dissimulação era a única arma que lhe restava, pelo menos enquanto Fernando estivesse enfeitiçado. O clã dos Teles ganhava ao dos Castro, mas não seria difícil colocar escolhos, muitos escolhos, no caminho desta adúltera, que ousava abandonar o marido e amancebar-se com o rei de Portugal, pensou enquanto caminhava em direção à câmara do rei. Pela janela do paço, escutava lá fora a agitação dos que clamavam contra o preço do pão, contra um rei que acusavam de enriquecer à conta dos mais pobres, nas palavras dos procuradores. Sabia que estas revoltas eclodiam em muitas das vilas do reino, e fora dele, que não tinham nada que ver com este casamento, até porque até agora era segredo, mas não seria difícil virá-lo contra uma adúltera. Tomar a voz de João Lourenço da Cunha, o marido enganado que fugira para lá da fronteira com receio de que o rei o mandasse matar, criando um partido pelo seu irmão João, que estava destinado a ser rei. Fora por esse desígnio que a sua mãe vivera e o pai lutara, fora essa profunda certeza que impulsionara o avô Afonso a degolá-la.

Tudo a seu tempo, disse Beatriz a si mesma, enquanto passava o reposteiro para a câmara do rei, onde a cerimónia ia acontecer. Em segredo? Deu uma curta gargalhada, como se fosse possível guardar segredos nesta corte.

Mas não havia cinismo capaz de fazer evaporar a inveja que sentiu quando entrou naquela gruta de Ali-Babá: as baixelas de ouro e prata brilhavam contra as tapeçarias preciosas que cobriam as paredes e as portas, e no altar coberto por panos de ouro luzia um magnífico crucifixo. Num canto, a Senhora do Leite, que a Rainha Santa mandava pôr às noivas, e que certamente também lá teria estado no primeiro casamento de Leonor, adivinhou. Mas a atração mais deslumbrante era a noiva, tinha de o admitir.

Guiomar Pacheco endireitava a bainha do vestido de seda branca, onde certamente Aisha cosera pequenos amuletos e talismãs como fizera no de Inês de Castro, pensou. Como é que era possível que Leonor fosse capaz de levar Fernando a replicar o comportamento de D. Pedro e da amante que tanto desprezava? Magia, só podia ser magia negra. Observou a moura, a discípula de Zulema que a abandonara quando mais precisava dela, fugindo para Toro, pondo-se ao serviço dos Teles, desta criança pouco mais velha do que ela, desta mulher...

Vingar-se-ia. Com as armas que lhe restavam, a intriga e o rumor.

Enquanto os noivos juravam amar-se na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, abençoados marido e mulher, ela jurava a si mesma que os arruinaria. A todos.

Sentiu-se invadir por um sentimento de abandono tão profundo que quase lhe tirou o ar. Não era a coroa que ambicionava, não era um casamento incestuoso com Fernando aquilo que queria, tudo o que desejara era manter-se central à sua vida, ser aquela a quem ele recorria em busca de conforto e conselho. Colara-se ao irmão mais velho como uma sombra, desde o dia em que com pouco mais de dois anos fora entregue à avó Beatriz, e quando também a rainha morrera tornara-se ainda mais dependente da sua atenção, das suas visitas, da sua presença. Até que Leonor lho arrebatara, excluindo-a. Leonor que já lhe tirara Aisha...



O rei tomou nas mãos as mãos da noiva e fez correr pelo seu dedo o anel de diamante, a pedra encastrada num aro de ouro simples.

– Vai por Aisha e lê primeiro a inscrição – murmurou Fernando, e lá estava a promessa da força da virtude e da lealdade, com que o anel da filha do sultão fora insuflado.

Foi a vez de Leonor abrir a palma da mão, deixando ver uma medalha circular, das Cortes de Amor – numa das faces um cavaleiro ajoelhava-se aos pés da sua dama, que sustinha na mão enluvada um magnífico falcão.

– Do outro lado está um recado – disse-lhe agora ela.

Fernando voltou-a e leu: «Marca a data do casamento público.»

Fernando deu uma gargalhada, inclinando-se para a beijar, antecipando a noite em que, finalmente, ela se entregaria.



Corro as cortinas da minha cama de dossel e, com um suspiro de exaustão, de alívio, deito-me a contemplar as flores bordadas no pano do teto. E, depois, desato a rir, ali sozinha, ali finalmente sozinha, onde posso rir sem que me perguntem porque o faço. Rio-me do descaramento de Leonor! Do sangue no lençol da alcova de núpcias, que encenou para que as suas damas e donzelas, criadas e servas confirmassem a sua virgindade, encarregando-as de levarem a notícia à corte, sobretudo à de Beatriz de Castro. Percebi que o fez em convivência com o rei, que partilha com ela o sentido de humor, e essa cumplicidade é sinal de que reinarão em conjunto, que a voz de Leonor será escutada. Abertamente escutada, choque quem chocar, incomode quem incomodar.

Sinto as pálpebras a fecharem-se e o meu corpo cansado a ceder perante o conforto envolvente deste novo colchão de penas de pato que mandei fazer. Que Deus nos proteja, porque vêm aí tempos difíceis, muito difíceis. Mas a alegria deste casamento é uma primeira vitória.

Lisboa, meio de julho de 1371

Guiomar fez sinal a Leonor para que a seguisse até à capela do paço, conversando de assuntos triviais enquanto atravessavam o terreiro, pela sombra das árvores. Quando se ajoelharam, lado a lado, então sim, disse-lhe ao que vinha:

– Beatriz enviou espiões a Pombeiro. Não descansa enquanto não descobrir tudo sobre o teu passado.

Leonor inspirou fundo:

– O pior é aquilo que pode descobrir sem sequer sair de Lisboa. João de Castro intensificou os encontros com Maria, mas ela não me liga quando lhe digo que procura informações sobre o meu casamento...

Guiomar Pacheco concordou com um gesto:

– Nunca te trairá propositadamente, mas está tão desejosa de confiar no amor de João que é possível que revele mais do que devia.

– Até para lhe provar que não guarda segredos dele – confirmou Leonor.

– Fernando sabe a verdade, não sabe? – insistiu a tia.

– Sobre os filhos? Nunca lhe disse – confessou.

E, procurando manter a cabeça fria, acrescentou:

– Mas o rei é o menor dos nossos problemas. O pior são os seus súbditos.

Adúltera seria o menor dos insultos, comparados com aqueles que lhe chamariam se a soubessem mãe de um filho abandonado. Mais depressa se perdoava a uma mulher que enganasse o marido do que a uma mãe que renegasse o que lhe crescera no ventre.

Leonor começou uma frase. Ia dizer «O meu marido», referindo-se a João Lourenço da Cunha, mas corrigiu-se:

– Tenho a certeza de que foi João de Castro que avisou o senhor de Pombeiro do casamento a furto, levando-o a fugir para Castela.

– E a criança? – perguntou Guiomar, evitando o nome do pequeno Álvaro, como se um nome lhe desse ainda mais realidade.

Leonor reagiu:

– Mandeí uma bolsa de moedas de ouro a Elvira, não abrirá a boca, até porque se afeiçoou a ele e não o quer perder.

Guiomar não perguntou pela outra criança, mas naquele momento Leonor levantou-se e, aproximando-se da imagem da Virgem, beijou-

lhe os pés. Só ela, Santa Maria, saberia quem estava sepultado sob aquela laje fria, em que impedira que se gravasse um nome.

– Vão seguir Aisha, Leonor. Já a obrigam a andar com o sinal distintivo dos mouros, podem agora fazer uma denúncia falsa e mandá-la prender – avisou a condessa e, vendo que a sobrinha descartava a possibilidade por ser absurda, insistiu: – Leonor, podem armar-lhe uma cilada. Lisboa está uma cidade perigosa e instável, o rei é pressionado todos os dias para ser mais duro para com os judeus. Insistem até que substitua o seu físico por um cristão, o seu boticário mouro por um cristão... Mesmo para a tua fama, convinha-te substituir a mulher da tua maior confiança por uma dama de uma família nobre, antiga...

Leonor ajoelhou-se de novo:

– Já começou o falatório?

Guiomar fez-lhe uma rara festa no braço:

– Vais ter de ser muito corajosa. Vão chamar-te de tudo. Há gente em Lisboa que preferia ver João de Castro no trono. Os mesteiros estão zangados com demasiados impostos, montaram as suas lojas já com oficinas e muitos empregados, são negócios que custam a manter e a fazer prosperar. Dizem que entre eles há um alfaiate bem-falante que consegue mobilizá-los a revoltarem-se.

– Revoltas nas cidades é o que já temos há anos, ora em Santarém, ora em Tomar, mais a norte ou mais a sul, mas depois passam. E não é só aqui, tia, é por todos os reinos, onde a pestilência e a guerra dos franceses e dos ingleses não deixam de fazer estragos, e casas onde não há pão...

– Mas, Leonor, acredita, é diferente quando nos toca a nós. Quando for o teu nome a estar na praça pública e te chamarem de...

Calou-se.

Leonor ficou em silêncio por uns instantes e depois disse, com convicção:

– O rei defende-me. E quando, em breve, eu assinar como rainha de Portugal e governarmos juntos, agiremos contra quem me difama. Castigaremos exemplarmente alguns, o que dissuadirá as línguas viperinas de outros.

Guiomar olhou-a com um misto de ternura e de preocupação. Admirava-a, na sua determinação de desenhar o seu próprio futuro, mas o caminho só agora tinha começado, e às vezes, muitas vezes, tinha a sensação de que Leonor não fazia ideia do que a esperava.



Aisha cobriu Leonor com um lençol leve, estava demasiado calor em Lisboa, adormecendo-a ao som do seu canto.

A mão da sua senhora estendeu-se para o seu braço, como se procurasse certificar-se de que ainda ali estava, e a moura viu brilharem-lhe nos dedos os dois anéis conquistados, e teve a certeza de que tomaria os outros cinco, e com cada um deles ficaria mais forte. E mais segura.

Mas ela tinha de partir imediatamente, a esta hora a vingança de Beatriz estava prestes a começar. Se ao menos Zulema ainda estivesse viva e ela se pudesse abrigar na sua câmara no castelo de Albuquerque, à guarda de Teresa Sanches, uma das mulheres mais extraordinárias que conhecera. Mas nem uma nem outra já lhe podiam valer e, de qualquer maneira, os tempos tinham mudado. As mulheres que conhecem o poder das ervas, a força das pedras preciosas e os encantos das florestas e dos seus génios estavam a ser perseguidas, como nunca antes.

Tapou o rosto com o lenço, pegou na arca com as suas poções mais preciosas e desapareceu.



Leonor entrou pelos meus aposentos numa aflição, não encontrava Aisha em lado nenhum, nem nada que lhe pertencesse, e Maria Teles disse-lhe que a moura tivera de fugir porque vinham por ela. A denúncia só podia ter sido feita por Beatriz de Castro.

Acalmei-a. Expliquei-lhe que já sabia, que Aisha partira com um dos meus escudeiros de confiança, para que chegasse bem ao seu destino, passando sem perigo as rebeliões que começaram no Porto e se espalham por todo o reino.

Repeti-lhe o que já lhe disse muitas vezes, o mundo está particularmente perigoso para as mulheres. É tal a falta de mão de obra, que em muitos lugares proíbem-nas de sair da sua terra, os padres pregam nas missas que lhes cabe apenas procriar, para substituir a população que morreu da pestilência. Com estes incitamentos, os homens violam-nas nos caminhos, e apesar da pena para os cristãos que têm relações sexuais com uma moura, muitos arriscam. Quem é que vai acreditar numa moura, se ela lhe vier apontar o dedo?

Leonor ouviu-me perturbada, sabe que é por causa dela que Aisha é sujeita a tudo isto. Quer que lhe diga para onde a envie, mas não o faço.

– Assim, se te perguntarem, não precisas de mentir – digo-lhe.

Acolhe-se a um pequeno mosteiro, contando com a lealdade do frade boticário, que conhecia e admirava Zulema.

Consolo-a, quando tudo acalmar, quando o casamento for público, nada a poderá impedir de regressar. Leonor sai daqui intempestiva, não queria estar na pele de Beatriz de Castro.

Lisboa, setembro de 1371

O conde de Barcelos, de mãos atrás das costas, relatava a D. Fernando as conclusões da sua viagem a Toro, aliviado porque a difícil missão de desfazer o casamento entre o rei e D. Leonor de Castela estava cumprida. Leonor Teles, sem cerimónia, entrou na câmara, introduzindo-se naturalmente na conversa.

– Como reagiu? – perguntou, curiosa, interiormente triunfante.

– Ficou tudo menos contente, mas não pôs de forma nenhuma em causa o tratado já assinado. Para além da devolução de terras e de reféns que estavam por conta do dote, fez questão de deixar claro que a filha não terá dificuldade em encontrar marido. Um marido ainda melhor.

– Melhor é o que não falta, não é, Leonor? – reagiu Fernando, com uma gargalhada.

Leonor sorriu.

– Mas Enrique de Trastámara não perguntou porquê?

– Nada na nossa conversa era para ele surpresa. Fez a sua parte. Mas, como se esperava, sabendo que eu era tio de Leonor Teles, não resistiu ao insulto. Confessou-se incrédulo. Como era possível que o rei de Portugal trocasse uma filha de reis por uma mulher comum...

Fernando indignou-se:

– Espero que lhe tenhas dito que quero a Leonor Teles mais do que a todas as filhas de reis.

Mas Leonor não queria saber de declarações epopeicas de amor. Ao contrário de Fernando, ela conhecia pessoalmente Enrique de Trastámara. Era uma criança quando estivera com ele durante vários meses na corte da rainha D. Maria e lembrava-se bem de como abandonara a rainha, Martim Telo e a sua própria mulher. Reagiu zangada, aproveitando para levar a água ao seu moinho.

– Pouco me importa o que pensa de mim. O que me preocupa é que ande tão bem informado do que se passa na nossa corte. E temos por seguro que é Beatriz de Castro que informa o embaixador, por isso é preciso tirá-la de cá o mais depressa possível.

E reparando no desconforto que a sua afirmação provocava no rei acrescentou:

– Fernando, desde que se falou de a casar com o irmão de Enrique,

Beatriz está do lado do Trastámara, serve-os a eles. Não há pior do que uma mulher despeitada.

Lisboa, início de outubro de 1371

Leonor cruzou os braços sobre o peito nu de Fernando, troçando:

– Mais uma noite de insónias, apesar das minhas juras de que ia dormir, porque depois não consigo levantar-me para pôr a voar *Noctua*, que bem se queixa de que não lhe presto atenção há semanas.

Fernando levantou a cabeça para a beijar nos lábios, deixando-se cair de novo sobre as almofadas.

– Só tenho vontade de fugir contigo para Atouguia, mas o teu tio mata-me se falto a uma reunião do conselho. Os procuradores na corte não tiveram papas na língua, acusaram-me de ser o rei mais rico que alguma vez houve e de proteger apenas os meus interesses... e, claro, os fidalgos.

– Fizeram pouco dos luxuosos tabardos – comentou Leonor, com uma gargalhada, para acrescentar: – Reconheço que a nova moda destas túnicas fendidas de lado, deixando ver as calças estreitas, dá muito nas vistas, e só quem tem uma bolsa cheia as pode mandar fazer.

Fernando sorriu, despreocupado. Estava apaixonado e feliz, mais feliz do que alguma vez se lembrara de ter sido, só esperava que lá de cima a avó Beatriz o estivesse a ver.

– Haverá sempre descontentes, deviam era rezar por chuva e por melhores colheitas, que a fome e a peste é que são os nossos verdadeiros inimigos. Enquanto houver gente com dinheiro para comprar sedas e lãs, significa que os mercadores fazem negócio, e enquanto houver negócio há trabalho nas cidades portuárias para pôr pão na mesa, mesmo dos mais pobres.

Leonor deixou-se escorregar para o seu lado da cama, enquanto pensava.

– Mas quando as procissões e as velas não chegam para afastar a doença e a falta de alimentos, e os tremoços valem mais do que uma moeda, a inveja cresce contra aqueles que parecem não sofrer tanto como os outros. Os meus irmãos dizem-me que em Castela, em França e em Inglaterra há revoltas populares em que os povos deitam fogo a castelos e paços. A tia Guiomar diz-me que as daqui também se vão tornar mais violentas e que me prepare porque vou ser o bode expiatório.

Fernando espantou-se:

– Tu? Porque se não de importar se caso contigo?

Leonor mediu as palavras cuidadosamente – queria levantar a lebre, mas não podia arriscar passar por uma mulher vingativa e ciumenta. Não, não diria o nome, já chegavam as insinuações que tinha feito.

– Porque são atçados pelos inimigos do conde de Barcelos, agora também conde de Ourém, pelos inimigos dos meus primos e dos meus irmãos, esquecidos de que tantos dos privilégios que obtiveram destes-lhos tu antes de teres casado comigo.

– Dei-os a troco do serviço que prestaram ao rei no governo e na guerra. Quem quer que os defenda, que defenda o reino – protestou Fernando.

– Quando se querem agitar os povos, não se usa a cabeça. Pouco lhes importa se foi antes ou depois, quando é muito mais fácil deitar tudo no mesmo caldeirão e acusarem uma mulher de te ter enfeitado.

Fernando beijou-a sofregamente, passando as mãos pelos seus peitos despidos:

– Nesse ponto não se enganaram. Enfeitado estou.

Leonor empurrou-o, meio zangada:

– Não digas isso nem a brincar. Ainda me queimam por ser bruxa!

O rei benzeu-se.

Leonor inspirou fundo:

– Vão gritar nas ruas que tomaste mulher alheia, que a roubaste a um vassalo, preterindo infantas e princesas, e que isso é uma desonra para o rei e uma desonra para o reino.

Fernando corou, tornando mais viva a barba arruivada que herdara do avô Dinis:

– Mais vergonha deveriam ter de um rei que consentisse num casamento entre parentes próximos. Desafiam o santo padre? A Igreja que nos abençoou?

Leonor não resistiu a pôr o dedo na ferida:

– Precisamos de um casamento público, Fernando, porque senão dirão sempre que o filho sai ao pai e que sou como Inês...

O rei sentou-se na cama, furioso, mas ficou calado.

– Ouves?

Leonor empalideceu. Ouvia.

Ouvia os gritos exaltados e escutava o seu nome... Diziam que Leonor Teles era uma mulher da vida, chamavam-lhe barregã, chamavam-lhe feiticeira. Sem meias-palavras.

Cobrindo-se com o lençol, aproximou-se da janela, com cuidado para se manter na sombra, e exclamou, horrorizada:

– Fernando, são centenas e centenas e estão armados de lanças, de bestas, de paus...

Quando se voltou, procurando consolo, o rei já ali não estava.

No seu lugar viu Guiomar Pacheco.

– Aisha, preciso de Aisha – murmurou Leonor.

Mas a tia colocou-lhe a mão sobre a boca, calando-a. Não era tempo de pronunciar o nome da moura. Nem de pieguices.

– Tia, vão exigir que o rei se quite de mim. Vão convencê-lo a casar com Leonor de Castela.

Guiomar zangou-se:

– Essa choraminguice nem parece coisa tua, Leonor Teles. És um falcão ou uma pomba?

Leonor fechou os olhos e sentiu o impulso de *Noctua* quando se soltava da luva e disparava pelo céu, procurando alimento. As penas cinzentas tingidas pela luz, o bico negro e curvo, as garras de um amarelo-vivo como pinças capturando a presa, para nunca mais a largar. Implacável, mortal.

– Como se chama o porta-voz deste magote de gente?

– Fernão Vasques, alfaiate.

O tal alfaiate.

– E o que vem dizer ao rei?

– Que não querem perder um bom rei como ele por uma má mulher que o enfeitiçou.

Os olhos azuis de Leonor brilhavam de um azul ameaçador:

– E o que lhe vai responder D. Fernando?

Guiomar Pacheco hesitou.

– Vai ganhar tempo.

Leonor soltou o lençol, trocando-o pelo manto, enquanto pensava.

– Antes de mais nada é um homem. E um homem afrontado. Nega. Vai negar que já casou.

Rodou nos dedos os anéis que já eram seus, procurando neles a coragem e a força que prometiam. E a calma. Não podia agir com raiva, recordava-se bem. Se queria ser rainha de Portugal, amar Fernando em paz e gerar infantes sobre os quais não pendesse a suspeita da ilegitimidade, tinha de combater os inimigos com inteligência fria. Certeira, como a de *Noctua*.

Beijou a testa de Guiomar Pacheco, confirmando:

– Desprezo as pombas, mas às vezes temos de nos fazer passar por elas.



Ajoelhou-me frente à Virgem e peço por Leonor. Os revoltosos – e eram mais de três mil! – justificaram a corrida ao paço com a notícia, que lhes tinha sido dada por certa, de que o rei tomara por rainha a mulher de João Lourenço da Cunha. E, em sendo verdade, seria uma desonra, que enojaria a Deus, ao povo e até aos fidalgos. Ao alfaiate, o capitão escolhido para os representar, não faltava nenhum detalhe, sabia tudo, visivelmente informado por alguém de dentro.

– Que mais disse? – perguntei ao conde.

– Atraveu-se a mandar dizer ao rei que não tomasse mulher alheia, porque não podiam perder um tão bom rei por uma feiticeira.

Roguei pragas.

– Vocês, homens, têm-se em muito pouca conta, caramba! Sempre que dormem com uma mulher ou se apaixonam por ela, lavam as mãos do assunto, qual Pôncio Pilatos, e a culpa é sempre do diabo. Das bruxas, dos elixires, do que for.

O meu marido ignorou-me e continuou:

– Diz que, se o rei não quer casar com filhas de reis, que case com uma fidalga.

Não queria acreditar:

– Mais fidalga do que Leonor? Descendente de reis, neta e filha de quem é? Esta guerra é contra ti, João, contra nós.

Mas isso já sabíamos há muito tempo:

– Argumentam que Leonor Teles não serve, porque já foi casada e, portanto, não lhe pode dar herdeiros legítimos.

Não quero acreditar. Só pode ser uma artimanha dos infantes Castro.

– A pérfida Beatriz de Castro semeia para os irmãos colherem. Mesmo que não consiga impedir o casamento público, joga por antecipação, procurando macular a sucessão. E sem sucessão de Fernando, que outra alternativa existe senão o povo voltar-se para João de Castro.

O conde apontou-me o dedo, zangado, acusando Diogo Pacheco de estar por detrás desta manobra. Estava por Enrique de Trastámara, pela união de Fernando com a filha do usurpador, e não tolerava que os Teles lhe tivessem passado a perna. Era verdade, o meu irmão regressara a Portugal imaginando que lhe seria dado um lugar de destaque junto do novo rei, para descobrir que o conde bloqueava toda a sua possibilidade de influência. O reino estava controlado pelos Teles, e quando viu João Afonso receber o condado de Ourém, passando o de Barcelos ao seu primogénito, percebeu que chegava tarde demais e regressou a Castela, para repensar a estratégia. E aqui estava o resultado...

– Agora, precisamos é de sair desta embrulhada vivos – protestei.

– E vivo é a palavra certa, porque a turba garantiu sem papas na língua que, se D. Fernando não se libertasse de moto próprio daquela víbora, viriam por ela e a levariam pela força das armas.

– Como reagiu Leonor? É corajosa e não aceita intimidações, mas tem 25 anos, é tão nova para uma situação de tanto perigo.

O meu marido sacudiu a cabeça, talvez Leonor se tivesse tornado adulta no dia em que viu o pai ser assassinado. Fosse como fosse, reagira com um sangue-frio admirável:

– Agiu como se estivessem a falar de outra pessoa. Serena, encorajou o rei a empatar. Sugeriu-lhe que jogasse com as palavras, mandando dizer que ainda não a recebera publicamente, confundindo-os, e propondo que amanhã se encontrassem no Mosteiro de São Domingos para lhes dar, então, todas as respostas. E a turba respeita o alfaiate e foram-se desmobilizando aos poucos, primeiro um pequeno grupo, depois outro, e aos poucos as cabeças arrefecem e as pessoas voltam a si, medindo mais o que têm a perder do que aquilo que têm a ganhar.

Concordei, mas amanhã lá estarão, e temo o que possa acontecer se o rei comparecer, e temo o que possa acontecer se não o fizer.

Leonor não tem dúvida de que é perigoso deixar o rei sujeito à pressão não só dos mesterais mas também dos nobres que se lhes aliaram contra os Teles e que farão de tudo para convencer D. Fernando a ver-se livre dela.

O conde, os meus filhos e sobrinhos, Álvaro Pérez de Castro – agora conde de Arraiolos – e o prior do Hospital concordaram com ela, aconselhando o rei a não comparecer na igreja e a sair de Lisboa enquanto é tempo. Partiremos com eles, com a primeira luz do dia, evitando Santarém, refugiando-nos em Ourém, enquanto o rei e Leonor seguirão para sul, provavelmente para Vila Viçosa, onde será mais fácil montar-lhes guarda.

Leonor reparou nos risinhos de Beatriz e das suas damas e donzelas, infinitamente satisfeitas por lhe verem o nome arrastado na lama destas ruas e ruelas infectas.

Brincam com o fogo, não sabem com quem se metem. Antes que o Sol se levante, os espiões de Leonor Teles recolherão os nomes e as moradas dos cabecilhas desta revolta, dos que deram a cara e daqueles que a escondem por detrás dos panos e dos abanos. Leonor provou que sabe ser pomba quando lhe convém.

Lisboa, outubro de 1371

A porta da falcoaria, oleada conforme as suas ordens, rodou nos guinchos sem ruído, mas lá dentro todas as aves se viraram na direção do vulto que se movia em direção a *Noctua*. Com movimentos seguros e experientes, Leonor retirou as correias e o peregrino subiu obedientemente para a luva, cúmplice do silêncio exigido. Agora sim, estava pronta a sair desta detestável cidade, onde chegara num dia de tempestade e a deixava sem a menor saudade.

Fernando e um pequeno grupo de homens esperavam-na lá fora, e com um sorriso rápido recusou a ajuda do seu mais novo escudeiro, o pequeno Nuno Álvares Pereira, montando sozinha.

Guiados apenas pela claridade no horizonte, seguiram em fila por um caminho que deixava a alcáçova em direção aos arrabaldes, evitando as portas da cidade mais concorridas, onde bastaria a denúncia de um guarda para que Lisboa inteira se levantasse em pé de guerra. O rei fugia, quebrando o compromisso assumido, e levava consigo a feiticeira. Não seria coisa pouca o brado que correria pela cidade quando à hora aprazada o senhor D. Fernando não descesse ao Rossio e constasse que também não estava na alcáçova.

– Senhora, baixe os olhos e esconda o cabelo – disse-lhe Nuno Álvares, estendendo-lhe um lenço negro, e Leonor obedeceu-lhe. Uma mulher de trança ruiva e olhos azuis, montada num magnífico cavalo, seria rapidamente identificada. Concordou, agradecendo-lhe.

Aos 11 anos, o filho mais novo do prior do Hospital possuía a inteligência e a acutilância do pai e as cores claras da mãe, Iria Gonçalves, que aceitara entre as damas da sua casa, a pedido da tia Guiomar Pacheco. Não o dissera, mas estava subentendido que uma mulher que cedera ao pecado seria a última a atirar pedras...



Leonor manda dizer-me que já entregou ao rei a lista dos cabecilhas da revolta de Lisboa e quando chegar o tempo o alfaiate será o primeiro a conhecer a morte, seguindo-se-lhe todos os outros, sem dó nem piedade.

Compreendo o desejo de cortar o mal pela raiz, procurando que o medo trave as revoltas que vão acontecendo um pouco por todo o lado, mas temo que a crueldade dos castigos acentue a ideia de que a minha sobrinha é, de facto, a mulher pérfida que querem fazer dela.

À medida que corre o reino ao lado de Fernando e a gente do povo se maravilha com a sua beleza, mais convencidos ficam de que vendeu a alma ao diabo em troca dos seus dotes de sedução e que o jovem rei não é mais do que um inseto capturado na teia da aranha. Quanto aos inimigos dos Teles, desesperam ao perceber que a influência da minha sobrinha junto do marido não só não diminui com o passar da novidade, como cresce a cada dia.

Aviso-a, na volta do correio, de que não pode desistir de conseguir o casamento público que lhe foi prometido, porque só assim será reconhecida como rainha, mesmo que a contragosto, e responde-me que a carta de arras está já redigida e é generosa. Enquanto isso, caçam, dançam os dois e amam-se num desejo sem freio que, rezo, lhes garanta um herdeiro dentro de nove meses.

O conde observa-me, sorrindo. Ao ver-me sorrir, diz:

– Aposto que te conta o que por aí se diz do antigo «marido».

Adivinhou. Leonor não resiste a contar-me o que lhe chegou já aos ouvidos. João Lourenço da Cunha canta as suas desventuras na corte castelhana, usando cornos de ouro, que lhe rendem a atenção de todas as damas condeadas. É a sua forma de vilipendiar o rei de Portugal que lhe roubou a amada, a «Flor de Altura», como trova, e pica o Trastámara para se vingar do rei de Portugal que subverteu as leis da Igreja.

– Admiro os cornos mansos, que aceitam com resignação serem trocados por outro, mas repugnam-me os cornos gabarolas – concluo.

Esperava que o meu marido risse, mas, em lugar disso, vejo-o franzir o sobrolho:

– Alguém lhe pagou esses chifres... alguém que não quer que esse cobardolas se cale, alguém que está disposto a tudo para não deixar esquecer o passado de Leonor.

Engulo o riso. E peço a Deus que a ama do pequeno Álvaro não abra a boca.

IV Parte (1372-1379)

LEONOR, FINALMENTE RAINHA

Sê motivado como o falcão,
caça de forma gloriosa.
Sê magnífico como o leopardo,
luta para ganhar.
Passa menos tempo com
rouxinóis e pavões.
Um é só conversa,
o outro é apenas cor.

RUMI (século XIII)

Leça do Balio, maio de 1372

O nevoeiro cobria os campos, deixando perceber o vulto das árvores maiores, que, como soldados, pareciam esperar o momento certo para atacar. Leonor apressou o passo da montada para não perder Fernando de vista, procurando o conforto da sua companhia. Esta névoa que a envolvia lembrava-lhe Amduscias e as criaturas do bosque, a laje sem nome... Aproximou-se do rei e quando estavam a par e passo estendeu-lhe a mão, que Fernando segurou, levando-a aos lábios.

– Tens frio? – perguntou, ao sentir a sua pele gelada.

– Tenho medo.

Fernando sorriu-lhe, meigamente:

– Gosto que precisas de mim. És sempre tão forte e decidida que me sinto inútil...

Leonor mordeu o lábio, com os dentes brancos e perfeitamente alinhados, num gesto enternecedor:

– E não te enganas, sou forte. Exceto quando estas sombras descem sobre mim e me impedem de ver com clareza o que me rodeia, o que me espera, para conseguir antecipar, para me defender...

Fernando manteve a mão da mulher na sua:

– O pior já passou. Esforça os olhos: consegues ver aquela torre, na outra margem do Leça? Garanto-te que de lá já nos viram, não ouves tocar os sinos? Neste bastião da Ordem do Hospital, ninguém se atreverá a insultar a rainha ou a protestar contra o nosso casamento.

Leonor pareceu mais tranquila. O rei não se deixara amedrontar pelos que, de norte a sul, continuavam a fazer de Leonor Teles bandeira da sua insatisfação.

Logo no início de janeiro, em Vila Viçosa, Fernando tornara pública a decisão de casar em praça, à vista de todos, como mandava a Santa Madre Igreja, declarando numa longa carta que escolhera Leonor Teles, filha de Martim Telo e de Aldonça de Vasconcelos, os nomes do seu pai e da sua mãe bem explícitos, confirmando que a sua escolha recaía sobre uma fidalga da mais alta nobreza, descendente de reis. E porque casar era uma obrigação que Deus impunha aos reis, para que continuassem as suas dinastias, beneficiaria a nova rainha da mesma forma como os seus antepassados tinham beneficiado as suas,

entregando-lhe as mesmas vilas. As rendas de Alenquer, Atouguia, Óbidos e Sintra, e de muitos outros lugares, tinham passado a pertencer-lhe, e desde então já lhe somara Aveiro, e mais lhe daria, para que pudesse manter-se com a dignidade e a honra que cabiam a quem com ele partilharia o governo do reino.

Leonor rejubilara na vitória, tanto quanto Beatriz de Castro a lamentara. O que ela ganhara, Beatriz perdera, sobretudo porque o rei, desconfiado do papel que a meia-irmã desempenhara na revolta de Lisboa, retirara-lhe privilégios e rendas.

À medida que os contornos do enorme mosteiro se tornavam mais nítidos e a igreja-fortaleza visível, Leonor entendia melhor a escolha deste lugar. A ideia partira de Guiomar Pacheco, sempre pronta a encomendar-se, a si e aos seus, à proteção do prior Álvaro Gonçalves Pereira, que os acolhia neste primeiro bastião da ordem militar do Hospital de São João, e cujo balio controlava um imenso território, que chegava ao Porto. Fernando não mentia, ninguém se atreveria a vir aqui estragar a festa ou discutir o direito do rei de Portugal a tornar rainha quem muito bem lhe apetecesse.

Um grupo de cavaleiros hospitalários vinha ao encontro do rei e da rainha e da sua enorme comitiva. Que começasse a festa.



Sentou-se rodeada de damas e donzelas, que numa algazarra bem-disposta contavam o que iam ou não iam usar para a cerimónia. Escolhera-as a dedo: a sua irmã Maria Teles, a prima Maria de Meneses e as cunhadas, claro, mas não resistira a aliciar descaradamente as favoritas de Beatriz de Castro, oferecendo-lhes joias e tecidos para os mais belos vestidos. Na verdade, nem precisava de ter recorrido a subornos, porque, mesmo que as próprias tivessem resistido – o que não acontecera! –, os seus pais e maridos obrigá-las iam a transitar para a Casa da rainha. Marcara-as, contudo, e não durariam muito na corte: casá-las-ias o pior possível, com homens sem fortuna, sabendo que não poderiam negar uma determinação real. Não perdoava traições, mesmo as feitas aos seus inimigos, porque nas costas dos outros vemos as nossas.

Mas não era tempo de criar mais inimizades do que aquelas que já tinha.

Que falta sentia de Aisha. A bondade e a sabedoria serena da moura faziam-na melhor pessoa, reconheceu, com a consciência de que nos últimos meses se tornara mais desconfiada, pronta a atacar primeiro, temendo ser apanhada desprevenida. Era assim que se sentia quando o escuro do quarto a envolvia e resistia a fechar os olhos por receio dos pesadelos que lhe invadiam o sono. «Má mulher», «Bruxa»,

«Feiticeira», os insultos gritados pela turba em fúria, de archotes na mão, não lhe saíam da cabeça. Quem eram eles para a julgar? Se nem a conheciam...

Felizmente havia Fernando, mas mesmo ele não a sossegava por completo.

– Somos como os falcões – lembrava –, ferozes e altivos, criaturas nobres e selvagens, e só aceitamos colaborar com aqueles que respeitam a nossa natureza, não é o que escreve o meu falcoeiro no livro que lhe encomendei?

E, depois, afagando-lhe o cabelo, garantia:

– Não tenho a ilusão de te domesticar, desejo só que voltes sempre por amor.

Voltaria sempre, assegurou-o.



Leonor entrou na Igreja de Santa Maria, maravilhando-se com a altura das colunas, que lhe lembravam as de Alcobaça, parando aqui e ali para observar a marca dos cantoneiros, passando o dedo suavemente pelos traços esculpidos na pedra por aqueles que não queriam ser esquecidos. Não lhe escapou, no topo de um capitel, Adão e Eva, a expulsão do Paraíso, sempre Adão ingénuo e enganado, e Eva a aliada da serpente. Apostava que a história não tinha sido bem assim, a tia Guiomar concordava com ela, pensou, com um encolher de ombros.

Voltou a atenção para as flores do campo em cestos de vime e as vozes dos cantores que ensaiavam para amanhã – vozes que subiam aos céus desta igreja sóbria, desprovida de todos os ornamentos para que os fiéis não se distraíssem da cruz que, sobre o altar, testemunhava a maior prova de amor de sempre, pois que maior prova pode haver do que dar a vida para salvar a dos outros?

Seria lá fora na praça, à porta desta igreja, que juraria amor eterno a Fernando, desta vez com o testemunho de toda a corte, e aqueles que a desprezavam não teriam outro remédio senão inclinar-se e beijar-lhe a mão, reconhecendo-a, pelo menos da boca para fora, como a mulher legítima de D. Fernando, como rainha de Portugal.

A irmã chamou-lhe a atenção para o túmulo de D. Frei Garcia Martins, mas Leonor estranhou os risinhos das donzelas que as acompanhavam.

Cruzando os braços sobre o peito, estacou, dizendo-lhes, condescendente:

– Por esses risinhos já percebi que me querem implicar na história do balio. Ora contem lá...

A maioria baixou os olhos, mas uma delas, a mais próxima da

Castro, enfrentou-a, sem disfarçar a ironia da voz.

– Senhora D. Leonor, jaz aqui o Santo Homem Bem-Cheiroso, chamaram-lhe assim porque do túmulo exalava um perfume maravilhoso e quando o abriram, já décadas depois da sua morte, confirmaram que o corpo estava incorrupto. Faz muitos milagres, mas o primeiro, ou pelo menos o mais conhecido, aconteceu com uma mulher daqui...

Leonor antecipou-se:

– Deixa-me adivinhar, uma mulher acusada de adultério!

As damas dos risinhos observaram-na estupefactas. Afinal conhecia a história?

Leonor percebeu que a sua intuição não a enganava, incitando a contadora a prosseguir.

– Uma jovem e bela donzela...

Só faltava dizer que era ruiva de olhos azuis.

– ... casada com um ferreiro que se ausentava muito de casa para trabalhar, foi denunciada por ter um caso com um dos cavaleiros da Ordem do Hospital. Encontrava-se com o homem muitas vezes e havia quem jurasse que os vira trocar beijos e recados. Até que a notícia chegou aos ouvidos do esposo.

– Pelas coscuvilheiras da vila, que se fingiam as mais bem-intencionadas das criaturas – acrescentou Mia com desprezo.

A outra continuou como se não a tivesse ouvido.

– Quando o ferreiro soube do sucedido, quis matar a mulher, mas as gentes daqui exigiram que lhe fosse dada uma oportunidade de provar a sua inocência, fazendo a prova do ferro caldo. Teria de aguentar caminhar meia légua com um ferro em brasa nas mãos, sem o deixar cair... e sem se queimar.

Leonor controlou-se para não fechar as mãos, sentindo o ferro comer-lhe a pele. «Bárbaros», diria Aisha se aqui estivesse.

A donzela deliciava-se agora com os pormenores do castigo, divertindo-se a atormentar todas as damas de consciência pesada que a rodeavam, mas Leonor fez-lhe um gesto de impaciência:

– Vamos ao que interessa.

– A mulher invocou o Santo Homem Bem-Cheiroso, foi repetindo o seu nome a cada passo, mais um, depois outro e mais outro, até que chegou junto do túmulo, pousou o ferro e mostrou à multidão as palmas das mãos, brancas e sem mácula como se tivesse transportado uma seda fina.

– E o que sucedeu às coscuvilheiras que levantaram falsos testemunhos? – perguntou Leonor, seráfica.

A donzela sorriu:

– Provavelmente continuaram a acreditar mais naquilo que os seus olhos viram e os seus ouvidos escutaram, certas de que a mulher do

ferreiro protegera as mãos com algum bruxedo mouro...

Leonor reconheceu que tinha naquela donzela uma inimiga à sua altura, mas se a infeliz imaginava que, pelo facto de Aisha não estar presente, estaria segura, ainda tinha muito que aprender.



Leonor debruçou-se do balcão da torre para observar a praça, passando o braço pelos ombros da irmã, sem conseguir esconder a alegria.

Da noite para o dia, o terreiro cobrira-se de barracas de cores garridas unidas por bandeirolas, e as exclamações dos saltimbancos que ensaiavam os seus números enchiam o ar transparente da manhã, sob um céu azul de encomenda. Pelos estandartes, era possível confirmar que estavam cá todos, os Teles, os Meneses e os Castro, obviamente, os Pacheco, infelizmente, e tantos outros que reconhecia sem dificuldade. Fernando era o primeiro rei a casar com uma fidalga portuguesa, e se estes tontos pensassem com a cabeça em vez de com as vísceras, em lugar de protestarem contra este casamento, deviam era celebrar o precedente que Leonor Teles abria às suas filhas, que se fossem suficientemente bonitas e nobres poderiam a partir de agora ambicionar a coroa. Mas Leonor sabia que a festa que se preparava acontecia sob o olhar vigilante dos homens de armas da ordem, bem posicionados na ronda desta mesma torre ou atravessando a arraia-miúda com a cruz de Cristo visível sobre as vestes negras, a espada à cintura, dando sinal de que os descontentes teriam de pagar qualquer atrevimento.

Leonor escutou a voz da tia Guiomar, que a chamava para dentro. Pousada sobre a colcha estava a sua coroa favorita da rainha Beatriz, que por sua vez a recebera da princesa bizantina Vataça Láscaris, a dama mais próxima de Isabel de Aragão, sepultada na Sé de Coimbra. Reconheceu-a no mesmo instante, era inconfundível, com dezasseis rubis e sessenta e quatro grãos de aljófar.

Mas a grande surpresa, a que a deixou sem fôlego, viu-a à sua frente:

– Aisha, vieste – gritou, precipitando-se para os seus braços.

A moura fingiu rabujar, como se a sua chegada fosse tão óbvia que não merecesse sequer ser notada.

– Senhora, e quem lhe cosia a bainha do vestido? – quis saber.

Leonor sacudiu a cabeça, procurando varrer dos olhos as lágrimas, sem que ninguém desse por elas. Agora sim, o dia prometia ser perfeito.



Primeiro a música. As gaitas de folos, os pífaros e as pandeiretas anunciavam que o rei e a rainha não tardavam. As crianças pequenas treparam para as cavalitas dos pais e as mulheres empurraram-se umas às outras, na esperança de um lugar de onde pudessem ver tudo. Vinham de perto e de longe para assistir ao casamento mais controverso de que havia memória e queriam ver com os seus próprios olhos se a mulher que enfeitiçara o rei era tão bonita como se dizia. Usavam camisas brancas e colares de ouro, lenços garridos e saias rodadas, tiradas das arcas.

Fernando e Leonor sabiam o que se esperava deles, que se mostrassem, à arraia-miúda, bonitos, ricos, unidos, determinados, escolhidos e abençoados por Deus, como só o são os reis.

Trocaram um olhar cúmplice antes de aceitarem ajuda para a tarefa de montar, sem desmanchar os panos escarlate debruados a ouro que cobriam os cavalos quase até aos cascos, de tal forma tapados que quase não se conseguia adivinhar a cor do animal que cavalgavam, imaculadamente brancos, para quem quisesse realmente saber.

A um sinal do mestre, dois homens de armas da ordem abriram os portões do mosteiro e os reis avançaram, lado a lado, seguidos de uma longa procissão de damas e cavaleiros, dos mais importantes aos menos importantes, numa hierarquia rigorosamente estabelecida.

O olhar de todos estava em Leonor, no seu cabelo de fogo, que se recusara a esconder sob um lenço branco como era costume das noivas, no seu vestido de brocado branco e dourado, que com a virgindade da cor desafiava aqueles que a diziam já casada, assim como as luvas, autorizadas apenas àquelas que se matrimoniavam pela primeira vez. De camurça mais delicada, maleáveis para que pudesse abrir e fechar as mãos, dando-as bem a ver, provocando aqueles que, inclusivamente, tinham estado presentes no seu casamento anterior.

Mas se o olhar dos outros estava nela, o de Leonor percorria o rosto das mulheres e das crianças que a saudavam, as mais crescidas usavam, como ela, coroas, mas de pequeninas margaridas, brancas e amarelas, entrelaçadas com murta, para dar sorte. Queria dizer-lhes que, ao contrário do que constava, era a rainha que lhes traria paz, que faria justiça, que poria limites aos grandes senhores que abusavam delas e continuavam a exigir dormir com elas antes dos maridos. Servi-las-ia melhor do que teriam sido servidas pela primeira Leonor, a de Aragão, ou pela segunda Leonor, a de Castela, que não conheciam as gentes e os usos do reino, que não passavam de embaixadoras de interesses estrangeiros. Que calassem as injúrias e a respeitassem, e ela comprometer-se-ia a velar por elas.

Num palanque montado junto da porta da igreja esperava-os o bispo, o balio e Álvaro Gonçalves Pereira, o prior do Hospital, o rosto longo, o nariz aquilino, a barba longa e pontiaguda, alto, forte, de

costas largas, herói da batalha do Salado, que lhes sorriu encorajadoramente.

Leonor e Fernando desmontaram, sentando-se em dois tronos colocados num palanque mais alto para que tudo se visse e ouvisse, e escutaram a leitura da carta de arras do rei – Leonor conhecia-a de cor e salteado, o louvor do sacramento, a sua genealogia ilustre, a menção à sua descendência real, mas o que importava é que a arraiá-miúda aqui presente, e os fidalgos que não sabiam ler nem escrever, a escutassem para que não ficassem dúvidas de quem era e de em quem se tornara.

A música regressou, forte e emotiva, enquanto um paraninfo avançava em direção ao bispo, com o anel numa bandeja de ouro, para que o bispo o abençoasse, e os noivos caminharam para junto do bispo, respondendo alto às perguntas sacramentais que lhe fazia. Se se amavam? É claro que se amavam. Se casavam de livre e inteira vontade? Quem poderia ter dúvidas? Juraram fidelidade até que a morte os separasse, amar-se e respeitar-se na saúde e na doença, por todos os dias da sua vida, educando os filhos que Deus amorosamente lhes concedesse na única e verdadeira fé.

Depois, Fernando colocou o anel de esmeralda na palma da mão enluvada, e segundo o costume Leonor fechou a mão, e depois, abrindo-a de novo, deixou que voltasse à posse do rei. Fernando segurou novamente o anel – o terceiro dos sete que lhe prometera, a pedra do amor e da sedução, num aro de filigrana de flores e folhas –, colocando-o primeiro no polegar, depois no indicador, em seguida no dedo grande e por fim no anelar, enquanto dizia: «Com este anel te esposo, com este ouro te honro, com este dote te doto.» E, incitados pelo prior do Hospital, beijaram-se, um beijo fugidio em frente de toda aquela gente, que irrompeu em palmas. E Leonor corou, como se nada soubesse destes jogos amorosos. Como se esperava dela, coscuvilharam as damas maldosas de Beatriz e tantos dos outros presentes.

O bispo abençoava-os, terminando dizendo: «Não separe o homem o que Deus uniu», enquanto desenhava no ar o sinal da cruz.

Os sinos tocaram, os da igreja e os dos campanários das aldeias próximas, em uníssonos, fortes, misturando os seus timbres, para afastar os espíritos do mal que cobiçavam a felicidade alheia. Que tivesse o poder de os aniquilar, desejou, sorrindo depois para si mesma: quando se possui tudo o que os outros cobiçam, aceita-se a inveja com naturalidade.

E, quando voltou o olhar para o horizonte, viu-a junto ao rio, sob o grande salgueiro, sozinha, única: perto ou longe, Aisha não a abandonaria nunca.



Leonor conduziu Fernando pelo passadiço entre o mosteiro e a igreja, iluminando o caminho com uma candeia.

– Onde vamos a estas horas da noite? – perguntou o rei, estranhando a falta dos guardas postados à porta da sua câmara, que só poderiam ter desaparecido por ordem da rainha.

– Quero revelar-te uma coisa num lugar especial – respondeu ela, baixinho, começando a descer as escadas que levavam à sacristia e entrando em silêncio na igreja, onde só ardia a luz do sacrário. Passou à capela adjacente e, iluminando uma lápide sepulcral de bronze, apontou para a imagem gravada. Fernando decifrou interessado a inscrição em latim em magnífica caligrafia gótica, as armas de D. Frei Vasques Pimentel, reconheceu o fabrico, que era originário certamente da Flandres, pelo cinzelado, mas Leonor observou:

– Não é linda? Repara na Virgem Maria? Repara como o Menino sai da boca de Deus, como um sopro, e a Senhora emprenha de ouvido, sem perder a virgindade? É maravilhosa, não é?

Fernando ajoelhou-se, unindo as mãos em oração.

Também ele pedia que Deus os abençoasse com um filho, fruto do seu amor por Leonor. Um varão. Que viesse sossegar as gentes e livrar Leonor Teles do anátema que tão injustamente lhe tinham colado. Que mais podia desejar um reino do que ser governado por quem se casava por amor?

Leonor inclinou-se para lhe beijar os cabelos louros. Sabia que dentro de si já germinava vida.



Leonor é rainha de Portugal, mulher de D. Fernando, abençoada pela Igreja, aos olhos de todos. Não há forma de voltar atrás, não há risco de que tudo se desmorone como um castelo de cartas. As paredes sólidas do Mosteiro de Leça do Balio são testemunha de que, aos olhos de Deus e dos homens, a minha sobrinha não é nem barregã, nem concubina. A sua história e a de Inês de Castro deixaram de confluir. Não são a mesma, e o filho não comete o erro do pai.

Indigno-me com os que murmuram que Fernando é fraco, não está na plena posse das suas faculdades, tem a inteligência tolhida pelo poder da paixão. Calem-se os poetas e os intriguistas, porque o que o rei aqui provou hoje foi que o amor e a razão não são mais do que dois lados da mesma moeda.

Tendo por eles o prior do Hospital, estão seguros. Álvaro Gonçalves Pereira acolheu-me nestes dias como se fosse sua filha, mas também como benfeitora, porque D. Fernando vai pagar o favor e a proteção que o prior lhes ofereceu, com terras e privilégios. As doações estão redigidas, e o rei não partirá de Leça sem as deixar assinadas.

Recebo a visita de Aisha quando estou pronta para partir. Inquieta, pede-me que acompanhe Leonor ao Porto, que não estava nos meus planos. «Recomeçam os sarilhos?», pergunto-lhe, desanimada. Sai como entrou. Já deu o recado que tinha para mim, não tem mais nada a dizer-me. E eu obedeço, que outro remédio tenho.

Porto, junho de 1372

– É seguro? Não sairão à rua como em Lisboa? – perguntou Leonor quando o rei lhe disse que a próxima paragem era o paço episcopal do Porto, onde montariam um estrado para que os homens e mulheres mais importantes do reino lhe viessem beijar a mão.

– O bispo mandou o povo vestir-se de festa e abriu os cordões à bolsa para que os mouros saiam à rua com música e dança. Ninguém se atreverá a insultar-te, meu amor.

– Entro ao teu lado, a cavalo? – quis saber.

– Claro, mas o meu irmão João leva o teu pela rédea, para que todos vejam que o mais velho dos Castro está por nós.

– Ou finge estar, como tantos outros que constam das listas dos que estiveram com o alfaiate em São Domingos, mas agora desfazem-se em vênias.

– Que é o que importa, Leonor! Tiveram dúvidas, mas depois do casamento público conformaram-se. É tudo o que importa, não vale a pena remexer constantemente no que já lá vai.

– A questão é se já lá vai, de facto. Também a rainha D. Maria acreditou nas palavras do filho quando lhe disse que não lhe faria mal, nem a ela, nem aos que estavam com ela em Toro, e...

Fernando fez-lhe uma festa no cabelo e beijou-a:

– De quem é que desconfias?

– De Diogo Lopes Pacheco! A esta hora já sabe dos embaixadores ingleses e tem conhecimento de que João Fernandes de Andeiro está em Portugal como embaixador de John of Gaunt, a quem o Parlamento reconheceu o título de rei de Castela e Leão. Ao irmão de Guiomar Pacheco não resta a menor dúvida de que vamos assinar uma aliança com o duque de Lancaster para combater o usurpador. Não duvido que esteja já mandatado para provocar mais rebeliões e descontentamentos.

Fernando concordou. Leonor era exímia em analisar os problemas, articulando a conclusão, com absoluta clareza.

– E, já agora, sabes explicar porque é que Dinis de Castro está de tão mau humor? – perguntou.

Leonor cruzou as pernas, sentando-se como uma moura, entusiasmada com a atenção que recebia.

– Dinis é muito novo, mas tem a cabeça cheia de sonhos de grandeza e tem um temperamento explosivo como o teu pai. E quem melhor do que Diogo Pacheco para semear a ideia de que não está a receber o tratamento que merece, que devia ser mais adulado, mais respeitado, chegando ao ponto de o levar a esquecer que foi ele que matou a sua mãe. Beatriz faz seguramente o resto, convencendo-o de que sabe «coisas de mulher» acerca de mim, que dizem a verdade aqueles que me acusam de ser uma barregã e, pior ainda, se possível, adúltera.

Calou-se. Não conseguia pronunciar estas palavras sem um sentimento de injustiça profundo, sem raiva.

Fernando sentou-se no chão à sua frente, envolvendo-a nos seus braços.

– Dinis beijará a mão da rainha como todos os nossos vassalos, disso podes ter a certeza. E Diogo Pacheco fará o mesmo, porque não se atreverá a virar a casaca de novo.

Mas Leonor acenou que não com a cabeça. Nada disto ia acontecer, e Diogo Pacheco a esta hora já estava em Castela, como bom traidor que sempre fora.

– Vou pedir a Aisha que me encha a bolsa de amuletos, sinto Amduscias demasiado perto.



Leonor subiu as escadas que levavam ao paço episcopal, rodeada das damas e donzelas mais bem vestidas e adornadas que alguma vez a cidade vira, num banho de cores e brilhos. As gentes seguiam-nos desde as portas da cidade, e antes de entrar a rainha voltou-se, atirando pelo ar o ramo de flores que levava. Uma das raparigas, mais rápida, deu um salto e apanhou-o no ar.

– Que seja muito feliz, senhora.

– Que também cases por amor – exclamou a rainha.

A rapariga acenou-lhe com o ramo erguido bem alto, deixando que as pétalas caíssem sobre as mulheres que a rodeavam, que soltaram gritos de júbilo. Fernando, ao ouvi-las, parou no balcão, e voltando-se fez-lhes um dos seus largos e sedutores sorrisos, o cabelo claro e ondulado pela altura do ombro, emoldurado por uma magnífica coroa de ouro e pedras preciosas. Conquistou-as.

– Viva o rei – exclamou a multidão e, por momentos, ninguém quis saber nem de fomes, nem de quebra de moedas, nem de impostos, nem de celeiros vazios. Tinham por rei um jovem bonito, que seguramente não se meteria em mais guerras e acabaria por encontrar forma de trazer de novo a prosperidade ao reino. Que casasse com quem quisesse, e se a feiticeira tinha artes na cama, tanto melhor para

o homem, diziam outros, as canecas cheias do vinho que hoje não faltaria.

Aisha, visível apenas aos olhos de quem queria, misturou-se entre as damas, dando silenciosamente uma volta e depois outra em seu redor, como se a envolvesse numa teia protetora. Leonor preparou-se – era um aviso para que se mantivesse atenta.

Alerta, sentou-se no trono de espaldar alto, ao lado de Fernando, copiando-lhe os gestos – suspirando de alívio de cada vez que um fidalgo se ajoelhava aos seus pés, beijando-lhe a mão, reconhecendo-a por rainha, jurando servi-la com lealdade. Aceitou o beija-mão dos irmãos, dos primos, da condessa Guiomar e do conde, e deixou que a sua mão permanecesse por mais uns instantes do que devido na de João de Castro, sinalizando-lhe a sua amizade. Mas sem nunca perder de vista Dinis.

Mantivera-se cabisbaixo durante o percurso que o cortejo real percorreria desde que entrara no Porto até junto da sé, sem trocar uma palavra que fosse com quem fosse, nem sequer com o irmão mais novo, o jovem mestre de Avis, que habitualmente conseguia pôr qualquer um a conversar. Nem por uma vez levantara os olhos para ela ou para o rei. E, agora, deixava-se ficar para trás, bem no fundo da sala, cada vez mais isolado à medida que os outros avançavam para cumprir o seu dever.

Com vinte e poucos anos, Dinis era muito parecido com o rei D. Pedro, alto, mais alto do que Fernando, mas de cabelo escuro e com um olhar constantemente desafiante, hoje mais intenso ainda.

Seria para ele que Aisha a alertara?, pensou Leonor. O filho de Inês de Castro atrever-se-ia a desafiar o rei?

Já só restava o Castro, isolado na sala do paço. Fernando punha-se de pé e comandava o irmão a beijar a mão da rainha, como já a beijara D. João, o seu irmão mais velho.

Dinis explodiu e, sem sombra de temor na voz, proclamou alto e a bom som:

– Não vejo aqui nenhuma rainha!

Um burburinho de horror ecoou na câmara.

Horrorizada, Leonor viu Fernando saltar do estrado, com a adaga na mão e a avançar para o irmão, de cabeça perdida, e suspirou de alívio quando o aio do rei, o velho Gil Vasques de Resende, se interpôs entre ambos, como só ele se atreveria a fazer. Pedia-lhe calma, pedia-lhe que guardasse a arma, enquanto o aio de D. Dinis se esforçava por arrastar o mais novo dos Castro para um canto, implorando-lhe que não abrisse a boca. Mas Dinis não se calava.

– Não beijo a mão à mulher de João Lourenço da Cunha, ela que beije a minha. Ajoelhe-se aos meus pés, porque eu, sim, descendo de reis!

Fernando tremia, pálido, nunca, nunca Leonor o vira tão fora de si, mas mesmo que quisesse não se conseguia mover, como se o brilho da adaga a tivesse transportado para outro tempo, para os gritos da rainha D. Maria debruçada sobre o corpo de Martim Telo, ensopando o vestido no seu sangue, que jorrava das punhaladas com que aqueles animais lhe tinham roubado a vida.

O aio do rei implorava-lhe que não tingisse o momento com um fratricídio, levando-o a guardar a adaga. Nervoso, o conde colocava com firmeza a mão no ombro de Gonçalo Teles, impedindo-o de defender a honra da irmã, sinalizando aos seus que não era o momento de agir. Outras ocasiões haveria para ajustar contas.

Os anéis queimavam os dedos de Fernando, recordando-lhe que a força estava em resistir. Virando costas ao meio-irmão, o rei gritou:

– Tirem-me essa besta da frente. E que não se atreva jamais a cruzar-se no meu caminho.



Saí da sala o mais rapidamente que consegui, na ânsia de verificar se o aio de Dinis o retirara a toda a brida do Porto, porque se os meus sobrinhos lhe farejarem o rasto darão cabo dele hoje mesmo. Encontro um dos seus amigos, que conheço bem, e me confia que o Castro já está a caminho de Ferreira de Aves, senhorios do meu irmão Diogo, e que dali passará a Castela. Mais um para o lado do Trastámara, manipulado pelo meu irmão, que o convenceu de que Leonor vai promover os irmãos, dando-lhes a eles o seu lugar, apoucando-o, tratando um filho de rei como se fosse um simples vassalo. Mas fez pior, convenceu aquela mente fraca, aquela criatura tão mal-amada, de que esta adúltera seria capaz de os envenenar aos três, matando-os com peçonha, para não correr o risco de herdarem, ou arrebatarem, o trono. Também faz parte desta conspiração João Lourenço da Cunha, que ficou desvairado com o casamento público de Fernando e Leonor em Leça do Balio, com o facto de a traição de Leonor ter sido premiada com a coroa. E se enlouquecer Dinis, levando-o a este suicídio, não é obra complicada, mais fácil ainda é desestabilizar o Trastámara, deixando claro que Fernando não só lhe repudiou a filha, como não faz qualquer tenção de cumprir o Tratado de Alcoutim. Andeiro e um escudeiro do duque de Lancaster estão secretamente em Portugal para negociar uma aliança, mais certa ainda desde que os castelhanos atacaram a frota inglesa, roubando o tesouro que transportava.

Sarilhos grandes são os que aí vêm.

Igreja do Divino Salvador de Tagilde, 10 de julho de 1372

«*Dona Leonor, pela graça de Santa Maria, rainha de Portugal e do Algarve*», escreveu Leonor na sua caligrafia cuidada, soprando a tinta para que secasse mais depressa.

Escolhida pela Virgem Maria para rainha de Portugal, era assim que constaria em todos os documentos em que apusesse a sua assinatura ao lado da do rei, deixando claro que reinavam juntos. E juntos tinham decidido aliar-se aos ingleses.

Estava aberto o jogo. O rei e a rainha de Portugal subscreviam, em Tagilde, um tratado de aliança entre Portugal e Inglaterra. Fernando continuava convencido de que o podia manter secreto, mas ela não tinha a menor dúvida de que a esta hora a notícia já correria deste recôndito lugar do Minho para a corte do Trastámara. Mesmo entre este séquito escolhido, de um lado ou do outro, haveria algum a trabalhar para Diogo Pacheco.

Mas, de todos os que ali estavam, o mais satisfeito era sem dúvida o mestre de Andeiro, pensou a rainha. João Fernandes, sentindo sobre si o seu olhar, tirou o gorro, inclinando-se numa vénia, os cabelos escuros em canudos a taparem-lhe momentaneamente o rosto tisonado pelo sol, a barba com alguns brancos. O agora embaixador de John of Gaunt era mais velho do que ela e Fernando uns bons dez anos, mas a idade e o seu sentido de humor tornavam-no ainda mais atraente. Ao seu lado, Fernando ria de uma das suas acutilantes observações.

Pousou a pena ao lado do tinteiro e aproximou-se. O rei estendeu-lhe a mão, que Leonor tomou na sua, estavam apaixonados e não tinham vergonha de o mostrar. Muito menos ao embaixador. Divertida, provocou-o:

– Mestre de Andeiro, consta que a paixão ensandece os homens, que sob o seu efeito enlouquecem. Serão válidos os tratados assinados neste estado?

O rei e o mestre de Andeiro deram uma gargalhada, mas João Fernandes não hesitou um instante que fosse na resposta.

– Majestade, é o que certamente D. Diogo Pacheco diz ao usurpador, mas o senhor duque de Lancaster julga com menos dureza os homens que têm a sorte de encontrar o amor.

Toda a gente conhecia a relação escaldante de John of Gaunt com a mestra das suas filhas, a bela Katherine Swynford, com quem vivia, juntando as princesas Philippa e Elisabeth, o herdeiro, Henry, e os filhos bastardos sob o mesmo teto. Lady Katherine, segundo lhe diziam, era ruiva, de olhos azuis, como ela, mas Leonor não queria comparações com concubinas, por muito prestigiadas e amadas que fossem. E havia assuntos bem mais sérios com que se preocupar.

– O Tratado de Tagilde é sinónimo de guerra – afirmou.

Andeiro içou cautelosamente o sobrolho, sem reagir, mas Leonor continuou:

– Enrique de Trastámara aceitou o nosso casamento e o repúdio da sua filha Leonor com bonomia, porque está interessado em continuar a pacificar Castela e a sedimentar o seu reinado, mas não pode ficar de braços cruzados perante esta ameaça. John of Gaunt quer o trono que ele ocupa.

Para Fernando era óbvio que sim.

– Deveria ter percebido que as pazes de Alcoutim eram apenas uma forma de ganhar tempo. Não abri mão das minhas convicções iniciais: a coroa de Castela pertence aos descendentes do meu primo D. Pedro, e D. Constanza foi legitimada como herdeira. É dela e do marido o trono. E vai-se fazer justiça.

Andeiro entusiasmou-o mais. Vivera estes últimos anos na corte de Londres, na extraordinária corte do duque de Lancaster, e passara a sua lealdade para a filha da verdadeira dinastia, recebendo em troca a confiança – e muitos presentes – do novo rei de Castela. E receberia mais quando regressasse com a aliança concluída.

Mas Leonor, que lera cuidadosamente cada alínea, tinha mais perguntas:

– Mestre de Andeiro, é certo que John of Gaunt avançará com um grande exército através da França, atacando Castela e Aragão?

João Fernandes, convincente, garantiu-lhe que sim. O duque era um homem de palavra.

– Mas virá em pessoa a comandar os seus homens? – insistiu a rainha.

Desta vez foi Fernando quem lhe respondeu:

– Quando chegar a Navarra, terei de avançar. A ideia é atacar o Trastámara em duas frentes. Depois da derrota de Nájera, só a ideia de se confrontar de novo com os arqueiros ingleses o deixará nervoso.

Leonor lembrou-se do *longbow* que Fernando lhe mostrara naquela visita à Beira, num tempo que lhe parecia agora tão longínquo.

– Mas os ingleses enviam-nos, simultaneamente, um contingente de apoio?

– Senhora, garantidamente que sim. Não se esqueça de que todos nós, os pedristas exilados em Inglaterra, estaremos ao vosso lado.

O senhor D. Fernán de Castro está ansioso por ganhar esta guerra.

A rainha assentiu, mas encarou Andeiro de frente.

– Nada pode falhar. O senhor D. Fernando reunirá as Cortes no Porto dentro de semanas, e por essa altura os procuradores e os mesteiros vão opor-se a mais guerras. Será aqui pelo Norte que o Trastámara atacará de novo, e ninguém esqueceu os prejuízos que causou da última vez.

Fernando irritou-se:

– Mas também não podem esquecer que o Trastámara não cumpre o nosso acordo e retém as vilas que ficou de devolver.

Ansioso por sossegá-los, Andeiro lembrou-lhes que o irmão mais novo do duque de Lancaster, Edmund, conde de Cambridge, tinha casado com a segunda filha de D. Pedro de Castela, D. Isabel. O que era uma garantia acrescida, caso acontecesse alguma coisa – que Deus não o permitisse – à senhora D. Constanza.

Fernando colocou a mão sobre o ombro de João Fernandes de Andeiro, num gesto amigável:

– Primeiro ainda temos de ver o tratado ratificado em Londres. Mas o senhor João Fernandes já aceitou prestar-nos esse serviço, trocando de lado e servindo agora de embaixador de Portugal junto do rei de Inglaterra. Seguirá para Lisboa e embarcará logo que possível para Londres...

Leonor assentiu. Andeiro era visivelmente um homem versátil, nos assuntos de Estado e nos negócios, em que conhecia um sucesso crescente, segundo lhe contara a tia Guiomar.

– O senhor Andeiro é um homem de múltiplos talentos – reagiu com um ligeiro toque de ironia.

Andeiro respondeu com um sorriso de orelha a orelha:

– Como terá de ser qualquer homem que pretenda servir bem a rainha de Portugal.



– Aisha, o que pensas dele?

Leonor deixou cair a pergunta num tom casual. Como se lhe pedisse a opinião sobre os novos cães de caça do rei ou mesmo que tempo faria amanhã.

– O que penso de quem? – respondeu Aisha, com mais interesse nas substâncias que triturava com uma faca afiada do que na conversa.

Leonor sentou-se no banco em frente ao espelho, brincando com os pós e os pincéis. Aisha desconversava e com toda a razão. O que lhe importava Andeiro?



Perguntei a Leonor o que está por detrás deste acordo com o duque de Lancaster, que precipitará o reino numa nova guerra. Que ganhará Fernando, que ganhará Portugal, se o futuro rei de Castela e Leão for um inglês? Desconfio que, em menos de dois tempos, tomariam Portugal também.

A rainha responde-me que o rei quer acima de tudo assegurar as relações comerciais com os ingleses, a liberdade de navegar no canal da Mancha, que tanto rende aos nossos mercadores. Percebo nas suas meias-palavras que Fernando ainda não abandonou completamente a pretensão ao trono de Castela, que o seu principal objetivo é destronar Enrique, e depois logo se vê, mas é uma manobra perigosa, que subestima a força militar do nosso vizinho. Pelo sim, pelo não, e sei que é mais pelo sim, convoquei os feitores das nossas propriedades, para ordenar que os pedreiros façam a revisão de todas as nossas muralhas defensivas, se certificarem do estado das portas e das pontes, para que não sejamos apanhados desprevenidos.



Mandei avisar Leonor de que o Trastámara se prepara para uma invasão, e sei-o porque Diogo Pacheco – tal como eu – mandou fortificar discretamente as vilas que lhe pertencem. Será o suficiente para que Fernando lhe volte a confiscar os bens, como já fez aos de Dinis de Castro.

Ponte de Misarela, setembro de 1372

Leonor hesitou, inalando o cheio das açucenas que bordejavam o caminho, como que procurando a tranquilidade que, sabia bem, a beladona proporcionava. Já que tinha chegado tão longe, fugindo pela calada da noite de Fernando e dos nobres que com ele caçavam por estas terras do Barroso, não podia voltar atrás.

– Aisha, só tu para me meteres nesta aventura – disse, voltando-se para a moura, que, convicta, reagiu:

– Senhora, ou acredita ou não acredita. Se não acredita, é melhor irmos daqui embora.

Leonor mandou-a calar, com um gesto decidido, acenando um sim com veemência e rodopiando a cabeça em direção ao fundo do vale iluminado pela lua cheia.

– Acredito – confirmou.

«Preciso de acreditar», repetiu para si mesma, e pousando a mão no braço da moura fez-lhe sinal de que continuasse a descer o caminho empedrado com lajes de granito, o archote na mão a iluminar o caminho.

– Não escorregue, senhora.

Leonor Teles deu uma gargalhada, que quebrou o silêncio da noite:

– Seria pior a emenda do que o soneto.

Já sentia a criança mexer dentro de si, não podia perdê-la com uma queda inadvertida nesta expedição tingida de loucura que Aisha a convencera a empreender à ponte de Misarela, uma ponte de anjos ou de diabos – neste momento pouco lhe importava. Nesta missão cujo único objetivo era assegurar que o herdeiro do trono português que transportava no ventre viesse ao mundo são e salvo, como Álvaro, o filho que renegara. Que mãe renega um filho, finge que não o pariu, e vem pedir pela saúde de outro?, interrogou-se.

– Leonor Teles – respondeu a si mesma.

Vestira-se de burel, como uma mulher do campo, tapara os cabelos com um lenço, como as mulheres do povo, e esperaria de um lado da ponte por alguém que ali passasse à primeira luz da madrugada, talvez o padeiro com o seu saco de pão acabado de cozer, talvez um pastor, levando as cabras para um pasto regado pelas águas do Rabagão.

– Aisha, quando lá chegarmos, esconde-te. Ninguém acredita que

sou daqui com uma moura ao meu lado.

Aisha respondeu com displicência:

– Ninguém me vê, mesmo quando caminho em pleno dia.

Repetia a frase que tantas vezes ouvira a Zulema, sua mestra. Para logo acrescentar:

– Senhora, preocupe-se mais em tapar as mechas desse seu cabelo e de manter as mãos tapadas por esse avental.

Leonor espantou-se:

– Tirei os anéis e não tenho pulseiras nem adornos.

Aisha encolheu os ombros:

– Nem precisa! Essa pele alva, sem um calo, sem uma ruga, diz mais do que todas as joias...

– As fidalgas também cá vêm – protestou Leonor.

Aisha concordou, vinham sim. Disfarçadas, escondidas, mas vinham, porque quando uma mãe perde um bebé após outro, vê fugir-lhe o filho que guarda dentro de si, ou confia numa força maior do que a sua ou perde-se, engolida pela tristeza, consumida pela melancolia.

Mas não disse nada, nem valia a pena, porque o barulho da água a saltar as rochas era tão ensurdecador que abafava qualquer tentativa de conversa.

Maravilhou-se com a ponte que num lugar improvável ligava as margens daquele vale escarpado, pedras que só gigantes poderiam ter transportado. Subitamente sentiu um impulso de se lançar por aquele precipício, como que atraída pelo redemoinho da água que caía em cascata, sumindo-se por entre as rochas, ressurgindo mais à frente, um rio com uma força capaz de arrastar o corpo que se despedaçasse lá em baixo.

Recuou, as palmas das mãos suadas, uma vertigem. Bateu com o pé no chão com força, as fitas de cabedal das sandálias a ofenderem-lhe a pele, com uma dor de satisfação. Estava viva, os pensamentos disparatados dissipavam-se, como se dissipava a neblina que subia das águas, trepando pela encosta, névoas do diabo, mas que não cheirava a enxofre, disse a si mesma, curvando os cantos da boca num meio-sorriso.

Procurando acalmar-se, sentou-se num tronco, passando a mão suavemente na barriga, aceitando de Aisha amoras deliciosas.

Recitou a oração que teria de repetir ao primeiro estranho que surgisse, o padrinho que lhe batizaria o bebé ainda na barriga. Fosse quem fosse, nunca saberia que ungia a rainha, que apadrinhava o herdeiro do trono de Portugal.

E se, por castigo dos céus, este fosse como a filha, a filha sem nome? E não vingasse? Não era a mesma coisa. Esta criatura era resultado do seu amor pelo rei, do seu desejo, mas desde quando é que Amduscias e as suas legiões de diabos se importavam com isso?

Aisha estendeu-lhe um cantil de água.

– Beba, senhora, faz-lhe bem.

Leonor deixou a água gelada escorrer-lhe pela garganta. Que a lavasse de todos os pecados, pediu em surdina.

Surtiu finalmente um vulto no caminho.

O homem prendeu a rédea da mula à árvore, conformado, sabendo bem que esta não era nem a primeira, nem seria a última vez em que uma mulher o surpreenderia ao clarear da manhã pedindo o batismo. Desceu os degraus até ao rio, enchendo o pote de barro que a dama lhe estendera. Era dama, pela certa, mais uma que supunha que por se vestir de burel enganava alguém quanto à sua condição. Bem lhe vira nos dedos finos a marca dos anéis que certamente retirara em casa, por medo dos ladrões.

Quando lhe saíra ao caminho, julgara ver a Virgem Maria, tal a beleza daquele rosto, uns olhos de um azul mais bonito do que o do céu, a boca carnuda e sensual, tinha lá ele palavras que chegassem para a descrever. Talvez fosse o diabo disfarçado...

Benzeu-se, antes de voltar a subir, o pote num equilíbrio difícil, aguardado pela senhora que o observa com expectativa.

Ajoelhou-se ao seu lado e, com a água sagrada do Rabagão, desenhou o sinal da cruz sobre o ventre da mulher, enquanto recitavam a uma voz.

«Eu te batizo, criatura de Deus.

Se fores rapaz, serás Gervaz,

se fores menina, serás Senhorinha.

Em louvor de Deus e da Virgem Maria.»

Leonor agradeceu-lhe. Assegurou que, como era uso, contava com ele para padrinho no dia em que levasse à igreja o seu menino a batizar.

O homem assentiu com uma curta inclinação da cabeça. Sabia que mentia. Nunca mais a veria.

Acenando-lhe já do outro lado da ponte, um vulto pequeno contra as montanhas a que a luz ia desvendando as escarpas, exclamou:

– Boa sorte, dona. E acredite, essa Senhorinha vai ser forte como a mãe.

A rainha levou a mão à barriga, o pano do avental ainda molhado, e sentiu a criatura mover-se dentro de si.

Quando Aisha ressurgiu à sua frente, anunciou-lhe, sem esconder a amargura:

– Tenho de preparar o rei. Vai ser uma rapariga.

Puxando para trás o capuz, subitamente indiferente a tudo, começou a subir a ladeira a um passo rápido. Merecia o castigo.

Aisha apanhou-a, oferecendo-lhe um ramo de rosmaninho:

- Senhora, é uma segunda oportunidade...
- Leonor inspirou fundo, arrependida.
- Vou redimir-me, Aisha. Vou fazer dela rainha.



Leonor espera uma filha. Diz que o soube quando foi batizar a criatura à ponte de Misarela. É um revés nos seus planos. Um varão calaria o meu irmão Diogo Pacheco, arruinaria a ambição dos Castro e uniria o reino. Peço-lhe que se cale, porque o que vale a suposição de um «padrinho» pastor ou ferreiro, mas a rainha tem a certeza. E, para estranheza minha, não refila nem protesta, nem amaldiçoa a sorte, e em vez disso borda serenamente as mais ricas camisinhas, pedindo-me que mande cunhar medalhas de ouro com a imagem da Virgem para a criança que já tem nome. Não mo diz, e não insisto, outro não pode ser senão Beatriz, talvez Constança, como a mãe tão esquecida de D. Fernando.

Deixo que desabafe e depois passo-lhe um documento, a queixa que os procuradores me entregaram, que lê de um fôlego, corando de fúria.

– É verdade, tia, isto que aqui vem é verdade?

Aceno que sim. As queixas multiplicam-se contra os senhores que desonram as mulheres e as filhas dos seus vassalos, que nada podem contra eles. Que dependem deles para o seu sustento.

– Vendem-nas por cativas – exclamou, voltando a ler o papel que tem nas mãos. E, furiosa, tão furiosa como tinha esperança de que ficasse, jura-me que mudará as leis, aumentará as penas e os castigos, por mais ricos e poderosos que sejam. Sei que o cumprirá.

Leiria, dezembro de 1372

Leonor inclinou-se para Fernando, pendurando-se-lhe no braço, enquanto entre gargalhadas apontava os dois franceses que à medida que se aproximavam do rei se iam despindo, simulando um acesso de calor. Logo atrás vinham mouros, usando enormes folhas como se fossem leques, com que refrescavam os cantores recém-chegados, rodeados agora de donzelas que acompanhavam com palmas a estranha canção, versos absurdos nunca antes escutados e que estes estrangeiros trauteavam solenemente.

O mais famoso, Johannes Symonis, alcunhado Hasprois, colava o joelho direito ao chão e com grandes salamaleques pediu que a rainha lhe desse a mão a beijar.

– Majestade, devia mandar matar os que descrevem a sua beleza. São falsários e mentirosos, porque nenhum foi capaz de descrever, nem de perto, o que vejo à minha frente. Mas também pode ser uma visão, porque o fumo garante muitos sonhos extraordinários.

Leonor lançou a cabeça para trás, numa gargalhada tão atrevida como o atrevimento do seu interlocutor.

– A vossa fama, senhor, também não vos faz justiça. Há muito tempo que ninguém me faz rir com tanto gosto.

O francês aceitou um copo de vinho e, fingindo-se insultado, exclamou:

– Senhora! Os *fumeux* fumam, bebem e espalham a confusão. Mas nunca o riso!

Leonor continuou a rir e o outro continuou o teatro:

– Majestades, não me levarão a mal se vos pedir que tirem essas roupas, que só de as ver me fazem calor.

Os convidados aproximavam-se divertidos, e correu um murmúrio de choque e incredulidade quando Leonor Teles obedeceu ao compositor, tirando o manto forrado a arminho, fingindo que também ela não suportava a temperatura. Fernando entrou no jogo, tapando os olhos como se não suportasse a claridade, convidando a rainha a juntar-se com ele à dança, ao som de canções nunca ouvidas antes em Portugal, de um outro compositor atraído à extraordinária corte de Fernando e Leonor de Portugal.

As lareiras crepavam nesta sala nova do paço de Leiria, que o rei

mandara acrescentar, seguindo as modas estrangeiras, com gastos contra os quais as Cortes se tinham levantado.

Num canto da sala, Guiomar Pacheco observava todas estas cenas, com uma expressão preocupada, murmurando ao ouvido do conde velho, como lhe chamavam desde que o título passara para o seu filho Afonso, que talvez não fosse muito sensata esta ostentação quando acabavam de ser informados de que Enrique de Trastámara entrara em Portugal à frente dos seus exércitos.

– Diogo Pacheco vem com ele? – perguntou o marido.

Guiomar confirmou:

– Diogo e Dinis de Castro, e aposto que João Lourenço da Cunha não terá ficado para trás! O Castro é uma ameaça mais perigosa do que as escaramuças castelhanas, porque entra nos lugares e lembra que é filho de D. Pedro e o único que se recusou a beijar a mão daquela que se diz rainha.

Guiomar reparou como o marido parecia ter envelhecido muito nos últimos meses, as olheiras fundas das noites passadas em claro a planear a mais eficaz estratégia de defesa.

– Notícias de João Fernandes de Andeiro?

– Partiu para Londres, com a incumbência de levar o rei Edward a ratificar o Tratado de Tagilde, mas dizem-me que a situação em França está tão grave que os ingleses farão dela a sua prioridade.

Fernando e Leonor dançavam agora juntos, como se estivessem sozinhos, no centro de uma roda de gente que os aplaudia.

Guiomar indignou-se:

– Os nossos filhos já partiram para Barcelos, e João e Gonçalo Teles estão na fronteira, mas o que não faltam aqui são portugueses que dão ao pé ao som das charamelas e das palhaçadas dos franceses recém-chegados, quando deviam era estar de espada em riste. – Insistiu, a voz áspera: – João Afonso, o que aconselhas ao rei? Não lhe dizes que tem de ir imediatamente ao encontro do usurpador, dando-lhe luta como lhe compete?

O conde observou a barriga já proeminente da rainha:

– O meu conselho é que até a criatura nascer o senhor D. Fernando deixe que outros lutem por ele. Se perdermos o rei sem um herdeiro no berço, mais vale entregarmos já o reino ao castelhano.

Leonor vinha ao encontro dos tios, e a expressão de alegria que lhe tinham visto nos braços do rei dissipou-se perante o ar preocupado dos condes.

– Más notícias?

Foi Guiomar quem lhe respondeu:

– Leonor, o Trastámara a esta hora já está na Beira... e acolhe-se provavelmente na casa de João Lourenço da Cunha.

A rainha inspirou fundo, pousando uma mão no ventre, a mão dos

anéis.

– Esse idiota atreve-se a marchar com o usurpador contra nós? Traz os cornos de ouro postos? Agora é que lhe deu a coragem!

O conde velho riu, mas o tom da tia era de preocupação:

– Esses cornos, num reino onde o teu casamento ainda é motivo de tanta má vontade, valem mais do que o estandarte real. Aposto que o rei de Castela o mandará à frente dos seus soldados, e haverá muitos fidalgos nortenhos a ficarem por ele, com o pretexto de que o ajudam a lavar a honra.

Leonor empalideceu. E se João Lourenço da Cunha cometia a loucura de trazer com ele o pequeno Álvaro? Se o próprio Trastámara visse na criança a oportunidade de enfraquecer ainda mais a sua posição como rainha lúdima, lançando o anátema de bastardo sobre a herdeira que trazia dentro de si?

Guiomar leu-lhe os pensamentos:

– Não te inquietes, que faz mal à criatura...

Leonor pousou a mão sobre a da tia, sentindo o conforto do seu apoio, recuperando o fôlego:

– Meu tio, não há forma de levar o senhor de Pombeiro a cair por uma ribanceira abaixo, porque a cabeça lhe pesa mais do que os pés?

O conde deu uma gargalhada:

– Talvez, se um dos nossos lhe conseguir chegar perto – prometeu.



Convenci a custo a rainha a partir para Coimbra e a deixar para trás esta corte de festa constante, com mais poetas e músicos do que alguma vez se viu, alguns tão loucos e atrevidos que não me parece que contribuam para a fama da rainha ou do rei. Mas devo ser eu que já estou a ficar velha, porque o que importa é que Leonor e Fernando parecem tirar prazer destas novidades, como se o gosto de um fosse o gosto do outro, sobrando-lhes tempo e energia daqueles que gastam muito na governação, nas orações e na caça, que mesmo a gravidez da rainha não os tem impedido de praticar.

Mas há limites, e tenho de ser eu a impô-los, porque ainda me reconhece a autoridade de uma mãe, e haja alguém que lhe imponha algum juízo.

O Trastámara avança todos os dias, sem que encontre praticamente resistência, mas acredito que, se souber que é apenas a rainha que está na alcáçova prestes a dar à luz, resistirá a tomar a cidade e avançará para Santarém, procurando o confronto direto com D. Fernando.

Que o evitará até a criança nascer.

Que Leonor se engane, que o pastor ou ferreiro de Misarela se engane, e seja um varão, é por isso que rezo todos os dias.

Aisha foi com ela, com as arcas cheias de elixires, pomadas e estranhas poções. Vi-a a andar pelos campos nas noites que antecederam a partida, para se abastecer de plantas e de frutos, que pisa e tritura incansavelmente para que tudo esteja preparado para proteger mãe e filho. Por vezes espreiro o que faz, como acontecia nas minhas visitas à «caverna» de Zulema, e pergunto-lhe se decorou todas as receitas que replica, porque os livros estão fechados, e acena que sim. Tem-nas todas na cabeça, exceto as que cria e inventa no momento, diz-me. Quando reajo com preocupação, lembra-me as palavras do Profeta, que garantiu que não há doença nenhuma para a qual Alá não tenha criado também a cura, cabe aos homens descobri-la. Que assim seja, respondo, mas peço-lhe toda a cautela. Em Aragão, os dominicanos mandatados pelo papa farejam em tudo heresia, e nem os nomes mais conceituados, nem os físicos que

ensinam na universidade e assistem grandes reis, são poupados à prisão, à tortura e à morte.

– E esses teus livros guarda-os no fundo da arca, bem escondidos. São demasiado preciosos para que acabem na fogueira.

Coimbra, início de fevereiro de 1373

Leonor dobrava-se com as dores de parto, mas não deixava de caminhar para a frente e para trás, os cabelos soltos sobre a camisa branca, protestando entre inspirações:

– Aisha, que raio de bruxas somos se não conseguimos fazer desaparecer estas malditas dores... Temos a fama mas nunca o proveito...

A moura pediu a Mia que lhe passasse os óleos que aqueciam junto da lareira e, destapando sem cerimónia as costas da rainha, massajou-as vigorosamente, espalhando o perfume da alfazema e do rosmaninho pelo quarto.

Mais calma, Leonor aceitou o pedido da comadre para que se sentasse no banco, permitindo que sentisse as suas partes mais íntimas, procurando avaliar o avanço do trabalho.

– Já sinto o topo da cabeça – revelou com entusiasmo a parteira, fazendo sinal a Aisha para que empurrasse suavemente o ventre da rainha para baixo.

– Nem parece um primeiro filho – comentou, sem aparente maldade, mas Aisha sentiu o corpo de Leonor contrair-se, trocando com ela um olhar de aflição. O que sucederia se a mulher desse com a língua nos dentes, logo agora que os exércitos de Enrique de Trastámara cercavam Coimbra e que do outro lado do Mondego pousava Dinis de Castro e João Lourenço da Cunha?

Suspeitando do desconforto da rainha – perdia a conta das mulheres que escondiam uma prenhez anterior –, a mulher tranquilizou-a com simpatia:

– Senhora, a mim tudo o que me importa é que a criatura chegue a este mundo, abençoada pela Virgem Maria. Empurre que a teremos cá fora em pouco tempo, se Deus assim quiser.

Leonor fechou os olhos, procurando afastar a imagem da pequenina que expulsara demasiado cedo de dentro de si, impedindo-se de fazer força, procurando parar o tempo, o rosto cerrado.

A parteira observou-a, confirmando a suspeita – conhecia bem aquela reação, já a vira muitas vezes em mulheres de luto por filhos perdidos, o coração a lutar contra o corpo, lutando desesperadamente para não voltar a ser posto à prova, guardando aquela vida dentro de

si um bocadinho mais, só mais um bocadinho, não fosse o diabo roubá-la mal a criatura saísse do seu ventre protetor e tentasse abrir os pulmões. Quanta dor carregavam estas mãos, quantos segredos pesados escondidos, talvez até esquecidos, até ao momento em que, como as águas quentes que lhes corriam entre as pernas, explodiam. Não precisava de mais provas de que antes deste filho tinham havido outros e que Aisha presenciara os seus nascimentos.

Numa voz suave, incitou a rainha:

– Senhora, confie, deixe-a vir...

E, baixinho, insistiu:

– Senhora, a água não corre duas vezes por baixo da mesma ponte...

As dores lancinantes voltaram, e Leonor entregou-se, como se entregara a Fernando.

Esta era a sua primeira filha, a sua verdadeira filha, batizada nas águas sagradas do Rabagão, que nascia para ser rainha.

– É uma menina – exclamou a comadre, virando para a rainha a criaturinha mais perfeita que Leonor alguma vez vira, mas não conseguiu estender para ela os braços, mesmo querendo, querendo tanto... De soslaio viu que Aisha esfregava sal e mel na pele rosada da sua filha, que protestava com um choro forte, o pequenino rosto encarnado de fúria. Viveria.

Beatriz viveria.

Tapando o rosto com as mãos, soluçou como uma criança.



Quis ser ela a dar a notícia ao rei. Pediu a tábua-secretária, o pergaminho, a pena e o tinteiro, e ali mesmo na cama escreveu a Fernando, dando-lhe notícias de que numa cidade acossada pelo inimigo nascera a infanta Beatriz. Beatriz, como a sua querida avó.

Não lhe pedia desculpa por lhe ter dado uma rapariga. Prometia-lhe, antes, que dentro de semanas – menos do que as exigidas – estaria ao seu lado, em Santarém, para o ajudar a livrar Portugal do usurpador e dos muitos traidores que se lhe tinham aliado.

Dizia-lhe que sentia a falta dos seus beijos, das noites longas em que dormir parecia um desperdício de tempo e felicidade. Tinham a vida pela frente. Aos quase 26 anos dera-lhe uma filha, aos 27 anos seria um rapaz, mas que Deus lhe perdoasse, porque Fernando estaria sempre à frente dos filhos.

Recordou-se da mãe, do desconsolo quando via Martim Telo a acariciar disfarçadamente o braço de D. Maria, do ciúme escondido, do desgosto. Não, não seria daquelas mulheres constantemente grávidas, fechadas nas suas câmaras, permitindo que outras donas tomassem o seu lugar junto do marido, subissem na sua consideração

e estima, tornando-se mais influentes do que a legítima, remetida para os bastidores da maternidade.

Beijou a carta, antes de a selar.



Não me enganei, Enrique de Trastámara, ao saber que Leonor dava à luz, em sinal de respeito, avançou para Santarém. Provavelmente só levantou arraial quando lhe vieram dizer que viera ao mundo apenas uma fêmea, que não seria obstáculo para as suas pretensões, para as ambições dos Castro.

Quando vejo que Fernando não avança ao encontro do usurpador, indigno-me com o conde:

– Agora que já tem uma filha no berço, qual é o pretexto?

Não entende que vai passar por um covarde? Já dizem que é um fraco, domado pela rainha, é essa a imagem que deseja perpetuar?

O meu marido diz-me que os ingleses falharam, que não embarcaram, e, portanto, não desembarcarão em Lisboa. Que o rei e os seus conselheiros não veem vantagens numa batalha em campo aberto, para a qual não têm nem homens, nem armas que cheguem. Que mais vale que o confronto seja em Lisboa, e assegura-me que se preparam para resistir. Mas depois é ele que me ataca:

– E sabes porque é que o Trastámara avança a toda a brida para lá? Porque o teu irmão Diogo Pacheco o convenceu de que tem muitos aliados dentro das muralhas, que estão por ele, e contra o rei e a rainha, e não hesitarão em entregar-lhe as chaves da cidade.

Lanço as mãos à cabeça num gesto de desespero e viro-lhes as costas, a ele, ao meu irmão e a todos estes idiotas. Enrique de Trastámara passa ao largo de Santarém, queimando e devastando as nossas culturas, sem que Fernando levante um dedo.

– Quando chega Leonor? – pergunto.

É a mais corajosa de todos eles.

Santarém, final de fevereiro de 1373

Fernando pegou na pequenina Beatriz ao colo, beijando-lhe a cabeça coberta de penugem clara.

– Deus teve pena de nós, não vai ser ruiva como a mãe – disse, beijando a mulher nos lábios.

– Mas há feiticeiras de cabelo escuro – provocou Leonor, retirando rapidamente a criança dos braços do marido e devolvendo-a à ama. Acabara de chegar de Coimbra, procurando os caminhos secundários em que não corresse o risco de se cruzar com o exército castelhano, mas quando chegara à alcáçova encontrara um Fernando sereno, passando revista aos seus falcões, preparado para festejar o nascimento da sua primeira filha legítima

Surpreendido pela falta de reação do rei, Enrique avançava agora desabridamente para Lisboa, seguro de que lhe cairia nas mãos como uma maçã madura.

Leonor não queria acreditar, puxando o marido para a sua câmara e fechando a porta.

– O que se passa?

Fernando tentou abraçá-la, mas ela empurrou-o:

– Vais deixar Lisboa cair? A Lisboa que já nos odeia, onde na verdade os nossos inimigos reinam?

O marido troçou:

– Tanta falta de fé no seu esposo, minha querida senhora!

E tirando o quarto anel, um magnífico anel de rubi, ofereceu-lho.

– Senhora dos Quatro Anéis, escuta-me: as guerras ganham-se com a cabeça e não com arremessos de valentia que todos pagam caro, muitos com a própria vida.

Não tinha homens que chegassem para enfrentar o exército do Trastámara e não lhe ia dar o prazer de vencer pessoalmente o rei de Portugal.

Leonor rodou o novo anel no dedo e, mais calma, quis saber:

– Mas e se Lisboa cai...

– Lisboa não cai. A armada, comandada por Lançarote Pessanha, desce o Tejo e vai bloquear o rio antes da chegada da frota castelhana, que virá de Sevilha. Mesmo que Enrique cerque Lisboa por terra, enquanto a saída para o mar estiver livre...

– E onde anda Álvaro de Castro, não é ele o alcaide do castelo de Lisboa? – reagiu Leonor, imaginando que o tio já se aliara com os sobrinhos Castro, que há muito conspiravam para substituir o irmão no trono. Destroná-la.

– Está no posto. Dei-lhe ordem para que mandasse destruir as casas adossadas à muralha do castelo, todas aquelas onde os castelhanos se possam esconder, e abrisse as portas da cidade, deixando entrar as gentes dos arrabaldes, para que fiquem protegidas.

Leonor soltou a trança com um gesto rápido, deixando o cabelo cair-lhe sobre os ombros, enquanto falava:

– Fernando, Lisboa cresceu muito para lá da cerca velha e os mais ricos construíram casas e lojas maiores onde tinham mais espaço, lá em baixo, junto da Rua Nova. E os mouros forros escolheram a outra encosta. Sim, eu sei que sabes isto tudo, mas a minha pergunta é: onde é que aquela gente vai caber toda? Não será melhor dar-lhes luta ainda longe, na ponte de Loures, por exemplo?

Fernando já tinha pensado nisso com os seus estrategas:

– Não há gente preparada para lhes fazer frente. São mercadores e comerciantes, mesterais mais habituados a desempacotar arcas do que a empunhar espadas. Morreriam em vão. Leonor, não ouviste o que disse: o almirante Pessanha vem a caminho, as minhas galés e naus estão extraordinariamente bem equipadas, e os homens que lá vão são muito mais do que simples marinheiros, esses sim, foram treinados para combater. Desembarcarão junto das Terçarias, naquele sítio onde fizemos o nosso primeiro passeio, lembras-te?, e facilmente rompem o cerco. E, entretanto, chegarão os ingleses!

Leonor olhou-o, por uma vez sem palavras.

Fernando insistiu:

– Lançarote Pessanha dará conta do recado! Tem de dar. Investi tudo o que tenho nesta armada, não serão vencidos.

E vendo-se refletido nos olhos azuis de Leonor, afagou-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

– Perco-me sempre nesse teu mar.



Subo aos aposentos da pequenina Beatriz, e como avó que sou, que me sinto, embalo-a embevecida. Tem uns olhos enormes, de cor ainda indefinida, lembro-me que os de Leonor eram azuis desde o primeiro dia, o nariz e a boca herdou-os de Fernando, mas são sempre as mãos dos bebés que mais me encantam, os seus dedos perfeitos, as unhas em miniatura, a força com que nos agarram, conscientes, benditas criaturas, que em tudo dependem de nós.

Aisha vigia-a como um falcão e impede que lhe enfaixem os braços, como é costume, porque afirma que os bebés precisam de tocar o peito da ama, de sentir a pele contra a pele, como todas as outras criaturas do reino animal. A camareira da infanta ainda protestou, e uma ou outra criada franze o nariz à presença de uma moura na câmara da princesa, mas depressa perceberam que confrontar Aisha é confrontar a rainha e não há ninguém que arrisque tal coisa.

Trouxe comigo medalhas da Virgem Maria e de Santa Bárbara, que coso aos panos, e mando pendurar no dossel do berço um medalhão com a relíquia de Santo António, para que, com todos os anjos e santos, a protejam do mal.

Leonor, avisada da minha presença, vem ao meu encontro, e percebo-lhe um sorriso terno quando me encontra com a filha ao colo. Beija-me com afeto, mas quando lhe estendo a criaturinha para que lhe pegue, recusa. E como se tivesse medo de não resistir a segurá-la, levanta-se de imediato e continua a conversar comigo, mas mantendo a distância. Justifica-se, baixinho:

– Custa-me pegar-lhe, minha tia. Não consigo esquecer – diz-me, e cala-se imediatamente. Se também eu tenho pensado no pequenino Álvaro que cresce renegado pela mãe, como não há de o nascimento desta criança abrir a ferida?

Procuo fugir do passado, das recordações que só trazem mágoa, e distraio-a, perguntando-lhe como é que conseguiu convencer o confessor a levantar o resguardo, deixando-a partir, antes dos quarenta dias.

Encolheu os ombros, naquele gesto tão seu:

– Lembrei-lhe que estamos em guerra e uma rainha tem de estar no seu posto, ao lado do rei.

E debruçando-se para dar um beijo rápido na bochecha rechonchuda da filha, perguntou-me, quase ao ouvido:

– O que lhe contou o seu irmão?

Receio ter corado, como uma criança apanhada em falta. Devia saber que a rainha tem informadores em todo o lado. Como é que me passou pela cabeça que me podia encontrar com ele sem que se soubesse.

– Convém saber o que planeia o inimigo – respondi, procurando que o tom fosse o de maior naturalidade do mundo.

– É por isso que lhe pergunto, tia.

Contei-lhe tudo. Nesta operação, Diogo Pacheco é o braço-direito do rei de Castela.

– Estão próximos de Lisboa.

Leonor acenou. Já sabia.

– Por conselho do seu irmão – acrescentou.

Concordei, sem dourar a pílula.

– Diogo acredita que há muita gente na cidade que está contra ti, contra Fernando.

A minha sobrinha reagiu, zangada.

– Disso ninguém que tenha estado lá no dia em que me queriam matar pode duvidar. Mas não é a arraia-miúda que devemos temer, mas a traição da nobreza que odeia os Teles, os do bando de Beatriz de Castro, que nunca mais é corrida daqui, como estou cansada de recomendar. Esses, e os mesterais que preferiam que o rei não concorresse com eles nos negócios, serão os que vão agitar aquela gente de todas as raças e credos, como se me coubesse a culpa destes últimos trinta anos de pestilência, da culpada fome, da quebra da moeda e de tudo o que daí resulta. Diogo Pacheco, que matou a nossa prima Inês de Castro, encontrará por lá um alfaiate que lhe virará do avesso o tabardo.

A voz alterada perturbou a pequenina Beatriz, que se agitou encarquilhando a cara num beicinho, e Leonor imediatamente baixou a voz, zangada consigo mesma.

– Depois de tudo o que me têm chamado, já não devia reagir assim aos insultos e traições, mas ainda me levam a perder a cabeça. Fernando já enviou Lançarote Pessanha, acredita que desbaratará a frota castelhana, entrando depois na cidade para a libertar.

Não escondo o meu ceticismo e Leonor pergunta-me de chofre:

– Tia, o seu irmão tem dito ao usurpador que o rei não vai sair ao seu encontro? Quer fazer passar o rei de Portugal por um jovem amedrontado.

Nego, porque não quero deitar mais achas para a fogueira, mas ela sabe que minto. E colherá a informação de outra fonte. Não lhe será difícil ficar a saber que Diogo Pacheco assegurou ao Trastámara que Fernando não dará a cara. Pior, que o rei de Portugal não é «para tanto».

Levanto Beatriz, encostando-a contra o meu ombro, e enquanto lhe dou pancadinhas nas costas, para a ajudar a arrotar, mudo de assunto. Pergunto-lhe pelos amores de Maria Teles, que finalmente parece estar feliz com João de Castro, e a conversa dá pano para mangas.

Santarém, 1 de março de 1373

Maria Teles chegava cheia de novidades, recolhidas junto de João de Castro, que embora se mantivesse leal ao rei em teoria, na prática tinha os seus informadores bem colocados. Enrique de Trastámara cercava a cidade, sem, contudo, a conseguir tomar. Instalara-se no Mosteiro de São Francisco, um lugar privilegiado para vigiar a cidade.

– Os frades consentiram? – perguntou Leonor, chocada.

Maria negou veementemente:

– Tomaram armas, ou constou ao usurpador que as iam tomar, e castigou-os exemplarmente, expulsando-os do próprio mosteiro e colocando-os a todos em duas barcas sem barqueiro, Tejo abaixo.

– Perderam-se no mar? – perguntou a rainha, horrorizada.

– Pelos vistos deixou um par de remos a cada, e conseguiram chegar a terra firme, na margem sul. Consta que vêm por aí acima, apresentar queixa ao rei.

Que viessem, seriam compensados pelas perdas e sofrimentos, mas estava mais interessada em saber do paradeiro de Dinis de Castro, que odiava de morte. Maria sabia precisamente o lugar onde estava e divulgou-o com orgulho.

– Não queria pousar com o rei, para que não o associassem ao invasor, preferindo acolher-se ao Mosteiro de Santos.

– Os homens de armas de Enrique abrem caminho, e ele entra como um imperador, recebido em ombros.

Mas as gentes de Lisboa, cristãos, judeus e mouros, não estavam para festas. Tinham-se amontoado como podiam no interior das muralhas, batendo-se pela pouca comida que havia, enquanto por entre as ameias viam as suas casas, as suas oficinas, as suas lojas, pilhadas e incendiadas. Depois viera a pior das doenças, a suspeita e a desconfiança – tinha começado a caça aos supostos traidores que estariam pelo castelhano. O povo tinha ido por vários, prendendo-os, torturando-os, sem tempo para cuidarem da verdade.

Leonor, estarecida, insistia:

– Mas não há notícias de Lançarote? Por esta hora já devia ter chegado a Lisboa.

Maria reservara a melhor parte para o fim, talvez porque secretamente sentia algum prazer em ver falhar os planos de Fernando

e Leonor.

– O rei ainda não sabe?

A pergunta irritou Leonor, tentava insinuar que Fernando não lhe revelava tudo ou que era o último a saber porque não estava onde devia, em Lisboa.

– Posso-lhe ir perguntar, se preferires guardar o que sabes para ti.

Mas Maria Teles queria que ouvisse o que tinha a contar por ela.

– Conto-te o que sei, Leonor, pareces uma criança impaciente e caprichosa. Os sinos da sé tocaram a rebate, chamando a atenção para as velas das quatro galés e muitas naus portuguesas que atravessavam o mar da Palha, os tambores da guerra a ressoarem pelo ar, prontos para a vitória. As multidões tinham esquecido as querelas e os medos e acorrido a todos os miradouros, torres e varandas de onde se visse o Tejo, gratas porque não havia uma nau castelhana à vista. O capitão quis descer à barra e ir ao encontro da armada castelhana, mas, para surpresa geral, o almirante não consentiu.

Leonor estava incrédula.

– Lançarote não avançou? Deve ter tido uma boa razão.

Mas não tinha.

– Traiu-nos? Passou-se para o lado de Castela? Estás louca, irmã, não é possível?

Maria cruzou os braços sobre o colo, seráfica:

– Diz antes para o lado de Diogo Pacheco. Por vezes parece a mesma coisa, mas não é.

Leonor saiu da câmara como uma das setas dos arcos dos ingleses, entrando pela câmara onde Fernando se reunia com os seus conselheiros, e mal o viu percebeu que o final da história era mais trágico do que imaginara.

– A nossa armada foi apreendida pelo inimigo. Fomos traídos!

– Mais valia ter ido ao fundo – exclamou a rainha, os olhos raiados de raiva e fúria.



Sinto vontade de abanar Fernando, pelos erros de cálculo, por constantemente delegar em terceiros, confiando demais nos outros e exigindo de menos a si próprio. A tomada pelos castelhanos da nossa armada é uma humilhação que ninguém vai esquecer, e a traição dos Pessanha, que servem os reis de Portugal desde o tempo de D. Dinis, não é uma traição qualquer.

Mas, felizmente, e apesar de tudo isto, Lisboa não abriu as portas, e foi Enrique de Trastâmara o primeiro a desistir, depois de ter puxado as orelhas ao meu irmão Diogo, acusando-o de o ter enganado, de lhe ter vendido gato por lebre. Onde estavam os seus apoiantes incondicionais, que não os via em lado nenhum?

Santarém, 2 de março de 1373

Foi de novo Maria Teles quem avisou a rainha:

– Vi Beatriz de Castro com o emissário do Trastámara.

O cardeal Guido de Bolonha, bispo do Porto, viera a Santarém entrever-se com os reis, urgindo em nome do papa um tratado de paz para pôr fim a estas guerras que, na opinião de Roma, mais não faziam do que deliciar a vizinhança infiel do reino de Granada e de África.

Leonor colocou lentamente a pena no tinteiro, enquanto pensava alto.

– Celebravam a nossa derrota, certamente. E Beatriz de Castro aproveitava para tratar da vida dela...

Maria Teles concordou. Andava muito bem-disposta desde que João de Castro parecia querer assentar, tanto quanto «assentar» fosse um conceito que o seu cunhado entendesse, pensou Leonor, constantemente adulado pelas donzelas e desafiado pelos amigos, a quem não se cansava de se vender como o eterno vencedor, fosse ao que fosse, do jogo às montarias ou às justas.

– João diz-me que a irmã pretende que uma das condições do inevitável tratado de paz seja o seu casamento com o irmão de Enrique de Trastámara, aquele que já em tempos foi falado...

– Por mim, ia era direta para um convento de clausura e bem longe daqui. Já imaginaste a ameaça que será Beatriz de Castro casada com Sancho, filho do rei D. Alfonso XI e de Leonor de Guzmán, cunhada do rei de Castela, condessa de Albuquerque, senhora de Ledesma, Medellín, Tiedra e Montalbán?

Maria Teles não tinha dúvida de que Beatriz de Castro seria muito perigosa em qualquer lado. Retomou as inconfiências:

– João diz-me que Diogo Pacheco prepara já os termos das pazes e o dia seguinte à assinatura do tratado.

Leonor indignou-se:

– Prepara o dia em que o povo revoltado contra a incapacidade que D. Fernando demonstrou em defender o reino dirá que usei da luxúria e do prazer para lhe enfraquecer a virilidade, enquanto o infante D. João de Castro, forte e bravo, esse sim, daria um bom rei.

E, de repente, virou-se para a irmã e, num tom fingidamente

brincalhão, acrescentou:

– Serias então tu, Maria Teles, a rainha.

O sangue subiu ao rosto da irmã.

– Se um dia morderes a língua, morres – reagiu, furiosa.

E se lhe tivesse calhado ser rainha? Pelo menos não era casada e não a podiam acusar de adultério e de ter abandonado um filho.

Zangou-se consigo própria. Quando queria, Leonor conseguia reacender o ciúme recalcado que trazia dentro de si desde a infância e de que se envergonhava. Teria convidado a sua irmãzinha para a corte se suspeitasse que a suplantaria, tornando-se rainha? Mas como podia ter imaginado que lhe faria sombra, se era uma mulher casada e mãe de um filho?

Levantou-se e caminhou até ao outro lado do quarto, passando os dedos nas cordas do alaúde que alguém deixara sobre um banco. Sabia que tinha de voltar a encarar Leonor e sorrir, e fingir que não estava magoada e que não levava a sério a acusação de que estava disposta a trair a rainha porque dependia dela. Precisava das rendas das vilas que lhe oferecia, do dinheiro que constantemente lhe emprestava, porque era cada vez mais caro manter o luxo da vida da corte, os vestidos, as joias, os músicos e a festa, sem os quais tinha receio de perder João de Castro, de não voltar a casar.

Leonor, ao ver o rosto fechado da irmã, arrependeu-se e foi ao seu encontro, abraçando-a com força, com aquele calor generoso que era o outro lado da moeda da sua impulsividade. Pediu-lhe:

– Não te zanges, Maria, não me esqueci de tudo o que fizeste por mim. De como tu e o Gonçalo me tentaram proteger depois da morte dos nossos pais, de como na viagem de regresso de Toro me ajudaste a trazer *Noctua* e de como me salvaste de desperdiçar a minha vida num paço perdido com um homem que odiava. Não minto quando digo que só quero que sejas feliz.

E afastando-lhe o rosto um pouco, para poder olhá-la nos olhos, sorriu:

– Mas, apesar de tudo isto, não quero que sejas rainha em vez de mim.

Maria Teles sacudiu a cabeça, como quem desiste de um caso perdido.

– Deus me livre de competir contigo.

– Sempre foste a mais sensata das duas – respondeu Leonor, beijando-a meigamente.

Depois sentou-se, pousando a cabeça entre as mãos, pensativa:

– Assinaremos a paz com Castela, porque não nos resta outra hipótese, mas não é mais do que um interregno...



Quando o conde propôs ao rei a nomeação de João Afonso Telo para o lugar de almirante-mor, em substituição de Lançarote Pessanha, percebi, pela expressão no rosto de Leonor, que não estava de acordo com a escolha. Protestou abertamente, com argumentos válidos: o cargo de almirante-mor é hereditário e, por muito grave que tenha sido a dissensão de Lançarote, colocar no seu lugar mais um Teles – ainda para mais sem grande experiência de mar! – só vai alimentar a raiva dos que nos acusam de tomar conta de todos os lugares. Mas há ali mais do que isso. Leonor é perspicaz e aprendi a confiar na sua capacidade de avaliar caracteres e nunca, mesmo em criança, confiou no irmão mais velho. Lembro-me de me dizer, ainda nem dez anos tinha, que *Noctua* não gostava dele, ficava nervoso quando o sentia entrar na falcoaria, e que ela não podia fiar-se em quem o seu peregrino não se fiava.

Mas nem o rei nem o conde concordaram com ela. Fernando aprendeu com o avô que compensa mais cultivar a lealdade de um pequeno grupo de vassalos do que dispersar o seu afeto, acabando por nem ganhar uns, nem outros. É graças a isso que o meu marido é seu mordomo-mor desde o início do reinado, é por isso que continua a escutar o seu aio, é por isso que se rodeia dos seus amigos de juventude, como são os meus filhos e os meus sobrinhos. Leonor Teles é rainha porque o rei se apaixonou por ela, mas o rei apaixonou-se por ela porque estava predisposto a confiar nos Teles. A desilusão com Lançarote, tal como a desilusão que sofreu com Beatriz e Dinis de Castro, só reforça esta sua necessidade de não correr riscos. Mas Leonor tem razão, ninguém se recorda de que os seus favoritos de hoje já o eram antes dela, e o meu irmão Diogo Pacheco será o primeiro a usar esta nomeação contra ela. Que medo têm estes homens das mulheres, a culpa nunca é da sua falta de virtude, mas sempre das serpentes sedutoras. Que Nosso Senhor Jesus Cristo me perdoe, mas estou cansada deste argumento.



O meu sobrinho João passou a noite sozinho na igreja, em vigília, para receber do rei o almirantado. De manhã foi recebido por D. Fernando e D. Leonor, jurando servi-los enquanto segurava um estandarte com as armas reais na mão esquerda. É agora o almirante-mor de Portugal e já tem incumbência: integrar a frota castelhana numa investida contra os ingleses. Não sei como reagirá o rei de Inglaterra, nem John of Gaunt, nem como Andeiro será capaz de explicar esta violação do tratado, mas o que não falta ao embaixador é astúcia e paleio...

Santarém, Alfange, rio Tejo, 7 de abril de 1373

Fernando debruçou-se do cavalo, beijando Leonor na boca, e a rainha deteve por instantes a mão no braço do marido. Tinha consciência de como este momento era difícil para o rei, obrigado a concordar com as condições impostas pelo Trastámara, que deixavam ainda mais evidente a sua derrota. Mas era preciso lembrar às pessoas que sem ele Lisboa teria sido, mais cedo ou mais tarde, tomada a ferro e fogo. E precisavam de Lisboa para quando soasse a hora da terceira guerra, aquela que finalmente vingaria todas as outras.

– Embarcas em Alfange? – perguntou a rainha, e o rei assentiu. Era esse o plano.

Recusara um encontro num paço, ou em qualquer cidade ou vila do reino, e o negociador, depois de muitas idas e vindas, sugerira que o selassem sobre as águas do Tejo, o rio que corria nos dois reinos, que não era exclusivamente de nenhum. Um subterfúgio para salvar a face, reconhecia Leonor, mas simbolicamente importante. O rei de Castela, acompanhado de dois ou três dos seus mais próximos, estaria numa barca e o rei de Portugal noutra, mediados pela embarcação do cardeal Guido de Bolonha, com os seus notários.

– É a primeira vez que o vou ver em carne e osso – comentou Fernando.

Leonor conhecia-o.

– Não te chega aos pés. Fernando, não te esqueças de que é um bastardo, um usurpador, que venceu esta batalha, mas não ganhou a guerra.

João de Castro aproximou-se, mostrando-lhes discretamente a adaga escondida sob a capa:

– D. Leonor, comigo o rei vai seguro. Ordenaram que embarcássemos sem armas, sem guardas, mas não confio naquele filho da mãe.

Fernando não queria acreditar:

– Irmão, só vais fazer má figura! O legado do papa avisou-nos de que iríamos ser revistados.

João indignou-se:

– Revistar o rei de Portugal e o rei de Castela? O irmão do rei?

Fernando encolheu os ombros e sorriu. E Leonor admirou-lhe

a serenidade e a capacidade de aceitar os embarços da vida, sem deixar que o ódio lhe contaminasse o coração. Não tinha essa qualidade, e a bondade do marido fazia-lhe bem. Fernando amava a sua alegria, a sua franqueza, a sua beleza, amava o melhor que havia em si. Mas, tal como João de Castro, não a apanhariam desarmada.



As margens do rio estavam apinhadas de gente, de um lado os portugueses e do outro os castelhanos, expectantes e curiosos – vinham assistir ao encontro entre os dois reis, que iam finalmente assinar as pazes.

Sabendo-se observado, o rei D. Fernando levantou os braços, deixando o cardeal verificar que não levava consigo a espada, e, baixando-os de novo, saltou ágil para dentro do batel, onde esvoaçava à brisa o estandarte com as suas armas e as de Leonor, que ordenara que se conjugassem num único brasão. Encostado à amurada, assistiu, trocista, ao momento em que o cardeal descobria a adaga do meio-irmão, retirando-lha, sem que o mais velho dos Castro protestasse.

Estendeu-lhe a mão, acolhendo-o na embarcação, e ambos ajudaram o conde velho a entrar – João Afonso Telo não podia faltar, embora só Deus soubesse o que lhe custava ver subscrever mais um tratado que ninguém tencionava cumprir. Para além de cláusulas draconianas, juramento de uma aliança com os franceses (quando Tagilde os comprometia com os ingleses) e tomada de reféns de parte a parte, o tratado obrigava o rei a perdoar Diogo Pacheco e Dinis de Castro, esquecendo a insolência e as conspirações, premiando-as com a devolução de tudo o que lhes tinha sido apreendido. Nunca aconteceria, estava certo, Leonor não o permitiria.

E depois havia o resto... o que mais o envergonhava. Fernando comprometera-se a expulsar vinte e oito dos mais carismáticos pedristas, todos leais a D. Fernando, todos leais aos Teles. Com que cara mandaria exilar Fernán Ruiz de Castro, que o acolheu no seu próprio castelo em Ourém?

Mas o posto de mordomo-mor deste rei exigia um jogo de cintura que se orgulhava de ter. Sorriu a Enrique de Trastámara, a quem Fernando – de um barco para o outro – cumprimentava efusivamente. Enrique falava como se não tivesse corrido o reino a ferro e fogo, e Fernando respondia-lhe com a mesma afabilidade, como parentes que se encontram para assistir aos touros ou participar numa batida.

O conde suspirou fundo – para servir estes senhores, era necessária uma falta absoluta de memória. E, infelizmente, ainda se lembrava de tudo demasiado bem.



Sempre que Leonor passa a porta deste paço de Santarém onde viveu grande parte da sua infância, transforma-se de novo na jovem rebelde que aqui viveu. Fala comigo como se tivesse 12 anos, e também eu lhe respondo como se fosse dessa idade, esquecidas por momentos de que é rainha e mãe da herdeira do trono de Portugal. Hoje, então, chegou fora de si, como se previa.

Como se não bastasse os sapos que teve de engolir nas últimas semanas, nos últimos dois dias foi obrigada a abençoar o casamento de Beatriz de Castro com o irmão do usurpador. Foram dias de justas e torneios, de corridas de touros e de caçadas, sempre a fingir que não percebia a tensão entre portugueses e castelhanos, que lutavam como se estivessem ainda em guerra, e de sorriso colado à cara, procurando não deixar perceber a animosidade que sente contra a irmã do rei.

Beatriz de Castro estava magnificamente vestida, adornada com todas as joias que herdou da rainha Beatriz, a beleza de Inês de Castro, com a segurança e a altivez cultivada desde menina. Tive pena dela, não o posso dizer a Leonor, evidentemente, mas é verdade, entristece-me sempre uma noiva que não tem mãe nem irmãs que a acompanhem nesse momento. Mas talvez sejam coisas minhas, e a ela nada disto passe pela cabeça. Sancho, o mais novo dos Guzmán, é um homem bonito e Beatriz, sendo tratada com toda a deferência na corte do Trastámara, e com o talento e a ambição que todos lhe reconhecem, irá longe. O pior é que o longe dela será sempre perto demais para Leonor.

Leonor estende-se nas almofadas de barriga para baixo, como se fosse brincar com um pião ou uma boneca, e lamenta-se:

– Que pena nunca me ter ocorrido casá-la antes com João Lourenço da Cunha, essa sim, teria sido a vingança perfeita.

– Talvez ainda se tornem amantes – respondo, entrando no jogo. E rimos as duas como ríamos naqueles tempos, lavando a alma.

Évora, dezembro de 1374

– Tens toda a razão, *Noctua*, abandonei-te – disse-lhe, desatando as correias e vendo-o saltar-lhe para a luva. Com a mão livre, fez-lhe festas, de que ele pareceu gostar. – Estás a ficar velho, acontece-nos a todos. Mas, se te consola, recusei o gerifalte vindo das neves que o rei me quis oferecer. Ninguém sabe mais de mim do que tu, nem sequer Aisha.

Mostrou-lhe o anel que o rei lhe dera quando Beatriz nascera:

– O rei reserva os próximos para premiar feitos iguais. Um para quando nascer o primeiro varão. – Sentiu um nó na garganta. – O que não está para breve... Vão dizer que a feiticeira perdeu os seus poderes, porque não consigo engravidar de novo, *Noctua*...

A rainha saiu pela porta pequena para o campo, o bernal lançado a tiracolo, num gesto que lhe era tão familiar que nem pensava nele. A ave virou sobre ela os seus olhos brilhantes e Leonor riu:

– Não me olhes assim, também não me contas tudo. *Noctua*, não posso confessar a Fernando que tenho um filho, que tive dois... antes de Beatriz. Seria ilegítimo de qualquer forma, não te esqueças de que o papa declarou nulo o meu casamento. E, de qualquer maneira, o rei não quer saber. Digo-te, *Noctua*, não quer saber. Não me pergunta nada sobre o meu passado, é como se só tivesse começado a existir a partir do momento em que nos enamorámos. E tem razão, esta não é a outra Leonor. Esta Leonor é rainha.

Sentiu o sol que se tornava mais quente, apesar da hora madrugada e gelada, e puxou para cima o capuz da capa. Levantou e baixou o braço, vendo o falcão abrir as asas, satisfeito. Estava ansioso por voar.

– Caça-me uma perdiz, porque Aisha quer fazer um caldo especial que, misturado com ervas que apanhou em dia de lua cheia, talvez me ajude a engravidar.

Mês após mês, a chegada do sangue desiludia-a. Imaginava o gozo de Beatriz de Castro, que acabara de ser mãe de um varão, nove meses certinhos depois de casar, ao constatar a esterilidade da rainha de Portugal. Castigava-a Deus? Mas castigava-a porquê, se já lhe dera uma filha que crescia saudável e bela, que Nossa Senhora dos Remédios a protegesse. Até os procuradores da cidade de Lisboa se

tinham oferecido para pagar a educação da princesa, da única herdeira, impressionados pela determinação com que o rei impusera a construção de uma nova muralha, que avançava a olhos vistos graças à mão de obra que (à força) recrutara de todas as cidades e vilas dos arredores, a norte e a sul do Tejo. Uma muralha extensa, que protegerá também a parte nova da cidade, as casas e as lojas dos habitantes mais ricos e prósperos, que bem viram como Enrique de Trastámara deu conta deles num dia.

– *Noctua*, sei que me repito, mas é preciso que dê à luz um varão. Não sou ingénua, vejo bem como João de Castro é amado pelo povo, desce às ruas e dança com eles como fazia o rei D. Pedro, bebe e fala alto, está sempre disposto a entrar numa rixa, ganha os torneios e as justas e é o primeiro a caçar o maior veado. E estas coisas contam, contam para os nobres, que acusam Fernando de não ter combatido Enrique de Trastámara, que querem lá saber da inteligência da política mercantil do rei, dos ganhos que temos com o comércio dos ingleses, que não percebem nada da Lei das Sesmarias ou da genialidade da Companhia das Naus, que Fernando criou.

Em breve haverá guerra de novo, porque na guerra entre ingleses e franceses temos de tomar partido, e o nosso foi decidido em Tagilde. Mas desta vez não nos falharão. O tratado foi reconfirmado em Westminster pelo rei de Inglaterra e pelo mestre de Andeiro, nosso procurador.

Calma, calma, *Noctua*, sossega. Sei para onde vou, garanto-te que há presas bem melhores do que este bando de pardais à tua espera. Mas acaba lá de me ouvir. A minha irmã Maria continua de amores com João de Castro, e Fernando acredita, repete o que lhe diz o meu tio, que se casassem garantíamos assim a sua fidelidade, evitando que passe para o lado dos dois irmãos, acabando a servir o Trastámara. Que está nervoso com a pretensão do Lancaster. Mas se nós não tivermos um varão, e Maria e João forem abençoados com sucessão masculina, parece-te que resistem? Resistem a destronar-nos? O que os impede de nos envenenarem, de envenenarem o rei? Já vivi o suficiente para saber que, por muitos cuidados que se tenham, a peçonha também se serve à mesa dos reis.

Fernando não quer ver. O seu otimismo alivia-me. Lembra-me o do meu pai. Mas ambos sabemos como acabou essa história.

Leonor calou-se ao ver correr na sua direção Nuno Álvares Pereira, que dera pela sua ausência e procurava-a, preocupado. Leonor acenou-lhe, gostava cada vez mais da companhia do filho mais novo do mestre do Hospital, muito circunspecto para a idade, mas tão esperto como *Noctua*.

– Nuno Álvares Pereira, já que aqui estás, toma o bernal e afasta-te e vamos ver se *Noctua* confia em ti.

– *Noctua*?

Leonor riu.

– *Athena Noctua*, sim, a coruja de Atena. Faz troça à vontade, mas quando o rei D. Pedro de Castela me ofereceu este peregrino, eu tinha oito anos e achei que o nome de uma ave sábia e perspicaz era o que lhe assentava como uma luva.

Esperou que Nuno Álvares Pereira digerisse o que lhe acabava de dizer, esmiuçaria cada palavra, procurando o significado escondido, e entenderia. Quando o escudeiro lhe acenou com a cabeça, soube que estava pronto. E, soltando por fim o peregrino, viu-o voar diretamente para a luva do seu escudeiro. Nuno seria um aliado – ou um inimigo – poderoso, ficaria de olho nele.

– Agora deixa-o procurar uma presa a sério.

– *Noctua*, não te esqueças, preciso de uma perdiz – disse, e ambos observaram o voo de *Noctua* no céu azul de inverno deste lugar de que tanto gostava.

Atouguia, setembro de 1375

Gonçalo entrou na câmara da rainha no paço da Atouguia, sem cerimônia.

– Foste tu que escreveste o último parágrafo destas disposições? – perguntou o irmão.

A expressão no rosto de Leonor era de desafio:

– Não viste lá duas assinaturas? Como na lei que ordena que quem está nas cidades ou vilas sem trabalho regresse imediatamente aos campos, para os trabalhar, e que os vagabundos que andam a pedir esmola, mas que podem trabalhar, andam na prática a roubar, não só os pobres e os doentes que dependem delas, mas também os vizinhos, porque depois temos de cobrar mais impostos? Ah, espera, e sim, também o parágrafo que, se bem me lembro, diz que os proprietários que não cultivarem as suas terras, sejam grandes ou pequenos senhores, vão ficar sem elas, e que de nada vale subornarem os oficiais de justiça. Para ver se conseguimos ter pão na mesa que não provenha dos cereais que importamos a preço de ouro. Ou referes-te à decisão de que os mais pobres e frágeis vão poder recorrer diretamente aos reis, pedindo justiça?

Gonçalo abriu as mãos num gesto de desalento:

– Não sei se estou maravilhado com os teus dotes de oratória ou se estarecido com o sarilho em que te meteste.

Leonor ajustou na capa o fimal com o falcão, a primeira joia que Fernando lhe dera, enquanto dizia:

– Tens de escolher? Não podes ficar simultaneamente orgulhoso e estarecido?

Mas, ao contrário do que era habitual, desta vez Gonçalo não riu.

– Estão furiosos! Os teus tios, os teus primos, o prior do Hospital e todos os outros que nem sequer gostam de ti.

Leonor fez um gesto de impaciência

– Que raciocinem. Que se recordem, em consciência, dos abusos que cometem contra os mais desprotegidos, aqueles que eu, logo no dia do meu casamento em Leça do Balio, disse que ia defender. Limitamo-nos a reafirmar o direito a ser uma instância de recurso para os que se consideram injustiçados, de sermos os únicos a decidir os castigos a aplicar.

– Nas nossas terras e lugares, menos naqueles que pertencem à rainha? Onde a rainha mantém todos os direitos.

A irmã olhou-o, triunfante:

– O que decorre da lógica, Gonçalo. Nos lugares que pertencem à rainha, podem recorrer à rainha. E também da tradição. Não o fez o rei D. Dinis com a rainha D. Isabel de Aragão?

Gonçalo cofiava a barba, angustiado. Ao contrário dos outros, temia por Leonor.

A irmã pediu-lhe que se sentasse:

– Gonçalo, preciso, mais do que qualquer outra rainha antes de mim, que D. Fernando afirme, a par e passo, que reinamos juntos, pela graça de Deus. É preciso que, por palavras e atos, lute contra a ideia de que não tenho os mesmos direitos que qualquer das infantas que foram rainhas de Portugal antes de mim. Só porque eram estrangeiras. Não pode permitir que diminuam a minha autoridade.

E, baixando a voz, recordou-lhe:

– É a única forma de acautelar o futuro. O meu e o teu, mas sobretudo o de Beatriz.

Gonçalo discordava:

– Mas é precisamente o contrário, precisas de favorecer aqueles que te podem defender. A tua família, a nobreza, que recebe privilégios, é verdade, mas que, em troca, luta pelo rei e pela rainha com tudo o que tem, inclusive a vida.

Subiu a camisa, mostrando a cicatriz funda que corria do ombro ao coração:

– Onde estava o rei quando uma espada me abriu o peito?

O sangue subiu ao rosto de Leonor, zangada:

– Senhor conde de Neiva, o rei e a rainha – sublinhou – estavam onde deviam estar, no paço, a tomar as decisões mais acertadas para os seus súbditos. Deixem de se comportar como crianças que exigem sempre mais quando já têm tanto. Fernando tem razão, se não criarmos riqueza, como se resolve a pobreza, a doença e a violência que resulta sempre da fome? Os mortos não lavram a terra nem colhem frutos.

Gonçalo fez uma expressão de impaciência.

– Há quantos anos me cansas com as tuas argumentações sem fim?

Leonor sentiu os ombros menos tensos, os maxilares mais soltos. Sorriu:

– Há vinte e sete anos, se é verdade que falo desde que nasci, como dizia a nossa mãe.

O irmão soltou um suspiro exasperado:

– Devia ter-te deixado aos castelhanos naquela noite em que fomos caçar alpardas.

Enrique de Trastámara é filho de Alfonso XI e da sua famosa amante, Leonor de Guzmán. Vai usurpar o trono ao seu meio-irmão Pedro I de Castela, sucedendo-lhe D. Juan I (a criança na imagem), que acabará por casar com D. Beatriz, única filha de Leonor Teles e de D. Fernando. Pai e filho foram, cada um a seu tempo, protagonistas das três guerras fernandinas e depois da batalha de Aljubarrota.

© Album/Fotobanco.pt



John of Gaunt, filho do rei de Inglaterra e duque de Lancaster e pai de Philippa of Lancaster, tornou-se rei de Castela e Leão pelo casamento com a infanta Constanza, filha de Pedro I de Castela e de Maria de Padilla. São as suas tentativas de tomar posse do trono usurpado que ajudam a cimentar a aliança entre Portugal e a Inglaterra.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



A infanta Beatriz é a única filha de Leonor Teles e de D. Fernando, e a legítima sucessora do rei, jurada herdeira aos 4 anos. Depois de ter sido prometida por várias vezes, acaba por casar com Juan I de Castela, tornando-se rainha de Castela, numa tentativa desesperada do seu pai, às portas da morte, de salvaguardar a independência de Portugal e a regência de Leonor Teles. Mas nada aconteceu como previsto. A rainha de Castela, que nunca abdicou da coroa de Portugal, está sepultada em Toro.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



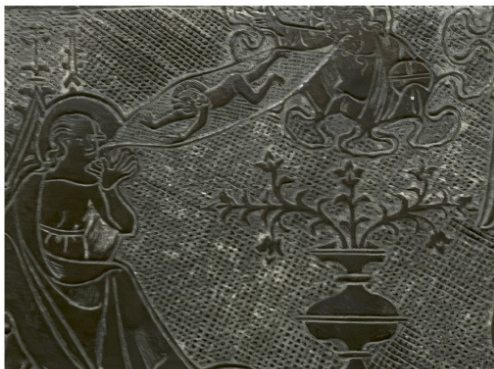
D. Fernando e D. Leonor tinham em comum a paixão pela falcoaria, sendo o rei dono de mais de trezentos falcões. Esta iluminura é do Codex Manesse, que reúne canções de amor medievais, e foi pintada na primeira metade do século XIV, correspondendo exatamente a como imaginei um dia de caça dos reis de Portugal.

© Album/Fotobanco.pt



Esta escultura de D. Fernando e de D. Leonor Teles, colocada no terreiro defronte da igreja do Mosteiro de Leça do Balio, onde os reis casaram publicamente, é magnífica. Obra de Irene Vilar, retrata um Fernando e uma Leonor apaixonados e unidos, como, na realidade, foram. O mosteiro pertencia à poderosa Ordem do Hospital e era um lugar seguro para uma cerimónia polémica.

© DR



Leonor Teles e D. Fernando viram, certamente, esta magnífica lápide sepulcral em bronze, datada da primeira metade do século XIV, que se encontra na Igreja de Santa Maria de Leça – retrata o mistério da Anunciação, ou seja, como Maria concebeu o Menino Jesus. Esta versão, que tem origem num dos evangelhos apócrifos, defende um mágico «emprenhar pelos ouvidos». O historiador Joel Cleto conta magnificamente esta história no seu *Lendas do Porto*.

© DR



Segundo Fernão Lopes, foi em Estremoz, na torre onde os reis dormiam a sesta, por ser mais fresca, que começaram os amores entre Leonor Teles e o então ainda só mestre de Andeiro e embaixador de Inglaterra.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt

O rei D. Fernando foi envenenado,
e o veneno era tão forte que esteve entre
a vida e a morte. Sobreviveu, mas as
sequelas comprometeram-lhe a saúde para
sempre, e alguns autores acreditam
que foram elas, e não a tuberculose, como
se escreveu, a causa da sua morte.
Acreditava-se que o coral – este pertencia
à rainha D. Isabel de Aragão – era capaz
de detetar a peçonha nos alimentos.
© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Edmund of Langley, conde de Cambridge, veio para Portugal com a mulher e o filho, ao abrigo da aliança de apoio mútuo entre Portugal e a Inglaterra, com o objetivo de ajudar a conquistar o trono de Castela para o seu irmão, John of Gaunt. O seu filho Edward e a infanta D. Beatriz, duas crianças, prometeram-se em casamento, mas foi mais uma união dissolvida por razões estratégicas. A estada do contingente inglês em Lisboa e no Alentejo, composto por muitos mercenários, não deixou boas memórias.

© Album/Fotobanco.pt



Um físico, provavelmente, ou um boticário, despido de roupa e de prestígio, com uma corda ao pescoço, presa a um bloco de pedra capaz de o levar para o fundo – esta é a edícula mais misteriosa e emocionante no túmulo do rei D. Fernando. Não há forma de ter a certeza, mas tudo aponta para que quis deixar bem claro que morria em consequência de um envenenamento, assim como a «fotografia» de quem lhe administrou a peçonha.

© Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt



Após a morte de D. Fernando, Leonor Teles assume imediatamente a regência do reino, conforme previa o Tratado de Salvaterra. Quando o conde de Andeiro é assassinado, é a rainha que manda sepultá-lo às escondidas, e percebe que tem de sair de Lisboa, acolhendo-se a Alenquer e depois a Santarém, onde o genro e a filha a vão pressionar a abdicar.

© BNP



Depois de ser apanhada a conspirar contra a vida do rei de Castela (e de Portugal), Leonor Teles é enclausurada no Real Mosteiro de Santa Clara, em Tordesilhas, por ordem do genro, Juan I de Castela.

© DR

Santarém, Igreja de São Francisco, outubro de 1375

Que ninguém esquecesse que a mãe do rei era D. Constança Manuel, aquela a quem cabia estar ao lado do marido, em lugar de Inês de Castro. Se a barregã fora coroada depois de morta, mais uma razão para reunir a nobreza portuguesa em Santarém, para lhe prestar homenagem, trasladando-a do Mosteiro de São Domingos, fora das muralhas.

Beatriz, alta para os seus quase três anos, caminhava ao lado da rainha, estava vestida de veludos ricos como se fosse muito mais velha do que era, o cabelo entrançado com pérolas, num esforço de tornar bem claro que a sucessão ao trono estava garantida. Com gestos exagerados e algum teatro, a rainha apontou à filha o escudo de armas que selava a elegante abóbada, as suas armas e as de Fernando reunidas num só brasão, o selo que marcava um reinado a uma voz.

Bastava entrar em São Francisco para entender como o rei cortava propositadamente com o passado e inovava seguindo as modas artísticas que vinham de fora: mandara construir um coro alto que chegava até meio da igreja, imponente, como nunca se vira em Portugal. Lá em cima, mais perto do céu, estava a arca tumular que acolheria os restos mortais da infanta castelhana, ao lado da qual o rei colocaria a sua e a dela. Um panteão real em Santarém, em rutura, e concorrência direta com Alcobça.

A rainha procurou ajudar a filha a transpor os degraus mais altos, mas Beatriz recusou, avançando à sua frente, atraindo sobre si toda a atenção. E bem podiam admirá-la, pensou Leonor, porque um dia seria rainha. Passara um ano inteiro e nem sombra de uma gravidez, mas não desistia de voltar a conceber.

– Mana, uma moeda pelos teus pensamentos. – A voz era do seu irmão Gonçalo, e Leonor respondeu-lhe baixinho:

– A ti dou-tos de graça, mas num sítio com menos víboras.

– Os ingleses e os franceses assinaram pazes – informou-a, indiferente ao aviso.

Leonor assentiu. Fernando já lho dissera.

– Será letra-morta – murmurou.

– Talvez não, Leonor. O Lancaster voltará a ter tempo e dinheiro para perseguir a sua pretensão ao trono de Castela. Mais tarde ou mais

cedo haverá guerra.

Era uma certeza. Não carecia de confirmação, mas por enquanto a dissimulação prosseguia como planeado: Beatriz continuaria prometida ao filho do Trastámara.



Comovi-me muito na trasladação de D. Constança Manuel, conheci-a tão de perto, e admirava a dignidade com que suportou a paixão de Pedro e Inês. Nós, mulheres, fomos educadas para aceitar que a natureza do homem os leva a procurar outras mulheres, mas é muito diferente aguentar uma indiscrição amorosa passageira a ver o nosso marido verdadeiramente enamorado de alguém, pela qual está disposto a arriscar tudo.

D. Afonso IV, o sogro, tomou-lhe as dores, decretando o exílio de Inês de Castro junto de Teresa Sanches, no castelo de Albuquerque, mas foi incapaz de os separar. Lembro-me de estar com a infanta Constança quando recebeu a notícia de que Inês dera à luz o primeiro filho de Pedro e percebi o quanto a destroçou. Mas nem uma palavra lhe ouvi, nem contra ele, nem contra ela, e, ao saber da morte da criança, acredito sinceramente que não sentiu nisso qualquer satisfação.

Estava habituada a sofrer, rainha de Castela ainda criança, logo repudiada pelo marido, que cruelmente a aprisionou em condições cruéis no castelo de Toro, impedida de vir para Portugal até que uma guerra lhe abriu o caminho, para aqui chegar e deparar-se com o noivo já tomado de amores pela mulher mais bela da corte. Mas a educação que recebeu de D. Juan Manuel, que a tratou sempre como o varão que nunca teve, obrigando-a a ler e a escrever na perfeição, encarregando-a da administração dos imensos bens da família, ao ponto de lhe ter deixado grande parte da fortuna, fez dela uma mulher invulgar.

Só dois filhos sobreviveram, Maria, que casámos em Évora, naquela última vez que vi Inês de Castro viva, e Fernando, que teria quatro anos quando a mãe morreu, mas que guarda tanto dela, se parece tanto com ela, desmentindo aqueles que imaginam que as crianças não pensam, não sentem e não amam. Basta olhar agora para Beatriz, para entender como são perspicazes e atentas, gravando tudo na memória.

Mas esta trasladação não foi apenas uma romagem de saudade, um desejo de honrar uma mãe, e aquela que deveria ter sido rainha de Portugal, foi também, e sabemos-lo todos, uma manifestação clara de que Fernando deveria ser rei de Castela.

Salvaterra, março de 1376

Leonor deixou-se ficar deitada, os olhos fechados, como se a noite lhe tivesse consumido toda a energia, em lugar de a repor. Sabia porque estava assim. Ela e Fernando tinham pensado e repensado no assunto, mas o último ciclo lunar, que terminara com o seu ventre vazio, convencera-os de que não podiam adiar a decisão. Era preciso iniciar o processo de emancipação de Beatriz, para que, em breve, a pudessem jurar herdeira, para que fosse possível avançar com um acordo de casamento com o filho bastardo do Trastámara, como constava do Tratado de Santarém. Estudadas as leis e consultados os juristas, tinham encontrado uma solução engenhosa, que permitia que o rei a libertasse do seu poder, o que lhe permitia negociar, dar e receber, deixando-a, no entanto, à guarda da mãe, coadjuvada pelo prior do Hospital e pelo seu irmão Gonçalo.

Sentiu passos de criança e depois ouviu a voz de Iria Gonçalves, serena e bondosa. Iria dizia:

– Não acorde a sua mãe, D. Beatriz. – Mas Leonor sentiu a mão da sua filha sobre o rosto, o delicioso toque dos seus dedos. Manteve os olhos fechados, fingindo dormir, deixando que Iria levasse dali a criança. Porque não os abrisa? Porque não a acolhera nos braços, a deitara ao seu lado na cama, como a sua mãe fizera tantas vezes com ela?

Não sabia responder.

Talvez porque hoje era o dia em que assumia publicamente a sua esterilidade, talvez porque, no fundo, não lhe perdoasse ser uma rapariga, ao contrário do que jurava a si mesma.

Enterrou a cara na almofada. Dramatizava. Daqui a algumas horas, estaria por aí Gonçalo, que troçaria dela, dizendo-lhe que não havia nada para que Aisha não encontrasse solução. Em breve. Era uma mulher de 30 anos, saudável e forte, seria para o mês que vem, ou para o seguinte, não desistiria.

Tinha de se levantar. Disse a si mesma que contaria até três; depois alargou a contagem para dez, para vinte, para trinta, e, por fim, ficou na mesma posição, a almofada de penas de patos caçados por *Noctua* confortando-a.

Enumerou as terras que dariam à infanta, Évora Monte, Alcáçovas e

tantas outras, procurando desencantar na memória a felicidade que sentia sempre que Fernando lhe oferecia mais uma vila, com todas as suas rendas, como fizera há pouco com Vila Real, porque sabia que eram de Trás-os-Montes as suas melhores memórias de infância.

Ouviu de novo a voz da filha, autoritária agora. A aia mimava-a demais, teria de a repreender. Finalmente um motivo para se levantar, pensou, troçando de si mesma.

Alfeizerão, 11 de outubro de 1376

Fernando admirou a assinatura da filha na doação, ao lado da sua e da de Leonor.

– Tem a quem sair. Com esta idade já tinhas esta caligrafia? – perguntou à rainha.

Leonor parou por uns instantes para pensar. Aos três anos e meio? Sim, talvez, pelo menos recordava-se de estar sentada num banco alto no *scriptorium* do avô em Vila Real, a ensaiar letras num pergaminho gasto que a mãe lhe dera para fazer experiências.

O rei passou-lhe o braço pelos ombros e afastaram-se em direção à janela, e Iria Gonçalves reparou como a infanta observava os pais, como se não soubesse se devia ficar ali ou segui-los. A aia tocou-lhe suavemente nos cabelos, perguntando-lhe se não preferia voltar aos seus aposentos, porque era óbvio que já a tinham esquecido. Como podia explicar a uma criança tão pequena que os reis continuavam tão apaixonados que se bastavam a si próprios, absorvidos um no outro?

Beatriz resistiu a abandonar a câmara:

– Não mostrei ao rei que também sei escrever o nome dele – disse, a voz suave.

– Talvez mais tarde, talvez quando o senhor D. Fernando vier assistir às suas orações, D. Beatriz.

A infanta protestou:

– Os tinteiros e as penas estão aqui. Quero mostrar-lhe agora!

E, soltando-se, correu em direção ao pai, puxando-lhe a camisa, a exigir a sua atenção. Fernando ajoelhou-se à sua altura, escutando-lhe o protesto, e divertido deixou-se arrastar de novo para a secretária do tabelião, onde admirou de novo a caligrafia da filha. Abraçou-a, orgulhoso, e levantando-a até ao colo admirou-a, quase como se a visse pela primeira vez.

– És bonita, esperta e determinada.

– Mas preferiam um varão – lamentou-se Beatriz, fazendo eco do que ouvia entre as suas damas. Fernando piscou o olho a Leonor:

– Beatriz, quem é que te disse uma coisa dessas? Não vês como admiro a tua mãe?

– Mas então porque é que me vão mandar embora? Não quero ir – reagiu, os punhos cerrados, zangada.

– Não vais a lado nenhum, minha querida, é uma promessa, mas para daqui a muito tempo – disse-lhe, procurando sossegá-la.

Leonor, desconcertada – ou ciumenta –, avançou para o marido e para a filha, incitando o pai a pousá-la no chão.

– Beatriz, uma Teles não choraminga.

A filha baixou a cabeça, envergonhada.

Leonor ficou a vê-la partir de mão dada com a aia, com um aperto no estômago. Porque era tão fria com ela? Porque não era mais como a sua própria mãe, que a fizera sempre sentir o centro do seu mundo?

Mordeu o lábio, procurando recompor-se. Sabia a resposta: porque era uma bruxa. Não era o que diziam?

Fernando franziu o sobrolho, num gesto de incompreensão:

– Leonor, o que foi aquilo?

– Chama-se educar – respondeu a rainha. Sem acreditar no que dizia.



Acabei de receber uma visita de Leonor e quando a oiço falar de Beatriz percebo que a trata com alguma distância, quase como se a infanta lhe pudesse roubar a atenção e o amor de Fernando. Chegou quase ao ponto de mo confessar. Sossego-a. Há momentos em que sentimos que as nossas filhas competem connosco, de tal forma os pais ficam tão deslumbrados. Mas não será o seu caso, porque Fernando só tem olhos para a rainha. Nem ela lhe dá espaço para que seja de outra forma. Dormem juntos, comem juntos, caçam juntos, dançam juntos, decidem os assuntos de Estado por uma só cabeça, para desilusão daqueles que acreditavam que a «perda de siso» do rei seria uma coisa passageira. Calculavam que o rei mulherengo, amante das mulheres, uma vez saciado o desejo, recorreria de novo ao papa, alegando um qualquer pretexto que lhe permitisse declarar nulo o casamento. Desconfio que era essa a esperança do meu irmão Diogo, e a cada batalha perdida com Castela reforça a certeza de que Fernando e Leonor estão a dois passos do abismo. Já lhe disse mil vezes que se desiluda, mas Diogo Pacheco teve demasiadas vitórias na vida para se deixar abater pelo que considera serem apenas contratempos – e a infertilidade da rainha é para ele um sinal.

E para ela a maior causa de angústia. Aconselho Leonor a partir em peregrinação, e anima-se com o plano. Irá, mas antes de qualquer outra coisa pretende fazer jurar Beatriz como herdeira do trono de Portugal. Que ninguém tenha dúvidas de que será rainha. Se Deus não os abençoar com um varão.

Leiria, início de novembro de 1376

De pé em cima de um banco, Beatriz abriu os braços em cruz, deixando que a vestissem para a cerimónia em que seria jurada herdeira do trono de Portugal. Imóvel, permitiu que lhe calçassem as longas luvas, que ficavam incongruentes nas mãos ainda gordas de uma criança de quase quatro anos, e lhe apertassem com força os cordões do corpete. E imóvel se manteve quando as criadas lhe pentearam o cabelo, fechando a trança com ganchos que lhe picavam a cabeça, quase tanto como os dentes do diadema de brilhantes que pertencera à sua bisavó, a rainha de quem tinha herdado o nome.

Leonor dava instruções de que subissem a bainha do vestido, para que não tropeçasse, pedindo a Aisha que a aspergisse com o perfume que a protegeria dos perigos da pestilência, que tomara de novo o Alentejo.

– Vem gente de todo o reino, de lugares onde o mal mata de novo, não podemos arriscar que a infanta adoça.

Beatriz, sem se mexer, voltou os olhos para a mãe, preocupada. Um por um, todos os fidalgos e procuradores, reunidos em Leiria, seriam obrigados a beijar-lhe a mão, em sinal de vassalagem, e Aisha tinha-lhe dito que as doenças se contagiavam pelo toque. Correria o risco de morrer?

Mas não disse nada. Sabia de antemão que a mãe não lhe admitiria medos e, fosse como fosse, o seu destino estava nas mãos de Deus. E nas da sua mãe. Era impossível não a admirar, pensou, vendo-a iluminada pela luz da pequena janela, a juba ruiva, ainda solta, fazia sobressair a seda azul do vestido, o colo branco e longo, a expressão do rosto como as das Virgens das iluminuras que o mestre lhe dava a ver.

Leonor sentiu sobre si a atenção de Beatriz e sorriu-lhe, e Beatriz sorriu-lhe de volta, por momentos sentindo-se amada e protegida.

– Desce daí, Beatriz – disse Leonor quando a viu por fim calçada, estendendo-lhe a mão e ajudando-a a assentar os pés no chão, no momento em que o seu cunhado, João de Castro, pedia licença para entrar na câmara da sobrinha, acompanhado do mestre de Avis e de Nuno Álvares Pereira, que aos 16 anos acabara de casar com Leonor Alvim, uma jovem viúva, quatro anos mais velha do que ele, de uma

das melhores famílias de Entre Douro e Minho, rica como se pretendia. Um negócio como apenas o prior do Hospital conseguiria fazer, com a sua bênção, evidentemente.

– Só o senhor D. João de Castro continua solteiro – troçou a rainha, piscando o olho ao seu cunhado mais novo, até o mestre de Avis foi pai pela primeira vez há pouco mais de dois meses.

O mestre de Avis corou, mas João de Castro reagiu, divertido:

– Quando um homem pode fazer muitas mulheres felizes, é pecado que se dedique apenas a infernizar a vida a uma única – disse, fazendo rir todos os que ali estavam.

Menos Maria Teles, reparou a rainha, vendo como a irmã se escondia por detrás da cortina do dossel da cama de Beatriz. Com que então, ainda nada tinha mudado entre eles, a eterna namorada que não passava disso...

Imaginava poder ambicionar mais alto? Mas mais alto não havia. Ou havia, pensou, ao ver o filho mais velho de Inês de Castro, de mão dada com a pequena Beatriz, encaminhando-a para a antecâmara do rei, onde Fernando e o procurador de Enrique de Trastámara já a esperavam – hoje mesmo se juraria de novo o Tratado de Santarém, selando-o com a promessa de casamento entre a infanta e Fadrique, o filho de seis anos do rei de Castela, e um dia – num futuro distante – seriam reis de Portugal. João, tal como todos os outros cavaleiros próximos do rei e também os embaixadores castelhanos, percebia que este compromisso era apenas mais uma jogada dos reis para ganharem tempo. Não passava despercebido o esforço com que D. Fernando corria o reino de norte a sul, obrigando cada vila e cidade a estender e subir as muralhas, a repararem a ronda, a abrirem mais seteiras. A cerca muralhada de Lisboa estava quase pronta, assim como as do Porto, de Coimbra e de Santarém.

João de Castro tinha a certeza: era preciso ficar atento às oportunidades.



Peço a Aisha que me prepare uma bacia de água quente com as suas poções milagrosas para me aliviar os pés doridos e dormentes, atormentados por sapatos demasiado estreitos na ponta – que moda esta!

O dia do juramento foi longo, mas talvez seja a preocupação o que mais me cansa. Estou segura de que o meu irmão Diogo escrutinará estes contratos de fio a pavio, entendendo mais depressa do que todos os outros que a cláusula fundamental é aquela que declara que, se Beatriz não for maior ao tempo da morte do rei, será Leonor Teles quem assumirá a regência. Tudo o resto é fumo para distrair Enrique de Trastámara: daqui a um ano, quando fizer sete anos, Fadrique terá de consentir nesta promessa, e Beatriz, segundo os preceitos jurídicos, será obrigada a fazer o mesmo quando atingir essa idade, com tudo o que poderá acontecer até lá. Mas mesmo que o contrato fosse renovado, sinal de que a paz entre os reinos tinha durado tanto, o que duvido, ainda seria preciso esperar que a infanta chegasse aos 12 anos e Fadrique aos 14 e continuassem da mesma opinião.

E não é tudo. Diogo Pacheco espicaçará a ambição dos Castro: que sentido faz deixar

Portugal nas mãos de uma adúltera, ou mesmo de um bastardo castelhano, quando há outros filhos de D. Pedro a que o sangue concede o direito divino de se sentarem no trono? Mesmo que o papa diga que não.

Aisha passa-me agora uma pasta de hortelã nos pés, massajando-os, e agradeço-lhe, efusivamente. Sabe o que me vai na cabeça. Pergunto-lhe:

– Estarei cá para ver a conclusão do que se decidiu hoje?

Garante-me que sim. Serei das que resiste às dores e amarguras da velhice.

– A senhora D. Leonor precisa de uma mãe – diz-me inesperadamente e eu finjo que são os vapores da hortelã que me trazem lágrimas aos olhos.

Leiria, 14 de novembro de 1376

– Não me olhes assim – disse, furiosa, Maria Teles, virando as costas à rainha e sentando-se numa das almofadas listradas, como uma criança amuada.

Leonor ajoelhou-se ao seu lado e, num tom de voz apaziguador, procurou repetir o que já lhe tinha dito, mas com o cuidado de suavizar as palavras usadas, que, visivelmente, tanto tinham indignado a irmã.

– Maria, tens 30 anos, e estás enamorada dele desde que te conheço, não deixes que a tua timidez te impeça de ser feliz.

– Não o vou obrigar a nada – protestou a irmã.

– Pela forma como te olha, o problema não é aquilo que o obrigas a fazer, mas aquilo que não lhe permites que faça. São anos de beijos e de carícias, já chega.

– Queres que o deixe entrar na minha cama, fazendo de mim uma concubina que pode descartar quando lhe apetecer? Não viste o que disse ontem, aqui mesmo neste quarto?

Leonor riu:

– Que preferia fazer muitas felizes, em lugar de uma infeliz? Foi uma graça. Com piada, diga-se de passagem, mais nada. Digo-te, acredita que a tua irmã sabe reconhecer um homem apaixonado. É só a ti que procura, é só contigo que dança, é para ti que dedica cada torneio, cada justa.

Maria Teles queria tanto acreditar. Esqueceu a zanga e, abrindo as mãos sobre os joelhos dobrados, perguntou:

– Vais falar por mim, como fiz por ti? Vais pedir-lhe que case comigo?

Leonor pôs-se de pé, sentando-se na tampa de uma arca enquanto dizia:

– Sabes que não posso. Que não valia a pena, porque imaginaria imediatamente que tinha um plano escondido contra ele.

– E não tens? – disparou Maria.

A rainha soltou um suspiro exasperado:

– Tenho mais em que pensar do que em João de Castro. Tu é que queres casar com ele e ele contigo, mas teme a fúria de Diogo Pacheco, a ira dos irmãos, que o acusarão de se ter passado

definitivamente para o nosso lado.

– Queres irritar Beatriz de Castro, é isso?

Leonor fez um gesto da cabeça de quem se diverte com a sugestão:

– Na verdade... – fingiu começar, mas depois impacientou-se. A condessa de Albuquerque era agora viúva, com dois filhos, não havia nada nela para invejar.

– Maria, só me faltava que me tratasses como eles, vendo veneno em tudo o que digo e faço. Sim, é claro que quero assegurar-me de que o meio-irmão mais próximo do rei não lhe põe peçonha na sopa, mas agora estamos a falar de ti. A nossa mãe não me perdoaria se não te ajudasse a seres feliz. E não me digas que és, porque vejo que não.

Por uns instantes ficaram em silêncio. Tantos anos depois, recordar a morte de Aldonça de Vasconcelos continuava a doer, a lembrança daquela viagem longa de regresso a Portugal no carro da rainha D. Maria quase insuportável.

– Leonor, a mãe nunca te pediu que tomasses conta de mim.

– Desvias-te do assunto. Amanhã, não pode passar de amanhã, vais convidar João de Castro a visitar a tua câmara. Pedes, entretanto, à tua donzela de maior confiança que o faça esperar, enchendo-lhe o copo com um bom vinho. Depois abres a cortina e vens ao seu encontro de camisa de dormir...

Maria tapava a cara com as mãos, fingindo-se horrorizada.

Leonor fez um sinal de troça:

– Olha que ainda tenho as cartas que me escrevias da corte da senhora D. Beatriz de Castro. Por comparação ao que ali se passava, esta história é para meninos.

Maria Teles esboçou um sorriso:

– Acaba lá de escrever o argumento. Se os teus artistas franceses não tivessem voltado para casa, podias pedir-lhes para encenarem esta peça para o rei.

– Não me interrompas. Quando o vires a arder de desejo, ansioso por te tocar, confessa-lhe que também tu não aguentas adiar mais... o vosso encontro. E choras. Dizes que não acreditas que tenha estado todos estes anos a brincar com os teus sentimentos. Ou que deseje que fiques com a má fama da tua irmã, a rainha...

Maria abriu a boca, chocada, mas Leonor encolheu os ombros:

– Se o dizem na rua, porque não podes usar por uma vez a má-língua a teu favor? A mim já me é indiferente...

Insistiu:

– Nessa altura pedes-lhe que ponha fim à vossa agonia, casando contigo ali mesmo, e perante Deus e duas ou três testemunhas troquem votos.

Piscando o olho à irmã, debruçou-se para lhe beijar os cabelos.

– Acredita, mana, o agradecimento de um homem apaixonado é inesquecível.

Maria suspirou.

– E se me disser que não?

– Lembra-lhe que já casou assim D. Pedro e a sua mãe, que casaram assim os reis de Portugal. Fica preso num nó górdio: se desvaloriza um casamento secreto, desvaloriza o dos seus pais, em que baseia a sua pretensão de legitimidade...

Maria ainda hesitava, não tinha a coragem da irmã:

– E se me virar as costas ou me acusar de ser uma Jezabel?

Leonor abriu a caixa de joias que Fernando lhe dera, não resistindo a observar pela milionésima vez a imagem pintada de um cavaleiro ajoelhado frente à sua dama, que tinha no punho um falcão-peregrino. Dela tirou um magnífico colar de água-marinha e colocou-o ao pescoço da irmã:

– Mesmo que te resistisse a ti, nunca resistiria à força destas pedras mágicas, acredita, sei do que falo.

Sorrindo, acrescentou, divertida:

– Não te esqueças de mo devolver, ainda posso precisar dele.

Maria deu uma gargalhada:

– Vais arranjar um amante?

Leonor rodou os anéis, com uma gargalhada:

– Para te poder dar resposta, preciso dos que me faltam. Entre eles, de um anel adivinhador para o dedo mindinho.

Que bonita era Leonor quando rebentava numa explosão de incontida alegria e amor pela vida – não admira que Fernando não lhe tivesse resistido, pensou a irmã, despedindo-se dela com um beijo.



Leonor não precisou de lhe perguntar nada para saber que já tinha acontecido. Casaram! E a sua tímida e calada irmã rodopia sobre si mesma, como nem em criança fazia. E consumaram-no imediatamente, é claro que sim, basta ver como brilha.

– Segui as tuas instruções. João chegou acompanhado de alguns dos seus amigos, mas depressa os mandou embora. Primeiro tentou dormir comigo sem a cerimónia, mas estava tudo preparado, o altar, as velas, tal e qual como Aisha nos contou que estava a câmara em que Inês de Castro casou. Entusiasmou-se. E jurámos, um ao outro, amor, fidelidade, trocando todas as palavras necessárias.

– Tinham testemunhas?

– Quatro, da maior confiança. Que não abrirão a boca até que lhes peça.

– E quando lhes pedires? – perguntou Leonor, cínica.

Maria garantia que sim, que, fosse em que condições fosse, teriam a coragem de dizer a verdade.

– Quer que parta hoje com ele para a Beira – disse, desviando o olhar de Leonor, como se estivesse a apreciar a imagem da Virgem.

O humor de Leonor alterou-se instantaneamente:

– Vai levar-te até Beatriz de Castro? Combinou encontro com Diogo Pacheco ou João Lourenço?

Maria estava chocada. Porque é que a irmã lhe queria arruinar a felicidade com teorias da conspiração?

– João é o mais leal dos teus vassalos, está sempre ao teu lado e de Beatriz, e agora é duplamente teu cunhado. Não era isto que pretendias? No dia seguinte, já estás insatisfeita?

É claro que era desconfiada, é claro que temia as traições e os golpes escondidos, tinha sido alvo deles toda a vida, o que a levava, tantas vezes, a ser um poço de contradições, a querer tudo e o seu contrário. Como com este casamento de Maria. Sentiu um nó na garganta, porque não era capaz de ser tão generosa quanto queria?

De repente pensou em como é que *Noctua* reagiria perante uma pomba. Voaria sobre ela, em círculos cada vez mais apertados, calculando à maneira de uma rapina o tempo e a velocidade de que precisaria se pretendesse tomar a presa. E depois, se assim o entendesse, cairia sobre ela. Faria o mesmo. Era preciso que este casamento se mantivesse secreto, deixando a possibilidade de, em qualquer momento, declarar que não era válido porque não contara com a aprovação prévia do rei ou, pelo contrário, premiando-o com a bênção real. Justificou-se, só assim poderia garantir a segurança da irmã. E a sua.

Forçou um sorriso e desejou-lhe as maiores felicidades.



«Maria Teles casou com João de Castro.» A minha única filha de sangue dá-nos a notícia de chofre e pede-nos o maior segredo. Percebo que o conde não está surpreso, é um projeto que alimenta desde há muito, na certeza de que apostar em dois cavalos é sempre melhor do que ter apenas um na corrida. Beija a filha e agradece-lhe a boa-nova, e cabe-me a mim o papel de advogada do diabo.

– Se João de Castro assume publicamente o casamento e Maria Teles engravida, vai colocar a rainha numa situação delicada.

O conde discorda:

– O importante é manter João de Castro longe da influência e das falinhas mansas de Diogo Pacheco. Unido a Maria Teles, podemos controlá-lo.

Ponho reticências ao que diz. Argumento:

– João é mais bem-amado do que Fernando. As novas leis não agradam nem aos ricos, que ficaram sem as propriedades que não cultivavam ou tiveram de gastar dinheiro a subornar os fiscais do rei, nem aos pobres, impedidos de sair dos seus lugares de origem e de procurar vida melhor, condenados a ficarem atados aos bois e ao arado para sempre.

O meu marido indigna-se:

– Queixam-se agora, mas quando forem à feira e o dinheiro lhes chegar para pôr comida na mesa verão que foi para seu bem. Mas desvias a conversa. Este casamento assusta-te porquê?

Parece-me óbvio:

– Temo uma conspiração. Temo que o meu irmão convença João de Castro a atentar contra o rei para lhe tomar o trono.

Depois, baixinho, hesitante, confesso:

– Não sei se confio absolutamente em Maria Teles. Não sei se resiste...

O meu marido faz aquele esgar que lhe conheço bem, como quem diz: desde que nos mantenha no poder, pouco me importa qual das minhas sobrinhas é rainha, mas a minha filha protesta:

– Maria seria incapaz...

Perdi o cuidado:

– Incapaz? De aceitar a coroa? Depois de anos a sentir-se preterida? Tantas vezes humilhada?

A minha filha discorda, zangada, são primas, são irmãs, ela e Maria Teles viveram juntas nesta corte antes de Leonor sair da Beira. E sim, talvez seja uma injustiça esta minha suspeição.

O conde olha-me, ameaçador:

– Por favor, não metas essa ideia na cabeça dela.

Não resisto à ironia:

– De qual delas?

O meu marido abana a cabeça, irritado. Sabe que, quando quero ganhar uma discussão, nada me para. E saio sempre vencedora, nem que seja pela exaustão do adversário.

– De Leonor Teles – afirma.

Como se fosse preciso.

Leiria, 18 de novembro de 1376

– Por favor, Aisha, explica-me o que se passa. Há dias que não me falas e nunca te vi de sobrolho tão carregado.

Nada inquietava mais Leonor do que o silêncio de Aisha.

– Viste a estrela do diabo, foi isso?

– Quantas vezes lhe tenho de dizer que não sei ler os céus?

A moura falava, já era alguma coisa.

– Garante-me pelo menos que a tua preocupação não é com Beatriz.

Ainda há momentos a foi ver, e a filha dormia serena, agarrada a uma boneca, vigiada por Iria Gonçalves. Aisha tranquilizou-a. Beatriz teria vida longa, encarregar-se-ia de velar por isso.

Leonor animou-se. O gelo começava a quebrar, Aisha cedia.

– Foi a notícia do casamento de Maria? Vi João abraçar-te, e tu nunca deixas que um homem te toque. Que ninguém te toque.

– Trouxe-o ao mundo. Depois de a minha senhora ter perdido um filho antes dele. Nem imagina a alegria com que lhe pegou pela primeira vez ao colo, como o abraçou.

– Então, enganei-me. É outra coisa que te angustia?

Aisha quebra:

– Nas veias do senhor D. João corre a ira fácil do pai e do avô. A sedução da mãe. A ambição de todos eles juntos e a ferida aberta que os bastardos nunca saram: são e não são, podem e não podem, sempre aquém do que acreditam merecer.

Leonor sentou-se, as pernas bambas de aflição:

– Caim e Abel – murmurou.

Aisha voltou ao que fazia, calando-se de novo.



Maria Teles veio despedir-se de mim, e acabou a confessar-me o seu casamento, na ânsia da minha bênção. Queixava-se amargamente de que a mesma irmã que a incitara a casar a furto era a que agora a reprendia, desconfiada. Queria que eu tomasse partido, senão como condessa Guiomar, como tia, que fazia o papel de mãe, mas, para seu desconsolo, repeti banalidades, sem me comprometer com nenhuma delas.

– Percebeste o que funcionou como gatilho para a desconfiança de Leonor?

Maria está segura de que foi a referência a uma batida de caça na Beira, e abro a boca estupefacta.

– À Beira, Maria Teles? Afinal quem provocou quem? – repreendi-a.

– João de Castro é senhor de muitas das terras de João Lourenço – justificou-se ela. E,

corando, assegurou-me: – Nunca falei a João acerca do pequeno Álvaro, nem da ama Elvira. Nunca...

Interrompi-a, e a minha expressão devia ser dura, porque recuou:

– Era o que mais faltava, Maria. O que pertence ao passado fica no passado, e João de Castro seria irresistivelmente tentado a usar a favor dele essa informação. Se até o próprio pai da criança está calado como um rato...

Maria continuava a garantir-me que nunca prejudicaria a irmã, mas se já duvidava, agora tenho a certeza de que Leonor faz bem em obrigá-la a guardar segredo sobre este casamento, para que mantenha sobre ela algum controlo.

Ofereço-lhe umas casas que temos em Coimbra, sugiro-lhe que se afaste da corte por uns tempos. Quando Leonor engravidar, ficará mais confiante, digo-lhe, está a passar um mau bocado, acrescento. E ponho no colo da minha sobrinha mais velha uma bolsa de moedas, que lhe ofereço de presente. Decididamente não é boa altura para pedir dinheiro emprestado, seja a quem for, muito menos a Leonor, a sua habitual fiadora.

Santuário de Nossa Senhora do Açor, Celorico da Beira, agosto de 1377

— Já não posso com essa história do urso – protestou Leonor, calando as damas, que se entreolharam, fingindo concentrar-se de novo nos bordados. A rainha ficara picada pelos relatos repetidos do destemor do infante D. João de Castro e isso só por si seria um tema delicioso para conversas de bastidores, quando a senhora não estivesse presente, obviamente.

Leonor zangou-se consigo mesma. Que estúpida fora em deixar perceber a irritação que lhe causara o facto de o cunhado ter enfrentado um urso, vencendo-o. Trazendo-o para o arraial onde estavam todos depois de um dia de montaria, exibindo-o, prometendo mantos às damas mais bonitas. Como se não fosse um homem casado. João de Castro igual a si mesmo: impulsivo, lançara-se sobre o animal e, na excitação de o matar, não recuara, mesmo quando o urso se levantara nas pernas de trás e com as patas arrancara-lhe parte da sela, quebrando a lança. Domara o terror do cavalo e aguentara o embate, até que os seus criados acorreram em seu auxílio, acabando o trabalho.

«Qual rei Artur», que também enfrentara um urso, comentara Fernando, sem ponta de ciúme. «Qual senhor D. Dinis», reclamara, com uma gargalhada, o infante, sempre ansioso de recordar que descendia dos reis de Portugal. Mas ela não entrara na conversa. Ela via sempre mais longe, e só faltava agora dourar o mais velho dos Castro com o brilho dos cavaleiros da Távola Redonda, recordando que era bisneto do Lavrador e lhe corria nas veias o sangue dos escolhidos por Deus. Os tempos não estavam para brincadeiras, muito menos neste momento em que os reis de Portugal se juntavam aos fidalgos e cavaleiros que vinham agradecer a Nossa Senhora do Açor o tê-los protegido quando combatiam Enrique de Trastámara. Nas guerras de que Fernando estivera praticamente ausente.

Mas não era nada disso que a trazia aqui e as mulheres que a rodeavam sabiam-no bem. Vinha em peregrinação, pedindo à Virgem que lhe desse um filho.

Maria Teles estava grávida. A sua irmã esperava um bebé, assim num estalar de dedos, num abrir e fechar de olhos. João de Castro e

Maria Teles seriam pais dentro em breve e a cigana que consultara em segredo – às escondidas até de Aisha – garantia-lhe que era um rapaz. Não a deixara, no entanto, ler-lhe a mão, isso não.

Era essa notícia, muito mais do que a do troféu de caça, que realmente a incomodava. Mas dessa não podia falar.

Quebrou o silêncio incómodo que se instalara, pedindo aos músicos que tocassem, e estendendo as mãos para Mia começou a dança de que tanto gostava. A dança das facas, que lhe recordava os primeiros dias no Paço de A-par-de São Martinho, aqueles em que conquistara para sempre o amor de Fernando.



Aisha sentou-se no chão de pernas cruzadas como se fosse uma menina e com um pedaço de giz desenhou um magnífico açor no chão de lousa, as asas abertas em pleno voo. Ao seu lado, a infanta Beatriz, de quatro anos e meio, espantava-se e pedia:

– Conta-me, conta-me a história. – E Aisha contou. Como contara tantas vezes a Inês de Castro, como as recitara a Leonor Teles, desde aquele dia em que chegara a Toro de coração destroçado pela morte da sua amada senhora e Aldonça de Vasconcelos lhe abrira os braços.

– Conto-a como a ouvi contar. Os reis de Castela...

– Enrique de Trastámara e a rainha Juana Manuel? – perguntou a infanta.

Aisha negou:

– Outros, muito antes desses.

E recomeçou:

– Os reis de Castela desejavam muito um filho, mas os anos passavam e esse filho não nascia. A preocupação crescia, porque não tinham um herdeiro a quem deixar o trono.

Beatriz, solene, interrompeu-a:

– E não havia uma filha? Jurada herdeira, como eu?

Aisha respondeu num tom solene:

– Infelizmente, não tinham essa sorte. Nem filho, nem filha, e ouviram dizer que, se viessem em peregrinação a Nossa Senhora do Açor, talvez a Senhora fizesse um milagre. E não se enganavam. Meses depois...

Beatriz interrompeu-a de novo, com o seu gosto pela precisão:

– Nove meses, Aisha.

– Nove meses depois, nasceu um infante, mas doente, muito doente, e os reis acreditaram que trazendo o herdeiro de novo a esta ermida conseguiriam obter uma cura...

Beatriz olhava-a, cética. Conseguir dois milagres de seguida parecia-lhe muito...

Aisha prosseguiu, como se não a tivesse ouvido.

– A criança morreu no caminho. E quiseram retirar o corpo dos braços da mãe para o sepultar, mas ela não deixou. Agarrou-o contra si e continuou a caminhar, repetindo sempre que a Virgem não lhe teria dado um filho, tão amado, tão desejado, para lho retirar assim, que era seguramente uma prova. E continuou o caminho, sem esperar pelo rei, ocupado com a queixa de um criado contra um dos jovens falcoeiros que deixara fugir de propósito um açor. Porque dizia que Deus fizera as aves para voarem livres no céu.

Beatriz, horrorizada, olhou para a mãe, que as escutava em silêncio.

– Mãe, o que faria se soltasse *Noctua* sem lhe pedirem licença?

Leonor respondeu, divertida:

– Cortava a cabeça a quem se atrevesse a tanto. Duvidas?

Rápida, Aisha desenhou um braço com uma luva e uma espada:

– O rei ordenou que lhe cortassem o braço, e o pobre rezou à Virgem que o protegesse, e de repente o açor desceu e voltou a pousar-lhe na luva, mesmo a tempo de evitar que a espada o decepasse. E, neste preciso momento, o príncipe acordou nos braços da mãe.

Beatriz não conseguia esconder o entusiasmo:

– Acabou assim?

Leonor terminou a história pela moura:

– O rei ficou tão contente que mandou soltar todos os açores que trazia com ele e construir uma ermida para a imagem da Virgem. Amanhã, quando sair no andor, repara no açor pousado aos seus pés, vais ver que te lembra *Noctua*.

Beatriz olhou-a, desconfiada:

– Mãe, faria o mesmo?

Leonor trocou um olhar rápido com Aisha. Soltar *Noctua* em troca de um herdeiro?

Que disparate.

– Minha filha, o falcoeiro jovem não percebia nada de nada. As aves com que caçamos não nos pertencem, escolhem-nos. Enquanto o desejarem. Por quanto tempo quiserem.

Beatriz cerrou os lábios, concentrada. Era verdade. *Noctua* voltava sempre à luva da sua mãe. Porque o desejava.

Leonor estendeu-lhe a mão.

– E agora vamos.

– Hoje também – lamentou-se Beatriz.

– Hoje também, evidentemente – ordenou Leonor, o sorriso a contrapor o tom de voz.

– Mas ainda nem provei o vestido que vou usar na procissão – tentou a infanta, mas a rainha indicou-lhe a mesa onde estava o tinteiro e a pena, encorajando-a:

– Estou grata à tia Guiomar por me ter obrigado a ler e a escrever todos os dias. Ou queres ser como aquelas rainhas que dependem dos outros para interpretar uma lei ou redigir uma carta?

Beatriz não queria. E, mesmo que quisesse, sabia que aquela era a única alternativa.



– É mais bonita do que a Senhora que vem no andor – exclamou uma rapariguinha, antes de a mãe lhe varrer a cara com uma bofetada. Como se atrevia a comparar a Virgem à bruxa!

Leonor não conseguiu deixar de a ouvir, humilhada. Como era possível que ainda doesse tanto quando lhe chamavam bruxa, feiticeira, adúltera? Ninguém o diria, vendo-a, magnífica. Magnífica porque o manto, o vestido e as joias eram ainda mais extraordinários do que aqueles que vestiam a Nossa Senhora do Açor, magnífica porque os traços simétricos do seu rosto, o tamanho dos olhos azuis e, mais do que isso, a alegria inata e o poder adquirido refletiam-se-lhe no rosto. Sentiam-se.

João de Castro sentia-o, levando à rédea a montada da rainha. Sentia-o Nuno Álvares Pereira, sentiam-no os fidalgos que cavalgavam nesta procissão. Sentia-o Fernando, que, de tempos a tempos, voltava a cabeça na direção da mulher, encantado.

– Feiticeira – exclamou alguém, e a guarda do rei avançou sobre a multidão, procurando o autor do insulto, mas logo uma mulher, arranhando a cara e rasgando os panos, gritou:

– O meu filho morreu por causa dela!

– E o meu – exclamou outra, e outra, e outra, e outra.

Culpavam-na pela guerra, pela morte dos seus pais, maridos e filhos, trespassados pelas armas do Trastámara.

O rei ordenou a João de Castro que acelerasse o passo, na igreja estariam seguros, mas Leonor inclinou-se sobre a crina e pediu ao cunhado que não se movesse. Fazendo sinal a um escudeiro, que correu a ajudá-la, desmontou e caminhou a pé, perante um sussurro de admiração. Estendeu a mão para as mãos que se estendiam na sua direção, beijou os bebés que as mulheres seguravam ao colo, colocou no cabelo uma das flores que uma criança lhe ofereceu.

Lentamente, confiante, entrou na pequena ermida, respirando por fim fundo, sentindo as gotas de suor na testa, as palmas das mãos molhadas.

Fernando estava ao seu lado, ajoelhando-se junto dela, a pele branca corada pelo sangue que a raiva lhe trouxera ao rosto.

Leonor tocou-lhe, dizendo baixo:

– Não deixes que te distraiam. Não te esqueças do motivo por que

cá estamos.

E, juntos, pediram devotamente à Virgem que lhes desse um filho.



Leonor passa em Santarém, no regresso da peregrinação disfarçada de caçada, e aviso-a de que tenha cautela. Tenho nota certa de que João de Castro aproveitou a viagem para se encontrar com os irmãos e que Diogo Pacheco estava com eles. Só podem ter estado a preparar alguma coisa contra ela.

A morte do rei de Inglaterra, a que sucede o seu neto Richard, órfão do Príncipe Negro, abriu uma oportunidade de poder ao Lancaster, que na prática será como um regente de Inglaterra. Depois de uma tentativa frustrada de chegar a Castela, o Trastámara alimentava a esperança de que a França o mantivesse entretido, mas subestimámos a sua determinação. Dizem que é o homem mais teimoso que existe, o que, aliado à riqueza que possui, o leva a acreditar que não há obstáculos intransponíveis. Prometeu a si mesmo, e a D. Constanza, que resgatará o trono, e não desiste.

O mestre de Andeiro e os pedristas que se exilam na sua corte também não o deixariam esquecer, e a prova de que João Fernandes é um homem dos sete ofícios é que combate ao lado de Gaunt onde for necessário, sedimentando a sua confiança, sem, no entanto, deixar cair tanto os negócios como a sua missão diplomática. Terá sido provavelmente ele a convencer o duque a não valorizar o facto de as naus portuguesas terem integrado a frota castelhana que atacou, sem grande sucesso, a costa inglesa, sugerindo-lhe que tratasse o assunto como se lida com uma mosca numa tarde de verão: dando-lhe uma sapatada e pensando noutra coisa.

Santarém, dezembro de 1377

– Senta-te – disse Fernando à sua cunhada Maria Teles, enquanto os criados armavam uma mesa nos seus aposentos, com os habituais dois lugares para os reis. Ceavam sempre sozinhos, até porque o que lhes chegava ao prato vinha de uma cozinha diferente daquela que servia a restante corte, guardada constantemente por um homem de confiança, treinado para detetar a presença de qualquer desconhecido que pudesse contaminar a comida dos reis com venenos ou outras peçonhas. Era assim o costume dos seus antepassados e Leonor não permitia exceções.

– Fernando, o Trastámara não come de um prato que não tenha passado pela boca de alguém da sua confiança, tal como os reis de França e de Inglaterra.

Maria Teles olhou de soslaio para Leonor, conhecia-lhe o tom, que se tornara mais acintoso para com ela com o passar dos anos. Que era particularmente azedo depois da conversa desta manhã. Irritada, propositadamente, provocadoramente, pôs a mão sobre a sua barriga de quase nove meses, sabendo que nada magoava mais a irmã e o cunhado do que esta gravidez. Fernando, procurando aliviar a tensão entre elas, conversava:

– Experimenta o pão, ainda está quente.

Mas Leonor não queria desviar o assunto.

– Sabes porque é que Maria Teles nos deu a honra desta visita?

Fernando tinha quase a certeza absoluta, mas esperou que a mulher lho dissesse.

– Nem mais. Quer um casamento público como o nosso.

– Antes de o bebé nascer, para que não me julguem uma concubina. Não foi por isso que casaste em Leça? – reagiu Maria Teles.

– Mas não casei às escondidas do rei. Eu casei com o rei – disse Leonor, instintivamente rodando o anel de esmeralda no dedo.

Fernando riu-se. A rapidez da inteligência da mulher surpreendia-o sempre.

Maria Teles, vermelha de fúria, mas sentindo a língua travada, como sempre que a irmã estava presente, protestou:

– Que dizes? Tu sabias.

Leonor encolheu os ombros, sentindo-se a mais megera das

criaturas, mas porquê, porque é que não conseguia impedir o ciúme de a tornar cruel, ameaçadora, mas depois a raiva toldou-lhe o pensamento:

– Acreditei que, antes de se jurar teu marido, João de Castro tivesse a lealdade de perguntar ao irmão. De não cometer o mesmo disparate que o senhor D. Pedro. E tu o de Inês de Castro.

Maria Teles cerrou os punhos debaixo da mesa, vendo brilhar a faca de prata sobre o mantel, irresistível. E se lhe pegasse e apunhalasse a irmã, que desde criança se achava com direito a tudo, superior a todos? Porque tinha de ser sempre ela, a mais velha, a ceder? E a voz de Diogo Pacheco ressoou-lhe na cabeça: porque não era ela, ela e João de Castro, que usava a coroa? Recuperando a voz, procurou apaziguar a irmã, usando a razão.

– Leonor, estás a contradizer-te. O que te estou a pedir, estou a pedir ao rei e à rainha, é que me permitam não ser como Inês, confirmando a minha união à vista de todos.

– João de Castro sabe o que vieste pedir? – perguntou a rainha, consciente de que a benevolência de Fernando para com os seus meios-irmãos estava por um fio.

Maria Teles pressentiu a armadilha e recuou:

– Não sabe.

Leonor picou-a:

– E será que não prefere manter a vossa relação clandestina...

A insinuação de que o sedutor João de Castro, sempre rodeado de admiradores, e de donzelas, sim, seria o último a desejar officiar o compromisso.

Maria Teles contemplou de novo a faca afiada, que agora estava na mão do trinchante, que desfazia uma perna de borrego em fatias finas. Se ao menos Gonçalo aqui estivesse para a pôr na ordem, Gonçalo era o único que tinha algum ascendente sobre Leonor, mas mesmo ele submetia-se-lhe, consciente de que a rainha lhe podia retirar o que lhe dera, despromovê-lo, assim como o tinha promovido. Não, pensou Maria Teles, sentindo-se subitamente muito sozinha, nem o conde de Neiva tomaria o seu partido.

Leonor percebeu que vencera, mais uma vez. E, de novo, sentiu-se invadir de culpa. Porque era tão implacável quando se sentia ameaçada, como se qualquer pessoa lhe pudesse tirar o tapete de sob os pés, aniquilando-a. Roubando-lhe tudo o que conseguira conquistar, tornando-a invisível e impotente.

Não tinha apetite, mas deixou que lhe enchessem o prato, em silêncio, mas o silêncio tornou-se insuportável e Fernando não o aguentou.

– Cunhada, pede a João que venha falar comigo – disse-lhe o rei.

Mas Maria Teles conhecia as falas mansas do rei, este seu desejo de

evitar conflitos, mesmo quando já tomara uma decisão irredutível. Como a paz com Castela, os tratados que assinava e não tencionava cumprir. Se queria «casar de praça», ou pelo menos oficializar o seu casamento a furto, a solução era consultar o bispo de Coimbra e os juristas, incentivando as visitas de João de Castro a horas em que a vizinhança o visse chegar e partir, testemunhando que faziam vida de casados. Passou a mão suavemente sobre o ventre: o batismo deste bebé, deste varão, seria feito com tanta pompa que não passaria despercebido a ninguém que o irmão do rei era casado com a irmã da rainha – aquela que não era uma adúltera.

Mas para isso precisava de dinheiro. De mais dinheiro. Engoliu o orgulho e fez das tripas coração para agradecer ao cunhado.

– Darei o recado – confirmou.

Fernando admirou-lhe a beleza. Não era nem por sombras tão bonita como Leonor, mas era admiravelmente bonita, iluminada pelo estado de graça em que se encontrava.

– Quando nasce o meu sobrinho? – perguntou, inclinando-se para ousadamente tocar-lhe na barriga.

Leonor estremeceu. Todas as mulheres pareciam conceber sem dificuldade, mesmo quando não desejavam os filhos e os abandonavam na roda de um convento ou faziam de tudo para que não nascessem. Porque a abandonara a Virgem Maria, permitindo que se espalhasse por todo o reino a certeza de que a sua esterilidade era castigo dos céus?

Engoliu em seco, a lápide de pedra sem nome a assombrá-la. Afastou o fantasma, mas em lugar dele só encontrou o olhar embevecido do marido sobre a barriga da irmã. Era-lhe insuportável assistir à admiração com que Fernando olhava o ventre de Maria, que conseguia aquilo que ela não era capaz.

Puxando o banco para trás, pôs-se de pé, dizendo:

– Se é para falar de negócios, que seja já, porque hoje à tarde vou pôr *Noctua* a voar.

A irmã seguiu-a até aos seus aposentos e, como Leonor esperava, pediu-lhe um empréstimo de dinheiro. Em moeda. No mercado, os preços subiam da manhã para a tarde, e era preciso alimentar uma casa cheia, pagar criados, manter as cavalições.

– E saldar dívidas do jogo – atirou Leonor.

Maria Teles confirmou-o, pela primeira vez, direta, sem desculpas. Como se fosse obrigação da irmã pagá-las, como se não tivesse já recebido dela tantos benefícios, de que não dava mostras da mais pequena gratidão. Irritada, a rainha reagiu:

– Não te empresto mais. Se queres dinheiro, faz como as outras pessoas e vende o que tens. Compro-te Mafra, a Ericeira, Enxara dos Cavaleiros, faz um preço e os meus juristas tratam do resto.

Maria Teles deu um passo atrás, espantada. Até agora a irmã nunca lhe recusara nada. O mestrado de Cristo para o sobrinho, vilas e terras, joias, e agora, o que faria, como manteria o estatuto de irmã da rainha, de mulher de D. João de Castro?

Mas Leonor não iria mudar de ideias. Nem agora nem nunca, realizou, em pânico.

– E não te esqueças de me devolver aquele colar de água-marinha que te emprestei – acrescentou Leonor, com uma frieza desconcertante. Também ela se sentia sem chão.



Daqui da janela vejo Leonor descer à lezíria, com o seu velho *Noctua* na luva, apenas com um escudeiro e os dois alôes que nunca a largam. Conheço-a tão bem que me basta olhar para a forma como anda para perceber que está zangada, presa naquele novelo de emoções que não consegue deslindar. Endireita as costas, lançando para trás a cabeça, marchando a passos largos, sem o cuidado de se voltar para dar uma festa aos cães. *Noctua* abre as asas uma vez, e depois logo outra, também ele pressente o nervosismo da sua senhora, mas a rainha – ao contrário do que é habitual – nem parece dar por isso.

O que terá sucedido nesta visita de Maria Teles para a deixar neste estado? Porque não ouviu Maria o meu conselho de que se mantenha afastada da irmã mais nova, pelo menos até ter dado à luz a criança. Será que não entende como fere uma mulher infértil a presença de uma que está prenha, sobretudo quando essa mulher é rainha e tudo parece depender dos filhos com que consegue ou não encher o berço real?

Vejo que *Noctua* já voa cada vez mais alto, procurando a presa sobre a qual se vai lançar, não porque seja uma ave cruel, mas porque é essa a sua natureza. Podemos culpá-la por cravar o bico e as garras sobre a pomba, alimentando-se dela, porque é assim que Deus a fez?

A minha camareira avisa-me que Maria Teles está cá para se despedir, antes de regressar a Coimbra. Senta-se comigo frente ao fogo que nos aquece nesta tarde gelada e oiço o que tem para me dizer. Vendeu algumas das suas vilas à rainha, conta-me, e a sua voz não esconde como está chocada porque, pela primeira vez, a irmã não veio em seu auxílio. Sinto, com preocupação crescente, que alguma coisa se quebrou entre elas. Digo-lhe, talvez mais para me sossegar a mim do que a ela:

– Arrufos de irmãos. Quantos já vi.

Mas a habitualmente reservada Maria Teles dispara numa diatribe violenta contra Fernando e Leonor, contra a injustiça de não retribuírem o que fez por eles.

– Se não tivesse confrontado Fernando com a obrigação de casar com Leonor, a minha irmã teria sido uma paixão passageira, como tantas que o rei teve. Ou não passaria de uma concubina, escondida entre as damas de uma rainha, Leonor como ela, mas Leonor de Castela.

Nada disto é bem verdade. Nada disto é bem assim. Não foi a negociação de Maria Teles que assegurou nem o amor nem o trono à irmã, mas sei – porque já vivi muito – que não há argumentação que desfaça a história que construímos para nós mesmos. Maria Teles está zangada, muito zangada, e aos poucos vai desbobinando um rol infindo de ressentimentos, acusando-me também a mim, acusando a sua mãe, de termos sempre preferido Leonor.

– Invisível, fui invisível aos vossos olhos. Aos olhos do meu pai, que se derretia com Leonor, se ria com as suas graças, aos olhos de D. Pedro de Castela, que lhe deu um falcão-peregrino, quando não tinha idade nem para ter um cachorrinho. E depois ainda há Aisha...

Não a desminto. Não porque não desejasse consolá-la, mas porque sei que nada posso fazer para sarar aquela dor. Muito menos mentindo.

– Tens o amor de João de Castro e o filho dele na barriga – digo-lhe.

Mas Maria Teles abana a cabeça, desesperada:

– Tia, porque me diz isso: não conhece João melhor do que eu? Dou-lhe prazer, satisfaço-o, mas se não tivermos um objetivo comum, se não houver uma razão mais forte...

Não terminou a frase, as mãos abertas, cheias de nada.

Depois, subitamente, recompôs-se, e parecia-me uma outra Maria Teles. Da bolsinha que

trazia à cintura, tirou uma carta, e entregou-me, o meu nome escrito na caligrafia de Diogo Lopes Pacheco. O que faz uma mensagem do meu irmão nas suas mãos?

Não me respondeu, misteriosa.

Quando se despediu, mandei um dos meus criados segui-la.

Óbidos, junho de 1378

Leonor sentou-se na cama, as pernas longas e nuas cruzadas como uma moura, debruçando-se sobre o rosto pálido de Fernando, beijando-lhe a boca. Mas o rei não reagiu, imóvel.

Leonor provocou-o:

– Não acredito. Hoje não tenho direito a ver-te exercitar os braços e as pernas, esfregar as palmas das mãos, espirrar três vezes e passar um pente de marfim pelo que te resta do cabelo?

Desde que o rei encontrara o pergaminho de como preservar a saúde, da autoria do papa João XXI, o único papa português e o único médico, seguia religiosamente os seus conselhos, logo a começar pelos exercícios recomendados para o momento do despertar.

Mas, quando Fernando gemeu um protesto, Leonor sentiu um arrepio de aflição e, ajoelhando-se, agilmente colocou a mão na testa do marido, procurando ver se estava quente. Não estava.

– Sentes-te bem? – perguntou.

– Achas que gemia se sentisse? – respondeu o rei, com um esgar.

– O que é que te dói? No mesmo sítio que das outras vezes? – quis saber, aflita. Desde janeiro, em Tentúgal, que o rei se sentia doente, delegando nela grande parte do trabalho. Fernando inspirou fundo, a mão correndo-lhe para o peito, de onde o coração parecia querer saltar:

– Pior, sinto-me pior, muito pior do que das outras vezes. Sinto-me sem forças. Mas prometi receber Lourenço Anes Fogaça, quero enviá-lo a Londres o mais depressa possível – disse, procurando levantar-se, mas deixando-se cair na almofada, pálido.

Leonor saltou da cama e, abrindo a porta da câmara do rei, ordenou ao camareiro-mor do rei que mandasse chamar urgentemente o físico. Discretamente, em segredo, não poderia constar que o rei estava de novo doente. Havia demasiada gente que ficaria satisfeita com a notícia.

Acorreram o físico e o astrólogo, o boticário e o sangrador, e Fernando, agora com melhores cores, recebeu-os sentado contra as almofadas e, dirigindo-se à rainha, troçou:

– Tanta gente que ficava sem emprego se o rei nunca estivesse doente.

Leonor, rápida, reagiu:

– Se fosse eu, despedia-os de cada vez que adoecesse. Devem é prevenir os males, porque depois só resta remediá-los...

O mestre Gomes concordou, enquanto tomava o pulso do monarca. Também ele dispensaria estes semibruxos que se mantinham na esfera real. Estudara na Universidade de Montpellier, era um homem arrogante e seguro de si, mas consciente de que a sua posição dependia do encanto pessoal e da lisonja.

Subitamente, Fernando pareceu desfalecer, reagindo a uma tontura, seguida de um acesso de vômitos, a que um servo correu com uma bacia de prata e uma toalha.

O boticário, curioso, observou o produto amarelado do estômago do rei, mostrando-o ao mestre Gomes.

– Vossa Majestade sofre de novo de uma crise de fígado, vou receitar-lhe uma dieta rigorosa e um xarope para ativar os humores.

O rei deixava-se deslizar para debaixo dos cobertores, tremendo de frio, a pele húmida com suores frios, e uma dificuldade crescente em respirar.

– Majestade, era recomendável afastar a rainha – disse o boticário.

Fernando fez um gesto a Leonor, para que saísse, e os seus olhos diziam o que a rainha sabia, que era perigoso para a criatura que, se a Virgem o permitisse, desta vez cresceria dentro de si. Tinham-se amado dia após dia, precedendo cada ato sexual com orações, de joelhos frente ao relicário, e seguramente a nova poção de ervas ajudaria ao milagre.

A rainha afastou o físico e o boticário, o astrólogo e o sangrador, beijando o rei na testa, mas Fernando não pareceu reconhecê-la, e depois fechou atrás de si a cortina, dando um salto, assustada, quando deu de caras com David Negro, o tesoureiro do rei, oficiais e escrivães, cavaleiros e escudeiros. Enfureceu-se, abrindo caminho por entre eles:

– Parasitas – murmurou entredentes, fulminando com os olhos o camareiro do rei, que abriu as mãos num sinal de impotência.

– Obedeci a Vossa Majestade – garantiu.

Leonor virou-lhe as costas, impaciente. Era impossível guardar um segredo nesta corte. O conde velho seguiu-a, visivelmente preocupado:

– Leonor, o que disse o físico? – perguntou baixinho.

– Que comeu demasiada carne e ovos – respondeu a rainha, esforçando-se por manter a voz serena, não fosse alguém ouvi-la. Sim, aqui também as paredes tinham ouvidos.

– De novo?

– De novo! Mas com uma gravidade maior. Pelo menos é o que dizem os insígnies físicos e que tais de Sua Majestade.

– E tu que pensas?

– Penso que o Natal já foi há muito tempo – respondeu, irónica.

Mas ainda não chegara à sua câmara quando lhe vieram pedir que voltasse aos aposentos do rei. Sua Majestade piorara subitamente, não dava acordo de si.

– Chama Aisha, Iria Gonçalves e Mia. Que venham ter comigo à antecâmara do rei. À secreta. Elas sabem, não te preocupes, diz-lhes só isto.

E, lutando contra a angústia que a tomava, beliscou-se enquanto acelerava o passo. O que sucederia se Fernando morresse? Como viveria sem o seu amor? Como viveria sem o poder que a deixava partilhar? Beatriz tinha apenas cinco anos – em menos de dois tempos, os fidalgos, o povo, o povo de Lisboa, escolheriam o «infante» João de Castro. Que tinha agora um filho varão, o filho de Maria Teles.

Inspirou fundo, procurando não correr, engolindo em seco numa tentativa de desacelerar a respiração, quem se cruzasse com ela não podia perceber a aflição que a consumia.

Antes de entrar na antecâmara do rei, antes de atravessar de novo aquela pequena multidão de oportunistas, benzeu-se. E jurou a si mesma: não deixaria Fernando morrer.



Acorro ao paço, com o pressentimento de que se confirma o pior dos meus pesadelos. O conde manda apenas dizer que Leonor precisa de mim com urgência, mas pede-me que leve comigo os nossos netos e faça da visita uma visita ordinária, como qualquer uma das que semanalmente ali faço.

Mando pedir ao jardineiro que me traga um cesto de laranjas, onde escondo uma pedra de bezoar, e obrigo-me a procurar o mais calmamente que consigo uma joia no cofre para levar à infanta Beatriz, como num dia normal. Os meus netos mais velhos reagem com entusiasmo à ideia de uma tarde com os falcoeiros do rei, e entram para o carroção comigo, ajudando-me carinhosamente a subir os dois degraus.

Como esperava e desejava, desaparecem mal chegamos ao paço, e como em qualquer outra ocasião, peço a um dos criados que me conduza aos aposentos da rainha, apenas para que dê ainda mais nas vistas que nada me aflige, nada me apressa.

Tudo muda de figura quando a porta da câmara da rainha se fecha atrás de mim e, mais do que a aflição de Leonor, o que me invade de pânico é a preocupação na expressão de Aisha.

– Envenenam o rei – diz-me a rainha de chofre.

A moura confirma:

– Já deve ter começado há algum tempo, mas, propositadamente ou por engano, ontem devem ter-lhe dado uma dose fatal. O rei delira, tem alucinações e o coração ameaça parar.

– Fatal? O que dizes, Aisha?

É Leonor que me responde, e a voz só inflete num tremor no final da frase.

– O rei não dá acordo de si.

– O que diz o mestre Gomes, os físicos?

Leonor levanta as mãos aos céus:

– Que são os banquetes, quais não faço ideia.

Zangada, acrescenta:

– É seguro que pelo menos um deles está feito com quem o envenena. Parece-me mais plausível do que o cozinheiro, mas já não sei nada.

Lembro-me de uma coisa, mas não a quero dizer, e consigo que a minha suspeita não transpareaça, mas digo sem hesitação:

– Leonor, querida filha, estás nervosa. Agora o que importa é tratar o rei.

E entreguei-lhe a pedra, que funciona como antídoto, mas o olhar da rainha está turvado,

como as nuvens negras que cobrem o céu antes de uma tempestade:

– Tratá-lo? Ressuscitá-lo, é o que quer dizer, minha tia. O que pedimos é da ordem do milagre.

– Diz-lhe que não exagero, Aisha, diz-lhe.

E Aisha confirmou.

Sento-me na borda da cama da rainha, tremo.

– Queres que mande alguém à judiaria, que peça a David Negro, que é de toda a confiança, que nos procure alguém...

Leonor recusou:

– Vou levá-lo daqui hoje mesmo. Pela calada da noite. Vou levá-lo para o meu paço de Moledo e, se sobreviver à viagem, tratamo-lo lá. À nossa maneira, com os nossos físicos e boticários de confiança, sem mais ninguém. Ninguém.

Abano a cabeça, desconcertada:

– Nunca to permitirão. Terá de ir o camareiro, cavaleiros, escudeiros, a guarda do rei.

Mas Leonor já tinha tomado a decisão e nada a demoveria:

– Só um pequeno grupo que escolherei a dedo. E que não poderão sair do paço, nem para ir ao mercado, nem para caçar, e ninguém lá entrará sem ser convidado, e mesmo convidado só depois de revistado.

– Como quando Inês de Castro lá esteve durante a grande peste – lembrei. Aisha anuiu. Já guardara uma vez uma senhora de todo o perigo, repetiria o feito.

Imploro-lhe:

– Leonor, se o rei desaparece, já sabes que correrão toda a espécie de rumores. Dirão que está morto.

– E que escondi o corpo para continuar a reinar por ele – confirmou Leonor.

Concordei. Isso mesmo.

A rainha juntou as mãos em oração:

– Quando, se...

A voz tremeu, só por um instante, para logo voltar a sua força:

– A corte está habituada a ver-nos desaparecer, quando saímos para caçar e estamos fora quinze dias, sem que ninguém saiba onde fomos. Sabe isso, não sabe, tia? Pois é isso que se fará constar, e quando o rei estiver melhor, quando tiver forças, escreverá pelo seu próprio punho, e o conde velho poderá vir confirmar que está vivo e de boa saúde, assim como os meus irmãos e primos. E até embaixadores. Mas agora, tia, agora tem de me ajudar.

Dispus-me a tudo, mas Leonor desejava uma única coisa:

– Entrego-lhe a minha filha, tia Guiomar. Como a minha mãe me entregou a mim.

Abracei-a com todas as minhas forças, fiz-lhe uma pequena cruz com o polegar na testa alta, afastando-lhe depois os cabelos ruivos do rosto, beijando-a na face:

– Vai, Leonor, e que Deus esteja sempre contigo. Convosco.



Só confesso a minha suspeita ao meu marido.

– No dia em que Maria Teles me visitou depois da discussão que teve com os reis, mandei-a seguir.

Não içou o sobrolho, nem mostrou espanto, conhece-me há tempo demais para isso. Esperou.

– E sabes com quem se foi encontrar? Com o mestre Gomes, nem mais...

Entregou-lhe uma bolsa...

– Um pagamento? – perguntou, incrédulo.

– Presumi que sim. Imaginei que o consultasse, estava quase no final da gravidez, pensei que podia estar a pagar uma das suas dívidas...

– Uma dívida de jogo – exclamou o conde.

– O mestre Gomes joga?

O conde confirmou com um aceno forte da cabeça. Sabia-se que visitava tabernas de má fama, perdendo grandes quantias de dinheiro, mas, como acontecia sempre, todos tinham telhado demasiado frágeis para denunciarem os pecados dos outros.

Arriscou:

– Talvez a nossa sobrinha não estivesse a pagar uma dívida, mas a fazer-lhe um

empréstimo.

Tapei a boca com a mão, chocada:

– Esqueci o assunto. Não me pareceu relevante na altura, mas agora... Poderá ter-lhe pago antecipadamente um serviço?

– Espera, e não te trouxe uma carta do teu irmão? De Diogo Pacheco?

Encostei-me à parede, sentindo as pernas ceder:

– É possível?

– É possível e, mais do que isso, provável. Se a suspeita de Leonor é fundamentada, se o rei foi envenenado, quem mais facilmente lhe podia administrar o veneno do que o seu físico?

Ficamos os dois em silêncio, perante a inevitabilidade da questão seguinte. Dizer ou não dizer a Leonor.

O conde foi firme. O mais importante já tinha sido feito, afastar o rei do mestre Gomes, do boticário e do sangrador, porque se um estava metido nisto, como não estariam os outros dois? Mais para a frente se decidiria se era sensato revelar ou não as suspeitas.

Li o pensamento do meu marido: se Fernando morrer, se o infante João de Castro lhe suceder e Maria Teles for rainha de Portugal, não será do nosso interesse tê-los por inimigos.

– Diz-me só, acreditas que João de Castro estava a par?

Não me respondeu.

Moledo, julho de 1378

Partiram durante a noite, discretamente, como quando tinham fugido de Lisboa, do alfaiate e do seu bando, que vinham por ela. Escapavam, mas desta vez era a vida de Fernando que estava em risco, pensou Leonor, humedecendo os lábios gretados do marido, deitado no carroção ao seu lado sem dar acordo de si.

Seguiam escoltados por meia dúzia de homens a cavalo, cavaleiros e escudeiros da mais absoluta confiança, valendo-lhes a lua cheia.

Não era um acaso, não podia ser.

Aisha sabia-o. Implorei-lhe:

«Leva *Noctua* contigo e deixa-o voar no mistério da noite. Saberá encontrar o lugar onde estão os Jinn, espíritos invisíveis, feitos pedras ou árvores, ar ou fogo. Eles escutam-te, pede-lhes que venham em nosso auxílio. Segue-o, como fizeste no dia em que me salvaste. Não tenho os teus poderes, mas não me falta memória: deixaste-o caçar criaturas que só conhecia dos livros e colheste flores e frutos de que nunca me disseste o nome. Aisha, o rei não pode morrer.»

Passou os dedos como um pente de cinco dentes pelos cabelos do rei, vendo brilhar os anéis entre as madeixas alouradas pelo sol. Davam-lhe a coragem, a lealdade e o amor de que precisava para salvar a vida a Fernando, mas Aisha garantira-lhe que eram precisos os sete para que estivesse protegida. E nunca, como agora, se sentira tão frágil, consciente de que, se perdia Fernando, perdia tudo. Procurando sorrir, prometeu a si mesma reivindicar o próximo quando o rei voltasse a caçar ao seu lado. Curado.

Aceitou uma maçã que Mia lhe estendia. Trouxera-a consigo, de Mia não tinha nada a esconder.

– Senhora, o que fará o mestre Gomes e os outros quando perceberem que o rei desapareceu?

– Vão pôr-se a léguas, em paradeiro desconhecido, provavelmente em Castela. Quem lhes pagou este serviço, arranjará maneira de lhes calar o bico.

– Senhora, parece-lhe que isto é coisa vinda de lá?

Leonor não tinha dúvidas:

– O cabecilha é Diogo Pacheco, só pode ser. Já mandei indagar se houve contactos entre algum criado de Beatriz ou de Dinis de Castro

com o mestre Gomes, com as gentes da cozinha, com os mais próximos do rei. Deixei ordens ao meu tio para que não deixe uma pista por investigar. Sim, Mia, isto tem a marca daquele velho assassino, que deveria ter sido esventrado como os outros dois.

Leonor falava agora sozinha, punha hipóteses, testava as suas fantasias.

– Não me parece que o infante João de Castro estivesse metido nisto, mas já não sei nada... Fosse como fosse, proibi terminantemente o conde de lhe dizer o nosso paradeiro.

Mia pensou em Maria Teles, na forma fria e dura com que a rainha lhe falara naquela tarde, exigindo que lhe entregasse vilas e terras a troco de um empréstimo. Sabia que a irmã da rainha devia dinheiro a muita gente, poderia ter sido chantageada... Impediu-se de continuar – o que lhe repetia o confessor? Que os maus pensamentos também nos levam ao inferno.

Nem reparou que a rainha a observava, agora em silêncio, como se procurasse uma confirmação. Desviou o olhar.

Mas Leonor conhecia-a bem demais. Passando a mão no cabelo de Fernando, murmurou zangada:

– Mia, se aquilo em que estás a pensar for verdade, garanto-te que a matava com as minhas próprias mãos.



Tanto eu como o conde tentámos por todos os meios conter os rumores da morte do rei que surgiram mal se constatou a sua ausência, garantindo a quem nos pergunta que é mais uma das aventuras do casal apaixonado.

Não conseguimos enganar ninguém. Há sempre um criado ou um escudeiro que viu qualquer coisa, que escutou meia conversa e que não resiste a sentir-se importante, dando com a língua nos dentes; há sempre uma serva que a troco de umas moedas descreve o líquido que ficou na bacia que lhe entregaram para lavar. O rei está muito doente ou já morreu e escondem o corpo para que Leonor Teles possa continuar a reinar – como a minha sobrinha previa, e a notícia é como uma pedra lançada à água, produz círculos que se vão alargando até chegarem longe. Já está em Castela.

Não respondo à carta do meu irmão, que me pergunta se é verdade que o rei desapareceu sem deixar rasto, sob risco de ser de alguma forma implicada neste envenenamento. Arranjei também uma desculpa para não receber João de Castro, pelo menos até ter a certeza se, de facto, Maria Teles jogou alguma parte no sucedido. Indício que o conde persegue, mas com a promessa de que, seja qual for a resposta, a guardará para si. A traição de uma irmã é insuportável, e Leonor reagiria como um lobo, devorando-a.

Gonçalo regressou de Moledo com a mesma discrição com que partiu, assegurando-nos de que Leonor chegou bem ao paço, onde o rei é guardado dia e noite numa câmara onde só entra Leonor, Aisha e um físico mouro. Param de lhe induzir vômitos, com água quente e azeite, porque a peçonha já lhe corre nas veias, atacando o coração, os pulmões e o fígado – diz-me que a urina é negra como só sucede na agonia final. A pele das palmas das mãos e dos pés descama e cai, está paralisado, como morto, e tem uma enorme dificuldade em respirar.

Os sintomas estão lá todos. Foi envenenado com arsénico, seguramente. É solúvel na água, podem ter-lho dado a beber ou misturado nalgum elixir administrado pelo físico, em conspiração com o boticário.

Comunico ao meu sobrinho que tanto um como o outro desapareceram, mas insisto:

– Não o tomo por prova da sua culpabilidade, mas da consciência de que bastava a

desconfiança para receberem grave castigo.

Gonçalo sabe, como eu, que nos teremos de ficar pelas suspeitas, pelas probabilidades. Como se prova a inocência num caso como este, em que o arsénico faz parte de todas as boticas e nas doses indicadas trata tantos males?



Escrevo às irmãs de Santa Clara de Coimbra pedindo-lhes o coral da Rainha Santa, no maior sigilo. Não preciso de lhes explicar a quem se destina, a esta hora sabem bem que é o rei que está muito doente. Peço ao meu confessor, a quem encarreguei desta missão, que não regresse sem aquela preciosidade que permite perceber se a comida está envenenada, mudando de cor. Digo-lhe que mo traga até Santarém, daqui o farei seguir para o paço de Moledo – quem tentou uma vez, poderá tentar de novo. Sei que Leonor ficará mais segura se estiver na sua posse.

Moledo, início de agosto de 1378

Leonor, sentada numa caldeira de espaldar alto, mandou entrar o embaixador francês para a sala decorada com couros pintados de cores fortes, os castiçais de ouro sobre magníficas arcas. Mas era ela que atraía irresistivelmente a atenção de quem ali entrasse: a coroa da rainha D. Beatriz pousava sobre o cabelo, que propositadamente deixara solto, as longas pestanas escurecidas com pau de carvão tornavam ainda mais evidente o tamanho dos seus olhos azuis. Sobre os ombros, o manto carmim, forrado de arminho, impunha-a como rainha.

O homem atravessou o espaço que os separava, dobrando um joelho ao chão para lhe beijar a mão, ofuscado pela sua beleza.

Vinha conversar com o rei, disse, e Leonor respondeu-lhe que regressaria em breve da caça, apresentando em seu nome desculpas pelo atraso, e, ignorando a perplexidade do embaixador, discutiu com ele o recente cisma papal que deixava o mundo dividido entre os que estavam por Urbano VI, papa de Roma, ou por Clemente VII, papa de Avinhão, sendo certo que num dia se podia estar por um e no seguinte por outro.

A princípio, o francês retraiu-se, como se não fossem assuntos para discutir abertamente com uma mulher, mas quando deu por si abordava os temas em agenda, um por um, com entusiasmo crescente. Até que um criado trouxe a Leonor uma mensagem, que a rainha leu com uma expressão de espanto. O rei tinha ficado num outro paço, pedia as maiores desculpas, poderiam continuar os trabalhos amanhã?

Era assim que acontecia naquele paço há três meses. Fernando estava salvo e recuperava forças de dia para dia, mas ainda não ao ponto de uma longa conversa com um diplomata estrangeiro, que registaria todos os esquecimentos, todas as respirações ofegantes, e não demoraria muito a tirar conclusões da cor macilenta do rosto do monarca. Mas que também levaria a notícia ao mundo de que ninguém mandava mais em Portugal do que a rainha.



Mudei-me para Lisboa, para poder responder mais rapidamente aos pedidos de Aisha, que todas as semanas encomenda substâncias que só se encontram nesta cidade, trazidas pelos

mercadores venezianos e genoveses, provenientes do Oriente. Tenho ficado a conhecer os meandros destes mercados e, acompanhada de uma serva, atrevo-me até a entrar na mouraria em busca dos melhores fornecedores, assistindo pela primeira vez a uma realidade que me era completamente desconhecida. A pobreza na cidade é ainda mais cruel do que no campo, onde há sempre um pedaço de terra para cultivar uma horta, um vizinho que munge uma vaca ou um rio onde é possível pescar. Levo um lenço a cobrir-me a cara, não só para que não me reconheçam, mas também porque Aisha me garante que me protege de ser contaminada com alguma pestilência. Desta vez fui em busca de açafrão, com recomendações de que não me deixe enganar, comprando curcuma pelo preço da erva-ruiva. Leonor diz-me que agora Fernando não dorme, e por vezes caminha pelo quarto toda a noite como se tivesse receio de se deitar e de não se voltar a levantar, e o açafrão tratado por Aisha pelos vistos ajuda a induzir o sono. Mas desconfio que não me dizem a verdade toda, porque sei que é considerado um poderoso afrodisíaco e acredito que a rainha esteja, mais do que nunca, determinada em conceber. Estes meses à beira do precipício, na antecâmara da morte, pintaram-lhe em cores vivas o que a espera quando o rei já não for deste mundo. Aprendeu a lição e vai preparar-se em todas as frentes para que não lhe tirem o tapete debaixo dos pés, a ela e a Beatriz. A todos nós, que gravitamos à sua volta.

Serra d'El-Rei, meados de agosto de 1378

A urze-roxa ainda cobria os montes neste verão tão fresco e o cheiro doce da esteva perfumava o ar, quase inebriante, já sem as efêmeras flores brancas de cinco pétalas marcadas como as chagas de Cristo, que não deixavam esquecer que Fernando também estivera morto e ressuscitara. Leonor passou o indicador pelas folhas verdes, sentindo a resina pegajosa e mortífera que aprisionava os insetos que cometessem o erro de nela pousarem. Nunca descolariam, servindo de isco para as abelhas polinizadoras, que perpetuavam a existência da planta. Era assim a vida, pensou Leonor, um longo círculo vicioso do qual só a morte nos libertava.

Duas mãos taparam-lhe os olhos e num grito de alegria bradou o seu nome.

– Fernando.

E, voltando-se para o encarar, deixou-se envolver nos seus braços, encostando-lhe a cabeça ao ombro, sentindo que um peso enorme se levantava pela primeira vez há tantos meses do peito.

– O que fazes aqui? – perguntou, mas o rei beijou-a suavemente nos lábios antes de responder:

– Vim à caça. Como tu.

E, assobiando, chamou os cães, e fez sinal ao falcoeiro para que lhe trouxesse o gerifalte, uma fêmea, claro, veio da Gronelândia.

– Enquanto falavas com embaixadores e ministros, lias entediadas leis e redigias cartas, eu consultava o meu falcoeiro. Olha a maravilha desta criatura – disse, agitando a ave para que mostrasse as suas enormes asas.

Soltou-lhe as correias, vendo-o lançar-se no seu primeiro grande voo.

– Volta? – perguntou a Leonor, esperando o seu veredito certo.

A rainha usou a mão para focar o ponto no céu e confirmou.

– Pica sobre uma lebre, que, por muito que corra, não lhe escapará. E esperará obedientemente que o recompensem, condição para entregar a presa. Tal como eu – acrescentou, sorrindo.

Depois ficaram em silêncio a vê-lo, até ao preciso instante em que como uma seta o gerifalte mergulhou, sem dó nem piedade, algures para lá daquela mata.

Os cães ladraram e os falcoeiros correram, mas Leonor agarrou a manga do marido, impedindo-o de ir atrás deles.

– Hoje ainda não.

Fernando não se moveu, estava consciente de que não aguentaria muitos passos sem lhe faltar o ar. Sobrevivera, mas as sequelas eram profundas, e isso enchia-o de raiva. Tinha 30 anos, sentia-se um velho de 70, mais velho do que o conde, queixou-se, a ira na voz.

– Já decidi – disse alto, como se quisesse que a sua voz chegasse a Peniche, às Berlengas, à costa de Inglaterra, e todos soubessem que a vingança do rei cairia sobre aqueles que se tinham atrevido a atentar contra o rei, contra Deus.

Leonor encarou-o, procurando esconder a enorme satisfação que sentia. Perante as provas, ficara tão chocado que durante uns dias se recusara a falar no assunto. Passara horas ajoelhado frente à cruz, de mãos postas em oração, pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo que lhe concedesse a capacidade de perdoar. Como Ele perdoara aos que o haviam pregado numa cruz.

Leonor controlara o impulso de o abanar pedindo-lhe que agisse, dissimulara a vontade de mandar ajustar contas diretamente, nas costas do rei, mas resistira. Aisha recordara-lhe que os ventos mudam de repente e se não tivermos cuidado voltam-se contra nós.

Mas Fernando chegaria lá a seu tempo, pensou com alívio.

– O que decidiste? – perguntou-lhe, o mais serenamente que conseguiu.

– Comecei a redigir o meu testamento, estará pronto dentro de dias, e nele vou nomear aqueles que atentaram contra a minha vida.

– Atentaram? Queres dizer aqueles que te mataram – exclamou Leonor. – Estavas morto, Fernando, o teu corpo gelado e inerte, paralisado. Esta é uma segunda vida!

O rei fez-lhe uma festa na cara, concordando:

– Estão lá os quatro: Diogo Pacheco...

– O maior de todos os traidores, depois da oportunidade que lhe deste.

– João Lourenço da Cunha – continuou o rei, observando-a.

Leonor não moveu nem uma sobrancelha. Sim, também o seu primeiro marido estava envolvido neste crime.

– Dinis de Castro, claro.

Leonor não disse nada. Para Fernando continuava a ser difícil acreditar que a sua meia-irmã, a criança que aprendera a andar agarrada à sua mão, aquela que, a certa altura, imaginara amar ao ponto de a querer para si, pudesse odiá-lo de tal forma que o quisesse ver sob o jacente de um túmulo.

– E a minha irmã Beatriz – acabou por dizer o rei.

– Por ódio a mim, não a ti – consolou-o a rainha.

Para Fernando era a mesma coisa.



Fernando vendou-lhe os olhos – pela segunda vez no mesmo dia! – e com as mãos nos seus ombros encaminhou-a para uma câmara, onde os músicos tocavam uma canção que Leonor conhecia de cor, e sem fazer qualquer menção de tirar o lenço começou a cantar:

*«O anel do meu amado perdi,
no solo de verde pinho,
choro eu bela, choro eu bela,
porque perdi o anel do meu amigo.»*

Não o via, mas sentia a vibração de um corpo que se aproximava e afastava, e como no jogo da cabra-cega foi esticando os braços para o tentar apanhar. Uma, duas, três vezes, até que ágil o agarrou pela camisa, rindo.

– Ganhei, ganhei – disse, soltando o lenço.

O rei estava parado à sua frente, pálido e olheirento, mas vivo.

– Não sei o que seria de mim se estivesse morto – constatou, sem rodeios.

– Salvaste-me a vida – reagiu Fernando, e abrindo a mão deixou ver o anel, aquele em forma de cobra, os olhos de diamante. O quinto anel...



Quando regressei a casa da missa, o conde velho estava à minha espera, na mão o testamento do rei. Procurando a luz da janela, que me ajuda a ver melhor, li-o, linha por linha. E nas entrelinhas.

– O rei conta ao mundo que foi vítima da peçonha, não queria esconder o envenenamento?

– Aconselhei-o a que não escondesse nada. Ao nomear estes quatro por este crime hediondo, o maior de todos os pecados, confiscando-lhes terras e bens, condenando-os ao exílio e declarando, em nome de Deus Nosso Senhor, que nunca, em tempo algum, os Castro terão direito ao trono, lança um aviso aos fidalgos e mesteirais de que não vale a pena apoiá-los. E que se o fizerem receberão penas iguais.

Peguei de novo no documento e lá está, preto no branco, «que os súbditos Dom Dinis e Dona Beatriz trataram e conspiraram a nossa morte e o nosso desaparecimento, e a destruição dos nossos reinos, com Diogo Lopes Pacheco», referindo também João Lourenço da Cunha. Mais claro não podia ser.

Espantada, leio também o desprezo com que fala do suposto casamento entre o seu pai e Inês de Castro, e recorro-me daquele dia em Cantanhede em que o senhor D. Pedro nos anunciou que casara com Inês, em dia, ano e lugar incertos, provocando a troça de tantos e a raiva do pequeno Fernando, já sem a avó para o proteger. Talvez tudo isto tivesse começado naquele momento, ou logo depois em Alcobaça, na coroação póstuma que adubou a ambição dos Castro – afinal era o próprio pai que os colocava na linha da frente na corrida pelo trono.

Comento alto:

– D. Fernando pensa como pensava o papa, que nunca legitimou aquele casamento.

O meu marido encolhe os ombros:

– A partir do momento em que a rainha D. Beatriz os reconheceu no seu último testamento,

e aos poucos todos lhes fomos dando o tratamento de infantes, o processo era irreversível.

Não quero acreditar no que me diz e reajo:

– Irreversível? Acabam de ser proscritos, D. Fernando não poupou nas acusações. Diogo Pacheco vai usar este testamento contra o rei, exigindo conhecer as provas. Porque, vamos ser sinceros, que provas objetivas tem o rei contra ele?

Que estupidez, dou por mim a defendê-lo, quantas vezes já o fiz, apesar de saber tão bem de tudo aquilo que é capaz.

O meu marido suspira, cansado:

– Em atenção ao meu cunhado, não forneci ao rei nem metade das provas que recolhi.

Senti uma tontura:

– O envolvimento de Maria Teles confirma-se?

João falou mais baixo:

– Há uma dama da Casa de Maria que tem servido de pombo-correio entre Coimbra e Beatriz de Castro. Sabemos que a infanta recebeu em casa o infante D. Dinis, o teu irmão e João Lourenço da Cunha. E provavelmente D. João de Castro, na altura da famosa caça ao urso, nos montes que fazem fronteira, não lhe terá sido difícil que passasse despercebido.

Tremendo a cabeça aos pés e pergunto uma e outra vez:

– João, estás a dizer-me que Maria Teles e João de Castro quiseram matar o rei? Para quê? Mesmo que Fernando morresse, Leonor Teles seria regente.

E pegando no testamento mostrei-lho, como se não o conhecesse de cor e salteado:

Encolheu os ombros:

– Nem parece teu, tanta ingenuidade. Ponto um, esse testamento só existe porque o rei já sofreu uma tentativa de homicídio, a que sobreviveu. Ponto dois, qual seria a dificuldade de, com o apoio do Trastámara, por um lado, e dos fidalgos que estão contra o rei, contra os Teles, ir repescar a história do adultério de Leonor, pondo em questão a legitimidade do casamento em Leça e obviamente declarando a infanta Beatriz bastarda.

É verdade que todos eles juraram vassalagem a Beatriz, mas as palavras leva-as o vento. Falo com o coração e não com a cabeça. Tento acalmar-me e raciocinar. Pergunto-lhe porque não conta tudo a Leonor, mas reage exasperado:

– Que pergunta, Guiomar, nem parece coisa tua! Sabes perfeitamente o que aconteceria a seguir... e não queremos mais desgostos na família.

Sei perfeitamente o que quer dizer, Leonor não toleraria a traição e o castigo seria pior do que o confisco de terras. E o conde ficaria sem Maria e João de Castro, peças que ainda podem ser importantes no tabuleiro de xadrez. Aos 70 anos, o meu marido ainda não perdeu a agilidade mental e a capacidade de ler o futuro.

Consola-me. Quis saber o que ia então fazer e respondeu-me: «Pregar um puxão de orelhas valente a Maria Teles. Impedir que as dívidas cheguem a tribunal, que a rainha tenha de chegar, de novo, ao extremo de usar a via judicial para se ressarcir do dinheiro emprestado, ficando-lhe com vilas e terras.»

Sacudi a cabeça, preocupada: a ambição destas minhas sobrinhas não parecia conhecer limites.



Já sozinha no quarto, releio com mais atenção a cópia do testamento do rei que o meu marido me deixou. Fernando corta publicamente com os irmãos, mesmo com João de Castro, pese embora não o ter incluído entre os culpados da tentativa de regicídio.

Releio, espantada com a força das palavras do rei: «Dom João, Dom Dinis e Dona Beatriz sua irmã, e mulher que foi do conde Dom Sancho de Castela, não são nossos irmãos legítimos, nem podem, nem devem de direito, nem por costume destes reinos, vir à dita sucessão.»

E segue-se a explicação: porque o rei D. Pedro e D. Inês não foram casados, muito pelo contrário, a fama pública então dava-a apenas como barregã – com todas as letras! – e assim se manteve até à sua morte. E que se o pai disse de outra forma, e outros o repetiram para lhe agradar, foi apenas porque «queria que Dom João, Dom Dinis e Dona Beatriz fossem legítimos, mas não porque assim fosse».

Pouso o documento e as minhas mãos tremem. João, Dinis e Beatriz não lhe vão perdoar que fale assim da mãe, que os destitua do estatuto que receberam do rei D. Pedro.

Tiro o chapéu a Fernando e a Leonor, mas espero que tenham consciência de que este

documento, em lugar de diminuir a probabilidade de um próximo envenenamento, a aumenta exponencialmente.

Batem à porta e um dos meus oficiais pergunta delicadamente se me esqueci de que tenho todas as contas por rever e uma longa fila de feitores para receber antes do pôr do Sol. «Já vou», digo. A roda da fortuna continua a girar...

Santarém, Mosteiro de São Francisco, 2 de maio de 1379

Leonor observou o entusiasmo com que Fernando estudava os esquiços do inglês que contratara para lhe esculpir o túmulo, numa urgência suscitada pelo envenenamento, que o tornara muito consciente de que temos de estar preparados, porque não conhecemos o dia nem a hora da nossa morte.

Tinha conseguido manter o rei escondido quase um ano em Moledo e no paço de Atouguia, o mais longe possível dos olhos da corte, mas era impossível continuar a brincar ao gato e ao rato e tinham começado por Santarém. Pelo túmulo, no panteão do mosteiro, onde um dia repousariam lado a lado, como tinham combinado.

Fernando disfarçava o cansaço, que agora nunca o largava, apoiando-se no banco da capela no coro alto do Mosteiro de São Francisco, mas a rainha constatou, feliz, que pelo menos o tom de voz já recuperara alguma da sua força anterior. A novidade do projeto fazia o resto.

Ao reparar na presença da rainha, acenou-lhe para que se aproximasse.

– Leonor, repara, olha estas extraordinárias criaturas, os homens verdes que o senhor arquiteto convidou para me acompanharem na vida eterna – disse, virando na sua direção o desenho de uma arca tumular magnificamente decorada, onde figuravam umas estranhas criaturas mágicas de barbas longas.

Leonor mordeu o lábio, perplexa:

– São iguais aos que vi num livro de Aisha, que ela herdou de Zulema.

Mas sabia que não era dos livros que conhecia estas criaturas: via-as entre os ramos ou escondidas entre as pedras quando caçava com *Noctua*, as caras das árvores mágicas, dos habitantes das florestas profundas, onde ninguém ia.

Fernando acenou, sem precisar de trocar com ela uma palavra, também ele já os vira, também ele sonhara com os dragões alados e os espíritos que tinham povoado os seus delírios durante a doença.

Apontou para a figura de uma mulher que espregueitava de um dos nichos, e depois outra, e outra:

– Estás aqui, por todo o lado, sempre presente – disse, tocando-lhe suavemente na mão.

Depois, mudando de humor, tirou da mão do artista um desenho, e Leonor sentiu um arrepio:

– Vais imortalizá-lo? – perguntou.

– Vou condená-lo para a eternidade. Quem quer que contemple o meu túmulo, saberá que fui vítima de um físico sem escrúpulos.

– Está nu, apenas com um barrete na cabeça – exclamou Leonor.

– Sentado numa cadeira, despojado de toda a dignidade e com uma corda ao pescoço. Repara – disse, apontando a pedra pesada, que o arrastaria para o inferno, o que era menos do que merecia.

Continuou:

– O barrete não deixa dúvidas. E nas mãos tem o vaso com a peçonha que me deu. Com que me matou.

Leonor repreende-o baixinho, beliscando-lhe o braço:

– Fernando, não morreste. E não vais morrer tão cedo, queres que aqueles que atentaram contra ti tenham essa vitória? Já apanharam o físico? O boticário?

– Desapareceram sem deixar rasto.

Fernando deu-lhe a mão, apertando-a na sua. Tinham demasiados projetos para desistirem deles assim. Mais do que nunca, estava decidido a aliar-se aos ingleses, a aumentar a riqueza do país, a voltar a ver os campos semeados, as searas colhidas, mas estava consciente de que o veneno o incapacitara permanentemente e que precisava de usar de toda a inteligência e argúcia para garantir que seria Leonor Teles a reinar depois dele, como reinara durante todos estes meses, abrindo caminho a que Beatriz um dia reinasse como ela.

– Desta vez, John of Gaunt não nos falhará – sussurrou.

O inglês afastara-se, percebendo que a discussão era íntima, contornando o túmulo de Constança Manuel, observando o trabalho do seu antecessor. Já estivera em Alcobaça, deslumbrado com o túmulo de D. Pedro e Inês de Castro, mas todos lhe tinham recomendado que não os referisse. E que não lhe passasse pela cabeça propor uma decoração igual ou parecida para o deste homem, tão diferente do seu antecessor.

– Já pensou no jacente, Majestade? – perguntou, ao ver que a conversa entre Leonor e Fernando tinha acabado.

O rei já tinha pensado.

– Não quero cometer o pecado da vaidade, imortalizando de forma vaidosa a minha imagem, basta-me um medalhão. Aqui a quem quero prestar homenagem é ao anjo da vida, no frontal, e a São Francisco de Assis, com o seu amor às aves. E a marca do reino que sirvo e do reino de onde venho, as armas de Portugal, do meu pai, e as dos Manuéis, da minha mãe.

Não deixaria ninguém esquecer que era ele que mais direitos tinha ao trono de Castela.



Tintas e pincéis. Beatriz adorava pintar, imitando as iluminuras dos livros de horas da sua mãe, e Aisha desencantava-lhe pigmentos tão raros e estranhos que só podiam ter sido fabricados por um processo alquímico que desconhecia. Nunca vira aquele violeta, nem aquele azul, exceto, claro, nos olhos da sua mãe.

Quando acordara uma manhã e os reis tinham desaparecido, e Aisha e Iria com eles, ficara furiosa. Como é que se atreviam a deixá-la para trás, pouco lhe importava se tinham medo que fosse contagiada pela doença, como lhe garantia a tia Guiomar. Guiomar Pacheco ficara. Primeiro virara-lhe as costas, ou quase, imaginando que também ela lhe viraria as dela, mas a condessa era muito parecida com a rainha: não parecera incomodar-se nada e continuara a falar com ela e a exigir dela, como se nada fosse. O resultado é que se lhe colara como uma lapa e, embora muitas vezes a tia parecesse nem dar por ela, de tempos a tempos sentava-se para conversar e contava-lhe tudo. Como se o facto de só ter seis anos fosse irrelevante.

Por ela ficara a saber que tinham tentado envenenar o pai e o nome dos suspeitos. Ficara a saber que Aisha e um físico mouro o haviam salvado, com a ajuda dos antídotos que a mãe aprendera quando era pouco mais velha do que ela com um frade do Mosteiro de La Santa Espina, onde estava sepultado o senhor de Albuquerque, assassinado pelo mesmo rei que matara o avô Martim Telo.

– E a mim, vão matar-me também? – perguntou.

Guiomar considerou a questão.

– É provável que tentem.

Ela encolhera-se no banco, mas depois chegara-se à frente, desejava de saber como se poderia proteger. Por agora podia estar segura, dissera-lhe a condessa, toda a comida que lhe era servida passava pelo detetor de coral. Quando os pais voltassem, determinariam o que mais queriam que se fizesse.

E um dia Leonor voltara. Acordara uma manhã e vira a mãe no fundo da sua cama, com ar de quem ali estava há muito tempo, a vê-la dormir. À espera de a ver abrir os olhos. Não lhe tinha saltado para os braços, como sentia vontade de fazer, por medo de que a rainha a repreendesse por uma manifestação exagerada de felicidade. Aguardara um bocadinho, e Leonor aproximara-se devagar, como um inseto hipnotizado por uma chama, e abraçara-a ela. Com tanta força como nunca antes sentira, afagando-lhe os cabelos, perdendo-se neles. Se acreditasse que a mãe chorava, diria que o seu rosto estava

molhado, mas deveria ter sido impressão sua.



João de Castro veio procurar-me, tratando-me carinhosamente por tia, sentando-se aos meus pés numa almofada, como se fosse uma criança pequena, as pernas longas cruzadas, o cabelo encaracolado à altura do meu regaço, quase como se esperasse que lhe desse festas. O campeão de todas as justas e torneios, o irrequieto e bebedor, que fala sem pensar, parecia agora um cão de caça, deitado aos pés do dono.

Mas não durou muito.

Quando começou a falar do que o trazia até cá, pôs-se de pé de um salto, andando de um lado para o outro na minha câmara.

– A minha irmã Beatriz está fora de si de raiva. Garante que não teve nada a ver com o envenenamento, se é que houve envenenamento, porque a rainha escondeu o rei nas suas terras durante quase um ano. Beatriz e Dinis, claro, estão convencidos de que tudo isto não passa de uma cabala para lhes confiscarem os bens e de os excluírem da linha de sucessão.

– Não te acusou a ti – frisei, ignorando as alegações de que Fernando não estava doente. – Qualquer pessoa que o conhecesse antes constataria que não era metade do que tinha sido.

Disse-o de chofre porque sei que foi esse o assunto que o trouxe aqui. A resposta dele não me surpreendeu:

– Por enquanto. Mas exclui-me da linha de sucessão e insulta a minha mãe e ignora a vontade do nosso pai. E Leonor Teles não descansará enquanto não me acusar de também estar metido nisto.

Indignei-me:

– Porque é que pões as culpas na rainha? Nas mulheres?

João de Castro não conseguiu resistir a um sorriso:

– Sei como são ardilosas. E as Teles mais do que todas as outras.

Irrito-me:

– Conheces o teu irmão perfeitamente, sabes que é um homem de decisões. Vais culpar Leonor pelas guerras com Castela, quando nem sequer era casada com o rei? Ou achas que é dela o mérito de tudo o que o rei tem feito? Decide-te, se é responsável pelas coisas más, também o será pelas boas!

João de Castro surpreendeu-me:

– Tia, sempre que o conde velho aconselha o rei é a sua voz que oiço.

Agora sou eu que me levanto, impaciente. João de Castro pega-me na mão e beija-a, sedutor:

– Diga-me só isto, tia Guiomar, estou seguro?

Tenho vontade de lhe dizer que se não se quer meter em sarilho deveria, antes de mais, controlar a mulher, financiando os seus gastos, garantindo que resiste ao vício do jogo, onde a pobre procura esquecer as suas infidelidades e o abandono a que a votou. Mas quanto mais preocupado com o seu futuro, mais próximo andarás do rei, bajulando-o, lisonjeando Leonor Teles, procurando escutar atrás das portas, suspeitando de tudo e de todos. Dentro em pouco, desconfiará da própria sombra. E, quando Leonor farejar esta sua fragilidade, quando pressentir que é capaz de tudo por ambição, fará uso dela. Como eu faria no seu lugar.

Pergunto-lhe se Beatriz e Dinis se conformarão e jura-me que não. São filhos de Pedro e Inês, esculpidos na roda da fortuna do túmulo do seu pai em Alcobaça, enquanto Fernando nem lá figura. Como pode alguém esperar que se conformem a viver no exílio, espoliados de tudo por aquela a que se recusaram a reconhecer como rainha?

Cínico, abre-me os olhos e garante:

– Não se zangue comigo, não sou eu que espicaço a sua revolta.

Ambos sabemos que para isso está lá Diogo Lopes Pacheco.

Da janela, vejo João de Castro a montar com aquela agilidade que a todos provoca inveja. Está rodeado dos melhores cavaleiros do reino, que o admiram, mais ainda desde que o rei se eclipsou estes longos meses e pressentiram que não retornaria.

Reparo como também ali está o seu inseparável meio-irmão, João, mestre de Avis. É muito mais baixo e infinitamente menos bonito do que o Castro, mas parece-me mais ponderado. Deve ter pressentido que o observava porque durante uns instantes o seu olhar cruzou-se com

o meu. Afável. Sorrio-lhe e ele corresponde, retirando o chapéu, num sinal de deferência. Não sei decifrá-lo, parece sempre tão tímido, mas já é pai, alinha nos excessos de João de Castro, mas a sua voz é pausada e os seus comentários sensatos.

Sinto atrás de mim a presença de Aisha, que o observa por cima do meu ombro, e quando a encaro percebo que João de Avis ainda nos surpreenderá.

Santarém, maio de 1379

Leonor deu a mão à filha, descendo com ela o caminho até à falcoaria, sentindo com enorme prazer a sua mão na dela, depois de tantos meses separadas. Que estranha coisa eram as saudades, que pareciam doer mais no reencontro do que na distância. Cuidar de Fernando e governar sem que dessem pela sua falta fora de tal forma absorvente que Beatriz quase se havia eclipsado dos seus pensamentos. A tia Guiomar envia-lhe notícias diariamente, claro, sabia exatamente os livros que lia, como ia o bordado, mas só quando a voltara a ver é que se dera conta da falta que lhe fazia. Do vazio enorme que preenchia – a sua única filha, a única que lhe restava, o rosto oval perfeito, os olhos claros e meigos como os de Fernando, a filha do homem que tanto amara. Que tanto amava, corrigiu-se.

– Queres vir dar banho a *Noctua*? – perguntara, e aqui estavam, com um saco de pimenta bem moída e peneirada e uma toalha de linho suave na mão.

O peregrino crocita de alegria ao vê-las, lançando aquele reclamo estridente de que Leonor tanto gostava, abrindo as asas sarapintadas de castanho, o mesmo mesclado de penas que lhe cobria o peito e descia até às patas, que apesar da idade se mantinham de um amarelo-vivo.

– Ainda não sabe que nos preparamos para lhe dar banho. As tuas amas também não te diziam nada até a tina estar cheia e não teres outra saída – disse a rainha.

Beatriz sorriu, divertida. Era tão raro sentir a mãe tão despreocupada que concordaria com tudo o que dissesse, fazendo figas para que a tarde não terminasse.

O falcoeiro já colocara ao sol uma bacia pequena, e mãe e filha ajoelharam-se, encorajando *Noctua* a entrar, deixando que a rainha o salpicasse de água. Só Leonor lhe podia tocar sem medo, constatou Beatriz, cuidadosamente escondendo as mãos no vestido, por medo de uma bicada.

– Beatriz – repreendeu-a a mãe –, tira as mãos do colo e deita-lhe entre as patas este pó de pimenta que trouxemos.

A infanta obedeceu-lhe, recebendo depois a toalha quente das mãos do falcoeiro, e, apesar do receio, enrolou-a em redor da ave.

– Tens de o fazer agora mais duas ou três vezes – disse Leonor, enquanto preparava uma outra taça com água fria e vinho, para lhe limpar os olhos e o nariz. Beatriz suspirou de alívio quando foi a mãe a tratar do assunto, ignorando o bater de asas agitado de *Noctua*.

– Agora vem a melhor parte. Toma este avental e senta-te naquele banco ao sol, com ele ao colo, e com esta faca tira-lhe os piolhos.

– Piolhos? – guinchou desta vez a filha, arrancando uma gargalhada a Leonor.

– Piolhos, sim. Mas se trocares de roupa quando chegares a casa, e pedires a Iria que te veja com cuidado o cabelo, deves conseguir sobreviver!

E, entregando à filha uma luva suave de pele de corço, disse-lhe:

– Foi o teu pai que a mandou fazer para ti.

E ficaram as duas em silêncio. Falar de Fernando era doloroso.

Beatriz disfarçou a aflição concentrando-se a encontrar pontos pretos, saltitantes, entre as penas do peregrino, e Leonor virou-lhe costas e afastou-se, para olhar os campos que maio enchera de flores.

Ontem perguntara a Aisha, sem rodeios, se o rei um dia ainda lhe daria um filho. A moura hesitou, era cedo para saber, haveria fases melhores e outras piores, mas o veneno nunca lhe daria tréguas.

Voltou-se devagarinho, observando *Noctua*, sereno no regaço da sua filha, completamente absorvida na missão que lhe confiara. Beatriz seria rainha. Rainha e aliada, e enquanto assim fosse ninguém se atreveria a roubar-lhes o que lhes pertencia por mérito e direito.



Maria Teles chegou sem aviso. Talvez porque tivesse medo que a irmã lhe mandasse dizer que não viesse agora, que não era oportuno, como já fizera tantas vezes neste último ano.

Foi Mia quem veio trazer o recado, mas Leonor não pousou sequer a pena, limitando-se a mandar dizer-lhe que esperasse. Que esperasse ao lado de tantos outros que aguardavam para tratar de assuntos com a rainha, que passava cada vez mais tempo no *scriptorium*, num esforço de aliviar a carga de Fernando.

Não lhe apetecia ver Maria, antecipando os queixumes. Diziam-lhe que estava amargurada porque o marido a visitava com cada vez menos frequência, que se sentia sozinha e isolada em Coimbra. Depois faria a chantagem do costume, favores que já tinha pago vezes sem conta.

Leonor hesitou por um instante, borrando o pergaminho, e soltou uma interjeição de irritação. Ainda não falara com ela e já Maria fazia estragos.

Estava a ficar perturbada.

Pousou decidida a pena, desceu do banco alto, quanto mais depressa a recebesse, mais depressa a veria pelas costas.

Maria Teles avançou para a irmã com o filho nos braços, e a rainha beijou o sobrinho na testa. Se soubesse o que doía a Leonor a infertilidade, não se teria atrevido a trazer consigo a criança, pensou Iria Gonçalves. A não ser que o propósito fosse mesmo o de pôr o dedo na ferida, foi o que ocorreu a Aisha, lamentando a insensatez da mais velha das Teles.

Teve a certeza de que não se enganava quando Maria Teles murmurou baixinho:

– Mana, não o achas parecido com o teu Álvaro?

Leonor não se dignou a responder-lhe, mas sentiu as palmas das mãos húmidas. Álvaro, aquele que renegara, que negava ter dado à luz, que dizia ser filho de outra.

Maria Teles percebeu que a sua ameaça velada resultara e odiou-se a si mesma: como se tornara nesta pessoa tão cruel, tão parecida com Leonor como duas gotas de água?

A rainha fez sinal à ama do sobrinho para que levasse dali a criança e sugeriu à irmã que se sentassem frente a frente, nos banquinhos de pedra junto da janela, aquecidos pelo sol.

– Como está Fernando? – perguntou Maria Teles.

Leonor mentiu-lhe com todos os seus dentes brancos e perfeitos.

– Nunca esteve melhor – respondeu secamente.

Maria Teles queria saber:

– Sempre foi arsénico?

Leonor dissimulou o espanto.

Maria Teles parecia ser incapaz de se controlar a si mesma, quase como se quisesse ser apanhada, pensou Aisha, que não se afastara muito.

– Já apanharam o mestre Gomes?

A rainha içou as sobancelhas:

– Quem te disse que foi ele?

Maria Teles encolheu os ombros, procurando responder com mais segurança do que aquela que sentia:

– Soube-o por João. Que o físico do rei e o boticário desapareceram no instante em que levaste o rei para Moledo.

Leonor registou e mudou de assunto. Onde estava a irmã que cuidara dela na viagem de Toro para Santarém, a sua confidente e protetora? Não a reconhecia.



Leonor mandou-me chamar e pressionou-me para que lhe dissesse tudo o que sei sobre o papel de Maria Teles no atentado contra Fernando. Estava de cabeça perdida, zangada, como não a vejo desde criança. Não a consegui convencer de que não sabia de nada. Que o conde

velho, seu tio, se soubesse lhe teria dito, teria dito ao rei.

Custou-me enganá-la, nunca o fiz, sobretudo porque não valia a pena, Leonor é demasiado parecida comigo, conseguimos ler nas entrelinhas.

Por fim sentou-se com as mãos pousadas no regaço e começou a falar como se falasse consigo mesma. Sente João de Castro e Maria Teles como uma ameaça, mais ainda desde que têm um varão, enquanto ela só tem Beatriz, a sua adorada Beatriz, mesmo que não esteja no seu temperamento manifestar o seu amor, como algumas outras mães o fazem. Mas que importa o que se diz, o que interessa é o que se faz por aqueles de quem gostamos, e ela está disposta a tudo para impedir que roubem o trono à filha. Não a abandonará, repete uma e outra vez, e pressinto que fala dela como se acusasse Martim e Aldonça de lhe terem falhado, deixando-se matar, morrendo, não importa, o que interessa é que ficou sozinha.

E como pode proteger Beatriz se não tiver poder? Como pode garantir que o reino não caia nas mãos dos Castro se não tiver a força de impedir Diogo Lopes Pacheco de cumprir os seus intentos?

Fala do meu irmão e tem consciência de que nunca fui capaz de cortar com ele. Não se esquece de que matou Inês de Castro e de que a matará a ela se o permitir, não se esquece de que, em menina, o viu entrar em nossa casa no escuro da noite, fugindo à fúria de D. Pedro, e que foi com a minha ajuda que escapou para Castela.

– Não duvido, minha tia, que me serve com lealdade maior – acrescenta, voltando a encarar-me, como quem acorda de um sonho.

E é então que me dá conta do plano que acaba de congeminar.

– Maria Teles procurou hoje chantagear-me com Álvaro – murmurou num fio de voz. Mesmo que espalhe a verdade sob a forma de um rumor, vai desencadear uma nova tempestade contra mim. Agora que as vozes populares se calam e já cavalgo pelas ruas sem me chamarem nomes, nem tenho de suportar as cuspidelas para o chão quando passo, não posso deixar que se levante de novo a dúvida. João Lourenço da Cunha está ansioso por uma nova oportunidade para me denegrir, de me ver apedrejada como uma adúltera, uma prostituta. Não lhe darei essa satisfação.

Cansada, parece-me cansada, mas levanta-se com uma energia renovada, e os seus olhos azuis cintilam como safiras, a Leonor-falcão que conheço tão bem regressou. Voa em círculos procurando o melhor ângulo para se lançar sobre a presa – e não consigo deixar de admirar a criatura em que se tornou. Tem mais de mim do que qualquer um dos meus filhos.

Declara-me, num entusiasmo crescente:

– Tia, tudo o que quero é afastá-los, a ela e a João de Castro, deste reino. Como já fizemos com Beatriz e Dinis, com o seu irmão e aquele que nunca foi meu marido. Vou lançar-lhe um isco, para ver até onde o leva a ambição. Se não o morder, é porque é de confiança, e conformar-me-ei a tê-lo por perto.

E depois cala-se. Não me diz mais e tremo de medo do que possa acontecer.

– Leonor, cuidado, porque o infante é impulsivo. Quando perde a cabeça, não mede as consequências.

A minha sobrinha abre as mãos num gesto de impotência:

– Disso não tenho culpa.

Voltei para casa com o coração pesado e a certeza de que a única coisa que posso fazer é rezar pela paz nesta família, neste reino.

Lisboa, 1 de junho de 1379

O vinho corria das pipas e enchia as canecas dos convidados do rei, que rodopiavam com elas nas mãos, lançando piropos às damas e donzelas, casadas ou solteiras, pouco importava, sabendo de antemão que as casadas reagiam mais depressa à lisonja. Fernando riu quando Leonor lhe disse tudo isto ao ouvido, beijando-o de seguida na boca, como que selando o segredo que lhe acabara de contar.

Celebravam a morte de Enrique de Trastámara, a morte inesperada do usurpador e do homem que invadira Portugal por duas vezes, vencendo ambas as guerras, obrigando-os a assinar tratados humilhantes.

– Lembras-te da sobranceira com que o bastardo te olhou em Santarém? – perguntou a rainha.

Fernando sorriu, mais benevolente:

– Quando olho para trás, envergonho-me também da minha arrogância juvenil. Lembras-te de que saí do barco e me pus a dizer que vinha de lá «muito anricado»?

Leonor sorriu. Recordava-se. Dele e dela em Santarém, tão novos e tão cheios de força, enraivecidos pela traição do almirante Lançarote, que se passara para o lado do inimigo.

– Vais conformar-te a que o filho de Enrique, o segundo de uma dinastia de usurpadores, ocupe o trono que te pertence por direito? – picou-o. – João I de Castela, casado com a primeira das tuas Leonores, Leonor de Aragão, que tu repudiaste.

– E que me ficou com o ouro, mas valeu bem a pena, porque fiquei a ganhar com a troca de Leonor – disse Fernando, bem-disposto.

– A sério, Fernando, não te parece que John of Gaunt vai reagir?

O rei fez uma expressão de troca, franzindo o nariz, que a palidez tornava ainda mais sardento:

– Esperemos bem que sim! Mal soube da morte, mandei regressar as nossas naus que integravam a frota castelhana e fiz chegar a informação a Inglaterra.

Orgulhoso de si próprio, acrescentou:

– O que julgas que João Fernandes de Andeiro anda a fazer por lá?

– A servir o duque de Lancaster e a encher os bolsos com isso – ripostou Leonor.

Fernando sorriu:

– Se nos servir a ambos e for o Lancaster a pagar-lhe o soldo, não tenho nada a opor – disse, fazendo sinal ao criado para que lhe enchesse o copo de vinho.

Leonor tapou o seu com a mão, num gesto instintivo, fazendo sinal ao homem que aguardava uns passos atrás da cadeira do rei, enquanto retilava com Fernando.

– Para que é que empregámos um provador, se depois não cumpres a tua parte? Nestas festas, só podes comer e beber o que ele te servir! O que passou pelo crivo do coral da Rainha Santa e da pedra de bezoar.

A voz de Leonor saiu-lhe num timbre estridente, que não era o seu. A ideia de um novo envenenamento transtornava-a, as imagens do corpo gelado e inerte de Fernando assombravam-na. E tudo se podia repetir, a qualquer momento. Por isso insistira no provador, em novos físicos e boticários, num novo sangrador, investigados e interrogados previamente para eliminar qualquer possibilidade de estarem a mando de Pacheco, dos Trastámara. Diziam-lhe que o novo rei de Castela era muito próximo de Dinis de Castro, fiava-se em Pacheco, e estava ainda mais determinado do que o pai a impedir que Portugal não se aliasse aos ingleses.

Vendo a mulher tão agitada, Fernando deixou que lhe servisse um novo copo, erguendo-o numa saúde à rainha, que todos os presentes acompanharam, sabendo que todos os seus gestos estavam a ser escrutinados por ela.

Não se enganavam. Leonor via tudo. E viu como João de Castro procurou murmurar qualquer coisa ao ouvido do mestre de Avis, que o evitou, inclinando-se instintivamente para o lado oposto, mesmo sabendo que o irmão o acusaria de ser um cobarde.

João de Castro andava assustado, procurava dizer a coisa certa na hora certa, mas hoje já bebera demais e a sua verdadeira natureza voltava à tona, as suas intenções tornavam-se mais claras. Era o momento certo para agir.



A rainha, acompanhada de Mia, saiu para o terreiro da alcáçova, caminhando em direção ao lugar de onde se via o Tejo, a luz da Lua refletida nas coleiras de prata e diamantes dos seus dois cães favoritos, que não lhe largavam os calcanhares. Leonor aconchegou-se na capa e esperou. Ouviu o sino da sé bater as onze horas e comentou com a dama que amanhã desceria para a missa na igreja do Paço de A-par-de São Martinho para ver mais uma vez o relógio que o rei mandara colocar na torre, para espanto das gentes de Lisboa. Os seus inimigos

acusavam-no de se vender aos novos costumes estrangeiros, mas ainda bem que os embaixadores e mercadores de todos os cantos do mundo frequentavam a corte, que os músicos e os trovadores lhes traziam maravilhas nunca vistas.

Sentiu por fim passos e voltando-se fingiu surpresa ao ver o seu irmão João Afonso Telo, acompanhado de João de Castro. O Castro vinha ufano, vencera todas as justas naquela tarde, jogara e ganhara, dançara com as damas e donzelas mais bonitas, sem desprezar as mais fáceis, cantara como um trovador, rodeado pelos seus companheiros adúladores, e sentia-se capaz de tudo. Leonor conhecia-o como a palma das suas mãos.

Os dois homens saudaram a rainha e, como combinado previamente, o seu irmão arranjou um pretexto para se afastar na companhia de Mia, deixando Leonor sem testemunhas, como convinha, na companhia de João.

A rainha apontou os barcos que balouçavam à mareta criada pela nortada que se levantara, aliviando a onda de calor que assolava a cidade.

– Ainda há pouco estava a falar ao rei do Tratado de Santarém, confirmado neste mesmo rio. A primeira vez que o rei viu Enrique de Trastámara, paz à sua alma.

Como esperava, o cunhado aproveitou para se gabar:

– Fui o único que tive a coragem de levar comigo uma adaga.

Leonor abriu as mãos num gesto fingidamente exasperado:

– Que te foi logo apreendida pelo próprio legado papal!

– Mas os castelhanos perceberam que havia pelo menos um filho do rei que não brincava em serviço.

– Perceberam que eras um idiota – reagiu Leonor, tingindo a irritação com uma gargalhada, e o Castro riu com ela, rir de si próprio era uma das suas raras qualidades, mas daria um péssimo rei. O que a trazia aqui era garantir que esse perigo nunca se tornasse realidade.

– Por falar em Tratado de Santarém. Será que, agora que o rei de Castela é D. Juan, deixará o primo casar com Beatriz – comentou, como se falasse sozinha.

João de Castro saltou à questão, como previsto:

– A herdeira do trono de Portugal devia estar proibida de casar com um rei estrangeiro – respondeu, a voz alterada.

Leonor sorriu para dentro, o palerma escorregava na armadilha.

– Fala baixo, João.

E depois, como se a ideia lhe tivesse acabado de ocorrer:

– Concordo contigo, mil vezes um português. Pena já seres casado – acrescentou.

João de Castro precipitou-se:

– Leonor, consideravam casar a infanta Beatriz comigo?

A excitação do cunhado era tão evidente que até metia pena, pensou a rainha, continuando a subir a parada:

– É claro que sim. Se a doença de Fernando se agravar, o que rezo a Deus Nosso Senhor que não aconteça, Beatriz ainda será muito nova...

João de Castro, desprezível, argumentou:

– Maria Teles armou-me uma cilada, o casamento foi em segredo...

– Como o meu e de Fernando, e é esse que considero sagrado.

– Mas o que contou foi a bênção pública em Leça – contestou João de Castro.

Leonor fingiu-se escandalizada:

– Acreditas então que eu ou a minha querida irmã nos deitaríamos com homens com quem não fôssemos casadas? Para mim, como para ela, foi o primeiro que contou... – E atijando-o: – Tal como aconteceu com o senhor D. Pedro e Inês de Castro.

O casamento clandestino e de data incerta a que os Castro se agarravam com unhas e dentes, e que Fernando desclassificara no testamento, classificando-o como uma eventual «troca de palavras» sem significado.

Os olhos de João de Castro faiscaram de raiva:

– Podia descasar-me, como fez a rainha de Portugal – atirou. Insensato como sempre, pensou Leonor.

– Vais pôr em causa uma decisão papal?

Mas depois cometeu um erro. Acrescentou:

– João, tens um filho.

O Castro reagiu antes de pensar:

– Tal como tu. Que abandonaste. E uma mãe que abandona um filho... e enterra outro sem o nome na lápide...

Leonor empalideceu:

– Quem te disse uma infâmia dessas?

– A irmã da rainha, quer fonte mais segura?

Maldita Maria Teles. Traidora. Tinha-lhe jurado, jurado pelo amor aos pais, que nunca, nunca o contaria a ninguém.

Vendo que pela primeira vez na vida conseguira abalar a intocável Leonor, João de Castro não resistiu a prosseguir:

– Ao rapaz, batizaste-o Álvaro, e é criado por uma ama, que afirmas ser a sua verdadeira mãe, mas não é. Já lhe vi os olhos azuis, Majestade. Desse azul como não há outro igual – ironizou. – O meu irmão sabe? – perguntou, avançando um passo em direção à cunhada.

Leonor teve a certeza de que seria capaz de o matar ali mesmo, com as suas próprias mãos. A ele e a Maria Teles, estavam bem um para o outro.

Voltando-se para ele, disparou:

– Ainda bem que não podes ser rei de Portugal.

E, fazendo sinal a Mia para que se lhes juntasse, caminhou em



Nunca vi Leonor tão destroçada, nem mesmo naquele dia, há tantos anos, quando descobriu que João Lourenço da Cunha a tinha conseguido engravidar e que teria de voltar à Beira, deixando para trás o seu amor, a coroa. Ajoelhou-se junto de mim e pousou a cabeça no meu regaço, e chorou lágrimas de tristeza, de raiva, quem consegue separar sentimentos num momento como este? Fiz-lhe festas no cabelo, primeiro a custo, não está na minha natureza o toque, depois com o prazer que chega quando consolamos alguém que amamos.

A traição da irmã tocou-a fundo, muito mais fundo do que imaginei, porque afinal não sei o que esperava, maridos e mulheres partilham segredos, por mais insensato que seja. O crime está em quem os usa a seguir.

Mas Leonor é tão exigente consigo mesma, tão leal àqueles que quer verdadeiramente, que sentiu esta inconfidência de Maria Teles como uma facada nas costas. Como um veneno. As dívidas, as discussões, sempre as tomou como coisas de irmãs, mas isto... «Isto» é abrir-lhe o peito, é deixar à vista a sua ferida mais profunda, abalando os seus alicerces.

«Má mãe» – mil vezes que nos chamem adúlteras, feiticeiras, bruxas.

Debruço-me para lhe beijar o cabelo, consolando-a:

– Álvaro é amado por aquela a quem o entregaste, não lhe falta nada. E a pequenina está com Deus e os anjos, num lugar sem ódios nem guerras, que mais podes desejar? É Beatriz quem precisa de ti, Leonor. E que sorte tens naquela filha que faz de tudo para que te orgulhes dela – disse, acrescentando a sorrir: – Que, além do mais, não te dá um quarto das dores de cabeça que deste à tua mãe, que me deste a mim.

O humor resulta sempre com Leonor. Endireita a cabeça, abraça-me a cintura, e depois senta-se numa das grandes almofadas, as pernas cruzadas, limpando as lágrimas com as costas das mãos, como se tivesse seis anos e não os trinta e três que já fez.

– A semente germinará. Aquele parvalhão vai separar-se de Maria Teles. Dissolver um casamento a furto, que os reis de Portugal não permitiram nem reconheceram, será fácil.

– E o que ganhas tu com isso? – pergunto.

– Salvo Maria Teles. Se deixar de sonhar com tomar o meu lugar, será mais feliz.

Não posso deixar de concordar:

– E quando João te vier pedir para casar com Beatriz? Porque virá!

Leonor deu uma gargalhada:

– Tia, precisa mesmo que lhe dê resposta a essa pergunta? Pense no que lhe diria se estivesse no meu lugar?

Esboço um sorriso. De facto, que pergunta parva, admiti.

Santarém, 3 e 4 de julho de 1379

Aisha insistiu que Leonor subisse à torre para lhe mostrar o céu.

– Agora afinal já lê as estrelas. Não posso olhar da janela? – reagiu Leonor, desejosa de continuar a ler.

O silêncio de Aisha não deixava dúvidas de que não. Da janela não servia.

Leonor seguiu-a, subindo ao adarve, e depois à torre, e não precisou que a moura lhe dissesse nada: Algol brilhava, vermelho, no firmamento.

Em pânico, interrogo-a:

– Alguém vem por mim?

E depois aterrorizada:

– Por Beatriz?

Mas mesmo enquanto pronunciava o nome da filha sabia que não era nenhuma delas.

A estrela do diabo anunciava uma morte violenta, no mesmo palco em que uma espada decepara a cabeça de Inês de Castro. Naquela manhã de terror, o veneno da violência contagiara João de Castro, o menino que assistia ao homicídio da sua mãe.

– Maria Teles – exclamou Leonor.

E, sem esperar por Aisha, desceu as escadas, na vertigem dos degraus estreitos, em lances íngremes, decidida a chegar a tempo, a salvá-la.

O que fizera? Que tempestade desencadeara? A semente germinava e o resultado era terrível.

Era preciso avisar a irmã, avisar o sobrinho, mestre da Ordem de Cristo, que teria os recursos para proteger a mãe. Mas temia que, tal como Zulema, ninguém chegasse a tempo.



Fernando procurava em vão acalmar Lopo Dias, mas nem um rei consegue sossegar um filho confrontado com o corpo esventrado de uma mãe, os peitos desfeitos por uma adaga afiada, o ventre aberto por uma e outra e outra facada, como se o assassino temesse que dentro dele restasse uma gota que fosse do sêmen de outro homem.

Maria Teles fora barbaramente assassinada por João de Castro.

Leonor não se movia, paralisada, os olhos abertos fixos no infinito, a mão na mão de Guiomar Pacheco, e o conde velho mantinha-se de pé com dificuldade, enojado pelas descrições, esforçando-se a todo o custo para não recordar o rosto da sobrinha, a beleza da sua boca perfeita, dos seus olhos doces.

– Mas o que o levou a esta loucura? – perguntou o rei.

– O ciúme – gemeu o sobrinho –, um ciúme desvairado. Ciúme e raiva. Corriam rumores de que a minha mãe o enganava com outro homem.

Guiomar indignou-se:

– De onde veio esse rumor? Onde o ouviu ele?

– Quando me visitou em Tomar, a caminho de Coimbra, achei-o muito alterado. Vinha de uma caçada, de um banquete em Alcanhões, julgo eu, onde escutara uns escudeiros gracejar com a sua honra. Dizendo que, de tanto caçar gamos, acabara com uns chifres como os deles. Houve pancadaria, e quis saber de onde vinham as insinuações, e não sei dizer exatamente o que se passou, porque não estava lá, mas pelos vistos algum cavaleiro em que confiava confirmou-lhe a suspeita.

Guiomar indignou-se:

– Aldrabões. Bêbados e aldrabões, idiotas que não percebem que a difamação é a mais letal das armas. Maria Teles infiel? É uma impossibilidade. Tudo o que ela desejava era que o marido assumisse o casamento celebrado em segredo, que a trouxesse com ele para a corte, que a amasse.

O conde velho fez sinal a Guiomar para que se calasse e perguntou:

– E, ao vê-lo tão alterado, não avisaste a tua mãe?

O jovem entrelaçou as mãos, num gesto de desespero:

– Mandeí naquela mesma noite um mensageiro a Coimbra. A minha mãe estava avisada, houve pelo menos outro aviso, segundo me contou a camareira. Mas não ligou a avisos. Julgou que, mais uma vez, conseguiria aplacar a fúria do meu padasto, há anos que conhece bem os seus ataques de raiva, as suas bebedeiras, mas orgulha-se de ter o poder de as sossegar, e no dia seguinte ele pede-lhe sempre desculpa. Julgou que desta vez não seria diferente.

Guiomar interveio de novo:

– Pobre Maria, aposto que o ciúme a lisonjeou. Viu-o como sinal de que a tinha por sua mulher legítima e que toda a corte pensava o mesmo, reconhecendo-o como homem casado. Imaginou que o ciúme era sintoma do quanto lhe queria. Que desgraçadas são as mulheres, que confundem a vaidade masculina com amor.

E, debruçando-se, sussurrou a Leonor: «O teu aviso chegou, filha, o teu aviso chegou», mas Leonor continuava ausente, como se não

ouvisse nem visse, e Guiomar afagou-lhe a mão gelada.

O conde velho queria saber mais.

– Ninguém da casa a protegeu? Não gritou por ajuda?

– Dois dos cavaleiros da minha mãe tentaram entretê-lo com conversa, no pátio das laranjeiras, mas o diabo do meu padraсто ia para a matar, e planeou tudo. Colocou homens em todas as portas da casa e avançou. Entrou pela antecâmara, tropeçando nos colchões onde dormiam as damas, e vendo que não conseguia abrir a porta do quarto da minha mãe, fechada por dentro, chamou os seus vassallos e mandou que a derribassem com pedras e paus, acabando ele a abri-la aos pontapés. E ela ali estava, à espera dele, convencida de que o moveria por palavras mansas.

Guiomar sentiu a mão gelada de Leonor estremecer.

O rei perguntou:

– E foi então que a matou?

Lopo Dias escondeu a cara nas mãos, gemendo:

– Antes tivesse sido tão rápido. Acusou-a de o ter enganado, ignorando os seus protestos de inocência e o choro do seu próprio filho, que dormia com a ama no quarto ao lado. Dizem-me que a minha mãe recuou até à parede, cobrindo o corpo com a colcha, escondendo a camisa de dormir bordada que vestira à pressa para o receber, julgando apaziguá-lo com os encantos da alcova, mas João de Castro não quis saber. Não quis saber dos seus pedidos de socorro à Virgem Maria e a Nosso Senhor Jesus Cristo, nem ao choro das damas e donzelas. Lançou-se sobre ela como um animal selvagem. Deixou-a no mesmo estado em que um abutre larga a presa quando já nada pode arrancar dela.

– E para onde fugiu, onde está agora? – perguntou Guiomar, indignada.

– Dizem-me que se foi para terras de Bragança, não sei. Pouco me importa, não descansarei enquanto não o apanhar e lhe der morte igual.

E, ajoelhando-se aos pés da rainha, implorou:

– Tia, aquele verme virá seguramente à corte jurar que se limitou a defender a sua honra e terá a lei por ele.

Fernando protestou:

– Já o meu avô mudou essa lei, só será absolvido se conseguir provar que a mulher o enganava.

O sobrinho protestou, zangado:

– Majestade, que dificuldade tem um Castro em subornar uma mão-cheia de testemunhas?

Leonor falou pela primeira vez, num tom de voz distante, como o narrador de uma peça de teatro:

– Dirão que dormia com uns e outros para pagar as dívidas. E ele

virá à corte rojar-se aos nossos pés, arrependido. E, se fosse por ciúme, talvez lhe pudéssemos perdoar. Mas não foi. Matou a irmã da rainha por ambição. Pela ambição mais vil e cruel.

O sobrinho olhou-a, perplexo, assim como Fernando e o conde velho.

– João de Castro assassinou Maria Teles porque quer casar com a infanta D. Beatriz e ser rei de Portugal. Esta é a única verdade que há para contar.

E, voltando-se para o marido, continuou:

– E dirá que fui eu que lhe prometi a mão da nossa filha. Que o levei a tornar-se Algol, a estrela do diabo. E os mesmos que me chamam adúltera e má mãe, que me acusam de ser cruel e vingativa, não só vão fingir acreditar, como repetirão estas falsidades até ao fim dos tempos. «Leonor, a aleivosa», capaz de tudo.

Fernando atravessou a sala ao seu encontro, abraçando-a, sem duvidar de que a ambição do meio-irmão era igual e tão letal como a da ninhada a que pertencia: escorraçaria também este último de Portugal.



Leonor pegou fogo ao bilhete que acabara de chegar, a cara distorcida pela luz da tocha que segurava na mão. Como se atrevia João de Castro a escrever-lhe, anunciando-lhe, com uma candura diabólica, que agora estava disponível para casar com Beatriz.

Matara Maria Teles a sangue-frio, unicamente para chegar ao trono. Revelava o jogo, sem escrúpulos. Nem inteligência.

Era possível que acreditasse que alguma vez lhe concederia a mão da sua querida Beatriz? Que faria dele rei de Portugal, submetendo-se-lhe?

Colocou a tocha no gancho da parede e sentou-se na penumbra da câmara, desconsolada. Por muito que procurasse fugir à responsabilidade, tinha o sangue da irmã nas mãos. E como a sua morte lhe pesava na consciência.

Sentiu a presença de Aisha, ajoelhada atrás de si.

– Será que a minha mãe me perdoa? – disse, procurando a absolvição.

Mas Aisha não lha deu.



Cubro-me de panos de dó e aceito o braço do meu sobrinho Gonçalo, que me conduz até junto do caixão de Maria Teles, por entre os uivos e os choros das suas damas, que abafam até os das carpideiras que se juntam nestes momentos, esperando receber uma moeda a troco dos seus lamentos.

As ruas estão cheias de gente, gente zangada, incapaz de entender como o encantador João

de Castro, o infante mais amado, aquele que desejavam ver no lugar de Fernando, tinha sido capaz de tamanha loucura.

«E porque a veio matar a Coimbra, onde foi morta a sua mãe?», oiço a duas lavadeiras, a trouxa de roupa à cabeça a caminho do rio, sem vagar para mais do que comentar o sucedido. Também não sei a resposta. Como é que uma vítima repete o crime, como é que um órfão de mãe oferece ao filho a mesma orfandade?

Inspiro fundo e sei que Leonor ganhou esta batalha. Fernando e Beatriz estão seguros, pelo menos por agora.

V PARTE

(1380-1383)

EM LUTA CONTRA O TEMPO

Uma vez perguntei a uma ave:
«Como consegues voar nesta escuridão?»
E ela respondeu: «O amor sustém-me.»

Hafiz

Estremoz, 5 de julho de 1380

Com *Noctua* na luva, Leonor inspirou o ar fresco da madrugada, que durante umas escassas horas aliviava o calor do verão alentejano, enganando os pássaros, que chilreavam como se quisessem pôr a conversa em dia, distraindo os coelhos que saíam das tocas, esquecidos de que as aves de rapina não dormiam. Era a melhor hora para caçar. O encarnado e o laranja na linha do horizonte fundiam-se numa cor a que não sabia dar nome e que ia clareando à medida que o Sol subia, como promessa renovada de mais um dia de vida. Pelo menos, mais um dia. «Bendito seja o Senhor», murmurou. Desde a morte da irmã, era assim que vivia, de dia para dia, procurando encurtar as noites, para fugir aos pesadelos.

O falcão-peregrino subitamente agitou-se e Leonor repreendeu-o:

– És um palerma, ao fim destes anos não reconheces o rei?

Esporeou o cavalo e foi ao encontro de Fernando, que, para seu espanto, trazia um arco longo como o dos ingleses.

– Vais caçar com um *longbow*? – perguntou Leonor, divertida.

– Preparo-me – disse, piscando-lhe o olho.

Há semanas que não falavam de outra coisa, ela procurando dissuadi-lo, para ser franca, ele encontrando num novo plano de aliança com a Inglaterra o alento para recuperar do atentado contra a sua vida – da maldita peçonha que o deixara permanentemente doente. A vingança tem o condão de fazer esquecer tudo o resto, focando-nos numa miragem de alívio que, infelizmente, depois nunca chega.

Maria Teles estava morta, e até hoje não conseguira que Guiomar Pacheco lhe contasse tudo sobre o envolvimento da irmã no atentado e, depois da sua morte brutal, não voltara a perguntar. Fosse qual fosse, pagara-o caro, mais caro do que Pacheco e os Castro. Fernando leu-lhe os pensamentos:

– É urgente esta guerra contra Juan de Castela, que sem vergonha protege Pacheco, Lourenço da Cunha e os Castro, gente que me quis matar, que me quer matar, e tem o desplante de encher de privilégios o assassino da tua irmã!

Aproximando a sua montada da dela, segredou:

– Andeiro já desembarcou no Porto, mandei-o vir para Estremoz.

Finalmente. Finalmente, João Fernandes de Andeiro chegava a Portugal com mandato secreto para negociar com os reis de Portugal, em nome de John of Gaunt.

– Ninguém pode saber que cá está – exclamou a rainha.

Esta aproximação a Inglaterra era uma violação escandalosa do Tratado de Santarém, do compromisso de casamento de Beatriz, desta vez com o filho de D. Juan, uma criança de berço, que ela própria acabara de solenemente confirmar. O jogo duplo não podia transpirar.

– Ninguém dará por ele. Viaja com uma pequena escolta, sem aparato – assegurou.

Leonor riu-se. Não via João Fernandes há muito tempo, mas o Andeiro que conhecia, e que seria agora um homem de meia-idade, era tudo menos discreto, com aquele gosto dos novos-ricos de se cobrir de panos finos e joias, sapatos da última moda.

– Discreto, Fernando! Depois destes anos na corte de John of Gaunt, a mais rica e pomposa do mundo? O Palácio Savoy, em Londres, é um reino dentro de um reino, com mais de mil criados trajados com as cores da Casa de Lancaster, e dizes-me que ele vem como um modesto viajante?

O rei sorriu, animado:

– Queres uma aposta em como ninguém dá por ele? – E, soltando uma gargalhada, acrescentou: – Se o mestre de Andeiro aparecer com uma rosa vermelha bordada no capote, dou-te um gerifalte.

Leonor sorriu-lhe:

– Queres ofender *Noctua*? Olha como virou a cabeça, magoado. Falando a sério, Fernando, confias na gente que está connosco em Estremoz? Não darão com a língua nos dentes?

O rei negou:

– Confio nos meus privados. Tenho tudo pensado. João Fernandes recebeu instruções para chegar em dia de feira, em que a confusão é tal que ninguém repara em nada. Subirá ao paço e um dos meus leva-o para a torre, escondendo-o na câmara acima da nossa.

– Onde dormimos a sesta?

– Essa mesma. Quando nos trouxermos a ceia, deixaremos parte para ele, sem permitir que se saiba que há ali mais alguém. Depois penso num estratagema para que saia de cá sem ser apanhado, sem que o tratado caia nas mãos erradas. Quero ser eu a iniciar a guerra com Castela e não o contrário.

Leonor não parecia tão confiante:

– Fernando, há demasiada gente em Portugal que não estará a favor de uma terceira guerra. Gente que se lembra da última, do cerco a Lisboa, e a quem o Tratado de Santarém tem garantido a paz e alguma prosperidade.

O marido sentiu-se atingido:

– Leonor, e de onde vem a riqueza? Do comércio com os ingleses, que terminará se Juan de Castela avançar com a aliança aos franceses. Se não ajudarmos a Inglaterra, fazemos dela nossa inimiga, e isso seria ruinoso para todos. Quando não houver quem nos compre o vinho e faltar a matéria-prima para as oficinas dos mesteiros, teremos mais revoltas de norte a sul. Porque quando não há pão...

Leonor completou a frase:

– Quando não há pão, espalha-se mais um rumor a respeito da rainha. É a «aleivosa» que está feita com os ingleses, que quer dormir com algum capitão...

Fernando, perturbado, levou o cavalo a um trote que se transformou num galope. Malditos que lhe tinham roubado a vitalidade, a força, diminuindo-o aos olhos da mulher que tanto amava. Leonor nunca se queixaria, mas percebia a pena que sentia por ele quando o via ofegante ao quarto lance de escadas, entendia a impaciência quando se deixava cair na cama ao seu lado, sem ter chegado ao fim...

Desiludira-a, incapaz de engravidar, de conseguir o varão que garantiria que, se a morte o surpreendesse em breve, e surpreenderia, ela e Beatriz ficariam protegidas. Era por isso, também por isso, que não podia cruzar os braços. Mais do que nunca tinha de ser rei, capaz de conspirar, de planejar, de avançar para a guerra, sem medo, confiante.

OuvIU os cascos da montada de Leonor, que o alcançara, e seguiram assim a par e passo, procurando que nenhum avançasse mais do que o outro, num exercício que só os mais exímios conseguiam. Até que Leonor puxou as rédeas, inclinando-se para encostar a cara ao pescoço do cavalo, olhando Fernando, momentaneamente feliz.

– Ainda tenho muito que aprender para te chegar aos calcanhares – disse, generosa.

Mas o rei sabia que não era verdade.



Levanto-me muito cedo, muito antes da hora da missa, e caminho até ao grande teixo, a árvore mais velha e mais bonita deste bosque. Está aqui desde que me lembro de mim, e a única pessoa que me deixava aproximar-me dela era Álvaro Gonçalves Pereira, que me explicava que as coisas só são perigosas se não as conhecermos, se não descobrirmos o propósito com que Deus as criou.

– Guiomar, sente o tronco – dizia-me, encorajando-me a abrir as mãos e a colocá-las sobre a madeira, sentindo-lhe os veios, que cediam sob a pressão dos meus dedos.

Explicava-me:

– É simultaneamente forte e flexível. Usamo-la para fazer arcos, porque se dobra sem partir, mas também para fazer setas, que saem firme e diretamente ao coração do inimigo, sem uma hesitação.

Quando lhe perguntava se podia comer as bagas vermelhas, explicava que não eram bagas, mas arilos que escondiam as sementes, e dava uma gargalhada:

– É a primeira lição de vida que podes aprender com o teixo: o perigo mortal não está onde parece. Por instinto, fugimos das bagas, mas não é a parte mais vistosa que te vai matar, essa

só serve de isco. A sentença fatal está nas folhas que nunca caem, nesses firmamentos verdes e nos arilos castanhos e secos, que parecem já não fazer mal a ninguém.

De mãos atrás das costas, assustada, perguntei:

– Mas mata como?

Fixei o ar interessado com que me olhava e corei porque sentia sempre que o prior do Hospital, tão poderoso como o meu pai de sangue, me via à transparência e sabia que os meus pensamentos eram bem mais negros, mais ousados, mais ambiciosos do que aquilo que deixavam transparecer. Respeitava-me, conhecia a força da minha mãe e acreditava que não lhe ficaria atrás. Uma filha de Maria de Villalobos não se contentaria a rezar as horas e a bordar camisas para os pobres.

Fosse como fosse, nunca fugia a uma pergunta. E esta não era exceção:

– Paralisa o coração, e quando o coração deixa de bater... A vítima sente primeiro a boca seca, depois dores de barriga, tonturas e desmaios, e por fim deixa de respirar.

Estou a ver-me, ali com ele, virando-me para cima porque era muito mais alto do que eu, tentando certificar-me de que me dizia a verdade. E a atrever-me:

– Já o usou alguma vez contra os seus inimigos?

Riu-se de novo, misterioso:

– Os venenos são coisas de mulheres, que não se podem defender pela espada.

Mas enquanto dizia isto tirou de dentro da camisa um pequeno amuleto de madeira e, passando o fio de couro que o prendia ao pescoço, colocou-o em redor do meu:

– Que a força e a flexibilidade do teixo fiquem sempre contigo, protegendo o teu corpo e o teu espírito, e nunca te esqueças de que não é o poder que nos corrompe, mas a forma como o usamos.

Sinto frio, apesar de estarmos em julho, e aperto na mão o presente que há tantos anos me deu, sentindo as lágrimas correrem-me pela cara. A notícia chegou ontem: Álvaro Gonçalves Pereira, o grande mestre da Ordem do Hospital, acabou de morrer, na Amieira do Tejo, aos 79 anos. A esta hora, o corpo já terá sido trasladado para o mosteiro que fundou na Flor da Rosa, acompanhado por nove filhos e nove filhas. Falto lá eu.

Regresso a casa sem pressa.

Torre das Três Coroas, Estremoz, 10 a 15 de julho de 1380

Descalça, a rainha pisou as lajes que cobriam o chão do quarto onde ela e o rei passavam as horas mais quentes do dia, saboreando a frescura da pedra fria.

– Bendita Torre das Três Coroas e benditos os reis que a mandaram construir – disse Leonor, sentando-se ao lado de Fernando, frente a uma mesa apinhada de pergaminhos. João Fernandes de Andeiro chegara ontem, como previsto, e um dos homens do rei levava-o aos seus aposentos secretos, sem que ninguém desse pelo novo convidado desta corte.

– Tudo tem de ficar decidido em dias, sob risco de sermos descobertos – disse Fernando, enquanto rabiscava mais uma nota na lista que ia longa.

– Já o viste? – perguntou a rainha, acrescentando: – Ganhei ou perdi a aposta?

– Ganhaste, evidentemente, ganhas sempre.

Leonor sentou-se na borda da cama, levantando as mãos em sinal de vitória:

– A sério, tinha a rosa dos Lancaster bordada no capote?

O rei riu-se:

– Diz-me o meu privado que a viu na camisa, escondida pela capa.

Leonor sorriu:

– Estás a deixar-me ganhar... como sempre. Se não estava à vista, não conta, e assim...

La dizer «não vale», mas foi interrompida pela chegada de João Fernandes, que se inclinou numa vénia, avançando para lhe beijar a mão com uma segurança quase intimidante.

– Senhora D. Leonor, que bom é reencontrar a rainha mais bonita e inteligente que conheço.

Leonor respondeu com fingido acinte ao atrevido emissário:

– Mestre de Andeiro, essa lisonja é demasiado fácil, para um homem conhecido pela ousadia dos seus galanteios. A rainha mais inteligente que conhece? A concorrência é inexistente: a Inglaterra não tem rainha, porque o jovem rei Richard ainda não casou, e a senhora D. Constanza não terá trono sem a minha colaboração!

Corrigiu-se:

– Sem a nossa colaboração.

O rosto bem-parecido do galego iluminou-se de novo, registrando o lapso, e beijando agora a mão ao rei confirmou:

– Sei-o bem e é para isso que aqui estou.

Leonor reparou que o embaixador disfarçava o choque perante a visão do rosto magro e envelhecido do rei de Portugal. Sabia do envenenamento, não podia deixar de saber, e que fora severamente afetado pela peçonha, mas uma coisa era ouvir dizer, outra bem diferente era ver com os nossos próprios olhos.

Andeiro já agradecia o convite do rei para que se sentasse, encavalitando-se agilmente num banco alto – como se estivesse numa taberna com uma caneca à frente, pensou Leonor. Não parecia nada os quarenta e muitos anos que deveria ter, nem um cabelo branco (será que os pintava?), o corpo magro e musculado, e os dentes impecavelmente brancos, sem uma falta que fosse. Era impossível não admirar a elegância da camisa, a gola dobrava sobre si mesma, apertada por um cinto largo, tingido de um azul forte que só poderia vir da Flandres.

A rainha reparou que, de tão distraída que estava a observar o recém-chegado, nem sequer escutara a pergunta do rei. Nem parecia coisa sua, repreendeu-se, concentrando-se na negociação e esquecendo os trapos bonitos do senhor de Andeiro. Que estupidez, conhecia-o desde os seus 20 anos, estivera com ele em Tagilde, estava farta de saber que era um artista na arte da sedução, por que raio se deixava agora encantar por esta criatura vaidosa, um fura-vidas que trepara para um lugar que não lhe pertencia.

Concentrou-se na revisão do tratado, envolvendo-se na discussão:

– Casar a infanta D. Beatriz com o filho do conde de Cambridge, desfazendo o contrato com o infante de Castela – disse alto. – Que idade tem o príncipe Edward?

– Cinco anos, menos dois anos do que a infanta D. Beatriz – responderam o rei e Andeiro, em simultâneo.

– Mas seria o conde de Cambridge a assumir a regência até à maioridade de Beatriz – recordou Fernando.

Evitando olhar para o marido, Leonor reagiu:

– É preciso que fique claro que essas condições só vigorarão se os reis de Portugal não tiverem, entretanto, um filho varão.

O rei manteve-se em silêncio, mas João Fernandes de Andeiro abriu as mãos num gesto que deixava claro que isso era óbvio para todos. Mentia, não era óbvio para ninguém, porque, se a rainha aos 34 anos estava visivelmente bem, a saúde do rei levantava dúvidas, mas não seria ele a levantá-las, pensou.

O mestre de Andeiro era casado e pai de quatro raparigas e apenas

de um rapaz. Leonor recordava-se de que o próprio lho tinha dito, não devia ver a mulher há quase dez anos, pensou com um estranho alívio que a surpreendeu, que lhe importava a vida matrimonial de João Fernandes? As coisas que lhe passavam pela cabeça. Concentrou-se na discussão. Importava-lhe saber se seria o próprio conde de Cambridge – o irmão mais novo de John of Gaunt – a comandar as tropas inglesas em Portugal.

Andeiro confirmou:

– Trará com ele grandes cavaleiros, que já venceram muitas batalhas. E eu próprio comandarei homens de armas e arqueiros.

Fernando mostrou-se entusiasmado, fascinava-o falar de estratégia militar com o mestre de Andeiro. Leonor perguntava:

– O senhor Edmund of Langley vem acompanhado da mulher, a infanta D. Isabel? E do filho?

Seguramente que sim. Era importante que os esponsais se realizassem o mais depressa possível, presencialmente. Publicamente.

A rainha trocou um olhar com Fernando: vinha aí a filha mais nova de Pedro, *o Cruel*, e de María de Padilla, aquela que tinha sido escorraçada com a família para a Galiza, filha do homem que lhe matara o seu pai.

– Espero que a infanta D. Isabel não me tenha um ódio de estimação – disse Fernando.

– Era uma criança e sabe melhor do que ninguém que, na política dos reinos, não podemos ser regidos pelo coração – assegurou o emissário inglês.

– Diga-lhe, da nossa parte, que a receberemos com toda a alegria, a ela e aos filhos. A infanta D. Beatriz ficará encantada por crescer junto do marido, que chegando tão novo a Portugal se habituará desde cedo à nossa língua e aos nossos usos e costumes – acrescentou rapidamente Leonor.

Impaciente, a rainha pegou no tratado pousado em cima da mesa.

– E agora vamos rever cada cláusula que o senhor duque de Lancaster não cumpriu, fazendo-nos perder a guerra e obrigando-nos a assinar um acordo humilhante em Santarém.

O mestre de Andeiro fingiu tossir, com descarado atrevimento:

– Vossa Majestade recordar-se-á de que fui uma das grandes vítimas, obrigado ao exílio. Para não falar do senhor D. Fernán Ruiz de Castro, que morreu de desgosto no exílio em Baiona, o mais leal dos senhores.

Fernando procurou colocar água na fervura. Recordava-se bem demais da cara de espanto e de raiva de Fernán de Castro quando o obrigara a deixar o castelo de Ourém, onde se refugiara. E não podia desvalorizar o facto de o próprio John of Gaunt lhe ter feito o favor de esquecer como as galés portuguesas tinham integrado a frota castelhana que atacara a Inglaterra, violando o Tratado de Tagilde.

Pôs-se de pé e recordou:

– É verdade que as tropas inglesas não chegaram com a celeridade que se esperava...

Esperava pôr um ponto final nesta discussão, mas Leonor, nem ela entendia bem porquê, não queria deixar de discutir com Andeiro.

– Senhor, «a celeridade que se esperava»? Não chegaram, ponto!

Andeiro respondeu num tom mavioso mas firme:

– Senhora, o duque lamenta que os franceses o tenham impedido de acorrer à velocidade que o tratado impunha.

Leonor fixou-o:

– Quem nos garante que o fará agora? O que mudou?

O galego aceitou a provocação, animado pelo prazer de discutir com esta mulher brilhante.

– Muita coisa, senhora D. Leonor. Primeiro, D. Juan de Castela, filho do usurpador, é um jovem inexperiente, que não consegue manter unidos sequer os «grandes de Castela». – Acentuou a ironia com que falava dos novos nobres que Enrique de Trastámara criara para premiar aqueles que tinham aceitado trair o rei legítimo. E continuou, a voz animada e enérgica, que facilmente levava a confundir desejos com realidades: – O plano é infalível: o senhor duque de Lancaster entrará pela região de Burgos à cabeça de um grande exército, enquanto o senhor D. Fernando, aliado ao conde de Cambridge, avançará a partir de Portugal, repetindo o sucesso de Nájera.

Leonor troçou:

– O senhor João Fernandes de Andeiro merecia um púlpito numa igreja. Fala constantemente nos arqueiros ingleses, sabendo que o rei de Portugal admira os mágicos *longbows*, fala em Nájera porque foi uma retumbante vitória, mas nem uma palavra do falhanço da mais recente incursão do duque, que não passou de Navarra.

Fernando seguia a troca de argumentos com o mesmo interesse com que assistia a um torneio ou a uma justa, deliciando-se por os ver em «combate». Para Andeiro tornava-se claro que era à rainha, mais do que ao rei, que devia impressionar e convencer, constatando que o poder de D. Leonor crescera muito desde a última vez que estivera em Portugal. Era o preço que cobrava por ter salvado a vida ao rei, o lugar que merecia por ter governado exemplarmente durante a sua doença, impedindo os Castro de ganharem terreno. Seria verdade que planeara a morte da própria irmã, lançando uma armadilha ao cunhado, para assim correr com o último Castro do reino? Bem capaz disso parecia.

Leonor atacava-o de novo:

– Rende-se?

O mestre sorriu:

– Esta foi só a primeira ronda, senhora D. Leonor. Preciso de água

para refrescar a garganta, porque argumentar com quem esgrime as palavras com tanta mestria é pedir muito a um pobre galego.

Andeiro olhava-a diretamente enquanto falava, e o que Leonor via nos seus olhos era genuína admiração, que sentiu como um elogio, como uma carícia. E corou. Crescera a ouvir os homens gabarem-lhe a beleza, a cor dos olhos, o peito farto ou as ancas de sereia, mas quando lhe diziam que era esperta, rápida, inteligente, o que pretendiam sempre insinuar é que era ardilosa, fria, masculina, mesquinha. Bruxa. Mas João Fernandes não. O mestre de Andeiro respeitava a sua argúcia. Tal como Fernando sempre fizera. Mas Fernando era único e tinha a consciência dolorosa de que o perdia a cada dia.

Subitamente, as lágrimas encheram-lhe os olhos, numa angústia sem nome, e enraivecida com a sua própria fragilidade virou costas e saiu do quarto.

Fernando ficou a vê-la partir, um nó a apertar-lhe a garganta. Também ele sabia do que Leonor fugia.

No dia seguinte, e no dia a seguir a esse, e no outro, Leonor negociou com João Fernandes de Andeiro. E houve alturas em que o rei, cansado de os ouvir, os deixou sozinhos naquele quarto fresco, de paredes grossas, as cortinas da cama de dossel a esvoaçarem com a corrente de ar da porta que fechava atrás de si, imaginando tudo o que podia acontecer sob o dossel de couro pintado com cornucópias e estrelas, zangado consigo mesmo por se deixar levar por aquelas fantasias, surpreendido por intimamente desejar que o milagre acontecesse. O único que poderia garantir o futuro das duas mulheres que mais amava, Leonor e Beatriz.

Estremoz, agosto de 1380

A rainha ordenou que a deixassem sozinha. Sozinha com Aisha, que lhe preparava um banho, entoando um encantamento com a sua voz grave e melodiosa, enquanto juntava à água tépida ervas com um perfume que Leonor procurava identificar. Também não perguntou para que serviam, tudo o que desejava era mergulhar na água e fechar os olhos, deixando-se tomar lentamente pelo sono. E pelos sonhos.

Andeiro partira hoje, discretamente como chegara, de novo em dia de feira, misturando-se com a multidão. Mas nada era igual, pensou, submergindo a cabeça e sustendo a respiração, testando-se. Não, não queria morrer, sentia-se viva, tão viva que quase a assustava, acordado o desejo, que julgava ter desaparecido para sempre.

Retirou a cabeça da água, enchendo ruidosamente os pulmões de ar, o cabelo molhado lançado para trás, como a crina de um cavalo, encostando as costas ao encosto de madeira, dobrando as pernas longas.

Aisha observava-a, e à luz das velas aquela figura de túnica e turbante branco não parecia deste mundo.

– Estás preocupada comigo? – quis saber Leonor.

– Agora já não – respondeu a moura, lacónica.

Leonor riu, descarada, feliz. Talvez pela primeira vez desde o assassinio da irmã.

– As más-línguas já falam?

Aisha acenou que sim, com um gesto vagaroso.

– Que me importa? Falam sempre, quer haja ou não fogo, que diferença faz.

É claro que falavam. Por muito escondida que tivesse sido a vida na torre, havia sempre alguém para reparar que a rainha e um homem permaneciam juntos numa câmara, sem a presença de damas e donzelas, de escrivães e privados. Sem o rei.

– Não se passou nada, Aisha, juro-te. Conversámos e negociámos, nada mais, e o Tratado de Estremoz está pronto, selado e, a esta hora, a caminho de Inglaterra.

Aisha sentou-se num banco, desfiando espigas de alfavema para um cesto, enquanto a escutava.

– Mulher, como odeio os teus silêncios! Levam-me sempre a contar-

te muito mais do que queria, do que aquilo que era necessário. Se fizesses perguntas, nada te diria, mas assim... Não se passou nada, nada que importe aos demais ou mereça ser contado a um confessor, mas o homem fez-me sentir viva. Vista. Quando a sua mão roçava na minha, suavemente, a pretexto de me oferecer a pena ou passar o tinteiro, estremecia por dentro, e, Aisha, também me inclinei sobre ele com o pretexto de lhe ajustar o chapéu. Mas eram as palavras, Aisha, as palavras que trocávamos que nos incendiavam, o galanteio, quase ridículo naquela língua de trapos que fala, misturando o galego com o português, salpicado com termos ingleses. E como escutei avidamente as histórias de coisas que não conheço e nunca vi, cheias de encanto e de surpresa. Aisha, brinco com o fogo, sei que sim, e quem é um mercador da Corunha para ter a audácia de se atrever a olhar para a rainha? Mas olha, e de que maneira, com um descaramento que me desarma.

Aisha continua em silêncio e Leonor continuou:

– Aisha, tenta entender, a inteligência do homem é fulgurante, argumenta como um conselheiro experiente, um lente de Coimbra, mas, simultaneamente, é um cavaleiro da Távola Redonda, a mão lesta para a espada, viste como hoje de manhã saltou para a sela? Claro que viste, mas tens medo por mim... Mas, Aisha, seria a cabeça dele a rolar primeiro.

E, como se tivesse finalmente entendido tudo, exclamou:

– Aisha, é isso. É o homem mais sem medo que já conheci.

Subitamente recordou-se do pai, de Martim Telo, com os seus caracóis indomáveis, que se atrevera a ser amante de uma rainha e a deixar que todos o soubessem; Martim Telo que atravessara a ponte do castelo de Toro e não desviara o olhar do inesperado assassino.

Guardaria a memória destes últimos dias que lhe tinham devolvido uma alegria que nem dera por ter perdido. Sim, que as coscuvilheiras falassem, porque era apenas a inveja, sempre a inveja, que as movia.

Pôs-se de pé e, recusando a toalha que a moura lhe oferecia, foi despida até junto da janela, deixando que a aragem quente lhe secasse o corpo. Andeiro recordara-lhe que era mulher.



Fernando beijou-lhe o topo da cabeça, afetuosamente, sentando-se à sua frente e tomando-lhe as mãos, para lhe contar as últimas novidades. Como combinado, João Fernandes de Andeiro deixar-se-ia ver em Leiria, como se tivesse acabado de chegar e ali procurasse o rei. Ordenara à sua guarda de confiança que o prendessem com grande alarido por ordem de Sua Majestade, fiel ao Tratado de Santarém, que ignoraria todos os seus protestos, recusando os pedidos

de que o recebesse. Depois de uns dias numa cela, ordenaria que o levassem, aparatosamente guardado, até ao Porto, onde se assegurariam de que embarcava de regresso a Inglaterra.

– Seremos capazes de enganar todos os espiões de Diogo Lopes Pacheco? – perguntou a rainha.

Fernando confiava na habilidade de Andeiro para representar o papel. E no privado a quem encarregara de fazer executar o plano e de pôr a correr a notícia do sucedido.

Inspirando fundo, Leonor constatou que o galego os rejuvenescera a ambos. Também Fernando parecia outro, contagiado pelas certezas e maravilhas que Andeiro lhe prometera. No fundo, pensou com um sorriso misterioso, ambos tinham comprado os sonhos que lhes vendera.



A espalhafatosa prisão de João Fernandes de Andeiro não enganou ninguém, e a esta hora já chegou ao conhecimento do meu irmão e de Juan de Castela, evidentemente.

O conde regressa de Leiria, onde visitou o aventureiro galego, trazendo consigo um saco de veludo escuro, que me desperta logo a atenção.

Pousa a encomenda na arca e encolhe os ombros:

– Pediu-me o favor de o entregar à rainha, certamente em agradecimento pelo acolhimento em Estremoz.

Torço o nariz, curiosa.

– É grande o atrevimento – comento.

O conde velho reage, impaciente:

– Mulheres. Como é que alguém como tu desce de um instante para o outro ao nível da mais vulgar coscuvilha?

Dou uma gargalhada:

– Porque eu própria me deixaria encantar por João Fernandes, que da última vez que estive com ele ainda não frequentara durante anos a fio a corte devassa do duque de Lancaster, que vive alegremente com a amante, a quem continua a fazer bastardos, pouco incomodado com a «rainha» Constanza, que tão esforçadamente quer pôr no trono. Talvez não cumpra a promessa de invadir Castela por culpa dessa Katherine Swynford, que me dizem ser uma mulher extraordinária, ruiva como a nossa Leonor.

O meu marido fingiu implorar-me que me calasse, tinha assuntos mais importantes a preocupá-lo. Fica claro que, contra os seus conselhos, Fernando se move em dois tabuleiros, se é que alguma vez deixou de ser assim, e a peça-chave é a pequenina infanta Beatriz, como não podia deixar de ser – vão casá-la de novo, quantas vezes casou? Já lhe perdi a conta, mas sempre com crianças da sua idade, como convém à minha sobrinha, que quer ser regente por muito e bom tempo. E faz bem, desde que não ponha o pé em ramo verde, porque a ambição é uma corda em que é fácil enforcarmo-nos, se não tivermos muita cautela.

– Para quando a guerra? – pergunto, e ele suspira, cansado, tem quase 70 anos. Reparo que delega cada vez mais nos nossos sobrinhos, no almirante João, que está certamente desejoso de provar a excelência da sua armada, e em Gonçalo, que sempre foi o irmão favorito da rainha.

– Mas antes da guerra ainda tem de ser feita justiça.

O ajuste de contas. Sei imediatamente ao que se refere. Os irmãos e o filho de Maria Teles não terão descanso até apanharem João de Castro, vingando a morte da pobre inocente. Refugia-se no Norte do reino, talvez esteja já junto da irmã, em Castela, dizem que ficou muito melancólico e arrependido, mas ninguém quer saber das suas dores e desculpas.

– Se não o matam, virá contra o rei, com a força e o destemor que o senhor D. Fernando já não tem – lamenta o conde velho.

– Mas o homem que matou uma Teles nunca poderá ser rei – reajo, zangada.

Não, o sonho do trono foi enterrado com Maria.
Pobre Maria Teles, até na morte serviu a irmã.

Santarém, maio de 1381

Guiomar Pacheco conseguira finalmente reunir os filhos e os sobrinhos à mesma mesa, o lugar de Maria Teles dolorosamente vazio.

– Leonor, não há forma de convencer o rei a desistir da guerra? – perguntou uma das cunhadas da rainha, tudo menos desejosa de ver o marido partir.

– Nenhuma – assegurou Leonor.

O rei reunira o conselho para lhes comunicar que ia declarar guerra a Castela, com o apoio dos ingleses, e perante a viva indignação dos procuradores, limitara-se a explicar-lhes, com muita arrogância, que pouco lhe importava o que pensassem do assunto, porque estava decidido.

– Leonor, e os ingleses vêm mesmo a caminho? – perguntou Guiomar Pacheco, a quem tudo isto parecia mais uma aventura destinada ao fracasso.

A rainha percebia a desconfiança da tia, também ela desesperara quando soubera que Andeiro, em lugar de regressar imediatamente a Portugal, cumprindo o prometido no tratado secreto de Estremoz, se alistara nas fileiras de um duque inglês para salvar a Bretanha. Parecia haver sempre qualquer coisa de mais importante ou de mais rentável à frente de Portugal, e muito francamente tomara a demora de João Fernandes como uma afronta pessoal. Com que desprazo pedira ao conde velho para lhe entregar um valiosíssimo gômil de cristal e de ouro, que só a comprometia, para depois desaparecer?

Adiante. Não pensaria mais nele.

Os irmãos e os primos esperavam a resposta.

– A revolta dos camponeses atrasou tudo. Foi uma coisa nunca vista: milhares de homens liderados por um tal Wat Tyler, um visionário, marcharam sobre Londres pedindo ao jovem rei Richard que abolisse a escravidão. Que ninguém trabalhe para ninguém sem um soldo e que os senhores não tenham poder de exercer justiça sobre quem semeia as suas terras. De tal forma o rei levou a sério as ameaças de tomarem a cidade, que saiu numa barca ao encontro do cabecilha da rebelião, mas ao ver que eram milhares de pessoas, e que a elas se tinham juntado muitos dos comerciantes e mercadores da própria cidade, voltou para a Torre de Londres, um bastião inexpugnável.

– Já cá chegaram essas ideias, voltaram a haver levantamentos no Alentejo e nalgumas vilas do Norte – interrompeu Gonçalo.

Leonor içou o sobrolho, irónica:

– Pelo menos, tanto quanto me conste, em Londres não acusaram a rainha adúltera de Portugal. Pelo menos uma coisa de que não sou culpada.

Guiomar, de expressão séria, reagiu:

– A turba em fúria atacou o Palácio Savoy, o paço de John of Gaunt... e um dos motivos por que o odeiam é...

– Porque é rico e poderoso – atalhou Leonor.

Mas Guiomar não recuou:

– Porque escandaliza o reino, ao manter consigo, e à vista de todos, a amante, de quem continua a ter filhos, e como sinal de que a sua luta era pela retidão moral, os camponeses deitaram as joias e as pratas ao Tamisa. O duque de Lancaster estava na Escócia, e o filho Henry com o rei na Torre de Londres, mas Katherine Swynford...

Leonor acabou-lhe a frase:

– Katherine Swynford desapareceu após o saque, não sabem se está viva ou morta, e o senhor John of Gaunt está inconsolável.

Gonçalo Teles fingiu bocejar.

– Leonor, agora na velhice também te vais dedicar aos bastidores da má-língua da corte? Estás a ficar uma sentimental.

A irmã corou e depois sorriu:

– Adiante. O que importa é que o conde de Cambridge está a chegar a Lisboa com centenas de homens armados com os melhores arcos.

– Mas precisam de cavalos, e o rei afadiga-se a comprar todos os que consegue, o que significa que neste momento até uma mula custa uma fortuna – protestou Gonçalo.

Foi a vez de Leonor troçar:

– O que significa, meu querido mano, que se te desfizeres de metade da tua coudelaria de velhas pilecas ficas rico.

Nem Gonçalo nem os primos estavam convencidos:

– Não temos no reino cavalos que cheguem e os castelhanos não vão vender os deles! Explica-me outra coisa, porque é que o rei faz leis a obrigar as gentes a lavar os campos e agora vai buscá-las para as mandar embarcar? Lindos marinheiros vão ser, trocando em cima da hora a enxada pelos remos.

A rainha abriu os olhos, numa expressão de preocupação.

– É verdade, João? Estás a contratar homens do campo? Não encontras marinheiros estrangeiros, genoveses, pelo menos mercadores, ou, na pior das hipóteses, pescadores?

O seu tom era agastado, e o irmão almirante reagiu com irritação: esquecia-se Leonor de que aqui em casa, à volta desta mesa, não passava de uma irmã mais nova? O que sabia ela de galés ou de

marinheiros?

A rainha fulminou-o com os olhos:

– Esqueces-te de com quem falas! E a tua ignorância pelos vistos faz com que ignores que há dez anos que governo com Fernando, leio os relatórios, estudei em detalhe os prejuízos da defesa falhada de Micer Lançarote e sei bem quanto te pagamos e quanto custa a «tua» armada. E como dela vai depender quase tudo.

Guiomar e todos os outros viram como João engolia a humilhação e se esforçava por amansar o tom com que se dirigia à rainha de Portugal. Dependia dela. Se Leonor quisesse destituí-lo amanhã, poderia fazê-lo, e mais, não hesitaria em fazê-lo.

– Estamos a acelerar a formação dos homens que embarcam. Vão estar mais do que prontos quando a hora chegar – justificou-se.

Mas Leonor já se levantava. Fernando esperava-a no paço. Olhou uma última vez em redor da mesa, para aquelas caras tão queridas, mas que agora eram, antes de mais, as de vassalos. O esforço da tia Guiomar era louvável, mas inútil. Não havia forma de voltar atrás no tempo...

Chamou a infanta Beatriz, que brincava com os primos. Também a infância da sua única filha estava prestes a acabar, se é que Beatriz tivera alguma vez a oportunidade de ser uma criança, com tudo o que exigira dela desde o dia em que viera ao mundo.

Beijou a tia, abraçando-a calorosamente, e Guiomar fez-lhe uma cruz com o dedo na testa, como sempre. Que Deus a guiasse e a protegesse, porque ela não podia fazer mais do que rezar.



Arrependo-me de ter imaginado que era possível voltar a juntar a família, recriando aquele tempo em que eram jovens cheios de sonhos por realizar e ainda não tinham cristalizado dentro de si amarguras, derrotas e agravos. Quando vi Leonor reagir às provocações do irmão mais velho, percebi que tomou consciência de que, mais do que primos ou irmãos, são, antes de mais, seus súbditos. Conta com a sua lealdade, recompensa-os, mas não consegue – nem pode – dar-se ao luxo de permitir que lhe deem ordens ou a tratem como os mais velhos lidam sempre com os mais novos de uma fratria, sobretudo quando são raparigas.

Além disso, concordo com os seus protestos contra marinheiros de água doce, e desaprovo agora, como desaprovei na altura, que o rei tivesse quebrado a regra criada pelo seu bisavô Dinis de manter o almirantado sempre na mão da mesma família de marinheiros de ascendência genovesa. A demissão de Lançarote era incontornável, mas há mais Pessanhas em que Fernando podia ter apostado. Leonor bem lhe disse que a escolha para um posto deveria obedecer, antes de mais, à competência, e estava coberta de razão.

Horas depois da nossa ceia falhada, o conde velho anunciou-me que o rei quer que a armada parta imediatamente, de forma a bloquear o Guadalquivir, permitindo que os ingleses desembarquem no Tejo sem dificuldades.

Mando preparar aposentos para o meu compadre Álvaro de Castro e para D. Frei Pedro Álvares Pereira, mestre da Ordem do Hospital depois da morte do pai, que vêm a Santarém receber ordens do rei. Não consigo deixar de sentir uma enorme preocupação: desta vez os Teles e os Álvares Pereiras vão lutar contra os irmãos Castro, amigos com quem cresceram desde crianças. Já é certo que João de Castro entrou pelas terras que Fernando lhe confiscou, seguro de que terá por si os vassalos, que, provavelmente, nem deram pela mudança de

senhores. Virá sobre nós com a esperança de vencer o irmão rei e de lhe ficar com o trono. Será essa a recompensa que Diogo Lopes Pacheco e o infante terão negociado com Juan I de Castela.

Santarém, junho de 1381

O mercador estendia os seus melhores tecidos, sobrepondo-os numa miríade de cores, enquanto a infanta e as suas donzelas se ajoelhavam para mais facilmente lhes sentirem as texturas. A família real inglesa estava a chegar, e eram precisos vestidos, saias, capas e chapéus para os receber, numa sucessão de banquetes e serões que pretendiam impressioná-los.

– Senhora D. Beatriz, porque não escolhe este para o seu vestido de noiva – dizia uma, enquanto outra pegava numa seda azul e a aproximava do rosto da infanta de oito anos para verificar se lhe fazia sobressair a cor dos olhos.

Mas Beatriz não herdara o azul de Leonor. Nem a sua beleza.

– Guarda esse para a rainha – disse Beatriz, voltando-se para observar a mãe, que conversava com Iria Gonçalves sobre... o príncipe Edward, o novo noivo.

Era muito pequena quando, no castelo de Leiria, fora simultaneamente jurada sucessora do trono e casada com Fadrique de Castela, mas ainda se lembrava do vestido. Mais do que do noivo, porque nunca lhe pusera os olhos em cima, mas fora obrigada a estudar intensamente o castelhano para que pudesse falar fluentemente com o marido quando um dia chegasse. Agora, insistiam no francês, e davam-lhe a ler orações em inglês, e exigiam que estudasse o mapa da ilha e a árvore genealógica dos Plantagenetas. Era mais complicada do que a da dinastia dos Trastámara, que só tinha dois reis, comentara ainda ontem quando ceara com os pais, e que alegria sentira quando a sua graça tivera direito a uma estrondosa gargalhada do rei. Fazer rir o senhor D. Fernando era o momento alto da sua vida.

Reparou que a mãe deixara Iria Gonçalves e sentava-se numa almofada ao seu lado, passando-lhe a mão pelo cabelo.

– Nuno Álvares Pereira vem visitar a mãe? – perguntou Beatriz.

– Talvez, a caminho do Alentejo, onde se vai reunir com o mestre de Avis. Chegou a notícia de que já se deram várias escaramuças. O rei de Castela também mandou fazer pregão de guerra e avança pelo Norte...

– De novo por Almeida e depois pela Beira? – quis saber a infanta,

observando intensamente a expressão da mãe. Sempre que se falava na Beira, a rainha quase impercetivelmente mordida o lábio, engrossando a primeira ruga que lhe vincava a testa, apesar de todas as pastas que afincadamente aplicava no rosto.

Aisha contara-lhe apenas que a mãe odiara viver num paço isolado, mas bastava estar atenta às conversas das damas para saber que lhe escondiam qualquer coisa. Como seria o primeiro marido de Leonor Teles, o senhor João Lourenço da Cunha, que detestava de tal forma o rei D. Fernando que o tentara matar? Teria amado a mãe, como todos os homens que a rodeavam, ou agia apenas por ter sido humilhado? Se ao menos lhe pudesse perguntar, mas não se atrevia.

Leonor recebia agora do mercador uma mão-cheia de fitas de cabelo e uma caixa de pequenas pérolas que ficariam lindas a debruçar o decote do vestido.

– Já escolheste o tecido? – perguntou a Beatriz.

– Para si, já, minha mãe – disse, indicando-lhe a seda azul que a sua amiga desencantara.

– Está comprado – sorriu Leonor.

E o vendedor sorriu ainda mais porque custava bom dinheiro e num tempo de guerra não havia melhor notícia do que a de que os reis estavam preparados para abrir os cordões à bolsa. Bendita torre do haver, onde se dizia que estavam guardados dos maiores tesouros do mundo, amealhados pelos antepassados deste rei, que agora parecia determinado em gastá-los em combates inúteis contra os vizinhos.

Beatriz voltou ao que lhe interessava:

– Mãe, que idade tem o conde de Cambridge?

– É sete anos mais velho do que o teu pai, terá feito 42 anos nesta viagem.

– E a condessa Isabel de Castela é muito mais nova do que ele?

Leonor riu:

– A filha mais nova de María de Padilla nasceu quando eu estava em Toro com os meus pais. Terá menos uns 14 anos do que o marido, ou seja...

Beatriz fez as contas imediatamente:

– Então tem 27 anos, partindo do princípio de que já os completou este ano – acrescentou com o rigor que a caracterizava.

– Deixou em Inglaterra a filha?

A rainha não fazia ideia:

– Suponho que a deixará entregue às amas, é uma viagem demasiado longa e perigosa.

Beatriz aproximou-se mais da almofada da mãe e comentou baixo:

– Os condes têm consciência de que o filho nunca será rei de Portugal?

Leonor ficou por um instante sem palavras. O tom da filha era

cínico, frio. Como, tantas vezes, sabia ser o seu. Valeria a pena dizer-lhe que se enganava? Era inteligente demais para isso, por isso respondeu à pergunta com outra.

– Não gostas da ideia de um consorte inglês?

Beatriz abriu as mãos num gesto irónico:

– Majestade, que importa aquilo de que gosto ou o que sinto? O que sei é que Portugal nunca aceitará que a rainha de Portugal seja casada com um estrangeiro, seja ele inglês ou castelhano.

Leonor reagiu com uma convicção que não sentia:

– A rainha serás tu, Beatriz, nunca te esqueças disso.

E intimamente pediu a Deus um filho varão. Beatriz punha o dedo na ferida, o mundo ainda não mudara o suficiente para que aquilo que acabara de dizer fosse verdade.



Leonor veio ver-me e mal entrou percebi que estava fora de si. Não é para menos. O rei de Castela entrou por Trás-os-Montes e já chegou à Beira, escolhendo praticamente o mesmo percurso que o seu pai, Enrique de Trastámara, utilizou na segunda invasão a Portugal e que acabou – não nos podemos esquecer! – com o cerco a Lisboa. E se isso, só por si, são más notícias, sobretudo porque aos ingleses nem vê-los, não é o suficiente para a pôr neste estado. Não, havia mais. E, se possível, mais grave ainda.

João de Castro não só se desnaturalizou, renegando todos os deveres de lealdade a Fernando, como se vingava do que considera ter sido uma traição de Leonor, ao recusar-se a dar-lhe Beatriz em casamento, fundamentando a sua pretensão ao trono no facto de a infanta ser ilegítima, filha de uma mulher adúltera.

Desvalorizo, dizendo-lhe que o mais velho dos Castro procura pagar-lhes na mesma moeda, à falta de melhores argumentos. A partir do momento em que o rei declarou que Inês de Castro era uma barregã de D. Pedro, e que o casamento nunca existiu, era mais do que provável que utilizassem contra ela um argumento semelhante.

Mas Leonor recusa a minha lógica:

– O que Fernando disse é a mais pura das verdades. Já a acusação de invalidade do meu primeiro casamento é a mais pura das mentiras. As coisas são o que são e não as podemos distorcer só porque nos convém. E no momento em que nos convém. O testamento de Fernando já era do conhecimento público quando João de Castro meteu na cabeça que se casasse com a minha filha seria rei de Portugal e nessa altura não havia conversa nenhuma de ilegitimidade.

E como é típico nela quando entra neste modo combativo, eu que o diga, que a oiço desde criança, não larga a presa até a destruir.

Tem razão o falcoeiro real quando escreve que as mulheres são como as aves de rapina. Pero Menino inspirou-se certamente nesta em particular.

O ódio de Leonor a João de Castro cresce na mesma proporção daquele que consome João de Castro, o braço armado mais letal de Juan de Castela. Luta já ao seu lado o filho mais velho de Beatriz de Castro, prova de que o veneno já passou a uma nova geração. E para este não há antídoto.

Santarém, 19 de julho de 1381

Fernando reagia com fúria à notícia que acabara de receber: a armada portuguesa fora capturada pelo almirante Sánchez de Tovar, que tinha feito gato-sapato dos portugueses. O encontro entre as duas esquadras dera-se ao largo do Algarve e o castelhano avaliara rapidamente a situação, chegando à conclusão de que lhe restavam poucas possibilidades de vencer naquelas circunstâncias. Quando vira que o inimigo dava meia-volta e regressava à Andaluzia, João Afonso Telo ordenara que as suas vinte e três embarcações os perseguissem, acreditando que seriam capazes de os capturar antes que se acolhessem a algum porto ou estuário, mas Tovar acelerara a velocidade das galés, antecipando o que iria suceder a seguir. João Afonso caíra na armadilha e ordenara a perseguição a toda a brida, e os remadores portugueses, sob o sol quente de julho, ficaram rapidamente esgotados. O resultado foi que os barcos se separaram uns dos outros, perdendo a formação, e alguns ficaram mesmo para trás.

O rei gesticulava, fora de si:

– O que passou pela cabeça de quem comandava as oito embarcações da vanguarda para, no meio de tudo isto, perderem tempo a atacar a ilha de Saltes?

O capitão da única galé que regressara a Lisboa encolhia os ombros, sem resposta, e o conde velho percebeu nele o desprezo pelo rei, que colocara a comandá-los um nobre que talvez soubesse muito de cavalos e espadas, mas do mar não entendia nada.

Fernando tentava em vão extorquir-lhe mais informação e o homem garantia que infelizmente não havia muito mais a contar: Sánchez de Tovar aproveitara a desorganização e capturara um navio de cada vez, fazendo de todos prisioneiros, levados para as prisões de Sevilha. Só a dele escapara e regressara.

Leonor escutava em silêncio, e em silêncio continuou até estar apenas o rei e os seus conselheiros mais próximos. E então, sem cerimónia, explodiu:

– Uma armadilha para principiantes. Para camponeses e pedreiros, transformados em marinheiros. O senhor D. Fernando que me desculpe, mas a mim estas notícias não me apanham de surpresa.

Quantas vezes avisei que a expedição nestas condições não podia correr bem.

Chocando os privados do rei, apontou-lhe um dedo acusador:

– Que Deus vos fulmine se forem dizer que a culpa é da rainha, que mandou apontar o irmão como almirante. O rei e a rainha têm cada qual a sua cabeça e não pensam sempre da mesma maneira. Já o testemunharam em muitas decisões, mesmo naquelas postas por escrito, e esta é uma delas.

Os conselheiros esperavam que o rei a pusesse na ordem, uma filha de Eva, constantemente a intrometer-se, mas, em lugar de protestar, Fernando olhava a mulher com vaidade. Zangado por não lhe ter dado ouvidos. Orgulho por, contra tudo e contra todos, a ter coroado rainha.

Leonor, mais calma, agradeceu-lhe com um gesto da cabeça. Fernando era único e ela admirava-o por isso.



Acendo uma vela a Nossa Senhora da Graça numa das capelas da igreja que será o nosso panteão e ajoelho-me com esforço para beijar a pedra do túmulo onde sepultámos o nosso filho Pedro. Que Nossa Senhora, que, aos pés da cruz, recebeu nos braços o corpo inerte de Nosso Senhor Jesus Cristo, me valha na minha dor. Me ensine a suportá-la. E a aceitar que um destino semelhante pode aguardar os que lutam nesta guerra, o meu sobrinho João Afonso, preso com trezentos outros portugueses nos cárceres de Sevilha.

Sánchez de Tovar entrou no porto da cidade com as vinte e duas galés apreendidas, aclamado pelo povo como um herói, recebido pelo rei de Castela com todas as honras. Numa única batalha, sem uma baixa do seu lado, aniquilou toda a força naval de Portugal, o orgulho do senhor D. Fernando. Os reféns portugueses serão valiosos em qualquer futura negociação de paz, e ainda só temos escaramuças. Até eu compreendo que D. Juan de Castela tenha razões para celebrar.

Há um lado de mim, tal como de Leonor, que tem a esperança de que João Afonso tenha aprendido a lição, mas ambas sabemos que Aldonça de Vasconcelos nunca nos perdoaria se permitíssemos que o seu filho mais velho morresse também às mãos de um rei castelhano.

Com o seu enervante otimismo, apesar do veneno, apesar da derrota, Fernando vê o «lado positivo» de tudo isto, recordando a quem o quiser ouvir que desta forma a esquadra inglesa pode aportar a Lisboa sem incómodo. Tanta fé põe nestes ingleses.

Percebo que Leonor aguarda este momento com enorme expectativa – rejuvenesceu e está mais bela do que nunca. Diz-me que é o entusiasmo de ver de novo a corte em festa, garante-me que é da felicidade de saber que Beatriz ficará junto dela, mas a mim só me vem à memória o saco de veludo que o conde velho trouxe da prisão de Leiria, o presente de Andeiro, o gomil de cristal e de ouro que está sobre uma arca na sua câmara. Reparo como lhe toca suavemente com os dedos quando por ele passa...

Digo-lhe: «Cuidado, Leonor», mas sei que nunca realmente me escutou. E não consigo deixar de esboçar um sorriso. Leonor vai surpreender-me sempre, e não posso fazer mais do que acender uma vela também por ela.



Adiamos a partida para Lisboa, perante uma notícia que nos deixou a todos em estado de choque: João de Castro atacou a cidade com seis galés... com seis das galés portuguesas apreendidas por Sánchez de Tovar. Conhece bem o irmão Fernando e sabe que nada o afrontaria mais do que utilizar as embarcações que o rei mandou construir e aparelhou contra

o próprio. Capitaneadas, para cúmulo, por capitães portugueses que foi buscar à prisão onde o irmão de Leonor continua cativo.

Este ataque, felizmente rechaçado graças à Muralha Fernandina, revela que o Castro está realmente nas boas graças do rei D. Juan e funciona como seu braço armado num momento em que o castelhano não se afasta muito de Castela-a-Velha, temendo a iminência de um ataque de John of Gaunt. O fantasma de Nájera é o maior amigo do rei de Portugal.

Lisboa, 21 de julho de 1381

Leonor apertou o colar em redor do pescoço de Beatriz, voltando-a depois de frente para si, para ver o efeito:

– Estás linda.

– Mas pesa tanto e esta gola faz-me calor – queixou-se a infanta.

Leonor fez um sinal de impaciência.

– Beatriz, vais conhecer sogros e noivo. Tanto eles como as damas da condessa Isabel e os cavaleiros do conde de Cambridge estarão a fazer contas ao que valemos. E valemos muito – disse, apontando para o cofre de tampa aberta, onde colocara as joias mais preciosas.

– Vamos usá-las todas, a cada dia diferentes, como se o nosso tesouro não tivesse fim.

Aisha, impaciente, repreendeu-a, como só ela o podia fazer.

– Senhora, veja lá se não lhas roubam. Nas ruas quase não se anda, tanta a gente, e com o vinho que corre para a garganta dos recém-chegados, dentro em pouco estarão todos à pancada.

Leonor também percebera o caos que se instalara dentro e fora das novas muralhas, com a chegada de mais de três mil homens, que depois de um mês no mar estavam desejosos de se desforrar em terra. O calor e o vinho português potenciarium o perigo de desacatos – enquanto os negócios florescessem graças aos novos clientes, os seus inimigos ficariam calados, mas à mínima reviravolta haveria quem fizesse o favor de recordar que o almirante derrotado era um Teles, que era a ambição da rainha que levava ao casamento com um príncipe inglês, que a culpa da guerra era da feiticeira.

Apesar do calor, estremeceu.

Os condes de Cambridge e o filho tinham sido alojados no Mosteiro de São Domingos, com todas as mordomias, mas os arraiais militares tinham de ficar longe e marchar daqui para fora o mais rapidamente possível.

Estava tudo preparado para o grande banquete na alcáçova do castelo, havia música por todo o lado, tambores, gaitas de foles, alaúdes e pífaros. Mas logo que pudesse sairia desta cidade de que Fernando tanto gostava e ela odiava.

Leonor sobressaltou-se quando sentiu uma mão sobre a sua. Era a de Beatriz, que pressentia a sua súbita angústia.

– Vamos, mãe – disse numa voz meiga, e Leonor chegou a mão da filha aos lábios e beijou-a.

– Vamos lá então ver se este Edward te merece.

Mas não era nem em Edward nem nos condes de Cambridge que a rainha pensava. Estaria com eles João Fernandes de Andeiro? O que sentiria quando o voltasse a ver...



Leonor e Beatriz avançaram ao encontro da condessa de Cambridge e do filho, ladeados por damas e donzelas, magnificamente vestidas.

Isabel de Padilla, era assim que Leonor sentia vontade de lhe chamar, a filha bastarda do assassino, era francamente bonita, os olhos claros de D. Pedro de Castela, o cabelo negro e ondulado da mãe, uma beleza segundo lhe diziam, e era-o certamente porque o senhor de Albuquerque só colocava mulheres bonitas no caminho dos homens que queria controlar. Como Inês de Castro.

– Prima – saudou-a a condessa de Cambridge.

Leonor, contra todas as suas expectativas, gostou imediatamente dela.

– Fiquei sempre muito grata aos seus tios, sim, eu sei, agora condes de Ourém, pela simpatia com que nos acompanharam à Galiza, quando nos acolhemos a Portugal.

Falava num castelhano perfeito e não fez qualquer menção ao oportunismo político do então rei de Portugal, mas Leonor via-lhe a ironia bailar no olhar. Não esquecera nada.

– Que o futuro seja mais fácil do que foi o passado – retorquiu a rainha, e, passando o braço no braço da jovem infanta, sorriu a Beatriz e a Edward, que conversavam. Ficam bem juntos, pensou com satisfação.

– Afinal agora vamos ser comadres.

– E aliadas – confirmou Isabel.

– Edward fala castelhano – surpreendeu-se Leonor, ao ouvir o futuro genro falar.

Isabel abriu a boca, incrédula:

– Majestade, e como podia ser de outra forma? Somos infantes, sucessores da dinastia legítima de Castela, continuamos a luta contra o usurpador. Estamos prontos.

Sorrindo, desabafou, procurando criar a intimidade que lhes faltava:

– Senhora D. Leonor, nem imagina como estou feliz por pisar terra firme. Enjoei tanto na viagem que julguei que ia morrer, mas a infusão de ervas que a mouro de Vossa Majestade me trouxe fez maravilhas. – Falaram de xaropes e de elixires, de panos e de joias, de tudo, pensou Leonor, desde que não fosse de D. Pedro de Castela, o homem que

matará o seu pai. Mas, enquanto conversavam, a condessa de Cambridge notou, com curiosidade, que Leonor parecia olhar inquieta em redor. Aquilatava a riqueza da família do futuro genro ou procurava o conde de Cambridge e, quem sabe, o mestre de Andeiro, se fossem verdadeiros os rumores de que era muito próxima, demasiado próxima, do embaixador...



Leonor forçou a abertura das asas de *Noctua*, observando cuidadosamente as penas, que lhe pareciam baças, sem brilho – estaria doente, pensou com aflição. É claro que sabia que os peregrinos não vivem para sempre, tal como as pessoas, mas era uma idiotice pensar que nos podíamos preparar para o seu desaparecimento. Que nos podemos treinar para o vazio que deixam.

Fernando tossira toda a noite, e só a muito custo se levantara da cama, aliás só o conseguira depois de beber o julepo que o novo físico lhe fizera beber. Era agora no mestre Mohamed que o rei depositava a esperança de uma melhoria, mas Aisha assegurava-lhe que nem ele nem ninguém seriam capazes do milagre desejado. «Mas precisamos de ganhar tempo», contrapusera ela, e tempo, mais algum tempo, estava assegurado.

Noctua saltou para a luva, debicando o couro, ansioso por sair de entre aquelas paredes e ver de novo o céu.

– Estamos em Lisboa, *Noctua*. Tenho medo de te deixar livre entre tanta gaivota, ainda por cima meio doente como estás – disse, percorrendo com ele a ala central da falcoaria, parando para admirar os gerifaltes que os ingleses tinham trazido com eles.

– Oferecia-lhe um se não ofendesse *Noctua* – disse uma voz, mesmo atrás dela.

João Fernandes, então era assim que se reencontravam? Passara os últimos dias a imaginar quando seria, como seria, pensou Leonor, controlando o impulso de se voltar, procurando colar os pés ao chão para se impedir de mexer.

E falando com *Noctua*, como se ignorasse a presença do mestre de Andeiro, sossegou-o com palavras mansas:

– Ninguém te vai substituir, não tenhas medo. Não há no mundo outro falcão com nome de mocho, muito menos o de um mercador que se tornou embaixador, e de embaixador regressa como soldado. Aparentemente dono de um gerifalte, que é ave de reis.

João Fernandes entrou no jogo, mantendo-se dois passos atrás da rainha:

– Fui desmascarado. Falcão não tenho. Percebo mais de pipas de vinho e de soldados. Cento e vinte soldados de pé, cento e vinte

arqueiros. Não tenho mais nada para oferecer.

– E um cavalo? – perguntou Leonor.

– E um cavalo. Mas apenas um. Pelos vistos é o que mais falta, mas cabe ao rei fornecer-nos montadas, se bem recordo uma conversa com uma rainha numa torre em Estremoz.

Leonor esboçou um sorriso, sem voltar a cabeça:

– A Torre das Três Coroas – disse, e o tom era insinuante, sedutor.

Andeiro sorriu também:

– Por vezes, três cabeças pensam melhor do que uma. Pelo menos é o que dizem.

– Depende da terceira cabeça. E se é tão capaz de calar como de falar.

João Fernandes estava mais próximo, sentia o calor do seu corpo junto do seu, e aquela voz com que sonhara tantas vezes murmurou:

– Caso Vossa Majestade se voltasse agora, o seu rosto tocaria o meu e teria de a beijar.

Leonor corou até à raiz dos cabelos.

Não estavam sozinhos, os falcoeiros e os aprendizes de falcoeiros percorriam a galeria, fingindo não os ver, mas era demasiado perigoso. Também ela, caso se voltasse, aceitaria aquele beijo. Abriu a porta para o terreiro e caminhou devagarinho para uma sombra discreta, sentando-se num pequeno muro, à espera. Mas Andeiro não apareceu.

Lisboa, alcáçova, julho de 1381

Para surpresa da corte, Fernando cortara o cabelo à inglesa, curto, a franja rente à testa, e, mais extraordinário do que isso, aparecia de cara lavada, sem barba, onde já se vira um rei sem barba?

Leonor sorriu a Beatriz, toda a gente criticaria, diria que se vendera às modas destes estrangeiros, mas amanhã estariam todos de cabelo e barba cortados – os barbeiros da cidade não iam ter mãos a medir.

E ambas se aproximaram do rei, felizes com o entusiasmo e a energia com que conversava com João Fernandes de Andeiro, que, tão animado quanto ele, aproveitava para lhe falar da corte inglesa, contando-lhe as mais recentes peripécias na Bretanha.

– Mas o duque de Lancaster... – começou Fernando e Andeiro interrompeu-o:

– Desculpe, Majestade, mas pelo menos em frente do senhor Edmund of Langley é preferível que se refira a John of Gaunt como rei de Castela...

Leonor concordou: rei de Castela seria, para que os espiões na corte portuguesa tivessem mais para contar ao usurpador e não houvesse dúvidas de que lado estava Portugal.

Fernando retomou o que ia dizer:

– O que é urgente saber é a data precisa em que pretende partir de Inglaterra rumo à Aquitânia. Só um ataque massivo a norte pode dividir as forças de D. Juan, enfraquecendo-as. Temos de atacar simultaneamente nas duas frentes.

João Fernandes reagiu com certezas. Não estavam aqui o conde de Cambridge e o príncipe Edward para comprovar que o plano estava já em movimento? Não estavam os homens de armas em Lisboa?

– É bem visível que estão, pelos sarilhos que já causam – reagiu Leonor, insistindo que era preciso tirá-los daqui o quanto antes, a cidade já tinha demasiada gente, sem mais estes milhares a pesar-lhe.

Fernando não tinha dúvida de que o exército português devia permanecer com ele, protegendo o Norte do reino, e os ingleses seguirem para as fronteiras do Sul, quando chegasse o tempo. Álvaro de Castro e o seu meio-irmão João, mestre de Avis, dar-lhes-iam todo o apoio necessário. Quando chegasse a hora...

Leonor percebeu que para Andeiro a hora já chegara e que lhe custava entender a hesitação do rei, temendo que, como nas duas primeiras guerras com Castela, também nesta Fernando ficasse preso nas suas dúvidas.

– Senhor João Fernandes, espero que se lembre que quem define «a hora» é o senhor John of Gaunt, não avançamos se ele não avançar! Esperemos que não tenha mais compromissos inadiáveis antes deste – reagiu.

Andeiro acusou o toque e inclinou a cabeça numa vénia. Daria o recado.



Não me lembro de um banquete tão magnífico, mas a verdade é que grande parte da minha vida foi passada na corte austera de D. Afonso IV, que amealhou o que o rei agora gasta, sem os escrúpulos morais, por vezes apenas enfadonhos, do avô.

Fernando e Leonor puxaram pelos galões, na ânsia de deslumbrar os duques de Cambridge. A torre do haver deve estar vazia, a avaliar pelas joias que hoje usaram, cobiçadas por toda a gente.

As despensas da cidade e as hortas dos arredores devem ter ficado vazias, porque os pratos sucediam-se, numa orgia de especiarias, que aumentou consideravelmente o consumo do melhor vinho.

Tivemos música, danças ciganas, malabaristas e cospe-fogos, justas e torneios para que os grandes cavaleiros ingleses pudessem ter a oportunidade de demonstrar as suas habilidades, e foi tudo de tal forma que mais parecia que se celebrava a paz e não uma guerra. O meu marido murmurava entredentes que esperava que lhes sobrassem fundos e energia para a combater, e parece-me que é essa também a preocupação dos castelhanos exilados em Inglaterra e que estão impacientes por derrotar o Trastámara e voltar a casa sob a égide de um novo rei.

Mas não são esses os que mereceram mais honras – no final do dia, Fernando e Leonor distribuíram presentes entre os ingleses, como se fosse Natal. A condessa Isabel recebeu doze mulas e o rei entregou ao conde de Cambridge doze dos melhores cavalos da sua coudelaria, entre eles um que lhe tinha sido oferecido nada mais nada menos do que por Enrique de Trastámara.

Retiro-me para o meu paço, logo que posso. Pagamos um preço alto por tudo isto. Maria está morta e João Afonso numa prisão em Sevilha. Desiludi Aldonça de Vasconcelos, não fui capaz de proteger os filhos que me confiou.

Lisboa, alcáçova, 18 e 19 de agosto de 1381

– Deitar-me na mesma cama que Edward? – perguntou Beatriz, as sobrancelhas içadas num ponto de interrogação, levando as suas donzelas mais próximas a rir.

– É assim no costume inglês. Os noivos deitam-se numa cama, lado a lado, separados pela espada da virtude, e o bispo abençoa-os.

– Vestidos?

– Não, despidos – respondeu Leonor, esboçando um sorriso trocista. De novo uma gargalhada entre o pequeno círculo de damas.

– Mas, então, vestidos sob os lençóis – insistiu Beatriz, deliciada com toda a atenção que recebia.

A rainha fingiu-se impaciente.

– Estás a brincar comigo, Beatriz. Já deves ter lido tudo o que há escrito sobre este assunto e sabes bem que é só um ritual, deitam-se sobre a colcha.

Beatriz protestou:

– Tem razão, minha mãe, já perguntei às damas da senhora D. Isabel, mas dizem-me que temos de dormir ali toda a noite. Quer dizer, dormir, dormir, acho que ninguém consegue, com medo de se virar sobre a espada.

– Ou, pior ainda, sobre o noivo... que é ainda um bebé – disse a donzela mais atrevida, e foi a vez de Beatriz rir abertamente, e a sua gargalhada, tão rara, fez com que a rainha risse também.

Edward, com a sua pele pálida e sardenta, que herdara do pai, parecia de facto ainda mais novo do que era. Leonor imaginava que estivesse também nervoso com a cerimónia de amanhã.

Seria alguma vez rei de Portugal?



João Fernandes de Andeiro estava sentado à esquerda da rainha no banquete, sobre o estrado alto, e o rei conversava animadamente com ele e com o conde de Cambridge, relegando para segundo plano os amigos de antigamente, os fidalgos que por nascimento, e provas dadas, deveriam estar colocados mais acima na mesa, antes destes cavaleiros acabados de chegar.

Se os tinha esquecido completamente, naquele seu fascínio por tudo o que vinha de fora, Guiomar Pacheco não sabia, mas que o rancor corria entre os que tinham sido despromovidos para os lugares mais afastados era evidente nos seus rostos carregados, mesmo neste dia de festa.

Finalmente tinham assistido juntos à mesma missa, mais uma vitória para o conde de Cambridge, que após uma série de caçadas e trocas de falcões conseguira convencer Fernando a abandonar o papa de Avinhão, trocando-o pelo de Roma, passando a fazer parte da sua liga de apoiantes. Que coisa mais absurda e sem fim era este cisma na Igreja, distraíndo-os a todos das manobras do rei de Granada, que só ganhava com a divisão entre os cristãos.

– Em que pensa, minha tia? – perguntou Leonor, pousando as mãos sobre os ombros de Guiomar Pacheco e inclinando-se para a beijar na face, sem cerimónia.

– Que Beatriz está linda. Repara na segurança com que fala com o noivo, com a senhora D. Isabel. Educaste-a bem e cresceu depressa, Leonor. Tem a serenidade e o bom senso...

– Que falta à mãe – exclamou Leonor.

E era verdade, pensou, observando o mestre de Andeiro de soslaio. Confortava-a que estivesse aqui. Guiomar seguiu a direção do seu olhar, sem surpresa.

– Temos de conversar, as duas.

Leonor sorriu e a condessa Guiomar reconheceu-lhe uma felicidade que há muito não lhe via. Talvez desde que Maria Teles morrera.

– Vens à minha câmara depois da sesta – insistiu, mas Leonor desviou a conversa, aproveitando a distração da música.

– É a dança das facas, a minha preferida. Dancei-a no Paço de A-par-de São Martinho. Foi logo o meu primeiro embate com Beatriz de Castro, porque escolhi ser a primavera, que era a estação que ela queria. Disse-me que uma mulher casada só podia ser o verão, porque a minha flor já tinha sido colhida, ou outra expressão brejeira do género. A pobre Maria ficou tão aflita, mal sabíamos que os sarilhos só tinham começado.

Por instantes ficou calada, num misto de saudade e de remorsos. Repetia todos os dias a si mesma que não tinha culpa da morte da irmã, que só pretendia dissolver-lhe o casamento a furto e tornar ilegítimo o filho que tivera com João de Castro e que podia fortalecer a sua pretensão ao trono, mas estava a ser sincera consigo mesma? Claro que estava, fora Maria a traí-la primeiro, a chantageá-la, a envolver-se no envenenamento de Fernando, a conspirar, e, quanto a João, limitara-se a lançar-lhe o isco da coroa, para lhe testar a lealdade. Mas não fora ela a espicaçar os ciúmes do cunhado, nem podia ser responsabilizada por aquele homicídio bárbaro, os atos

ficam com quem os pratica.

Onde estaria agora o seu sobrinho, a quem o Castro apunhalara a mãe? Provavelmente em casa de Beatriz de Castro em Castela – tudo retornava sempre à meia-irmã do rei, a maior víbora era ela.

Leonor quis saber:

– Tia, é verdade que o filho mais velho de Beatriz luta ao lado dos tios contra nós, contra os portugueses?

Guiomar sabia-o por certo:

– Esta guerra é, também, uma guerra entre irmãos.

Leonor indignou-se:

– Entre um rei e dois bastardos traidores e assassinos.

João Fernandes de Andeiro passou perto e murmurou:

– Senhora minha, zangada fica ainda mais bonita.

A nuvem que ensombrava o rosto da rainha desapareceu, seguindo-o, apesar de se saber observada por todos.

Guiomar suspirou. A rainha brincava com o fogo.



A condessa de Cambridge fazia par com o rei, numa roda de donzelas e cavaleiros, mas, em lugar de ciúmes, Leonor sentiu pena e uma enorme tristeza: Fernando, o *Formoso*, aquele que se reconhecia por rei estivesse quanta gente estivesse numa sala, estava visivelmente ofegante, era uma sombra do que tinha sido. Sem pensar duas vezes, foi em socorro do marido, ordenando aos músicos que parassem de tocar. Era hora dos esposais, mandou anunciar, fazendo sinal ao jovem mestre de Avis para que não ficasse para trás.

Beatriz foi levada pelas damas e Edward conduzido pelos cavaleiros, para que vestissem as camisas brancas de linho, a dela debruada a pérolas, a dele a fio de ouro, deitados depois numa cama de aparato na nova câmara da alcáçova, construída e decorada especialmente para a cerimónia.

– Vai começar o segundo ato – murmurou Beatriz a Edward, num esforço de o ajudar a suportar o nervosismo desta exibição, e o noivo esboçou um sorriso, antes de retomar a expressão séria que lhe tinha sido recomendada.

O bispo de Lisboa entrou à frente, os reis à direita de Sua Eminência, os condes de Cambridge à esquerda, e a lista infinda de convidados atrás, os mais baixos em bicos de pés, na esperança de não perderem pitada deste estranho ritual nunca antes presenciado.

A pequenina sucessora de D. Fernando e o príncipe inglês pareciam anjos deitados sobre uma colcha preta, onde estavam bordadas a aljôfar as figuras do rei e da rainha e na bordadura em redor as armas dos grandes fidalgos portugueses.

Por um impercetível instante, a rainha procurou o olhar de Andeiro, numa promessa silenciosa de que um dia, um dia breve, as dele também ali constariam.

A voz tranquila e segura de Beatriz captou a atenção geral. A infanta respondia ao arcebispo de Lisboa, dizendo-lhe que sim, aceitava Edward por marido, e logo a seguir Edward, na sua voz de rapazinho de seis anos, jurou o mesmo, sem se enganar, encorajado pelo sorriso da condessa Isabel.

Abençoados os noivos, o fumo do incenso queimado envolveu as duas crianças numa nuvem irreal. O Tratado de Estremoz estava selado.

Lisboa, outubro de 1381

Fernando passou a mão no casco polido de uma das suas galés em construção. Construía mais a toda a brida, não porque tivesse perdido a esperança de recuperar a esquadra, uma vez vencido Juan de Castela, mas porque precisava delas com urgência, antes de um novo ataque de João de Castro, que tinha por ele muita gente nesta cidade.

Ao seu lado, o conde velho escutava os projetos do rei e perguntava a si mesmo quando é que Fernando deixaria de ser... O que era Fernando? Uma criança constantemente deslumbrada pela novidade, um cavaleiro que lera demasiados romances da Távola Redonda e se lançava nestas aventuras de resultado incerto? Sim, mas também o amigo constante, o rei que confiava no mesmo homem desde o dia em que herdara o trono, mantendo-o como seu mordomo-mor, o marido apaixonado, corajoso, que nunca voltara atrás na palavra dada à mulher da sua vida. E, afinal, aqueles que o criticavam esqueciam que para se perder uma armada era preciso primeiro tê-la construído.

Subiram lentamente ao longo da cerca nova, que junto ao rio se erguia como uma longa muralha, com as suas mais de setenta torres e trinta e oito portas, um bastião de que Fernando tanto se orgulhava, e pararam frente ao lugar onde mandara gravar o brasão que reunia as suas armas e as de Leonor, assinatura de uma obra comum. E foi ali que lhe deu a notícia.

– Conde, decidimos recompensar João Fernandes de Andeiro por todo o serviço que nos prestou.

O conde apertou as rédeas da montada com força, mas não traiu o descontentamento. Para ser franco, desde a chegada do galante oportunista que esperava por este momento. Na sua voz sempre ponderada, perguntou:

– O que tem o senhor D. Fernando em mente?

– Torná-lo primeiro senhor do Rabaçal e de Alvaiázere.

O conde fechou os olhos por um instante. Seriam verdadeiros os rumores que há um mês circulavam incessantemente na corte a respeito da sua sobrinha? Guiomar fugira à pergunta, mas só podia ser maldade, mesquinhez, que uma e outra vez se voltava contra Leonor, sempre que o rei tomava uma medida impopular. Porque, afinal, quem é que desde a tomada da Corunha favorecia João

Fernandes, entregando-lhe repetidamente as mais delicadas missões, escondendo-o numa torre em Estremoz, negociando com ele um novo tratado? Fernando, sempre o rei. Mas esta doação, num momento em que o reino se encontrava tão dividido entre os que eram a favor da guerra, e dos ingleses, e aqueles que só viam sarilhos nos recém-chegados, Andeiro incluído, era no mínimo delicada.

– Parece-me um pouco cedo, senhor D. Fernando... o banquete, o casamento, os presentes, tantos favores aos ingleses, e o que provaram eles? Ainda nada.

Fernando protestou:

– O mestre de Andeiro não é inglês...

– Experimente dizê-lo aos seus fidalgos.

O rei riu-se, entre dois ataques de tosse:

– Conde, ao ritmo a que se estão a passar para o serviço do conde de Cambridge, se achassem que o Andeiro era inglês, até o aceitavam de braços abertos. Até o meu meio-irmão João de Avis anda na sua órbita, como uma traça encandeada pela luz. Até já o ouvi prometer que o vai seguir no regresso a Inglaterra.

O conde confirmou. E desistiu. Porque havia de comprar um conflito quando o seu senhor já tomara uma decisão?

Só tinha vontade de deixar esta cidade suja e com demasiada gente e regressar àquele que era agora o seu paço favorito, o castelo de Ourém.



– Edward segue connosco para Santarém – anunciou Leonor.

Beatriz levantou a cabeça do livro e, curiosa, perguntou:

– Porque é que não fica com os pais?

Leonor sentou-se no banco, inspirando fundo:

– Porque é teu marido, ou já te esqueceste?

Beatriz olhou-a com ironia. Escutava muito mais do que imaginavam que ouvia e não lhe passava despercebida a impaciência do pai porque não havia, mais uma vez, notícias de John of Gaunt. Agora andava entretido com uns problemas na Escócia e havia quem dissesse que, no final das contas, acabaria por tomar o trono ao sobrinho Richard, que se revelava um rei fraco e indeciso.

– Mãe, conheço-a bem. Já me casou três vezes, a penúltima com uma criança acabada de nascer e a mais recente com um príncipe que não passa de uma criança. Muito pode acontecer nestes próximos sete anos – acrescentou, trocista.

Leonor levantou-se e beijou-a:

– Não podes ser mais diferente de mim com a tua idade, mas há uma coisa que temos em comum: não vamos em conversas fáceis. Por

isso, explico-te, Edward é nosso refém.

Beatriz pousou o livro, com uma expressão que dizia qualquer coisa como «Bem me parecia!», e estendeu as mãos em direção às da mãe.

– De que é que têm medo? Que o conde de Cambridge se passe para o lado de Castela? Não me parece...

– Não te parece e não é provável, mas pensa comigo, e se John of Gaunt de repente decidir, por exemplo, casar a sua única filha Catalina com o filho de Juan de Castela, unindo assim a dinastia antiga e a nova e pondo um ponto final nesta guerra?

Beatriz franziu o sobrolho, pensativa.

– A mãe teme que se o pai... se o rei morrer – obrigou-se a dizer a palavra tão temida –, o conde de Cambridge se assuma regente de Portugal e os Plantagenetas tomem conta dos reinos ibéricos?

Leonor sentou-se de novo e, encarando a filha de frente, respondeu com toda a sinceridade:

– É esse o nosso medo. Felizmente, João Fernandes de Andeiro conhece por dentro a corte inglesa e aconselha-nos. O teu pai tem-no muito em conta e ele garante-nos que o duque de Lancaster vai cumprir com o acordado.

Beatriz não desviou o olhar e Leonor entendeu que a filha sabia. Mas, com uma generosidade que só podia ter herdado da avó Aldonça ou recebido de Aisha, não a condenava.

Lá fora chovia e Leonor não sabia como lidar com a gratidão, com a culpa, com a alegria que sentia. O que andava a fazer, em que se metera? Fosse o que fosse, não podia, não conseguia, seguir outro caminho.



Leonor veio trazer-me um xarope de Aisha, na esperança de que ajude a tosse do tio, um pretexto para avaliar a minha reação aos privilégios com que favoreceram João Fernandes de Andeiro. Sabe que sou, talvez, das poucas pessoas nesta corte que lhe acha graça e que admira desde há muito as suas qualidades. «Qualidades de negociante e aventureiro», friso, e ela ri, e fico aliviada porque continua a pensar com a cabeça.

– Alguma vez não o fiz? – quer saber.

A única resposta que lhe posso dar é «nunca», porque é a verdadeira.

«Qual é o plano?», é o que tenho vontade de lhe perguntar, mas espero que seja ela a confidenciar-me o que sabe, que guardarei no maior segredo. Não me desilude, e temo que oiça como o meu coração bate descompassadamente, tal a ousadia daquilo em que decidi meter-se.

– E Beatriz? – pergunto.

– É por Beatriz que o faço – diz-me. – E ela sabe-o – acrescenta.

Quando me deixa, ajoelho-me em oração, e nem sei bem o que peço à Virgem. Que se faça a vontade de Leonor ou a de Deus Nosso Senhor? Ou a minha?

Recordo o dia em que se perdeu no bosque, salva por Aisha do encanto maléfico da trompa de Amduscias, e temo que desta vez nem Aisha a consiga salvar.

Santarém, novembro de 1381

Noctua era apenas um ponto no céu claro de inverno. Leonor fez uma pala para os olhos com as mãos, sentindo a respiração acelerar ao ver a ave lançar-se a pique, as asas comprimidas contra o corpo, formando como que uma seta que sibilantemente corta o ar, direta ao alvo.

As penas do pato espalharam-se, como nas guerras de almofadas entre irmãos, e a presa deixou instantaneamente de se debater. Estava morto e *Noctua* pousava com ele numa duna de areia, as asas abertas para encobrir o prémio e evitar que lho roubassem.

Leonor correu até ao lugar, mas, desta vez, não recuperou a ave caçada. Em lugar disso, sentou-se no tronco de uma árvore, a observar a longa fileira de juncos que bordejavam as valas de rega, que transbordavam depois da chuva intensa, alagando aos poucos os campos.

Quando só restava pouco mais do que a carcaça do animal, despojos que saciariam agora os abutres, avançou para o peregrino, colocando-lhe rapidamente o caparão, um caparão que cosera ela própria, de um couro suave, com um penacho encarnado, vendo-o sossegar no conforto da escuridão, alheando-se de tudo o que o rodeava. Em que pensaria, quando só lhe restavam as imagens gravadas na memória?

Desta vez não lhe contaria o seu plano. Seria capaz de avançar com ele? Mordeu o lábio com força e voltou a sentar-se, com um suspiro profundo. Que diferença faria a Fernando, desde que nunca soubesse, se ela própria também nunca pudesse ter a certeza?

Escutou os cascos de um cavalo, mas não se voltou. Com o coração aos saltos, pressentiu os passos de Andeiro, mas não se voltou. Fechando os lábios com força, sentiu-lhe as mãos nos ombros, no pescoço, no peito, mas não se voltou.

Noctua abriu as asas, agitado, mas baixou-as de novo, aceitando sem protesto pousar no tronco podre de madeira, que lhe serviu de alcândora improvisada, como se soubesse que aquele não era o seu momento, mas o de Leonor.



Aisha esperava-a, e as duas entraram no paço pela pequena porta na muralha, correndo o caminho secreto até aos aposentos da rainha. A moura, sem uma palavra, soltou as folhas e os pequenos ramos dos cabelos da sua senhora, sacudindo as roupas de Leonor, libertando-as dos grãos de areia e do pó.

Comoveu-se, e não se comovia com facilidade. Leonor parecia-lhe tão cheia de esperança e simultaneamente tão atormentada. Não temia por ela. Nunca temera, mesmo naquele dia terrível em Toro – era uma sobrevivente, feita de teixo, flexível... e mortal.

Sem uma palavra, massajou-a suavemente com um óleo de perfume inebriante e passou-lhe um roupão de seda, forrado a pelo quente. Sabia o que vinha a seguir.

Leonor, grata, beijou-a na testa e, puxando o reposteiro, passou para os aposentos de Fernando, onde se amaram como se fosse a primeira vez.



Aconteceu. Tenho a certeza de que aconteceu. Benzo-me na aflição e não sei bem o que pensar. Não, não vou apontar o dedo a Leonor, não posso ser hipócrita, no lugar dela faria exatamente o mesmo, que Deus me perdoe.

Percebo que tanto Fernando como a rainha sentem o tempo a escorrer-lhes entre os dedos e que ele esperaria sempre que Leonor tomasse a decisão que ambos sabem ser a única que preserva tudo o que construíram juntos. Mas as coisas nunca são tão simples como parecem.

Acredito que Fernando prefira fechar os olhos e aceitar a criança que rezamos possa daqui advir. E quem pode garantir que não é seu filho, se Leonor teve a inteligência de se deitar simultaneamente com ele? Mas duvido que as más-línguas os poupem. Dirão que não é dele.

Digo a mim mesma que, se Deus permitir que a semente germine, será sinal de que a rainha escolheu o caminho certo. Não posso fazer mais do que esperar. E manter-me calada. Este é um assunto de mulheres.

Santarém, dezembro de 1381

As lareiras do paço novo estavam acesas, o chão das câmaras menores cobertas de colmo, para afastar a humidade e preservar o calor, mas apesar disso Leonor sentia-se a gelar. Levantou-se da cadeira de espaldar alto, onde assistia à reunião entre o rei, o conde de Cambridge e o mestre de Andeiro, e aproximou-se dos troncos de sobreiro que ardiam, procurando aquecer as mãos.

O rei falava mais alto do que aquilo que era seu costume, protestando contra a violência que as companhias inglesas infligiam na população do Alentejo, e o príncipe inglês ripostava, impaciente:

– São companhias livres, lutam a troco de um soldo. Se o senhor D. Fernando não lhes paga nem nos fornece os cavalos prometidos, estão ainda em falta mais de mil e quinhentos, será muito difícil evitar que assaltem e roubem, por muito que lhes faça mil apelos.

Fernando irritou-se. Mais consigo mesmo, por não conseguir cumprir, do que com quem pedia contas do que estava contratado:

– Onde quer que os vá buscar, Cambridge? A Castela? – reagiu com ironia, e Edmund of Langley levantou os braços ao ar, lacónico:

– Isso não sei.

Como quem diz que o rei talvez devesse ter pensado nisso antes de fazer promessas que não conseguia cumprir.

Andeiro procurava pôr água na fervura, tomando o partido do rei de Portugal, exasperando Cambridge, que nas últimas semanas entendera perfeitamente que o embaixador aventureiro deixara de servir os interesses ingleses, preenchendo o lugar de valido dos reis portugueses, deixado quase vago pelo conde velho, como lhe chamavam, que estava visivelmente acabado.

– Se o senhor D. Fernando avançasse para o Alentejo com o seu exército, seria um sinal para os meus homens de que alguma coisa acontece nesta guerra de nervos, feita apenas de escaramuças ocasionais.

Andeiro respondeu por ele:

– Senhor, o exército português é necessário aqui para evitar uma possível incursão pelo vale do Tejo, à semelhança da investida que fez Enrique de Trastámara. Mas, se me permite, porque não vai para Vila Viçosa com as suas companhias, na certeza de que no terreno terá

mais facilidade em pôr cobro à violência?

Cambridge concordou, estava cansado de Santarém e deste faz de conta de uma corte que parecia alheada do que se passava na fronteira:

– Farei o que D. Fernando achar melhor, mas recordo que é impossível manter soldados de braços cruzados, menos ainda se não lhes pagam.

Andeiro avançou de novo, recorrendo à lisonja:

– Talvez assim fosse com outro comandante e outro exército, mas os capitães ingleses fazem o que querem dos seus homens.

Cambridge riu, irónico:

– O mais admirável nas nossas companhias é a liberdade de ação dos nossos capitães. O senhor D. Fernando acredita mesmo que posso impedir cavaleiros como estes de fazerem o que querem? Mal o tempo aqueça, entrarão por Castela, pode estar certo.

O rei reagiu com veemência:

– Não quero escaramuças. Não comandarei escaramuças.

– Nem o rei de Portugal, nem o conde de Cambridge – respondeu com segurança Edmund of Langley. Estas incursões de pilhagem e saque não eram dignas de reis, que só avançavam num campo oficial de batalha. – Mas experimente dizer o mesmo, por exemplo, a Thierry de Robersart. Sugira-lhe que pastoreie ovelhas enquanto espera – provocou.

Fernando sorriu, ao imaginar o musculado Robersart de cajado na mão. Cambridge tinha razão, ninguém seria capaz de impedir o intrépido capitão de John of Gaunt de se mostrar em ação ao séquito de jovens portugueses que o admiravam desde crianças, porque a sua fama precedia-o. Repetiam-lhe que o mais deslumbrado era o mestre de Avis, destacado pelos ingleses pela sua coragem e ardor. Era preciso estar de olho nele, impedindo-o de se destacar demasiado.

Fez um sinal discreto a Leonor, que o entendeu perfeitamente: já lhes bastava João de Castro, não precisavam de mais traições na hoste dos filhos de D. Pedro de Portugal. Além do mais, a proximidade de João de Castro com o irmão mais novo era grande, quem garantia que não se pusesse ao seu serviço?

Andeiro voltava, entretanto, à proposta inicial que fizera ao inglês:

– Em menos de dois dias, seremos capazes de encontrar barcas suficientes para que os vossos soldados passem o Tejo e comecem a mover-se para sul, esperando a grande batalha na primavera. O Mosteiro de São Domingos, em Vila Viçosa, está preparado para o receber, e os homens podem aquartelar-se em vilas como Estremoz, Monsaraz, Borba, Évora Monte.

– E o soldo? – insistiu o príncipe.

Leonor aproximou-se, com o seu melhor sorriso, ao qual o conde de

Cambridge não era indiferente:

– Adianto-me ao senhor D. Fernando na notícia de que vamos lançar um novo imposto, o pedido, que permitirá angariar fundos para pagar aos homens. Juntamente com o valor da sisa, tenho a certeza de que vamos conseguir pagar antes da campanha.

O conde de Cambridge trocou um olhar com Andeiro, já tinham falado entre eles, e mais do que uma vez, da avareza destes reis, semelhante, aliás, à de John of Gaunt – preferiam financiar as suas operações com dinheiro dos outros, ao passo que ele investira pessoalmente nesta aventura, de que provavelmente nunca resultaria nenhum ganho. O plano pareceu-lhe absurdo, mas que hipóteses tinha contra esta mulher furiosamente bela e determinada, capaz de tudo? Nenhumas.

– Seguiremos para Vila Viçosa – anunciou. Precisava de mudar de ares.



– Saíam todas daqui – ordenou Leonor, contendo o vômito até ao momento em que a porta se fechou. A bacia estava pronta e Aisha segurou-lhe os cabelos, enquanto lhe pedia que procurasse respirar pelo nariz.

A rainha deitou-se, tapando os olhos com uma das mãos, estendendo a outra em busca da mão da moura, apertando-a com força.

– É um milagre.

Mas a serenidade da rainha só durou um instante. Sentando-se na cama, murmurou:

– Tenho de ir à ponte de Misarela, Aisha, sabes bem que foi a única coisa que salvou Beatriz.

Mas logo mudando de tom, quase como se falasse sozinha, justificou-se:

– É um sinal, esta gravidez é um sinal de que Deus aprova o meu plano, de que está comigo na minha demanda.

Aisha reagiu com um riso de escárnio:

– Senhora, está prenha porque dormiu com um homem. Velho, mas mais saudável do que o rei.

Leonor não conteve uma gargalhada:

– Só tu é que te atrevas a dizer uma coisa dessas na cara de uma rainha!

Aisha abanou a cabeça, cética:

– Eu e aquela gente de Lisboa, nunca baixe a guarda.

– Voltaste a ver a estrela do diabo? – perguntou Leonor, aflita.

– Esta lá... está sempre lá, senhora.

Leonor sentiu-se tomada por uma nova náusea, como se uma enorme onda do mar a envolvesse, deixando-a sem ar. Os mesteiros de Lisboa, o povo daquela cidade maldita, manipulados por Lopes Pacheco e por aqueles que a odiavam, sim, esses seriam capazes de muito mais do que a insultar por palavras. Fechou os olhos com força, procurando evitar o vômito, e viu-se arrastada pelas pedras da calçada, despida, presa a um pelourinho, apedrejada.

– Aisha, reagirei a qualquer provocação, cortarei pela raiz qualquer revolta ou protesto. Não permitirei que me derrubem com os seus planos mesquinhos. O filho que trago no ventre é do rei e deceparei a cabeça a quem se atrever a denunciar o contrário.

A moura concordou com um pequeno aceno:

– Senhora, beba isto que lhe fará bem. – E chegou-lhe aos lábios uma infusão que preparara para as náuseas. O cheiro a gengibre e a laranja era deliciosamente forte, mas nem o mel cortava o sabor amargo. Leonor não deixou nem uma gota no cálice.

– O que meteste aqui dentro, Aisha? Sinto-me tão sonolenta – disse, deixando-se levar por um torpor que tornava mais suportável o mal-estar.

Se ao menos conseguisse proibir-se de sonhar, mas mesmo aqui, protegida, alternava a alegria delirante de estar à espera de um filho com o terror do que estava para vir. Um varão representaria uma ameaça aos planos de tanta gente, a começar pelo dos ingleses. E Beatriz, como reagiria Beatriz, por quem alinharia? Sentiria que lhe roubavam o trono? Entenderia que tudo o que fizera fora com o consentimento de Fernando para a proteger?

Falaria com ela, explicar-lhe-ia que se temia que um irmão lhe roubasse a coroa, sem ele corria o risco de perder tudo, ela própria já o dissera muitas vezes.

Santarém, 22 de dezembro de 1381

Leonor acordou estremunhada com pancadas rápidas na porta, e antes que tivesse autorizado a entrada de quem batia assim, viu o seu irmão Gonçalo ao lado da cama.

– O conde velho está a morrer – disse-lhe, estendendo-lhe o manto para que saltasse da cama e se vestisse. A tia Guiomar chamava por ela, os primos já lá estavam.

A rainha sentiu uma tontura, tapando a boca com um braço, impedindo um vômito, e Gonçalo abriu-lhe os olhos, surpreendido:

– Estás de esperanças? – perguntou.

Leonor colocou um dedo em sinal de silêncio e o irmão baixou a voz.

– De quem é? – quis saber, e a rainha fulminou-o com um olhar, levando-o a recuar um passo e a pedir desculpa.

Como se atrevia, que idiota.

– Como reagiu o rei? – insistiu o irmão.

Leonor olhou-o com displicência – como era possível que ainda não soubesse que ela e o rei eram um só?

– Com a maior alegria, Gonçalo, e a esperança de que Deus nos abençoe com um varão, para acabar de vez com a pretensão dos Castro e toda a má-língua que quer fazer dele um eunuco! E agora sai-me da frente, porque só há uma coisa que me interessa no mundo, a tia Guiomar.



Não sinto nada. Não sinto nada. Quero sentir, mas é como se estivesse distante, a ver de fora, como se o homem que ali jaz sobre panos de ouro, o rosto apenas semi-iluminado pela luz das velas que ardem em redor, não me fosse nada.

Leonor e Fernando não contêm o choro, inclinando-se para lhe beijar a testa fria, e os meus filhos, os meus outros filhos, ajoelham-se em redor dele, escondendo-se por detrás das mãos abertas que lhes cobrem a cara, e eu? Eu pareço uma estátua de pedra, hirta, o coração gelado, consolando, mais do que me deixando consolar, e nem quando um dos meus netos se agarra ao meu vestido num choro convulsivo consigo fazer mais do que afagar-lhe o cabelo, num gesto mecânico.

Morto, eternamente morto, o amor da minha vida, o meu melhor amigo, firme e leal, de quem dependo para tudo, aquele que me permite ser quem sou. Só sou forte, só me atrevo a voar tão alto, porque o sei perto, amparando as minhas fragilidades. Voar à vista, como me diz, beijando-me. Voar, sabendo que os seus olhos me seguem sempre.

Conjugo no presente. Como se estivesse aqui. Como se fosse acordar e troçar do meu terror,

provocando-me, irritando-me, até que lhe diria que não precisava dele para nada. E ele responderia: «É isso mesmo! Vales por ti!»

Leonor aproxima-se de mim e a sua mão toca suavemente na minha, sem se atrever a mais do que isso, como se tivesse medo de que me desmoronasse. Depois murmurou:

– Nunca conheci amor como o vosso. E o amor não morre. Não é por deixarmos de o ver que deixa de existir.

Entrelaço os meus dedos nos seus. E perdoo-lhe, perdoo-lhe o desgosto que o favoritismo de Andeiro causou ao conde velho nestes últimos meses, perdoo-lhe antecipadamente tudo o que sei que ainda virá a fazer, porque a conheço como me conheço a mim mesma.

– O teu tio amava-te como a uma filha e admirava-te como mulher. Nunca o esqueças.

Leonor limpou as lágrimas, as lágrimas que dava tudo para conseguir chorar. Talvez chore amanhã. Talvez chore quando na solidão da minha alcova a sua respiração não acompanhar a minha, o seu braço não me envolver e, em lugar do bater suave do seu coração tão forte, só escutar o silêncio. Então sim, tenho a certeza de que esta múmia que hoje sou irá desfazer-se na mais agonizante solidão.

Ourém, início da primavera de 1382

O rei foi o primeiro a vê-lo, via-se de longe, apontando a torre de menagem a João Fernandes de Andeiro, o novo conde de Ourém, que cavalgava ao seu lado.

– Senhor conde, aqui está o vosso castelo – disse, acentuando o título com um sorriso aberto e generoso, que conquistara Leonor desde o primeiro momento e, tantos anos depois, ainda a comovia.

Andeiro agradeceu, inclinando a cabeça em direção a ambos. Recebia das mãos de Fernando e Leonor o título que pertencera ao conde velho, como prova de gratidão pelos seus serviços, como garantia de que os continuaria a servir com lealdade.

– Senhor conde, não agradeça uma cruz que será bem pesada – acrescentou a rainha. – Acredite, vai precisar desta fortaleza para se defender dos seus inimigos, que a partir desta doação são tantos quanto as pedras desta muralha. E prepare-se, porque dirão sempre que foi um favor da rainha, que é o que fazem quando querem diminuir o rei, insinuando que não tem vontade própria. E porquê, porque foi enfeitiçado pela bruxa da mulher. Há quantos anos repetem o mesmo?

E, fazendo as contas, disse a rir:

– Há dez anos! Desde que casámos. Sou a má da história, a Jezabel. A inveja é mais mortal do que a pestilência e em Portugal coexistem.

Fernando protestou:

– Não são nem daqui, nem dali, são de qualquer lugar onde estejam homens e mulheres, ainda há dias falei disso com o conde de Cambridge. Mas mal será de um rei que decide por medo dela.

Bastava uma frase mais longa para o deixar cansado. Leonor sentiu uma raiva infinita de quem lhe roubara tanto. Sem reparar no gesto, passou ambas as rédeas para a mão esquerda e pousou a direita no ventre de quatro meses de prenhe e que já se conhecia bem. Tinha dentro de si a arma mais eficaz contra os seus inimigos, que cresciam de dia para dia.

As incursões de João de Castro contra Portugal continuavam e estava bem consciente de que a presença dos ingleses no Alentejo só contribuía para aumentar o número dos que eram pelo filho de Inês. E mesmo assim tinham atribuído um dos títulos mais importantes do

reino ao galego? Parecia um autêntico suicídio, e talvez fosse, mas Fernando entendera que mais do que nunca precisava de alguém com o seu conhecimento da guerra, do mundo para lá das fronteiras portuguesas, de John of Gaunt.

Quanto a ela, premiava e confiava que guardaria o segredo, mas estava preparada para que não o fizesse, tal como de cada vez que soltava os pioses e deixava *Noctua* voar, sem a certeza de que voltaria.

Fernando e Andeiro já entravam no terreiro do castelo, e Leonor viu Guiomar Pacheco assomar à porta, dando instruções aos criados para que carregassem num carro as últimas arcas. Sentiu um nó na garganta. Despejava a sua querida tia. Não tinha sido nada fácil dar-lhe a notícia, mas a velha senhora aceitara-a com dignidade. E sem rancor. «É a vez de outro», dissera serenamente, com o cuidado de lhe perguntar se pesava bem o risco que corria.

– Não virá de mim a ameaça, nem tão-pouco do meu único filho vivo, mas do teu irmão João, tens consciência disso?

Tinha. O almirante falhado, humilhado e preso nos cárceres de Sevilha, o irmão com quem nunca sentira afinidade.

Reagira:

– Não se pode queixar, demos-lhe o título de conde de Barcelos, o mais importante do reino, aquele que andou sempre em mãos da nossa família.

Enervada, acrescentara:

– Fazemos uma guerra para o libertar. Os cavaleiros do conde de Cambridge sabem que é uma prioridade abrir a porta às celas do meu irmão e dos nossos marinheiros, recuperar a nossa frota. Se voltar amuado, tanto pior para ele.

– Ou para ti, Leonor. Pelo menos a nossa família sempre se manteve unida.

– E foi recompensada – reagiu a rainha, num tom áspero, de que logo se arrependeu.

– Leonor, o arrependimento genuíno é louvável e facilita o perdão, mas o que te digo desde criança, e a que não dás ouvidos, é que melhor ainda é evitar cometer a ofensa.

Pusera o dedo na ferida. Seria capaz de superar a ofensa que lhe fizera, pensou, olhando-a de novo no umbral da porta, encolhida pela idade, as costas mais dobradas, vestida de panos de dó. Sem pensar segunda vez, desmontou sem ajuda, praticamente saltando da sela, precipitando-se ao seu encontro. Guiomar admoestou-a:

– Vê lá se caís e pões em risco esse bebé, de que esperamos tanto.

«Que foi conseguido por um preço tão alto», era o que queria dizer, e a rainha compreendeu-o. Mas, se fosse um herdeiro, não haveria preço que fosse excessivo. Disse-o.

Guiomar baixou por uns instantes os olhos e, voltando a erguer a

cabeça, concordou.

– Mas já falam – disse à sobrinha, enquanto entravam para as salas agora vazias.

O rosto de Leonor crispou-se:

– E o que posso fazer para o impedir?

Defensiva, acrescentou:

– A mim só me importa a felicidade do rei, e o rei não cabe em si de contente com esta gravidez.

Guiomar pousou-lhe a mão no braço, procurando acalmá-la:

– Podes sugerir ao novo conde de Ourém – e como lhe custou dizê-lo – que, se vai fazer vida neste reino, neste paço, traga para aqui a família. A mulher e os filhos. Mayor Fernández é uma senhora, o Andeiro casou acima do seu estado social. Mas agora nada disso importa porque o que tens para oferecer é a mão das filhas daquele que é agora um dos poucos condes em Portugal. E o que não faltarão serão candidatos, fidalgos que ficarão do teu lado, do vosso lado.

A rainha concordou com um aceno da cabeça. Faria o que fosse preciso.

– Parece-lhe que ela se prestará a vir? – perguntou.

A expressão de Guiomar era quase de divertimento, enquanto apontava as enormes salas do paço:

– Porque imaginas que és a única mulher ambiciosa do mundo?

Antes que Leonor lhe pudesse responder, não resistiu à ironia:

– Se há qualidade que não me parece faltar ao mestre de Andeiro é a capacidade de levar os outros a fazerem o que mais lhe convém a ele.

Leonor sorriu também.

– Que venha a senhora Mayor.

– A senhora condessa de Ourém – provocou Guiomar, sabendo que ambas estavam bem conscientes de como era absurda a concessão. De como era gigantesca a escada que permitira a Andeiro trepar.

– Vou recebê-la com a mais ostensiva generosidade – murmurou Leonor.

Guiomar sacudiu a cabeça numa gargalhada:

– Não exageres, porque o exagero só confirma a suspeita.

Leonor enfureceu-se:

– Tia, é Fernando que o favorece, não cometa o mesmo erro de imaginar que o rei perdeu a vontade ou não sabe o que faz. A maior prova da grandeza de Fernando está na capacidade de escolher o homem mais capaz para o reino, ignorando os rumores e as maledicências.

Guiomar procurou acalmá-la, mas Leonor não era fácil de travar quando embarcava numa diatribe de indignação, os olhos marejados de lágrimas:

– Tia, Fernando não está incapaz, não é um pobre coitado que a mulher manipula, aproveitando-se da sua fragilidade.

E, numa voz embargada, quase gritou:

– Não matem o rei antes do tempo.



Ajoelhou-me junto da campa do meu marido, não muito distante da do meu filho, e tenho vontade de me estirar ao seu lado na laje fria e de ali ficar para sempre. Estou cansada. Leonor tinha toda a razão quando dizia que a dor e a saudade viriam aos poucos ao de cima, como um veneno que corre nas veias e a princípio parece inofensivo, mas acaba por nos tomar por inteiro.

Ontem em Ourém procurei ser forte, fingindo que não me custava deixar aquela que nos últimos anos tinha sido uma das nossas casas mais queridas, mas não passou de um teatro. Quando penso friamente, a decisão de Fernando e Leonor é lógica, e também eu, ao longo da vida, tomei lugares que tinham pertencido a outros – ainda me recorro de chegar com as crianças ao paço de Barcelos, os meus filhos e os meus sobrinhos, e de tomar posse de uma casa impregnada da vida do nosso antecessor. É o destino de qualquer mulher que sobrevive ao marido, porque, mesmo quando o título passa a um filho, passamos a ser estranhas na casa que agora lhe pertence, e se tivermos bom senso deixamos que a nossa nora assumo o lugar, sem a assombrarmos com a nossa presença.

Sinto-me melhor em Santarém, próxima desta igreja onde descansam os meus entes queridos, e a que me juntarei um dia, em breve, mas espero ainda viver para ver batizar o filho de Leonor. Queira Deus que seja um rapaz, receba dela os olhos azuis, e que por algum milagre da Virgem não herde de Andeiro os caracóis fartos e negros.

Não consigo deixar de rir, imaginando a repreensão do conde velho, que não criticaria a ambição da rainha – e a generosidade do rei –, mas a minha quebra do segredo. Pouco lhe importaria que argumentasse que aqui ninguém nos ouve, porque, se seguisse as suas regras, há coisas que nem se podem pensar, porque o diabo encontra forma de as descobrir. E revelar.



Gonçalo Teles, o meu querido Gonçalo, veio visitar-me, é o mais sereno de toda esta família, e percebo o porquê da confiança que a rainha nele deposita. Mas hoje reparo que está perturbado. Não comentamos a gravidez de Leonor, mas não hesita em desabafar contra Andeiro e a loucura da sua promoção, num tempo tão crítico como este.

As gentes do Alentejo revoltam-se cada vez mais abertamente contra os ingleses, e as escaramuças que aconteceram em Vila Viçosa – quartel-general de Edmund of Langley – provocaram mortos e feridos de parte a parte, um sarilho que teve eco em muitos outros lugares, onde os confrontos se repetiram. Quando apanham um inglês sozinho, não hesitam em deitar-lhe as mãos ao pescoço e a esganá-lo a sangue-frio, e claro que depois os seus companheiros buscam vingança e fazem o mesmo a quem apanharem.

– Mas o rei já lhes pagou – confirmo. O novo imposto destinava-se a pagar as contas em atraso.

Gonçalo abre as mãos num gesto de desespero:

– De que serve gastar o dinheiro nesta gente, se o rei não os deixa cumprir a tarefa para a qual os contratou?

– Mas o rei e a rainha avançaram para Évora e a primavera está aí... Esperam melhor tempo para desencadear a batalha?

Gonçalo estava visivelmente descrente das intenções de Fernando.

– Mandou um embaixador a Inglaterra para confirmar as intenções de John of Gaunt. Não avança se ele não avançar. Já D. Juan de Castela fará o contrário: se descobrir que o pretendente não o vai atacar, ficará livre para confrontar o rei de Portugal e o conde de Cambridge. Além do mais, neste momento, segura com esforço a coleira do diabo do João de Castro... se a largar, será ele a entrar aqui a ferro e fogo.

– As oitenta naus castelhanas que vieram da Biscaia não conseguiram vencer a cerca de

Lisboa, mas fizeram estragos incalculáveis.

– Queimaram pelo menos dois paços reais, o de Xabregas e o de Frielas. Leonor ficou fora de si. O rei mandou vir imediatamente do Alentejo o mestre do Hospital, Pedro Álvares Pereira, para que defenda a cidade. Haverá novos ataques. Percebo que Fernando e Leonor procuram agir com cautela, mas, tia, a fama militar do rei é a pior e não se pode dar ao luxo de perder uma terceira guerra contra Castela. Ninguém lhe perdoará.

Concordo, preocupada:

– Dizem-me que Álvaro de Castro está dividido entre o rei e o sobrinho, filho da sua querida irmã, que o rei D. Pedro queria ver no trono em lugar de Fernando.

Sempre as contas que vinham de trás.

Gonçalo confirma. Não confia no conde de Arraiolos, mas o pior é que há muitos como ele.

– Tal como o mestre de Avis?

Gonçalo gosta de João de Avis, é visível na forma como fala dele, mas acha-o ainda demasiado jovem, demasiado inseguro:

– Está ainda muito habituado a seguir ordens, a viver na sombra de alguém que admire. Não gosta de conflitos, sabe que o seu futuro depende do irmão mais velho, mas ao mesmo tempo não consegue deixar de o sentir frágil, demasiado hesitante.

Compreendo. Os mais novos acham sempre que a demora nas decisões dos mais velhos resulta de uma falha qualquer, raras vezes têm a maturidade de entender que há que esperar os momentos certos para agir. E que, noutras, ceder e negociar não é uma derrota, mas uma forma mais inteligente e duradoura de assegurar os objetivos.

– Desconfias que possa passar-se para o lado de João de Castro, que teve sempre um ascendente sobre ele.

Gonçalo ri:

– Vejo-o bem mais deslumbrado por Robersart, o cavaleiro parece saído de um daqueles romances de cavalaria que Leonor gostava tanto de ler e a tia lhe arrancava das mãos.

Gosto da recordação. E daquela outra, do dia em que a proibi de ler e a tentei forçar a bordar, perdi, claro está, lembramos, cúmplices.

– Mas o que vai fazer esse Robersart e os que estão com ele?

– Incursões em Castela, queimando e pilhando castelos e mosteiros, e voltando com os alforjes cheios de preciosidades.

Escandalizo-me. Fernando não permitirá que o seu irmão mais novo e os jovens fidalgos se lhes juntem.

– É verdade, mas não sei quanto tempo resistirão – diz Gonçalo.

Despeço-me dele com ternura, pedindo-lhe todo o cuidado. Não quero perder mais ninguém.

Évora, final de maio de 1382

Aisha entregou a Leonor um cinto de pedras preciosas, cada uma delas com um poder especial, como aquele que a senhora D. Isabel de Aragão usava quando esperava um filho, e que ela já usara na gravidez de Beatriz. Era preciso proteger este bebé do mau-olhado que, certamente, tanta gente lhe deitava.

– Não confio sequer em Isabel de Padilla – disse a rainha, propositadamente utilizando o apelido de María de Padilla, recordando a bastardia daquela que agora era condessa de Cambridge.

A moura repreendeu-a:

– Senhora, acreditei que com o que a vida lhe ensinou tivesse mais cuidado com o que diz.

Leonor esboçou um esgar de desagrado:

– Estás a ficar velha e rabugenta, Aisha. Conheces-me bem demais para não distinguir entre as palavras que digo ao acaso e o que realmente penso e sinto.

– Mas as palavras são como facas e, por vezes, voltam-se contra nós quando menos esperamos. Porque havia a pobre condessa de lhe querer mal?

Leonor, envergonhada, franziu o nariz como uma criança:

– Porque, quando esta criatura nascer, o marido nunca será regente de Portugal e o filho rei...

– Talvez prefira, senhora. Talvez tudo o que deseje seja ter o filho de novo junto de si e ver-se livre do calor e das moscas desta terra infernal.

– Talvez – concordou Leonor, para logo acrescentar: – Mas duvido. É filha de María de Padilla, porque não há de desejar o trono de Castela para si? Afinal, a irmã não está cá, nem parece estar para chegar tão cedo.

Aisha não a poupou ao sermão: faltava humildade a estas senhoras. Pediam aos astrólogos que lhes lessem as estrelas, queriam reger-se pela posição dos planetas e dependiam de gente como ela que estudava as plantas para se livrarem das doenças, mas depois achavam-se donas do mundo, imaginando que tudo dependia da sua vontade.

– Aisha, não me metas medo agora, sabes que tudo o que queria era

ter ido batizá-lo à ponte de Misarela... mas a guerra e a peste não me deixaram. Não foi vaidade, nem excesso de confiança, sabes bem que não. Não vês como rezo à Senhora do Ó? Tudo o que quero é que o infante nasça, que fique aos teus cuidados, para me resgatar desta incerteza diária.

E, obediente, pediu-lhe que lhe pusesse o cinto.

– Aperta, aperta mais acima, para que se veja bem a barriga.

Queria que todos vissem que estava já de oito meses.

– Já viste a vassalagem que esta gente me presta desde que estou grávida? Alguns estão genuinamente felizes, porque desejam a continuação desta dinastia, mas a outros move-os apenas o medo. Sabem que este infante tirará o tapete a João de Castro e usam da lisonja para garantir o futuro. Como se me faltasse memória. Aisha, já viste as pontas dos dedos das damas que às escondidas dizem que este filho não é do rei? Têm calos de tanto bordar cueiros.

Mesmo a sóbria Aisha não conseguiu deixar de dar uma gargalhada. E queria ela que Leonor crescesse? Que nunca perdesse esta força de viver, era tudo quanto lhe desejava. E, apertando o nó do cinto, sentiu que o ar lhe faltava. Que Leonor festejasse enquanto podia...

Houve qualquer coisa, daquelas inexplicáveis, que levou a rainha a voltar-se por uns instantes para trás, perscrutando intensamente o rosto de Aisha, mas já não encontrou qualquer indício de preocupação. A moura fez-lhe sinal de que aproveitasse a visita do seu irmão favorito e do mestre de Andeiro, do senhor conde, corrigiu-se, e Leonor, acompanhada pelas suas damas, avançou para a sala mais fresca do paço. A aia que lhe ajeitou as almofadas na cadeira de espaldar e lhe chegou um banco para que pudesse estender as pernas não conseguia tirar os olhos dela: como é que era possível que uma mulher nestes últimos meses de gravidez estivesse ainda mais deslumbrante? A rainha percebeu a sua admiração, satisfeita, enquanto passava em redor do pescoço longo um lenço de linho fino.

Estava pronta. Que deixassem os visitantes entrar, disse, sorrindo ao irmão e a Andeiro, incitando-os a aproximarem-se:

– Meu Deus, como vêm suados! É maneira de se apresentarem perante a vossa rainha?

E, tirando o lenço do pescoço, rasgou-o ao meio, estendendo uma metade a cada um dos homens, que riram, divertidos.

– Senhora D. Leonor, nem toda a gente pode ficar numa sala de portadas fechadas a ouvir correr a água da fonte. Há quem tenha de andar por fora a vigiar os avanços dos castelhanos.

– Já estão acampados frente a Elvas? – perguntou Leonor, preocupada.

Fernando não estava em estado de combater, muito menos de dirigir um exército, e seria uma humilhação se apenas o conde de Cambridge

comparecesse à batalha que até agora se conseguira evitar. O mestre de Andeiro percebeu a sua aflição, chegando-se mais próximo, e com todo o desplante ajoelhou-se ao seu lado, murmurando um elogio atrevido e galante, que as damas se esforçaram em vão por apanhar.

Leonor deu uma gargalhada:

– Senhor conde, não deixe as coscuvilheiras desta corte na ânsia de terem de adivinhar o que acabou de me dizer... olhe que a imaginação destas damas é fértil...

Andeiro, com aqueles tiques de galanteria que trazia da corte inglesa que deliciavam Leonor e Fernando e escandalizavam os mais hipócritas, declamou alto:

– Majestade, dizia que tomara a mim ter sido este lenço antes de rasgado...

– Quando ainda estava enrolado no meu pescoço – acrescentou a rainha, rindo, enquanto passava os olhos rapidamente pela expressão das mulheres ali reunidas, procurando avaliar as suas reações. Já há algum tempo que desconfiava de duas ou três, que via sempre juntas a trocarem segredinhos. Sim, confirmou, eram de facto aquelas de quem desconfiava, trataria de se ver livre delas na primeira ocasião.

Gonçalo, preocupado que a irmã estivesse a levar longe demais este perigoso jogo, interrompeu a conversa, dizendo-lhe ao que vinham.

O senhor D. Fernando enviara-os para que consultassem a rainha acerca de um assunto importante, disse, e Leonor imediatamente mandou esvaziar a sala.

– Deixem-nos – ordenou, ficando sozinha com o conde de Neiva e o conde de Ourém. E pressentindo que o irmão a iria começar por repreender, começou por atacar, na esperança de que o humor chegasse para o calar.

– Gonçalo, a culpa é tua. Aliás, a culpa é vossa. Se não me tivessem aparecido nesse estado, não teria sido necessário estragar um lenço bom, fazendo dele sudário.

O irmão não sorriu e o seu olhar admoestava-a tanto a ela como, sobretudo, ao Andeiro.

– Não basta a má-língua que já corre – resmungou.

Leonor indignou-se:

– Senhor conde de Neiva, pense bem no que está a dizer!

E, apontando para a barriga, acrescentou:

– Sinceramente, quem pode levar a sério ou ler outras intenções numa brincadeira entre um homem e uma mulher prestes a dar à luz, disforme como uma ovelha preta?

– Mas ainda mais bonita – interrompeu João Fernandes, aparentemente nada incomodado com o raspanete de Gonçalo, que passou a manga pela testa, como quem dá o caso por perdido.

– Depois não se queixe, Majestade – disse à irmã, num tom formal,

que lhe respondeu com um afago leve num braço.

– Deixa lá, foi a armadilha perfeita para descobrir finalmente as que me traem. Mas vamos lá ao assunto que vos trouxe até cá. E nem imaginam como fico contente de vos ver – acrescentou, voltada para Andeiro.

– O rei mandou a Inglaterra um novo embaixador, o chanceler Fogaça, porque teme que John of Gaunt não cumpra o prometido – disse Gonçalo, e a expressão no rosto de Leonor mudou radicalmente, encarando Andeiro de sobrolho franzido:

– Que *volte-face* é este, senhor conde de Ourém? Confiámos cegamente em si, nas garantias que nos deu, mais ainda do que naquelas do conde de Cambridge.

Andeiro respondeu-lhe, num tom igualmente decidido:

– Senhora, os acordos estão assinados e selados, com os selos maiores. Estou seguro de que o senhor duque de Lancaster não mudou de propósitos, mas pode não ter conseguido o financiamento que esperava, adiando a sua vinda.

Leonor cerrou os punhos, zangada:

– Não posso permitir que o rei seja de novo humilhado, traído. Não merece, muito menos agora quando está tão doente, agora que... – disse, voltando-se de costas para ambos, com medo de que lhe vissem os olhos brilhantes, cheios de lágrimas, murmurando para si mesma: «Ave, Maria, cheia de graça, que este bebé seja um rapaz, que este bebé nasça antes de...»

Andeiro e Gonçalo permaneceram uns instantes em silêncio, e foi Gonçalo o primeiro a falar:

– É para que isso não aconteça que estamos aqui. O senhor D. Fernando tem um plano...

Andeiro continuou:

– Independentemente da resposta que o chanceler nos traga, o rei quer aproveitar a vantagem que lhe dá o receio que D. Juan de Castela tem de uma invasão.

Leonor seguiu imediatamente o raciocínio:

– Quer negociar com Castela? – perguntou, chocada.

Gonçalo apressou-se a explicar:

– Pretende agir em duas frentes: por um lado, reforçar os rumores de que o duque de Lancaster está para chegar, usando os embaixadores, mercadores e espiões que temos espalhados pelo mundo, agigantando os temores de D. Juan; por outro, vamos deixar que os mais famosos cavaleiros ingleses façam incursões em Castela, levando com eles os melhores arqueiros...

– Nájera – disse Leonor, sorrindo de novo.

– Exatamente, recordando o poder dos arcos de teixo dos ingleses – disse Andeiro.

– E o que fazem os nossos cavaleiros, avançam também?

Gonçalo negou com um gesto determinado da cabeça:

– O senhor D. Fernando não quer que nenhum dos nossos ponha os pés do lado de lá da fronteira.

A rainha percebeu imediatamente o raciocínio do rei:

– Teme os encontros com os malditos Castro. João de Castro já assediou por várias vezes Elvas, em busca de apoios para a sua causa, e sabemos que está sempre aqui na zona fronteira com o mesmo objetivo.

– Nem mais. Por isso vim aqui a Évora com ordens expressas – acrescentou João Fernandes de Andeiro, mas Leonor fez o sinal de «não» com o dedo.

– Por enquanto não aceitarão nada vindo de si, senhor conde de Ourém, lamento. Que fale o conde de Neiva.

E deu a conversa por terminada. Subitamente, estava cansada, exausta, só queria estar sozinha. Gonçalo beijou-lhe a mão, e João Fernandes esperou uns instantes, deixando que o irmão da rainha se afastasse, e então sim pegou-lhe na mão e entrelaçou os seus dedos nos dela, cingindo-os por momentos.

Évora, início de junho de 1382

– O rei mandou prender o mestre de Avis – exclamou Leonor, o sangue a fugir-lhe da cara, empalidecendo.

Gonçalo só podia estar a brincar com ela, mas o conde de Neiva confirmou.

– Desobedeceu-lhe, juntando-se ao senhor de Robersart numa das suas incursões.

Thierry de Robersart ainda há uma semana fora para lá de Barrancos com um verdadeiro exército, tomando terras e saqueando até tão longe como Jafre, em que não se coibira de prender o próprio alcaide. Como se atrevera João de Avis, sempre tão calado e tímido, a tamanho disparate, depois de receber ordens expressas do rei em sentido contrário?

– Foi só isso? – perguntou a rainha.

Quantas vezes tinham previsto que o jovem mestre de Avis não resistiria a exhibir a sua arte de bem cavalgar aos seus heróis ingleses, ensaiando-se pela primeira vez nestas escaramuças com o sonho de, ao seu lado, ganhar fama? Talvez até de ser aceite entre os nobres ingleses, como já tinha acontecido com alguns dos fidalgos portugueses, prometendo segui-los para Inglaterra, oferecendo-se para lutar em França.

Gonçalo tinha a sua versão:

– Acredito que o senhor D. Fernando teria fechado os olhos à aventura se não tivesse indícios fortes de que o mestre de Avis se preparava para se passar para o lado do infante João de Castro.

Leonor fez um gesto de impaciência.

– Irmão, não o trates por infante! É um bastardo. Quanto ao meu cunhado mais novo, não sei o que pensar. Provavelmente viu como o senhor D. Fernando anda eivado de dores e decidiu que era tempo de apostar no Castro.

Gonçalo tinha mais informações:

– Tentou vender muito gado de uma vez, dizem que para com o dinheiro financiar a campanha do assassino da nossa irmã Maria.

– Se o fez, mais do que a prisão, merece que lhe cortem a cabeça – enfureceu-se a rainha. – Onde está preso?

– Aqui em Évora. E já há uma romaria de fidalgos a visitá-lo.

Leonor espantou-se:

- Gonçalo, o que é que não me estás a contar?
- Dizem que é vingança tua – gemeu.
- Minha? O que é suposto eu ter feito agora?
- Acreditam que o queres fora do caminho. É o único irmão do rei que te falta.

Leonor inclinou a cabeça, prendendo-a entre as mãos, e numa voz sarcástica concordou:

– Não está nada mal pensado, não senhora. E como o exílio de João e Dinis de Castro tem dado tão bons resultados, atacando-nos constantemente, decidi adotar uma via mais radical, cortando literalmente o mal pela raiz, é isso?

– É isso. O governador da prisão diz que recebeu uma ordem com a assinatura do rei falsificada a ordenar que os matasse.

Pela primeira vez, Leonor ficou agitada:

– Tenho de escrever a Fernando. Gonçalo, o meu marido não acreditou em tal coisa, pois não? Detesto estar separada dele, mas como podia acompanhá-lo ao Vimeiro, estando neste estado, e como o podia impedir de se esconder por lá, estando ele naquele?

O irmão procurou sossegá-la, recriminando-se:

– Não te devia ter vindo contar isto, pode fazer mal à criatura. Queres que chame Aisha?

Leonor procurou acalmar o batimento do coração, respirando fundo, como a moura lhe ensinara.

– Diz-me lá quem é o outro que está preso com o meu cunhado? Também o mandei matar? Também não o quero ver no trono? – disse, fingindo rir.

O irmão hesitou, mas Leonor abriu as mãos num gesto de impaciência.

– Acaba lá a história...

– É o marido de uma das tuas damas, daquela que mandaste embora porque...

– Por causa do lenço? Do sudário que te dei?

Gonçalo acenou um sim:

– Foi dizer ao marido que a honra do rei estava em causa, porque o mestre de Andeiro te disse que gostaria de ser ele o pano que te envolvia, ou coisa assim – acrescentou, embaraçado.

Não resistiu a acrescentar:

– Disse-te que a brincadeira era perigosa. Estes costumes dos ingleses caem mal na corte...

A irmã irritou-se:

– Também vais tornar-te num sonso? Quando cheguei à corte, com pouco mais de 20 anos, até se dizia que o rei dormia com a própria irmã! E aqueles serões pareciam saídos de... uma casa de pegas, como

aquelas tavolagens que todos frequentam às escondidas das mulheres, enquanto elas... elas vos põem os cornos.

E rindo, quase descontroladamente, disse:

– Pelo menos os de João Lourenço da Cunha são de ouro e exhibe-os na corte de Castela, dormindo com as damas que se apiedam da sua triste sorte. Isto quando não está a mandar envenenar o rei ou a cavalgar contra Portugal!

Aisha aproximou-se, como uma sombra, e ajoelhando-se ao lado da rainha repreendeu Gonçalo:

– Não é o tempo nem a hora...

A respiração da rainha era agora rápida, ofegante:

– Manda dizer a Fernando, manda dizer ao carcereiro, que os mate aos dois. Traidores. E encarrega-te tu da víbora! Tanto me faz. Quero lá saber, já que tenho a fama, que tenha também o proveito.

O conde de Neiva procurou aproximar-se para lhe beijar a mão, mas Aisha interpôs-se entre os irmãos, pedindo-lhe que saísse.



Parto para Évora, a pedido da rainha, que está prestes a dar à luz esta criança que congrega em si todas as nossas esperanças. Viajamos às horas mais frescas, escolhendo o trajeto que há tantos anos a Rainha Santa fez, com a mesma idade que eu, na tentativa de negociar a paz entre o filho e o neto, pondo fim a uma guerra entre Portugal e Castela. Morreu antes de o conseguir e nos momentos em que estou mais cansada pergunto-me se não será também a minha última viagem. Mas Leonor quer-me ao seu lado e não me posso recusar.

À medida que nos aproximamos, começamos a cruzar-nos com os soldados estrangeiros, nem sequer lhes posso chamar ingleses, porque muitos são mercenários sem terra que fazem destas incursões o seu modo de vida. Vamos encontrando campos nos lugares mais improváveis, por vezes dez ou doze de seguida, montículos de terra cavados com esforço nestes terrenos áridos e cheios de pedregulhos, marcados por cruzeiros improvisadas a partir de ramos de oliveira.

Dizem que o exército do conde de Cambridge está reduzido a metade, muitos deles dizimados pela doença, mas outros em confrontos com os camponeses, que lhes envenenam a água, vingando-se dos assaltos que fazem às casas e ao gado, e muito pior do que isso, abusando das mulheres e das filhas.

Levamos o nosso estandarte bem visível, e os naturais do reino saúdam-nos, mas aproximam-se da minha montada com queixas e lamúrias, apontando para os seus rebanhos reduzidos a uma meia dúzia de cabeças, porque as restantes foram roubadas para alimentar esta gente da qual não entendem a língua, e que, como não recebem o soldo, também não têm dinheiro para comer. Que trapalhada, como é que chegámos a isto?

O conde de Cambridge ultrapassou-nos há dias, no regresso de uma visita relâmpago a Fernando, com o único objetivo de lhe pedir a libertação do mestre de Avis, acusado de traição por conspirar com João de Castro. Pelos vistos, temendo pela vida ao ver-se numa cela por um motivo tão grave, mandou recado a Vila Viçosa, pedindo a Edmund of Langley que o salvasse. E o conde, por piedade ou para ver se consegue pôr os portugueses por ele, aceitou a missão. Consta que garantiu a Fernando que o cavaleiro Robersart jura que o mestre de Avis esteve sempre com ele e que em nenhuma altura se cruzaram, ou muito menos falaram, com João de Castro. Dizem alguns que o rei ficou surpreendido, espantando-se com a ordem que diz nunca ter assinado, mas conheço-o bem demais para acreditar em tal coisa. Ou Leonor e Fernando estão de alguma forma combinados ou alguém falsifica a assinatura do rei, tentando incriminar a rainha. Seja como for, o conde ia feliz por levar consigo a instrução de que o libertem, e conseguirá com isso que o Avis se torne ainda mais amigo dos ingleses do que aquilo que já é.

O que me parece é que toda esta história está muito mal contada e, como dizia sempre o meu marido, a primeira coisa é perceber quem ganha com ela, e são sem dúvida nenhuma os inimigos de Leonor. Que espalham rumores ora de que se quer ver livre de um possível pretendente ao trono, ora que se vinga daqueles que a consideram amante do mestre de Andeiro, e ameaçam dar com a língua nos dentes. Pobre Leonor, mesmo que seja culpada de alguns destes supostos crimes, não pode ser de todos, e desconfio sempre destes enredos urdidos de forma a que todos os dedos apontem na mesma direção.

Vejo uma fonte de água à sombra de um sobreiro e penso que os seres humanos são capazes do melhor e do pior. Aquele que teve a inteligência de mandar plantar um sobreiro junto deste poço, oferecendo água e sombra a todos os viajantes, terá seguramente um lugar garantido no céu. Mas pode ter sido o mesmo que atraíçoo o melhor amigo ou matou o vizinho à facada. Estou velha e cada vez mais cínica, só Leonor me bate, penso, enquanto aceito ajuda para desmontar e descansar um pouco.

Évora, junho de 1382

– O mestre de Avis acaba de entrar – sussurrou Mia, ajoelhada ao lado da rainha, sem tirar os olhos do altar.

– Vem com ele o nosso amigo? – perguntou Leonor, os olhos no altar.

Mia confirmou, estavam os dois, vinham à missa à sé, certamente dar graças por lhes terem aberto a porta da cela. Seria possível que o cunhado, agora com 25 anos, acreditasse realmente que fora ela a forjar documentos para o levar à prisão, que falsificara a assinatura de Fernando mandando cortar-lhe a cabeça? Não era possível. Conhecia-o desde menino, era próximo de Nuno Álvares Pereira, o filho de Iria Gonçalves, que armara escudeiro, não podia crer que a considerasse um monstro.

– Vou convidá-los para jantar – disse baixo.

A dama escondeu o riso por detrás das mãos postas em oração:

– Imagino o terror. Vão pensar que a rainha os quer envenenar.

Leonor cerrou os lábios. Desde que a peçonha comera por dentro o corpo de Fernando, destruindo-o pouco a pouco, que a simples menção à palavra a fazia tremer. Multiplicara os provadores, empregara um ao seu serviço – e do filho que gerava – e outro ao da infanta Beatriz, pedindo-lhes que fossem mais vigilantes do que nunca enquanto estivessem nestes lugares a que o seu inimigo tinha tão fácil acesso.

– E que tragam com eles os Castro. Pagava-lhes a todos na mesma moeda – respondeu entredentes.

Leonor recebeu-os na sua câmara. O leito de aparato parecia particularmente imponente neste paço de granito sóbrio, um tabuleiro de frutas pousado sobre a colcha de brocado. Era ali que ela jantaria, marcando a distância dos cavaleiros, que se sentavam numa mesa acabada de armar, João de Avis e o amigo Vasco, Gonçalo Teles e o conde de Ourém, claro, para que a provocação fosse completa.

Vê-los-ia jantar, mas sem que partilhassem nada, nem pratos, nem jarros, nem talheres, e muito menos comida. Fingindo uma alegria que não sentia, anunciou:

– Comer em liberdade e da cozinha do rei é outra coisa, não é, irmão João?

O cunhado concordou, efusivo. Não era bonito, pelo menos não tão bonito como Fernando, nem sequer como João de Castro, que, supostamente, era o mais bem-parecido dos filhos de D. Pedro, mas o seu rosto era muito expressivo. E meigo. Sempre se dera bem com ele, esforçando-se por o acolher numa corte onde, a princípio, se sentia visivelmente inseguro, como se não soubesse bem qual era o seu estatuto. Tendia a esperar que os outros rissem primeiro, antes de rir, que os outros falassem, antes de falar, mas era inteligente, e pelos vistos não se dava mal com as mulheres. Perguntou-lhe pelos filhos, já eram dois, o mais velho por vezes andava com ele, a pequenina Beatriz – era hábil a escolha do nome – não podia ter mais de dois anos.

Voltou a sua atenção para Andeiro, apesar do franzir do sobrolho de Gonçalves. Hoje estava-se nas tintas. Se João de Avis e o seu amigo intriguista queriam matéria para falatório, fornecer-lhes-ia o que pretendiam. Não se atreveriam a repetir nada do que aqui acontecesse, porque, se uma palavra transpirasse, só eles a podiam ter revelado. Mas se cometessem a insensatez de abrir a boca, então sim, deixaria cair o cutelo sobre os seus suaves pescoços.

Chamou-o para junto de si, mostrando-lhe as pulseiras e os anéis, os cinco anéis que Fernando lhe dera a brilharem nos seus dedos longos. João Fernandes elogiou um de rubi, o maior, e Leonor, rodando-o no dedo, ofereceu-lho. O conde recusou-o com um protesto, mas a rainha insistiu:

– Tome, senhor conde de Ourém, porque é que não o aceita?

Andeiro beijou-lhe a mão, colocando-o de novo no dedo da rainha.

– Porque temo que inventem calúnias sobre nós – respondeu.

E ela tornou a tirá-lo e entregou-lho, e com os seus olhos azuis mais brilhantes do que nunca aparentou indignar-se:

– Não pode recusar um presente da rainha. Quanto aos outros, que digam o que quiserem.

Ele obedeceu-lhe, escondendo o riso. Como amava esta mulher, como admirava a sua beleza, a sua coragem.

Gonçalo abanou a cabeça, perplexo, não entendia porque arriscava demais? Nem queria imaginar o que faria o seu irmão João Afonso quando um dia regressasse a esta corte e descobrisse que no lugar do conde velho estava este insolente. De pouco o consolaria o título de conde de Barcelos, agora esvaziado de todo o poder.

Leonor percebeu a agitação do irmão e, por uns instantes, baixou os olhos – mas o irmão conhecia-a, sabia que preferia arriscar o pescoço a permitir que estes palermas tivessem a ilusão de que a podiam chantagear ou amedrontar. Sim, que contassem a todos que dera um anel a Andeiro. Daqui a uns dias, com o filho nos braços, obrigá-los-ia a engolir cada uma das palavras com que a difamassem. Dobrou o

dedo, vendo a marca do anel ausente, dividia com João Fernandes o poder do governo deste reino. Rezou para que Fernando não desse pela sua falta.



Quando entrei na câmara preparada para o parto, onde a rainha espera a sua hora entre o perfume das aromáticas de Aisha, Leonor levantou-se para vir ao meu encontro, e a gratidão que me demonstra compensou largamente o cansaço do caminho. Pela minha parte, não iria tocar nas histórias de lenços e anéis que ouvira horrorizada, deixava cair o escândalo, mas foi ela que começou o assunto, indignada com o desplante do mestre de Avis e do amigo, que, ao contrário do que apostara, andavam a contar o que se passara na sua câmara.

Procuo acalmá-la, o que está feito está feito, e reconheço que só com muita maldade e imaginação se presume que uma mulher em fim de termo possa partilhar a alcova com um homem que, temos de o reconhecer, tem idade para ter juízo.

– Amanhã já ninguém se lembra disto – minto-lhe, e rezo com ela à Virgem, para que lhe dê uma hora curta e nos traga este bebé com força e saúde.

Évora, 19 e 20 de julho de 1382

– Aisha, esfrega-lhe o corpo com sal.

«Aisha, não te esqueças do mel. Lava-lhe a boca com ele.

«Aisha, enfaixa-o com o pano benzido e não te esqueças dos amuletos.

«Aisha, entrega-mo, deixa-me beijá-lo.

Leonor fervia de excitação e alegria, como se não tivesse acabado de dar à luz, esquecida das dores, não fazendo caso da hemorragia, movendo-se pelo seu pé da cadeira para a cama de lençóis brancos, corados ao sol e passados a ferro muitas vezes para os libertar de todas as impurezas.

Guiomar beijou-lhe a testa, puxando para mais perto da sobrinha a imagem da Virgem do Leite. Felizmente a criança nascera de uma assentada, sem grandes dores, mas, mesmo que as tivesse tido, Leonor não as manifestaria, anestesiada pela ânsia de saber se Deus lhe concedera o herdeiro do trono. Quando a criatura deslizara para fora, ajudada pelas mãos hábeis da comadre, fora ela a primeira a anunciar:

– É um varão!

O bebé abria os pulmões num choro e o coração de Guiomar saltara uma batida, parecia-lhe um choro frágil, o bebé pequeno para os meses de gestação, e mais preocupada ficara quando vira Aisha precipitar-se sobre ele, esfregando-o vigorosamente com uma toalha suave. Mas Leonor, tão feliz, tão vitoriosa, desvalorizara a sombra que passara fugidia pelo rosto da moura.

Talvez não fosse nada, pensou Guiomar, ao ver o bebé tão perfeito agora nos braços de Leonor.

– Não se parece com ninguém, apenas consigo mesmo – disse, como se falasse sozinha, e depois ordenou: – Deixem entrar o rei – exclamou, balouçando contra si o corpo quente do seu triunfo, beijando-lhe a penugem clara.

– Pedro, meu querido Pedro II de Portugal – murmurou, dizendo-lhe pela primeira vez o nome. E o título que teria se tivesse sido rei.

Fernando aproximou-se lentamente, apoiando-se numa bengala, tão envelhecido que ninguém lhe daria os 36 anos que tinha, mas o seu sorriso continuava o mesmo. Sentou-se na borda da cama, ao lado de Leonor, passando o dedo trémulo pelos punhos cerrados do bebé,

recusando gentilmente pegar-lhe, por medo de o deixar cair. Não tinha ilusões, não veria esta criança crescer, mas não era o momento de pensar nisso. Inclinou-se, antes, para beijar Leonor nos lábios, espantando-se como mesmo agora, mesmo neste lusco-fusco da câmara iluminada apenas por meia dúzia de velas, continuava a ser a mulher mais bonita, com que nem por um instante, nem depois de tudo o que sucedera desde então, se arrependia de ter feito rainha.

– Tem os meus olhos – disse.

– Se ainda nem os abriu – troçou Leonor.

– Reconheço-os pela forma, repara como são ovais – riu Fernando.

– E perfeitos – elogiou a rainha, entregando o bebé à ama, que desatou num pranto.

– E grita bem como eu – concluiu a rainha, sorrindo.

Fernando tomou as mãos de Leonor nas suas e tirou do dedo o sexto dos sete anéis do avô, erguendo-o para que as múltiplas faces do diamante refletissem a luz. Leonor instintivamente escondeu o dedo onde deveria estar o anel de rubi que dera a Andeiro, arrependendo-se mil vezes de o ter feito. Mas Fernando olhava para a pedra, distraído da sua aflição:

– Dou-te o sexto dos sete anéis em louvor e graça por este filho. Por teres cumprido sempre com todos os meus desejos. – E, colocando-o no dedo da sua amada, continuou, suavemente: – Leonor, recebe-o como sinal do meu amor, da minha fidelidade e confiança.

Leonor pressionou os lábios um contra o outro para não chorar.

– Não o mereço – disse, mas Fernando levantou-lhe o queixo com o dedo, olhando-a diretamente nos olhos:

– Mereces, sim. Sei que tudo o que fazes o fazes por mim, por nós, por Beatriz, pelo futuro deste reino, que sempre foi a nossa causa. Com a mesma bravura vais defender este pequenino Pedro e levá-lo ao trono, contra tudo e contra todos.

Leonor benzeu-se:

– Se Deus assim o desejar.

Fernando empalideceu:

– Às vezes o diabo parece poder mais do que Ele. – E amargurado acrescentou: – Leonor, este filho tem o sabor a vitória. Condenaram-me, impedindo-me de ser eu, mas nós trocámos-lhes as voltas.

Calou-se. Leonor sabia ao que se referia, mas nunca falaria daquilo que não era necessário nomear. Finalmente, no berço real dormia um varão.



Beatriz ajoelhou-se ao lado do berço do irmão, fechando cuidadosamente as cortinas de linho fino, para que nem moscas nem

mosquitos pudessem chegar ao bebé. Ao longe, ouviam-se os vivas do povo, que acorrera ao paço para celebrar o nascimento do herdeiro, pousando pequenos ramos de espigas de trigo nas soalheiras das portas e das janelas, e Leonor, recostada em grandes almofadas, ouvia-os de olhos fechados, deliciada. Mas Beatriz queria lá saber dos aplausos, que, de um momento para o outro, se transformavam em insultos e calúnias. Por uma vez, preocupava-se consigo. Com o seu futuro, que o nascimento deste irmão viera virar do avesso.

– Já disseram aos condes de Cambridge que não posso manter o contrato de casamento com o príncipe Edward? – perguntou à mãe, num tom em que o ouvido atento de Leonor detetou acinte, ciúme, raiva. Não lhe podia levar a mal, se estivesse no lugar dela sentiria tudo isso e muito mais. Respondeu-lhe sem rodeios:

– Já te disse muitas vezes que és esperta demais para que te minta. Mas, também, já te chegam nove anos para saber que mesmo os planos mais bem feitos caem por terra em razão de forças que, muitas vezes, nunca chegamos a entender.

Beatriz segurou num dos pequeninos pés do bebé.

– Desejo toda a felicidade do mundo ao Pedro – reagiu, aflita.

Era impossível desejar mal a uma criatura tão pequena como esta, que cheirava a leite e a rosmaninho, chocalhando como um cordeirinho, tantos os amuletos e campainhas que Aisha lhe tinha colocado, por ordem da rainha.

Leonor sossegou-a:

– Não me passou tal coisa pela cabeça, Beatriz, até porque as coisas são como são: se Pedro crescer forte como todos desejamos, será um dia rei de Portugal. Mas é uma criatura de dias e até lá vai precisar muito de nós.

– Mas como não vou ser rainha de Portugal, e Edward não será rei, tenho a certeza de que os condes de Cambridge vão encontrar forma de declarar os nossos esponsais nulos, por uma razão ou por outra.

Leonor não escondeu o alívio, não suportaria ver Edmund of Langley num lugar que lhe pertencia por direito, e a filha tinha razão, nunca aceitariam deixar o seu primogénito a marcar passo em Portugal, cunhado do rei, nada mais do que isso.

– Beatriz, também me parece que teremos de te arranjar um marido melhor. – Leonor ignorou o amuo. – Mas antes de mais nada é preciso acabar com esta guerra – acrescentou.

A infanta agitou-se:

– O pai não está em estado de comandar exércitos.

Leonor concordou:

– Cabe-nos evitar que esse momento chegue.

Beatriz interessou-se:

– Negociar a paz com Castela? Sem que os ingleses saibam disso?

– Ainda bem que não perdes tempo... Se o chanceler Fogaça nos trouxer notícias de que o duque de Lancaster não avançou, teremos de trabalhar nos bastidores.

Beatriz concordou com um gesto da cabeça, despedindo-se da mãe:

– Vou procurar Edward.

– Por favor, Beatriz, não lhe dê o menor indício daquilo de que falámos. O conde de Cambridge não pode saber de nada, ninguém pode.

Beatriz reagiu com irritação:

– Esquece-se de quem sou filha? Vou fazer precisamente o contrário, não foi para isso que me contou o seu segredo?

Évora, 21 e 22 de julho de 1382

Leonor acordou sobressaltada, sentando-se de um salto, as pernas balouçando da altura da cama, dispostas a correr. O quarto estava escuro e a rainha tateou o caminho até ao berço do filho, sentindo-lhe o corpo gelado. Pegou-lhe ao colo, chegando a sua boca à dele, soprando com força, uma e outra vez, pressionando-lhe o peito enfaixado com violência, abanando-o como um boneco, procurando em desespero insuflá-lo de vida. Mas Pedro jazia inerte, já não era deste mundo.

A rainha soltou um uivo longo e dorido, um grito tão longo e dorido que arrancou do sono todos quantos dormiam, cobrindo-os de um manto de horror. Ninguém duvidou do que tinha acontecido.



Leonor estava com *Noctua*, correndo os campos, perseguindo os pardais que num alarido de aflição abandonavam as espigas ao pressentirem a aproximação do peregrino, mesmo deste, velho e cansado, preso à luva da sua senhora, que hoje não o deixaria voar em liberdade, dominada pelo medo de o perder.

Caminhava em direção ao sol escaldante, como se tudo o que desejasse era que a engolisse, a ela e a *Noctua*, desaparecidos em combate. Um lenço preto cobria-lhe o rosto, protegendo a pele, deixando ver apenas os olhos, aqueles inconfundíveis olhos azuis que metiam inveja ao céu. Falhara. Perdera. Estava vencida e derrotada, e cada uma daquelas oliveiras se transformara num cavaleiro inimigo que avançava na sua direção, o bafo quente de uma voz a condená-la. Porque merecia um filho uma mãe que abandonou outro? Porque merecia um filho uma mãe que desejou a morte de uma criatura no seu ventre e nem o seu nome inscreveu na lápide da sepultura?

Álvaro, aos 13 anos, continuava na Beira, entregue a Elvira, sem saber quem era a verdadeira mãe, renegado pelo pai, que se calava, temendo as represálias do rei que lhe ficara com a mulher.

– Pelo menos tu, *Noctua*, testemunhas a meu favor – pediu-lhe, seguindo com o dedo da mão a linha do bico curvo da ave. Só acreditava em alianças em que ambas as partes tinham o mesmo a

ganhar, nunca em uniões desinteressadas. Inspirou fundo, a garganta seca, os olhos doridos, queimados pelas lágrimas, pela insónia, pelo desgosto, que ingénua fora em acreditar que Deus lhe perdoara. Que se perdoara a si mesma.



Nem Fernando nem Andeiro tinham dúvidas de onde a poderiam encontrar. Mas nenhum deles a procurou, porque há dores que só se podem viver a sós, em que toda a aproximação é sentida como uma violência ainda maior. O rei encontrou consolo em Beatriz, e Beatriz no pai, ajoelhados junto do pequeníssimo caixão coberto por uma colcha bordada de estrelas e luas, a franja dourada rojando o chão.

– Vamos sepultá-lo em Estremoz? – perguntou a infanta.

Fernando negou com um gesto da cabeça e, tentando que a voz lhe saísse mais firme, explicou:

– O nosso panteão é em Santarém, é lá que o meu túmulo me aguarda, e o teu irmão descansará nele, até que lhe faça companhia.

Beatriz pousou a cabeça no ombro do pai, sem se atrever a dizer nada. Foi Fernando que voltou a falar:

– Temos de resolver esta guerra.

E, fazendo uma festa na mão da filha, acrescentou:

– Vamos precisar de ti.

A infanta endireitou-se, olhando de relance para os rostos em seu redor. Eram de novo seus súbditos. Era de novo a herdeira única do trono de Portugal. E foi com um suspiro que respondeu:

– Deixe-me adivinhar. Vão propor a D. Juan de Castela que faça as pazes com Portugal, soltando o meu tio João Afonso Telo, devolvendo a armada que sequestraram, casando-me com um dos seus filhos. Não o mais velho, claro, que será rei, mas aquele que... nasceu há pouco, quantos anos tem? Um? Dois?

E com um íçar de sobranceiras acrescentou:

– Estarei destinada a criar os meus maridos desde crianças?

Fernando sorriu, abraçando-a.

– Assim, ficam desde pequenos a saber quem vai reinar.

Beatriz sorriu-lhe de volta:

– Para isso bastava-lhes conhecer a minha mãe.

O rei brincou:

– Todos a servirmos, não és só tu.



– Aisha, pede-lhes que saiam. Quero ficar sozinha com ele. Sozinha com ele e contigo. Quero abrir a tampa do caixão e voltar a vê-lo, e

que o rodeies de saquinhos de canela, de cravo e de todas as tuas ervas mágicas.

«Aisha, quero que leve com ele este crucifixo e esta ovelhinha de trapos que Beatriz lhe fez, e peço-te que com a tua mão firme cortes uma madeixa do seu cabelo de seda, para que o guarde num medalhão ao peito, trazendo-o sempre comigo.

«Aisha, deixa só uma vela acesa, para que o veja e não o veja, e guarde dele apenas a imagem dos momentos em que o tive ao colo, de como bracejava cheio de vida, a força com que me prendia o dedo indicador, como se dependesse de mim. E dependia. E falhei-lhe.

«Aisha, porque não acordei uns minutos antes, porque é que a ama o deixou? E tu, Aisha, onde estavas tu, e os anjos e os santos e todos os que deviam velar por ele, impedindo a morte de o vir buscar?

«Aisha, ele nunca o viu. Descrevo-lho? Conto-lhe como de cada vez que o olhei, nestes quatro dias, o reconheci nele, ou calo-me para sempre, mantendo esta farsa como se nem eu nem ele reconhecêssemos que talvez, quem sabe, tenha resultado daquela manhã, daquele dia em que, nas dunas de areia, como dois jovens camponeses, esquecemos por um momento quem éramos?

«Não, Aisha, não me respondas nada. Pede-lhes apenas que me deixem com ele.



Pobre Leonor, pobre Fernando, como foi duro este golpe do destino, colocando-lhes no regaço o filho pelo qual há tantos anos esperavam, para lho roubarem de seguida. Só uma mãe que perdeu um filho sabe a dor que dilacera Leonor, mesmo que, como é esperado de uma rainha e de uma mulher de fé, esconda o desgosto fingindo que se conforma com a vontade de Deus.

O confessor diz-lhe que o Altíssimo o levou para junto de si para o poupar aos sofrimentos terrenos, pobre anjinho, porque o batismo já lhe lavara o pecado original e ainda não tivera tempo e forma de contaminar a sua alma. Falo sozinha, e por isso posso permitir-me esta ironia na voz, não porque não acredite nos ensinamentos da Santa Madre Igreja, mas porque sabem lá estes pregadores do que falam, eles que nunca sentiram um filho crescer-lhes nas entranhas, num só rio de vida, o sangue de um o sangue do outro; não sofreram as dores de parto para deixar vir ao mundo uma criaturinha, presa por um cordão que nunca se corta, mesmo que uma comadre tenha a ilusão de o ter feito.

Enquanto o reino se cobria de panos de dó, à medida que a notícia da morte do infante D. Pedro correu de boca em boca, e as igrejas se enchiam de gente bondosa que se ajoelhava para rezar pela sua alma e pedir consolo para os seus pais, enquanto isso, dizia eu, nos mentideiros da corte, nos paços dos fidalgos que estão pelos Castro, e também na corte de Castela e Aragão, conta-se que foi o rei, o bondoso senhor D. Fernando, que assassinou o próprio filho, colocando-lhe uma almofada sobre o rosto, sufocando uma inocente criança, por desconfiar que não era seu. Por lhe terem dito que era de Andeiro. A crueldade não tem limites, mas a maldade também não: como seria possível que, se assim tivesse sido, o rei nomeasse de seguida o mesmo homem para mordomo da casa da sua adorada Beatriz, escolhendo-o como embaixador de confiança para as negociações secretas com Castela.

Em lugar de o mandar matar. E de continuar a amar a adúltera,

– Tia Guiomar, não me vencem – diz-me Leonor, as olheiras ainda fundas, mas as brisas tornando-se de novo fogo. Vai tentar engravidar de novo, o mais depressa possível, não desiste. Não consigo reprimê-la, não a quem tem esta força de cair e se voltar a erguer. Vou

mais longe, no segredo das minhas orações, peço à Virgem que lhe conceda o que deseja e que encontre consolo e força nesses breves momentos de felicidade.

Elvas, 29 a 31 de julho de 1382

Os criados despiam o rei da armadura, e Fernando entregava a espada ao escudeiro, deixando que lhe abrissem e retirassem o elmo, sentindo o cabelo ensopado de suor, que lhe corria pela cara abaixo. Regressava de uma revista às tropas, acompanhado do conde de Cambridge e de Álvaro de Castro, agora condestável do Reino, um título que copiara dos ingleses e franceses. Apesar do caos que parecia reinar entre as tropas estrangeiras, a verdade é que tinha muito a aprender com a forma como organizavam a tática de guerra, muito diferente da que se praticava em Portugal e Castela.

O rei aceitou o copo de água que um dos criados lhe estendeu e recebeu de outro um sudário com que secou a cara, deixando perceber-lhe o rosto esquelético e o esgar de dor quando lhe tiraram as botas.

Os últimos dias tinham sido de uma absoluta agitação, com a chegada de Edmund of Langley e dos seus homens a Elvas, vindos de Juromenha, onde estavam acampados junto do Guadiana. Em preparação para a grande batalha, que já tinha dia e hora marcados, ordenara que se colocassem já no caminho para a fronteira, longe do arraial português, montado entre as hortas e os pomares, fora de portas, evidentemente. No castelo ficavam os reis de Portugal e os condes de Cambridge.

Pediu que chamassem a rainha, passando ao segredo da sua câmara, onde, prostrado sobre a cama, os braços cobrindo-lhe a cara, a sentiu chegar. Leonor deitou-se ao lado do marido, sem lhe tocar – estava calor demais para isso –, festejando:

– Parabéns, o nosso plano corre bem.

– Sim, os batedores regressaram com a notícia de que D. Juan já está em Badajoz. Os ingleses e os gascões atravessaram agora de manhã o Caia para fazer o reconhecimento do campo de batalha e os homens estão eufóricos – informou Fernando, com um suspiro cansado.

Coitados, imaginavam que este avanço castelhano resultara da pressão imposta pela aliança anglo-portuguesa, que, com as suas incursões e correrias em Castela, tinham obrigado, finalmente, o rei a descer de Ciudad Rodrigo, mas Fernando e Leonor sabiam o que se

passava nos bastidores. E Andeiro, claro.

Ao tomarem consciência de que o castelhano não arredava pé de Ciudad Rodrigo, temendo um ataque do Lancaster – que, com uma habilidade admirável, mantinha os rumores de que estava quase a chegar, embora em Londres ainda nem sequer tivesse angariado o financiamento da operação –, tinham percebido que a saúde do rei não aguentaria uma guerra de desgaste prolongado. E, sendo assim, era preciso agir depressa, antes que D. Juan descobrisse que estava a ser enganado.

– Ninguém desconfia de nada? – perguntou Leonor.

O rei estava seguro de que não. Ainda hoje ensaiara com Edmund of Langley, o condestável português e o inglês toda a estratégia do grande dia.

– Primeiro avançam os ingleses, com os exilados castelhanos, que não desistem de derrotar os Trastámara. Logo de seguida, é a nossa vez.

– Disseste-lhes que estarias ao comando? – confirmou Leonor.

– Exatamente – disse Fernando, engolindo em seco.

A rainha estendeu a mão, passando-lhe suavemente os dedos pelo braço, consolando-o. Só Deus e Aisha sabiam como aguentara o ritmo destas semanas em que saíra todos os dias a cavalo, sempre rodeado dos seus homens, dando ordens e instruções, procurando suprir as faltas de montadas, de armas, de comida, de alento.

– Vai ser melhor para todos – acalmou-o Leonor –, mas agora dorme, fico aqui até que adormeças.

Angustiada, cumpriu.



Álvar de Castro entrou na câmara do rei, inclinando a cabeça em direção a Leonor e a Beatriz, uma de cada lado da cama, de onde o rei estava incapaz de sair.

– Pelos vistos, o último gesto pelo qual vou ficar na História foi a nomeação do primeiro condestável do Reino – disse Fernando, a cara tão branca como a fronha da almofada levantada para que respirasse melhor. Mas, antes de Álvar lhe responder, lembrou, com humor: – Pelo menos há um Castro que não me guardará rancor.

Álvar inclinou de novo a cabeça, mas a sua impaciência era evidente. O que fazia o rei ainda deitado? Não iria comparecer nem que fosse apenas montado num cavalo de guerra ao lado do príncipe inglês, frente ao rei castelhano, que chegara há dias ao arraial montado na outra margem do Caia?

– A batalha dos três reis – comentou Leonor, intrometendo-se pela primeira vez na conversa.

– A batalha dos três reis – confirmou Álvaro, voltando de novo a atenção para o rei, que lhe dizia:

– Se o senhor Edmund of Langley luta em nome do Lancaster, autoproclamado rei de Castela, então o condestável do Reino fará o mesmo, em representação do rei de Portugal.

Álvar procurou Andeiro entre o grupo de cortesãos que ali estavam, mas o conde de Ourém continuava desaparecido. Quando perguntara por ele, tinham-lhe dito que fora visitar a mulher a Ourém, mas conhecia-o bem e não acreditava que se afastasse da linha de combate. E o combate era ali. O novo conde seguramente agia nos bastidores em nome do rei e da rainha.

– Majestade, é para avançar? – perguntou.

– É para avançar – garantiu o rei.

– Que Deus esteja convosco – acrescentou a rainha.

Álvar e o seu grupo de cavaleiros desceram as ruas estreitas da vila, o barulho dos cascos dos cavalos fazendo eco nas paredes das casas, de onde rostos preocupados espreitavam, incitados por alguns homens na rua, passando a Porta de Badajoz, que se fechou atrás deles, as grossas trancas corridas pelos soldados reservados para a defender.

– O rei não vem, mas é para avançar – comunicou o condestável a um surpreendido conde de Cambridge, registando a desilusão na expressão do mestre de Avis e dos que estavam com ele.

O calor sufocante do final de julho tornava difícil suportar as armaduras e os elmos, as mãos suadas escorregavam nos arcos, mas o desejo de justificar os meses de espera fazia com que tudo o que quisessem era, finalmente, dar cabo deles. E sair dali.

O cavalo branco do príncipe Edmund of Langley, adornado com panos de ouro, refulgia ao sol, reconhecível à distância, e uns após os outros cruzaram o rio até ao campo de batalha. Finalmente, finalmente, diziam uns aos outros, quase três mil homens em movimento, como uma gigantesca serpente colorida a atravessar um deserto. Tocaram as cornetas e o arauto do duque de Lancaster desembestou num galope furioso por entre os homens incitando-os, o estandarte do pretendente desfraldado, a que os soldados estrangeiros respondiam com o grito «Castile and León, for king John of Castile, son of king Edward of England».

O rei de Castela filho de um rei inglês galopando a par dos outros, o mestre de Avis teve subitamente vontade de rir.



Sozinha, Leonor subiu ao cimo da torre mais alta do castelo de Elvas, degrau a degrau, lentamente, iluminada pela luz das seteiras, sabendo de antemão o que ia acontecer no campo de batalha.

Deveriam ter confiado em Álvaro de Castro, pondo as cartas sobre a mesa? Andeiro aconselhara-os a que não abrissem o jogo, convencido – e teria certamente razão – de que o condestável português se teria recusado a avançar sobre o arraial castelhano. E o conde de Cambridge, como reagiria quando percebesse que os reis de Portugal, ao pactuar antecipadamente com o inimigo, lhe tinham roubado, a ele e aos grandes cavaleiros ingleses, a oportunidade de uma vitória gloriosa no campo de batalha? Mas que mais brilho podiam ambicionar do que imaginar que a sua fama era tal que o inimigo fugia, sem coragem de o confrontar?

Subiu mais um lance de escadas, empurrando a porta para o terraço ameaçado, de onde recebeu um bafo de calor. Apoiando-se nas ameias, para recuperar o fôlego, observou cuidadosamente o horizonte. Imaginou o choque e a surpresa dos combatentes quando o inimigo não se apresentasse, quando percebessem que o rei de Castela dava ordens ao seu exército para se retirar para Badajoz. Perseguiriam o inimigo ou entenderiam o logro em que tinham caído?

Álvar de Castro regressaria em breve e então entregar-lhe-iam a missão que tinham preparado para ele, sabendo-o próximo da corte castelhana e contra esta guerra, que só acatara por obediência ao rei e pela lisonja do novo título.

Os documentos das pazes de Elvas já tinham sido redigidos pelos procuradores de ambos os reis, que se tinham encontrado em segredo, mas era importante que o condestável os apresentasse de viva voz daqui a uns dias, como se tivessem sido acabados de pensar. Álvaro de Castro deveria jurar não dizer uma palavra, no entanto, sobre a cláusula secreta que previa o casamento de Beatriz com o segundo filho do rei de Castela, uma criança de dois anos, que daqui a muito, muito tempo seria consorte da rainha de Portugal. Mas essa notícia só a receberiam os condes de Cambridge quando já tivessem regressado a Inglaterra, a milhares de léguas daqui. O que diria Isabel de Padilla deste repúdio do seu filho? Encolheu os ombros. A culpa era de John of Gaunt, que Edmund of Langley pedisse contas ao irmão mais velho quando desembarcasse em Londres, com o que restava dos seus homens de armas transportados em naus castelhanas. Naus castelhanas, sim, também fazia parte do novo tratado, porque não podiam arriscar enviá-los na frota finalmente resgatada, sob risco de os ingleses a apreenderem, furiosos com esta inesperada quebra do tratado de aliança.

Como ficaria esta batalha para a História, suspirou. Como a batalha a que nenhum dos três reis tinha comparecido. Entristecia-a.

Raspou a mão no granito escuro dos enormes blocos de pedra que mantinham de pé este castelo que guardava a fronteira das investidas do reino vizinho, sentindo a superfície áspera arranhar-lhe a pele,

tirando prazer daquela dor que lhe assegurava que, apesar de todos os desgostos e desilusões, continuava viva.

A libertação de João Afonso da prisão de Sevilha aconteceria a seguir. O irmão deveria ficar grato ao novo conde de Ourém, que negociara este acordo, usando com arte o receio que Juan de Castela tinha de John of Gaunt, mas duvidava que reconhecesse o que tinha feito para pôr um fim ao seu cativeiro.

OuvIU o riso de Edward e viu-o lá em baixo a correr, o cabelo da cor das searas e o rosto afogueado como uma romã. Não, Beatriz não ficaria contente com a troca.



Chega-me a notícia de que a 10 de agosto o meu querido Álvaro de Castro cruzou a fronteira e foi ao paço de Badajoz propor ao rei de Castela que assinasse um trato de paz. Como se a tinta ainda estivesse fresca, quando tudo o que ali ia escrito já tinha sido congeminado antes da falsa batalha. O reinado de Fernando é o reinado dos *volte-faces* inesperados – quantos sapos teve o conde velho de engolir –, mas o povo celebra o fim da guerra, que é tudo o que lhe interessa, e despede-se com alegria dos ingleses, que não nos deixam saudades.

Diz, quem assistiu, que o conde de Cambridge explodiu de raiva quando percebeu a armadilha em que caíra, e ameaçou avançar contra Castela por sua conta e risco, porque afinal o seu objetivo não era defender Portugal, mas resgatar o trono do irmão e da cunhada.

Fernando, sempre conciliador, e mais amigo dos ingleses do que dos castelhanos, procurou deitar água na fervura e, mesmo antes de Edmund of Langley partir, enviou uma embaixada portuguesa a Gaunt com a notícia – suspeito que lhe disse que, caso, por fim, conseguisse desbloquear os fundos para avançar, contasse com o seu apoio. Por enquanto, ainda se mantém que o casamento de Beatriz e Edward é para levar a sério – depois daqueles esponsais tão abençoados –, e os «esposos» despediram-se enquanto tal, mas as relações entre os condes e os reis estão tão frias, geladas mesmo, que parece óbvio que os Cambridge percebem que é mais um ato desta peça que não parece ter fim. Afinal, a pobre Isabel de Padilla, como maldosamente Leonor continua a chamá-la na intimidade, saiu de Portugal tão desiludida como da última vez que aqui esteve em criança. Não é a única.

Santarém, outubro de 1382

– Mãe, o que faz? – perguntou Beatriz, ao ver a rainha de joelhos frente a uma arca aberta, de onde tirava lençóis e colchas, que se empilhavam ao seu lado, sem aia nem serva que a ajudasse.

Leonor puxou a trança solta para trás de um ombro, voltando-se para a filha com um grande sorriso:

– Faço a revisão do teu enxoval – disse, e a infanta sentou-se ao seu lado, divertida.

– Dado que o meu «marido» Edward embarcou, e o meu novo esposo ainda mal sabe dar dois passos sem cair, parece-me que temos tempo para tratar desse assunto, não?

Leonor sentou-se sobre os calcanhares, feliz com a novidade que tinha para dar à filha:

– O teu pai teve uma nova ideia, foi por isso que te chamei. Mal soube da morte da rainha de Castela, pobre coitada, são tantas as mulheres que não sobrevivem ao parto, percebeu que se casares com o rei viúvo ficarás segura.

– Ficaremos seguras – sublinhou Beatriz, evaporada a boa disposição.

– Beatriz, deixar-me a mim segura é deixar-te a ti segura, e vice-versa – respondeu a rainha com impaciência, mas a infanta indignou-se:

– Odeio como falam da morte do meu pai, como o meu próprio pai fala da sua morte. Quem é que garante que Aisha não encontra uma cura, que o físico mouro, ou o judeu, ou outro...

A voz embargou-se e Leonor pousou-lhe a mão no joelho.

– Beatriz, o futuro a Deus pertence, mas cabe aos reis encontrar as melhores respostas para os problemas, não para os seus, não sejam tão rápida a apontar-me o dedo, mas daqueles que dependem deles. Não queremos entregar o reino aos Castro.

– E por isso entrega-o antes aos castelhanos – troçou Beatriz.

– Obviamente que não, mas para isso é que servem os contratos e os tratados.

Beatriz fez uma expressão forçada de incredulidade, quantos se tinham feito, quantos já se tinham rompido... a começar por este último de Elvas, celebrado há pouco mais de um mês.

Leonor cruzou os braços:

– Deixa de ser uma criança e pensa, Beatriz. Se, ou melhor, quando, Juan de Castela casar contigo, tornas-te imediatamente rainha de Castela.

– O que me impede de ser rainha de Portugal, que é aquilo que desejo.

Leonor sacudiu a cabeça:

– Se não me estivesse sempre a interromper, explicava-te o que João Fernandes de Andeiro se prepara para negociar: sucedes ao pai no trono de Portugal, mas o título é nominal, exatamente porque não queremos unir as duas coroas, e será o teu filho o futuro rei de Portugal.

Beatriz estava perplexa:

– E a mãe será regente até lá, claro. Ou seja, nos próximos, na melhor das hipóteses, vinte anos.

Leonor fechou a tampa da arca com estrondo, sentando-se nela:

– Beatriz, ponho-te a par de tudo isto apenas porque és invulgarmente madura para a tua idade, porque tanto eu como o teu pai sabemos que és capaz de perceber as vantagens deste novo acordo. E não me olhes assim, vantagens também para ti. Vais ser rainha e levar contigo damas, donzelas e aias, joias e um enxoval sem fim, e receberás as rendas de terras e vilas sem conta.

Beatriz não se comoveu. Cumpriria, não era ingénua e sabia que não tinha outra alternativa, mas não era só isso que a movia: por muito que a mãe a enfurecesse tantas vezes, tudo o que ambicionava era demonstrar a mesma força e a mesma tenacidade que ela.

– Para variar, caso com um homem, de vinte e cinco anos em lugar de cinco. Mas a qual papa vai o rei de Portugal pedir a dispensa do meu casamento com Edward? E, mãe – acrescentou, provocadora –, posso levar comigo a colcha preta, bordada com as armas dos fidalgos do reino? Sempre lhe voltamos a dar uso.

Leonor deu uma gargalhada.

– Levas a colcha e tudo o mais que quiseres, minha adorada filha.

– E quem é que dá a notícia aos condes de Cambridge de que já não casarei com Edward?

– O teu pai, claro – sorriu a rainha.



O meu sobrinho João Afonso veio visitar-me, para desabafar a fúria de não ter sido enviado a negociar o casamento da infanta Beatriz com o rei de Castela, como cabia por direito ao conde de Barcelos, que agora é. Regressou de Sevilha amargo, convencido de que o poderiam ter libertado muito antes, para descobrir que durante este ano e meio tudo mudou na corte do rei Fernando. E que o lugar do seu querido tio está ocupado por um aventureiro, por azar um aventureiro brilhante, bem capaz de dar conta do recado. Sim, como é óbvio, foi em João Fernandes de Andeiro que os reis confiaram este complexo tratado, e partiu para Castela

numa embaixada de luxo. Escoltado por guardas armados até aos dentes, porque o conde de Ourém sabe bem que conta com poderosos inimigos, dentro e fora deste reino.

– Levou os selos da rainha – protesta João Afonso, e percebo que já lhe chegaram os rumores de que a irmã e o conde são amantes.

Contorno o assunto, explicando-lhe que, no estado de saúde em que o rei se encontra, Juan de Castela precisa que cada compromisso seja assumido pela rainha de Portugal.

O meu sobrinho quer que lhe conte o que pensa disto Diogo Lopes Pacheco, que ultimamente tem estado tão calado.

– Observa e espera o momento certo, como sempre. Não desisti de colocar no trono ou João ou Dinis de Castro.

– Remorsos por lhes teres matado a mãe? – pergunta-me, curioso.

Temo que já nem se lembre da pobre Inês de Castro, no meio de tudo isto.

– Não. Apenas ódio a D. Fernando, que favoreceu a família Teles, a nossa, arrebatando todo o poder e riqueza que desejava para ele. Não esquece que era filho do mordomo-mor de Afonso IV, tal como eu.

João Afonso agitou-se, irritado. Se Diogo Lopes Pacheco lhes tinha raiva, o que sentiria ao ver que agora era tudo para um galego?

Respondo, sem conseguir esconder a ironia:

– Se o novo conde de Ourém tomasse Lopes Pacheco por conselheiro, devolvendo-lhe as terras, provavelmente poderiam ainda ser bons amigos.

João Afonso hesita. Nunca gostei muito deste meu sobrinho e não me parece que se tenha tornado mais gostável com a idade. Pelo contrário. É um cretino e não gosto de cretinos. Despede-se de mim, na certeza de que sou cúmplice da irmã, e preocupa-me a vingança que lhe leio nos olhos. Vou avisar Leonor para que ela avise o Andeiro – ou muito me engano ou o conde de Barcelos é bem capaz de o remover do seu caminho. Sobretudo se Leonor avançar com um dos seus planos secretos, em que é perigoso até pensar.

Salvaterra de Magos, abril de 1383

Leonor tirou das mãos de Aisha a taça de caldo, ajudando Fernando a beber tudo, até à última gota. Pousou-a sobre a arca e voltou para se deitar ao lado do rei, aconchegando-se-lhe.

– Estou à espera de bebé – disse-lhe baixinho, os braços em redor do seu corpo magro.

Fernando voltou a cabeça, beijando-a, o cheiro a hortelã e canela ainda nos lábios, com a ponta do dedo varrendo as lágrimas que inesperadamente encontrou no rosto da mulher. Ficaram os dois em silêncio, um silêncio doloroso.

Leonor rezava para que não lhe perguntasse nada, e Fernando não perguntou. Limitou-se a dizer-lhe, suavemente:

– Meu amor, é preciso que o rei de Castela não desconfie. É preciso que guardes segredo até quando for possível. Temos de apressar o casamento de Beatriz, é preciso que seja blindado de todas as formas para que, aconteça o que acontecer, não fique desprotegida se...

Leonor fechou os olhos e inspirou fundo:

– Não tenho grande esperança, pode não ser varão, mas era preciso tentar, Fernando. Tentar uma última vez. Porque, por muita tinta que se gaste, por muitos documentos que assinemos, sabemos bem como é fácil descartá-los. E quem estará cá para os fazer cumprir? Uma mulher e uma menina rainha? Mas se tivermos um filho...

Fernando levantou-lhe a mão direita, e Leonor suspirou de alívio por já ter recuperado o anel de rubi que fingira oferecer a Andeiro para provocar o mestre de Avis:

– Já são teus seis dos sete anéis, anéis do poder, como sempre lhes chamaste. És senhora deste reino. Apesar dos protestos, o rei de Castela aceitou a tua regência até que o nosso neto tenha idade para reinar. Beatriz é corajosa e sensata, cumprirá a sua parte.

– Não sossegarei enquanto os teus irmãos Castro estiverem à solta, apapricados pelo rei de Castela.

– Leonor, descansa, se essa criança vingar... negociaremos de novo.

Leonor encostou a cabeça ao ombro do marido, esforçando-se por conter as lágrimas de gratidão. Não se arrependia de nada.



– Mais um vestido, mais uma cerimónia em que juro que desta é que é – murmurou Beatriz a Mia e Iria Gonçalves, que lhe acabavam de apertar a camisa de seda, fixando-lhe uma magnífica gola de renda bordada.

– Fique quieta, senhora, e não se distraia, que ainda é um discurso longo o que tem de declamar na câmara do rei – repreendeu Iria.

– Hoje só tenho de desdizer o que prometi em pessoa ao pobre Edward, lembram-se como estava nervoso, deitado ao meu lado naquela cama enorme, os dois como bonecos em frente de toda aquela gente. A parte mais difícil é a outra – acrescentou, os olhos nos bicos dos sapatos novos.

Retomou o que dizia:

– Aquela em que vou ter de pedir aos meus pais licença e autoridade para aceitar D. Juan de Castela por meu marido. Porque ainda só tenho dez anos. E embora o rei já me tenha dado esse poder aos quatro anos, tem de o reafirmar, porque, como se percebeu, reinar exige muita falta de memória.

E, como que para exorcizar o seu nervosismo, bateu com força com o pé. Se fosse ela a mandar, as coisas seriam de outra maneira, talvez um dia o fossem.

– D. Beatriz, vai jurar à frente do bispo da Guarda? – perguntou Mia.

– Depois da licença obtida, vou ter de jurar casar com o rei de Castela, tocando na hóstia sagrada, em sinal do meu compromisso, e os reis farão o mesmo, em frente dos fidalgos portugueses e castelhanos, que se apinharão no quarto do meu pobre pai. E amanhã repete-se tudo com o arcebispo de Santiago, que representa o rei de Castela, de novo na câmara do rei, de novo com a mesma assistência. Pobre pai. Vestido de gala e o mais sentado que for capaz, como se fosse um capricho seu estar ali deitado.

A voz de Beatriz perdeu-se de novo e as duas mulheres sentiram um nó na garganta. Que triste era uma criança despedir-se assim de um pai, de quem era a única e tão amada filha, sabendo que perdia o tempo que lhe restava com ele observada por mil olhos, muitos deles maldosos, prontos a transformar cada erro, cada falha, em escândalo.

Iria Gonçalves, a pretexto de lhe vestir as mangas, fez-lhe uma festa no braço:

– Vou consigo, senhora. E a sua mãe não a deixará sozinha, sabe disso.

Mia animou-a:

– Senhora, a partir de amanhã temos ordens de nos dirigirmos a si como rainha de Castela.

Pela primeira vez nessa manhã, Beatriz sorriu.



Leonor percorreu o caminho até à falcoaria real em busca de *Noctua*, que saltou para o seu punho sem uma hesitação, mas com metade da energia de há uns anos. A rainha fez-lhe uma festa na cabeça:

– Estás a ficar velho, mas por favor, por favor, não me abandones agora, prometo dar-te banho e secar-te, alimentar-te com a melhor carne e catar todos os teus piolhos, desde que em troca passeies comigo sem me julgares nem condenares, escutando os meus desabafos, aqueles que nem à Aisha posso fazer.

Sentia-se exausta, cansada de sorrir para a esquerda e para a direita, escondendo a preocupação entre passos de dança e serões de música, esperando que os penteados e as joias disfarçassem as olheiras das noites mal dormidas, a falta de fome à mesa dos banquetes, as náuseas e os vômitos que corria a disfarçar, pretextando a necessidade de reunir com os escrivães ou saber como estava o rei.

– *Noctua*, que inveja tenho de ti. Dava tudo para voar até Elvas, em lugar de cavalgar ao lado destes embaixadores e bispos, de toda a corte que nos acompanhará no desejo de torneios e festas, fingindo-se alegres por um casamento que temem. Até eu. Temo por Beatriz, a quem tento passar uma confiança que não sinto, porque sei que é fácil repudiar uma menina que está ainda longe dos 12 anos exigidos pela lei e pela Igreja.

«É verdade, *Noctua*, o conde de Andeiro tomou todas as precauções, e o rei de Castela vai entregar-me o seu filho Fernando, como refém até lá. Mas como disfarçarei o estado em que me encontro, com tantas rapinas em meu redor? Que hipótese têm as tuas pobres presas de se camuflarem quando estás decidido a encontrá-las?

«*Noctua*, se ao menos pudesse voltar à ponte de Misarela, deixar que um homem que nunca vi, nem voltarei a ver, batize esta criatura que cresce dentro de mim, salvando-a de um destino igual ao dos seus irmãos que nasceram mortos ou morreram logo depois. Mas é impossível, agora que a vida do rei de Portugal está por um fio, nem sequer se atreveu a sugerir acompanhar-me a Elvas, entregando nas minhas mãos a nossa filha e o futuro. Quando amanhã de manhã Beatriz se despedir dele, sabemos que não é um até logo, mas um para sempre, até que se reencontrem no dia do Juízo Final.

«Apoia-me o Andeiro. Não tenhas ciúmes, *Noctua*, Fernando também não os tem, porque sabe que preciso dele para garantir a sobrevivência do reino e daqueles que mais amo. Preciso de um homem, de um homem leal e inteligente, capaz de decidir com base na razão, de prever e antecipar, de impedir que me espetem uma faca nas costas à traição. Há anos que me assino rainha de Portugal e dos

Algarves, e quando aponho o meu selo a um documento duplica de valor e é respeitado, e mesmo os que arrastam o meu nome pela lama admiram-me a franqueza e a força, mas, *Noctua*, no momento em que não tiver um homem ao meu lado, estou acabada. Talvez não percebas, já que, entre as aves de rapina, são as fêmeas as mais poderosas, as maiores e as que voam mais longe, as que melhor caçam e, ainda por cima, procriam, mas na nossa espécie uma mulher que deixe entrever a sua força está condenada. Temem-nos. Sabem que temos tudo.

«Aisha não me deixa ler a sina, nem me permite que faça a carta dos céus de Beatriz, mas sei que a estrela do diabo não anda longe das nossas vidas. Não vale a pena assustarmo-nos com o que não podemos mudar.

«Sigo para Estremoz e dali para Elvas. Levo-te comigo.

«Como me vai custar separar-me de Beatriz, mas duvido que acredite quando lho disser. É extraordinária, devias ter visto a segurança com que falou na câmara do rei, declarando que era «filha legítima, herdeira do muito alto príncipe D. Fernando, rei de Portugal, e da muito nobre senhora D. Leonor, rainha dos ditos reinos», e que aceitava por esposo o senhor D. Juan de Castela. Sabe muito bem o que quer e tanto assim é que o juiz que avaliou se possuía a maturidade necessária para que as suas palavras pudessem ser tidas como boas declarou que nunca vira uma menina de dez anos tão capaz. Espero que seja feliz. E me seja fiel. E para isso, tal como aprendi contigo, é necessário que continue a precisar de mim. Cabe-me descobrir como tornar-me indispensável.

E, dizendo isto, Leonor soltou *Noctua*, seguindo-o. Não queria acreditar quando reparou quem vinha na sua direção, a capa presa pelo magnífico fimal em forma de águia que lhe oferecera, bem à vista, o passo acelerado na sua direção.

– Escapei – disse-lhe, beijando-lhe a mão.

Leonor, corada e feliz, resistiu ao impulso de o abraçar.

– Escapou, de quem?

– Dos homens que o senhor conde João Afonso de Barcelos enviou para me matarem.

A rainha olhou-o, incrédula:

– Não seriam bandidos do caminho?

– Bandidos eram, do caminho também, mas quando apanhei um pelo pescoço, e mais algumas partes do corpo, confessou quem lhe encomendara o serviço. O senhor conde de Barcelos quer defender a honra da irmã.

A tia Guiomar avisara-a, e já por uma ou duas vezes o conde de Andeiro pressentira perigo, mudando de rota ou saindo por uma porta traseira, mas tinham desejado acreditar que não passavam de

suspeitas infundadas.

– Neste momento, não – exclamou Leonor, enraivecida, e o conde deitou a cabeça para trás, numa gargalhada.

– Quer dizer que, se for assassinado já depois da infanta casada, não tem importância – provocou.

Com toda a frieza de que foi capaz, Leonor respondeu-lhe:

– Nem mais.

A força do reclamo com que chamou a ave espantou-o, assim como a rapidez com que *Noctua* regressou ao seu punho. Leonor não era decididamente uma mulher como outra qualquer. Daria o melhor de si para sobreviver, porque a rainha precisava dele para garantir a coroa com que Deus a havia favorecido.

Elvas, 14 de maio de 1383

O arraial e as tendas montadas junto da ribeira de Chinchês, já fora da muralha de Elvas, agora contavam outra história. A oposta daquela que aqui se desenrolara há um ano, numa reviravolta em que os inimigos se tornavam nos melhores amigos, pensou Aisha, enquanto percorria as ruas, virando esquinas e evitando becos, em busca da ervanária moura que se escondia por detrás de alguma destas portas. Estava indignada com a cedência que a sua senhora fizera ao castelhano, que pretendia consumir imediatamente o casamento com uma rapariguinha de dez anos e meio, que ainda estava longe de ser mulher, porque era a única forma de garantir a indissolubilidade do matrimónio.

Beatriz, um cordeiro imolado a um homem com o dobro da sua idade, que meses antes os pais da noiva consideravam um diabo, fraco de cabeça e de corpo. Com que doenças contagiaria a infanta? E se a rompesse por dentro, impedindo-a de alguma vez conseguir engravidar?

Enfurecera-se. «Não entende, senhora D. Leonor, que põe em risco o neto que tanto quer?», vociferara, e a rainha recuara um passo, espantada com o tom de voz da moura, mandando-a logo calar.

«Aisha, o que fazes? Lanças-lhe uma maldição? Cala-te, por favor», implorara.

A rainha estava entre a espada e a parede, não viera preparada para esta cilada, mas o rei de Castela não queria arriscar esperar o tempo que a Igreja impunha. João de Castro insinuara que estava de novo grávida, desejoso de uma crise sucessória que favoreceria as suas pretensões, mas os espiões tinham-lhe garantido que o rei de Portugal estava demasiado fraco para conceber um filho e que era preciso agir depressa porque estaria morto dentro de seis meses.

Aisha pontapeou uma pedra, zangada. Pobre infanta, interrogada pelo legado do papa, o corpo escrutinado como se fosse um animal em dia de mercado, para chegarem ao veredito decidido antes de o «exame» começar: estava pronta!

Beatriz recebera a notícia pálida como a cal das paredes destas casas de Elvas, os olhos verdes abertos de terror. Que raiva sentira. Que raiva sentira em Beatriz.

«Só assim pode entrar em Badajoz, já como rainha de Castela», consolaram-na, como se lhe estivessem a dar um prémio pela violação.

Beatriz ouvira o veredito com a coragem que a caracterizava, mas Aisha bem via que a partir daí evitara o olhar da mãe. Sentia-se usada e traída. A rainha deitara-se na cama ao seu lado toda a noite em silêncio, mas de manhã Beatriz pedira às donzelas que lhe maquilhassem as olheiras vincadas, e sorrira-lhe, confiante: estaria à altura do que lhe pediam.

Aisha continuou a descer a rua, apressada. Em Elvas, o seu turbante passava despercebido, havia por aqui muitos mouros, e fosse como fosse estavam demasiado ocupados a tentar ganhar o máximo que podiam com as festas. Banquetes, justas, torneios, touradas, galinhas e rebanhos inteiros para alimentar centenas das pessoas mais ricas do reino, que, pelo sim, pelo não, desejavam ficar nas boas graças da rainha, que, estava à vista, reinaria sozinha dentro em breve. Para lisonjear Andeiro, porque se havia quem duvidasse de que fossem amantes, todos davam por certo que passavam por ele todas as decisões. Que assim era por vontade do senhor D. Fernando não convinha a muitos recordar, mas ela, Aisha, que durante estes anos tudo fizera para o salvar do veneno que o corroera por dentro, sabia que o conde de Ourém era, primeiro, e antes de mais, uma escolha do rei.

Pelo canto do olho reparou no ciumento João Afonso, conde de Barcelos, em conversa com o mestre de Avis e outros tantos, e não precisava de ouvir o que diziam para ter a certeza de que conspiravam. Um novo atentado contra Andeiro? Será que se aliara a João de Castro, numa tentativa de o alçar ao trono mal o rei de Portugal fechasse os olhos e antes que o rei de Castela desse pelo sucedido?

Encolheu os ombros. Estavam bem uns para os outros, a ela só lhe interessava agora descobrir uma porta. E encontrar as ervas que lhe permitiriam proteger a pequenina Beatriz do que aí vinha.



O rei de Castela não conseguia tirar os olhos de Leonor, compreendendo num instante porque Fernando a escolhera sobre todas as filhas de reis e de príncipes. Crescera a ouvir falar de Leonor Teles, dos seus poderes de feiticeira, de como encantara o rei de Portugal, como uma ninfa saída de um lago numa noite de luar, prendendo para sempre o ingénuo cavaleiro que descansava nas margens, mas, apesar do que ouvira contar, não a imaginara assim. Muito menos que uma mulher de 37 anos, mais dez do que ele, o pudesse enfeitiçar também.

O ruivo do seu cabelo não era o vermelho de nenhum outro que jamais vira, e o azul dos seus olhos, abertos como se a claridade do dia não a incomodasse, tão misterioso e perturbante que qualquer homem se podia afogar neles. E tudo nela condizia com a sua força, as magníficas joias que lhe adornavam o cabelo, o pescoço, a bainha do vestido, e se estendiam sobre a mula que montava como se fosse um cavalo de guerra.

Guiomar Pacheco apertou o braço de Mia, murmurando com aflição:

– Repara como Beatriz os observa, ciumenta. O marido cobiça a sogra e ignora a mulher.

Mia sorriu:

– Uma é uma criança, a outra uma mulher, acabará por compreender.

– Ou talvez não, muito menos tendo em conta que a vão obrigar a consumir imediatamente o casamento – retorquiu Guiomar, a quem a notícia chocara tanto.

Mia insistia:

– Condessa Guiomar, quem pode condenar Leonor por ter orgulho naquilo que é, naquilo em que se tornou? E repare, senhora, não é o único hipnotizado...

E não era, os cavaleiros de Castela não tiravam os olhos dela, e quando o rei se apeou, levando as rédeas da montada da rainha, a multidão agitou-se.

– Mais certo seria se fossem eles os noivos – resmungou Guiomar, e, como se a escutasse, Leonor Teles desmontou à porta da grande tenda e afastou-se, procurando a sombra da cadeira forrada a almofadas de ouro que lhe estava reservada.

Sorriu encorajadoramente a Beatriz, que se dirigia ao cardeal Pedro de Luna, legado do papa de Avinhão.

O rei de Castela aproximou-se também, sorrindo à sua menina-noiva, como se saudasse um dos seus três filhos. A expressão de Beatriz não revelava nada, e o cardeal pegou-lhe na mão e juntou-a à do noivo, pedindo-lhes que se comprometessem pelas suas próprias palavras, o que a infanta fez, numa voz segura.

Leonor Teles, do outro lado da sala, passava o braço pelos ombros do pequenino Fernando de Castela, recordando ao genro que tinha o seu filho como refém, enquanto lhe escondia que crescia dentro dela a arma que poderia desfazer todas as ambições do castelhano, invalidando o Tratado de Salvaterra.

Leonor sabia que nos próximos dias era preciso seduzi-lo, ganhar a sua confiança, comprometê-lo a cumprir com a promessa de lhe entregar a regência do reino.

Terminada a cerimónia, Juan de Castela avançou para a sogra,

dando-lhe o braço para a levar até à mesa no estrado alto, elogiando a beleza dos couros do chão e das tapeçarias nas paredes, puxando a cadeira para que se sentasse, escolhendo o lugar ao seu lado, solícito, e conversaram e trocaram galanteios durante todo o banquete, rindo dos malabaristas e dos acrobatas, comentando as danças voluptuosas das ciganas. Leonor sabia-se sob o olhar atento de quem ali estava, e troçava para si mesma daqueles que naquele braço de ferro, naquele medir de forças mútuo, viam um jogo de sedução. E eram quase todos.



Na reserva da sua câmara, Leonor beijou a filha, estreitando-a contra si, mas Beatriz sentia-se gelada por dentro, incapaz de retribuir o afeto que recebia.

– Desejo-lhe uma hora pequena – disse a nova rainha de Castela à mãe, e a rainha sentiu uma vertigem. Beatriz não era suposto saber de nada, será que percebera ou atirava ao calhas na esperança de acertar?

Erguendo as sobranceiras em suposta surpresa, dissimulou.

– Pedi ao teu marido que me concedesse mais oportunidades de te ver e prometeu trazer-te a Elvas ainda por duas vezes antes de partirem para Sevilha.

Beatriz mordeu o lábio, irritada. Por ela não regressaria. Leonor pôs-lhe as mãos nos ombros, desesperada:

– Beatriz, filha, desculpa, mas não havia outra forma...

Beatriz engoliu em seco e Leonor continuou:

– Só assim estás verdadeiramente segura, agora não te pode repudiar... Tudo o que quero nos próximos dias é garantir...

– A sua regência, mas a rainha agora sou eu – zangou-se Beatriz, as palavras a saírem-lhe da boca sem que tivesse tempo de as impedir.

Leonor recuou, magoada.

– Só queremos garantir que o teu filho será rei de Portugal e Portugal um reino livre de Castela. É o desejo dos teus antepassados.

Beatriz fez um gesto de impaciência, se assim era porque é que a mãe engravidava uma e outra vez, depois de décadas sem conseguir gerar um filho? Seria do pai ou, como diziam, do solícito conde de Andeiro. Não queria pensar nisso, queria afastar-se de tudo isto, fugir.

Leonor sentiu uma angústia sem fim. Beatriz, a sua única e adorada filha, acabaria por entender. Mas agora só lhe restava mudar de assunto, procurar amenizar a conversa, a quase despedida.

– Filha, tenho tanta pena de não assistir à cerimónia de amanhã na Catedral de Badajoz. Já pedi ao teu tio João, mestre de Avis, que te acompanhe sempre, e sabes que podes confiar em Iria Gonçalves para tudo. Prometeram que regressam depois das justas e da tourada e me

contam tudo.

E, abraçando-a, murmurou-lhe ao ouvido:

– Estou tão orgulhosa de ti! És a rainha mais bonita que Castela alguma vez teve. As gentes de Badajoz estão na rua à tua espera.

Desceram até ao terreiro fora das portas da vila, onde Juan de Castela e um enorme séquito as aguardavam.

O rei desmontou para se despedir da sogra, mas desta vez Leonor manteve a distância e, alto e a bom som, encomendou-lhe, a ele e a Deus Nosso Senhor, o cuidado da filha.

Beatriz desviou o olhar quando a rainha fristou, uma e outra vez, que cuidasse bem dela, porque era a única que tinham e já tinham perdido a esperança de ter mais.

O despalante da rainha não tinha igual, pensou Beatriz, deixando que a alçassem na sela, voltando-se para a olhar de novo – como queria admirá-la menos, amá-la menos. Mesmo quando estava tão zangada como agora. Ninguém a conseguia bater a este ofício, pensou, enquanto tomava as rédeas e procurava não dar importância à intensidade com que D. Juan parecia relutante em largar a mão da mãe, que garantia que cuidaria de Beatriz, a respeitaria sempre, pedindo ao Altíssimo que os abençoasse com um varão, futuro rei de Portugal.

E depois partiram.



Cometem um pecado aqueles que imaginam que as lágrimas de Leonor nesta despedida não foram sentidas. Uma rainha não pode chorar lágrimas iguais às dos outros, porque tem de pôr os interesses do reino à frente dos seus, por muito que essa exigência lhe parta o coração.

Beatriz é a mais amada das filhas, e se neste momento duvida do amor da mãe, à medida que cresce entenderá que o que lhe parece cálculo frio e pensado é apenas o outro lado da moeda. Ajoelho-me e rezo à Virgem para que proteja Beatriz. Secretamente espero que seja verdade que Juan de Castela é peco e que esta noite encontre um pretexto para não visitar a sua câmara, e na próxima também não.

Aisha garante-me que encontrou a ervanária que procurava e que Beatriz segue protegida contra doenças e outros males. Que assim seja.

Elvas, 18 de maio de 1383

Leonor precipitou-se para a filha e Beatriz veio relutantemente ao seu encontro, parecendo evaporada a tensão de há dois dias. Levando-a para a sua câmara, sentaram-se uma frente à outra, indiferentes aos vestidos que se amarfanhavam.

– Conta-me tudo, Beatriz.

Os olhos da filha brilhavam mais claros, como se um peso lhe tivesse saído de cima.

– Foi magnífico.

Leonor fingiu impacientar-se:

– Não te vais ficar por adjetivos. Conta-me, como se me escrevesse uma carta, para que sintas que lá estive, que lá estou.

– Então feche os olhos e conto-lhe, como quando a mãe me lia alto em pequena, lembra-se, para me ajudar a adormecer.

Leonor obedeceu-lhe e Beatriz começou:

– Saí do paço montada num cavalo branco, tão branco como a mais branca das pombas, coberto por um pano de ouro que brilhava com a luz, que é lá mais intensa do que aqui, vestida de brocado, na cabeça uma coroa de pedras preciosas, entrelaçada com o meu próprio cabelo, num penteado castelhano que não conhecia. Mãe, o meu coração batia tanto que tive medo que o ouvisse, o tio João, que, com mais três cavaleiros castelhanos gloriosamente enfarpelados, levava sobre a minha cabeça um pálio que me protegia do sol. Estava tão nervosa, querida mãe, que, embora soubesse que era absurdo, procurei incessantemente o seu rosto no meio das gentes que enchiam as ruas, assomavam às janelas, se abrigavam nas ombreiras das portas, para me aclamar.

«Chamavam-me “menina rainha”, “*nina reina*”, que me tenho de habituar a falar em castelhano, e atiravam-me pétalas de todas as cores, cheiravam a rosas e a alfazema, e pareciam felizes de me ver, de saber que os nossos dois reinos estão em paz e que já podem dormir descansados sem uma incursão dos soldados ingleses, de que guardam má memória.

«Eu sei, mãe, que não era altura para me preocupar com nada disso, mas conhece-me, sabe que me preocupo com tudo, mas volto já à história, não se impaciente. E não abra os olhos.

«Imagine agora o rei. Quando chegámos à praça, juntou-se a mim sob o pátio, e atravessámos juntos a praça fronteira à catedral, e naquele terreiro aberto ouviu-se um murmúrio de admiração. Não, mãe, não era por mim, não era por nós, era por ele. O rei montava um cavalo branco bem mais alto do que o meu, e o manto cobria-lhe os ombros e descia sobre a garupa do cavalo, tapando-lhe a cauda, roçando o chão. E a coroa de Juan era tão alta e tão estapafurdientemente, desculpe, mãe, mas não há outra palavra para a descrever, decorada de esmeraldas e rubis, de safiras e de diamantes, que faiscava à luz como uma estrela no céu.

«Os sinos repicavam em todas as igrejas da cidade, e, mãe, se aqui em Elvas há muitas, em Badajoz são incontáveis, e os vivas das vozes subiam para que os ouvíssemos apesar das badaladas e do relinchar dos cavalos. O tio João disse-me depois que houve momentos em que pareci assustada, e é verdade que naquele longo e interminável cortejo desejei que o meu pai ali estivesse, e angustiou-me a certeza de que nunca mais o vou ver.

Calou-se, mas Leonor, sem uma palavra, fez-lhe um gesto de que continuasse a contar, e Beatriz, subitamente consciente de que pela primeira vez na vida era a protagonista principal de uma história onde a mãe não entrava, retomou o fio à meada.

– À porta da catedral esperava-nos o arcebispo de Santiago e os bispos de Lisboa, da Guarda e de Coimbra, com os seus mais ricos paramentos, e à contraluz pareciam quatro guerreiros à porta da gruta das histórias que Aisha me conta.

«Desmontámos e juntos ajoelhámo-nos ali mesmo, recebendo uma primeira bênção antes de entrarmos na igreja. Com os olhos sossegados pela penumbra, procurei acompanhar os passos do meu marido em direção ao altar, mas embora seja alta para a idade, como a mãe sabe, fui obrigada a dar dois por cada um que ele avançava. Não me peça que lhe fale nem das pinturas, nem do altar-mor, nem se por lá há capelas ou claustros, porque estava tão nervosa que me lembro de muito pouco. Mas sei que subimos a um estrado e nos ajoelhámos numa riquíssima almofada, e, pelo ruído que ouvi atrás de mim, a igreja foi-se enchendo com toda a nobreza de Portugal e Castela, e depois dela os mercadores endinheirados de Badajoz, e atrás deles, ainda, as gentes do povo, homens, mulheres e crianças, que bem as ouvia.

«Ali estivemos de joelhos durante a longa missa. Mãe, não me repreenda, têm sido tantas, e houve momentos em que me senti a desfalecer. Iria Gonçalves bem me tinha repreendido de manhã porque não comi nada, não conseguia que nada me passasse na garganta.

«Missas e banquetes, torneios e justas, querida mãe, já não posso mais. Sabe que nunca gostei de muita gente, de muito barulho, sou

mais como Aisha, uma pessoa de recato e silêncio.

«Haverá mais alguém, além de mim, que aos dez anos já passou por cinco esponsais? Mãe, depois de tantas juras e promessas, e se a minha vocação fosse o convento? – perguntou.

Leonor abriu os olhos, fingindo-se horrorizada, e exclamou:

– Beatriz, primeiro um filho. Um filho varão.

O rosto da infanta cobriu-se de sombras e à sua voz voltou o acinte de uma acusação:

– Nunca serei mãe! Não depois do que aconteceu ontem. Vi-o no rosto de Aisha.

Leonor empalideceu, faltando-lhe o ar, mas não conseguiu extorquir de Beatriz mais nada. Virgem Santíssima, que não fosse a sua adorada filha a pagar os seus pecados.



Beatriz procura perdoar à mãe todas as imposições que lhe tem feito em proveito próprio, esforça-se para o fazer, convencendo-se a si mesma de que, quando chegar a hora, lhe entregará a coroa que lhe pertence, segura de que pouco importa o sexo da criança por nascer, porque não faz tenções de lhe ceder o poder.

Ouvi-a falar das cerimónias de Badajoz, vaidosa de toda a pompa com que foi tratada, inebriada pela atenção que lhe deram. A infanta que sempre viveu na sombra da rainha é agora ela própria rainha, saboreando pela primeira vez a força da luz que incide sobre quem recebe de Deus o mandato de reinar. Bastaram dois dias longe da rainha-mãe para que a transformação se iniciasse e aguardo curiosa a borboleta que sairá deste casulo...

Almada, 20 de junho de 1383

Leonor procurou esconder o susto que sentiu quando entrou na câmara do rei, ao vê-lo irreconhecível, cadavérico, as maçãs do rosto encovadas, desaparecidas para sempre aquelas covinhas que fazia quando ria e de que ela tanto gostava.

– Fernando – exclamou, precipitando-se para o seu lado, quase deitando ao chão o tinteiro e a pena pousados numa mesa armada junto da cama. – Vim logo que me foi possível.

Não mentia. Deixara Elvas, dormindo em Borba e depois percorrendo as maiores distâncias de que era capaz, apesar da gravidez, que se tornava notória.

Fernando segurou-lhe o rosto com ambas as mãos, beijando-a na testa:

– Fazes-me falta, Leonor. Quando te vejo, melhoro imediatamente.

E apontando para um documento pousado sobre a colcha pediu-lhe:

– Estava desejoso de que o visses e me desses a tua opinião.

Tinha sido sempre assim entre eles.

– O que é isto? – perguntou a rainha, enquanto se concentrava na caligrafia bem desenhada do escrivão.

– Queres doar rendas ao Mosteiro de São Francisco, em Santarém, para que na capela dos fundadores se reze sempre por nós? Perfeito.

O nome dela surgia a cada linha junto do nome do rei, com o pedido de orações para o dia em que fosse sepultada ao seu lado. Sentiu um peso sair-lhe do peito, temera que nestas semanas de distância alguém tivesse conseguido manipulá-lo contra ela, insinuando que o filho que esperava não era dele, que fora demasiado «oferecida» para com Juan de Castela, que se acostara com o conde de Ourém, no regresso do casamento de Beatriz, tantos segredos que deixavam de o ser, tanta coisa que se inventava, exagerava, deturpava. Mas naquele documento estava a prova de que a lealdade que os unia se mantinha até ao fim.

Puxou um banco para junto da cama e sentou-se, pousando a cabeça sobre os braços. Fernando afagou-lhe o cabelo, enquanto ia dizendo:

– Não vale a pena adiarmos falar do que é inevitável. Não espero já nenhum milagre e até me sinto capaz de perdoar a...

Seria possível que quisesse absolver os Castro? Levantou a cabeça,

zangada:

– Não vais perdoar a ninguém, Fernando. Não te serviram de lição os perdões de última hora do teu pai? Perdoou Diogo Lopes Pacheco, para que, mal repousasse na tumba, o traidor e assassino voltasse ao mesmo. Traindo-te.

Fernando deixou cair os braços sobre a colcha, com um longo suspiro:

– Perdoar a João e Dinis? Nunca.

E fixando-a diretamente nos olhos acrescentou:

– Sabes bem que sou capaz de muito, de tudo, para que nem um nem o outro seja alguma vez rei de Portugal.

Leonor reagiu, procurando não se emocionar:

– Se esta criatura não vingar, será o teu neto o rei de Portugal. O casamento foi consumado. Mas, Fernando, consideravas perdoar a Beatriz de Castro?

O rosto de Fernando iluminou-se por uns instantes, inundado por memórias da meia-irmã às suas cavalitas, da meia-irmã a fazer rir a avó, da sua expressão de surpresa quando lhe dera pela primeira vez a experimentar uma romã, dos braços de Beatriz de Castro em redor do seu pescoço, quentes.

– Por momentos pensei que era capaz de desculpar Beatriz de Castro, mas enganei-me, não tenho grandeza de alma que chegue para tanto, porque me privou de ficar mais tempo contigo.

Perante o silêncio da rainha, esboçou um sorriso:

– Porque falamos destas coisas que só nos deixam tristes? Conta-me, conta-me tudo. Beatriz já chegou a Leão? Sei que regressam ao Norte, porque o rei não está convencido de que o Lancaster não concretize um ataque. Faz bem, porque as notícias que tenho é de que não desistiu...

– Nunca te cansas dos ingleses – indignou-se a rainha.

– Ainda vais precisar deles – garantiu Fernando.

Leonor abriu a boca, incrédula:

– Foste tu que tiveste a ideia do casamento de Beatriz com o de Castela e agora dizes-me que o nosso genro não vai cumprir o prometido e que vou ter de chamar de novo o tonto do conde de Cambridge?

– Fazes-me falta, minha querida, com o teu vigor e as tuas convicções. Como gostava de ter tantas certezas. Com que opinião ficaste do nosso genro? Disseram-me que falaste muito tempo com ele e que estava completamente fascinado por ti.

Leonor puxou a trança para trás do ombro, sorrindo:

– Fascinado? Tem bom gosto. Mas o pobre é frouxo, Fernando, tenho a certeza de que sim. Quis autorização para consumir o casamento, o que me valeu a raiva de Aisha, e suspeito que o ódio

da minha própria filha, mas temo que não seja mais do que fogo de vista.

Sincera, aflita, confessou-lhe:

– Beatriz deixou-me completamente desconcertada, disse-me que nunca vai ser mãe.

Fernando começou a protestar, mas sucumbiu a um ataque de tosse, que o tornava incapaz de respirar.

Leonor, esquecendo tudo o resto, levantou-lhe a cabeça, puxando-lhe o queixo para cima, humedecendo-lhe os lábios, e procurou acalmá-lo.

– Não te enerves. Foi um comentário de criança para me enervar, sabes como é comigo... contigo nunca, mas comigo... Ainda nem é mulher, tem muito tempo.

Mas o rei não parecia sossegado. Se Beatriz não concebesse ou se morresse antes de ter um filho, o Tratado de Salvaterra previa que o trono de Portugal fosse entregue aos Trastámara. A união dos dois reinos sob a mesma coroa, ainda por cima sob a égide de uma dinastia de usurpadores, era tudo o que não podia acontecer. Além do mais, se os portugueses pressentissem esse risco, os da nobreza e das grandes cidades, que eram quem tinha o poder, voltar-se-iam para João de Castro ou para o seu irmão Dinis.

– Quando nasce essa criatura? – perguntou, parecendo ter descoberto um novo fôlego.

– Aisha diz-me que será na lua cheia de setembro.

– Leonor, é preciso que nasça em Lisboa, no paço real, rodeado dos melhores físicos, com todos os cuidados que se dão a qualquer parto de uma rainha. Quero comigo, na antecâmara, o bispo de Lisboa, Álvaro de Castro, o meu irmão João, mestre de Avis, e mesmo aqueles que sabemos que não estão por nós.

Leonor concordou, grata:

– Vai ajudar a impedir que os rumores recomecem.

Fernando foi mais direto:

– Leonor, isso é uma ilusão. Mal se anuncie a minha morte recomeçarão os insultos, mas o que importa é o que os fidalgos mais importantes do reino presenciaram, o que ficou escrito.

– E se o bebé não vingar, Fernando? Tenho muito medo que Juan de Castela não cumpra o tratado, que a própria Beatriz não se conforme a um título nominal... É minha filha, quem garante que não despontará nela a ambição dos Teles, dos Meneses? – perguntou, sincera.

O rei calou-se, procurando recuperar as forças, mas foi ele a retomar a conversa, seguro da eficácia da ideia que acabara de ter.

– É preciso mandar o conde de Andeiro imediatamente a Castela, com uma embaixada de luxo, que não deixe dúvidas de que é um embaixador do rei, que tem a confiança do rei. Irá para calar as más-

línguas, para saber novas de Beatriz, espiando o que por lá se passa, mas a sua missão fundamental é que a nobreza castelhana, que não jurou Beatriz e o tratado, o jure imediatamente. E por cá é preciso fazer o mesmo.

– Sobretudo cá – suspirou Leonor. – Disseram-me que o chancelermor deixou o nosso serviço e faz correr que o fez porque...

Fernando não a deixou continuar.

– A mim Álvaro Pais disse-me que se reformava à conta da gota, que lhe causava um sofrimento que o impedia de sair de casa, mas também me disseram que espalha que o fez por causa do meu comportamento desonroso... e da tua má fama.

Leonor corou de fúria:

– É perigoso?

Fernando acenou que sim:

– Neste momento, muito. É da pequena nobreza lisboeta, graças a nós comprou quintas, enriqueceu, e tem influência junto dos mesteiros, que são sempre os que têm o seu descontentamento mais organizado. E, manipulando-os a eles, não custa nada depois agitar a arraia-miúda, que em grupo perde rapidamente a razão.

Leonor escutava com atenção e ligava as informações, como fios a tecerem um padrão numa tapeçaria.

– E é unha com carne com o meu irmão João Afonso. Se dar-lhe o almirantado foi um erro, libertá-lo das masmorras de Sevilha foi outro ainda pior – desabafou, com um esgar de desagrado.

– Leonor, os ratos começam a saltar do barco, é da natureza humana. Tenho procurado disfarçar o estado da minha saúde, vou ainda tentar ir a Santarém, talvez, não sei se consigo, para cá já não vim a cavalo, mas a minha ausência nas bodas da nossa filha foi notória. Aqueles que me envenenaram esperam atentamente o momento de colher os frutos, e não te deixarão em paz. Não gostam de ti porque és mulher e rainha com poder efetivo, mas o seu próximo alvo a abater será o conde de Ourém, por todas as razões que estamos fartos de conhecer. Uma mulher e um comerciante galego a reinar em Portugal, com inteligência, para a prosperidade do reino, passando por cima dos seus privilégios? Terão muita, muita dificuldade em suportá-lo. E a pestilência e a seca tornarão o terreno propício à revolta. Todo o cuidado é pouco, Leonor.

A rainha levantou os braços ao ar, exasperada.

– Não vai ser fácil tirar-me o mando – garantiu-lhe.

Mas Fernando não estava tão certo. Redigira o seu testamento com todas as cautelas para que o direito da mulher à regência não pudesse ser contestado, mas de que valeriam os documentos se as cidades e as vilas se declarassem por Beatriz... e D. Juan, contra o Tratado de Salvaterra, se proclamasse rei de Portugal, eliminando Leonor e

decidindo-se a tomar o trono, sem esperar por um filho, que poderia nem sequer vir a conceber? E, se assim fosse, até ele – se fosse vivo! – combateria contra o genro e a filha, e Leonor teria de fazer o mesmo...

Disse-lhe tudo isto e aconselhou-a.

– É preciso agir. Temos de multiplicar os favores daqueles que podem ficar do teu lado, e enquanto o teu irmão e Álvaro Pais planeiam uma estratégia e fortalecem o seu bando, a rainha tem de construir o seu. Manda chamar Lançarote Pessanha, para que lhe entreguemos o almirantado e a armada que recuperámos.

Leonor olhou-o, boquiaberta:

– O que dirão? O que dirá o próprio, que foi por nós perseguido?

– Lançarote é vaidoso, aceitará imediatamente, e fará o mesmo que nós, passará um pano sobre o passado. Devolvemos-lhe o título, como se nada fosse, sem pedidos de desculpa. Tomará nota de a quem o deve.

– O meu irmão João Afonso explodirá de fúria, é a maior humilhação que lhe podemos fazer – reagiu Leonor, mas pela primeira vez nesse dia o rosto iluminou-se. O cobarde mandara matar João Fernandes de Andeiro, só esperava que visse nesse gesto um claro indício do que lhe podia acontecer se persistisse em deixar que a inveja lhe toldasse o juízo. Ou julgava que não teria a coragem de lhe confiscar o título de conde de Barcelos e muito mais?



Fernando conta com toda a minha admiração, fará das tripas coração até ao último suspiro para deixar Leonor regente deste reino. Numa jogada destinada a calar todos os rumores, enviou a Valladolid o conde de Andeiro, o suposto amante da mulher, para que receba o juramento dos fidalgos e prelados a todas as cláusulas do Tratado de Salvaterra, enquanto convocou Cortes para Santarém com o mesmo objetivo. Beatriz e Juan serão jurados herdeiros de Portugal, é verdade, mas o que mais importa é que se comprometerão a aceitar que Leonor Teles os governe até à maioria de um neto que ainda nem sequer está concebido.

Preparo a casa para receber filhos e sobrinhos e sinto uma saudade imensa do meu marido, que saberia moderar os ânimos, que se voltarão a inflamar quando estiverem todos reunidos. Gonçalo ficará pela irmã, e João Afonso contra ela, incendiado pela entrega da embaixada a Castela ao homem que tanto odeia e, cereja no topo do bolo, do almirantado a Lançarote Pessanha. Fernando tirou-lhe o tapete debaixo dos pés, mas em lugar de perceber as suas limitações, os erros cometidos, encontra forma de virar o bico ao prego, alegando que, na verdade, já não é o rei a tomar estas decisões, mas sim Leonor, ou, melhor dito, o conde de Andeiro por ela.

Sinceramente, dá-me vontade de rir a facilidade com que a pobre Leonor foi transmutada de feiticeira que embruxa reis numa criatura frágil que se deixa enfeitiçar por um galego com mais vinte anos e que não tem onde cair morto – exceto na cama que ela lhe fizer.

Ui, nem quero pensar na discussão sobre a paternidade da criança que Leonor carrega, assunto que, como todos os que envolvem a alcova, é o preferido do reino inteiro, como se verdadeiramente não fosse possível que o rei seja o pai ou que fosse alguma novidade um homem preferir imaginar que assim é.

Abro a porta para o horto e dou por mim a caminhar em direção à árvore da minha infância, o teixo que tanto me lembra Leonor feita desta madeira sagrada que verga sem partir.

Viagem de Almada para a alcáçova de Lisboa, no escuro da noite, meados de setembro de 1383

A galé atravessou o Tejo, a proa cortando as águas como uma faca, uma mancha negra iluminada apenas por duas tochas. Os marinheiros dobravam-se sobre os remos que obrigavam a embarcação a ganhar velocidade. Era preciso que a travessia se fizesse o mais depressa possível, sem que pudessem espreitar o espectro do rei moribundo que recolhia ao paço real de Lisboa para morrer. Durante o dia correram a pregão a ordenar que a partir do pôr do Sol ninguém saísse de casa e que se fechassem as portas e as janelas, e até as tabernas e as casas de prostituição tinham fechado as portas.

D. Fernando, o primeiro de Portugal, com 38 anos acabados de fazer, escolhera Lisboa para a sua agonia. Não dizia tanto o pergaminho que oficiais de justiça pregavam nas portas das igrejas, mas não era preciso saber lançar os dados para perceber o significado desta entrada noturna. Não faltavam as descrições mórbidas de como o corpo do rei mais formoso alguma vez visto estava desfigurado, murmuradas nos patamares das casas que se apinhavam pela ladeira que levava à alcáçova.

As mulheres, mais destemidas, desobedeciam e espreitavam pelas frinchas das gelosias, procurando-a a ela, à rainha-feiticeira que com a sua volúpia consumira o rei, e os homens perguntavam-lhes o que viam, que lhes contassem como era o diabo de cabelos ruivos que lhes povoava os sonhos.

– Vem bem prenha – constatou uma, atrevendo-se a entreabrir a janela, mas recuando apressadamente quando Leonor levantou os olhos para ela, atraída pelo ranger das dobradiças ou, talvez, pelo peso que todas aquelas miradas escondidas lhe provocavam.

Aisha, que seguia ao seu lado, procurou sossegá-la, mas a respiração acelerada da rainha denunciava a angústia que sentia.

– Lembra-te da primeira vez que subimos esta encosta, de como chovia torrencialmente, as rodas da carroça escorregavam e uns gaiatos nos vieram ajudar, por troca de umas moedas e do farnel de Mia? De como, finalmente, nos abriram o portão do paço, e atravessámos o terreiro, ensopadas até aos ossos, e naquele estado me enganei na sala e irrompi pelo baile... e...

Aisha recordava-se.

– Aisha, soubeste logo que um dia uma rainha prenha acompanharia o marido às portas da morte ao mesmo lugar onde se amaram pela primeira vez? Porque não me avisaste?

A moura encolheu os ombros:

– Senhora, se lhe dissesse o que deveria fazer hoje, antes de o sino da sé tocar as doze badaladas, seguia os meus conselhos?

Leonor esboçou um sorriso, rindo de si mesma:

– Evidentemente que não!

E acrescentou:

– A não ser, claro, que fosse o que já pretendia fazer.

Sorriram as duas e, no silêncio das ruas vazias, o riso foi sentido como uma brisa, agitando os canteiros de flores que pendiam das janelas.

– Pelo menos já cá não está Beatriz de Castro – suspirou Leonor, subindo os degraus de acesso ao paço, atrás da maca onde seguia o rei, apressando o passo para o aconchegar melhor na manta que o cobria. Agora sentia sempre frio, pobre Fernando.



Leonor manda-me nota de que já estão em Lisboa e que está prestes a dar à luz. Pede-me que venha o mais depressa que puder e traga comigo os panos de dó, porque a agonia do rei está a chegar ao fim. Parto de imediato, eu que agora dava tudo para ficar quieta no mesmo sítio, consciente de que, como eu, também os espiões do rei de Castela se apressam em direção à cidade e que, em Toledo, D. Juan prepara já os próximos passos. Dizem-me que tem sob vigilância apertada João e Dinis de Castro e que faz menção de os mandar prender logo que receba confirmação da morte do rei, ou mesmo antes. Não para proteger a sogra, como seria bonito acreditar, mas porque tenciona vir buscar a coroa e o poder.

Passo as contas do terço pelos dedos e rezo, rezo com fervor, que o infante seja um rapaz. E que viva.

Lisboa, alcáçova, 27 de setembro de 1383

– Não lhe deem nome. Não lhe deem nome – chorava Leonor, a febre a levá-la ao delírio.

Com um gesto brusco, atirou ao chão a taça que Aisha lhe chegava aos lábios, afastando da cama a pobre Mia, que procurava colocar-lhe um pacho frio na testa.

– Não me dês um pano, dá-me o meu bebé. Porque não mo dão? Levaram-no para lhe dar nome. Não lhe deem nome – enfurecia-se agora.

E chorava de novo, murmurando baixo que Deus a castigava, Deus tirava-lhe tudo. Fernando, Beatriz, o pequenino Pedro, e agora... agora mais uma filha, uma filha sem nome, como a outra, coberta por uma lápide de pedra, sem nada que a identificasse.

– Não podemos fugir dos nossos pecados – dizia.

E, puxando Aisha para junto de si, murmurava-lhe ao ouvido: «Manda chamar Beatriz, manda chamar a minha filha, que venha buscar a irmã.»

Aisha prometeu-lhe que sim, se engolissem o que lhe punha na boca, e Leonor, os cabelos desgrenhados, ergueu a cabeça e permitiu que a colher entrasse, deixando correr pela garganta o líquido espesso que depressa fez efeito.

– Durma, senhora minha, durma – entoou a moura, enquanto as comadres envolviam num lençol de linho o corpinho da criança, entalando entre as dobras saquinhos de ervas aromáticas. Nascera morta.

Os sinos de Lisboa não repicavam por meninas que nasciam sem vida, e os oficiais da casa do rei e da rainha deram ordens de que se arrumassem as pipas de vinho e se guardassem em sal os animais sacrificados para o banquete, retirando os peixes da grelha. Não haveria festa. Mas, também, ninguém decretaria luto, e só aqui e ali se rezaram missas pela saúde da rainha e para que a Virgem Maria se apiedasse desta mulher a quem todos ignorariam a dor. Como se não tivesse carregado nove meses aquela vida dentro de si, como se não tivesse sido de novo mãe.

Guiomar Pacheco deu a notícia ao rei e teve a certeza de que a razão que o prendia ainda à vida acabara de desaparecer.

– Leonor, como está Leonor? – perguntou, ansioso, e Guiomar mentiu-lhe, escondendo-lhe as hemorragias e as febres que tomavam a sobrinha e punham em risco a sua vida.

– Tarda nada está aqui, senhor – disse-lhe com convicção.

A morte de Leonor estava longe, muito longe, jurara-lhe Aisha, e não precisava de céus estrelados para confirmar a certeza de que a sobrinha não abandonaria aqueles a quem tanto queria: Fernando e Beatriz, e o reino de Portugal.



Mando rezar missa pela pequenina, a quem Deus quis poupar o sofrimento desta passagem pela terra. A dor de Leonor é tanta que o corpo reage num protesto febril, num grito de desilusão. Esteve tão perto com o pequenino Pedro, e o facto de ter engravidado quase imediatamente a seguir deu-lhe, deu-nos, a ilusão de que poderia ganhar esta corrida contra o tempo, que o agravamento da doença de Fernando tornou tão inexoravelmente curto. Perdeu. Não a venceram e temo que nem ela aguento o que aí vem.

Não me refiro à morte de Fernando, mas ao que sucederá depois. Vejo como o meu sobrinho João Afonso e o meu irmão – sempre Diogo Lopes Pacheco –, mas também os Castro, se movem, preparando o ataque. Dizem-me que D. Juan tem conquistado o carinho de Beatriz. Na hora decisiva, quem servirá a nova rainha, ao marido ou à mãe?

Nunca pensei que chegaria o dia em que rezaria para que o conde de Andeiro regressasse depressa a Lisboa. Leonor precisa dele aqui.

Lisboa, 22 de outubro de 1383

Os criados do rei vestiram-no com o hábito franciscano em que queria ser sepultado, sem disfarçarem as lágrimas que caíam pelos seus rostos crispados. Alguns serviam-no de menino, outros de há pouco, mas Fernando era o mais afável dos senhores, capaz de criar amizades que nem as intrigas nem a troça maldosa eram capazes de quebrar.

Apesar das dores e da dificuldade em respirar, o rei esforçava-se por lhes facilitar o trabalho, esticando o esquelético braço para que entrasse melhor na longa manga de pano áspero, estendendo a perna para que não prendesse a túnica. Confessara-se, recebendo a extrema-unção, e os dedos do bispo de Lisboa tinham-lhe feito o sinal da cruz na testa e outra no peito, como no dia em que fora batizado e naquele em que se armara cavaleiro, preparando-o para a decisiva batalha, para a sua última viagem.

– O pior já passou – disse o rei a Leonor, entrelaçando as suas mãos nas dela, deixando ver os sete anéis. – Três de rubi, três de diamante e um de esmeralda, todo o meu poder fica nas tuas mãos – murmurou.

Leonor inclinou-se, pousando a testa no peito do rei, e assim ficou já o coração tinha deixado de bater há muito.



A rainha viúva desceu à falcoaria, um lenço negro a cobrir-lhe o rosto, deixando apenas entrever o azul de dois olhos mortíços e cansados. Não acompanhara a padiola com o corpo do rei que seguira aos ombros de frades até ao Mosteiro de São Francisco, em Lisboa, sem a pompa que lhe era devida.

Preparara-se para o acompanhar, mas Gonçalo impedira-a de sair, que dissesse que ainda nem quarenta dias tinham passado do parto e que o resguardo obrigava-a a permanecer longe, que se reservava para as cerimónias fúnebres em Santarém. Baixinho garantira-lhe que era demasiado perigoso, a cidade fervilhava, agitada, não podiam garantir a sua segurança.

Quem se atreveria a insultar a rainha de Portugal, uma viúva, protestara, mas Gonçalo sabia que o trabalho de bastidores do seu

irmão mais velho, em conluio com o chanceler Álvaro Pais, já dava frutos e que os castelhanos há semanas que procuravam apoios para D. Juan.

Desistira, virando-lhe as costas.

Fernando não estava naquele corpo que a doença vergastara, nem naqueles ossos, o homem que amava cavalgava com um gerifalte na luva, o rosto banhado pela luz do Sol, o riso enchendo o ar. *Noctua* saberia onde encontrá-lo.

VI PARTE

(1383-1384)

O ENCONTRO COM O DIABO

Este céu em que voamos
não é lugar para perderes as asas.

Hafiz

Lisboa, Paço de A-par-de São Martinho, 6 e 7 de dezembro de 1383

Amduscias está entre nós, disfarçado, escondido, mascarado. Vi-o no rosto do mestre de Avis quando apunhalou até à morte o conde de Andeiro, deixando-o no chão, esvaído em sangue, como nem a um cão se faz. Ouvi-o na voz do pajem, soprando a trompa por socorro ao mestre, trocando as voltas à verdade, inebriando o seu senhor com os gritos da multidão, que o chamava, por fim, filho de rei, resgatando-o do anátema da bastardia, do estigma do meio-irmão deixado sempre para último.

Com que arte o enganou Amduscias, usando as falinhas mansas do seu servo Álvaro Pais, o ressabiado chanceler que não suportou ser suplantado por uma mulher, e os assomos de suposta virtude do meu próprio irmão João Afonso, incitando-o a defender a honra de um rei como não houve outro, que casou por amor, confiou por argúcia e entregou-me, a mim, Leonor, o reino, a quem melhor o podia defender. Um rei tão reto e admirável que os legionários do mal não descansaram enquanto não o envenenaram, não o mataram. O marido pelo qual estava coberta de panos de dó.

Infeliz mestre de Avis, que aos 25 anos se deixou prender nas malhas do mal, cumprindo um crime que lhe vai sempre pesar na consciência, mesmo que quando escreverem a sua história – e hão de o fazer – dourem o seu diabólico ato de valentia.

Quando entrou na minha câmara e o vi armado e acompanhado de outros vinte de cotas, cintas e espadas, ainda o procurei dissuadir da missão que trazia. Tentei usar a sua admiração pelos ingleses, para lhe dizer que têm o bom costume de em tempos de paz não andarem armados, mas bem vestidos e de luvas nas mãos, mas desconversou. O conde João Fernandes, que falava com o meu irmão e outros fidalgos, sentados num banco, aproximou-se, preocupado comigo, sempre cuidadoso, sempre hábil, mas era tarde. O meu cunhado já estava irremediavelmente possuído. Ainda fiz menção de impedir o conde de aceder a acompanhá-lo à sala ao lado, consciente de que a minha presença era a única coisa que o podia salvar, mas não fui a tempo.

Depois ouvi o estrondo de um corpo a cair no chão, ouvi gemer, e o som de uma estocada final dada a um homem que estava por terra, e soube imediatamente que aqueles cobardes o haviam morto. À traição. Amduscias ri de escarninho com esta morte. Fechei os olhos com força e vi o esgar de surpresa no rosto do meu pai quando no castelo de Toro lhe enfiaram uma e outra vez a adaga, vi Fernando, arruinado pela peçonha administrada pelo seu próprio físico, a mando dos seus inimigos. O ciúme, a inveja e a vaidade são os venenos com que o diabo guia a mão do assassino.

Levantei-me e insultei-os. «Idiotas, imbecis, legionários de Satanás, o conde é mártir. Mártir, ouviram bem? Mataram um leal servidor do reino, o melhor, e mataram-no sem porquê. Amduscias bate palmas.»

Reparei, então, que o meu cunhado se passava para um terraço do paço. Julga que o temo, que temo a morte? Mandeí que lhe perguntassem se tencionava matar-me também, porque, se o quisesse fazer, era o momento certo, as portas cerradas por dentro para não deixar entrar a minha guarda, e os que ali estavam comigo, das damas aos cavaleiros, fugiram todos que nem ratos do barco que naufraga. Não me disse Fernando que era o que ia acontecer?

Mas, mesmo de coração destrozado, não faço tensões de ir ao fundo. Por Fernando, por Andeiro, por Beatriz. Respondeu que não, que me queria bem. Matar uma rainha exige outro arrojo, que ele não tinha, disse-lho na cara, com todo o desprezo que sinto por ele. Que fosse com a sua turba de recém-aduladores, com a carneirada desmiolada, matar o bispo, lançado do alto da torre da sé, desnudado e arrastado pelas pedras das calçadas, tingindo-as de sangue sagrado, que se deixasse levar em ombros pela turba que ambicionava encher os bolsos com o ouro dos judeus, que fosse a correr jantar com o meu irmão e o Judas do chanceler, que lhe encheriam a cabeça de sonhos, como os espíritos do mal sabem tão bem fazer. Cá estaria eu para os deitar abaixo.

Quando Aisha chegou, alertada pelos gritos que subiam das ruas, encontrou-me sentada, sozinha. «Estava à tua espera, quero vê-lo uma última vez», disse-lhe.

João Fernandes, mestre de Andeiro, conde de Ourém, a jaqueta de cetim vermelho tingida de sangue, o manto de fino pano preto, mais elegante, mais bonito, com mais mundo e talento do que os diabos que lhe sugaram a vida. Ainda tenho um devaneio, como se esperasse que se levantasse e me dissesse que sou a rainha mais bonita e mais inteligente que alguma vez conheceu. Como vou continuar, sem Fernando, sem Andeiro – a quem o rei me confiou –, sabendo que só a sua experiência, os seus contactos e os seus conselhos me salvariam da ambição do meu genro, que, percebendo-me sem este embaixador hábil ao meu lado, avançará pelo reino adentro, abjurando tudo o que foi acordado em Salvaterra. Dos três criadores do tratado, dois já não são deste mundo.

Aperto nos dedos os meus anéis de rubi e peço-lhes que me deem a coragem com que foram imbuídos. Preciso dela quando, pouco depois, João de Avis se atreveu a regressar ao paço, acompanhado do velho Álvaro Pérez de Castro e do meu odioso irmão João Afonso. Não quero acreditar que conceba que vou aceitar os seus pedidos atabalhoados de perdão. Não por ter morto um homem bom, mas por o ter feito em minha casa, diz. Não lhe respondo. Nem a ele, nem ao Castro, nem ao conde de Barcelos. Não digo uma palavra, por muito que insistam, uma e outra vez. O silêncio é o maior castigo. O outro recebê-lo-ão no dia do Juízo Final, quando descerem aos infernos. Como gostava de os ver arder nas chamas que consomem aqueles que se deixaram seduzir por Satanás. Quando amedrontados se despedem, perco por instantes o controlo e digo-lhes, grito-lhes, que pelo menos tenham a misericórdia de o sepultar honradamente. Que tenham dó de um homem que era tão fidalgo como eles.

Como me arrependi de ter caído na armadilha de mostrar sentimento. Sentiram-me fraca, por instantes humana, e foram-se, sem olhar para trás. Amduscias venceu de novo, entraram para a sua corte.

A meio da noite, quando as ruas já estavam vazias e a escuridão da noite nos protegia, mandei a dois criados meus que levassem o corpo escondidamente para a Igreja de São Martinho e, por piedade, aí o sepultassem. Uma laje, uma pedra branca sem nome, como se não tivesse passado por esta terra. Mando avisar a mulher e as filhas, para que o chorem, porque eu não posso, a raiva gela-me por dentro.

Aisha lembra-me, docemente, que o mal rouba as lágrimas, seca-nos os olhos, e em vez da água que expulsa o sal do ódio, enche-nos o coração de desejos de vingança. Quando a trompa de Amduscias ressoa, tudo verga e definha. Como hoje se inclinaram as árvores, curvaram os arbustos, murcharam as flores dos campos e choraram os anjos no céu.

Mudo-me para a alcáçova, procurando a segurança das muralhas do castelo. Subo com Aisha à torre, perscrutando as estrelas. Talvez o diabo me inveje, digo-lhe, com um trejeito trocista. Afinal não é a mim que me chamam de bruxa e feiticeira, aleivosa e adúltera? Não sou eu que monto um cavalo preto, com uma longa capa vermelha, atravessando os campos com um falcão na luva, uma ave de rapina que aniquila a presa com o seu bico cruel? Não sou aquela que é acusada de ter engravidado de um homem que não é o meu marido, de dar à luz bastardos que Deus crucifica à nascença, como se a bondade divina se compadecesse com a morte de inocentes e o castigo de quem lhes dá a vida?

Como é ardiloso o rei dos diabos.

Santarém, 24 de dezembro de 1383

Vi Amduscias na noite em que deixei Lisboa, em cada sombra, enquanto galopava em direção a Alenquer e depois a Santarém, mandando aclamar Beatriz, rainha de Portugal, como lhe prometi no dia em que foi batizada nas águas sagradas do Rabagão. Mas mesmo o maligno, por vezes, vai longe demais.

O mestre de Avis, mal-aconselhado, veio pedir-me em casamento, dizendo que podíamos reinar juntos até ao dia em que o meu hipotético neto tomaria o trono. Casar, eu? Com um bastardo assassino? A seguir viria João de Castro, se não estiver preso atrás de grades em Castela. Por quem me toma, por quem me tomam? A honra só lhes serve quando lhes convém.

Rechçado, Amduscias tenta de novo. No mosteiro onde há tantos anos o alfaiate e os outros se juntaram para procurar impedir Fernando de me fazer rainha, o meu cunhado é proclamado regedor e defensor do reino. Assina-se como eu, doa o que não é dele, promete o que não tem condições para prometer, e com terras e castelos compra os meus amigos e recompensa os meus inimigos. Mandou chamar João Lourenço da Cunha, numa afronta direta à rainha, atreve-se a premiar Diogo Lopes Pacheco, que como um gato tem sete vidas e cai sempre de pé. E o reino parte-se em dois e o sangue de inocentes já corre.

Assusto-me.

Visito o túmulo de Fernando, imagino-o de braços abertos, leve como o anjo do seu jacente, livre como as aves que lhe decoram o túmulo, montando comigo em florestas mágicas, acompanhados de criaturas meio homens, meio peixes, espreitando de trás do tronco de um teixo, a sua árvore favorita.

Recordo o que espera de mim, mas faço o contrário.

Sinto os anéis queimarem-me as mãos, sei que não servem nem a raiva, nem o ódio. Aisha repete-mo dezenas de vezes, mas o diabo também já me visitou.

O bico da pena rasura indelevelmente o pergaminho, a tinta corre para formar cada letra desta carta que envio ao meu genro e à minha filha, pedindo-lhes que venham em meu auxílio, vingar a desonra que sofri, e ponham ordem neste reino, que será dos seus filhos. Mando entregá-la, porque já estão em Portugal, desenhando cuidadosamente a minha nova assinatura, Dona Leonor, pela graça de Deus, rainha, governador e regedor dos reinos de Portugal e do Algarve. Como Fernando ordenou.

Santarém, 12 e 13 de janeiro de 1384

Amduscias estava lá, naquela porta do castelo de Santarém, e o manto negro com que me cobri dos pés à cabeça não o enganou. Conhece-nos os pontos fracos, sabe como mover-se dentro de cada um de nós, derrotando-nos por dentro, antes mesmo de soçobramos por fora. E o meu é Beatriz, a minha única filha, o amor que me resta.

Quando a abracei, chorando no seu ombro a dor da morte do seu pai, o homicídio de Andeiro, a traição do meu irmão, entreguei-me como uma pomba que voa incauta e só percebe o que lhe aconteceu quando foi atingida. Ia avisada, sou avisada, mas fraquejei. Fui decidida a não os deixar entrar no castelo, por medo de ficar presa dos cento e oitenta cavaleiros armados que vinham com D. Juan. Ordenei que os reis e a sua comitiva se alojassem no Mosteiro de São Domingos, fora de portas, mas não contava que a minha filha me tomasse por um braço e o meu genro por outro. «Há tantas saudades a matar», disse-me Beatriz, tantas lágrimas ainda por chorar, e fui no seu canto. Não sabia, não sonhava, que ia colher o que inadvertidamente semeiei, que Deus me perdoe.

Isso só o percebi quando me pediram para abdicar e disse que não. Quando o meu genro, primeiro sedutor, depois ameaçador, me disse que não era um pedido, mas uma ordem. Recusei, porque o jurara a Fernando nunca o fazer, e não era decisão que pudesse tomar sozinha.

Deixaram-me recolher, mas puseram-me um guarda à porta.

Beatriz veio ver-me, fria como a lâmina de uma faca. A criatura voltada contra o criador, aos 11 anos rainha, e com horror vi-me ao espelho. E à medida que a minha filha falava vi Amduscias em mim. Nas vezes em que a usei e a traí, a casei e descasei, de que vale dizer a quem magoamos tão profundamente que o fizemos por bem, para o seu bem?

– Se me amasse, não me teria afastado do meu pai às portas da morte, não me teria separado de si, quando tudo o que queria era ficar consigo, admirando-a, minha mãe, como a Lua admira o Sol. Não teria deixado o meu marido possuir-me. Agora pertenço-lhe e amo-o e vou reinar ao seu lado, como a vi amar e reinar. – E, inspirando fundo, decretou: – Não sou um varão, senhora, mas sou rainha de Portugal. E quero o que me pertence, o que jurou na ponte de Misarela que seria meu.

Saiu, sem que lhe pudesse dar resposta. Nada do que me disse é mentira e, no entanto, era apenas parte da verdade. Deixava de fora o meu imenso e genuíno amor por ela.

Na manhã seguinte, trouxeram-me a abdicação para assinar. Assinei a minha derrota. Nem a tinta secara no papel e já me tinha arrependido.

Viagem de Coimbra para Tordesilhas, fevereiro de 1384

Até o diabo sabe que uma confissão sobre tortura não vale de nada. E que mesmo o torturador não é culpado quando ele próprio é escravo de outro, e Beatriz não passa de uma criança nas mãos de um traidor. Que me cabe aniquilar.

Desde aquela noite, e a partir da prisão, conspirei para o derrotar, para o matar, pronta a esquecer inimigos e rancores para que Portugal não se torne um com Castela, para que o reino se mantenha independente, como era vontade de Fernando. Quem duvidava das minhas intenções deixou de o fazer, e nas cartas que consegui fazer sair do cárcere incitei a que se pusessem pelo mestre de Avis, que lutassem ao seu lado.

Escondi as joias e o tesouro do meu genro, que, tal como uma gralha, é atraído por tudo o que brilha, e confiei o financiamento das revoltas aos judeus, que sempre me serviram bem. Escrevi a Gonçalo e urdi uma armadilha em que depusitei todas as minhas esperanças: convenço Juan e Beatriz de que o alcaide meu irmão está disposto a entregar-lhes Coimbra, planeando que D. Juan encontre ali o seu fim, mas à última hora fomos traídos. Mía, a minha pobre e fiel Mía, foi torturada, e o judeu obrigado a entregar o meu dinheiro.

Perdi a minha última oportunidade, disse-me Beatriz, o brilho dos seus olhos tão parecido com o meu. A sua determinação tão feroz.

Pede-me os sete anéis, mas não lhos dou, e Aisha implora-lhe que não mos tire. Foi por amor a Aisha que os deixou nos meus dedos e para atenuar a má consciência de me enviar para Castela. Presa num carroção, a caixa com *Noctua* sobre o colo, a moura e Mía ao meu lado, sem olhar para trás. Como quando saí da Beira.

Beatriz segue para Lisboa, mas a muralha que Fernando e eu construímos, em que gravámos as nossas armas, não a deixará passar. Nem a ela, nossa querida filha.

Tordesilhas, Mosteiro de Santa Clara, março de 1384

Retiro os sete anéis dos dedos, um por um.

Três de rubi.

Três de diamante.

E um, o maior de todos, de esmeralda.

Sete anéis de uma prisioneira dos reis de Portugal e Castela.

– Aisha, Beatriz virá por mim?

A moura aponta para a mesa onde os pousei, e o sol que entra pela pequena janela gradeada incide sobre eles, que me encandeiam com a sua luz.

Sorrio, e volto a colocá-los pela mesma ordem em que os recebi de Fernando, oferecidos por amor, condição para a eficácia do seu poder.

Acredito que ainda serão a chave desta minha cela.

Epílogo

A espera de Leonor Teles foi longa, mas não em vão. D. Beatriz resgatou a mãe da prisão, seis anos após a morte do marido, o rei D. Juan I de Castela, a 9 de outubro de 1390. Sabemo-lo graças ao testemunho de um embaixador aragonês enviado em 1391 à corte do novo rei, Enrique III de Castela, que refere ter visto a rainha Leonor de Portugal na companhia da senhora D. Beatriz, aparentemente reconciliadas, e de uma doação, que aponta para que tenha morrido entre 1397 e 1404. Estes documentos permitiram desfazer a versão oficial, que ainda consta de alguns livros atuais, de que a rainha ficou até ao fim dos seus dias em cativeiro, no Mosteiro de Santa Clara, em Tordesilhas.

É uma boa notícia, tendo em conta que, segundo Fernão Lopes, Leonor Teles reagira à ordem de enclausuramento do genro dizendo-lhe que mandasse para o mosteiro uma irmã, se lhe apetecesse, «porque a mim não haveis de fazer freira».

Referências à rainha também surgem em obras do século XVI dedicadas à história da cidade de Valladolid, assegurando a existência de uma sepultura e respetiva lápide na igreja do Convento das Mercedes, onde estava escrito «Aqui jaz sepultada a rainha Dona Leonor, mulher do rei de Portugal», pedindo em seguida que se rezassem duas missas a cada semana por ela e pela sua filha, D. Beatriz, rainha de Castela. Infelizmente o edifício foi demolido e a lápide desapareceu.

Mas, para quem gosta de imaginar Leonor Teles como uma mulher que seguia o coração contra tudo e contra todos, existe a tese do historiador seiscentista castelhano Juan Antolínez de Burgos. Segundo apurou, a rainha quando se viu livre comprou umas «casas» em Valladolid, para onde se mudou, enamorando-se de um cavaleiro, Zoilo Íñiguez, de quem teve dois filhos, um rapaz, que morreu e foi sepultado com ela, e uma rapariga – a quem deu o nome de Maria –, que lhe sobreviveu. Para além de ser estranho que a rainha de Portugal e mãe da então rainha viúva de Castela se conformasse a uma união de facto com um fidalgo, também parece bastante inverosímil que ainda conseguisse engravidar, tendo em conta que teria já bem mais de 40 anos, embora não saibamos a data exata do seu

nascimento, estimada entre 1345 e 1350, e que optei por estabelecer em 1346.

Mas o mundo tinha mudado muito naqueles anos de desterro.

Em maio de 1384, D. Juan I e D. Beatriz cercaram Lisboa por terra e por mar, mas foram derrotados pela Muralha Fernandina e pela peste que atingiu o arraial castelhano – quando quatro meses depois a própria rainha foi contagiada, o exército inimigo recuou. A frota castelhana, no entanto, manteve o cerco por mar, até à chegada do contingente inglês, na Páscoa de 1385, convocado pelo mestre de Avis, ao abrigo da aliança luso-britânica, e a guerra manteve-se nas fronteiras.

Nas Cortes reunidas em Coimbra em abril de 1385, a arte do jurista João das Regras conseguiu eliminar D. Beatriz e o marido da corrida, alegando que o incumprimento do Tratado de Santarém os punha fora de jogo, recusando a pretensão de D. João e D. Dinis de Castro, pelo facto de o papa não reconhecer o casamento entre D. Pedro e D. Inês de Castro como válido, sendo que a testemunha-chave foi nada mais nada menos do que Diogo Lopes Pacheco, a quem aparentemente os 80 anos não afetavam a memória. Sobrava assim D. João, defensor e regedor do reino, assumidamente bastardo, mas que foi eleito pelas Cortes, numa «modalidade» inédita e irrepetível, tornando-se assim no primeiro rei de uma nova dinastia, a dinastia de Avis.

Obviamente que Juan I de Castela e D. Beatriz não ficaram de braços cruzados perante esta decisão, mas os portugueses venceram a batalha de Aljubarrota, a 14 de agosto de 1385, graças aos arqueiros ingleses, que D. Fernando tanto admirava, e ao mérito de D. Nuno Álvares Pereira, o jovem escudeiro de Leonor Teles.

Animado pela vitória, John of Gaunt ressuscitou a sua pretensão ao trono de Castela, renovando-se a aliança no famoso Tratado de Windsor, selado com o casamento de D. João I com Philippa of Lancaster, em fevereiro de 1387, no Porto. Com o apoio dos portugueses ao duque de Lancaster, a guerra recomeçou, para terminar em julho de 1388, graças a uma solução engenhosa: John of Gaunt e D. Constanza renunciavam aos direitos sucessórios castelhanos, e a sua filha Catalina casava com Enrique III de Castela, o enteado de D. Beatriz, unindo a dinastia do usurpado e a do usurpador numa só.

Em novembro de 1389 foi assinado o Tratado de Monção, que estabeleceu finalmente a paz entre Portugal e Castela.

Quanto a D. Beatriz, nunca desistiu da sua pretensão, intitulando-se rainha de Portugal até ao fim da vida, que aconteceu por volta de 1412, por ironia em Toro, onde o seu avô Martim Telo tinha sido assassinado e a sua mãe viveu parte da infância. Nunca teve filhos, nem voltou a casar, mas o enteado-rei tratou-a sempre por «minha

mãe» em todos os documentos em que lhe fez referência. Está sepultada no Mosteiro de Sancti Spiritus, naquela cidade.

Quanto ao filho do primeiro casamento de Leonor Teles, Álvaro de Sousa, foi, a pedido do pai, finalmente reconhecido por D. João I, como Álvaro da Cunha, herdando o senhorio de Pombeiro.

Dramatis personae

Afonso IV, rei de Portugal (Lisboa, 8 de fevereiro de 1291-Lisboa, 28 de maio de 1357) – Único filho varão de Isabel de Aragão e de D. Dinis. Casou com Beatriz de Castela e foi pai de Pedro I, de D. Maria, rainha de Castela (com quem tem uma relação de grande proximidade), e de D. Leonor, rainha de Aragão (e de outros infantes que morreram na infância). O «papel» que desempenhou no momento da morte de Inês de Castro é-nos relatado pelo mais fiel dos «documentos» históricos: as edículas da arca funerária de Pedro I. Afonso IV morreu em Lisboa, popularmente imortalizado pela batalha do Salado, mas também por ser o único rei da primeira dinastia a que não se conhecem filhos ilegítimos. Possuía, de facto, os sete anéis, que deixou ao seu neto Fernando em testamento.

Afonso Telo – Filho de Guiomar Pacheco, era primo direito de Leonor Teles, filho do conde João Afonso Telo e de Guiomar Lopes Pacheco, recebeu o título de 5.º conde de Barcelos e morreu novo, sem descendência.

Aisha – Personagem fictícia, discípula de Zulema e aprendiz dos conhecimentos da sábia moura, que servia Teresa Sanches, senhora de Albuquerque, e mãe adotiva de Inês de Castro. Representa, tal como Zulema, o conhecimento que os árabes tinham sobre a medicina, a astrologia, o poder das plantas, a que os reis de Portugal recorriam, muitas vezes contratando-os como físicos e boticários.

Aldonça Anes de Vasconcelos (c. 1310/20-1356) – Mãe de Leonor Teles, era filha do alcaide-mor de Miranda do Corvo e de Estremoz, João Mendes de Vasconcelos, e de Aldara Afonso Alcoforado. Acredita-se que terá nascido em Santarém e que casou por volta de 1334 com Martim Afonso Telo de Meneses, que foi mordomo-mor e amante da rainha-consorte de Castela, D. Maria de Portugal (filha de Afonso IV e mulher de Alfonso XI). Deste casamento nasceram quatro filhos que chegaram à idade adulta: João Afonso Telo de Meneses, Gonçalo Teles de Meneses, Maria Teles de Meneses e Leonor Teles de Meneses. Aldonça terá morrido pouco depois do assassinio do marido em Toro. Os filhos foram criados pelos cunhados, João Afonso Telo e Guiomar Pacheco, condes de Barcelos e condes de Ourém.

Aldonça Lourenço de Valadares (c. 1280-c. 1360) – A mãe de Inês

de Castro era prima direita do pai de Leonor Teles. De uma (longa) relação amorosa de Aldonça com Pedro Fernández de Castro, nasceram Inês e Álvaro de Castro. Aldonça era filha de Lourenço Soares de Valadares, conselheiro de Afonso III e de D. Dinis, tenente de Riba Vouga e de Riba Minho, 4.º senhor de Tangil.

Afonso XI de Castela (Salamanca, 1311-Algeciras, 1350) – Neto da rainha D. Isabel e de D. Dinis, nasceu em 13 de agosto de 1311 em Salamanca. Casa com Constança Manuel, quando esta tem apenas oito anos, para procurar apaziguar a fúria do seu antigo tutor Juan Manuel, senhor de Vilhena e o homem mais poderoso de então. Mas, aliciado pelo rei de Portugal, repudia Constança Manuel e casa com a infanta Maria de Portugal, de quem era primo direito – um casamento ensombrado pela sua ligação amorosa a Leonor de Guzmán. É pai do rei D. Pedro I de Castela e de dez filhos ilegítimos da amante, o mais velho dos quais é Enrique, que se tornará Enrique II de Castela, o primeiro da dinastia Trastámara.

Álvar Pérez de Castro (c. 1322-1384) – Irmão «inteiro» de Inês, é filho de Aldonça Lourenço de Valadares e de Pedro Fernán de Castro. Tal como acontece com Inês, não conhecemos a data nem o local do seu nascimento, mas pensa-se que será mais novo do que a irmã. Muito próximo do infante D. Pedro e de João Afonso, senhor de Albuquerque, foge de Castela e acolhe-se à proteção do futuro rei de Portugal e da sua irmã Inês de Castro. A morte da irmã não o afasta da corte portuguesa, vindo a ser favorecido pelo «cunhado», recebendo inclusivamente as terras do «assassino» Diogo Lopes Pacheco. Foi um dos homens-fortes do reinado de D. Fernando, sendo, sucessivamente, 1.º conde de Viana (da Foz do Lima), 1.º conde de Arraiolos e o primeiro condestável, já em 1382.

Álvaro de Sousa ou Álvaro da Cunha (c. 1371-c. 1415) – Filho de Leonor Teles e de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, foi «renegado» pelos pais, sendo conhecido pelo nome de Álvaro de Sousa. Após 1383, a pedido de João Lourenço da Cunha, D. João I reconhece-o por quem é e herda do pai o senhorio de Pombeiro. Morreu de peste no regresso da conquista de Ceuta.

Beatriz de Castela, rainha de Portugal (Toro, 8 de março de 1293-Lisboa, 25 de outubro de 1359) – Beatriz é filha de Sancho IV de Castela e de Maria de Molina e chegou a Portugal em criança, prometida ao infante D. Afonso (Afonso IV). Mãe de D. Pedro I (e de Afonso, Dinis e João, que morreram em bebés), de D. Maria, rainha de Castela, de D. Leonor, rainha de Aragão, e ainda de D. Isabel, sepultada em Santa Clara ao lado da Rainha Santa. Muito próxima do único filho, mediadora da paz à imagem de Isabel de Aragão (a sogra), é a figura de referência de D. Fernando, que perdeu a mãe na primeira infância. Sabemos que, pelo menos a partir de 1358,

«legítima» os filhos de Inês de Castro incluindo os netos no seu testamento, a par dos filhos de Constança Manuel. Morre em Lisboa em 1359.

Beatriz de Castro (c. 1354-c. 1384) – A única filha de Inês de Castro e de D. Pedro I, foi criada depois da morte da mãe na corte da avó, a rainha D. Beatriz. Fernão Lopes relata-nos os supostos costumes imorais da corte da infanta no Paço de A-par-de São Martinho, em Lisboa, e refere que se dizia (é sempre esta a fórmula que utiliza) que mantinha uma relação pouco natural com D. Fernando, havendo quem falasse inclusivamente em casamento. Esteve presente no casamento a furto de D. Fernando e D. Leonor Teles. Por insistência do meio-irmão, casou com Sancho de Albuquerque, irmão do rei Enrique de Castela, e é acusada pelo rei de Portugal de ter estado envolvida no seu envenenamento. No seu testamento, D. Fernando exclui todos os irmãos Castro da linha de sucessão, por considerar que o seu pai nunca casou com Inês de Castro. O marido morre cedo e o seu filho mais velho morre a lutar por Castela na batalha de Aljubarrota. A sua filha Leonor vem a ser rainha de Aragão, pelo casamento com Fernando de Antequera, e a sua neta Maria rainha de Castela, por casamento com D. Juan II.

Beatriz de Portugal (Coimbra, fevereiro de 1373-Toro, após junho de 1412) – A única filha de Fernando I e de Leonor Teles, tornou-se rainha consorte de Castela e herdou do pai o trono de Portugal, que, no entanto, o Tratado de Salvaterra previa que fosse apenas um título nominal, ficando o poder da regência nas mãos de D. Leonor Teles até que um futuro filho de D. Beatriz assumisse o trono. D. Beatriz enviúva em 1390 e morre entre 1412 e 1420, em Toro, onde residia, assinando-se sempre rainha de Portugal. Encontra-se aí sepultada, no Mosteiro de Sancti Spiritus.

Blanche de Bourbon, rainha de Castela (Val-de-Marne, 1339-Medina Sidonia, 1361) – Irmã gêmea da rainha de França (Jeanne de Bourbon, casada com Carlos V), o seu casamento com Pedro I de Castela foi obra de João Afonso de Albuquerque, com o objetivo de selar a aliança entre castelhanos e franceses contra os ingleses, naquela que ficou conhecida como a Guerra dos Cem Anos. Desprezada pelo marido, Blanche acaba por ser «bandeira» de uma nobreza insatisfeita com o domínio dos Padilla – o resultado foi uma guerra civil. Blanche é assassinada em Medina Sidonia, em 1361, por ordem de Pedro I de Castela, com apenas 22 anos. A sua morte levou o rei de França a apoiar o partido de Enrique de Trastámara, que acabou por conquistar o trono.

Constanza de Castela (1354-1394) – Filha de Pedro I de Castela e da sua amante María de Padilla, foi legitimada como infanta de Castela e herdeira do trono. Depois de o rei ter sido assassinado e o trono

usurpado por Enrique de Trastámara, casou com John of Gaunt, duque de Lancaster, que se proclamou rei de Castela e Leão e se empenhou em reconquistar o trono roubado. Foi mãe da infanta Catalina, que virá a ser rainha de Castela.

Dinis de Castro (c. 1353-1398) – Filho de Inês de Castro e de D. Pedro I de Portugal, fez parte da corte do meio-irmão até se ter recusado a beijar a mão da cunhada, Leonor Teles, exilando-se em Castela e entrando ao serviço de Enrique II de Trastámara. No tempo de D. João I ensaia um regresso à corte deste meio-irmão, que o «despacha» numa suposta missão a Inglaterra, onde se encarrega de pedir que o impeçam de sair, seguindo-se uma emocionante história de prisões, fugas, piratas e pedidos de resgate. Mais tarde é aclamado «rei de Portugal» por nobres exilados em Castela, mas a sua tentativa de invadir Portugal pela Beira correu mal. Está sepultado no Mosteiro de Santa Maria de Guadalupe.

Diogo Lopes Pacheco (c. 1305-1393) – Meio-irmão de Guiomar Lopes Pacheco, era filho de Lopo Fernandes Pacheco e da sua primeira mulher, Maria Gomes Taveira, herdou do pai não só o título de 8.º senhor de Ferreira de Aves, como o lugar de destaque como conselheiro do rei Afonso IV. Próximo do infante D. Pedro, vai traí-lo ao envolver-se na morte de Inês de Castro. Foge para Castela no início do reinado de D. Pedro I, temendo a vingança, e escapa-se daí para França, disfarçado de mendigo, quando percebe que vai ser extraditado para Portugal na companhia de Pero Coelho e Álvaro Gonçalves (que foram supliciados mal caíram nas mãos do rei). D. Pedro, na impossibilidade de o apanhar, confisca-lhe os bens e entrega as terras de Ferreira de Aves ao inimigo Álvaro de Castro. Voltará a Portugal, recebendo o perdão de D. Pedro I no leito de morte, desempenhando funções diplomáticas em nome de D. Fernando I, com quem se incompatibilizará por discordar do seu casamento com Leonor Teles. Novo exílio, novo regresso aquando da crise sucessória, desta vez para desempenhar um papel fundamental no esforço de desacreditar a legitimidade dos filhos de Pedro e de Inês de Castro ao trono, garantindo a aclamação do mestre de Avis. Teria nesta altura cerca de 80 anos, o que para a época era extraordinário, mas mantinha decididamente a habilidade política.

Edmund of Langley, conde de Cambridge (5 de junho de 1341-1 de agosto de 1402) – Filho do rei Edward III de Inglaterra e de Philippa of Hainault, foi 1.º conde de Cambridge e depois 1.º conde de York. Casa-se, em 1372, com Isabel de Castela, filha de Pedro I de Castela e da amante, María de Padilla, e ao serviço do seu irmão John of Gaunt comanda em Portugal o contingente inglês na III Guerra Fernandina (1381-1382). Durante a sua estada celebram-se os

esponsais entre o seu filho Edward e a infanta D. Beatriz de Portugal, que prevê que após a morte de D. Fernando, e caso não exista um herdeiro varão, assuma a regência até à maioridade da infanta, mas o casamento é declarado nulo pouco depois.

Enrique de Trastámara, Enrique II de Castela (Sevilha, 13 de janeiro de 1334-La Rioja, 29 de maio de 1379) – Filho bastardo de Alfonso XI com Leonor de Guzmán, gémeo de Fadrique, casa com Juana Manuel, meia-irmã de Constança Manuel, casada com D. Pedro I de Portugal. Ambicioso e extremamente rico, luta contra o meio-irmão Pedro I de Castela, acabando por o assassinar com as suas próprias mãos, tomando para si a coroa. É o primeiro de uma nova dinastia, a dos Trastámara, e ficou conhecido com o cognome de *o das Mercês* ou *o Magnífico*: concedia grandes benesses em troca do apoio às suas pretensões.

Fernán Ruiz de Castro (c. 1330-1377) – Meio-irmão de Inês de Castro, filho legítimo de Pedro Fernán de Castro e de Isabel Ponce de Leão, herda muito novo os títulos e o poder do pai, tanto na Galiza como junto do rei de Castela. Arquiteta o casamento da sua irmã Juana de Castro com o rei Pedro I de Castela, tornando-a rainha, mas não só o rei a abandona como a união é declarada nula porque já era casado com Blanche de Bourbon. Apesar de curto, do casamento nasce um «filho de rei», e Juana manterá o título de rainha até à morte. Pretendia tornar também a outra irmã rainha de Portugal? Muito provavelmente. Depois da morte da irmã, junta-se ao infante/cunhado numa guerra civil contra Afonso IV. É leal ao rei D. Pedro de Castela na luta contra Enrique de Trastámara, exila-se em Portugal, mas acaba por ser obrigado a partir em consequência do Tratado de Santarém, que estabelecia a paz entre D. Fernando e o rei de Castela.

Fernando I, rei de Portugal (Coimbra, 31 de outubro de 1345-Lisboa, 22 de outubro de 1383) – Filho do infante D. Pedro e de D. Constança Manuel, nasceu em 1345. É meio-irmão dos três filhos de Inês de Castro e de João, mestre de Avis. Aclamado rei em 1367, casa com Leonor Teles, primeiro numa cerimónia privada e depois num casamento público, em Leça do Balio, em 1372. Foi responsável por três guerras com Castela. É pai de uma filha ilegítima, Isabel, que nasceu antes da sua união com Leonor Teles, e de uma única filha legítima, a infanta D. Beatriz, jurada sua herdeira. É vítima de um envenenamento que lhe rouba a saúde para sempre e acusa explicitamente o primeiro marido de Leonor Teles, João Lourenço da Cunha, Diogo Lopes Pacheco e os meios-irmãos Castro de o desejarem matar. Herda os sete anéis do avô Afonso IV, segundo o testamento da avó, a rainha D. Beatriz.

Gonçalo Teles (c. 1335-28 de junho de 1403) – Irmão de Leonor

Teles, é filho de Martim Afonso Telo de Meneses e de Aldonça de Vasconcelos. Primeiro senhor de Cantanhede, é-lhe concedido também o título de conde de Neiva, criado para ele por D. Fernando I de Portugal. Casa com Maria Afonso de Albuquerque, filha ilegítima de João Afonso de Albuquerque, cognominado de *o do Ataúde*, e tem um filho, Martinho de Meneses Teles. Leonor Teles conspira com ele para uma última tentativa de derrotar o genro, D. Juan I de Castela, mas falha.

Guiomar Lopes Pacheco (c. 1321-c. 1404) – A condessa Guiomar, como era conhecida, acolheu Leonor Teles e os irmãos após o homicídio do seu cunhado Martim Telo e da morte da sua cunhada Aldonça. Filha de Lopo Fernandes Pacheco e da sua segunda mulher, Maria Rodríguez de Villalobos, é meia-irmã de Diogo Lopes Pacheco. Casou com João Afonso Telo de Meneses, 4.º conde de Barcelos e 1.º conde de Ourém, e teve três filhos: João Afonso Telo, Leonor de Meneses e Afonso Telo. Guiomar faleceu após 1404 e está sepultada ao lado do marido, na igreja do Convento da Graça, em Santarém, de que foram cofundadores, com o seu filho Afonso.

Inês de Castro (Galiza, c. 1320/1325-Coimbra, 7 de janeiro de 1355) – Inês é filha de Aldonça Valadares e de Pedro Fernández de Castro, irmã de Álvaro de Castro e de dois meios-irmãos legítimos, Fernán e Juana de Castro. É prima direita do pai de Leonor Teles e provavelmente viajou com Leonor no regresso do casamento da infanta D. Leonor com um infante de Aragão. Da sua ligação com o infante D. Pedro de Portugal, nasceram quatro filhos, Afonso, morto à nascença, João, Dinis e Beatriz. Assassinada em Coimbra por ordem do sogro, o rei Afonso IV, o seu corpo foi trasladado para o magnífico sepulcro do Mosteiro de Alcobaça, depois de o então já rei D. Pedro I ter declarado que estavam unidos pelo casamento – casamento que nem o seu filho D. Fernando nem o papa vão reconhecer como legítimo.

Isabel de Castela, condessa de Cambridge (1355-23 de novembro de 1392) – A terceira filha de Pedro I de Castela e de María de Padilla, infanta de Castela, casa-se no castelo de Hertford, em 1 de março de 1372, com Edmund of Langley, conde de Cambridge. Esteve em Portugal com o marido e o filho Edward, que celebrou esponsais com a infanta D. Beatriz durante a III Guerra Fernandina.

João Afonso, 6.º senhor de Albuquerque (c. 1305-28 de setembro de 1354) – Único filho (sobrevivo) de Afonso Sanches e de Teresa (Martins de Meneses) Sanches, herda o título e a riqueza do pai. Casa com Isabel Teles de Meneses, com quem tem um único filho, Martim. A sua extraordinária «carreira política» conhece um enorme impulso com a chegada a Castela da nova rainha, a prima Maria de Portugal, de quem se torna o principal conselheiro. Foi alferes do rei

Alfonso XI, mordomo-mor do infante Pedro, depois Pedro I, e por fim seu chanceler-mor, vendo crescer o seu poder e influência, tornando-se no homem mais importante do reino (mais ainda do que o jovem rei). Mas, atraído pela barregã María de Padilla, iniciará uma luta constante para manter o poder.

A sua enorme influência sobre a prima Inês de Castro, criada na corte de Albuquerque, é uma certeza, assim como é muito plausível a possibilidade de ter sido ele a introduzi-la na corte de D. Maria e através dela na corte portuguesa. Envenenado em 1354, antes de morrer ordena aos vassallos que não o enterrem antes de assegurada a vitória – e o seu caixão é levado à frente dos exércitos para todos os campos de batalha. Valeu-lhe o cognome de *o do Ataúde*. Acaba por ser sepultado em Castromonte.

João Afonso Telo, conde velho (c. 1305-dezembro de 1381) – Filho de Afonso Martins Teles de Meneses, *o Raposo*, e de Berengária Lourenço de Valadares, é tio paterno de Leonor Teles e primo direito de Inês de Castro. Recebeu o título de conde de Barcelos (4.º) ainda por D. Pedro I de Portugal, torna-se mordomo-mor e embaixador de D. Fernando, que lhe concede o título de 1.º conde de Ourém, criado propositadamente para ele. Fernão Lopes diz que era conhecido como o «conde velho», porque era o mais velho dos condes portugueses. Casado com Guiomar Lopes Pacheco, teve três filhos (Afonso, João Afonso e Leonor) e depois do assassinio do seu irmão mais velho, Martim, acolhe Leonor Teles e os seus três irmãos. Era um homem muito poderoso, um fazedor de reis, acusado de ter usado o poder junto do rei e da sobrinha rainha para engrandecer a família e o património, mas na realidade é justo dizer que o seu prestígio e riqueza eram anteriores ao casamento. Juntamente com a sua mulher, foi o fundador do Convento da Graça, em Santarém, onde se encontram sepultados.

João Afonso Telo (m. 14 de agosto de 1385 na batalha de Aljubarrota) – Irmão de D. Leonor, foi alcaide-mor de Lisboa em 1372, almirante do reino (desde 1375-76) e 6.º conde de Barcelos, recebendo o título do seu primo Afonso, que morreu sem descendência.

Durante a III Guerra Fernandina, comandou a frota de Portugal na batalha da ilha de Saltes travada em julho de 1381 contra a esquadra castelhana de Fernando Sánchez de Tovar. Saiu derrotado, o que resultou na destruição do poder ofensivo naval português e na afirmação da supremacia de Castela no oceano Atlântico.

Durante a crise de 1383-1385, apoiou a causa do rei Juan I de Castela, tornando-se conde de Mayorga. No entanto, em 1384, participou no assassinio do conde de Andeiro e esteve presente quando o mestre de Avis entrou na câmara da rainha Leonor, sua

irmã.

Casou com Beatriz Afonso de Albuquerque, filha ilegítima de João Afonso de Albuquerque, *o do Ataúde*, e a sua cunhada, irmã de Beatriz, casou-se com o seu irmão Gonçalo.

Morreu na batalha de Aljubarrota, onde lutou pela rainha D. Beatriz contra o mestre de Avis. Consta que o rei português o mandou sepultar primeiro e que foi «o único dos inimigos a quem D. João mandou dar sepultura».

João de Castro/João de Portugal (c. 1346-1352-Salamanca, 1387-1400) – Filho de Pedro I de Portugal e de Inês de Castro, era infante de Portugal e, apesar de o seu meio-irmão Fernando o ter «eliminado» da linha da sucessão, considerou-se sempre o legítimo pretendente à coroa – alegando que a sobrinha D. Beatriz era filha de uma adúltera.

Foi favorecido pelo pai e, mesmo que em menor medida, também pelo seu irmão Fernando I. De acordo com Fernão Lopes, era mais popular do que o irmão rei, tanto entre o povo como entre a nobreza, pairando como uma ameaça sobre D. Fernando e D. Leonor.

Casou secretamente com Maria Teles de Meneses, viúva de Álvaro Dias de Sousa e irmã de Leonor Teles, e assassinou a mulher brutalmente em Coimbra, por alegada infidelidade. Fernão Lopes afirma que a verdadeira culpada do crime foi Leonor Teles, o que os historiadores atuais consideram mais do que discutível. Na sequência do crime fugiu para Castela, onde já se encontrava o seu irmão Dinis, sendo acolhido por Enrique de Trastámara, que o tronou seu braço-direito na III Guerra Fernandina. Ao casar pela segunda vez, com Constanza de Castela, filha natural de Enrique II de Castela e de Elvira Íñiguez de la Vega, tornou-se duque de Valencia de Campos. Foi preso pelo rei de Castela, Juan I, após a morte de D. Fernando, e a arte de João das Regras cortou pela raiz a sua pretensão ao trono de Portugal. Está sepultado no Mosteiro de Santo Estêvão.

João Fernandes de Andeiro (c. 1330-Lisboa, 6 de dezembro de 1383) – Político hábil e 2.º conde de Ourém, foi um fidalgo da pequena nobreza galega, tendo nascido na vila da Corunha. Homem de confiança do rei D. Fernando e de John of Gaunt, é central na negociação do primeiro tratado de aliança entre Portugal e a Inglaterra, o Tratado de Tagilde, e assina em nome dos reis de Portugal o Tratado de Londres, sendo também ele que em Estremoz protagoniza um novo acordo entre os dois reinos, que prevê o auxílio à III Guerra Fernandina e o casamento da infanta D. Beatriz com o filho dos condes de Cambridge. Torna-se «primeiro-ministro» de D. Fernando e, após a morte deste, de Leonor Teles. É

assassinado pelo mestre de Avis, no Paço de São Martinho, por alegadamente ter mantido uma relação amorosa com a rainha. Os grandes historiadores da atualidade consideram que era um político hábil, bem preparado e com uma «carteira de contactos» internacional e que o poder e os privilégios que lhe foram atribuídos foram em reconhecimento real dos seus serviços a Portugal, mas a nobreza e os mesterais de Lisboa viram nele um «estrangeiro», oportunista, ora a favor de Inglaterra, ora de Castela. Fernão Lopes, na sua escrita brilhante, mas altamente tendenciosa, tece um romance entre a «adúltera» Leonor Teles e o conde de Andeiro, como ficou conhecido, atribuindo-lhe inclusivamente a paternidade dos dois últimos filhos dos reis. Afirmar mesmo que o rei terá sufocado o recém-nascido varão ao suspeitar que não era filho dele, mas quando os historiadores modernos juntam as peças percebe-se que nada se conjuga bem, já que depois disso D. Fernando continua a confiar até à hora da morte as suas missões diplomáticas mais importantes ao seu principal valido. E as duas crianças foram sepultadas dentro da mesma arca tumular que o rei. Ou seja, ninguém pode confirmar os amores ilegítimos de Leonor Teles e João Fernandes de Andeiro e que o seu homicídio não tenha sido movido por razões políticas... e inveja.

João Lourenço da Cunha (?-c. 1400) – O primeiro marido de Leonor Teles era 2.º senhor de Pombeiro e vassalo do infante D. João (filho de Inês de Castro e de D. Pedro I). O seu casamento com Leonor foi dissolvido por iniciativa de D. Fernando, alegando que marido e mulher eram parentes, para assim poder casar com Leonor. João Lourenço da Cunha fugiu para Castela e apresentou-se mesmo na corte castelhana com uns cornos de ouro, dando origem a uma famosa canção trovadoresca. Foi acusado pelo próprio rei D. Fernando, num documento público, de, em conluio com Diogo Lopes Pacheco, o ter tentado assassinar, o que lhe valeu o confisco de todas as terras e bens. Era pai, com Leonor Teles, de Álvaro e de uma filha que nasceu morta ou morreu imediatamente depois, e a quem não conhecemos o nome. Regressa a Portugal para se alistar no partido do mestre de Avis e consegue dele a legitimação do filho, conhecido até então como Álvaro de Sousa. Obviamente a natureza da relação entre Leonor e o marido é ficcionada, mas sabemos que a rainha alegou que o casamento nunca tinha sido consumado e que tinha sido uma relação infeliz.

João, mestre de Avis/João I, rei de Portugal (1357-1433) – Filho de Pedro I e de Teresa Lourenço, galega, meio-irmão de Fernando I e dos filhos de Inês de Castro. Ordenado mestre da Ordem de Avis aos dez anos, foi pai de Afonso (futuro duque de Bragança) aos 16 anos e de Brites pouco depois. Frequenta a corte, é próximo de

D. Fernando e D. Leonor e de João de Castro. Quando o conde de Cambridge chega a Portugal no contexto da III Guerra Fernandina, torna-se um admirador da estratégia militar inglesa e luta contra Castela ao lado dos contingentes ingleses, tendo mesmo um plano de fuga para Inglaterra após ter assassinado o conde de Andeiro no paço da rainha. As Cortes de Coimbra elegem-no rei, graças à argumentação de João das Regras junto do papa, e pediu ajuda à Inglaterra (Tratado de Windsor) para defender o reino contra Castela. Casou tarde com Philippa of Lancaster, filha de John of Gaunt, duque de Lancaster, de quem teve oito filhos, a famosa Ínclita Geração, como lhe chamou Camões.

John of Gaunt, duque de Lancaster, pretendente ao trono de Castela (Gante, 1340-Leicester, 1399) – Terceiro filho sobrevivente do rei de Inglaterra Edward III, da Casa dos Plantagenetas. Foi batizado pelo povo com o segundo nome, «Gaunt», porque nasceu em Gante, na Flandres, de onde a mãe era natural. Tornou-se duque de Lancaster pelo primeiro casamento e apelidava-se rei de Castela e Leão depois do casamento com Constanza de Castela. Contando apenas os que chegaram à idade adulta, teve nove filhos, entre eles Philippa of Lancaster, rainha de Portugal, Henry of Bolingbroke, rei de Inglaterra, e Catalina, rainha de Castela.

Juan I de Castela (1358-1390) – Filho de Enrique II e de Juana Manuel de Castela, nasceu na coroa de Aragão, durante o desterro do pai, quando este ainda não era rei. Rei de Castela e o segundo da dinastia dos Trastámara, foi o último rei castelhano coroado solenemente. Depois dele, os monarcas assumiam a dignidade real por proclamação e aclamação. Casou com a infanta D. Beatriz em Elvas-Badajoz e intitulou-se rei de Portugal quando Fernando I morreu. Foi um dos pretendentes ao trono na crise de 1383-1385.

Juana de Castro (c. 1334-1374) – Meia-irmã de Inês de Castro, filha de Pedro Fernán de Castro e de Isabel Ponce de Leão, era também famosa pela sua beleza. E ambição. Não se conhece a data de nascimento, mas sabe-se que era muito mais nova do que Inês. Viúva de Diego de Haro, casa com Alfonso XI de Castela, em Cuéllar, graças à arte e engenho do seu irmão Fernán, mas a união é rapidamente declarada nula. Embora a história conte que o rei se arrependeu logo no dia seguinte, voltando a María de Padilla, ficou pelo menos o tempo suficiente para que concebesse um filho. Juana intitula-se rainha durante toda a vida e faz-se sepultar em Santiago de Compostela como tal.

Leonor de Guzmán (1310-1351) – Amante do rei Alfonso XI de Castela, mãe de dez dos seus filhos, nove varões e uma rapariga, Juana Afonso (que casa com o irmão de Inês de Castro, Fernán de Castro), era rainha de facto. Após a morte do rei, é presa e

assassinada em Talavera, a mando da rainha D. Maria. O homicídio só agrava as lutas pelo trono, de que o seu filho Enrique sairá vencedor.

Leonor de Meneses (c. 1340-1410) – Prima direita de Leonor Teles, filha de Guiomar Pacheco e de João Afonso Telo, casa com Pedro de Castro, filho de Álvaro Pérez de Castro.

Leonor Teles, rainha de Portugal (Trás-os-Montes e Alto Douro, c. 1345-1350-Valladolid, 1390-1405) – Rainha de Portugal entre 1372 e 1383, por casamento com Fernando I. Entre 1383 e 1384, tornou-se regente em nome da filha, Beatriz.

Leonor Teles era filha de Aldonça de Vasconcelos e de Martim Afonso Telo de Meneses, mordomo-mor e amante da rainha D. Maria de Portugal, viúva de Alfonso XI de Castela. O pai foi assassinado em 1356 por ordem de Pedro I de Castela, filho da amante.

Casou com João Lourenço da Cunha, em data e ano incertos. Com o primeiro marido teve uma filha, que morreu na infância, e Álvaro da Cunha. Da união com Fernando I nasceram Beatriz de Portugal e um filho, que morreu quatro dias depois de nascer, e uma filha/filho, que terá morrido mal nasceu.

Maria de Padilla (c. 1334-1361) – Maria Diáz pertencia a uma família da pequena nobreza castelhana e cresceu (tal como Inês) na corte de João Afonso de Albuquerque e da sua mulher, Isabel de Meneses. Amante de Pedro I de Castela, resiste às tentativas de destituição, boicotando o casamento do rei com Blanche de Bourbon, criando um grave incidente diplomático e depois uma guerra civil, à medida que os seus familiares vão ocupando os lugares de poder. Mas manter-se-á ao lado do rei até à morte por peste, em 1361. Tal como acontece com Pedro I de Portugal, também o rei de Castela virá a declarar que casou com ela em segredo, mas o casamento é aceite pelas Cortes, o que significa que as suas filhas são legitimadas e consideradas elegíveis para a sucessão. Uma das filhas do casal, Constanza, casa com John of Gaunt, pai de Philip of Lancaster.

Maria de Portugal, rainha de Castela (1313-1357) – Filha de Afonso IV e da rainha Beatriz de Castela, nasceu em 1313 e foi rainha de Castela aos 15 anos, casando com o primo direito, Alfonso XI. Mãe do infante D. Fernando, que morreu na primeira infância, e de D. Pedro, que será Pedro I de Castela, reagiu com raiva e determinação ao abandono a que o marido a votou, contando sempre com o apoio do pai, que não hesitou em (também) por ela abrir guerra a Castela (1336-1339). A rivalidade com Leonor de Guzmán não cessa com a morte de Alfonso XI – manda assassiná-la, abrindo uma caixa de Pandora. Acaba também por se opor ao

filho, que, por sua vez, manda matar-lhe o amante, Martim Telo de Meneses. Refugia-se em Évora, onde morre em janeiro de 1357, alegadamente envenenada pelo próprio pai.

Maria Peres – Ocupou o cargo de camareira-mor de Leonor Teles. Quando Juan I, rei de Castela, passou a intitular-se rei de Portugal, Leonor Teles foi acusada de o querer envenenar. Ao descobrir esta traição, o rei castelhano aprisiona a camareira da sogra, Maria Peres, e esta revela, sob tortura, os alegados planos da rainha e onde esta escondera as suas joias. Chamei-lhe Mia ao longo do livro para a procurar distinguir de Maria Teles, a irmã da rainha.

Maria Teles (c. 1337-c. 1379) – Tal como a irmã, Leonor, também Maria Teles casou duas vezes. A primeira com Álvaro Dias de Sousa, senhor de Mafra e da Ericeira, de quem teve um filho, Lopo, mais tarde mestre da Ordem de Cristo. Depois, após enviuar, casa em segredo com o infante D. João – João de Castro, filho de Pedro I e de Inês de Castro, de quem tem um filho, Fernando d'Eça. É assassinada brutalmente pelo marido, que a acusa de adultério. Fernão Lopes afirma que é Leonor Teles que está por trás da morte da irmã, mas não há nenhuma prova concreta de que assim tenha sido. Refere, também, que Maria Teles estava constantemente endividada, e sabemos que a rainha não só lhe deu vilas e rendas como lhas tirou, a troco de empréstimos. Suspeita-se que esteve também envolvida no envenenamento do rei, seu (duplamente) cunhado.

Martim Afonso Telo de Meneses (c. 1310-Toro, 26 de janeiro de 1356) – Filho primogénito de Afonso Martins Teles de Meneses, *o Raposo*, e de Berengária Lourenço de Valadares, Martim Afonso Telo de Meneses foi pai de Leonor Teles e era primo direito de Inês de Castro. Casou com Aldonça Anes de Vasconcelos e da união nasceram João Afonso Telo de Meneses, Gonçalo Teles de Meneses, Maria Teles de Meneses e Leonor Teles de Meneses. Teve, ainda, uma filha fora do matrimónio.

Foi mordomo-mor de Maria de Portugal, rainha consorte de Castela, na altura já viúva do rei Alfonso XI e mãe de Pedro I de Castela, e pensa-se que levou a mulher e os quatro filhos para Castela por altura do casamento em Évora da infanta D. Maria, irmã de D. Fernando e neta de Afonso IV. No dia 26 de janeiro de 1356 foi assassinado em Toro pelos mandantes do rei D. Pedro de Castela, que odiava o amante da rainha.

Pedro I, rei de Castela (1334-1369) – Filho de Maria de Portugal, rainha de Castela, e de Alfonso XI, rei de Castela, nasceu em Burgos em agosto de 1334. Neto de Afonso IV e sobrinho de Pedro I de Portugal, protagonizou um reinado conturbado, acabando por morrer assassinado por Enrique de Trastámara, seu meio-irmão, em

1369. Casou com Blanche de Bourbon, princesa francesa que se tornou rainha de Castela, mas mandou-a prender e depois matar, mantendo uma relação amorosa constante com María de Padilla, que tem muitas semelhanças com a de Inês de Castro e Pedro de Portugal, incluindo um casamento secreto. Será a sua filha Constanza a reclamar o trono de Castela, usurpado por Enrique de Trastámara.

Pedro I, rei de Portugal (Coimbra, 1320-Estremoz, 18 de janeiro de 1367) – Foi o único dos quatro filhos varões de Afonso IV que sobreviveu. Segundo Fernão Lopes, sofria de gaguez severa e de um temperamento intempestivo. Casou primeiro com Blanca de Castela, neta de Jaime II de Aragão, mas as opiniões dividem-se quanto ao facto de o seu casamento ter sido ou não consumado (mas não no desagrado que causava ao infante). Alegaram-se doenças várias para o considerar nulo, tornando possível o segundo casamento, desta vez com Constança Manuel – nasceram desta relação o futuro D. Fernando I e a infanta Maria, e, eventualmente, um infante D. Luís, que, a ter existido, morreu logo após o nascimento. Da sua relação com Inês de Castro, nascem Afonso, João Afonso, Dinis e Beatriz. De uma ligação posterior com Teresa Lourenço, nasce João, futuro D. João I, o primeiro da dinastia de Avis. D. Pedro morre em Estremoz a 18 de janeiro de 1367.

Teresa (Martins de Meneses) Sanches (c. 1290-?) – Para facilitar a leitura optei por «tratar» Teresa Martins de Meneses por Teresa Sanches, o «apelido» do marido, Afonso Sanches, como fazem alguns historiadores. Teresa é a filha mais nova de João Afonso Teles de Meneses, 1.º conde de Barcelos, 4.º senhor de Albuquerque e embaixador do rei D. Dinis, e neta por via materna (ilegítima) de Sancho IV de Castela, o que a torna prima direita de Pedro Fernán de Castro e também da rainha D. Beatriz de Portugal. É meia-irmã da mãe de Guiomar Lopes Pacheco, ou seja, é tia da condessa Guiomar.

É Diogo Lopes Pacheco que nos conta que Inês de Castro foi criada pela senhora de Albuquerque, título que herdou do pai, e que tratava Teresa por «mãe». Fernão Lopes reforça esta informação, indicando que foi com ela que Inês se exilou quando o rei Afonso IV a expulsou de Portugal. Teresa é mãe de João Afonso de Albuquerque, que virá a ser o mais importante magnata do reinado de D. Pedro de Castela, braço-direito da rainha D. Maria. Fundou com o marido o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, na sequência de um sonho que ambos tiveram, maravilhosamente descrito no documento da doação, onde está sepultada ao lado do marido e de dois filhos, de cuja morte em criança não conhecemos detalhes. Não se conhece a data da sua morte.

Zulema – É uma personagem fictícia, supostamente neta de Zulema de Maiorca, a famosa moura astrónoma/astrologa que ajudou D. Jaime I, avô da Rainha Santa, a conquistar Maiorca. O seu filho Alí de la Palomera integrou a corte do rei. A tradição defende que utilizava a torre de Sant Elm, em Andratx, para as suas observações. Os conhecimentos árabes tanto de medicina como de astronomia foram pioneiros e é deste tempo a tradução de numerosas obras para latim, que decorriam em Toledo, como descrito no livro.

Fontes e bibliografia

Uma nota especial para a biografia de Isabel de Pina Baleiras *Leonor Teles – Uma Rainha Inesperada*, da Temas & Debates, que alia o prazer de uma escrita clara e envolvente ao rigor da investigação e ao cuidado em explicar e contextualizar as informações. O seu trabalho permite uma visão mais livre de Leonor Teles, tão estigmatizada pela repetição exaustiva ao longo dos séculos das crónicas de Fernão Lopes, escritas meio século após os factos que relata de forma brilhante, é certo, mas com uma «agenda» absolutamente clara – a de diabolizar uma mulher que não consegue, no entanto, deixar de admirar profundamente, como se percebe nas entrelinhas.

1. Fontes

BRANDÃO, Francisco, *Monarquia Lusitana, Quinta Parte: Que contem a historia dos primeiros 23 annos DelRey D. Dinis*, Lisboa, na Officina de Pedro Craesbeeck, 1640. Disponível em <https://purl.pt/14191/1/index.html#/9/html>. Acedido a 9 de abril de 2024.

_____, *ibidem*, *Sexta Parte que contem a Historia dos Últimos vinte & três annos DelRey Dom Dinis*, Lisboa, na Officina de Ioam da Costa, 1672. Disponível em <https://purl.pt/13364/5/#/5>. Acedido a 9 de abril de 2024.

«Breve Chronicon Alcobacense», edição de Alexandre Herculano, *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, Lisboa, Academia das Sciencias de Lisboa, 1856, pp. 20-22.

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas. Disponível em <https://cantigas.fcsh.unl.pt/>. Acedido a 9 de abril de 2024.

Crónica da Biblioteca Manizola, edição parcial de António Brásio, in «Duas notas marginais ao problema do casamento de D. Pedro com D. Inês de Castro», *Anais. Academia Portuguesa da História*, vol. 12, Lisboa, 1962, pp. 103-112.

Cronica de D. Alfonso El Onceno de este nombre, de los reyes que reynaron en Castilla y en Leon, parte I, *segunda edicion conforme a un antiguo ms. de la Real Biblioteca del Escorial, y otro de la Mayansiana e ilustrada con apendices y varios documentos por Don Francisco Cerda y Rico*, Madrid, Imprenta de D. Antonio de Sancha, 1787.

Crónica Geral de Espanha de 1344, 2.^a edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra, vols. I, III e IV, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

fiGANIÈRE, Frederico Francisco de la, *Memórias das Rainhas de Portugal: D. Theresa – Santa Isabel*, Lisboa, Tipografia Universal, 1859.

- JESUS, Rafael de, *Monarquia Lusitana, Parte Sétima: contem a vida de el rey dom Affonso o Quarto por excellencia o Bravo*, Lisboa, na impressão de António Craesbeeck de Mello, 1683.
- LOPES, Fernão (introdução, seleção e notas de Torquato de Sousa Soares), *Crónica de D. Fernando*, Lisboa, Clássica Editora, 1945.
- LOPES, Fernão, *Crónica de D. Pedro I*, ed. de Damião Peres, Porto, Livraria Civilização, 1965.
- _____, *Crónica del Rei Dom Joham I*, reprodução fac-similada da ed. de Anselmo Braamcamp Freire, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.
- _____, *Crónicas*, antologia de António Borges Coelho, ilustrações de Rogério Ribeiro, Campo das Letras, 2007
- LÓPEZ DE AYALA, Pedro, *Cronicas de Los Reys de Castilla, Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, Don Enrique III, por don [...] con las enmiendas del secretario Geronimo Zurita y las correcciones y notas añadidas por don Eugenio de Llaguno Amirola*, tomo I, *que comprende la cronica del Rey Don Pedro*, Madrid, Imprenta de Don Antonio de Sancha, 1779.
- SOUSA, António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, livro II, Lisboa, na Officina Sylviana da Academia Real, 1739.

2. Bibliografia

- About Fernão Lopes and His Chronicles. Disponível em <https://fernaolopes.fcsh.unl.pt/about-fernão-lopes/about-fernão-lopes-and-his-chronicles>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- ALMEIDA, Fernando, «Aves de rapina de Portugal e a origem dos seus nomes». Disponível em: https://www.academia.edu/30082884/Aves_de_rapina_de_Portugal_e_a_origem_dos_seus_nomes. Acedido a 9 de abril de 2024.
- ALMEIDA, Simone Ferreira Gomes de, «Como se constitui o saber astrológico nas cortes ibéricas», *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social*, Natal, 2013. Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875181_9a0e9385eb1a759613abca40fa6e65cb.pdf. Acedido a 9 de abril de 2024.
- ÁLVAREZ DE LAS ASTURIAS, Nicolás, «O Concílio de Trento e a indissolubilidade do matrimónio: reflexões hermenêuticas sobre o alcance da sua doutrina», in: *Theologica*, vol. 50(1), 2015, pp. 139-164. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2015.2651>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- ARIAS BAUTISTA, María Teresa, «Leonor de Guzmán, amante y poderosa hembra», *Heroínas entre la realidad y la ficción*, ed. de [...], Madrid, Agrupación Ateneísta de Estudios sobre las Mujeres Clara Campoamor, 2010, pp. 43-82.

- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges, *História da Vida Privada*, vol. 2, *Da Europa Feudal ao Renascimento*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1990.
- ASENSIO, Eugenio, «Inés de Castro: de la crónica al mito», *Boletim de Filologia*, tomo XXI, Lisboa, 1965, pp. 337-358; reeditado em *Estudios Portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1974, pp. 37-58.
- BALEIRAS, Isabel de Pina, «Leonor Teles: o mito da mulher má e a história da mulher política», in: VILELA, Ana Luísa; ESTEVES, Elisa Nunes; SILVA, Fabio Mario da; REFFÓIOS, Margarida (org.), *Representações do Mito na História e na Literatura*, Évora, Centro de Estudos em Letras, Universidade de Évora, 2014, pp. 73-90. Disponível em: https://www.academia.edu/29910796/Leonor_Teles_o_mito_da_mulher_m%C3%A1_e_a_hist%C3%B3ria_da_mulher_pol%C3%ADtica.pdf. Acedido a 9 de abril de 2024.
- BALEIRAS, Isabel de Pina, *Leonor Teles – Uma Rainha Inesperada*, Lisboa, Temas & Debates, 2017.
- BAPTISTA, José Dias, *Caminhos Medievais de Barroso*, separata da revista *Aqua Flaviae*, n.º 9, 1993.
- BARRADAS, Joaquim, *A Arte de Sangrar*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- BARROCA, Mário, «A peste negra na epigrafia medieval portuguesa», *Os Reinos Ibéricos na Idade Média: Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, vol. 3, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, pp. 1159-1166.
- BIGGS, Douglas, «Chasing the Chimera in Spain: Edmund of Langley in Iberia, 1381/82», in: *The Journal of Medieval Military History*, vol. 14, 2016, pp. 79-98. Disponível em: https://www.academia.edu/29422511/_Chasing_the_Chimera_in_Spain_Edmund_of_Langley_in_Portugal_1381_82_. Acedido a 9 de abril de 2024.
- BRANCO, Maria João; FARELO, Mário, «Diplomatic Relations: Portugal and the Others», *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2011, pp. 231-259.
- CANTARELL BARELLA, Elena; COMAS VÍA, Mireia, «Maria de Portugal, una dona amagada per la Història», in: *Acta Historica et Archaeologica Mediaevalia*, n.º 23, 2002, pp. 557-574. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/ActaHistorica/article/view/188870>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- CARRERO SANTAMARI´A, Eduardo, «“Por las huelgas los juglares”. Alfonso XI de Compostela a Burgos, siguiendo el libro de la coronación de los reyes de Castilla», *Medievalia*, n.º 15, Barcelona,

- 2012, pp. 143-157.
- CASSAGNES-BROUQUET, Sophie, *La Vie des Femmes au Moyen Âge*, Rennes, Éditions Ouest-France, 2014.
- CASSOTTI, Marsilio, *Infantas de Portugal, Rainhas em Espanha*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2012.
- COSER, Miriam Cabral, «Gênero e poder: Leonor Teles, rainha de coração cavaleiresco», in: *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, vol. 14(18), 2007, pp. 1-30. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/564>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- COSTA, Marisa, «Poder e autoridade de fundar um mosteiro. A dotação de Santa Clara de Vila do Conde», *De Arte. Revista de Historia del Arte*, n.º 3, Leão, 2004, pp. 23-37. Disponível em <https://www.readcube.com/articles/10.18002%2Fda.v0i3.1595>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- COSTA, Ricardo da; VENTORIM, Eliane, «Entre o real e o imaginado. Prolongamentos apocalípticos angélicos na tradição filosófica medieval: Ramon Llull e o *Livro dos Anjos* (1274-1283)», *Estudos de Religião. Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião*, n.º 23, São Bernardo do Campo, dezembro de 2002, pp. 200-228.
- DUCHOWNY, Alécia Teles, «Astrologia e manuscritos medievais: interfaces», *Agália. Revista de Estudos na Cultura*, n.º 101, Santiago de Compostela, 2010, pp. 35-55.
- ESMÊNIO, Hélder Manuel (coord.), *Cadernos de História e Memória IV – 640 Anos do Tratado de Salvaterra de Magos (1383-2023)*, Salvaterra de Magos, Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, 2023.
- FARIA, Tiago Viúla de, «Tracing the “chemyn de Portyngale”: English service and servicemen in fourteenth-century Portugal», in: *Journal of Medieval History*, vol. 37(3), setembro de 2011, pp. 257-268. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0304418111000285>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- FERNANDES, Carla Varela, *A Imagem de Um Rei – Análise do Túmulo de D. Fernando I*, Lisboa, Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2009.
- FERNANDES, Carla Varela, *Memórias de Pedra: Escultura Tumular Medieval da Sé de Lisboa*, Lisboa, IPPAR, 2001.
- FERNANDES, Fátima Regina, «Os exílios da linhagem dos Pacheco e sua relação com a natureza de suas vinculações aos Castro (segunda metade do século XIV)», *Cuadernos de Historia de España*, vol. 82, Buenos Aires, Instituto de Historia de España Claudio Sánchez Albornoz/Univerdade de Buenos Aires, pp. 31-54, 2008. Disponível em <https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/fatimafernandes004.pdf>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Manuel, *Casadas, Monjas, Rameras y Brujas*.

- La Olvidada Historia de la Mujer Española en el Renacimiento*, Madrid, Espasa Calpe, 2002.
- FERNÁNDEZ-RUIZ, Cesar, «Ensayo histórico-biológico sobre D. Pedro I de Castilla y D.^a María Padilla. El Real Monasterio y el Palacio de Astudillo: recuerdo de un gran amor egregio», *Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses*, n.º 24, Palência, 1965, pp. 17-62.
- FERREIRA, Seomara da Veiga, *Leonor Teles ou o Canto da Salamandra*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.
- fIALHO, Maria do Céu; CÂNDIDO, Maria Regina; RODRIGUES, Nuno Simões (coord.), *Magia e Superstição no Mediterrâneo Antigo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/50416>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- FONTES, António, *Etnografia Transmontana – Volume 1 – Crenças e Tradições de Barroso*, Lisboa, Âncora Editora, 2014.
- FONTES, Leonardo Augusto Silva, *Às Margens da Cristandade: Os Moros d’Espana à Época de Afonso X*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre, Niterói, 2011. Exemplar policopiado.
- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa – História Física e Moral*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009.
- FRANCO, António Cândido, *Vida Ignorada de Leonor Teles*, Lisboa, Ésquilo, 2009.
- GALVÃO, Andreia (coord.), *A Botica do Real Convento de Thomar*, Tomar, Convento de Cristo – Direção-Geral do Património Cultural, 2017.
- GANDRA, Manuel J., *Portugal Sobrenatural: Deuses, Demónios, Seres Míticos, Heterodoxos, Marginados, Operações, Lugares Mágicos e Iconografia da Tradição Lusíada*, Lisboa, Ésquilo, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/13049881/Portugal_Sobrenatural_Deuses_Dem%C3%B3nios_Seres_m%C3%ADticos_Heterodoxos_Marginados_Opera%C3%A7%C3%B5es_e_Lugares_M%C3%A1gicos_e_Iconografia_da_Tradi%C3%A7%C3%A3o_Lus%C3%ADada. Acedido a 9 de abril de 2024.
- GERLI, E. Michael, *Medieval Iberia: An Encyclopedia*, Nova Iorque, Routledge, 2013.
- GOMES, Rita Costa, *D. Fernando*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- _____, *The Making of a Court Society – Kings and Nobles in Late Medieval Portugal*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.
- GRECO, Barbara; PACHE CARBALLO, Laura (eds.), *De lo Sobrenatural a lo Fantástico. Siglos XIII-XIX*, Madrid, Biblioteca Nueva, 2014.
- GUTHRIE, Shirley, *Arab Women in the Middle Ages, Private Lives and*

- Public Roles, Saqi Books, 2001.
- HARVEY, Katherine, *The Fires of Lust, Sex in the Middle Ages*, Reaktion Books, 2021.
- HERCULANO, Alexandre, «Arras por Foro de Espanha (1371-1372)», in: *O Bispo Negro e Arras por Foro de Espanha*, Lisboa, Livraria Bertrand e Editorial Verbo, 1971. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/ALEXANDRE_HERCULANO/ARRASFOROESPANHA/ARRASFOROESPANHA_TEXTO.HTML. Acedido a 9 de abril de 2024.
- HISPANO, Pedro, *Liber de Conservanda Sanitate (Livro sobre a Conservação da Saúde)*, Lisboa, Heartbrain, Consultores em Comunicação, 2008.
- HOURLANI, Albert, *História dos Povos Árabes*, edição atualizada por Malise Ruthven, Lisboa, Book Builders, 2021.
- HUTCHINSON, Amélia P., «Encontro de horizontes: um estudo metahistórico das figuras de Leonor Teles e Filipa de Lencastre nas crónicas de Fernão Lopes», in: *Hispania*, vol. 85(3), 2002, pp. 476-485. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4141110>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- _____, «Leonor Teles: representations of a portuguese queen», in: *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, vol. 30 (1), 2004, pp. 73-87. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41299297>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- LOURENÇO, Vanda, «Lopo Fernandes Pacheco: um valido de D. Afonso IV», *Medievalista online*, ano 2, n.º 2, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2006, pp. 1-19.
- MACEDO, José Rivair, «Os sinais da infâmia e o vestuário dos mouros em Portugal nos séculos XIV e XV», *Bulletin du Centre d'Études Médiévales d'Auxerre*, Hors-série n.º 2, Auxerre, 2008, pp. 1-19. Disponível em <https://doi.org/10.4000/cem.9852>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1971.
- MARQUES, Maria Zulmira de Albuquerque Furtado, *La Tragédia de Pedro e Inés* [s. l.], [s. n.], 2017.
- MARTINS, Mário, «Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média», *Revista Portuguesa de História*, tomo V – *Homenagem a Gama Barros*, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1951, pp. 87-236. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/47073/1/Peregrinacoes_e_livros_de_milagres.pdf. Acedido a 9 de abril de 2024.
- MARTINS, Rocha, *Flôr d'Altura*, Lisboa, Edição do Autor, 2006.

- MATTOSO, José, «A nobreza medieval portuguesa no contexto peninsular», *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*, Círculo de Leitores, 2000, pp. 319-339.
- _____, «A sexualidade na Idade Média portuguesa», *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*, Círculo de Leitores, 2000, pp. 15-38.
- MCCLEERY, Iona, «Medical “emplotment” and plotting medicine: health and disease in Late Medieval portuguese chronicles», in: *Social History of Medicine*, vol. 24(1), 2011, pp. 125-141. Disponível em: <https://academic.oup.com/shm/article/24/1/125/1672652>. Acedido a 21 de janeiro de 2024.
- MEDEIROS, Aldinida, «Leonor Teles: da história para o romance», in: *Revista Graphos*, vol. 17(2), 2015, pp. 39-49. Disponível em: https://www.academia.edu/27151669/LEONOR_TELES_DA_HIST%C3%93RIA_PARA_O_ROMANCE. Acedido a 9 de abril de 2024.
- MENINO, Pero, *Livro de Falcoaria de Pero Menino*, publicado com introdução, notas e glossário por Rodrigues Lapa, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931. Disponível em: https://apfalcoaria.org/wp-content/uploads/2013/03/LivroFalcoaria_PeroMenino.pdf. Acedido a 9 de abril de 2024.
- MENINO, Vanda Lisa Lourenço; COSTA, Adelaide Pereira Millán da, *Rainhas de Portugal – A Rainha, as Infantas e a Aia: Beatriz de Castela, Constança Manuel, Inês de Castro*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.
- MENINO, Vanda Lisa Lourenço, *A Rainha D. Beatriz e a Sua Casa (1293-1359)*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de doutor em História, na área de especialidade de História Medieval, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012. Exemplar policopiado. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/8087/1/A%20rainha%20D.%20Beatriz%20e%20a%20sua%20casa%20%281293-1359%29.pdf>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- MISQUILIN, Lara Fernanda Portilho dos Santos, *O Concubinato como Estratégia de Poder no Baixo Medievo: O Caso de D. Leonor de Guzmán e Alfonso XI de Castela (Séc. XIV)*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, para fins de obtenção do título de mestre em História, Goiânia, 2016. Exemplar policopiado.
- MONTANER, Alberto; LARA, Eva, «Magia, hechicería, brujería: deslinde de conceptos», *Señales, Portentos y Demonios: La Magia en la Literatura y la Cultura Españolas del Renacimiento*, estudios coordinados por [...], Salamanca, Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas, 2014, pp. 33-184.
- MOREIRA, Renata, «A política externa de D. Fernando, “o Inconstante”», in: *Omni Tempore: Atas dos Encontros da Primavera*

- 2019, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2020, pp. 120-163. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18239.pdf>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- MORUJÃO, Maria do Rosário; FERNANDES, Paulo Almeida (textos); MACHADO, Rosário Correia (coord.), *Rota do Românico: Guia Juvenil*, Lousada, Centro de Estudos do Românico e do Território, 2013. Disponível em: <https://www.rotadoromanico.com/media/documents/GuiaJuvenil.pdf>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- MUXAGATA, Ana Filipa Coelho, *A Corte de D. Pedro I (1320-1367)*. Dissertação de mestrado em História com especialização em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientada pela professora doutora Manuela Santos Silva, Lisboa, 2019. Exemplar policopiado. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/40806/1/ulfl274277_tm.pdf. Acedido a 9 de abril de 2024.
- NISA, João, «Um palco e um cenário. A frontaria alentejana e as guerras fernandinas (1369-1382)», in: *Juvenes – The Middle Ages seen by Young Researchers*, Évora, Cidehus, 2020. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/9937>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues, *Rainhas Medievais de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2010.
- OLIVEIRA, António Resende de, «As vidas de D. Pedro e de D. Inês de Castro na historiografia medieval portuguesa», *Guarecer online*, 2008, pp. 1-16.
- OLIVERA SERRANO, César, *Beatriz de Portugal: La Pugna Dinastica Avis-Trastámara*, Santiago de Compostela, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005. Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/18247>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- PENALVA, Francisco (dir.), *O Tesouro da Rainha Santa. Imagem e Poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2016.
- PEREIRA, José Pacheco, «Diogo Lopes Pacheco, fidalgo, conselheiro, “matador” e guerreiro», in: *Público*, 2003. Disponível em: <https://www.publico.pt/2003/08/27/jornal/diogo-lobes-pacheco-fidalgo-conselheiro-matador-e-guerreiro-204708>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- PEREIRA, Paulo Cesar, «A influência árabe nos nomes das estrelas», 9-10-2019. Disponível em <http://planeta.rio/a-influencia-arabe-nos-nomes-das-estrelas/>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- PIMENTA, Cristina, *D. Pedro I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- RAMOS, Rui (coord.); SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalves, *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009.
- RINALDI, Azzurra, *O Mágico e o Demoníaco. Figurações, Práticas e Efeitos na Escrita Literária Portuguesa dos Séculos XIII e XIV*. Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e

- Ensino, orientada pelo professor doutor Albano António Cabral Figueiredo e apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018. Exemplar policopiado. Disponível em <https://eg.uc.pt/handle/10316/79818>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- ROCHA, Clóvis Paulo da, «Da celebração do casamento antes do concílio ecumênico de Trento, no século XVI – apontamentos de história jurídica». Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1758748/Clovis_Paulo_Da_Rocha.pdf. Acedido a 9 de abril de 2024.
- ROCHA, Paula Alexandra Leal, «Bruxaria e religiosidade popular: crenças e práticas ocultas num quotidiano católico», dissertação de mestrado, Universidade do Porto, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/55623>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- RODRIGUES, Ana Maria; SILVA, Manuela Santos; FARIA, Ana Leal de, *Casamentos da Família Real Portuguesa – Diplomacia e Cerimonial*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2017.
- RODRIGUES, Ana Maria S. A.; SILVA, Manuela Santos; FARIA, Ana Leal de (coord.), *Casamentos da Família Real Portuguesa. Êxitos e Fracassos*, volume 3, Lisboa, Círculo de Leitores, 2018.
- ROMERO PORTILLA, Paz, «Implicaciones gallegas en el caso de Inés de Castro», *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. 15, n.º 2, Porto, 1998, pp. 1493-1508.
- ROSA, Maria de Lurdes, *Santos e Demónios no Portugal Medieval*, Porto, Fio da Palavra, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/31117525/Santos_e_dem%C3%B3nios_no_Portugal_medieval_Porto_Fio_da_Palavra_2010. Acedido a 9 de abril de 2024.
- RUIZ DE CONDE, Justina, *El Amor y el Matrimonio Secreto en los Libros de Caballerías*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-amor-y-el-matrimonio-secreto-en-los-libros-de-caballerias/>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- RUSSELL, Peter E., *A Intervenção Inglesa na Península Ibérica durante a Guerra dos Cem Anos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- _____, «Juan Fernández Andeiro en la corte de Juan de Lancáster, 1371-1381», in: *Boletín de la Real Academia Gallega*, n.º 274-276, 1943, pp. 359-375. Disponível em: <https://academia.gal/archive-boletins-web/paxinas.do?id=299&d=447263-p=1>. Acedido a 9 de abril de 2024.
- RUSO, Rute Isabel Rodrigues, *A Crónica de D. Pedro I: A Estratégia Cronística em Fernão Lopes*. Dissertação de mestrado em Estudos Medievais, orientada pelo professor doutor Luís Miguel Ribeiro

- Duarte e coorientada pelo professor doutor José Carlos Ribeiro Miranda, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. Exemplar policopiado. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124631/2/369466.pdf>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- SERAPHIN, Catarina Stacciarini; SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos, *A História da Medicina: Ginecologia e Contraceção – Análise dos Comentários Médicos de Pedro Hispano (Século XIII)*, [s. l.], Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia/UFG, [s. d.], pp. 1-13. Disponível em <http://prpg.ufg.br/up/85/o/modelo2.pdf>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- SILVA, André Filipe Oliveira da, *Físicos e Cirurgiões Medievais Portugueses. Contextos Socioculturais, Práticas e Transmissão de Conhecimentos (1192-1340)*, Porto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2016.
- SILVA, José Custódio Vieira da, *O Fascínio do Fim. Viagens pelo Final da Idade Média*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997.
- SILVA, Vasco Jorge Rosa da, *História da Astronomia Medieval Portuguesa*, Porto, Ecopy Edições, Lda., 2008. Disponível em https://www.academia.edu/1080232/História_da_Astronomia_Medieval_Portuguesa_Porto_Ecopy_Edições_Lda_2008. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, *D. Afonso IV*, Lisboa, Temas & Debates, 2009.
- _____, *História da Vida Privada em Portugal*, direção de José Mattoso, vol. I – *A Idade Média*, coordenação de [...], Lisboa, Temas & Debates, 2010.
- _____, (dir.), *Ordens Religiosas em Portugal – Das Origens a Trento – Guia Histórico*, 3.^a edição revista e ampliada, Lisboa, Livros Horizonte, 2016.
- SOUZA, Armênia Maria de, *Os Pecados dos Reis: A Proposta de Um Modelo de Conduta para os Monarcas Ibéricos no Estado e Pranto da Igreja e no Espelho dos Reis do Franciscano Galego D. Álvaro Pais (1270-1350)*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em História, sob a orientação do Prof. Dr. Celso Silva Fonseca, Brasília, 2008. Exemplar policopiado. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3804>. Acedido a 27 de agosto de 2021.
- SUMPTION, Jonathan, *The Age of Pilgrimage – The Medieval Journey to God*, Mahwah, New Jersey, Hidden Spring, 2003.
- TAVARES, Maria José Ferro, *Fernando e Leonor: Um Reinado (Mal)dito*, Lisboa, Chiado Editora, 2013.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de, *João Lourenço da Cunha, a “Flor de Altura” e a Cantiga Ay Donas por quê em tristura?*, Porto, Tipografia «Sequeira», 1916. Disponível em: <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/records/item/68410-joao-lourenco-da-cunha-a-flor-de-altura-e-a-cantiga-ay-donas-por-que-em-tristura?offset=48>. Acedido a 9 de abril de 2024.

VÉLEZ SAINZ, José Julio, «Asesinato, amor y traición: la revisitación teatral de Inés de Castro en el siglo XXI. Ignacio García y Ana Zamora», in: *Medievalia*, vol. 26(1), 2023, pp. 97-121. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/medievalia.605>. Acedido a 9 de abril de 2024.

WALTHAUS, Rina (coord.), *La Mujer en la Literatura Hispánica de la Edad Media y el Siglo de Oro*, Amesterdão, Rodopi, 1993.

ZAMORA CALVO, María Jesús; ORTIZ, Alberto (eds.), *Espejo de Brujas, Mujeres Transgresoras a través de la Historia*, Madrid, Abada Editores, 2012.

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2023, Isabel Stilwell
© 2023, Planeta de Livros Portugal

Revisão histórica: Constança Paiva Boléo

Design da capa: Compañía

Imagem da capa: © Magdalena Russocka / Trevillion Images

Edição em epub: Maio de 2024

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-892-6 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

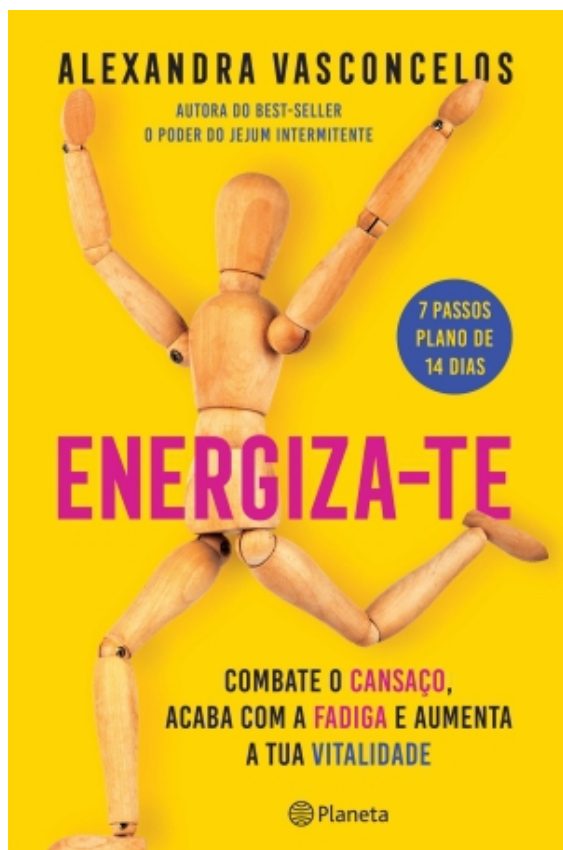
 www.planetadelivros.pt

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)



Energiza-te

Vasconcelos, Alexandra
9789897778933
360 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Acabe com o cansaço e viva uma vida com mais energia

O segredo para uma vida com mais energia vital

Preciso de ajuda, estou tão cansado.

Sinto que não tenho força para nada... Já acordo sem energia!

Sinto-me exausto física e emocionalmente.

Estas são algumas das queixas que Alexandra Vasconcelos mais ouve em consulta, vindas de pessoas de todas as faixas etárias e condição física. A perda de vitalidade e a exaustão são problemas cada vez mais frequentes e o cansaço tornou-se uma verdadeira epidemia. As pessoas estão tristes, irritadas, sem ânimo.

A autora dos best-sellers *O poder do jejum intermitente* e *As bactérias que nos curam* traz-nos um livro inovador e revolucionário, que tem como objetivo responder de forma clara e prática a este problema tão atual, devolvendo qualidade de vida, vitalidade e alegria a cada pessoa.

A causa para este cansaço e falta de energia tem um nome: mitocôndria, um organito presente em cada célula do corpo que desempenha um papel central na regulação da energia e na regulação metabólica. Mantê-lo saudável, através de 7 passos e um plano de 14 dias incluído neste livro, é a chave para aumentar a energia. Como? Eliminando parasitas e cargas tóxicas, equilibrando as hormonas, reprogramando a mente, respeitando os ciclos de sono, seguindo um estilo de vida intermitente, tratando o intestino e o microbioma, adotando uma alimentação antifadiga e apostando na suplementação certa.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



O Segredo de Espinosa

Rodrigues dos Santos, José

9789897777851

560 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Há perguntas cujas respostas têm um preço elevado a pagar

Amesterdão, 1640.

Um judeu é excomungado na Sinagoga Portuguesa por questionar as Sagradas Escrituras. Uma criança assiste a tudo. O pequeno Bento de Espinosa é considerado o maior prodígio da comunidade portuguesa de Amesterdão, mas o episódio planta nele a semente da dúvida: E se a Bíblia estiver mesmo errada?

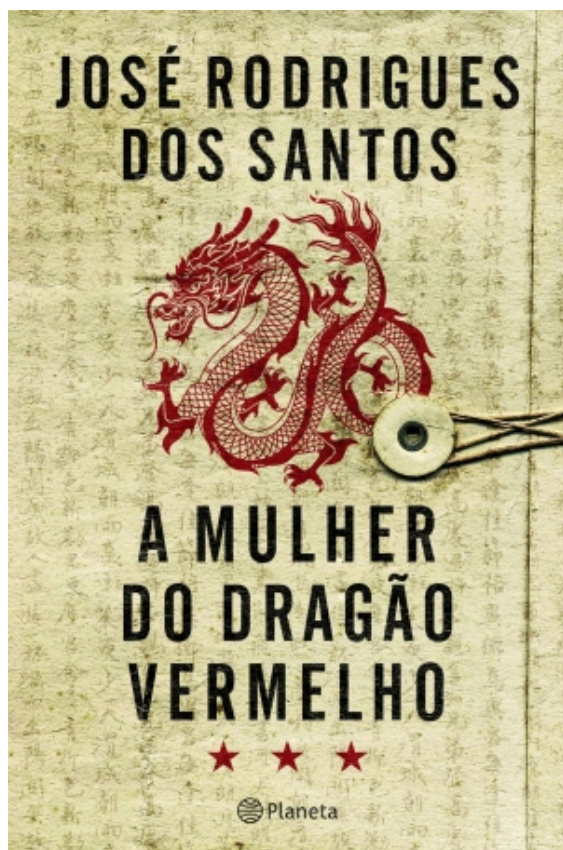
A suspeita irá lançar Bento na maior busca intelectual de sempre. Quem realmente escreveu os textos sagrados? Qual é a verdade sobre Deus? O que é afinal a natureza?

Mas esta é uma busca proibida e depressa o jovem judeu português descobre que terá de pagar um preço terrível pelas suas perguntas. Os rabinos judeus e os pregadores cristãos perseguem-no e acusam-no do pior dos crimes:

HERESIA

Inspirando-se na prodigiosa vida do maior filósofo português de sempre, José Rodrigues dos Santos mostra-nos como Bento de Espinosa pôs fim à idade das trevas e inventou o mundo moderno.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A Mulher do Dragão Vermelho

Rodrigues dos Santos, José

9789897776441

576 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Madina nascera no Turquestão Ocidental, estudara chinês, lera Marx, Engels e o Manifesto Comunista, pertencia ao Partido Comunista Chinês e exaltava, sempre com entusiasmo, o grande líder, no entanto não sabe ao certo porque está presa e todas as noites confessa crimes que não cometeu.

Tomás de Noronha recebe uma mensagem da mulher a pedir ajuda: acabara de ser raptada juntamente com uma mulher misteriosa de

lenço preto na cabeça que se autointitula Dragão Vermelho. O historiador rumo à Índia decidido a resgatar a sua Maria Flor e percebe que esta foi apanhada numa história demasiado perigosa.

Graças a Charlie Chang, um operacional da CIA, destacado para encontrar o Dragão Vermelho, Tomás de Noronha é confrontado com uma realidade que não sabia existir. Descobre a ambiciosa e perigosa estratégia da Nova Rota da Seda, os mecanismos de vigilância e repressão que existem no país e a máxima do Partido: «*wai yuan nei fang*», ou seja, dissimulação.

José Rodrigues dos Santos, o autor mais lido em Portugal, traz-nos um romance atual, empolgante e com um ritmo frenético que nos alerta para os perigos e contradições do mundo onde vivemos.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Quarta Asa

Yarros, Rebecca

9789897777998

520 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Um dragão sem o seu cavaleiro é uma tragédia. Um cavaleiro sem o seu dragão é um cadáver.

Entra no mundo brutal, mágico e envolvente de uma escola de elite para cavaleiros de dragões

Violet Sorrengail, de vinte anos, deveria ter entrado no Quadrante dos Copistas, e viver uma vida tranquila entre livros e história. Contudo, a general comandante, que também é a sua mãe, ordenou-lhe que se

juntasse às centenas de candidatos que se esforçam por se tornarem a elite de Navarre: os cavaleiros de dragões.

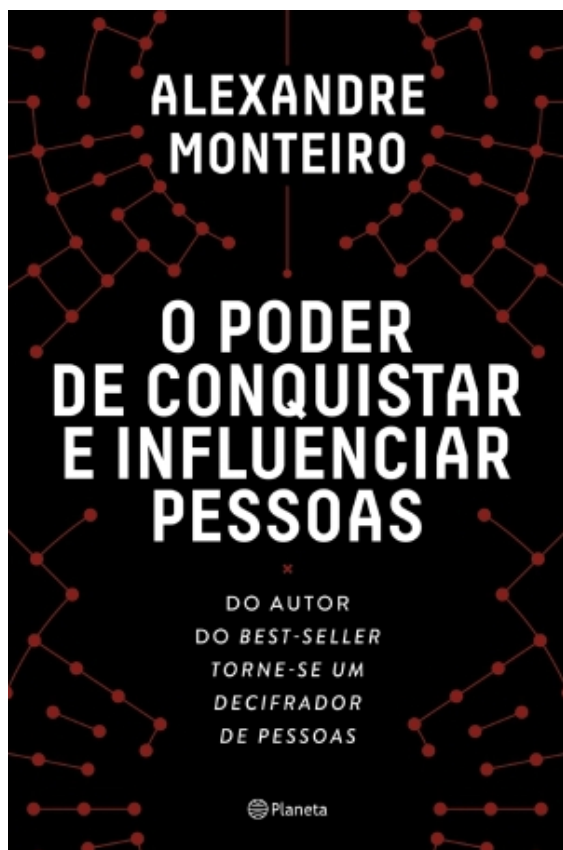
Mas quando és mais pequena do que todos os outros e o teu copo é débil, a morte está apenas a um batimento cardíaco de distância... porque os dragões não se ligam a humanos frágeis. Eles reduzem-nos a cinzas.

Num cenário com mais cadetes do que dragões, muitos matariam Violet para aumentar as suas hipóteses de sucesso. Outros matariam apenas por ela ser filha de quem é – tal como Xaden Riorson, o líder mais poderoso e implacável do Quadrante dos Cavaleiros.

Para sobreviver, Violet vai precisar de usar toda a sua inteligência. No entanto, a cada dia que passa, a guerra lá fora torna-se mais mortífera, as proteções do reino estão a falhar e o número de mortos continua a aumentar. E, Violet começa a suspeitar que a liderança está a esconder um segredo terrível.

Amigos, inimigos, amantes. Todos na Escola de Guerra Basgiath têm um objetivo – porque quando se entra, só há duas maneiras de sair: concluir as provas ou morrer.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



O Poder de Conquistar e Influenciar Pessoas

Monteiro, Alexandre

9789897777899

336 páginas

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Torne-se um influenciador e transforme a sua vida

A influência é um superpoder e está ao alcance de todos.

Todos nós, no nosso dia a dia, em relações profissionais ou pessoais queremos e precisamos de conquistar pessoas. Precisamos de ser

reconhecidos, promovidos, amados, ouvidos ou admirados. Precisamos que os outros nos digam sim, de motivá-los a tomarem a ação que desejamos, queremos cultivar amizades e ganhar o respeito dos outros, de fechar negócios e concretizar os nossos objetivos.

Conquistar pessoas não é um dom, é uma ciência. Com recurso à Neurociência, psicologia comportamental e a técnicas exclusivas ensinadas pelas principais agências de inteligência e espionagem, Alexandre Monteiro, autor do bestseller Torne-se um Decifrador de Pessoas, avisa: se quer influenciar e conquistar pessoas saiba que isso depende pouco da sua competência e conhecimento e mais da sua capacidade de comunicar e persuadir.

Neste livro vai aprender a:

- Trabalhar a sua mentalidade: passe da mente pobre a rico.
- Trabalhar o seu carisma, confiança e autoridade: seja visto.
- Trabalhar as suas habilidades sociais e empatia: seja gostado
- Usar ferramentas poderosas como o ROI e o COI
- Dominar as fases da comunicação: evitar, competir, cooperar
- Diálogo proativo e reativo

Dividido em 5 níveis, com ferramentas, exercícios e casos reais, este livro vai torná-lo um influenciador e transformar a sua vida.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)